GORDON FEE E DOUGLAS STUART

COMO LER A BÍBLIA LIVRO POR LIVRO

UM GUIA CONFIÁVEL PARA LER E ENTENDER AS ESCRITURAS SAGRADAS

THOMAS NELSON BRASIL®

COMO LER A BÍBLIA LIVRO POR LIVRO

UM GUIA CONFIÁVEL PARA LER E ENTENDER AS ESCRITURAS SAGRADAS

GORDON FEE E DOUGLAS STUART

COMO LER A BÍBLIA LIVRO POR LIVRO

UM GUIA CONFIÁVEL PARA LER E ENTENDER AS ESCRITURAS SAGRADAS



THOMAS NELSON BRASIL
Rio de Janeiro, 2020

Título original: *How to read the Bible book by book*
Copyright © 2002 por Gordon Fee e Douglas Stuart
Edição original por Zondervan. Todos os direitos reservados.
Copyright de tradução © Vida Melhor Editora Ltda., 2019.
Todos os direitos desta publicação são reservados por Vida Melhor Editora Ltda.

Publisher	Samuel Coto
Editores	André Lodos e Bruna Gomes
Tradução	Jorge Geraldo Camargo
Copidesque	Eliana Moura
Revisão	Carla Morais e Luciana Chagas
Capa	Jonatas Belan
Produção de ebook	S2 Books

As citações bíblicas são da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Bíblica, Inc., a menos que seja especificada outra versão da Bíblia Sagrada. Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade do autor, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F231cFee, Gordon Grudem, Wayne
1.ed. Como ler a bíblia livro por livro: um guia confiável para ler e entender as escrituras sagradas / Gordon Fee, Douglas Stuart; tradução de Jorge Camargo. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.
448 p.; 15,5 x 23 cm.

Tradução de: *How to read the Bible book by book*
ISBN: 978-85-71671-23-2

1. Cristianismo. 2. Bíblia. 3. Guia. 4. Antigo testamento. 5. Novo testamento. I. Stuart, Douglas. II. Camargo, Jorge. III. Título.

CDD 230

Bibliotecária responsável: Aline Graziele Benitez CRB-1/3129

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora Ltda.

Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora Ltda.
Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro
Rio de Janeiro – RJ – CEP 20091-005
Tel.: (21) 3175-1030
www.thomasnelson.com.br

Para Walker, Maia e Emma
Joshua, Julia, Cherisa, Nathan e Benjamin
Zachary e Jackson
Maricel e Annalise
Meriwether e Honour
e Mcaela.
Que eles possam aprender a ler bem a história
e a amar Aquele que é a História.
(Salmos 71:14-18; Salmos 103:17)



Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Prefácio

A história bíblica: uma visão geral

A narrativa de israel (incluindo a lei) na história bíblica

- Gênesis
- Êxodo
- Levítico
- Números
- Deuteronômio
- Josué
- Juízes

- Rute
- 1 e 2Samuel
- 1 e 2Reis
- 1 e 2Crônicas
- Esdras e Neemias
- Ester

Os escritos de Israel na história bíblica

- Jó
- Salmos
- Provérbios
- Eclesiastes
- Cântico dos cânticos
- Lamentações

Os profetas de Israel na história bíblica

- Isaías
- Jeremias
- Ezequiel
- Daniel
- Oseias
- Joel
- Amós

- Obadias
- Jonas
- Miqueias
- Naum
- Habacuque
- Sofonias
- Ageu
- Zacarias
- Malaquias

Evangelhos e atos na história bíblica

- Mateus
- Marcos
- Lucas
- João
- Atos

Epístolas e apocalipse na história bíblica

- Romanos
- 1Coríntios
- 2Coríntios
- Gálatas
- Efésios

- Filipenses
- Colossenses
- 1Tessalonicenses
- 2Tessalonicenses
- 1Timóteo
- 2Timóteo
- Tito
- Filemom
- Hebreus
- Tiago
- 1Pedro
- 2Pedro
- 1João
- 2João
- 3João
- Judas
- Apocalipse

Glossário

Apêndice



PREFÁCIO

Este livro busca ser um complemento de *Entendes o que lês?*,[1] obra concebida para ajudar pessoas a se tornarem melhores leitoras das Escrituras, levando em consideração os vários tipos de literatura que compõem a Bíblia cristã. Ao compreender como eles "funcionam", divergem uns dos outros e suscitam diferentes estilos de questões hermenêuticas, esperamos que seja possível aprender a ler a Bíblia de maneira mais fundamentada.

O sucesso do primeiro livro deu-nos a coragem para tentar outro. O objetivo ainda é o mesmo: ajudar pessoas a se tornarem melhores *leitoras* das Escrituras. O que esperamos fazer é dar um passo além da primeira obra: assumindo os mesmos princípios, tentamos, aqui, ajudar você a ler – e a entender – cada um dos livros bíblicos por si só, mas, particularmente, a enxergar como cada um se relaciona com os demais para formar a grande narrativa das Escrituras.

Este livro experimentou uma forma própria de evolução. Alguns anos atrás, fomos incumbidos de escrever um manual de pesquisa da Bíblia, do tipo a que muitos estudantes têm sido expostos nos últimos anos. Por uma variedade de razões, mas, em especial, por nunca termos conseguido embarcar de todo o coração na tarefa, esse projeto simplesmente não vingou. Por certo, esperamos que este livro ainda sirva aos propósitos dos cursos de pesquisa, mas buscamos intencionalmente escrever algo bem diferente. Essas diferenças, como as percebemos, são várias.

Primeiro, nosso objetivo não é simplesmente distribuir conhecimento sobre os muitos livros da Bíblia, o tipo de informação que permite a alguém passar em testes de conhecimento bíblico sem sequer ler as Escrituras! Tais livros e testes normalmente lidam com muitos dados, mas quase nunca apresentam uma noção de como os vários livros bíblicos funcionam como entidades individuais ou de

como cada um deles se encaixa na *história divina*. Nossa preocupação aqui reside quase totalmente nesse último aspecto. E, em todo caso, nosso interesse é que você se torne um melhor *leitor* das Escrituras; se vier a aprender outras coisas a respeito de cada livro ao longo do caminho, melhor ainda.

Segundo, queremos demonstrar como essas entidades em separado – cada livro bíblico – combinam-se como um todo para contar a história de Deus. Tanto isso é uma preocupação que nosso livro apresenta uma breve visão geral da história bíblica, aquilo que os estudiosos de narrativas chamam de *metanarrativa* das Escrituras. Trata-se do quadro geral, da história central da qual todas as outras fazem parte, de maneira a moldar o todo.

Terceiro, passando pelos vários livros bíblicos, um a um, seguimos um formato amplamente consistente, que agrupa, no início, aspectos introdutórios sob o título *Dados de orientação*. Esses aspectos (autoria, data, destinatário, ocasião e afins) compõem grande parte da maioria das pesquisas. Para essas (às vezes importantes) matérias, existem diversas pesquisas, introduções e dicionários bíblicos tanto sobre o Antigo Testamento quanto sobre o Novo, e que você pode consultar. Mas, com frequência, esses assuntos são discutíveis e, portanto, consomem muito tempo, não sendo sempre relevantes de imediato para a leitura do texto bíblico em seu contexto mais abrangente. Desse modo, optamos simplesmente por oferecer algumas opções, observamos a visão tradicional ou, então, estabelecer uma perspectiva para fundamentar a escrita deste guia.

Uma palavra extra, porém, é necessária em se tratando de autoria, especialmente para os livros do Antigo Testamento, uma vez que os autores, naquele período, normalmente não atribuíam seus nomes ao que escreviam (com exceção das cartas – mas não há nenhuma delas como livro do Antigo Testamento). Quando indivíduos falam sobre si próprios em determinado livro (por exemplo, Moisés, Neemias, *Qohélet* [“mestre”, em Eclesiastes]), podemos aprender algo sobre a provável ou possível autoria, o que, de outro modo, não

aprenderíamos. Mas, em geral, as preocupações modernas sobre aspectos de período e de autoria não recebiam a mesma atenção no Israel antigo; isso se tornou óbvio pela ausência dessas informações na maioria desses livros. Muitos deles (por exemplo, quase todos os livros históricos e poéticos) são totalmente anônimos. E, mesmo que a fonte do conteúdo de alguns livros seja dada – por meio de um título editorial no início – e suposições de que a fonte também funcionava como autoria sejam feitas com frequência, a preocupação com o verdadeiro autor não se verifica no livro em si. Quanto à datação, apenas quatro livros – Ezequiel, Daniel, Zacarias e Ageu – datam qualquer de seus materiais; e, desses, somente Ageu o faz de modo consistente. Assim, optamos por dar menor atenção à autoria neste guia de *leitura*, sem destacá-la quando o livro bíblico é anônimo (pode-se dizer, muitas vezes, apenas "desconhecido"!). Nosso interesse reside na leitura do documento bíblico em sua forma canônica final, não no debate de questões relativas a datas, fontes e autoria.

A maior parte de nossos esforços, portanto, concentrou-se em três seções principais de cada capítulo. A primeira – *Visão geral* – destina-se a introduzir o leitor no livro, fornecendo uma noção do significado do todo. De certo modo, trata-se de uma breve elaboração do tópico *Conteúdo* na seção *Dados de orientação*. A segunda – *Conselho específico para a leitura* – tende a elaborar as ênfases da seção *Dados de orientação*. Aqui, oferecemos um modo de leitura do texto, alguns temas-chave para se ter em mente enquanto você lê durante a leitura ou algum material crucial de apoio – tudo isso para ajudá-lo enquanto você lê o texto por conta própria. Em seguida, a seção final *Uma caminhada por...* pega você pela mão, por assim dizer, e percorre todo o livro, mostrando como as várias partes atuam conjuntamente para formar o todo. Às vezes, isso leva a mais de um panorama; em outras, dada a nossa intenção de manter os capítulos curtos, a caminhada é feita a passos largos. Os livros de Salmos e Provérbios foram, compreensivelmente, os

mais difíceis de encaixar nesse padrão. No entanto, mesmo aí procuramos ajudar você a enxergar como as coletâneas são montadas.

Acima de tudo, tentamos escrever um livro sobre os livros da Bíblia, o qual não será um substituto da leitura bíblica em si. Antes, esperamos que ele possa suscitar em você o desejo de ler por si mesmo cada um dos livros das Escrituras, ao mesmo tempo levando a uma noção razoável do que está sendo lido.

Note bem: a chave para o uso deste livro é ler as três primeiras seções de cada capítulo (*Dados de orientação*, *Visão geral* e *Conselho específico para a leitura*) e, então, *ler o texto bíblico* em paralelo com a seção intitulada *Uma caminhada por...*. Se você ler somente *Uma caminhada por...*, essa seção se tornará apenas mais informação a assimilar. Nosso intento é que, antes de tudo, você tenha em mãos alguns dados preliminares importantes, para, então, de fato caminharmos pela leitura do livro bíblico. Isso, é claro, será muito mais difícil em relação a alguns dos livros mais longos, assim como foi para nós condensar tanto material em parâmetros breves que nos permitimos estabelecer. Mas, mesmo nesse caso, quando estiver lendo por um período prolongado, esperamos que encontre neste livro um guia útil.

Um glossário é fornecido para os que precisam de alguma orientação em meio ao emaranhado de termos técnicos que os estudiosos bíblicos tendem a usar sem ponderação (veja p. 435). Também sugerimos uma listagem cronológica de livros para os que desejam lê-los nessa ordem (veja o apêndice no final do livro, p. 441).

Buscamos escrever de tal maneira que você consiga seguir o que é dito, independentemente da versão bíblica que vier a escolher – desde, é claro, que seja contemporânea (veja o capítulo 2 de *Entendes o que lês?*). Para o Novo Testamento, o professor Fee mantinha regularmente consigo a Nova Versão Internacional de Hoje (Today's New International Version, TNIV) enquanto escrevia; para o

Velho Testamento, a Nova Versão Internacional (NVI; edição de 1984) foi usada. Geralmente, os versículos da Bíblia citados neste livro foram extraídos da NVI ou de outra edição em português devidamente referenciada no texto.

Agora, algumas palavras sobre pressuposições. Em primeiro lugar, embora não tenhamos assumido que o leitor já fez a leitura de *Entendes o que lês?*, eventualmente fazemos menções a essa obra (referida apenas como *Entendes,* com números de páginas sempre relativos à terceira edição, a fim de que não tenhamos de repetir alguns pontos pressupostos (por exemplo, as fontes dos Evangelhos). No caso de Atos e Apocalipse, que receberam capítulos individuais em *Entendes*, esse material foi redefinido para este livro, mas ainda com o auxílio da leitura daqueles capítulos.

Em segundo lugar, os autores se mantêm firmes na tradição evangélica da Igreja. Isso significa, entre outras coisas, que acreditamos que o Espírito Santo tenha inspirado os autores (e os organizadores) bíblicos em sua tarefa – embora quase sempre falemos de cada documento em termos do que o autor humano (inspirado) está fazendo.

Ao mesmo tempo, na maioria dos casos, procuramos estar informados sobre os estudos bíblicos mais recentes e fazer uso deles – ainda que qualquer estudioso que se aventure a examinar este livro possa questionar se consultamos seu trabalho mais atuais. Além de nossa própria leitura do texto, também reconhecemos, com gratidão, que incorporamos sugestões – e até mesmo linguagens – de outros tantos, cujos nomes seria difícil mencionar. Os que vierem a identificar algumas de suas ideias no que escrevemos talvez tenham, esperamos, prazer nesse reconhecimento; confiamos que também serão generosos conosco quando tivermos escolhido seguir nosso próprio caminho em vez de depender de qualquer outro esforço acadêmico.

Com gratidão, também reconhecemos: o Regent College, cuja generosa política sabática permitiu ao professor Fee trabalhar no

livro durante a primavera de 1998 e o inverno de 2001; colegas e amigos que leram capítulos selecionados e fizeram muitos comentários úteis: Iain Provan, V. Philips Long, Rikk Watts, John Stek, Bruce Waltke e Wendy Wilcox Glidden. A esposa do professor Fee, Maudine, demonstrou grande interesse pelo projeto, lendo cada palavra e apontando sugestões elucidativas que fizeram deste um livro melhor. Durante o mês de março de 2001, quando o professor Fee se recuperava de uma cirurgia, Maudine uniu-se a ele na leitura de todo o manuscrito e de toda a Bíblia em voz alta – o que resultou em novas alterações no livro, à medida que nossos ouvidos ouviam melhor do que nossos olhos enxergavam. Não conseguimos expressar plenamente o valor da leitura oral da Bíblia!

Dedicamos *Entendes* a nossos pais; três deles já estão com o Senhor. E dedicamos a presente iniciativa aos nossos netos – quando começamos a escrever o livro, eram doze para os Fees, sendo os mais velhos agora já adolescentes, e três para os Stuarts. Assim, em certa medida, este livro é a nossa própria reflexão sobre Salmos 71:14-18.



A HISTÓRIA BÍBLICA: UMA VISÃO GERAL

Quando nós, os autores, éramos meninos, crescendo em lares cristãos, uma das maneiras pelas quais nós – e nossos amigos – fomos expostos à Bíblia foi por meio da leitura diária de um texto bíblico da Caixinha de Promessas, que ocupava zelosamente as mesas de nossas cozinhas. Além disso, a maioria dos cristãos da nossa geração – e de várias outras que a precederam – tinha aprendido um tipo de leitura devocional da Bíblia que enfatizava somente partes e pedaços, procurando por uma "palavra para o dia".

Embora o pensamento por trás dessas abordagens sobre as Escrituras fosse saudável o bastante (exposição constante às firmes promessas da Palavra de Deus), ele também tinha seu lado negativo, ensinando as pessoas a lerem os textos de um jeito que as desconectava da grande história da Bíblia.

A preocupação deste livro é ajudá-lo a ler a Bíblia como um todo, e, mesmo quando o "todo" for reduzido a "livros inteiros", é importante estar sempre ciente de como cada livro se encaixa na história maior (sobre este assunto, veja *Entendes*, p. 111-112). Mas, para isso, é preciso ter uma noção do que trata essa grande história. É o que esta introdução se propõe a fazer.

Antes de mais nada, sejamos bem claros: a Bíblia não é meramente um guia divino, nem uma mina de proposições nas quais devemos acreditar ou uma longa lista de ordens a obedecer. É fato que recebemos muitas orientações da Bíblia, e que ela, por certo, contém muitas proposições verdadeiras e diretrizes divinas. Mas ela é infinitamente mais do que isso.

Não foi por acaso que a Bíblia chegou a nós principalmente por meio da narrativa – e não qualquer tipo de narrativa. Aqui, temos a

maior de todas: a própria história de Deus. Ou seja, ela não pretende ser apenas mais uma história da busca de Deus pela humanidade. Não. É a *história de Deus*, a narrativa de *sua* busca por nós, uma história essencialmente contada em quatro capítulos: Criação, Queda, Redenção e Consumação. Nessa história, Deus é o protagonista divino; Satanás, o antagonista; o povo de Deus, o agonista (embora muito frequentemente também o antagonista), tendo-se a redenção e a reconciliação como resolução do enredo.

Criação

Uma vez que é a *história de Deus*, ela não começa como todas as outras histórias, isto é, com um Deus oculto procurado pelas pessoas, ao qual Jesus por fim as conduz. Ao contrário, a narrativa bíblica começa com Deus como Criador de tudo o que existe. Ela nos conta que “no princípio Deus...”: Deus é *antes* de todas as coisas, é a *causa* de todas as coisas e, portanto, está *acima* de todas as coisas, e é a *finalidade* de todas as coisas. Ele está na origem de todas as coisas como a causa única do universo inteiro, em toda a sua vastidão e complexidade. E toda a Criação – toda a história em si – tem o Deus eterno, por meio de Cristo, como seu propósito e consumação finais.

Mais adiante nos é dito que a humanidade é a coroa da glória da obra do Criador – seres feitos à semelhança de Deus, com os quais ele poderia manter comunhão e nos quais poderia deleitar-se; seres que conheceriam o puro prazer de sua presença, de seu amor e de seu favor. Criada à imagem divina, a humanidade assim desfrutou de maneira única da *visão* de Deus e viveu em *comunhão* com ele. No entanto, fomos seres *criados*; desse modo, somos destinados a ser dependentes do Criador para que vivamos e existamos no mundo. Essa parte da história é narrada em Gênesis 1 e 2, mas é repetida ou retomada de muitas maneiras por toda a narrativa.

Queda

O segundo capítulo da história bíblica é longo e trágico. Ele começa em Gênesis 3, e seu fio sombrio percorre toda a história, quase até o fim (Apocalipse 22:11,15). Esse “capítulo” nos conta que homem e mulher cobiçaram maior semelhança com Deus e que, em um momento terrível na história de nosso planeta, escolheram assemelhar-se a Deus no lugar da mera condição de criaturas, com seu *status* de dependência. Escolheram *in*dependência do Criador. Mas não fomos destinados a viver assim, e o resultado foi uma Queda – um tombo colossal e trágico. (Por certo, esse não é, hoje, um acontecimento popular da história, mas sua rejeição é parte da própria Queda e o princípio de todas as falsas teologias.)

Feitos para desfrutar de Deus e depender dele, e para encontrar nosso significado, afinal, em nossa condição de criaturas, nós agora ficamos sob a ira divina e, desse modo, passamos a experimentar as consequências terríveis da nossa rebelião. A calamidade da nossa queda é tripla.

Primeiro, perdemos nossa *visão* de Deus acerca de sua natureza e de seu caráter. Culpados e hostis, projetamos essa culpa e essa hostilidade sobre Deus. A culpa é dele: “Por que me fez assim?” e “Por que é tão cruel?” são as indagações lamuriosas que percorrem toda a história de nossa raça. Nós, então, nos tornamos idólatras, criando deuses à nossa própria imagem; toda expressão grotesca da Queda foi reconstruída em um deus, que Paulo descreve da seguinte maneira:

> Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis. Por isso Deus os entregou à impureza sexual, segundo os desejos pecaminosos do seu coração, para a degradação do seu corpo entre si. Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre (Romanos 1:22-25).

Ao trocar a verdade sobre Deus por uma mentira, nós o enxergamos como caprichoso, contraditório, hostil, cobiçoso e vingativo (todas projeções do nosso eu caído). Mas Deus *não é* como nossas idolatrias grotescas. Na verdade, se ele está oculto, diz Paulo, é porque nos tornamos escravos do deus deste mundo, que cegou a nossa mente, de modo que estamos sempre em busca de Deus, mas nunca conseguimos encontrá-lo (2Coríntios 4:4).

Segundo, a Queda também fez com que distorcêssemos – e borrássemos – a *imagem divina* em nós, fazendo-a rolar no pó, por assim dizer. Em vez de sermos amorosos, generosos, abnegados, atenciosos, misericordiosos – como Deus é –, nós nos tornamos avarentos, egoístas, indiferentes, implacáveis e rancorosos. Criados à imagem de Deus, e assim representantes dele em tudo o que somos e fazemos, antes aprendemos a carregar a imagem do Maligno, o inimigo implacável do Criador.

A terceira consequência da Queda foi nossa perda da *presença divina* e, com isso, do nosso relacionamento – nossa comunhão – com Deus. Em lugar da harmonia com o Criador, tendo um propósito na Criação, nós nos tornamos rebeldes, perdidos e errantes, criaturas que transgrediram as leis divinas, abusaram da Criação e sofreram as consequências terríveis da Queda: falência, alienação, solidão e dor.

Sob a tirania do nosso pecado – de fato, somos escravizados e culpados por ele, como Paulo diz –, encontramo-nos indispostos e incapazes de nos achegar a Deus em busca de vida e de restauração, passando adiante nossa falência na forma de todo tipo de relacionamento corrompido (isso é visto em larga escala em Gênesis 4 a 11).

A Bíblia diz que somos caídos, que há uma distância terrível entre nós e Deus, que somos como ovelhas desgarradas (Isaías 53:6; 1Pedro 2:25) ou como um filho rebelde, sabichão, vivendo em uma terra distante entre porcos, querendo comer a comida deles (Lucas 15:11-32). Em nossos melhores momentos, sabemos que isso é

verdade não somente no que tange ao assassino, ao estuprador ou ao molestador de crianças, mas também a nós mesmos – o egoísta, o avarento, o orgulhoso. Não é de se admirar que pessoas pensem que Deus seja hostil a nós; em nossos melhores momentos, sabemos que merecemos sua ira pelo tipo de seres asquerosos que na verdade somos.

Redenção

A Bíblia também nos conta que o Deus santo e justo, cujas perfeições morais ardem contra o pecado e a rebelião das criaturas, é, de fato, um Deus cheio de misericórdia, amor e fidelidade. A realidade é que Deus teve compaixão e amor para com essas suas criaturas, cuja rebelião e rejeição ao *status* de dependência fizeram com que caíssem tão baixo e, assim, experimentassem a dor, a culpa e a alienação de sua pecaminosidade.

Mas como nos alcançar, como nos resgatar de nós mesmos com todas as nossas visões equivocadas sobre Deus e o desespero de nossa trágica Queda? Como nos fazer enxergar que Deus é por *nós*, não *contra* nós (veja Romanos 8:31)? Como fazer com que o rebelde não apenas erga uma bandeira branca de rendição, mas também mude de lado voluntariamente e, desse modo, uma vez mais descubra alegria e sentido? É disso que trata o terceiro capítulo da história. E ele é o capítulo mais longo, um capítulo que conta como Deus começou a redimir e a restaurar essas suas criaturas caídas, a fim de que pudesse resgatar nossa visão perdida, renovar em nós a imagem divina e restabelecer nosso relacionamento com ele – a que resistimos continuamente.

Assim, foi-nos dito que Deus apareceu a um homem, Abraão, e fez um pacto com ele: abençoá-lo e, por meio dele, abençoar as nações (Gênesis 12 a 50) e a sua descendência, Israel, que se tornara um povo escravo (Êxodo). Pelo primeiro de seus profetas, Moisés, Deus (agora conhecido por seu nome *Javé*) libertou-os da escravidão e com eles fez um pacto no monte Sinai: aquele que os resgatara seria

o seu Salvador e Protetor para sempre, estaria com eles de um jeito exclusivo, dentre todos os povos do mundo. Mas o povo também teria de manter a aliança com ele, deixando-se passar por remodelação conforme a sua semelhança. Assim, Deus lhes concedeu a Lei como um presente, a fim de revelar quem ele é e de protegê-los uns dos outros à medida que fossem remodelados (Levítico; Deuteronômio).

A história nos conta, porém, que esse povo rebelou-se muitas vezes e olhou para esse presente (a Lei) como algo que lhes tirava a liberdade. Sendo pastores trazidos de uma terra agrícola (Josué), eles não tinham certeza de que o seu Deus – um Deus de pastores, como imaginavam que fosse – também ajudaria a fazer os grãos crescerem; assim, voltaram-se para os deuses da fertilidade agrícola (Baal e Astarote) adorados pelos povos vizinhos.

Os israelitas, então, experimentaram várias fases de opressão e de resgate (Juízes), enquanto alguns assumiam o caráter divino (Rute). Finalmente, Deus enviou outro grande profeta (Samuel), que ungiu seu rei ideal (Davi), com quem Deus fez outra aliança, especificando que alguém da descendência desse rei governaria seu povo para sempre (1 e 2Samuel). Mas, infelizmente, tudo vai mal de novo (1 e 2Reis; 1 e 2Crônicas), e Deus, apaixonado, envia profetas (Isaías a Malaquias), cantores (Salmos) e sábios (Jó, Provérbios, Eclesiastes). No fim, a infidelidade constante é tanta, que Deus julga seu povo com as maldições prometidas em Levítico 26 e Deuteronômio 28. No entanto, mesmo aí (veja Deuteronômio 30), há uma promessa para o futuro (veja, por exemplo: Isaías 40 a 55; Jeremias 30 a 32; Ezequiel 36 e 37), a de que haveria um novo “filho de Davi” e um derramamento do Espírito de Deus no coração das pessoas, que receberiam vida e seriam transformadas à semelhança de Deus. Essa bênção final também incluiria gente de todas as nações (os “gentios”).

Finalmente, antes da última cena, com sua cortina final e seu epílogo, lemos sobre o maior de todos os eventos: o “filho de Davi”

grande e derradeiro não é outro senão o próprio Deus, o Criador de toda a grandeza e excelência cósmica, o qual se apresentou na cena humana assemelhando-se a nós. Nascido de uma moça camponesa, no seio de um povo oprimido, Jesus, o Filho de Deus, viveu e ensinou no meio desse povo. Finalmente, com uma morte horrível, seguida de uma ressurreição que a derrotou, ele enfrentou e venceu os "deuses" – todos os poderes que se levantaram contra nós – e carregou, ele mesmo, o peso da culpa e da punição pela rebelião das criaturas.

Aqui está o cerne da história: um Deus amoroso e redentor, em sua encarnação, restaurou em nós a *visão* perdida da divindade (tirou as vendas, por assim dizer, para que pudéssemos enxergar claramente como Deus verdadeiramente é); por meio de sua crucificação e ressurreição, tornou possível que fôssemos restaurados à *imagem* de Deus (veja Romanos 8:29; 2Coríntios 3:18), e, pelo dom do Espírito, tornou-se *presente* entre nós em comunhão constante. Que revelação e que redenção maravilhosas (e quase inacreditáveis)!

A genialidade da história bíblica reside no que ela nos conta sobre o próprio Deus: um Deus que se sacrifica, na morte, por amor a seus inimigos; um Deus que prefere experimentar a morte que nós merecemos a estar separado das pessoas que ele criou para o seu deleite; um Deus que suportou ele mesmo nossa semelhança, experimentou nossa condição de criaturas e carregou nossos pecados para nos oferecer perdão e reconciliação; um Deus que não nos deixou ir, mas que nos perseguiu – todos nós, até mesmo os piores dentre nós – para que pudesse nos restaurar na comunhão alegre com ele mesmo; um Deus que, em Cristo Jesus, identificou-se para sempre com suas criaturas amadas; que passou a ser conhecido e louvado como "o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Pedro 1:3).

Essa é a história *de Deus*, a história de seu amor e de sua graça, de sua misericórdia e de seu perdão insondáveis – e é assim que ela também se torna a *nossa* história. Ela nos conta que não merecemos

nada, mas recebemos tudo; que merecemos o inferno, mas recebemos o céu; que merecemos ser dizimados, destruídos, mas recebemos o abraço terno do Pai; que merecemos rejeição e juízo, mas nos tornamos seus filhos, carregamos sua semelhança e o chamamos de Pai. Essa é a história da Bíblia, *a história de Deus*, que ao mesmo tempo é também a nossa própria. Na verdade, ele até mesmo permite que suas criaturas humanas ajudem a escrevê-la!

Consumação

A história ainda não terminou; o capítulo final está sendo escrito – embora saibamos, com base no que lemos, como termina. Aquilo que Deus já iniciou por meio da encarnação, da morte e da ressurreição de Jesus Cristo e por meio do dom do Espírito Santo será, enfim, plenamente realizado.

Assim, a única coisa que torna essa história tão diferente de todas as outras é que ela está repleta de esperança. Há um Fim – uma conclusão gloriosa para a história atual. E é Jesus, diante da sepultura de seu amigo Lázaro, dizendo à irmã deste, Marta, que ele próprio, o Cristo, era a esperança dela para a vida presente e para a vindoura: “Eu sou a ressurreição e a vida”, disse a ela; “aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá” – porque Jesus é a *ressurreição*. E porque ele é também a vida, continuou: “E quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente” (João 11:25,26). Então, tratou de validar o que havia dito, ressuscitando Lázaro dentre os mortos.

O próprio Jesus tornou-se a consumação dessas palavras por meio de sua ressurreição. Os perversos e os religiosos mataram-no. Não podiam tolerar sua presença, porque ele se opunha totalmente a todas as suas formas mesquinhas de religiosidade e de autoridade, baseadas em sua própria degradação – e Jesus teve a ousadia de dizer-lhes que ele era *o único* caminho ao Pai (veja João 14:6). Eles, então, o mataram. Mas, como ele *era* a própria Vida – e o autor da vida para todos os outros –, a sepultura não foi capaz de segurá-lo. E

a ressurreição de Jesus não somente validou suas afirmações e justificou sua própria vida no planeta como também descreveu o princípio do fim para a própria morte e tornou-se a garantia dos que são seus – agora e para sempre.

É disso que trata o episódio final (o Apocalipse), o arremate da história feito por Deus, quando a justiça põe um ponto-final no grande antagonista e em todos que continuam a carregar a imagem dele (veja Apocalipse 20), e quando Deus restaura a Criação (Éden) em amor, tornando-a novos céus e nova terra (veja Apocalipse 21 e 22).

Essa, portanto, é a metanarrativa, a grande história da qual fazem parte os vários livros da Bíblia. Embora tenhamos buscado regularmente apontar como cada livro se encaixa nela, quando você fizer a leitura de diversos deles, vai querer refletir por si mesmo sobre como eles se encaixam na história maior. Esperamos que também se pergunte como você se encaixa nela.



A NARRATIVA DE ISRAEL (INCLUINDO A LEI) NA HISTÓRIA BÍBLICA

Devemos começar notando que o arranjo dos livros do Antigo Testamento na Bíblia hebraica é um pouco diferente do de nossas Bíblias em português. As nossas chegaram a nós por intermédio da tradução grega do século 2, conhecida como Septuaginta. A Bíblia hebraica divide-se em três partes: a Lei (o Pentateuco, ou "cinco livros de Moisés"), os Profetas (os Primeiros Profetas, incluindo Josué e passando por Reis [menos Rute]; os Últimos Profetas, incluindo Isaías, Jeremias e Ezequiel; e o Livro dos Doze [os chamados Profetas Menores]) e os Escritos (os Salmos [incluindo Lamentações], os livros de Sabedoria [Jó, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos], Daniel e os quatro livros narrativos de Rute, Ester, Esdras-Neemias e Crônicas). Neste livro, vamos seguir a ordem traduzida, exceto para Lamentações, no Antigo Testamento, que está entre os Escritos, e Atos, no Novo Testamento, que pertence apropriadamente ao evangelho de Lucas.

Conforme observado em *Entendes* (p. 29), a despeito do modo como muitos dentre o bom povo de Deus manuseiam a Bíblia, ela não é, de fato, mera coletânea de proposições nas quais se deve acreditar e de imperativos a obedecer. Antes, o caráter essencial da Bíblia – de toda a Bíblia – é *narrativo*; uma narrativa na qual as proposições e os imperativos estão profundamente integrados como parte essencial. E, assim, a Bíblia começa com uma série de livros narrativos – incluídos até mesmo Levítico e Deuteronômio, os quais podem parecer outra coisa, pois são compostos, em grande medida, de leis, mas que na verdade não podem ser apropriadamente

compreendidos se separados da estrutura narrativa em que estão inseridos.

Desse modo, o princípio da história bíblica cria raízes na extensa narrativa que conta a história do povo escolhido de Deus, Israel. O primeiro dos cinco livros de Moisés (Gênesis) relata os princípios de tudo (Criação e Queda); depois, concentra-se particularmente no chamado divino e na aliança com Abraão e com sua semente,[2] prometendo torná-los um povo numeroso e dar-lhes a terra de Canaã. Após resgatar o povo da escravidão no Egito (o êxodo), Deus se encontra com eles no monte Sinai, no vasto deserto de mesmo nome. Ali, com Israel, ele faz uma segunda aliança que assume a forma de "lei", incluindo a construção do tabernáculo (Êxodo), o lugar onde Deus habitará entre o seu povo e onde este vai adorá-lo com ofertas e sacrifícios apropriados (Levítico), como parte do cumprimento da aliança.

Enquanto o povo se prepara para deixar o Sinai e seguir rumo à terra prometida, é feita a contagem dos homens com vinte anos de idade ou mais (os que serão guerreiros de Israel), e eles são colocados ao redor do tabernáculo em formação de batalha (Números). Desse modo, estão preparados para assumir seus lugares na guerra santa que lhes dará a terra prometida por Deus a seus pais – Abraão, Isaque e Jacó. Antes de embarcarem em sua conquista, Moisés lhes dá uma revisão dessa história e outra visão geral da Lei, bem como das bênçãos e maldições (promessas e ameaças) que acompanham alianças antigas; no caso deles, a desobediência à aliança divina significava exílio, mas com uma restauração prometida e ainda mais gloriosa, na forma de um novo êxodo (Deuteronômio).

Depois da história da conquista e ocupação iniciais da terra (Josué), seguem-se as histórias de seus fracassos em manter a aliança com Deus, seu verdadeiro Rei (Juízes). Nesse último relato (incluindo Rute), somos preparados para a próxima virada significativa no enredo principal – na qual Deus governará Israel por

meio de um rei terreno. Os livros de Samuel, portanto, contam a história de Davi, com quem Deus faz outra aliança: nenhum de seus filhos deixará de assentar-se no trono de Israel, desde que se mantenha a aliança com Deus. Como em muitos reinos antigos, o próprio Davi também era compreendido como tendo encarnado o povo, um elemento-chave em muitos dos salmos e no desdobramento final da história de Jesus de Nazaré. Mas, infelizmente, a história do povo de Israel se repete, à medida que é influenciado, por um rei após outro, a buscar outros deuses (1 e 2Reis). Na verdade, em duas gerações, o reino de Davi é dividido em duas partes. O reino do norte (Israel, às vezes chamado de Efraim pelos salmistas e profetas) cai diante dos assírios em 722 a.C. e, para todos os fins práticos, deixa de existir como entidade distinta. O reino do sul (Judá) cai diante da Babilônia em 586 a.C. Nesse caso, os líderes levados ao exílio na Babilônia compõem parte do remanescente por meio do qual Deus ainda realizará seus planos redentores.

O exílio produziu uma dor e um trauma indescritíveis no povo de Deus, uma vez que eles perderam sua terra prometida e seu templo – a principal evidência da presença especial de Deus e do fato de eles serem seu povo. Particularmente por meio do ministério profético de Ezequiel, os exilados foram mantidos juntos. Muitos, embora não a maioria, foram finalmente restaurados a suas terras, então sob domínio persa, e reconstruíram o templo (Esdras 1 a 6); cerca de um século depois, Esdras e Neemias lideraram outro retorno de exilados e foram fundamentais para a realização de uma reforma significativa (Esdras 7 a 10; Neemias). Durante esse mesmo período de restauração, a história de Judá é recontada de uma perspectiva mais positiva (1 e 2Crônicas), enquanto Ester conta a história dos exilados judeus, por todo o império persa, sendo salvos da aniquilação.

Ao ler os livros nessa seção da Bíblia, você encontrará tópicos que mantêm unida a narrativa maior: as *alianças* de Deus com o seu

povo; a *fidelidade* divina para com esse povo, a despeito da repetida infidelidade deles para com Deus; a escolha, por Deus, dos *pequeninos* e *desfavorecidos* (escolhendo a "fraqueza para envergonhar o que é forte" [1Coríntios 1:27]); Deus *redimindo* o povo da escravidão para torná-lo seu; a *habitação divina* entre eles no tabernáculo e no templo, como dádiva de sua presença renovada sobre a terra (e perdida na Queda); o dom divino da *Lei* a fim de remodelar o povo à sua semelhança; a provisão divina de um *sistema sacrificial* – o "fio vermelho" de sangue derramado pela vida do outro – como modo de oferecer perdão; a escolha divina de um *rei* de Judá que o representaria sobre a terra e que, assim, prepararia o caminho para sua própria vinda na pessoa de Jesus. Esses são os elementos que mantêm a unidade da história. Esteja atento a eles enquanto lê.

GÊNESIS

Dados de orientação para Gênesis

- **Conteúdo:** a história da Criação, da desobediência humana, e suas trágicas consequências, e da escolha de Abraão e de sua descendência por Deus – o princípio da história da redenção.
- **Cobertura histórica:** da Criação à morte de José no Egito (aproximadamente 1600 a.C.?).
- **Ênfases:** Deus como Criador de tudo o que há; a Criação divina de seres humanos à imagem de Deus; a natureza e as consequências da desobediência humana; o princípio das alianças divinas; a escolha, feita por Deus, de um povo por meio do qual ele abençoará as nações.

Visão geral de Gênesis

Para leitores modernos, Gênesis pode parecer um livro estranho, começando como começa, com Deus e a Criação, e terminando com José em um caixão no Egito! Mas essa estranheza é evidência de que, embora tenha integridade como livro por si só (estrutura e organização meticulosas), ao mesmo tempo procura desencadear toda a história bíblica. Efetivamente, sua palavra de abertura (*Bereshit* = “no princípio”) serve tanto como título quanto como sugestão acerca do conteúdo do livro, falando sobre o princípio da história divina – Criação, desobediência humana e redenção divina –, ao mesmo tempo iniciando o Pentateuco, a história da escolha de Deus e da aliança com o povo por meio do qual ele abençoaria todos os demais (Gênesis 12:2,3).

A narrativa de Gênesis se dá em duas partes básicas: uma “pré-história” (capítulos 1 a 11), com as histórias da Criação, das origens

humanas, da Queda da humanidade e do progresso incansável do mal – tudo contra o pano de fundo da paciência e do amor infinitos de Deus –, e a história do princípio da redenção por meio de Abraão e sua semente (capítulos 12 a 50), com foco nas histórias de Abraão (11:27 a 25:11), Jacó (25:12 a 37:1) e José (capítulos 37 a 50). Em parte, essas histórias estão estruturadas em torno de uma frase que aparece diversas vezes: “Esta é a história [genealogia/história familiar] de”, termo que pode referir-se tanto a “genealogias” propriamente ditas (como as de Sem, Ismael e Esaú) quanto a “histórias familiares”. Você vai observar que as histórias principais de Abraão, Jacó e José, em cada caso, ficam sob a história familiar do pai (Terá, Isaque e Jacó).

A narrativa completa de Gênesis começa imediatamente após o prólogo (1:1 a 2:3), com a primeira família humana no jardim do Éden, e segue sucessivamente desde a família de Adão, passando pela de Noé e Sem, até Terá e Abraão e, finalmente, Isaque e Jacó (Israel), chegando a José. Ao mesmo tempo, as linhagens dos filhos rejeitados (Caim, Ismael e Esaú) também são descritas, para que a “semente escolhida” e o “irmão rejeitado” estabeleçam um contraste (um tem uma história; o outro, apenas uma genealogia). Por fim, observe mais um dispositivo que mantém boa parte do livro unida: o uso de Noé, por Deus, a fim de preservar a vida humana durante o grande Dilúvio (capítulos 6 a 9), e de José, a fim de preservar a vida humana durante a grande seca (capítulos 37 a 50).

Conselho específico para a leitura de Gênesis

Ao ler o primeiro livro da Bíblia, além de estar ciente de como a narrativa se desdobra de acordo com as histórias familiares, também observe o enredo principal e os vários subenredos que ajudam a moldar a história familiar maior, que é a do povo de Deus.

O *enredo principal* tem a ver com a intervenção divina na história da Queda humana, escolhendo-se ("elegendo-se") um homem e sua família. Embora as famílias de Abraão, Isaque e Jacó sejam as personagens principais, você nunca pode esquecer que Deus é o Protagonista supremo – como se observa em todas as narrativas bíblicas. Acima de tudo isso, a história é dele: Deus fala e, assim, cria o mundo e um povo. E ela se torna a história desse povo (e a nossa) somente quando Deus traz essa família à existência, faz promessas e estabelece com eles o pacto de ser o seu Deus. Continue observando, portanto, o modo como o enredo se desdobra e como os atores principais tornam-se parte da narrativa primordial.

Ao mesmo tempo, mantenha seus olhos abertos para vários subenredos, cruciais para a grande história do povo de Deus no Antigo Testamento – e, em alguns casos, do povo constituído também pela *nova* aliança. Seis desses subenredos merecem atenção especial.

O primeiro deles – crucial para toda a história bíblica – é a ocorrência das primeiras duas alianças entre Deus e o seu povo. A primeira aliança é estabelecida com toda a humanidade por meio de Noé e de seus filhos, com a promessa de que Deus nunca mais extinguiria a vida da terra (9:8-17). A segunda aliança se dá com Abraão, com a promessa de duas coisas em especial: a dádiva da "semente", que se tornaria uma grande nação e abençoaria as nações, e a dádiva da terra (12:2-7; 15:1-21; veja 17:3-8, em que a aliança é ratificada pela marca identificadora da circuncisão). A segunda aliança é repetida a Isaque (26:3-5) e a Jacó (28:13-15) e, por sua vez, serve de base para as duas próximas alianças no Antigo Testamento: a dádiva da Lei (Êxodo 20 a 24) e a dádiva do reinado (2Samuel 7).

O segundo subenredo é um pouco sutil no próprio Gênesis, mas importante para o desdobramento posterior do tema da *guerra santa* (veja o glossário) na história bíblica. Ele começa com a maldição

divina sobre a serpente: Deus colocará “inimizade entre você [a serpente] e a mulher, entre a sua descendência [semente] e o descendente dela” (3:15). O termo crucial aqui é “descendência” (semente), que aparece novamente em 12:7, acerca do povo escolhido. Essa maldição antecipa o tema da guerra santa, que é acentuado particularmente em Êxodo (entre Moisés e faraó e, portanto, entre Deus e os deuses do Egito; veja Êxodo 15:1-18), levado adiante na conquista de Canaã e seus deuses (o que explica a maldição de Canaã em Gênesis 9:25-27); então, atinge seu clímax no Novo Testamento (na história de Jesus Cristo, especialmente em Apocalipse). Embora essa temática não assuma, em Gênesis, a forma de guerra santa como tal, é possível observá-la, no entanto, principalmente no conflito entre irmãos, entre a semente descrente e a piedosa (Caim/Abel; Ismael/Isaque; Esaú/Jacó), em que os mais velhos perseguem os mais jovens escolhidos por Deus (veja Gálatas 4:29).

A escolha divina pelos mais jovens (ou mais fracos, ou mais improváveis), a fim de que carregassem a íntegra semente, é um terceiro subenredo que começa em Gênesis. Aqui, ele toma duas formas em particular, as quais são repetidas por toda a história bíblica. Primeiro, Deus regularmente dispensa o filho primogênito de realizar seus propósitos (o que se trata de uma quebra considerável das regras culturais da parte do próprio Deus): não Caim, mas Sete; não Ismael, mas Isaque; não Esaú, mas Jacó; não Rúben, mas Judá. Segundo, a semente piedosa nasce frequentemente de uma mulher estéril (Sara, em 18:11,12; Rebeca, em 25:21; Raquel, em 29:31). Enquanto estiver lendo toda a história bíblica, fique atento a esse tema recorrente (veja, por exemplo, 1Samuel 1:1 a 2:11; Lucas 1).

Relacionado a esse tema há o fato de que os escolhidos não são selecionados por sua própria bondade; na verdade, suas falhas são fielmente narradas (Abraão, em Gênesis 12:10-20; Isaque, em 26:1-11; Jacó, ao longo de todo o texto [observe, no capítulo 37, o quanto

a família é desajustada!]; Judá, em 38:1-30). Deus não os escolhe por seu caráter inerente; o que os torna alvo da escolha divina é que, no final, eles confiaram em Deus e na promessa de que seriam o seu povo – um povo extremamente numeroso – e herdariam a terra a que primeiro chegaram como estrangeiros.

Um quarto subenredo emerge mais adiante na história, quando Judá assume o papel de liderança entre os irmãos na longa narrativa sobre José (capítulos 37 a 50). Judá surge primeiro no capítulo 38, em que sua fraqueza e pecaminosidade são expostas. Mas seu papel principal começa em 43:8,9, quando ele garante a segurança de seu irmão Benjamim, e chega ao ápice com a sua disposição para tomar o lugar de Benjamim, em 44:18-34. Tudo isso antecipa a bênção de Jacó em 49:8-12, pela qual o "cetro não se apartará de Judá" (apontando para o reino davídico e, para além dele, Jesus Cristo).

Um quinto subenredo está na antecipação do próximo "capítulo" da história – escravidão no Egito. O interesse pelo Egito começa na genealogia de Cam (10:13,14; observe que *Mizraim* é a palavra hebraica para "Egito"). A narrativa familiar básica (de Abraão a José) começa com uma fome que envia Abraão ao Egito (12:10-20) e termina com outra fome, que faz Jacó e toda a família se estabelecerem ali, enquanto Isaque, quando a caminho desse país durante outro período de carestia, é expressamente orientado a não ir para lá (26:1-5).

Finalmente, o interesse em detalhar as origens dos vizinhos próximos de Israel, que se tornam espinhos em suas fronteiras por toda a história do Antigo Testamento, forma um sexto subenredo. Além dos atores principais, Egito e Canaã (10:13-19), observe Moabe, Amom (19:30-38) e Edom (25:23; 27:39,40; 36:1-43), bem como o papel inferior de Ismael (39:1; consulte Salmos 83:6).

Uma caminhada por Gênesis

1:1 a 2:3 – Prólogo

Embora escrito em prosa, há também uma dimensão claramente poética nesse prólogo da Criação. Parte da poesia consiste na estrutura cuidadosa dessa primeira "semana", em que o dia 1 corresponde ao dia 4; o dia 2, ao 5; e o dia 3, ao 6. Note como os dois conjuntos de dias correspondem à terra "sem forma e vazia" (1:2): os dias 1 a 3 dão "forma" à terra (luz, firmamento, terra seca), enquanto os dias 4 a 6 enchem a forma com conteúdo. Assim:

Dia 1 (1:3-5)	Luz
Dia 2 (1:6-8)	Firmamento e mares
Dia 3 (1:9-13)	Terra seca/vida vegetal
Dia 4 (1:14-19)	Sol, lua e estrelas
Dia 5 (1:20-23)	Firmamento e animais aquáticos
Dia 6 (1:24-31)	Animais terrestres se alimentam da vida vegetal
Dia 7 (2:2,3)	Deus descansa de seu trabalho

Observe várias ênfases enquanto lê, algumas delas retomadas mais adiante na história bíblica – Deus chama tudo à existência (veja Salmos 33:6; João 1:1-3); Deus abençoou o que criou, incluindo o mundo material, chamando tudo de "bom"; seres humanos, macho e fêmea, são criados à imagem de Deus e recebem a incumbência de governar o restante da Criação; Deus descansou no sétimo dia e o santificou (estabelecendo, assim, o padrão de seis dias de trabalho e um de descanso; veja Êxodo 20:8-11, a grande dádiva celestial do descanso para ex-escravos).

2:4 a 4:26 – A narrativa das origens humanas

Esta é a primeira de seis "narrativas" que compõem a pré-história de Gênesis 1 a 2. Ela se encaixa em três partes claramente discerníveis, seguindo as presentes divisões em capítulos. Começa (2:4-25) com seres humanos criados e colocados no Éden, em cujo

centro há duas árvores (da vida e do conhecimento do bem e do mal – ambas refletindo o próprio ser de Deus); há também a advertência para que não comam da árvore do conhecimento do bem e do mal, além da criação de Eva a partir da costela de Adão, com ênfase em sua mutualidade e parceria. Observe como a história se desdobra rapidamente a partir daí. A serpente os ilude, levando-os à desobediência (3:1-13), Deus amaldiçoa a serpente e a terra, julga a mulher e o homem (3:14-19) e, após um alívio momentâneo (3:21), pune ambos com a perda de sua divina presença (3:22-24). É importante lembrar que, na visão final de Apocalipse, o Éden é tido como restaurado (Apocalipse 22:1-5)!

A Queda é concluída com a história do assassinato de Abel por Caim, seu irmão, e a consequente expulsão deste da presença de Deus (4:1-18), terminando o par de comentários sobre a arrogância dos descendentes de Caim (4:19-24) e o nascimento de Sete, incluindo a observação esperançosa de que "nessa época começou-se a invocar o nome do SENHOR" (4:26).

5:1 a 6:8 – A narrativa da linhagem familiar de Adão

Essa genealogia contrasta com a linhagem de Caim (note a diferença entre os dois Lameques ao final de cada uma). Observe duas coisas importantes sobre ela: primeiro, ela começa (5:3) e termina (5:29) com ecos do prólogo (Sete é semelhante a Adão; Noé trará consolo da maldição). Segundo, um homem nessa linhagem, Enoque (5:21-24), continua a experimentar a presença de Deus. A despeito de alguns detalhes confusos, não perca a referência de 6:1-8: a degeneração total da raça humana leva Deus a agir em juízo (6:6,7); misericordiosamente, no entanto, "a Noé [...] o SENHOR mostrou benevolência" (6:8).

6:9 a 9:29 – A narrativa de Noé

Essa narrativa é tão conhecida, que suas características substanciais podem ser facilmente ignoradas. Note, no princípio,

como a justiça de Noé ecoa o fato de Enoque caminhar com Deus (6:9). Observe também como a história ecoa o relato original da Criação, para que, de fato, ela se torne uma narrativa da "segunda Criação": o Dilúvio devolve o mundo ao seu estado sem forma e vazio (1:2), mas Noé e os animais fornecem um vínculo com o antigo, ainda que algo novo se iniciasse. A aliança com Noé está repleta de ecos de Gênesis 1 e 2 – o restabelecimento dos ciclos sazonais (8:22; veja 1:14); a ordem da multiplicação (9:1,7; veja 1:28); a humanidade à imagem de Deus (9:6; veja 1:27). Aqui, Deus está começando de novo, e, desse modo, faz uma aliança: nunca mais destruir a terra toda daquela maneira. Infelizmente, a história termina com uma nota amarga (9:20-23) – uma nova "Queda", levando à maldição da semente de Cam, Canaã –, mas é concluída com a bênção de Sem (de cuja semente emergirá a redenção).

10:1 a 11:9 – A narrativa de Sem, Cam e Jafé

Aqui você encontra o desenvolvimento da civilização humana em três grupos básicos de povos conhecidos dos israelitas. Selecionados em particular estão Mizraim (hebraico para "Egito") e Canaã (10:13-20). Encerrando essas narrativas está a história de Babel, que leva diretamente à narrativa de Abraão, à medida que a história se volta das nações dispersas para um homem que encontrará uma nova nação por meio da qual todas as outras serão abençoadas.

11:10-26 – A narrativa de Sem

A leitura dessa lista de nomes não é nada fascinante, mas leva você do filho de Noé, Sem, até Abrão (Abraão), portanto ao "pai" do povo escolhido.

11:27 a 25:11 – A narrativa de Terá

É impossível deixar de constatar que o filho de Terá, Abrão (Abraão), domina essa história familiar. Aqui, você pode observar

quão habilmente a narrativa é apresentada. Ela introduz a família de Abraão, que se havia mudado parcialmente para Canaã (11:27-32), com uma nota especial sobre a esterilidade de Sara (11:30). Os momentos-chave estão em 12:1-9, em que Deus chama Abraão, ordena que deixe Harã e vá "para a terra que eu lhe mostrarei" (12:1), prometendo fazer dele "um grande povo" e abençoar "todos os povos da terra" por meio dele (12:2,3). Depois de viajar obedientemente até a terra habitada pelos cananeus (12:4,5), Abraão atravessa a região inteira e ouve a promessa: "À sua descendência [semente] darei esta terra" (12:7); e ele "construiu ali um altar dedicado ao SENHOR e invocou o nome do SENHOR" (12:8,9). No restante da narrativa, você encontrará esses diversos temas desenvolvidos de um modo ou de outro: a *terra prometida* será dada à *semente prometida*, que se tornará uma *grande nação* e, assim, uma *bênção às nações* – mesmo que, agora, os cananeus possuam a terra, e Sara seja estéril! –; portanto, Abraão *confia* no Deus que fez a promessa e o *adora*.

Desse modo, a primeira narrativa, que é sobre o fracasso de Abraão no Egito (12:10-20), tem a ver com a *semente prometida* protegida por Deus. O primeiro ciclo de Ló (capítulos 13 e 14) concentra-se na *grande nação* e na *terra prometida*, enquanto introduz Sodoma e Gomorra e indica a enorme importância de Abraão na terra. As narrativas consecutivas dos capítulos 15 e 16 retornam à *semente prometida* de uma *mulher estéril*, enquanto a narrativa central do capítulo 17 concentra-se em todos os temas reunidos. A próxima narrativa destaca novamente a semente prometida de uma mulher estéril (18:1-15), o que é mencionado mais uma vez em uma série de três narrativas nos capítulos 20 e 21 (Abimeleque, o nascimento de Isaque e a expulsão de Ismael). Essas narrativas concluem o segundo ciclo de Ló (18:16 a 19:38), o qual começa com a grande nação que será uma bênção para as demais (18:18). Aqui, a destruição de Sodoma e Gomorra e a concepção incestuosa de Moabe e Amom contrastam com a

confiança de Abraão em Deus acerca da terra prometida, um tema que aparece novamente em 21:22-34.

Quatro narrativas cruciais concluem a história familiar de Terá. Inicialmente, há o teste de Abraão – se estaria disposto a entregar a Deus seu filho primogênito (capítulo 22). Nessa história fundamental, certifique-se de observar:

- a renovação das promessas (22:15-18);
- a obediência de Abraão e a confiança implícita em Deus o tempo todo;
- a provisão divina de um sacrifício em substituição a Isaque.

Consideradas em conjunto, as mortes de Sara (capítulo 23) e de Abraão (25:7-11) completam o tema da terra prometida – um pedaço dessa terra é adquirido para que seus corpos possam ali repousar, à espera de que o futuro se cumpra! Há também a história do casamento de Isaque, incluído na série de Abraão porque dá continuidade ao tema da terra prometida, assim como a introdução à narrativa da morte de Abraão (25:1-6).

Observe, finalmente, que escolhas insensatas, feitas em momentos de fé vacilante, não frustram os propósitos divinos (as histórias do faraó e de Abimeleque nos capítulos 12 e 20, e de Hagar no capítulo 16); Abraão, por sua vez, "creu no SENHOR, e isso lhe foi creditado como justiça" (15:6; um texto que se torna particularmente importante nas cartas de Paulo). Desse modo, a resposta regular de Abraão a Deus é *adoração* e *obediência* (12:7,8; 13:4,18; 14:17-20; 22:1-19).

25:12-18 – A narrativa de Ismael

Esta, a mais curta das histórias de origem, confirma que Deus cumpriu a promessa (16:10) de tornar Israel, e não apenas Isaque, uma grande nação de doze tribos.

25:19 a 35:29 – A narrativa de Isaque

A história de Isaque é principalmente sobre Jacó, que representa a linhagem escolhida. Note como as promessas feitas a Abraão são repetidas tanto para Isaque (26:3-5) quanto para Jacó (28:13-15). De novo, seguida de oração, a semente prometida nasce de uma mulher estéril (25:21-26). Ao desprezar seu direito de primogenitura (25:29-34), Esaú demonstra o seu caráter (veja Hebreus 12:16), e, com isso, seus descendentes, os edomitas, tornam-se inimigos permanentes de Israel (veja o livro de Obadias). No capítulo 26, Isaque repete o erro de Abraão (capítulos 12 e 20), e, como anteriormente, Deus intervém para proteger a semente prometida. Nos capítulos 27 e 28, apesar de Jacó ter enganado Esaú no episódio envolvendo a bênção de seu pai (fazendo jus ao próprio nome, “ele engana”), note que Deus renova a aliança abraâmica com ele (28:10-22). Esse evento também marca o princípio de uma mudança no caráter de Jacó, evidenciada nos acontecimentos que envolvem sua reconciliação com Esaú (capítulos 32 e 33; observe, em especial, a narrativa na qual seu nome é mudado de Jacó para Israel).

Nos capítulos 29 a 31, você começa a seguir a expansão da nação de Israel. A família escolhida tem agora doze filhos, cuja descendência vai formar as doze tribos, um conceito refletido mais adiante nos distritos tribais da terra, também na escolha dos doze discípulos por Jesus e, até mesmo, na arquitetura final da nova Jerusalém que desce do céu (Apocalipse 21:12,14,21). Infelizmente, os filhos de Jacó (capítulo 34) refletem o caráter de um Jacó mais jovem, fator que desempenha um papel preponderante no início (37:12-36) da última história familiar em Gênesis (capítulos 37 a 50).

36:1 a 37:1 – A narrativa de Esaú

A linhagem de Esaú, os edomitas, tornou-se uma grande nação, como havia sido prometido, mas também foi outro dos vizinhos que continuamente ameaçaram o povo escolhido e sua segurança na terra prometida.

37:2 a 50:26 – A narrativa de Jacó

A última história familiar é essencialmente sobre José, a quem Deus escolhe para resgatar Israel (e as nações, abençoando-as; 12:2,3) da fome, a fim de que a semente prometida pudesse ser preservada. Você terá uma experiência diferente ao ler essa história comparando-a com as anteriores, uma vez que se trata de uma narrativa única e coesa (a mais longa desse tipo na Bíblia), com apenas três interrupções (a história de Judá no capítulo 39, a genealogia em 46:8-27 e a "bênção" de Jacó no capítulo 49). Observe como ela começa e termina na mesma cena – os irmãos de José curvando-se diante dele (37:5-7; 50:18; veja 42:6). Atente aos vários temas que mantêm a história unida: Deus anula o mal dos irmãos contra José; permite que José definhe na prisão (que aconteceu por causa de sua recusa em pecar), mas enfim o resgata e o exalta por intermédio de sua habilidade divinamente concedida de interpretar sonhos (observe a frase que se repete: "O SENHOR estava com José", 39:2,3,21,23) – de novo, Deus usa um filho mais novo e desprezado. Note também, no fim (capítulo 48), que a bênção de Jacó aos dois filhos de José reproduz o padrão da escolha divina pelo mais novo (o desfavorecido).

Finalmente, observe o papel que Judá desempenha na narrativa. Embora sua conduta inicial não tenha sido nada salutar (capítulo 38), ele demonstra, posteriormente, ter um coração arrependido por seu papel anterior na história (44:18-34). Então, acaba por ser abençoado como o "leão" de cuja linhagem virá o rei davídico (49:8-12) e o próprio rei messiânico, Cristo Jesus.

Apesar de o relato terminar com José em um caixão no Egito (50:26), isso também antecipa a próxima parte da narrativa, o livro de Êxodo, em que há uma nota especial: os israelitas levaram os ossos de José porque ele os tinha feito jurar: "Deus certamente virá em auxílio de vocês; levem então os meus ossos daqui" (Êxodo 13:19).

Gênesis começa a história bíblica com Deus como Criador, os seres humanos como criados à imagem divina, mas caídos, e a resposta de Deus por meio da criação redentora de um povo escolhido, fazendo isso sob todas as circunstâncias (boas e ruins) e a despeito de todas as falhas.

ÊXODO

Dados de orientação para Êxodo

- **Conteúdo:** a libertação de Israel do Egito, sua constituição como povo por meio da Lei da aliança, além de instruções para a construção do tabernáculo, o lugar da presença de Deus.
- **Cobertura histórica:** da morte de José (aproximadamente 1600 a.C.?) ao acampamento de Israel no Sinai (1440 ou 1260 a.C.).
- **Ênfases:** o miraculoso resgate de Israel do Egito, por Deus, feito por meio de Moisés; a Lei da aliança dada no monte Sinai; o tabernáculo como lugar da presença de Deus e da devida adoração de Israel; a revelação do próprio Deus e de seu caráter; a tendência de Israel para reclamar e se rebelar contra Deus; juízo e misericórdia divinos para com o povo quando este se rebela.

Visão geral de Êxodo

Você talvez ache todo o livro de Êxodo um pouco mais difícil de ler do que Gênesis. A primeira metade (capítulos 1 a 20) é fácil o bastante, uma vez que continua a narrativa iniciada em Gênesis 12, mas, depois, você chega a uma série de leis (21 a 24), seguidas de instruções detalhadas sobre os utensílios e móveis para o tabernáculo (capítulos 25 a 31). A narrativa então se volta para três capítulos (32 a 34), e é seguida (capítulos 35 a 40) por uma repetição dos capítulos 25 a 31, à medida que o tabernáculo e seus móveis são construídos exatamente conforme as instruções. Os detalhes e a natureza repetitiva dos capítulos 25 a 31 e 35 a 40 podem servir para desmotivá-lo, a menos que você os mantenha no

contexto do quadro geral, em se tratando do próprio Êxodo e de outra história mais extensa encontrada no Pentateuco como um todo.

A porção narrativa começa com a escravidão de Israel no Egito (capítulo 1), seguida do nascimento de Moisés, sua fuga, o subsequente chamado (quando o nome de Javé é revelado) e seu retorno para o Egito (capítulos 2 a 4). Depois, vem o próprio êxodo (5:1 a 15:21), incluindo o trabalho forçado de Israel, o conflito de Javé com faraó na guerra santa por intermédio das dez pragas, o milagre do mar Vermelho e um hino celebrando a vitória de Deus, o Divino Guerreiro, sobre faraó. O restante da narrativa (15:22 a 19:25) descreve Israel no Sinai, em preparação para o recebimento da Lei da aliança (capítulos 20 a 23), e sua ratificação (capítulo 24). Parte dessa narrativa é a reclamação constante de Israel a Deus; nos capítulos 32 a 34, essa reclamação se torna uma autêntica rebelião idólatra, seguida de juízo e de renovação da aliança.

O livro conclui-se com uma narrativa final (40:34-38) na qual a glória de Deus (sua presença) enche o tabernáculo, o último ato essencial de preparação, aprontando o povo para sua peregrinação até a terra prometida. Note especialmente como as duas partes dessa curta cena antecipam os próximos dois livros do Pentateuco: a glória do Senhor enchendo o tabernáculo, ou a Tenda do Encontro, leva diretamente a Levítico, no qual Deus fala com Moisés (e, assim, com o povo) da Tenda do Encontro e dá instruções sobre os usos do tabernáculo (Levítico 1:1; “Tenda do Encontro” e “tabernáculo” são depois usados indistintamente), e a nuvem reaparece na narrativa inicial de Números, a fim de dar orientações quando Israel finalmente desmonta o acampamento e parte em direção à terra prometida (Números 9:15-23).

As partes da Lei contidas na narrativa de Êxodo incluem os Dez Mandamentos (capítulo 20), o Livro da Aliança (capítulos 21 a 23) – várias leis que lidam principalmente com relacionamentos entre o

povo – e as instruções referentes ao tabernáculo (capítulos 25 a 31), bem como à sua construção e implementação (35:1 a 40:33).

Conselho específico para a leitura de Êxodo

Qualquer sentimento de confusão durante a leitura desse livro talvez seja consideravelmente atenuado se você tiver uma noção do porquê de sua estrutura geral. Por que há, em especial, instruções sobre a construção do tabernáculo *nessa* narrativa? Por que não esperar até Levítico, quando isso aparentemente se encaixaria melhor? A resposta é que Êxodo narra as questões cruciais que definem Israel como povo em relacionamento com o seu Deus, Javé. À medida que for lendo, portanto, observe em particular três momentos absolutamente determinantes na história de Israel, os quais, ao incorporarem partes da Lei, dão sentido a essa narrativa: (1) a libertação miraculosa do povo escravizado, promovida por Deus; (2) o retorno da presença de Deus ao distinguir seu povo de todos os outros povos da terra; e (3) a dádiva da Lei como meio de estabelecer a aliança de Deus com eles.

Primeiro, o momento crucial determinante, aquele mencionado repetidas vezes por todo o Antigo Testamento e pelo Novo, é o próprio êxodo. Israel é reiteradamente lembrado de que isso aconteceu "porque o SENHOR os amou e por causa do juramento que fez aos seus antepassados. Por isso ele os tirou com mão poderosa e os redimiu da terra da escravidão, do poder do faraó, rei do Egito" (Deuteronômio 7:8); Israel mesmo afirma diversas vezes: "Por isso o SENHOR nos tirou do Egito com mão poderosa e braço forte, com feitos temíveis e com sinais e maravilhas" (Deuteronômio 26:8).

Observe o modo como a narrativa destaca esse evento – a história de Moisés é dada exclusivamente tendo em conta o seu papel no êxodo; a situação desesperadora de Israel é superada pela

intervenção miraculosa de Deus em favor deles; essa é uma vitória divina acima de tudo, sobre faraó e sobre os deuses que ele representa; a vitória de Deus é comemorada com o primeiro de dois hinos de celebração no Pentateuco (15:1-21; veja Deuteronômio 31:30 a 32:43), enfatizando sua grandeza incomparável e seu triunfo na guerra santa. Javé, aqui, "adota" Israel como seu *filho primogênito*, que deve ser liberto para prestar-lhe culto (Êxodo 4:22,23). Observe, enfim, nesse contexto, como a narrativa é interrompida duas vezes, tanto no Egito como na terra prometida (12:1-28; 12:43 a 13:16), a fim de dar instruções sobre a Páscoa (a celebração anual do êxodo) e também para a consagração do primogênito (como um lembrete do resgate divino de seu primogênito, enquanto eles protegiam seus próprios primogênitos).

Segundo, a presença divina, perdida no Éden, está agora restaurada como característica central da existência de Israel. Esse tema começa com o chamado de Moisés no "monte de Deus" (3:1), onde ele "teve medo de olhar para Deus" (3:6), sendo retomado no capítulo 19, quando o povo acampa "diante do monte" (19:2) e experimenta uma espetacular teofania (manifestação visível de Deus), acompanhada de advertências para que ninguém tocasse a montanha. A natureza impressionante desse encontro com o Deus vivo é ressaltada mais adiante por subida de Moisés até Deus (19:3,8,20) e sua descida até o povo (19:7,14,25).

A natureza crucial desse tema pode ser observada especialmente nos capítulos 25 a 40 e ajuda a explicar a repetição sobre o tabernáculo nos capítulos 32 a 34. O tabernáculo deveria assumir o papel da "Tenda do Encontro" (40:6) e, assim, funcionar como o lugar onde o Deus de Israel habitaria no meio deles (depois de "deixar" a montanha, por assim dizer). Desse modo, o desastre no deserto (capítulo 32) é acompanhado do pedido de Moisés para que Javé não os abandone: "Se não *fores* conosco [...] Que mais poderá distinguir a mim e a teu povo de todos os demais povos da face da terra?" (33:15,16, grifo nosso; mais tarde identificado em Isaías

63:7-14 como o Espírito Santo). Note, finalmente, que Êxodo é concluído com a glória de Deus cobrindo o tabernáculo/a Tenda do Encontro, o que significa que os israelitas estão prontos para a jornada até a terra prometida. Ao mesmo tempo, esses capítulos finais (25 a 40) preparam, em particular, o caminho para os regulamentos acerca da adoração e do sacrifício, os quais aparecem no próximo livro, Levítico.

Terceiro, há a entrega da Lei, que tem como peça principal os Dez Mandamentos (capítulo 20), seguidos pelo Livro da Aliança (capítulos 21 a 24). Essas leis, juntas, concentram-se no relacionamento de Israel com Deus e de uns com os outros, de modo que o relacionamento entre o povo é uma expressão do caráter divino experimentado neles. Essa primeira expressão da Lei, na narrativa de Êxodo, prepara o caminho para sua posterior elaboração nos três livros finais do Pentateuco. Sobre a natureza dessas leis e como elas funcionam em Israel, veja *Entendes*, p. 195-216.

É também importante observar que essas leis são padronizadas conforme alianças antigas, conhecidas como "tratados de suserania", em que um conquistador fazia um acordo com os conquistados, concedendo-lhes sua proteção e seu cuidado, desde que obedecessem às prescrições do tratado. Há seis partes em tais alianças:

1. preâmbulo, que identifica o doador da aliança ("O SENHOR, o teu Deus"; 20:2);
2. prólogo, que serve como lembrete do relacionamento do suserano com o povo ("que te tirou do Egito"; 20:2);
3. prescrições, que são várias leis/obrigações da parte do povo (20:3 a 23:19; 25:1 a 31:18);
4. cláusula documental, que prevê leitura periódica e reaprendizado da aliança;

5. sanções, que descrevem as bênçãos e maldições como incentivos à obediência;
6. lista de testemunhas da aliança.

Você observará que apenas os três primeiros desses seis ingredientes da aliança são encontrados em Êxodo. Trata-se somente da primeira porção da aliança plena, que continua em Levítico e Números, sendo concluída, então, ao final de Deuteronômio. No entanto, já em Êxodo, os elementos-chave da aliança são evidentes: (1) a revelação de quem é Deus e do que ele deseja de seu povo e (2) a enunciação da obediência como caminho da lealdade à aliança e, desse modo, da manutenção de suas bênçãos.

Uma caminhada por Êxodo

1:1 a 2:25 – O cenário: crescimento e opressão de Israel no Egito

Aqui, você encontra as duas narrativas principais que compõem o cenário para o êxodo: (1) a multiplicação e a sujeição dos israelitas sob o domínio de faraó, incluindo infanticídio em uma vã tentativa de controlar a população (capítulo 1); (2) o surgimento de Moisés, israelita que cresce como um egípcio privilegiado, mas que se posiciona ao lado de seu povo (2:1-15). Anos mais tarde, como um ancião fora da lei estabelecido no Sinai (2:16-22), ele é o candidato mais improvável ao papel de libertador de Israel (2:23-25), retomando um tema central de Gênesis.

3:1 a 6:27 – O chamado e a incumbência de Moisés

Observe várias características importantes nessa narrativa: a revelação do próprio Deus ao desavisado Moisés, incluindo a divulgação de seu nome (Javé, “aquele que traz à existência”); o anúncio recorrente, feito por Deus, de que viu o sofrimento de seu povo no Egito e pretende libertá-lo pelo seu poder; a resposta

quádrupla “não, obrigado” de Moisés ao chamado; e seu primeiro encontro com faraó, o que gera opressão crescente e rejeição de Israel a Moisés. O surpreendente episódio em 4:24-26 lembra-nos de que Moisés, como pai israelita, não havia sequer circuncidado o próprio filho, tão mal preparado estava para a tarefa.

6:28 a 15:21 – A libertação miraculosa da escravidão

Essa narrativa tem quatro partes, cada uma se misturando à seguinte. Observe-as enquanto lê. Na primeira parte, a confrontação com faraó (6:28 a 11:10), que começa com a vara de Arão tornando-se uma serpente e engolindo as varas dos magos egípcios (talvez ecoando a maldição da serpente no Éden), seguida das nove pragas e do anúncio da décima. Cada uma dessas situações atinge em cheio a idolatria e a arrogância egípcias.

A segunda parte (12:1-30) é uma cuidadosa união entre a instituição da Páscoa e a narrativa efetiva da décima praga. O motivo para a instrução, aqui, é que a refeição da Páscoa deve ser uma celebração anual, na qual o importante evento da libertação é recontado. Note também o prenúncio da redenção por meio do derramamento de sangue, o que, no Novo Testamento, acontece quando o “primogênito” de Deus derrama seu sangue (Colossenses 1:15-20) ao assumir o papel de cordeiro e, desse modo, viver essa experiência em retrospecto.

A terceira parte é a narrativa do êxodo em si (12:31 a 14:31). Repare, sobretudo, em como os lembretes das duas primeiras partes são cuidadosamente encadeados nessa narrativa: ela começa com regulamentações adicionais sobre a Páscoa e a lei do primogênito; a travessia do mar Vermelho envolve uma confrontação final com faraó – e termina com a morte de todo o seu exército. Aqui também, você é apresentado à ideia da *murmuração* (14:10-12; veja 5:21), que se tornará o principal tema da próxima seção da narrativa.

A quarta parte é uma canção de celebração de Moisés, Israel e Miriã (15:1-21). Perceba que ela começa como uma celebração do triunfo de Deus, o Guerreiro, sobre faraó e seus deuses (15:1-12) e conclui antecipando a mesma vitória na conquista de Canaã (15:13-16) e o estabelecimento futuro da presença de Javé em Sião (15:17,18; veja Salmos 68). Talvez seja útil notar com que frequência esse aspecto da vitória divina continuou a ser celebrado nos hinos de Israel (Neemias 9:9-11; Salmos 66:5-7; 78:12,13; 106:8-12; 114:3,5; 136:10-15).

15:22 a 18:27 – A jornada até o monte Sinai

A primeira coisa que você encontra após a grande libertação de Israel é uma série de três episódios no deserto, na qual o povo murmura contra Moisés e, desse modo, testa a Deus (15:22 a 17:7); esses episódios prenunciam muitos momentos assim por todo o restante da história. Segue-se o primeiro encontro deles com a oposição ao longo do caminho (17:8-16), o que também antecipa encontros futuros desse tipo, bem como a liderança futura de Josué. A história de Moisés, quando este recebe o conselho de Jetro sobre liderança compartilhada, especialmente para julgar (capítulo 18), prepara não somente a futura organização das tribos como também as muitas leis no Livro da Aliança (21:1 a 23:19; por exemplo, 21:6,22; 22:8,9).

19:1 a 24:11 – A aliança no Sinai

O prelúdio (capítulo 19) é bastante significativo para a narrativa. Repare como ele começa (19:3-6). Aqui, Deus combina a libertação de Israel, por ele, “sobre asas de águias” (19:4) com o chamado à obediência e a adoção do povo como seu tesouro pessoal (grande parte da linguagem nesses versículos é retomada por autores do Novo Testamento com referência à Igreja). O trecho restante toma a forma de uma grande teofania, com o lembrete da distância terrível entre o Deus santo e vivo e seu povo.

Observe também que Deus entrega os Dez Mandamentos (as “Dez Palavras”; 20:1-17) diretamente ao povo (20:18-21) – um sinal de sua supremacia. Aqui, responsabilidades fundamentais para com Deus e com o próximo são abordadas na ordem apropriada (primeiro “vertical”, depois “horizontal”). Quando o povo pede por comunicação indireta com Deus, a primeira ordem do dia é repetir a injunção contra a idolatria (20:22-26).

O Livro da Aliança (capítulos 21 a 23) dá detalhes a respeito do que os Dez Mandamentos significam na prática. Observe que eles essencialmente cobrem vários aspectos da vida em sociedade – tratamento dos escravos/servos (em primeiro lugar, em conformidade e em contraste flagrante com suas condições no Egito), compensações e penalidades por ferimentos, direito de propriedade, estupro, equidade nas relações com outros e adoração. Encerram-se com uma promessa de orientação divina e de conquista final de Canaã, baseada na obediência do povo à aliança (23:20-33). A aliança é ratificada pelo consentimento de Israel, pela aspersão do sangue e pela refeição teofânica dos anciãos de Israel na presença de Deus (24:1-11).

24:12 a 31:18 – Instruções referentes ao tabernáculo

Ao ler essas instruções, tenha em mente a razão para os muitos detalhes – pois o tabernáculo será o lugar da presença de Deus entre eles. Isso não só é dito explicitamente (25:8,22; veja Levítico 16:2) como também cuida de explicar a ordem das instruções. A arca, onde Javé habita entre os querubins (25:22; veja Levítico 16:2), fica em primeiro lugar, seguida pela mesa sobre a qual estarão “os pães da Presença” (25:30). Todos os demais aparatos, incluindo o altar de bronze e o traje dos sacerdotes, baseiam-se na realidade primordial de que Javé escolheu habitar aqui, na terra, no meio do seu povo. Veja, por exemplo, que a razão de haver um traje dos sacerdotes é “conferir-lhes honra e dignidade” (28:2,40). E, quando você chegar a Levítico, perceberá que a razão para o altar

de bronze são os sacrifícios, para que os sacerdotes possam aproximar-se de Javé em nome do povo. Observe como essa seção termina com uma renovação do mandamento do sábado, que está relacionado especialmente ao “descanso” de Javé (repetido aqui porque é a dádiva de Deus a ex-escravos que trabalhavam o dia todo, todos os dias da semana).

32:1 a 34:35 – Rebelião, transgressão da aliança, renovação da aliança

Verifique o contraste: enquanto Moisés está no topo do Sinai recebendo instruções para o lugar da habitação de Javé entre o povo, seu irmão está embaixo, liderando esse mesmo povo na confecção e na adoração de ídolos (32:1-26) – embora se note que eles estão supostamente adorando Javé (32:5). Uma punição (32:27-29) é acompanhada pela intercessão de Moisés em favor do povo, assegurando a promessa divina de que essa Presença os acompanhará e, desse modo, os distinguirá dos outros povos (32:30 a 33:23). Essa é a importância de incluir, aqui, as breves narrativas sobre a Tenda do Encontro (33:7-11) e a visão (amostra) da glória de Deus (33:18-23). No capítulo 34, a aliança é renovada (34:1-28; um breve resumo do Livro da Aliança [capítulos 21 a 23] está incluído) no contexto de outra teofania significativa. A linguagem da autorrevelação de Javé, nos versículos 4 a 7, é um dos momentos mais importantes na história bíblica, sendo aplicada por todo o restante do Antigo Testamento. A narrativa conclusiva – que tem a ver com Moisés emergindo da Tenda do Encontro com um semblante que irradia a glória de Deus (34:29-35; veja 2Coríntios 3) – antecipa a glória que descerá sobre o tabernáculo quando este estiver concluído (40:34-38).

35:1 a 39:43 – A construção do tabernáculo e seus móveis

Essa extensa repetição dos assuntos nos capítulos 25 a 31 serve também para destacar a importância do tabernáculo como lugar da presença de Javé. Veja que a ordem muda levemente para que o tabernáculo esteja no devido lugar antes que o símbolo da Presença (a saber, a arca) seja construído. Mas o trecho começa com o mandamento do sábado (35:1-3). Nem mesmo algo tão importante quanto a construção do tabernáculo deve prevalecer sobre a dádiva do sábado.

40:1-38 – O tabernáculo é montado e a glória desce

Note como esse evento final, em Êxodo, adota o padrão antecedente: instruções sobre a montagem do tabernáculo (40:1-16) seguidas por sua implementação (40:17-33). Tudo isso para que a glória de Javé – a mesma glória que tanto impressionou os israelitas quando foi vista no monte Sinai – enchesse o tabernáculo (40:34; veja 1Reis 8:10,11), tomando a forma de uma coluna de nuvem de dia e de fogo à noite (40:38), um constante e visível lembrete da presença de Deus com o seu povo.

Êxodo desempenha um papel importante e especial no restante da narrativa bíblica, uma vez que conta a história básica do Deus que salva o seu povo da escravidão, dando-lhe uma Lei, a fim de que se torne o povo da sua

presença. Êxodo também serve de padrão para o “segundo êxodo” prometido em Isaías (especialmente os capítulos 40 a 66) e, desse modo, para a própria “partida” (êxodo) de Jesus, que seria realizada em Jerusalém (Lucas 9:30, como dito na presença de Moisés [!] e Elias).

LEVÍTICO

Dados de orientação para Levítico

- **Conteúdo:** várias leis que refletem a santidade diante de Deus e o amor ao próximo, incluindo sacrifícios, purificação ritual e obrigações sociais, bem como leis, referentes às obrigações sacerdotais dos levitas.
- **Ênfases:** adoração correta, tanto por parte do povo quanto dos sacerdotes; instituição do sacerdócio de Arão; leis que protegem a purificação ritual, incluindo a expiação dos pecados (o Dia da Expiação); leis que regulamentam as relações sexuais, a vida familiar, as punições por crimes graves, as festas e os anos especiais (sábados e jubileus).

Visão geral de Levítico

O título desse livro (derivado do latim *leviticus*, emprestado do grego *levitikon*) significa “pertinente aos levitas” e não apenas descreve adequadamente seus conteúdos básicos como também dá uma pista de por que ele é tão frequentemente desinteressante para leitores contemporâneos – sem mencionar que possui pouca narrativa (capítulos 8 a 10; 24:10-23 são as exceções). Mas, com uma pequena ajuda, você pode chegar a uma compreensão básica de seu conteúdo e de seu lugar na narrativa do Pentateuco, mesmo que não entenda a natureza de (e a razão para) algumas das leis (para isso, você talvez deseje consultar um bom comentário; por exemplo: Gordon J. Wenham, *The Book of Leviticus* [O livro de Levítico], em inglês [veja *Entendes*, p. 195]).

É importante observar que Levítico continua precisamente do ponto em que Êxodo parou, com o Senhor falando a Moisés “da

Tenda do Encontro", dizendo: "Diga o seguinte aos israelitas [...]." Daqui em diante, a mudança de uma seção para outra é sinalizada pela frase "O SENHOR disse [ordenou] a Moisés" (4:1; 5:14; 6:1,8 e assim por diante). Não será surpresa, portanto, descobrir que a primeira parte principal do livro (capítulos 1 a 16, comumente conhecida como o Código Levítico) tem a ver, em essência, com regulamentações, apresentadas próximo do fim de Êxodo, para as pessoas e os sacerdotes diretamente relacionados ao tabernáculo (capítulos 25 a 31; 35 a 40).

Esse código é definido claramente. Começa com ofertas do povo (1:1 a 6:7), seguidas por instruções aos sacerdotes (6:8 a 7:38). Essas são acompanhadas (logicamente) pela instituição do sacerdote aarônico (capítulos 8 e 9) e do juízo sobre dois dos filhos de Arão que pensaram poder fazer as coisas do seu jeito (10:1-7), além de mais instruções para os sacerdotes (10:8-20). A próxima seção (capítulos 11 a 15) começa com uma nova rubrica: "Disse o SENHOR a Moisés *e a Arão*" (11:1, grifo nosso; veja também 13:1; 14:33; 15:1, e em nenhum outro lugar, senão em Levítico). Aqui, você encontra leis que lidam especialmente com purificação ritual (pureza) – a fim de evitar o que aconteceu aos dois filhos de Arão. Também aparece, aqui, pela primeira vez, uma ordem muito importante: "[...] sejam santos, porque eu sou santo" (11:44,45), seguida, apropriadamente, pela instituição do Dia da Expiação (capítulo 16).

O que se segue (capítulos 17 a 25) é comumente conhecido como o Código de Santidade, regido pelo repetido encargo: "sejam santos, porque eu sou santo" (começando em 19:2 e seguindo por todo o livro). Mas, agora, uma parte significativa de ser santo é "ame cada um o seu próximo como a si mesmo" (19:18). Desse modo, a seção é uma coletânea de leis que lidam com o relacionamento de uma pessoa com Deus e com os outros. Ao final, encontram-se exigências para o sábado e os anos de jubileu (capítulo 25), enquanto o livro se encerra com bênçãos e maldições a respeito da

aliança (capítulo 26), o que fornece uma conclusão formal para a estrutura da aliança que começou em Êxodo 20. O livro conclui com um apêndice sobre votos e dízimos (capítulo 27).

Conselho específico para a leitura de Levítico

Para aproveitar ao máximo a leitura, você precisa lembrar-se de duas coisas: (1) essas leis são parte da aliança divina com Israel e, portanto, não são apenas ritos religiosos, mas têm a ver com *relacionamentos*; (2) Levítico é parte da *narrativa maior* do Pentateuco e deve ser entendido à luz do que lhe precede e do que vem a seguir.

Retomando o segundo ponto: assim como as partes normativas de Êxodo fazem sentido quando você enxerga o lugar delas na narrativa maior, é preciso ver Levítico como uma expressão mais extensa disso, antes de a narrativa ser retomada em Números. Crucial, aqui, é o fato de que Israel ainda está acampado ao pé do Sinai – uma área desértica –, onde passará um ano inteiro sendo moldado até tornar-se povo antes que Deus o conduza rumo à conquista de Canaã. Ali, eles precisarão de dupla proteção – tanto de doenças de vários tipos quanto uns dos outros! Assim, para que esses indivíduos, que cresceram na escravidão, sejam formados como povo de Deus, há uma grande necessidade de colocar em ordem dois conjuntos de relacionamentos, a saber, com Deus e uns com os outros. Observe, então, que Levítico continua com o mesmo ordenamento de coisas encontrado nos Dez Mandamentos (primeiro vertical, depois horizontal).

O aspecto pactual dessas várias leis é sua característica mais importante. Lembre-se das partes da aliança verificadas em nosso capítulo sobre Êxodo (p. 35). Deus soberanamente libertou essas pessoas da escravidão, trazendo-as ao Sinai; ali, prometeu fazer delas seu “tesouro pessoal” dentre todas as nações da terra (Êxodo

19:5), portanto elas também serão para ele “reino de sacerdotes e uma nação santa” (Êxodo 19:6). Ou seja, o papel dessas pessoas como um “reino” é servir de sacerdotes de Deus para o mundo, e, para isso, devem carregar sua semelhança (“sejam santos, porque eu sou santo”). Assim, Deus faz um pacto para abençoá-las (Levítico 26:1-13); o que ele exige é que, embora sejam seu tesouro pessoal, mantenham uma santa reverência e obediência a ele. Assim, quanto a isso, repare com que frequência, especialmente nos capítulos 18 a 26, a exigência é pontuada com as palavras “Eu sou o SENHOR [Javé]” ou “Eu sou o SENHOR, o Deus de vocês”.

Desse modo, o primeiro conjunto de leis em Levítico tem a ver com que “façam o correto” quando se achegarem a Deus com vários sacrifícios. Você notará que não lhes foi falado sobre o significado dos sacrifícios (o que já sabiam), mas sobre como fazê-los de maneira apropriada – apesar de ser possível inferir algumas coisas sobre seu significado com base nessas descrições. A natureza pactual desses sacrifícios aparece de três maneiras: primeiro, o sacrifício constitui um *presente* da parte dos adoradores ao seu Senhor da aliança; segundo, alguns dos sacrifícios implicam *comunhão* da parte do adorador para com Deus; terceiro, o sacrifício às vezes funciona como forma de curar uma ruptura no relacionamento – uma forma de *expiação*.

Assim também ocorre com as leis de purificação. Aqui, a preocupação novamente é que o povo tenha uma noção apropriada do que significa para Deus estar presente no meio deles (veja 15:31). A questão, no caso, consiste em quem pode estar no acampamento (em cujo centro habita o próprio Deus) e quem deve permanecer do lado de fora (porque está impuro). Incluída está a separação de determinados animais e insetos que são puros ou impuros. No cerne de tudo isso está o fato de que “Deus é santo”, portanto seu povo também deve ser santo.

Santidade, porém, não lida apenas com ritos e pureza. A santidade divina é especialmente vista em sua compaixão amorosa, a qual fez dos israelitas seu povo. Assim, as leis – em particular no Código de Santidade – exigem que o povo de Deus carregue a semelhança divina nesse contexto. Uma vez que os israelitas foram jogados (de maneira muito ordeira, é claro!) nesse acampamento tão apertado no meio do qual Deus habita, eles devem demonstrar o caráter divino em seus relacionamentos uns com os outros. Dessa forma, embora esse código também contenha mais leis sobre "relacionamento com Deus", ele está preocupado, em essência, em como as pessoas na comunidade tratam umas às outras. E isso inclui tratá-las com justiça e misericórdia, motivo pelo qual a coletânea termina com o sábado e os anos de jubileu, a fim de que a terra também possa "descansar" e de que possa haver um tempo para proclamar "libertação [...] a todos" no sábado dos anos sabáticos (25:10).

Se você procurar por esses momentos pactuais ao ler essas leis, talvez perceba que são uma experiência muito mais interessante do que jamais esperou que fossem.

Uma caminhada por Levítico

1:1 a 7:38 – Instruções para as cinco ofertas

Você precisa saber que as ofertas (sacrifícios) de Israel eram elementos regularmente cruciais nas refeições simbólicas. Uma porção do sacrifício era queimada sobre o altar, representando a parte de Deus, mas o restante era consumido pelos adoradores e sacerdotes como uma refeição de comunhão – uma refeição na casa de Deus, na presença de Deus (veja Deuteronômio 14:22-29), tendo Deus como convidado (veja Salmos 23:5,6; note "a mesa do SENHOR" em 1Coríntios 10:21). Trata-se de algo especialmente importante na leitura das leis sobre ofertas, uma vez que o que se descreve não é a função ou o significado delas, mas como prepará-

las apropriadamente. Nem todos os sacrifícios eram pelos pecados. Algumas ofertas eram para comunhão e tinham diferentes funções pactuais.

Observe que somente o holocausto (capítulo 1) era dedicado inteiramente a Deus e, desse modo, queimado por completo como expiação pelo pecado. De novo, o princípio era este: se você estiver vivo, algo deve morrer em seu lugar (veja Êxodo 12:1-30). Levítico 2 descreve a oferta de manjares (várias opções com os ingredientes óleo e farinha em uma refeição balanceada). O capítulo 3 aborda a oferta pacífica (às vezes traduzida como “oferta de comunhão”), que era uma oferta animal, com o propósito geral de manter alguém em comunhão com Deus. A oferta pelo pecado (também de “reparação”, 4:1 a 5:13) fornecia expiação pelo pecado acidental, uma vez que a “transgressão” não está limitada à desobediência intencional. Finalmente, a oferta pela culpa (às vezes chamada de “restituição”), em 5:14 a 6:7, fornecia um meio de compensar a transgressão. O restante da seção (6:8 a 7:38) analisa o papel dos sacerdotes na supervisão das cinco ofertas, bem como a prescrição de sua parte do sacrifício animal.

8:1 a 10:20 – O sacerdócio começa

Visto que os sacerdotes essencialmente representavam Deus diante do povo e o povo diante de Deus, Arão e seus filhos foram ordenados a suas tarefas (capítulos 8 e 9), e os primeiros sacrifícios oficiais de Arão foram enumerados. Observe que seus filhos falharam em seguir regras claras e morreram, o que mostra a importância que Deus dava à adoração apropriada, mais adiante enfatizada em várias ordens de Moisés (capítulo 10).

11:1 a 16:34 – Sobre purificação e impureza

Você precisa saber que *puro*, aqui, significa aceitável para Deus na adoração. *Impuro* significa inaceitável para Deus e banido do tabernáculo ou, às vezes (no caso de doenças de pele), do próprio

acampamento. A mistura de comida, saúde, higiene e leis rituais tem como objetivo ajudar o povo da aliança a mostrar que pertence a Deus e a refletir a pureza divina (santidade; 11:44,45). As leis parecem ser, em parte, uma questão de simples higiene e, em outra, obediência simbólica, mas sempre à luz da presença de Deus (15:31).

Desse modo, certos animais, por razões desconhecidas, são impuros (capítulo 11). O parto (capítulo 12) e algumas doenças (capítulo 13) exigem purificação ritual (capítulo 14) antes que alguém seja restaurado à pureza. Os israelitas deveriam considerar impuros quaisquer fluxos corporais (capítulo 15; talvez porque, em geral, esses fluxos sejam pouco higiênicos). O Dia da Expiação (capítulo 16) era um dia solene e especial de perdão, e não somente purificava o povo de seu pecado como também purificava o próprio tabernáculo, preservando-o como um lugar santo para adoração.

17:1 a 25:55 – O Código de Santidade

Note que a primeira parte (17:1 a 20:27) se concentra na santidade pessoal e social na vida cotidiana. Ela começa com proibições sobre sacrifícios não regularizados e o beber do sangue (17:1-16), com o objetivo de combater as práticas cananeias (idolatria e consumo de sangue, na tentativa de capturar a força vital nele contida; veja Atos 15:20,29; 21:25); então, seguem-se regras sobre comportamento sexual (capítulo 18) e de boa vizinhança, o que significa verdadeiramente cuidar dos outros, e não apenas daqueles que vivem em proximidade (capítulo 19). Aqui ocorre, pela primeira vez, o mandamento do amor, “ame cada um o seu próximo como a si mesmo” (19:18), retomado por Jesus (Marcos 12:28-34 e paralelos) e seus seguidores (por exemplo, em Romanos 13:8-10). Veja como as punições por crimes graves, em Levítico 20, respondem diretamente às proibições no capítulo 18.

Com o capítulo 21, observe a mudança de volta à santidade nas questões de observância religiosa – regras para sacerdotes

(capítulo 21); para a oferta apropriada e o consumo de sacrifícios (capítulo 22); para a observância de festas religiosas, tanto semanais (sábado) quanto anuais (capítulo 23); e para óleo de lâmpada e oferta de pão no tabernáculo (24:1-9).

Finalmente, em 24:10-23, você chega a outra narrativa – sobre punição por blasfêmia (amaldiçoar a Deus) –, usada para introduzir prescrições por vários crimes. No final de Levítico há leis referentes ao sétimo (sabático) e ao quinquagésimo (jubileu) anos, as quais davam perdão aos endividados ou escravizados (capítulo 25), e um descanso também para a terra.

26:1-46 – Sanções pactuais

Essas sanções (bênçãos e maldições como incentivos para se manter a aliança) concluem a aliança do Sinai e antecipam seu desfecho em Deuteronômio 27 e 28.

27:1-34 – Leis de redenção

Esse apêndice lida com os votos de pessoas remidas, os quais foram prometidos a Deus, e com a devolução de dízimos (bens materiais pertencentes a Deus).

> Levítico é a parte da história de Deus em que os israelitas recebem instruções sobre como ser santos, como ser verdadeiramente

aceitáveis a Deus e como ter bom relacionamento com os outros – o que não poderiam alcançar sem a provisão especial de Deus.

NÚMEROS

Dados de orientação para Números

- **Conteúdo:** a longa permanência dos israelitas no deserto, enquanto viajam do monte Sinai até as planícies de Moabe, com leis pactuais complementares.
- **Cobertura histórica:** quarenta anos, período no qual morreu a geração que partira do Egito.
- **Ênfases:** preparação para a conquista militar da terra prometida; lealdade divina à aliança com Israel acerca da terra; fracasso repetido de Israel em manter a aliança com Deus; liderança divina do povo e afirmação da liderança de Moisés; preparativos para a entrada e para a adoração na terra prometida; conquista da terra e assentamento a leste do rio Jordão.

Visão geral de Números

Se Levítico tende a ser um livro desinteressante para os leitores contemporâneos, Números, então, deve ser um dos mais difíceis em termos de “o que se passa?”. O problema, para nós, é que ele consiste em uma enorme mistura de coisas – narrativa, leis adicionais, listas de recenseamento, oráculos de um profeta pagão, a famosa bênção aarônica –, e não é fácil enxergar como tudo se encaixa.

Números essencialmente registra a peregrinação de Israel pelo deserto, do monte Sinai até seu acampamento nas planícies de Moabe (na costa leste do rio Jordão), pronto para a conquista. Mas é a segunda geração que acaba no lado leste – porque a geração do êxodo recusou-se a entrar pela rota mais direta, ao sul (em Cades), e, assim, foi julgada por Deus indigna de ingressar na terra.

As narrativas de viagem básicas são encontradas em 9:15 a 14:45 (do Sinai até Cades, incluindo a recusa em entrar e a declaração do juízo divino) e em 20:1 a 22:1 (de Cades até as planícies de Moabe, ao longo do Jordão).

Há quatro outras seções principais de narrativa, as quais têm funções ligeiramente diferentes: (1) 7:1 a 9:14 registram os preparativos para a jornada; (2) os capítulos 16 e 17 falam da questão da liderança de Moisés e de Arão, dada por Deus e reconhecida pelo povo; (3) o ciclo de Balaão (22:2 a 24:25) e a sedução em Sitim com Baal-Peor (capítulo 25) antecipam o cumprimento da concessão da terra por Deus e a própria capacidade do povo, no entanto, de ser seduzido pela idolatria cananeia; (4) os capítulos 31 a 36 narram eventos ocorridos na margem leste, enquanto o povo se prepara para a conquista.

Intercaladas entre essas narrativas, mas ao mesmo tempo acrescentando significado a elas, há duas listas de recenseamento (capítulos 1 e 2; 26 e 27), mais uma genealogia/descrição da família de Arão e dos levitas (capítulos 3 e 4), bem como várias coletâneas de leis (capítulos 5 e 6; 15, 18 e 19; 28 e 30), a maioria retomando itens do Código Levítico (Levítico 1 a 16; 21 e 22).

Esta, então, é a essência de Números: a jornada ao limiar da terra prometida e outras leis complementares, referentes à adoração apropriada. A questão é: Pode-se entender o arranjo desse livro como narrativa?

Conselho específico para a leitura de Números

A fim de apreciar como a narrativa de Números funciona (tanto a jornada quanto os vários assuntos que a circundam), você precisa lembrar-se de diversos aspectos de Gênesis e Êxodo.

Primeiro, a principal força motriz por trás de tudo é a promessa/aliança de Deus com Abraão de que a semente deste

herdaria a terra de Canaã. É isso o que mantém a narrativa fluindo em todas as suas partes. E Deus promoverá o cumprimento dessa promessa pactual, mesmo diante da relutância e da desobediência de Israel.

Segundo, a conquista da terra envolve o segundo estágio da guerra santa. O primeiro – contra faraó, em Êxodo –, embora liderado por Moisés, foi realizado por Deus, o Divino Guerreiro, por meio de uma intervenção miraculosa. Nesse segundo estágio, Deus espera que seu povo esteja envolvido. Ele os resgatou da escravidão para torná-los seu próprio povo e colocá-los na terra, mas eles devem tomar posse da conquista dessa terra. Isso explica as duas listas de recenseamento, as quais enumeram os homens que podem lutar e colocam as tribos em formação de batalha ao redor do tabernáculo. A lista inicial (da qual deriva o nome Números) prepara a primeira geração para a conquista por intermédio de Cades; a seguinte prepara a segunda geração para a conquista por intermédio da Transjordânia. Esse tema também explica as várias narrativas finais, incluindo a sucessão de Josué (27:12-23) e os diversos assuntos abordados nos capítulos 31 a 36, os quais antecipam a conquista.

Terceiro, lembre-se de que, em Gênesis 12:7, imediatamente após receber a promessa da terra, Abraão erigiu um altar ao Senhor. Ao ler, agora, as várias porções de lei entremeadas nessa narrativa, você descobrirá que elas enfatizam, em especial, o relacionamento dos israelitas com seu Deus. Assim, o papel central do tabernáculo e as questões sacerdotais, em Números, continuam a concentrar-se em duas preocupações anteriores no Pentateuco até este ponto: a *presença* de Deus no meio do seu povo – tanto o estar com eles quanto a orientação divina para a jornada – e a *adoração* apropriada a Deus, uma vez assentados na terra.

Por fim, o povo de Deus não se sai bem em Números. É difícil não notar a natureza implacável de suas reclamações e de sua

desobediência. Na verdade, com exceção da bênção futura que Deus anuncia por meio de um profeta pagão, é raro uma boa palavra sobre eles em toda a narrativa. As reclamações contra Deus e seu líder escolhido, Moisés, que começaram em Êxodo 15:22 a 17:7 – e outras mais –, são repetidas aqui (capítulos 11 e 12; 14; 16 e 17; 20:1-13; 21:4-9). Simplesmente não é divertido de ler. No Novo Testamento, a desobediência dos israelitas serve como advertência para nós (1Coríntios 10:1-13; veja Hebreus 3:7-13); no Antigo Testamento, embora os pecados do povo sejam expressamente lembrados, também o é a "grande compaixão" divina por eles (Neemias 9:16-21; veja Salmos 78:14-39; 106:24-33,44-46; consulte também o convite e a advertência em Salmos 95).

Assim, ainda que a narrativa tenha algumas mudanças abruptas de foco, Números carrega o fardo do Pentateuco em grande estilo. Não é possível esquecer que, apesar dos desvios de Israel, esta é a *história de Deus* acima de tudo, e Deus cumprirá sua parte na aliança com Abraão acerca da semente desse profeta como herdeira da terra. A questão é se Israel cumprirá sua aliança com Deus – e Números lembra constantemente que a provisão divina está sempre à mão, a fim de que eles façam sua parte.

Uma caminhada por Números

1:1 a 2:34 – O recenseamento no Sinai

Essa introdução a Números divide-se em duas partes: (1) o recenseamento e (2) o arranjo das tribos em torno da Tenda do Encontro (o lugar da presença de Deus). Observe que o recenseamento é para "todos os homens que possam servir no exército, de vinte anos para cima" (1:3), e que o arranjo das tribos se conclui, em cada caso, com: "O número total dos homens recenseados do acampamento de [...]." Esses são os preparativos para o engajamento desses homens na guerra santa; ex-escravos estão sendo transformados em um exército.

3:1 a 4:49 – A história dos levitas

Observe como essa seção começa com a fórmula do tema narrativo de Gênesis (“Esta é a história de [...]”). Ao lê-la, lembre-se, antes, de duas coisas: (1) o papel central da Tenda do Encontro com sua arca da aliança, o lugar da presença de Deus, para a jornada até Canaã (e além); e, (2) ao fazer uma aliança com Israel no Sinai (onde eles ainda estão), Javé adotou-os como um “reino de sacerdotes e uma nação santa” (Êxodo 19:6). Daí a razão para esse material: isso é parte do que os torna “reino de sacerdotes”, uma nação separada para Deus.

5:1 a 6:27 – Purificação do acampamento

Repare como essa seção está estruturada em torno da rubrica de Levítico: “O SENHOR disse a Moisés” (Números 5:1,5,11; 6:1,22), e Moisés, por sua vez, deve instruir o povo. Lembre-se também do chamado do povo para que seja uma “nação santa”. Desse modo, a narrativa sobre a purificação do acampamento (5:1-4) é seguida por três conjuntos de leis: (1) a restituição por danos (5:5-10; as pessoas devem estar em consonância umas com as outras); (2) pureza/fidelidade no casamento (5:11-31; mantendo santa a “semente” pura); (3) os nazireus, leigos que se dedicam ao serviço de Deus, como ilustrações especiais do chamado santo de Israel (6:1-21). A seção é concluída com a bênção aarônica (6:22-27), uma reafirmação da promessa da aliança de Deus, enquanto os israelitas vislumbram a terra prometida.

7:1 a 9:14 – Preparativos finais para a partida

Note como o primeiro versículo do capítulo 7 retoma Êxodo 40:2, de modo que cada parte dessa seção lida com os preparativos finais para a jornada do povo. Tudo agora se concentra no tabernáculo, no lugar do sacrifício (adoração) e da presença de Deus. Dessa forma, a narrativa prossegue da dedicação do altar (7:1-89), a qual se estende por doze dias, passando pela preparação das lâmpadas

(8:1-4) e pela purificação dos levitas (8:5-26), até a celebração da Páscoa, enquanto estavam de partida (9:1-14; veja Êxodo 12).

9:15 a 14:45 – Do Sinai até Cades

Israel está, agora, pronto para seguir, então observe como essa narrativa começa: com o lembrete da presença de Deus em Êxodo 40:34-38, simbolizada especialmente pela nuvem que os guiaria (9:15-23) e pelo soar das trombetas (10:1-10). E, assim, eles partem em formação de batalha (10:11-28). Veja também como cada dia termina: com um chamado para que Deus, o Divino Guerreiro, os conduza na batalha e se volte para Israel (10:35,36).

É difícil não notar a ênfase no restante da narrativa (11:1 a 14:45): Israel reclama com Deus e rejeita a liderança de Moisés. Veja quanto disso relembra Êxodo 15:22 a 18:27 e 23:1 a 34:35, em que Israel reclama, em vez de oferecer louvor e gratidão a Deus, e o SENHOR lhes dá aquilo de que necessitam, mas também os julga; a intercessão de Moisés pelo povo (em Números 14:18, relembrando as palavras de Êxodo 34:6,7); os setenta anciãos,[3] que agora também antecipam a profecia do poder do Espírito em Israel; a reafirmação da liderança de Moisés por Deus. Observe, ainda, os papéis cruciais de Josué e Calebe (de Efraim [o reino do norte] e Judá [o reino do sul]). Suas histórias vão continuar (Números 27:12-23; o livro de Josué; Juízes 1:1-26), assim como os papéis das duas tribos que eles representam (1 e 2Reis).

15:1-41 – Leis suplementares

Uma vez que a geração seguinte *entrará* na terra prometida, essa seção registra a entrega da Lei por Deus ao seu povo, antecipando tal ocasião. Note que ela inclui provisões mesmo para pecados involuntários, não importando como a falha ocorra. Observe também como a morte de um violador do sábado (15:32-36) leva adiante o tema da obediência à aliança, tanto do início da história como um

todo (Gênesis 2:1-3) quanto do início da aliança em si (Êxodo 20:8-11).

16:1 a 19:22 – A crise da liderança e do sacerdócio

A parte narrativa dessa seção (capítulos 16 e 17) tem a ver com o fato de Moisés liderar o povo escolhido e Arão ser o sumo sacerdote desse povo. Esse segundo assunto também explica a colocação, aqui, da porção correspondente à Lei (capítulos 18 e 19).

20:1 a 25:17 – De Cades até as planícies de Moabe

Ao ler essa porção da narrativa da jornada, perceba várias pistas narrativas. (1) As mortes de Miriã e Arão (20:1,22-29) indicam que os quarenta anos estão chegando ao fim e que a transição para a próxima geração está começando. (2) A recusa de Edom (descendentes de Esaú, irmão de Jacó/Israel) em permitir que Israel passe por suas terras marca o princípio de uma longa história de inimizade (veja o livro de Obadias). (3) As derrotas do rei cananeu de Arade (21:1-3) e dos reis amorreus (21:21-35) marcam o princípio das vitórias de Israel na guerra santa e antecipam o livro de Josué; é de certa importância que a primeira vitória (sobre Arade; 21:1-3) elimine um inimigo que os havia derrotado uma geração antes (Números 14:45; veja Josué 12:14). (4) O ciclo de Balaão (capítulos 22 a 24) e sua sequência – a imoralidade cultual a Baal-Peor (capítulo 25) – recapitulam o enredo até esse ponto e antecipam o restante da história do Antigo Testamento. Observe especialmente como o ciclo de Balaão é contado com escárnio, um toque de humor (uma mula fala, e Balaão acha razoável responder!) e ironia, enquanto Deus usa um profeta pagão (!) para anunciar o garantido cumprimento divino de sua aliança, ainda que muitos em Israel tenham caído na armadilha da prostituição cultual e da idolatria.

26:1 a 36:13 – Em Moabe: preparativos para a entrada na terra

De novo, observe as várias dicas, na narrativa, que dão importância a essa seção e antecipam a posse da terra. (1) O segundo recenseamento (capítulo 26) reafirma a promessa divina de que a nova geração entrará, de fato, na terra prometida, assim como o faz a repetição dos estágios da jornada em 33:1-49. (2) Várias questões de sucessão e de herança (capítulos 27, 32 e 34 a 36) reafirmam a promessa de Deus de uma longa estada na terra, como o faz (3) a repetição (e a valorização) do ciclo anual de festejos de adoração (capítulos 28 e 29). (4) A vingança contra os midianitas (capítulo 31) antecipa a longa história de sucesso e de fracasso em Juízes (veja Números 33:50-56). (5) A santidade do povo e da terra deve ser preservada (capítulo 35), porque é “a terra [...] onde eu habito, pois eu, o SENHOR, habito entre os israelitas” (35:34).

A parte substancial da narrativa de Israel que encontramos registrada em Números teve uma longa história na memória dessa nação (Deuteronômio 1 a 4; Neemias 9; Salmos 78, 105, 106, 135; Atos 7), enfatizando a fidelidade de Deus para com o seu povo, a despeito des se revelarem muito faltosos.

Essa história continua a ser cantada na Igreja Cristã.

DEUTERONÔMIO

Dados de orientação para Deuteronômio

- **Conteúdo:** reiteração da aliança para uma nova geração de israelitas logo antes da conquista.
- **Cobertura histórica:** as últimas semanas em que estiveram a leste do Jordão.
- **Ênfases:** a unicidade e a singularidade de Javé, o Deus de Israel, sobre todos os outros deuses; a aliança de amor de Javé com Israel ao torná-lo seu povo; a soberania universal de Javé sobre todos os povos; Israel como modelo de Javé para as nações; a importância do santuário central onde Javé deve ser adorado; a preocupação de Javé com a justiça – que o povo reflita o seu caráter; as bênçãos da obediência e os perigos da desobediência.

Visão geral de Deuteronômio

Assim como em Gênesis, dois tipos de estrutura estão simultaneamente evidentes em Deuteronômio. Primeiro, há uma estrutura concêntrica (quiástica) no livro, que olha atrás, para o princípio, e à frente, para o fim. Desse modo:

A – Estrutura exterior: um olhar para trás (capítulos 1 a 3)

B – Estrutura interior: a grande exortação (capítulos 4 a 11)

C – Núcleo central: as condições da aliança (capítulos 12 a 26)

B* – Estrutura interior: a cerimônia da aliança (capítulos 27 a 30)

A* – Estrutura exterior: um olhar para a frente (capítulos 31 a 34)

Note com que facilidade você poderia ler cada uma das duas partes de ambas as seções estruturais como narrativa contínua: capítulos de 1 a 3 e de 31 a 34; capítulos de 4 a 11 e de 27 a 30. A primeira parte da estrutura exterior (A) repete a narrativa essencial de Números, até o trecho em que Moisés é proibido de entrar na terra; a segunda parte (A*) retoma bem desse ponto e conclui com a indicação de Josué, depois o cântico de Moisés, sua bênção e sua morte. A estrutura interior (B), que chama Israel à devoção absoluta a Deus, conclui com o *anúncio* de que Deus está colocando diante do povo "a bênção e a maldição" (11:26); a segunda parte (B*) retoma bem desse ponto, ao oferecer o *conteúdo* das maldições e das bênçãos.

Essa percepção sobre como Deuteronômio funciona também destaca sua segunda característica estrutural: apresenta essa reafirmação da aliança divina (para a nova geração) no estilo de um tratado/pacto de suserania do antigo Oriente Próximo (veja *Conselho específico para a leitura de Êxodo*, p. 36), com preâmbulo, prólogo, condições, cláusula documental, sanções e testemunhas. Esses três últimos itens suplementam e reiteram os três elementos finais da aliança, descritos de Êxodo 20 a Levítico 27.

Desse modo, como uma reafirmação da aliança, Deuteronômio começa com um *preâmbulo* e um *prólogo histórico* (capítulos 1 a 4), olhando tanto para o passado quanto para o futuro. Deus foi fiel no passado, recompensando Israel por sua fidelidade e, da mesma forma, punindo-o pela infidelidade. Agora, eles devem novamente comprometer-se em ser o seu povo. As *condições* (capítulos 5 a 26) começam com uma reafirmação dos Dez Mandamentos, enquanto as leis nos capítulos 12 a 26 tendem a seguir sua ordem vertical/horizontal, tendo a ver, primeiro, com o relacionamento de um indivíduo com Deus e, depois, de uns com os outros. As *cláusulas documentais*, lembretes dos termos da aliança, encontram-se principalmente nos capítulos 27 e 31, unidas de imediato por uma longa lista de bênçãos e maldições (prosa nos

capítulos 28 e 29 e poesia em 32 e 33), servindo de *sanções* da aliança. Finalmente, há três tipos de *testemunhas* da aliança: “o céu e a terra” (4:26; 30:19,20), o cântico de Moisés (31:19; 31:30 a 32:43) e as palavras da própria Lei (31:26).

Nessa perspectiva, a morte de Moisés e a sucessão de Josué à liderança (capítulo 34) formam um tipo de epílogo – não parte da aliança em si, mas uma narrativa que conecta Deuteronômio ao livro de Josué, que o sucede.

Conselho específico para a leitura de Deuteronômio

Deuteronômio talvez tenha tido mais influência sobre o restante da história bíblica (tanto do Antigo quanto do Novo Testamento) do que qualquer outro livro das Escrituras. A continuação da história de Israel (Josué-Reis) é escrita, em grande parte, dessa perspectiva, de modo que essa porção da história passou a ser chamada de História Deuteronômica. Deuteronômio igualmente teve influência considerável sobre os profetas de Israel e Judá, em particular Isaías e Jeremias, e por meio deles influenciou profundamente as principais figuras do Novo Testamento (em especial Jesus e Paulo).

Ao ler Deuteronômio, você vai se deparar com o que move esse livro do começo ao fim: um monoteísmo inflexível aliado a uma preocupação igualmente profunda em relação à lealdade de Israel a Javé (“o SENHOR”), o seu Deus. Isso aparece de muitas maneiras, mas é preponderante na *Shemá* (6:4,5), que se tornou a marca registrada do judaísmo e é identificada por Jesus como “o primeiro mandamento”: “Ouça, ó Israel: O SENHOR, o nosso Deus, é o único SENHOR. Ame o SENHOR, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças.” A razão pela qual eles devem amar Javé dessa maneira é o fato de Javé os ter amado primeiro, quando eram escravos e desvalorizados:

> O SENHOR não se afeiçoou a vocês nem os escolheu por serem mais numerosos do que os outros povos [...]. Mas foi porque o SENHOR os amou e por causa do juramento que fez aos seus antepassados. Por isso ele os tirou com mão poderosa e os redimiu da terra da escravidão, do poder do faraó, rei do Egito (7:7-8; veja 4:37).

Desse modo, tudo é baseado no amor e na fidelidade de Javé e em suas ações, que fluem desse amor e dessa fidelidade.

Essa preocupação, por sua vez, representa as outras características distintas no livro – três em particular estão intimamente aliadas a essa primeira. Atente ao seguinte:

1. O lembrete constante de que Israel está perto de possuir "a terra" (uma palavra que aparece inúmeras vezes em Deuteronômio). Deus, em seu amor, está a ponto de cumprir o juramento que fez a Abraão. Mas a terra, no momento, está sob controle dos cananeus.
2. A incansável exigência de que, ao entrar na terra, Israel não somente evite a idolatria, mas destrua completamente os lugares de culto cananeus, bem como os povos cananeus. Se os israelitas não fizerem isso, a idolatria cananeia destruirá a razão de ser de Israel. Esse tema começa no prólogo histórico (2:34; 3:6) e continua como uma requisição divina por todo o livro (7:1-6,23-26; 12:1-3; 13:6-18; 16:21 a 17:7; 20:16-18; veja 31:3). Para Israel, a única esperança de bênção das nações (4:6) é destruir todas as formas de idolatria e andar nos caminhos de Deus, que os redimiu para que fossem o seu povo (5:32,33).
3. A exigência de que adorem regularmente em um santuário central, "o lugar que o SENHOR, o seu Deus, escolher como habitação do seu Nome" (12:11). Isso é reconhecido quando se percorre o tema da presença de Deus no tabernáculo em seu novo assentamento na terra prometida. Repare com que frequência esse tema, que começa em 12:5, é repetido posteriormente (12:11,14,18,26; 14:23-25; 15:20; 16:2-16; 17:8-

10; 26:2). Javé, o único Deus, habitará no meio de seu único povo em um único lugar; ele não é como muitos deuses pagãos que podem ser adorados em diversos lugares altos por toda a terra.

Por que essas questões são tão importantes? Porque toda a história bíblica depende delas. Não está em jogo simplesmente uma escolha entre Javé e Baal – embora isso também esteja envolvido –, mas o sincretismo, isto é, pensar que Javé possa ser adorado na forma de (ou com) Baal e Astarote (Aserá), os deuses cananeus da fertilidade. Uma vez que Javé é o único Deus, e não muitos – como são os deuses pagãos –, ele não deve ser adorado nos lugares altos onde Baal e Astarote eram adorados; e, uma vez que Javé fez os seres humanos para que apenas refletissem a sua imagem (Gênesis 1:26,27), não tendo Javé a mesma "forma" (o segundo mandamento), eles não devem pensar que os seres humanos possam, de alguma maneira, atribuir-lhe uma forma (veja especialmente Deuteronômio 4:15-20). Você notará como essa questão é recorrente por todo o restante da história, passando por 2Reis e permanecendo como traço predominante nos livros dos profetas.

Dois itens finais: o amor de Deus por seu povo, ao redimi-lo e torná-lo exclusivamente seu, dando-lhe "esta boa terra" (9:6), também está por trás da natureza especial do Código da Lei em Deuteronômio (12:1 a 26:19). Observe como o código segue o padrão dos Dez Mandamentos, começando com exigências sobre amar a Deus (capítulos 12 e 13) e continuando com várias leis sobre dias sagrados e o amor ao próximo (capítulos 14 a 26). Mas note, em particular, com que frequência o povo de Deus é chamado a incluir "o pobre e o necessitado" (veja 15:11; 24:14), o que em Deuteronômio, especificamente, toma a forma de "o estrangeiro, o órfão e a viúva" e, às vezes, inclui "o levita" (26:13). O denominador comum é que nenhum destes possui terra no meio de um povo cuja

cultura se tornará agrícola. Ao ler, observe com que frequência essas leis estão atreladas ou ao caráter divino ou à redenção de Israel.

Por fim, não perca de vista outra característica importante de Deuteronômio, a saber, sua orientação para o futuro. Isso inclui não somente a geração imediata, que está pronta para tomar posse da terra, mas também as gerações futuras (4:9,40). Esse tema em particular gera tensão, por todo o livro, entre a bondade divina ao trazê-los para "esta boa terra" e a consciência divina de que Israel, não obstante, fracassará. Desse modo, tanto no início quanto no fim do texto, há profecias de que as maldições finalmente cairão sobre eles; seu fracasso em manter a aliança resultará em perda da terra e em exílio (4:25-28; 30:1; veja 29:19-28 e 32:15-25), mas o amor duradouro de Deus culminará na restauração deles à terra por meio de um "segundo êxodo" (4:29-31; 30:2-10; 32:26,27,36-43). Ao ler a partir daqui, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, você verá com que frequência esse tema se repete.

Uma caminhada por Deuteronômio

1:1 a 3:29 – Prólogo histórico

Você reconhecerá que a maior parte desse prólogo é uma releitura sucinta e cuidadosamente estruturada das porções narrativas de Números. Note como o preâmbulo (1:1-5) introduz você ao formato de Deuteronômio – um discurso de Moisés por meio do qual Deus fala ao seu povo.

A história é recontada em três partes, cada qual com um olhar voltado para o restante do livro: (1) a indicação dos líderes, porque Moisés não vai entrar na terra (1:6-18); (2) um lembrete da oportunidade perdida e da rebelião em Cades (1:19-46); e (3) um lembrete da presença de Deus no meio deles a despeito disso, conduzindo-os até onde estão agora (2:1 a 3:29).

4:1-43 – Introdução à grande exortação

Note como essa introdução estabelece a tônica do restante do livro: Deus anunciando sua aliança diretamente ao povo na forma dos Dez Mandamentos (4:12-14); a singularidade divina, tanto no que se refere ao seu caráter quanto contra os ídolos que não podem falar nem ouvir (4:15-31); a escolha de Israel, por Deus, para que seja seu povo exclusivo (4:32-38); a profecia do fracasso e da restauração final de Israel (4:25-31).

4:44 a 11:32 – A grande exortação

Observe como os temas introduzidos em 1:41-43 se desenvolvem nesse discurso eloquente. Ele abre com os Dez Mandamentos (5:1-21), pois esse é o código que será descrito nos capítulos 12 a 26, seguidos de um lembrete do papel mediador de Moisés no Horebe/Sinai (5:22-33), mas, mesmo aqui, a ênfase está em Deus e em seu anseio pela obediência dos israelitas. E, então, vem o mandamento mais importante de todos, que eles deveriam amar Javé, seu Deus, totalmente (6:1-25), com ênfase em: (1) Javé sendo o único Deus que há; (2) a redenção deles, por Deus, a fim de torná-los seu povo; e (3) a graciosa dádiva divina da terra abundante.

A seguir, é necessário que os israelitas destruam os povos pagãos que agora habitam a terra prometida, para que Israel não sucumba à idolatria sincretista (7:1-26), o que é acompanhado do apelo de Moisés para que não se esquecessem de Deus no meio da fartura (8:1-20), bem como do lembrete de que a dádiva da terra abundante não tinha nada a ver com a justiça do povo (9:1-6). Na verdade, Israel tem uma história de teimosia (9:7-29). A seção final (10:1 a 11:32) antecipa o que vem a seguir, lembrando o povo do papel central da arca da aliança e convidando-o a temer e a obedecer a Deus. Eles devem escolher se receberão bênção ou maldição (11:26-32).

12:1 a 26:19 – O Código Deuteronômico

Essa segunda entrega da Lei (*deutero-nomos* = “segunda lei”) é o cerne do livro de Deuteronômio. Perto do fim, ele é chamado de “este Livro da Lei” (28:61; 29:21; 30:10; 31:26), um termo retomado cinco vezes em Josué para referir-se a Deuteronômio (como deixa claro a cerimônia de renovação da aliança no monte Ebal, em Josué 8:30-35, com suas referências a Deuteronômio 11:29,30 e 27:12,13).

- **Leis relativas à adoração (12:1 a 16:17).** Note como o código de lei específico de Deuteronômio começa: com a substituição futura do tabernáculo por um santuário central como lugar onde Deus escolherá colocar o seu Nome (12:4-32; eventualmente Jerusalém). Isso é cercado por lembretes para que se destruam os altares idólatras (12:1-3) e se evite todo vestígio de idolatria (13:1 a 14:2). Esses lembretes são seguidos pelos estatutos de pureza e impureza (14:3-21; veja Levítico 11), no caso limitados ao que o povo consome, uma vez que isso significa, também, separar Israel das nações vizinhas. Essas leis levam a regulamentos sobre o dízimo do produto do campo e sobre os primogênitos dos animais, que devem ser consumidos no santuário central e compartilhados com os levitas (14:22-29; 15:19-23). Essas últimas duas leis envolvem estatutos relacionados ao cuidado para com os pobres (15:1-18), que deveriam ser lembretes constantes de sua libertação da escravidão. A adoração inclui o ciclo de festas anuais, cujos regulamentos também abrangem lembretes da redenção de Israel e da sua necessidade de cuidar dos pobres (16:1-17).
- **Leis relativas à liderança (16:18 a 18:22).** Observe que a maioria das próximas séries de leis retoma o tema da “liderança depois de Moisés” a partir do prólogo (1:9-18). Por sua vez, essas leis lidam com juízes (16:18-20; 17:8-13; o que envolve outra proibição de idolatria em 16:21 a 17:7), reis (17:14-20), sacerdotes, levitas (18:1-8) e profetas (18:14-22), os últimos dois envolvendo, ainda, outra proibição de práticas idólatras, em 18:9-

13. Note especialmente a ênfase à justiça social por parte dos líderes que, desse modo, são fundamentais para duas questões cruciais da obediência do povo a Deus, a saber, detestar a idolatria e promover a justiça social (veja Isaías; Oseias; Amós; Miqueias).

- **Leis relativas à vida comunitária (19:1 a 25:19).** Veja, aqui, que a maior parte do restante do código lida com questões relacionadas à segunda metade dos Dez Mandamentos e concentra-se, em particular, nos relacionamentos pessoais e comunitários. Note também como vários temas continuam aparecendo. Por exemplo, as leis relativas à guerra (20:1-20) demonstram cuidado especial por homens e suas famílias (20:5-10) e até mesmo por árvores (20:19,20), ao mesmo tempo repetindo a ordem para destruir nações idólatras (20:10-18); observe, ainda, o interesse recorrente sobre justiça social, especialmente o cuidado pelos pobres e necessitados.
- **Conclusão (26:1-19).** Repare como as leis específicas de Deuteronômio terminam: com lembretes da necessidade, no que concerne aos israelitas, de sempre colocar seu Deus em primeiro lugar (primícias e dízimos; 26:1-15) e com uma exortação final à obediência.

27:1 a 30:20 – A cerimônia da aliança

Quando Deuteronômio, agora, retorna à estrutura interior, lembre o que foi dito antes (e em Êxodo) sobre tratados de suserania. Aqui, em sequência, você encontra a *cláusula documental* (27:1-8), um retrato de como Israel deve preservar as leis para o futuro, e suas *sanções* na forma de maldições e bênçãos (27:9 a 28:68). A parte final da cerimônia da aliança contém uma acusação conclusiva de Moisés, que antecipa a rebelião futura e o exílio de Israel, bem como a restauração divina deles à terra mais uma vez (capítulos 29 e 30).

31:1 a 34:12 – O olhar futuro

A conclusão da estrutura exterior de Deuteronômio está repleta de antecipações sobre o futuro. A seção maior (capítulos 32 e 33, em que você encontra a expressão poética de sanções pactuais) oferece o cântico de Moisés – uma palavra profética sobre rebelião e restauração futuras – e a bênção de Moisés às doze tribos (veja José em Gênesis 49). Ambos estão inseridos em duas questões transicionais essenciais: (1) a sucessão de Josué, incluindo outra predição de rebelião futura (capítulo 31), e (2) a morte de Moisés, com um discurso de conclusão (capítulo 34). Observe a ordem de Javé a Josué: “Seja forte e corajoso” (31:23), que é como se inicia o livro de Josué (Josué 1:6,7,9,18).

Deuteronômio conclui o Pentateuco com seus lembretes frequentes sobre o amor e a fidelidade de Deus, a despeito da rebelião constante de seu povo, mas a palavra final é sobre a esperança de que Deus, por fim, prevalecerá com esse povo.

JOSUÉ

Dados de orientação para Josué

- **Conteúdo:** conquista parcial, distribuição e estabelecimento da terra prometida.
- **Cobertura histórica:** do princípio da conquista até a morte de Josué.
- **Ênfases:** a ocupação da terra santa à medida que Deus, por meio de seu povo, repetidamente derrota os cananeus idólatras; a dádiva da terra ao povo de Deus, cumprindo-se a promessa pactual aos patriarcas; a necessidade de Israel manter fidelidade pactual contínua ao único e verdadeiro Deus.

Visão geral de Josué

Após os cinco livros de Moisés, o livro de Josué começa a segunda extensa seção da Bíblia hebraica, conhecida como Primeiros Profetas (Josué-2Reis, menos Rute). Estudos posteriores chamaram o mesmo grupo de livros de História Deuteronômica. Ambas as designações são ricas em ensinamentos. Essa seção do Antigo Testamento pretende ser profética, no sentido de que registra a história de Israel com o propósito de instruir e explicar, da perspectiva divina, como e por que as coisas se deram do modo como se deram; elas são deuteronômicas porque contam a história do ponto de vista de Deuteronômio. Assim, por exemplo, o discurso de despedida de Josué, no capítulo 23, repete a linguagem de exortação da despedida de Moisés, em Deuteronômio 7, mas, agora, da perspectiva após a conquista; ao mesmo tempo, Josué convoca à obediência ao “Livro da Lei de Moisés” (Josué 8:31), termo que aparece somente em Deuteronômio no Pentateuco – e

que aparecerá ao final dos Primeiros Profetas em 2Reis (2Reis 14:6; 22:8,11; veja 23:2).

O próprio Josué conta a história de como uma segunda geração de antigos escravos conseguiu invadir e possuir Canaã, herdando a terra que Deus havia prometido a Abraão e à semente desse profeta centenas de anos antes (Gênesis 12 e 15). A história é contada em quatro partes:

Os **capítulos 1:1 a 5:12** concentram-se na *entrada* de Israel na terra (com vários ecos do relato da saída de Israel da terra do Egito). Depois de algumas questões preparatórias cruciais, o rio Jordão é atravessado. Relatos de circuncisão e de celebração da Páscoa (recorde Êxodo 12) encerram essa parte da história.

Os **capítulos 5:13 a 12:24** contam a história da *conquista* (parcial) da terra. Retratadas aqui estão a queda de Jericó, sob intervenção divina (capítulo 6), e a derrota de Ai (capítulo 7), ambas contadas em detalhes, servindo de paradigma para o que vem a seguir – que isso é guerra santa de Deus, não deles, e tudo se baseia na obediência e na lealdade à aliança com Javé. Por consequência, a cerimônia de renovação da aliança (8:30-35) segue-se imediatamente à tomada de Ai (8:1-29). Após a mentira gibeonita (capítulo 9), que serve de fundamento para a vitória no sul (capítulo 10), o restante da conquista é brevemente resumido (capítulos 11 e 12).

Os **capítulos 13 a 21** narram a *distribuição* da terra, estabelecendo a organização administrativa do reino terreno de Javé. Repetido o relato do assentamento das tribos do leste (capítulo 13; veja Números 32), o foco recai sobre as tribos que vão desempenhar os papéis de liderança na história a seguir (Judá e Efraim; Josué 14 a 17); Benjamim (de quem vem o primeiro reino) lidera a soma do restante das tribos (capítulos 18 e 19). Conclui-se com a provisão para os que matam involuntariamente (capítulo 20) e

para os levitas que, de outro modo, não têm como herdar a terra (capítulo 21).

Os **capítulos 22 a 24** se voltam principalmente à lealdade continuada a Javé e, assim sendo, concluem com a renovação da aliança em Siquém (veja 8:30-35).

Conselho específico para a leitura de Josué

Você vai notar que a história, em Josué, é contada da perspectiva de um tempo posterior: o narrador repetidamente menciona certos tipos de memoriais que estão lá "até hoje" (4:9; 5:9; 7:26; 8:28,29; 10:27), assim como muitos dos povos cananeus (13:13; 15:63; 16:10). Os primeiros servem de lembretes da fidelidade de Deus no passado; os últimos, como lembretes do que havia sido feito.

Ambos, a estrutura do livro e as palavras de abertura de Deus a Josué (1:2-9), revelam os três interesses principais. Primeiro, há um engajamento na guerra santa. Observe como a ênfase está sempre na iniciativa e na participação divinas ("estarei com você"; 1:5). Desse modo, a batalha de abertura (Jericó) é de Deus somente; depois disso, os israelitas são militarmente envolvidos, mas sempre com Deus lutando por eles (8:1; 10:14; 23:10); como Davi colocaria mais tarde, "a batalha é do SENHOR" (1Samuel 17:47). Essa é a guerra santa de Deus, e não apenas para dar a terra a Israel, mas, em especial, para livrar a terra da idolatria (falsos deuses) – tudo isso para que Javé habite como rei entre um povo que deve refletir sua semelhança e seguir seus caminhos. A esse respeito, veja também as várias ocasiões em que o autor fala da dádiva do "descanso" depois da guerra santa (Josué 1:13,15; 14:15; 21:44; 22:4; 23:1), tema retomado negativamente em Salmos 95:11 quanto à geração que viveu no deserto e, depois, em Hebreus 4:1-11, como advertência e certeza.

Segundo, embora os capítulos 13 a 21 não sejam uma boa leitura como tal, eles são profundamente importantes para a história, pois aqui, por fim, está o cumprimento da promessa de Deus a Abraão e à sua semente, isto é, a garantia de que eles um dia herdariam essa mesma terra. Esta deveria ser seu território especial, precisamente para que Deus pudesse desenvolver um povo que, por honrar e servir a Javé, abençoaria as nações.

Terceiro, e mais importante, tudo tem a ver com a lealdade dos israelitas à aliança com o Deus único. Esse é o elemento-chave no discurso de abertura a Josué ("Não deixe de falar as palavras deste Livro da Lei e de meditar nelas de dia e de noite, para que você cumpra fielmente tudo o que nele está escrito"; 1:8). É o fator central na derrota em Ai (7:11,15). Além disso, explica a inserção inicial da renovação da aliança no monte Ebal (8:30-35) e a renovação final da aliança em Siquém, com a qual se conclui a narrativa (24:1-27).

Você verá prontamente quanto tudo isso retoma e leva adiante os assuntos discutidos em Deuteronômio: a guerra divina contra falsos deuses; a promessa de Deus acerca da terra; e a preocupação com a lealdade ao único e verdadeiro Deus contra todas as formas de idolatria.

Duas outras coisas podem ajudá-lo a ler bem Josué. Primeiro, leia com mapas úteis em mãos (tais como os encontrados no comentário de Marten Woudstra sobre Josué [veja *Entendes*, p. 323]). Isso lhe dará uma boa noção da geografia mencionada por todo o livro.

Segundo, talvez ajude saber que, na época da invasão de Israel, Canaã não era ocupada por uma superpotência, como fora anteriormente por egípcios e hititas. Desse modo, Israel não teve de encarar esse tipo de oposição poderosa. Na verdade, a terra estava organizada na forma de cidades-Estados, de modo que cada cidade maior e seus vilarejos vizinhos tinham seu próprio rei, de quem dependiam politicamente. Um arranjo assim significava que os

israelitas, embora fossem um povo reduzido, podiam lutar com cada Estado dos pequenos grupos de Estados (9:1-2; 10:5-27; 11:1-9) em separado e, desse modo, gradualmente se apossar de boa parte da terra.

Uma caminhada por Josué

1:1-18 – Introdução

Esse capítulo introduz todos os temas principais: Deus como protagonista da história; o chamado de Josué e o reconhecimento de seu papel como verdadeiro sucessor de Moisés; o fato de que Josué conduziria o povo para herdar a terra que Deus havia prometido a seus ancestrais; e a preocupação central com a lealdade à aliança. Observe a exortação recorrente de Javé a Josué para que fosse “forte e corajoso” (1:6,7,9), repetida ao final do capítulo pelo povo (1:18) e por Josué ao exército no princípio da campanha do sul (10:25). Veja, também, o início do tema do “descanso” (1:13,15).

2:1 a 5:12 – Preparação para a entrada na terra prometida

Repare na maneira como as muitas narrativas desses capítulos descrevem a preparação do povo para a conquista da terra. A primeira é militar (capítulo 2): enviar espiões a Jericó que, protegidos por Raabe, tomam conhecimento do terror que suas vitórias anteriores (Números 21:21-35) despertaram no povo.

A segunda é a travessia miraculosa do Jordão (Josué 3 e 4), que relembra a travessia do mar Vermelho durante o êxodo. As duas finalidades são espirituais: a renovação do rito da circuncisão e a celebração da Páscoa. Israel só pode possuir a terra como um povo circuncidado (recorde Gênesis 17:9-14), com a “reprovação” do Egito removida (Josué 5:9), e a Páscoa pode, agora, ser celebrada

novamente (após um hiato de 39 anos; veja Êxodo 12:25 e Números 9:1-14), à medida que cessa a dádiva do maná (Josué 5:10-12).

Note também o papel significativo que Gilgal vai desempenhar no restante da conquista (5:9; 9:6; capítulo 10); mais tarde, o local se torna um dos terrenos sagrados de Israel (1Samuel 7:16; 11:14) e, por fim, um lugar de idolatria sincrética (Oseias 4:15; 9:15; 12:11; Amós 4:4; 5:5).

5:13 a 8:35 – Jericó e Ai

Observe especialmente como a conquista começa – pelo encontro de Josué com "o comandante do exército do SENHOR" (Josué 5:13-15). Já em cena para tomar conta da conquista, ele é a garantia de Josué (e de Israel) de que o exército celestial de Javé está comprometido com a vitória – uma vitória da qual Josué e seu exército são o contingente terreno. Esse item está repleto de ecos – e de contrastes significativos com o – do encontro de Moisés com Javé na sarça ardente (Êxodo 3:1 a 4:17).

Note quanto as duas histórias, de Jericó e de Ai, estão intimamente ligadas na narrativa presente e na futura (Josué 9:3; 10:1). Juntas, elas revelam as condições sob as quais Israel pode conquistar e manter a posse da terra. Não perca os elementos importantes da famosa narrativa da queda de Jericó: trata-se de uma vitória divina completa; com exceção das trombetas, o papel do exército de Israel não é militar; as primícias da vitória e, portanto, tudo na cidade pertencem a Deus (a própria cidade é queimada em consagração ao Senhor, em 6:21; suas pedras e seus metais preciosos vão para a casa do Senhor); Raabe e sua família são poupadas porque a prostituta havia confessado que o futuro pertence a Javé (2:8-13).

A primeira parte da história de Ai (capítulo 7) revê o tema das "coisas consagradas" do capítulo 6, concentrando-se na derrota de Israel por causa da desobediência de um homem (7:11,15; veja 22:18-20). Observe a importância de Acã, um homem de Judá, cuja

história pode ser lida tendo como pano de fundo a narrativa de Raabe (Acã e sua família perdem toda a herança da terra, enquanto Raabe, a estrangeira, e sua família ganham a herança).

A segunda parte da história de Ai (capítulo 8) narra como Deus permitiu que Israel, por meio de um estratagema militar astuto, derrotasse e destruísse essa cidade. Essas duas vitórias decisivas no ponto de entrada, uma miraculosa e outra que se dá por meio da instrumentalidade humana – e contadas em detalhes – sugerem ao leitor como entender o restante dos episódios que não são contados em detalhes. Assim, nesse ponto, o narrador inclui a renovação da aliança no monte Ebal (8:30-35; veja Deuteronômio 27:4-8).

9:1 a 10:43 – A artimanha gibeonita e suas consequências

A primeira narrativa após a cerimônia de renovação da aliança é outra violação da aliança, dessa vez pelo próprio Josué, pois "não consultaram o SENHOR" (9:14); observe que os gibeonitas são heveus (9:7; 11:19), um dos sete grupos de povos cananeus que devem ser totalmente destruídos (9:1; veja Deuteronômio 7:1,2). Sua dissimulação leva diretamente à derrota dos cinco "reis dos amorreus", que pretendem subjugar Gibeão, mas são, então, eles mesmos derrotados (Josué 10:1-28). Isso, por sua vez, leva à narrativa da conquista das cidades-Estados do sul (10:29-43); note que o exército imediatamente parte rumo às cidades dos reis que haviam sido mortos.

11:1 a 12:24 – A conquista do norte e uma listagem dos reis derrotados

Aqui, como antes, a derrota dos reis do sul leva, por sua vez, à derrota de muitos no norte (capítulo 11). Desse modo, o capítulo 12 lista todos os reis e suas cidades-Estados destruídas.

13:1 a 21:45 – A distribuição da terra

Embora essa parte de Josué não propicie uma leitura empolgante, você precisa saber de sua importância para o restante da história bíblica. Aqui está o cumprimento da dádiva da terra a Abraão e à sua semente. Mas observe, em particular, a importância dada a certos trechos da narrativa – tanto pela localização quanto pela quantidade de espaço que lhes é dedicado.

A narrativa começa com um lembrete do que ainda precisa ser feito (13:1-7), que se torna relevante para a leitura tanto de Juízes quanto de 2Samuel 5 e 8, quando Davi finalmente consegue subjugar esses povos. Depois de repetir a distribuição a Gade, Rúben e metade de Manassés (13:8-32; veja Números 32), o foco se volta, antes de tudo, para Calebe e para a tribo de Judá (capítulos 14 e 15) e, então, para as duas tribos de José (Efraim e metade de Manassés; Josué 16 e 17). Observe que uma clara interrupção (18:1,2), destacada pelo aparecimento da Tenda do Encontro em Siló, separa essas distribuições do restante a seguir (18:3 a 19:48); repare, mais adiante, que essas últimas começaram com Benjamim, o que inclui Jerusalém (18:28), embora ela ainda não tivesse sido conquistada. A narrativa da distribuição se encerra com o loteamento reservado a Josué (19:49-51), de maneira que ele e Calebe concluíssem essa narrativa (veja os comentários feitos sobre Números 9:15 a 14:45, p. 52).

Anexadas à narrativa de distribuição estão duas outras questões muito importantes relativas à terra: provisão sobre assassinato involuntário (capítulo 20) e sobre os levitas (capítulo 21). Observe como elas se repetem em Números 35, mas na ordem reversa, condensando-se uma e expandindo-se a outra.

22:1 a 24:33 – Epílogo

Os três capítulos que concluem Josué têm a lealdade a Deus e à aliança como denominador comum. A quase eclosão de uma guerra por causa da construção de um altar pelas tribos do leste teve relação com o temor de que tivessem traído o Deus de Israel

(22:16). Os dois discursos de despedida de Josué têm a lealdade à aliança como tema singular. Observe como muitos desses discursos acentuam novamente o que se abordou em Deuteronômio.

O livro conclui com a encorajadora nota de que não somente Josué e Eleazar são sepultados na terra prometida, mas que os ossos de José, antes enterrados no Egito (Gênesis 50:26; veja Êxodo 13:19), são também reenterrados em Siquém, nas terras tribais do filho de seu filho, Efraim. E, assim, Deus guarda a aliança com seu povo!

Infelizmente, o próximo capítulo na história (Juízes) conta sobre as repetidas violações de Israel à aliança com Deus.

Josué contribui para a história divina da redenção ao dar um desfecho à promessa pactual da terra feita em Gênesis (e em todo o Pentateuco), preparando o palco para as próximas fases da história.

JUÍZES

Dados de orientação para Juízes

- **Conteúdo:** a narrativa cíclica do tempo dos juízes, enfatizando a repetida falta de lealdade à aliança por parte de Israel.
- **Cobertura histórica:** da morte de Josué ao princípio da monarquia.
- **Ênfases:** os resultados tênues da conquista; o constante resgate de Israel por Deus, a despeito do habitual fracasso do povo em manter a aliança com ele; as condições desesperadoras e a completa espiral descendente experimentadas durante esse período; a necessidade de um bom rei.

Visão geral de Juízes

O livro de Juízes, que conta a história de Israel entre os feitos de Josué e o início do reinado (1Samuel), é uma narrativa cuidadosamente composta de três partes essenciais:

1:1 a 3:6	Introdução: “abertura” que estabelece os temas principais.
3:7 a 16:31	Ciclo principal de narrativa: uma série de “variações” sobre os temas.
17:1 a 21:25	Epílogo: uma “coda” que ilustra o tema principal.

Enquanto lê, observe de que maneiras essas várias partes interagem umas com as outras para que o todo da narrativa apresente um retrato vívido daqueles tempos, concluindo com o refrão repetido de que boa parte disso está relacionada ao fato de Israel não dispor de um rei.

A introdução é dividida em duas partes. A parte 1 (1:1 a 2:5), que retoma e aprimora algumas das narrativas de conquista de Josué, tem duas ênfases, ambas situadas na conclusão (2:1-5): (1) Deus não rompeu a aliança com os israelitas, mas eles romperam a aliança com Deus quando deixaram de expulsar os cananeus (1:21,27-36); e (2) Deus não virá mais auxiliar o povo nessa causa; em vez disso, os cananeus "serão seus adversários, e os deuses deles serão uma armadilha para vocês" (2:3). Desse modo, essa primeira parte descreve a causa fundamental do que vem em seguida. A parte 2 (2:6 a 3:6) apresenta, de forma resumida, como a narrativa se desenrolará. Aqui, o ciclo deuteronômico básico é introduzido:

- Israel faz o que é mau aos olhos de Javé ao servir aos deuses cananeus (2:11-13).
- Os israelitas experimentam a ira de Javé nas formas de derrota na batalha e de opressão pelos inimigos (2:14,15).
- O povo clama em sua angústia, e Deus o resgata enviando um juiz/libertador (2:16,18).
- Quando o juiz morre, o ciclo começa todo de novo (2:17,19-23).

Você notará que o epílogo tem duas partes, dando alguns detalhes repulsivos de estudos de caso sobre o sincretismo de Israel e seu fracasso em guardar a aliança com Deus.

Entre essas duas seções construtivas reside a própria narrativa principal, na qual o ciclo se repete, mas com ênfase nas histórias de libertação. Comum a essas histórias é o fato de que Deus está por trás de toda libertação, embora os libertadores raramente sejam exemplos de devoção a Javé!

Essa série central aparece cuidadosamente construída, apresentando doze "juízes", o que corresponde ao número de tribos israelitas. Começa com Otoniel, cuja história é contada somente de modo resumido e como padrão para o restante. Seguem-se os feitos de cinco juízes (Eúde, Débora/Baraque, Gideão/Abimeleque, Jefté e

Sansão), intercalados com o que equivale a uma lista de outros juízes/libertadores (Sangar, Tolá, Jair, Ibsã, Elom e Abdom). Essa série é estruturada pelas narrativas de dois solitários (Eúde, um benjamita; Sansão, um danita). Na estrutura interior das histórias (Débora/Baraque e Jefté), a libertação depende de uma mulher e de um pária/fora da lei. No cerne está a narrativa de Gideão e seu filho Abimeleque (cujo nome significa “pai do rei”), e, aqui, surgem as duas questões centrais na narrativa: Quem é o verdadeiro Deus? Quem é o Rei de Israel? As narrativas de Samuel e Reis retomam a história a partir daí.

Conselho específico para a leitura de Juízes

Para manter o foco enquanto lê Juízes, você precisa saber três coisas de antemão. Em primeiro lugar, a palavra tradicionalmente traduzida como “juízes” (*shophetim*) não se refere, nesse livro, primordialmente a membros do judiciário (embora o termo carregue esse sentido; veja, por exemplo, Êxodo 18:13). De fato, trata-se de líderes militares e chefes de clãs que Deus usou para libertar Israel dos inimigos que, por um longo período, ameaçaram partes da nação.

Em segundo lugar, embora expressões como “liderou Israel” e “liderou os israelitas” apareçam regularmente, você não deve imaginar que cada um (ou qualquer) dos juízes fosse um líder de Israel no mesmo sentido que o foram Moisés e Josué. Na verdade, à medida que as histórias se desenrolam, você reconhece que parte da preocupação do narrador é a de que, precisamente, o oposto seja verdadeiro – que uma ou várias tribos são oprimidas e convocam outras para ajudá-las, o que às vezes acontece, às vezes não, resultando quase sempre em conflitos intertribais. A ironia da narrativa é que somente no final, em um caso de guerra disciplinadora intertribal, todas as doze tribos estão “unidas”, por

assim dizer. Note, por exemplo, as duras palavras no cântico de Débora sobre Rúben (5:15,16), que, em um momento de crise, e depois de “muita indecisão”, permaneceu em casa “a ouvir o balido dos rebanhos”.

Em terceiro lugar – e de maneira correlata – está a questão da cronologia geral. Você notará que a linguagem cronológica é frequentemente empregada (“Depois de [...]” e “a terra teve paz durante [...] anos”) e que o esquema geral reflete a história dos tempos, começando com a opressão esporádica (Moabe, no leste) e concluindo com a opressão filisteia, ponto do qual a narrativa de Samuel retoma. Mesmo assim, você não deve pensar em tudo isso acontecendo em ordem cronológica. Paz em um lugar não significa paz em outro. E a nota entre parênteses, em 20:27,28, situa essa história no início do período abordado (o sacerdote em Betel é neto de Arão). O ponto é que o narrador não está tão interessado em uma linha do tempo típica como está interessado na visão conjunta dos períodos que retrata.

A questão cronológica crucial para a narrativa é, contudo, a deterioração gradual, porém incessante, das coisas em Israel até o tempo de Samuel. Isso é retratado, antes de tudo, pela própria estrutura, com suas histórias conclusivas nos capítulos 17 a 21. Também está refletido na representação dos seis juízes principais. As imagens de Otoniel, Eúde e Débora são basicamente positivas, a despeito de algum subterfúgio por parte de Eúde e Jael (4:18-21). Mas, começando com Gideão, as coisas passam a decair. A história de Gideão inicia-se bem, mas acaba mal, na forma de um éfode [4] objeto de idolatria (8:24-27) e de um filho assassino, Abimeleque (capítulo 9). As histórias de Jefté e de Sansão pintam um quadro do Espírito de Deus usando líderes menos que exemplares. Outra maneira segundo a qual esse tema é tratado é pelo uso de “aos olhos do” (ARC [5]). Observe como cada um dos ciclos históricos começa: “[...] os filhos de Israel tornaram a fazer o que parecia mal

aos olhos do SENHOR" (ARC). Ao final somos informados do que isso significa: "Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada qual fazia o que parecia direito aos seus olhos" (17:6; 21:25, ARC). O ponto crítico desse tema é uma expressão idiomática que revela que Sansão, com rebeldia, deseja uma jovem filisteia como sua esposa porque (literalmente) "ela agrada aos meus olhos" (14:3,7, ARC).

No entanto, a despeito de tudo isso, o cuidado de Deus por seu povo mantém a história unida. Isso é especialmente discernível na observação recorrente de que "o Espírito do SENHOR [Javé]" – mencionado na abertura da história de Otoniel, mas ausente nos episódios de Eúde e Débora – veio sobre Gideão (6:34), Jefté (11:29) e Sansão (13:25; 14:6,19; 15:14). Ainda assim, o que notavelmente falta a Juízes é qualquer menção à (ou mesmo qualquer noção da) presença do Senhor no meio do seu povo. A Tenda da Presença, que Josué armou em Siló (Josué 18:1), reaparece ali, em 1Samuel 2:22. Em Juízes, diz-se que a idolatria da tribo de Dã continua "todo o tempo em que o santuário de Deus esteve em Siló" (18:31), mas Israel nunca busca, ali, a Javé para ouvir dele. Israel é um povo que perdeu seu caminho e sua identidade principal, e somente Deus, em sua misericórdia, pode trazer ordem ao caos.

Uma caminhada por Juízes

1:1 a 2:5 – O problema básico: fracasso em destruir os cananeus

Observe os propósitos do narrador sendo cumpridos. Após a revisão de algumas vitórias no sul, lideradas por Judá (1:1-18), ele nota o fracasso de Israel em desalojar todos os cananeus (1:19-21). A mesma coisa acontece no norte – vitória em Betel (1:22-26), mas fracasso na maior parte do território (1:27-36). Esse fracasso é, então, denunciado como um ato de desobediência (2:1-5), de modo que Deus, agora, deixará os cananeus na terra como espinhos nos

flancos de Israel. E isso significa que os deuses cananeus “serão uma armadilha” para eles (2:3).

2:6 a 3:6 – O padrão estabelecido

Em 2:6-19, você encontra o ciclo deuteronômico que estabelece o padrão para o restante do livro: o povo deixa de servir a Javé; Javé os abandona aos inimigos; o povo sofre sujeição e ora por ajuda; o Espírito de Deus vem sobre uma pessoa que leva Israel a derrotar seus inimigos; o povo se torna complacente e repete o ciclo. Veja que o restante dessa introdução (2:20 a 3:6) retoma o tema de 2:1-5, mas indicando, agora, que o próprio Deus deixou as nações hostis dentro e nos arredores da terra prometida, a fim de afligir os israelitas.

3:7-11 – Otoniel (de Judá/contra os arameus)

Repare que, nesse episódio inicial de Juízes, o ciclo (2:6-19) é plenamente representado: Israel abandona a Deus (3:7), provocando a ira divina e a sujeição do povo aos arameus (3:8); isso resulta em orações por auxílio, levando Deus a enviar um libertador (3:9). O “Espírito do SENHOR” (3:10) dá a Otoniel a sabedoria de liderar, então “a terra teve paz” (3:11).

3:12-31 – Eúde (de Benjamim/contra os moabitas) e Sangar

“[...] os filhos de Israel tornaram a fazer o que parecia mal aos olhos do SENHOR” (ARC), o que leva à sujeição do povo a um rei moabita (muito gordo). Observe como sua obesidade e o fato de Eúde ser canhoto tornam a história intrigante. Embora se trate basicamente da história de um solitário, Eúde prepara o caminho para uma vitória israelita (3:26-30). O Espírito não é mencionado aqui, mas “o SENHOR” é, todavia, responsável pela vitória (3:28). O relato anexo sobre Sangar (3:31) introduz os filisteus, que se tornam, mais tarde, os piores inimigos estrangeiros de Israel.

4:1 a 5:31 – Débora (de Efraim/contra os cananeus do norte)

O que intriga nessa história é seu foco sobre duas mulheres, Débora e Jael, que ofuscam o "libertador", Baraque. Observe que Débora inicia a ação em nome do Senhor, e que a recusa de Baraque em ir sem ela para a batalha leva à profecia de que o Senhor entregará Sísera a uma mulher – que não é Débora, e, sim, Jael! O cântico de Débora (veja 5:7, também cantado por Baraque, em 5:1) reconta a história com alguns detalhes acrescentados, enquanto louva a Deus e envergonha as tribos que não ajudaram.

6:1 a 10:5 – Gideão (de Benjamim/contra os midianitas e os amalequitas), Tolá e Jair

Repare como, nesse caso, o narrador preenche as várias partes do ciclo com mais detalhes que antes. Como sempre, começa com "[...] os filhos de Israel tornaram a fazer o que parecia mal aos olhos do SENHOR" (6:1, ARC). A opressão vem das hordas do leste, lideradas por Midiã e Amaleque, e é particularmente desesperadora (6:2-6), tanto que Israel clama a Deus, que outra vez os lembra de que violaram a aliança com ele (6:7-10). Mas o maior detalhamento é reservado ao libertador e ao relato da vitória. Ao ler, observe os sinais do motivo da espiral descendente dentro da própria narrativa.

Gideão é retratado como medroso e tímido (6:11-19); obediente, mas vacilante (6:20-40). Ele começa bem, destruindo o altar de Baal (6:24-32) e "liderando" uma vitória decisiva e orquestrada por Deus sobre Midiã (capítulo 7). Mas, então, um Gideão bem diferente persegue Zeba e Zalmuna (8:1-18); embora o zelo de Gideão represente parte de uma vingança pessoal pela morte de seus irmãos (8:19-21), ele ainda é retratado como quem participa de uma guerra santa. Acaba, contudo, fazendo um éfode que se torna objeto de idolatria, e seu filho Abimeleque é completamente degenerado.

Fundamental para esse episódio é a exigência, por parte dos israelitas, de que Gideão os governe (8:22), o que ele rejeita – uma rejeição que inclui seus filhos – em favor do governo de Javé (8:23). Observe como a história atinge um ponto baixo com o filho de Gideão, Abimeleque, que proclama a si mesmo rei depois de matar todos, exceto um de seus setenta irmãos. Mas note também a ironia: uma mulher anônima mata-o com uma pedra de moinho (9:50-53). Israel é, assim, liberto por um dos seus! As notas sobre Tolá (10:1,2) e Jair (10:3-5), que representam Issacar (e Efraim) e Gileade (leste de Manassés), concluem o ciclo de Gideão e preparam o caminho para Jefté. Ao mencionar tão brevemente Tolá e Jair, o narrador relembra que as histórias são propositadamente seletivas, em vez de relatos exaustivos sobre tudo o que acontecia.

10:6 a 12:14 – Jefté (do leste de Manassés/contra os amonitas) e Ibsã, Elom e Abdom

A espiral descendente continua. Jefté é algo como um fora da lei bem-sucedido (11:3-6) na época em que seus conterrâneos gileaditas apelam por sua ajuda contra os amonitas. Ele é retratado como precipitado e egocêntrico, um homem para quem um voto é mais importante que uma filha. É vencedor na batalha porque o Espírito do Senhor estava sobre ele (11:29), mas é também responsável pelas mortes de milhares de israelitas (12:1-6). Os relatos de Ibsã, Elom e Abdom (12:8-15) são, ao que parece, lembretes curtos do autor de que Deus continuava a trabalhar por meio dos juízes em vários locais.

13:1 a 16:31 – Sansão (de Dã/contra os filisteus)

Esse ciclo final da história é o mais trágico – e ambíguo – de todos. Sansão propriamente representa todo o erro de Israel durante o período dos juízes: nascido de mulher estéril, dedicado a ser servo especial de Javé desde o nascimento (capítulo 13), imbatível quando acompanhado do Espírito de Javé – mas descumpre seus

votos (veja os comentários feitos sobre Números 5:1 a 6:27; p. 52) ao apanhar mel de um leão morto (filisteu), ao casar-se com uma estrangeira (Juízes 14) e ao namorar uma prostituta (capítulo 16). Note como tudo isso espelha a própria história de prostituição de Israel com os baalins e as imagens de Astarote. Não obstante, o Espírito de Deus continua a descer sobre Sansão para que derrote pequenos grupos de filisteus. Cegado e aprisionado, Sansão é divinamente capacitado a derrubar um templo repleto de filisteus, ocasião em que ele mesmo vem a morrer (16:23-30). Essa narrativa também prepara o terreno para a longa luta com os filisteus, o que marca as histórias seguintes de Saul e Davi; no entanto, mais de imediato, serve de transição dos pecados de Israel como povo para os pecados individuais, narrados nos capítulos 17 a 21.

17:1 a 21:25 – Duas histórias ilustrando a degeneração de Israel

Veja como essa conclusão é cuidadosamente elaborada em torno da frase: “Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada qual fazia o que parecia direito aos seus olhos” (17:6; 21:25, ARC; veja 18:1; 19:1). Com essas palavras, o narrador oferece a perspectiva por meio da qual toda a história foi contada: Israel está em desordem; não há liderança central – e nenhum santuário central, como havia sido ordenado em Deuteronômio.

Desse modo, o primeiro episódio (capítulo 17) na primeira história ilustra o sincretismo de Israel (a mãe de Mica consagra sua prata a Javé em prol de seu filho, para fazer um ídolo), enquanto o segundo (capítulo 18) ilustra o contexto danita, do qual surgem Sansão e as condições instáveis em Israel, devido ao fracasso da conquista relatado no início do livro. Ambos os episódios mostram o malogro da adoração em Israel.

A natureza pavorosa da segunda história (capítulos 19 a 21) revela a profundidade do relembrado declínio moral de Israel (veja Oseias

9:9,10) e a realidade de que tal declínio oscila regularmente no limiar da guerra intertribal. Israel precisa do rei nomeado por Deus.

> O padrão trágico em Juízes aponta para a próxima fase da grande narrativa da redenção divina, que começará a avançar consideravelmente por meio das histórias de Rute e de seu bisneto Davi.

RUTE

Dados de orientação para Rute

- **Conteúdo:** uma história de lealdade a Javé durante o período de Juízes, no qual a sorte de Noemi espelha a de Israel (enquanto também provê a linhagem do rei Davi).
- **Cobertura histórica:** em torno de 1100 a.C.
- **Ênfases:** a vida em um vilarejo que permanece leal a Javé durante o tempo dos juízes; as boas-vindas a uma mulher estrangeira sob as asas de Javé; o cuidado soberano de Deus, que provê a Israel o seu grande rei.

Visão geral de Rute

Que alívio encontrar Rute depois de Juízes! Na verdade, aqui, em destaque, está outra história do mesmo período, sobre um bom homem e duas boas mulheres, sem falar de toda uma comunidade, retratados como fiéis à aliança. Embora o livro de Rute (assim como o de Ester) apareça entre os Escritos no cânon hebraico, a Bíblia grega – usada pela tradição cristã – coloca Rute entre Juízes e 1Samuel, quase que certamente por causa do modo como começa ("Na época dos juízes") e termina ("Obede gerou Jessé; e Jessé gerou Davi"). Você verá quão perspicaz foi essa mudança.

O livro de Rute é tratado, às vezes, como uma história de amor, e, em certo sentido, de fato o é, mas não um romance. O amor de Javé por Israel encontra, aqui, expressão no cuidado amoroso de Rute e Boaz por Noemi, e no de Boaz por Noemi e Rute. Embora o cerne da história apresente as ações de Rute e Boaz, a figura central é Noemi, como deixam claro o prólogo (1:1-5) e o epílogo (4:13-17). O enredo lida com o movimento de Noemi: do "vazio" em

uma terra estranha à “plenitude” da volta para casa em Belém de Judá; de uma forma de esterilidade (viuvez sem herdeiro do sexo masculino) à plena herança, quando Boaz assume a responsabilidade de parente/redentor e, por meio do casamento com Rute, fornece a Noemi um herdeiro do sexo masculino – e que herdeiro ele se tornou!

A história é contada em quatro cenas, cada uma delas empregando uma sentença temática de abertura e, com exceção da última, uma sentença de fechamento que prepara o leitor para a próxima cena. Por sua vez, as cenas descrevem o vazio de Noemi (1:6-22), sua esperança despertada (capítulo 2), o progresso rumo à realização (capítulo 3) e a plenitude alcançada no nascimento de um herdeiro (capítulo 4).

E como a plenitude chega? Por meio de Rute, uma jovem viúva moabita, e de Boaz, o homem estabelecido, rico e exemplar de Judá; são extremos na escala social que abertamente agem, ambos, na direção da necessitada (Noemi), sem considerar o próprio benefício e arriscando tudo ao fazê-lo. Na verdade, o papel desempenhado por seus dois coadjuvantes (Orfa e o outro parente) destaca o fator de risco para cada um.

Conselho específico para a leitura de Rute

Ao contar essa história da forma como o faz, o narrador provavelmente espera que o leitor veja uma comparação com Israel, como um todo, durante o tempo dos juízes (1:1). Em um período de fome, a família de Elimeleque busca vida longe da terra prometida de Javé, no território de Moabe, somente para encontrar morte e vazio. Ao retornar para casa – para Belém, a “casa do pão” com sua colheita abundante –, aquela cujo nome significa “doce”,[6] mas se autodenomina “amarga” (1:20), começa uma jornada da esperança à realização, a de ter um “filho”, que lhe servirá de supremo

parente/redentor. Ao fazê-lo, coloca em movimento eventos que levarão Israel a receber seu primeiro rei. É quase impossível não notar a bênção final dada a Noemi pelas mulheres de Belém, em 4:14: “Que o seu nome seja celebrado em Israel!” Seja mesmo!

A esse respeito, é importante que você também observe como a cidade de Belém, em geral, e as três personagens principais, em particular, são retratadas como sendo leais a Javé e à aliança e, desse modo, experimentam as bênçãos do pacto (veja especialmente Deuteronômio 28:3-6) durante a “época dos juízes” (1:1). Isso vem de diversas formas: a determinação de Rute de seguir a Javé por causa do relacionamento dela com Noemi (1:16-18); a saudação de Boaz aos ceifeiros, refletindo a presença e a bênção divinas (2:4); as boas-vindas de Boaz a Rute, escolhida para refugiar-se sob as asas de Javé (2:12); a generosidade e o grande coração de Boaz (2:8,9,14-18); e a “bênção” de Noemi a Boaz (2:20).

Esse tema, porém, fica especialmente evidente no modo como o narrador tece, na história, indicações da obediência à Lei da aliança – espigas deixadas em favor de uma estrangeira; o parente/redentor; herança por meio das leis de casamento/herança da aliança. O narrador supõe que seus leitores vão reconhecer todos esses fatores pactuais. Não se trata de pessoas que precisam ser retratadas como que consultando a Lei em busca de orientação sobre o que fazer; antes, elas estão simplesmente demonstrando sua lealdade pactual a Javé pelo modo como vivem e como tratam os outros. O autor parece preocupado, no final, em mostrar que os antepassados de Davi eram javistas fiéis em um tempo em que a maior parte de Israel não o era.

Note, por fim, como a própria Rute se torna um exemplo prático da bênção de Abraão (Gênesis 12:3; “por meio de você todos os povos da terra serão abençoados”). Ela é estrangeira, proveniente de uma odiada nação vizinha (Deuteronômio 23:3). No entanto, escolhe

seguir ao Deus de Israel e, assim, se torna parte de seu povo (Rute 1:16,17); como tal, ama Noemi (4:15), demonstrando, com isso, a bondade de Javé (2:11,12) a alguém que experimentou exílio e amargura (1:19-21). Por sua vez, é abençoada por Boaz como alguém que escolheu colocar-se sob o cuidado e a bênção de Javé (2:12); desse modo, ao final, Javé "concedeu que ela engravidasse" (4:13). Apesar de ser uma estrangeira, sem relação com a história da aliança desfrutada por outros israelitas, ela demonstra amor e lealdade pactuais de uma forma que a maioria dos israelitas não demonstra a esta altura da história. Não sendo israelita, é usada como exemplo para os "primogênitos" de Javé (veja Êxodo 4:22). Assim, Rute é uma das quatro mulheres gentílicas incluídas na genealogia descrita por Mateus (1:5b; veja 1:3,5a,6), que, em seu evangelho, antecipa a doutrina cristã como boas-novas para "todas as nações" (Mateus 28:19).

Uma caminhada por Rute

1:1-5 – Prólogo

Observe como o narrador organiza toda a história com esse prólogo. Por causa da fome, Elimeleque, Noemi e filhos deixam a terra de Javé para Moabe; Noemi acaba no exílio, em uma terra estranha, destituída, sem marido nem filhos.

1:6-22 – Cena 1: Noemi e Rute; tristeza, lealdade e conversão

Com a sentença de abertura (1:6), o narrador cria o cenário para sua primeira cena: a determinação de Noemi de retornar a Belém. Você reconhecerá que o núcleo da cena de abertura é a determinação de Rute em permanecer leal à sua sogra e, desse modo, converter-se e tornar-se uma verdadeira javista. Observe como a sentença final (1:22) prepara o terreno para a próxima cena.

2:1-23 – Cena 2: Rute, Boaz e Noemi; bondade surpreendente

Veja o aumento da expectativa à medida que esse capítulo se desdobra. Você é apresentado a Boaz (2:1) e à iniciativa de Rute (2:2), que “disse a Noemi” [!] que recolheria espigas nos campos de Boaz (2:3). Então, é a vez de Boaz demonstrar bondade (2:4-17): ele abençoa Rute, em nome de Javé, pela bondade dela para com Noemi (2:12); Rute trabalha e come com os ceifeiros sob a proteção de Boaz (2:9,14), e suas colheitas tornam-se grandes (2:15,16). Note também como, próximo do fim, Noemi abençoa Boaz (2:19-20) por sua bondade para com Rute e, por meio de Rute, para com ela mesma. Com uma sentença final (2:23), o narrador passa a descrever o término da colheita, a fim de preparar você para o que acontece a seguir.

3:1-18 – Cena 3: Noemi, Rute e Boaz; pedido de casamento de Rute

Noemi agora toma a iniciativa – com base na óbvia e correta suposição acerca da bondade de Boaz –, enquanto Rute leva adiante o plano (3:1-9). No versículo 9, Rute convida Boaz a tornar-se parente/redentor de Noemi e, assim, recebê-la, Rute, como sua esposa. Boaz aceita, mas a lei exige que ele a ofereça, antes, a alguém mais qualificado (3:10-12). Note o cuidado com que o autor retrata Boaz como um homem de nobreza moral, assim como fez com Rute na cena anterior. De novo, a última sentença (3:18) prepara a cena final.

4:1-22 – Cena 4: Boaz, Rute, Noemi... e Davi; casamento e um filho

Seguindo costumes antigos em cidades israelitas, a questão é decidida entre Boaz e seu parente, na presença dos anciãos, à porta da cidade. Boaz se arrisca, assim como Rute se havia

arriscado anteriormente. Boaz casa-se com Rute; Noemi tem um herdeiro – de “amarga”, ela se torna “doce” novamente (veja nota na p. 77) –, e, finalmente, Israel recebe seu primeiro rei.

O livro de Rute conta a história da fidelidade de Deus para com seu povo em um caso específico, no qual uma mulher moabita torna-se parte da história de redenção.

1 E 2SAMUEL

Dados de orientação para 1 e 2Samuel

- **Conteúdo:** a transição do último juiz, Samuel, para o primeiro rei, Saul; a ascensão e o reinado de Davi.
- **Cobertura histórica:** do nascimento de Samuel (aproximadamente 1100 a.C.) ao fim do reinado de Davi (970 a.C.).
- **Ênfases:** o princípio do reinado em Israel; a preocupação sobre o reinado e a lealdade à aliança; a arca da aliança representando a presença de Deus; a escolha de Jerusalém como "a Cidade de Davi"; a aliança davídica e suas implicações messiânicas; o adultério de Davi e suas consequências.

Visão geral de 1 e 2Samuel

Os livros de Samuel e Reis, juntos, formam uma história contínua da monarquia israelita desde o tempo de Samuel até sua morte, em 587/6 a.C. Ao lê-los, é importante lembrar que, na Bíblia hebraica, eles pertencem aos Primeiros Profetas. Assim como os livros dos Últimos Profetas, apresentam a perspectiva de Deus sobre a história de seu povo; embora esses textos se concentrem nos reis de Israel, neles os profetas também desempenham um importante papel.

O livro de Samuel conta a história dos primórdios da monarquia até os anos de declínio do reinado de Davi. A história se concentra em três pessoas-chave: *Samuel*, o último dos juízes e o profeta que unge os primeiros dois reis; *Saul*, o primeiro rei de Israel; e *Davi*, o rei mais importante de Israel. O livro em si divide-se em quatro partes básicas, relacionadas a esses três homens.

A parte 1 é somente sobre Samuel (1Samuel 1 a 7). Essenciais, aqui, são o nascimento, o chamado, a carreira inicial de Samuel (1:1 a 4:1a), a perda e o retorno da arca da aliança (4:1b a 7:1), seguidos, finalmente, pela grande vitória sobre os filisteus (7:2-14).

Na parte 2 (1Samuel 8 a 15), Samuel e Saul se sobrepõem. Duas questões são essenciais: (1) afirmações de Javé acerca da monarquia e advertências a ela relacionadas (capítulos 8 a 12; veja Deuteronômio 17:14-20); e (2) o princípio do reinado de Saul e a sua rejeição, por Javé, como rei (1Samuel 13 a 15).

Na parte 3 (1Samuel 16 a 31), Saul e Davi se sobrepõem. A história essencial é contada no princípio e no fim: a unção de Davi para substituir Saul como rei (16:1-13), e a morte de Saul e de seu herdeiro legítimo, Jônatas (capítulo 31). Desse modo, o enredo gira em torno da ascensão de Davi e do declínio de Saul, bem como da perseguição constante de Saul a Davi a fim de matar o presumido rival de sua dinastia.

A parte 4 (2Samuel) concentra-se em Davi, embora Saul continue sendo citado (capítulos 1 a 4; 9; 21), enquanto Natã (capítulos 7 e 12) e Gade (capítulo 24) herdam o manto profético de Samuel. Os capítulos 1 a 9 definem a história básica do reinado de Davi, cuja parte mais significativa é a aliança descrita no capítulo 7, a qual estabelece a dinastia de Davi “para sempre” (7:15,16). Os capítulos 10 a 20 narram o pecado de Davi com Bate-Seba, que se torna um catalisador para expor as fraquezas internas na família de Davi e a natureza tênue do reino unificado. Os capítulos 21 a 24 são uma espécie de apêndice reflexivo para a história de Davi.

Conselho específico para a leitura de 1 e 2Samuel

O livro de Samuel está repleto de histórias individuais intrigantes e fascinantes. Mas esse fato, que torna a leitura de Samuel tão interessante, também pode levar você a perder alguns aspectos

significativos a respeito do panorama geral da história de Israel. Para ler Samuel bem, você precisa estar ciente de alguns desses pontos, sobretudo quanto a certos temas deuteronômicos que permeiam o todo.

A história se dá mais ou menos durante o século 11 a.C., quando nenhuma superpotência tinha papel de destaque na Palestina (veja *Conselho específico para a leitura de Josué*, p. 63). Desse modo, o tempo era propício para o surgimento de um poder local forte que subjugasse os outros, e foi precisamente o que Davi fez (veja 2Samuel 8). O obstáculo principal para um programa desse tipo não veio dos cananeus, mas dos filisteus, que você encontra pela primeira vez no livro de Juízes (Sangar, Sansão). Os filisteus eram povos marítimos que se haviam estabelecido na costa do Mediterrâneo e tinham dominado a área costeira (e, muitas vezes, um pouco mais adentro) por meio de suas cinco maiores cidades (Gaza, Asdode, Ascalom, Gate e Ecrom). É a influência deles que impulsiona as tribos israelitas à unificação e à proteção conferidas pela monarquia, e é a presença deles que está por trás de boa parte da história do livro de Samuel, até Davi derrotá-los “depois disso” (2Samuel 8:1).

O livro de Samuel é, portanto, essencialmente a história das transições – do domínio periódico e parcial dos juízes para uma monarquia institucionalizada e hereditária; de um rei que parece um típico monarca do Oriente Próximo (alertado a respeito disso por Samuel como profeta; 1Samuel 8:10-18) a outro que é leal a Javé; da ausência de um lugar central no qual o nome de Deus habite para um novo centro em Jerusalém. Tudo isso é maravilhosamente contado com humor, ironia, suspense e trocadilhos, mas, acima de tudo, com um olhar no que Deus está fazendo com, e no meio de, seu povo, mesmo quando lhes dá um rei.

Uma das preocupações centrais (deuteronômicas) do livro, evidente na estrutura em si, é com a verdadeira adoração a Deus no

lugar de sua habitação (sua presença). Esse tema começa com uma profecia contra a casa de Eli, porque eles “zombam de meu sacrifício e da oferta que determinei para a minha habitação” (1Samuel 2:29). Os capítulos 4 a 7 concentram-se na arca da aliança, cuja captura significou que “a glória se foi de Israel, pois a arca de Deus foi tomada” (4:22). Mais tarde, um elemento essencial do reinado de Davi é a condução da arca até Jerusalém (2Samuel 6), onde deseja construir um templo para ela, mas é proibido (capítulo 7). O livro termina com Davi construindo um altar na eira de Araúna (24:18-25), que, como saberia o leitor a quem se destina o texto, é o local preciso onde o templo eventualmente permanecerá.

Vinculado a isso está outro tema que é ponto fundamental da narrativa, a saber, a tensão entre monarquia e lealdade à aliança. Você verá como isso é relatado inicialmente, nos sentimentos contrastantes entre Samuel e o povo, em 1Samuel 8 a 12. À medida que a história avança, você é regularmente lembrado de que até mesmo reis divinamente indicados podem agir, e agem, como outros reis (conforme alertado em Deuteronômio 17:14-20). No entanto, a lealdade essencial de Davi a Javé encontra-se no cerne da história e nas alianças de Deus com Davi, de que a dinastia deste durará para sempre (2Samuel 7) – uma aliança que se torna um aspecto elementar de boa parte do restante da história de Deus.

Observe como essa tensão reside no âmago das histórias contrastantes de Saul e Davi (1Samuel 16 a 31). Em última análise, a questão para nosso narrador não é *se* Israel tem um rei, mas *que tipo de rei* terá. A chave para isso é se o rei será *fiel* e demonstrará o *caráter* de Javé; para além de outros aspectos sobre o rei de Israel, este deve ser o representante terreno do próprio reinado de Javé sobre os israelitas. Desse modo, embora Saul seja ungido por Samuel e pareça começar bem, há falhas profundas em seu caráter, muitas das quais já estão sutilmente presentes desde o início. Ao final, ele é rejeitado porque pensa como qualquer outro rei – que

está acima da lei e pode agir autonomamente. Além disso, a tradição profética em Israel, representada por Samuel e Natã, serve de lembrete constante de que reis *não* eram autônomos. Israel pode, de fato, ter rejeitado a teocracia (o governo direto de Deus) em prol da monarquia (1Samuel 8), mas o papel de seu rei era mediar o governo de Javé e, assim, *conduzir o povo de Deus em obediência* até o próprio Javé.

Uma ambivalência semelhante também permeia a história do reinado de Davi (2Samuel 5 a 20): deveria chamar a nossa atenção o fato de as façanhas *reais* de Davi serem meramente resumidas em 2Samuel 8, enquanto a história de seu *pecado* e da maldade que, em consequência, corre solta no reino é narrada com muitos detalhes (capítulos 10 a 20)! Dessa forma, o narrador nos lembra, de várias maneiras, da lealdade genuína de Davi a Javé, nomeadamente por colocar os dois grandes poemas de devoção e de louvor ao Senhor de Davi (22:1 a 23:7) como peça central desse apêndice sintético (capítulos 21 a 24). No entanto, esse retrato do "homem de fé" (21:15-17; 23:13-17) é colocado no contexto do "homem de fraqueza" (24:1-17), mas que, quando confrontado com o seu pecado, se arrepende por meio da oração e do sacrifício.

Você também vai querer atentar às duas partes de um subenredo de Gênesis (veja *Conselho específico para a leitura de Gênesis*, p. 27) que marcam, da mesma forma, essa história: (1) o tema da mulher estéril que inicia a história de Samuel (ecoada de várias maneiras em Lucas 1); e (2) a escolha divina do "menor" para cumprir os propósitos pactuais de Deus (Davi, o menino pastor).

Há outra questão importante a se ter em mente durante a leitura, algo que remete ao modo como essa narrativa se encaixa na metanarrativa da história bíblica. No antigo Oriente Próximo, o rei era considerado a personificação do seu povo (ou seja, ele os defendia em todas as ocasiões como seu representante) e o representante da deidade perante o povo (veja Salmos 2:7, em que

o rei davídico é chamado de “filho de Deus”). É por isso que Samuel e Reis contam a história de Israel quase que exclusivamente como a história de seus monarcas – e porque o rei fala para o povo no Saltério. Mas isso também explica por que a monarquia era uma perspectiva assustadora em Israel. Ao mesmo tempo, no entanto, o papel de Davi na história bíblica é afirmado, pois, no final, é o Filho de Davi que chega como verdadeira *personificação* de Israel, e também como verdadeiro Filho de Deus, *representando* Deus para os israelitas. É por isso que a realeza de Jesus desempenha um papel tão importante no relato de sua história no Novo Testamento.

Uma caminhada por 1 e 2Samuel

A HISTÓRIA DE SAMUEL (1SAMUEL 1 A 7)

O narrador espera que você admire Samuel, que serve de último juiz de Israel e próximo grande profeta depois de Moisés. Ele é, também, um dos que vão ungir os primeiros dois reis de Israel.

1Samuel 1:1 a 4:1a – O nascimento e o chamado de Samuel

Observe o papel decisivo que Ana desempenha nessa história: uma mulher estéril orando por um filho (1:1-20), dedicando-o a Deus (1:21-28) e alegrando-se no Senhor (2:1-11). Note também como sua oração antecipa no mínimo dois temas da história: (1) Deus abençoa os fracos, não os fortes; e (2) Deus dará força ao seu rei. As origens de Samuel são, então, contrastadas com a impiedade dos filhos de Eli (2:12-36), seguidas pelo chamado de Samuel (3:1-18) e um resumo conclusivo de seu ministério (3:19 a 4:1a). Veja como a aceitação de Eli, a respeito de sua rejeição como sacerdote por Javé (3:18), serve de pretexto para a posterior recusa de Saul em ser rejeitado como rei por Javé.

1Samuel 4:1b a 7:17 – A perda e o retorno da arca

Veja como essa seção é dominada pela perda e pelo retorno da glória de Deus, em associação com a arca, na qual Deus “tem o seu trono entre os querubins” (4:4). A arca não é um talismã para que Israel use ao menor capricho (4:1b-22), mas os filisteus também não devem achar que conquistaram o Deus de Israel (capítulo 5); por isso ela é restituída parcialmente, rumo ao seu lugar de descanso final (6:1 a 7:1). Vinte anos depois, Samuel convoca a um arrependimento nacional, o que resulta no auxílio divino para a derrota dos filisteus (7:2-13; ecos de Juízes). Note como a seção conclusiva resume o ministério de Samuel, embora haja mais a ser dito sobre esse profeta (veja o papel de 1Samuel 15:34,35 na narrativa de Saul).

A HISTÓRIA DE SAMUEL E SAUL (1SAMUEL 8 A 15)

Observe a tensão entre o reinado em Israel e a lealdade à aliança; Samuel adverte sobre isso três vezes, e o primeiro rei chega para representar a deslealdade à aliança.

1Samuel 8:1 a 12:25 – Saul ungido rei

Você talvez queira ler essa seção à luz de Deuteronômio 16:18 a 17:20. Note como ela começa (8:1-3) com reflexos de Deuteronômio 16:18-20 (juízes que pervertem a justiça e demonstram parcialidade). O restante é marcado por duas advertências sobre os males potenciais da monarquia, incluindo declarações sobre a rejeição das pessoas ao reinado de Javé (8:4-22 e 11:14 a 12:25). São construídas, assim, as narrativas sobre a transformação de Saul em rei – primeiro, a unção de Saul por Samuel (9:1 a 10:8), o que enfatiza suas origens humildes; segundo, a apresentação de Saul ao povo, que o legitima (10:9 a 11:13), destacando sua continuidade com a tradição profética, sua natureza tímida e seu sucesso militar (a guerra santa).

1Samuel 13:1 a 15:35 – O fracasso do reinado de Saul

Aqui, todo o reinado de Saul (13:1) é reduzido a três incidentes ocorridos no período. Duas narrativas principais demonstram a deslealdade do rei à aliança – oferecendo seu próprio sacrifício (13:2-15) e violando as regras pactuais da guerra santa (15:1-35; veja o pecado de Acã em Josué 7). A narrativa central (13:16 a 14:48) demonstra sua fraqueza de caráter e seu fracasso pessoal ao engajar-se na guerra santa. Tudo isso é sintoma de sua desobediência geral, fornecendo evidência de sua falta de fé verdadeira em Javé. Desse modo, Javé o rejeita como rei de Israel (fato sintetizado em 15:22,23). Note como, apesar de Saul sobreviver até o capítulo 31, seu reino chega efetivamente ao fim em 15:35, quando o monarca é rejeitado (embora com tristeza) por Samuel e por Javé.

A HISTÓRIA DE SAUL E DE DAVI (1SAMUEL 16 A 31)

Ao ler essa parte da história, atente para o entrelaçamento da ascensão de Davi ao poder – mesmo sendo um fugitivo – com o declínio de Saul. É preciso estar ciente de que o interesse do autor, no princípio, não é tanto pela cronologia dos eventos, mas por sua relevância para a história como um todo.

1Samuel 16:1 a 17:58 – A ascensão de Davi

Note como a história introdutória da unção de Davi como futuro rei (16:1-13) conclui-se na menção ao fato de o Espírito de Javé vir sobre Davi (16:13), mas retirar-se de Saul (16:14). As primeiras duas cenas (16:14-23; 17:1-58) estabelecem o tema: o relacionamento de Davi com Saul, inicialmente positivo; e o primeiro feito de Davi: o menino pastor confia em Javé (“a batalha é do SENHOR [Javé]”; 17:47) e mata o campeão filisteu Golias (alcançando sucesso na guerra santa).

1Samuel 18:1 a 31:13 – O declínio e a morte de Saul

Essa seção começa com uma história ilustrativa de seu tema central: o ciúme que Saul sente de Davi e suas tentativas de matá-lo (capítulo 18). Observe como o restante da seção é dominado pela perseguição de Saul a Davi, enquanto este, por sua vez, tem duas oportunidades de matar Saul, mas não ergue a mão contra "o ungido do SENHOR" (capítulos 24 e 26, que envolvem o resgate de Davi, de sua própria ira, por Abigail).

Entrelaçados nesse tema estão: (1) outros relatos da espiral descendente de Saul, que no final consulta uma médium (capítulo 28) e termina a vida humilhado (capítulo 31); (2) relatos da existência de Davi como líder fugitivo de um bando de guerrilheiros; (3) evidência da desobediência de Davi a Javé e consideração de seu caráter (por exemplo, sua generosidade para com Saul e Jônatas) – note especialmente como o discurso de Abigail, em 25:26-31, não somente salva Davi do delito vingativo como também, de fato, permite ao narrador expressar seu tema para esses capítulos; e (4) as estadas frequentes e temporárias em território inimigo, quando Deus protegeu Davi do mal e da deslealdade à aliança, sob condições que poderiam ter produzido terríveis resultados à sua vida.

A HISTÓRIA DE DAVI (2SAMUEL)

Você vai observar que a primeira parte da história é dominada pelo tema da lealdade de Davi à aliança, o que culmina na aliança davídica, ainda que um momento particular de deslealdade a esse acordo determine, em boa parte, os insucessos elencados no restante da história (1 e 2Reis).

2Samuel 1:1 a 4:12 – A história de Davi como rei de Judá

Essa seção apresenta a consequência da morte de Saul; veja como é enfatizada a *não* participação de Davi na guerra civil que se

seguiu. Desse modo, Davi lamenta por Saul e Jônatas (capítulo 1). Após o relato de sua aclamação como rei de Judá (capítulo 2), ele é notadamente poupado de todas as tragédias relatadas em seguida (capítulos 3 e 4). Mantenha-se atento para a ruptura entre norte e sul, a qual é retomada nos capítulos 19 e 20, tornando-se definitiva em 1 e 2Reis.

2Samuel 5:1 a 9:13 – A história de Davi como rei sobre todo o Israel

Depois que Davi assume o reinado sobre todo o Israel (5:1-5), há uma sequência de quatro narrativas (5:6 a 7:29) particularmente cruciais: (1) a conquista de Jerusalém por Davi, (2) a conquista dos filisteus, (3) a condução da arca até Jerusalém e, acima de tudo, (4) a aliança de Deus com Davi, de que “sua dinastia e seu reino permanecerão para sempre diante de mim” (7:1-16), ao que Davi responde numa efusão de louvor e de gratidão (7:18-29).

A importância das narrativas anteriores é destacada pela brevidade do capítulo 8, que serve para levar a conquista a uma conclusão (veja Josué). Aqui, muitos anos do reinado de Davi são condensados em dois breves textos. E, porque nosso narrador, em última análise, está preocupado não com as façanhas reais de Davi, mas com o seu caráter, ele conclui com outra narrativa da bondade do rei para com a casa de Saul (capítulo 9), em que o “aleijado” entra no palácio – a despeito do que é dito em 5:8! Mas note como essa cena contrasta com a história lamentável que vem a seguir.

2Samuel 10:1 a 20:26 – O pecado de Davi e suas consequências

Observe como o relato do pecado de Davi contra Bate-Seba e Urias é contado em detalhes. Começa no capítulo 10, é recontado no capítulo 11 e condenado no capítulo 12. Note a ironia no capítulo 11 – o estrangeiro fiel Urias honra um rei israelita infiel; o estrangeiro mantém a pureza sexual durante a guerra, enquanto o rei israelita

flerta com a esposa desse estrangeiro; o rei, que não foi para a batalha, envia o soldado fiel para nela morrer. O rei é retratado o tempo todo como alguém responsável, diante de Deus, por suas ações (note quanto o capítulo 12 é crucial para a visão israelita da realeza), mas, em contraste com Saul, Davi se arrepende e se enche de remorso diante da criança à beira da morte, resultado de seu pecado.

Esse evento põe em marcha o restante da história (capítulos 13 a 20) de duas maneiras. Primeiro, observe como a sexualidade ilícita, o assassinato e a intriga se multiplicam na família de Davi à medida que a predição de Natã (12:10-12) se cumpre. Por sua vez, há estupro, fratricídio, traição, rebelião, sequestro das concubinas de Davi e guerra civil; as fissuras entre norte e sul, retratadas em 19:8b a 20:26, antecipam o fosso intransponível relatado em 1Reis 12. Segundo, veja como toda essa série de eventos está relacionada à questão suscitada mais tarde por Bate-Seba, em 1Reis 1:20: “Quem sucederá ao rei, meu senhor, no trono.”

2Samuel 21:1 a 24:25 – Reflexões finais sobre Davi e seu reinado

Note como o narrador também resume Davi, da mesma forma que fez com Samuel e Saul, antes que sua história esteja de fato concluída (veja 1Samuel 7:15-17; 15:34,35). Mas, nesse caso, trata-se de um arranjo propositado (em um padrão concêntrico, e não cronológico) de duas narrativas, dois relatos dos guerreiros poderosos de Davi e dois poemas (2Samuel 22:1-51 [uma versão de Salmos 18] e 23:1-7). Estes revisam, primeiro, os atos poderosos de Deus em favor e por meio de Davi e, segundo, a promessa da aliança divina de um trono duradouro. Observe especialmente como ambos os poemas tributam glória a Deus o tempo todo. Se Davi é a “lâmpada de Israel” (21:17), Deus é, de fato, a lâmpada de Davi (22:29).

A estrutura interior para essas afirmações inclui duas narrativas acerca dos guerreiros poderosos de Davi (21:15-22; 23:8-39), lembrando a você o papel de Deus na batalha e nos tempos de humanidade e vulnerabilidade desse rei. De modo significativo, as histórias da fome e da praga (três anos/três dias) que moldam o todo (21:1-14; 24:1-25) terminam com obediência e sacrifício. De novo, observe a ironia: depois dos dois poemas e da lista de guerreiros de Davi, 2Samuel conclui com a história da contagem, feita por Davi, de seus soldados, em violação à lei da guerra santa, a fim de iniciar a preparação para conquistas posteriores e estabelecer sua própria importância (24:1-17). Ao mesmo tempo, o sacrifício no terreno do futuro templo (24:18-25) prepara o caminho para 1 e 2Reis.

O livro de Samuel leva a história de Deus até a monarquia, especialmente por intermédio da história do rei Davi, um homem de fé e, ao mesmo tempo, de fraqueza. A aliança divina com Davi é a base para o messianismo judaico, cumprido finalmente em seu Filho supremo, Jesus de Nazaré.

1 E 2REIS

Dados de orientação para 1 e 2Reis

- **Conteúdo:** começa com o reinado de Salomão, segue para a história do declínio e da eventual dissolução da monarquia em Israel e se encerra com a expulsão do povo de Deus da terra.
- **Cobertura histórica:** da morte de Davi (970 a.C.) ao exílio de Judá no século 6 a.C. (586 a.C.).
- **Ênfases:** a avaliação da monarquia com base na lealdade à aliança; as fatídicas consequências nacionais à deslealdade a Javé, levando, finalmente, à expulsão da terra; a discórdia e as guerras civis entre norte e sul; o surgimento das superpotências que, sob a direção de Deus, subjugaram Israel e Judá; o papel dos profetas que falam por Deus na vida nacional de Israel.

Visão geral de 1 e 2Reis

Como no caso de Samuel, o livro de Reis foi dividido para caber em dois rolos. O título conta a história de seu conteúdo, mas também é importante lembrar que, na Bíblia hebraica, Reis conclui os Primeiros Profetas, como uma descrição do veredito de Deus sobre o julgamento da história de Israel. E você perceberá com clareza o importante papel dos profetas nesse livro.

Reis cobre a história do reinado de Salomão, passando pela subsequente divisão dessa monarquia em dois reinos, até sua destruição no norte (Israel) e o exílio do último rei no sul (Judá). O texto também descreve bem suas próprias “subdivisões”: 1Reis 1 a 11 dão um relato abreviado do reinado de Salomão. Quatro coisas são importantes para o narrador: (1) como Salomão chegou ao trono, (2) a fama de sua sabedoria, (3) a construção do templo e de

seu palácio e, por fim, (4) sua decadência e as razões para tal. Os eventos em torno do cisma são narrados em 1Reis 12 a 14.

Crucial aqui é o reinado de Jeroboão I que, com ecos de Arão e do bezerro de ouro, declara que seus bezerros de ouro em Dã e Betel são “seus deuses [...] que tiraram a vocês do Egito” (12:28; Êxodo 32:4). A cena é seguida por relatos alternativos dos reis do norte e do sul à medida que seus reinos se sobrepõem (1Reis 15 a 2Reis 17); cada rei do norte, por sua vez, é julgado por Deus por andar “nos caminhos de Jeroboão e nos [seus] pecados [...]” (veja 1Reis 15:26,34). Aqui, a narrativa é dominada pela atividade profética no norte, especialmente de Elias e Eliseu (1Reis 17 a 2Reis 13), até a captura e a destruição da capital, Samaria.

O restante do livro (2Reis 18 a 25) conta a história de outros 150 anos de governo de reis de Judá, até a queda de Jerusalém em 587/6 a.C. Mais da metade dessa última seção se concentra em dois reis especialmente bons (Ezequias, capítulos 18 a 20; Josias, capítulos 22 e 23) e inclui a atividade profética de Isaías (capítulos 19 e 20).

Conselho específico para a leitura de 1 e 2Reis

Considerando que toda história é escrita sob um ponto de vista, nem todos os historiadores revelam seu ponto de vista tão claramente quanto esse narrador (observe seu próprio resumo da história após a queda de Samaria, em 2Reis 17:7-23). A perspectiva deuteronômica sobre a história de Israel, que começou com Josué, é especialmente pronunciada nessa narrativa, tanto por meio de seus claros ecos de temas deuteronômicos quanto pelo modo como estruturada. Assim, não é surpresa – uma vez que todos os reis do norte e a maioria dos do sul evidenciaram deslealdade – que a história tenha reflexos distintos de Juízes com sua espiral

descendente, à medida que as maldições prometidas em Deuteronômio 28:15-68 chegam ao seu cumprimento inevitável.

A chave para tudo é a lealdade ou a deslealdade de cada rei à aliança com Javé. Em Reis, isso é expresso em termos deuteronômicos – a atitude do rei para com o santuário central (o templo em Jerusalém), e o fato de tal governante defender ou não o sincretismo (por exemplo, os bezerros de ouro de Jeroboão; veja 2Reis 17:41), ou deuses rivais, especialmente a adoração ao Baal cananeu (observe como essas distinções são assumidas em 1Reis 16:31,32 e 2Reis 10:28,29). Esse "programa" é estabelecido pela narrativa de Salomão, cujo reinado longo e próspero é finalmente reduzido a duas questões. Sua obra significativa é *a construção do templo* em Jerusalém, que se enche com a glória de Deus (a presença divina; 1Reis 8:10,11), precisamente como no tabernáculo, em Êxodo 40:34,35. Mas, por fim, Salomão é julgado por *andar no caminho de todos os reis* (veja Deuteronômio 17:16,17; 1Samuel 8:11-18) e por *promover idolatria* por meio de suas muitas esposas estrangeiras (1Reis 11:1-13). Esses dois fatores andam lado a lado em 1Reis 8 e 9 – na oração de Salomão e na resposta de Javé. A primeira questão enfatiza a importância do templo para a lealdade de Israel a Javé; a segunda repete as bênçãos e maldições deuteronômicas, delineando, em particular, a natureza destas: "desarraigarei Israel *da terra* que lhes dei" (9:7, grifo nosso), "porque abandonaram o SENHOR [Javé], o seu Deus [...] e se apegaram a outros deuses" (9:9). Para nosso narrador, isso prediz a história que ele passará a descrever.

Essa visão das coisas é também acentuada por várias questões estruturais. Na primeira delas, todos os reis são colocados na história por meio de uma fórmula monárquica comum:

1. quando um rei passava a reinar (em Israel ou Judá) em relação a outro rei;

2. por quanto tempo e em qual capital esse novo governante reinava;
3. o nome da mãe desse rei (no caso de Judá);
4. a política religiosa adotada: para os reis do norte, isso consistentemente toma a forma de “os pecados de Jeroboão, filho de Nebate”; para Judá, a questão era se o rei seguia Javé e se removia ou não “os lugares altos”;
5. frequentemente, a fonte onde foram obtidas mais informações sobre o rei;
6. ao final, informações sobre a morte/o sepultamento do monarca e quem o sucedia.

Os itens 4 e 5 são especialmente descritivos. O item 4 é a única base sobre a qual determinado rei é julgado – não importa quanto tempo ele tenha reinado ou quais possam ter sido suas outras proezas ou realizações; o item 5, portanto, conta ao leitor em que lugares os outros tipos de material poderiam ser encontrados (por exemplo, no “livro dos anais dos reis de...”).

A segunda questão estrutural pode ser particularmente penosa para os que desejam um tipo diferente de história. Não há quase nada a ser dito sobre muitos dos reis além da fórmula monárquica em si. E o que é narrado sobre aqueles que recebem mais destaque, para além dos relatos da guerra civil, quase sempre tem a ver com sua lealdade ou deslealdade a Javé. Isso resulta em desproporções intencionais de importantes tipos: os reinados coincidentes de Jeroboão II de Israel (41 anos em Samaria) e Azarias (Uzias) de Judá (52 anos em Jerusalém) são mencionados com mera superficialidade em sete versículos cada (2Reis 14:23-29; 15:1-7), enquanto o reinado de 22 anos de Acabe e o de 29 anos de Ezequias cobrem vários capítulos.

Como terceiro aspecto, isso também explica o espaço desproporcional dado aos profetas Elias e Eliseu. Eles se tornam agentes divinos na guerra santa, mas, agora, contra os reis do norte

e contra a estrangeira adoradora de Baal, Jezabel. Por meio desses profetas, Deus demonstra que ainda é Senhor sobre toda a terra (Criação, natureza; as nações; Israel). Assim, o ciclo deuteronômico leva a história do norte a um trágico fim; e o mesmo acontece no sul, em termos do exílio prometido.

Finalmente, observe que, em contraste com o livro de Samuel, essa história é contada no contexto das grandes superpotências que surgiram – Assíria, depois Babilônia e Egito. Elas se tornam os instrumentos do juízo de Deus a fim de conduzir seu povo para fora da terra, mas fazem isso porque Javé é o Deus das nações e deu-lhes poder para tal (Deuteronômio 28:49-52).

Uma caminhada por 1 e 2Reis

1Reis 1:1 a 2:46 – Salomão torna-se rei

Essa seção de abertura fala sobre a sucessão de Davi por Salomão (1:1-53) e as instruções que este recebe de Davi (2:1-12); relata-se, então, a consolidação do posto de Salomão, quando este se livra de Adonias e de seus companheiros de conspiração, Joabe e Abiatar (2:13-46). Observe a pergunta sobre sucessão que está sendo respondida (1:20): Como aconteceu de Davi ser sucedido por Salomão, que não era o primeiro na linha sucessória? (1:6; 2:22; veja as narrativas de Gênesis 12 a 50). A resposta está em um juramento feito por Bate-Seba. Veja também como a seção termina em 1Reis 2:46 (“Assim o reino ficou bem estabelecido nas mãos de Salomão”), definindo o que vem a seguir.

1Reis 3:1 a 11:43 – O reinado de Salomão

Você precisa estar alerta a duas coisas importantes sobre essa narrativa: (1) o narrador sinaliza que, (a) com o reinado de Salomão, a promessa de vasto aumento populacional feita a Abraão foi cumprida (4:20; veja Gênesis 22:17; 32:12) e, (b) com a construção do templo, o êxodo está agora concluído, na medida em que Javé

estabelece sua habitação permanente em Jerusalém (1Reis 6:1). Desse modo, (2) o tema central dessa seção é a narrativa acerca do templo (5:1 a 9:9), contada com detalhes, enquanto os muitos e longos anos do reinado de Salomão são meramente resumidos em torno dela. De fato, uma leitura cuidadosa deixa claro que a relação de Salomão com o templo é a única coisa que "salva" esse monarca, por assim dizer.

Por sua vez, o narrador demonstra considerável ambivalência para com Salomão. Ao ler, observe, por exemplo, quanto de 3:1 a 4:34 e 9:10 a 11:43 cumpre a profecia de Salomão (1Samuel 8:11-18). O narrador reconhece que a sabedoria e o esplendor salomônicos são um dom de Deus, e no cerne de tudo está o fato de Salomão ser filho de Davi (1Reis 3:3,7,14; 8:15-26; 9:4,5). No entanto, ele também sabe que as sementes do declínio e do cisma futuros estão sendo lançadas (impostos pesados e trabalho escravo: 4:27,28; 5:13-18; veja 12:4; repare no contraste com a reforma do templo por Joás, em 2Reis 12:4-16 [ofertas voluntárias e trabalhadores remunerados!]). O juízo divino sobre Salomão dá o tom para o restante da história ("[...] você não obedeceu à minha aliança e aos meus decretos, os quais lhe ordenei"; 1Reis 11:11,33). Dessa forma, apesar de toda a grandeza, sabedoria e esplendor de Salomão e da construção do templo, e mesmo tendo Deus aparecido ao rei duas vezes (11:9; veja 3:5-15; 9:2-9), ele, no fim, abandonou ao SENHOR para adorar ídolos (11:1-10) e, assim, dividiu a nação, despertando a ira divina (11:11-40).

1Reis 12:1 a 16:20 – O reino se divide (931-885 a.C.)

Os capítulos 12 a 14 descrevem a deterioração da nação em Israel, tornando-se politicamente instável e religiosamente rebelde (dez tribos do norte), e Judá, um pouco mais ortodoxa e estável (às vezes, mais Benjamim; 12:20-23). Observe quatro ênfases: (1) o papel dominante dos profetas, que revelam os planos de Deus e

chamam os reis do norte à responsabilidade (12:22-24; 13:1-4; 14:1-18; 16:1-4; veja 11:29-39); (2) a guerra civil coloca o norte contra o sul, com alianças estrangeiras (15:6,7,16-22); (3) o compromisso de Deus com Judá em nome de Davi (14:8; 15:4,5,11; observe, em especial, o eco de 2Samuel 21:17, de que Davi é a "lâmpada de Israel"; veja 2Reis 8:19); (4) a "sucessão" no norte se dá por meio de traição e de poder político (1Reis 16:9-13), não pela vontade de Deus.

A história de Jeroboão I é particularmente importante para o restante da narrativa. Veja como o narrador conta a história de Jeroboão em duas partes: de início o rei reflete semelhanças com Moisés (escolhido por Deus, sai do Egito para libertar um povo que trabalha sob "um jugo pesado"; 12:1-4; veja Êxodo 6:6,7), mas, no fim, assemelha-se a Arão (Êxodo 32), fazendo bezerros de ouro e repetindo textualmente as palavras desse profeta e sacerdote: "Aqui estão os seus deuses, ó Israel, que tiraram a vocês do Egito" (1Reis 12:28). Essa repetição da rebelião no Sinai marca todos os outros reis de Israel que andaram nos caminhos de Jeroboão (por exemplo, 15:26,34). Mas tenha o cuidado de notar que essa é uma forma de sincretismo (Javé na forma de uma deidade egípcia), não de baalismo, como 2Reis 10:28,29 e 17:41 deixam claro.

1Reis 16:21 a 2Reis 10:36 – O reino dividido: a dinastia de Onri (885-841 a.C.)

Com Onri chega outra dinastia, que nem descendia de Davi, nem adorava em Jerusalém. O filho de Onri, Acabe, ultrapassa até mesmo Jeroboão em seu pecado, casando-se com uma adoradora de Baal e, desse modo, somando a adoração a esse deus à dos bezerros de ouro. Observe como isso resulta na guerra santa, à medida que o profeta Elias concorre por Javé contra os profetas de Baal. Observe também que, para além de todos os pecados de Acabe, é quando ele toma a vinha de Nabote, traindo-o e matando-o (transgredindo a Lei da aliança de diversas maneiras; veja

Deuteronômio 19:14), que o juízo divino recai sobre o próprio Acabe e Jezabel (1Reis 21:17-24).

Embora Acabe morra conforme o juízo profético (22:37,38), esperamos até 2Reis 9,10 para que o restante da profecia seja cumprido contra Jezabel e contra a casa de Acabe. Assim, o juízo é mantido, enquanto Eliseu sucede Elias e realiza milagres semelhantes aos dele, e Acabe é sucedido por dois filhos. A execução é realizada por um fervoroso javista (porém sanguinário), Jeú, que destrói a adoração a Baal, mas não os bezerros de ouro em Dã e Betel. Observe também, nessa seção, que a pressão externa ainda vem somente de reinos locais vizinhos (Arã/Damasco), mas tudo isso vai mudar na próxima seção, à medida que a superpotência Assíria emergir no horizonte (2Reis 15:19).

Note, enfim, como essa parte da história se concentra nos assuntos de Israel; as exceções de Judá são resumos breves acerca de Josafá (1Reis 22:41-50, um rei “bom”) e de Jeorão e Acazias (2Reis 8:16-29), reis maus que andaram nos caminhos dos monarcas de Israel. A intriga de suas histórias é que Jeorão entra para a casa de Onri; Atalia, uma filha de Acabe e Jezabel, acaba por tornar-se como a mãe e quase consegue destruir a dinastia davídica (2Reis 11).

2Reis 11:1 a 17:41 – O reino dividido: Jeú até a queda de Samaria (841-722 a.C.)

Daqui em diante, a história começa a se voltar novamente para os reis de Judá. Veja como os reis de Israel são meramente resumidos a uma história após outra de infidelidade à aliança, até que Samaria é conquistada e Israel é anexado ao império assírio. Note como o resumo do autor, em 17:7-23, conta a história da maneira como ele esperava que fosse lida. O reassentamento de terra assírio (17:24-41) desencadeia as muitas dificuldades que serão enfrentadas em Esdras e Neemias – incluindo cidadãos do norte, de etnia mista, que

você verá outra vez como os samaritanos dos Evangelhos no Novo Testamento.

Três reis de Judá são mencionados nessa seção, destacando assuntos abordados anteriormente na narrativa. A história de Joás (capítulos 11 e 12) é importante por duas razões: (1) ele representa o compromisso de Deus de manter “uma lâmpada para Davi” (8:19); tendo sido protegido por sua tia, é proclamado rei, enquanto a usurpadora Atalia, de Samaria, grita “traição”, mas é morta (11:14-16). (2) Ele repara o templo – e faz isso com ofertas voluntárias do povo (12:4,5)!

Amazias (14:1-22), outro rei “bom”, continua as políticas de seu pai, Joás, mas é reconhecido, em grande parte, por continuar a guerra civil com o norte. E, obviamente, nada vai bem em Jerusalém, visto que tanto Joás quanto o filho são assassinados por oficiais anônimos.

Acaz (capítulo 16), diferentemente de Davi, seu pai, “não fez o que o SENHOR, seu Deus, aprova”. Ele é lembrado principalmente por permitir a influência assíria sobre Judá e, em contraste com Joás, que restaurou o templo, reconfigurou-o com base em influência estrangeira.

2Reis 18:1 a 25:30 – Os últimos anos de Judá: o exílio babilônico (722-560 a.C.)

Em contraste com a história de Israel, em que a narrativa se concentra na flagrante maldade do pior dos reis (conforme julgado pelos critérios deuteronômicos), a história de Judá tende a concentrar-se nos reis bons. Observe como isso ocorre especialmente nesse episódio final, no qual somente dois reis, Ezequias (capítulos 18 a 20) e Josias (capítulos 22 e 23), fazem o que é reto aos olhos de Javé e, de novo, são julgados com base na lealdade à aliança (18:5,6; 22:11; 23:1-3). No caso de Ezequias, sua lealdade a Javé é a razão pela qual escapou da conquista assíria,

mas algumas de suas ações, na verdade, anunciam o exílio babilônico (20:12-21). A despeito das reformas de Josias e de sua devoção a Javé, Judá é lançada à sorte pelo reinado idólatra de Manassés (23:24-27), de modo que a história, a partir daí, segue inexoravelmente rumo ao exílio. Reis acaba com Judá no exílio, mas a libertação de Jeoaquim apresenta ao leitor um raio de esperança quanto à “lâmpada de Davi”, ainda que derradeiro.

> O livro de Reis está, em última instância, respondendo à pergunta: “À luz da aliança de Deus com Abraão [a terra] e com Davi [um trono eterno], como tudo isso aconteceu a nós?” A resposta: Deus não falhou com seu povo; o povo, liderado por seus reis, falhou com seu Deus. As alianças, afinal, têm inscrita em si a contingência da fidelidade de Israel. Mas a aliança também promete o fim do exílio para os que retornam a Javé (Deuteronômio 30:1-10).

1 E 2CRÔNICAS

Dados de orientação para 1 e 2Crônicas

- **Conteúdo:** uma história pós-exílica, positiva, dos reis de Judá, com ênfase ao templo e à adoração.
- **Cobertura histórica:** uma genealogia inicial de volta até Adão; a narrativa em si cobre o reino de Judá desde Davi (aproximadamente 1000 a.C.) até o decreto de Ciro (539/8 a.C.).
- **Ênfases:** a continuidade do povo de Judá (e outros) no exílio e além; a lealdade de Davi e de Salomão à aliança, como modelos para o tempo da restauração; o papel central do templo e da adoração para a restauração; a verdadeira adoração, que vem do coração, repleta de alegria e de louvores; a bênção divina, o descanso pela obediência e a retribuição pela desobediência.

Visão geral de 1 e 2Crônicas

Crônicas é o livro final na Bíblia hebraica, assumindo lugar no encerramento dos Escritos. Sua posição atual e a divisão em dois livros vêm da Bíblia grega, na qual foi (propositadamente) colocado depois de Reis e seguido por Esdras e Neemias. Usando Samuel e Reis como narrativa básica, o cronista acrescenta outros materiais – genealogias, listas, salmos, discursos – para apresentar a história contínua de Israel (especialmente Judá) desde Adão até o decreto de Ciro, que oficializou o fim do exílio.

A história em si está organizada em três partes. Ela começa com as desagradáveis *genealogias* (1Crônicas 1 a 9), e isso tem tornado esse livro um dos mais negligenciados do Antigo Testamento. O crucial é que o cronista segue a linhagem de volta até Adão,

enquanto se concentra, enfim, em Judá e nos levitas (nos quais residem os interesses de sua narrativa).

A segunda parte (1Crônicas 10 a 2Crônicas 9) conta a história da *monarquia unificada* sob Davi e Salomão, um tema que se estende por um pouco mais de páginas quando comparado a todo o restante da história, de Roboão até o fim do exílio. Concentrando-se somente nas dimensões positivas da vida desses dois reis, o autor também sobrepõe, deliberadamente, suas histórias. Desse modo, 1Crônicas 10 a 21 conta a história de Davi somente; 1Crônicas 22 a 29 introduz Salomão na história de Davi, e este prepara aquele para a construção do templo; e 2Crônicas 1 a 9 retoma a história de Salomão somente, que é quem de fato comanda a construção. O templo e a correta adoração são o foco óbvio dessa seção. Mais da metade da história de Davi diz respeito a preparativos para tal empreitada (1Crônicas 22 a 26; 28 e 29), e mais de dois terços da de Salomão são dedicados à construção e à dedicação do templo (2Crônicas 2 a 7).

Esses mesmos interesses continuam na terceira parte (2Crônicas 10 a 36), que se relaciona à história de Judá (apenas) durante o período da *monarquia dividida*. Mas, aqui, você vai observar ainda um padrão adicional: o sucesso na batalha e a prosperidade material estão diretamente relacionados à obediência a Javé, enquanto o fracasso é devido à infidelidade ou à falta de confiança. A história inclui o exílio, terminando com o edito de Ciro, rei da Pérsia, que, em cumprimento à profecia de Jeremias, foi “indicado” por Javé “para construir um templo para ele em Jerusalém” (2Crônicas 36:22,23).

Conselho específico para a leitura de 1 e 2Crônicas

Ler Crônicas vai ajudá-lo a ter uma noção dos tempos nos quais o cronista escreveu. Era uma época de restauração, um período que

começou hesitante, ao final do século 6 a.C., com o projeto do templo repetidamente adiado e finalmente concluído (veja *Conselho específico para a leitura de Ageu*, p. 250; *Zacarias*, p. 254 e *Uma caminhada por Esdras 1 a 6*, p. 107), o que tomou fôlego somente nas reformas sistemáticas de Esdras e Neemias, em meados do século 5. O cronista muito provavelmente escreveu em algum momento desse período – um tempo de crise de identidade na província persa de Judá. A restauração até ali havia estado longe do glorioso "segundo êxodo" imaginado por Isaías (por exemplo: Isaías 35:1-10; 40:1-11; 44:1-5). Ciro havia tecnicamente inaugurado a nova era, que incluiu o custo de reconstrução de Jerusalém e do templo (Isaías 44:28 a 45:5,13). Mas, de fato, somente um punhado de judeus havia retornado à sua "terra prometida", e o segundo templo não tinha a grandeza do de Salomão (Ageu 2:3) nem havia, ainda, obtido sua glória prometida (Ageu 2:6-9) – enquanto Jerusalém permanecia em decadência total, com poucos habitantes (Neemias 1 e 11). Um tempo de mal-estar geral se havia instalado, incluindo cada vez mais uma grande quantidade de casamentos com estrangeiros (Esdras 9 e 10; uma forma garantida de se perder a identidade nacional).

Nesse contexto, Ageu e Zacarias entram em cena para impulsionar o trabalho de um sacerdote (Jesua) e de um governador (Zorobabel). Uma geração depois, um sacerdote (Esdras) e um governador (Neemias) entraram em cena com seu movimento reformista – e com melhores resultados. No mesmo contexto geral também surge o cronista, com uma brilhante recontagem da história de Judá, a fim de dar à geração de seu tempo uma noção de continuidade em relação ao grande passado daquele povo e de concentrar-se no templo e na adoração feita ali, como o lugar no qual essa continuidade poderia ser mantida.

Durante a leitura, você vai observar que muitas ênfases se destacam: o cronista se mostra totalmente interessado na dinastia davídica, e no reino do norte apenas quando em aliança com Judá.

Sobre Judá, seu interesse volta-se para duas preocupações: a dinastia davídica (Davi e Salomão) e o templo em Jerusalém. Sobre o templo, seu interesse destina-se totalmente à natureza e à pureza da adoração (mais de 60% da história). Combine essas ênfases com o fato de que o livro termina com o decreto de Ciro para a construção do templo, então poderá observar a que nosso autor atribui a esperança para o futuro, a saber, que, dessa vez, em se tratando do templo, tudo dê certo.

Tudo dar certo, para o cronista, porém, não é questão de mero ritual. Observe sua repetida ênfase em consagrar "o coração e a alma para buscarem o SENHOR [Javé], o seu Deus" (1Crônicas 22:19; veja 29:17; 2Crônicas 6:38; 7:10; 15:12), somada ao realce de que cantassem "músicas alegres" (1Crônicas 15:16), ocasião na qual são destacados os levitas. O livro está repleto de linguagem de louvor, ação de graças e alegria na bondade e no amor de Deus. Observe, especialmente, a expressão três vezes repetida "ele é bom; o seu amor dura para sempre": (1) quando a arca é trazida a Jerusalém e, então, (2) ao templo, e (3) quando o templo é consagrado (1Crônicas 16:34; 2Crônicas 5:13; 7:3). A presença de Deus (desde o êxodo) é assim renovada em Israel.

O foco do cronista sobre o reino do sul, no entanto, não é o mesmo dedicado ao norte; antes, ele conta a história do norte apenas em termos de seu fracasso em adorar no lugar escolhido por Deus, a saber, o templo em Jerusalém. Por exemplo, o cronista regularmente usa a expressão "todo o Israel", com a qual pretende dizer norte e sul juntos em lealdade à adoração no templo em Jerusalém. Nesse contexto, você verá como seus dois temas principais (a autenticidade da dinastia davídica e o templo em Jerusalém) se fundem no discurso de Abias, em 2Crônicas 13:4-12, como o ponto real de condenação contra Jeroboão e seus sucessores. E veja, ainda, o convite de Ezequias – e a aceitação por alguns – ao norte (agora não mais como nação) para que se unisse

mais uma vez na adoração em Jerusalém, depois que ele havia purificado o templo (2Crônicas 30:1 a 31:1).

É também nesse contexto que você deve entender a apresentação de Davi e Salomão feita pelo cronista. O que pode parecer, a alguns, um tipo de abrandamento a respeito da vida que levaram é mais bem entendido como destaque apenas àquelas dimensões de suas histórias que servem como ideais, tanto para o povo como um todo (quando já não têm um rei) quanto para a ênfase apropriada, pois eles vivem para o futuro (devida adoração no templo). O cronista sabe que seus leitores estão bem cientes dos erros desses reis (veja Neemias 13:26). Seu interesse é revelar como as realizações positivas desses dois homens podem inspirar esperança para um novo dia.

É dessa mesma forma que você deve entender as ênfases na narrativa do reino dividido – Deus abençoa os que obedecem e pune os que não o fazem. Embora a vida não seja assim tão simples, o cronista sabe que esse é um padrão bíblico estabelecido desde o princípio. E, desse modo, reconta a história, a fim de encorajar lealdade semelhante em uma nova geração que mora em, e ao redor de, Jerusalém (1Crônicas 9).

Finalmente, você também precisa notar o interesse do cronista no papel das “nações”. Em meio ao senso de insignificância de seus leitores, ele os lembra de que as nações estão sob o controle de Javé (por exemplo: Sisaque, rei do Egito, em 2Crônicas 12:5-9; Ciro, rei da Pérsia, em 2Crônicas 36:22,23), mas não somente isso; ao colocar o Salmo 105 no meio da narrativa de Davi (1Crônicas 16:8-36), ele enfatiza que a bondade divina para com Israel será o que tornará Javé conhecido entre as nações (lembre-se da bênção de Abraão; Gênesis 12:3).

Uma caminhada por 1 e 2Crônicas

1Crônicas 1 a 9 – As genealogias

Há diversas coisas importantes que você deve notar ao examinar essas genealogias. Primeiro, o fato de o cronista começar a narrativa desse modo diz algo sobre o que ele deseja que a comunidade pós-exílica entenda – que o povo dá continuidade a um passado divinamente ordenado, o qual, em última instância, remonta à criação do mundo.

Segundo, veja que o foco e uma extensão maior de texto são dedicados às tribos de Judá, Benjamim e Levi. Essas são as tribos sobreviventes do reino do sul, as quais também representam, por sua vez, a dinastia davídica, Jerusalém e a devida adoração no templo; elas, além disso, lideraram o retorno original da Babilônia (Esdras 1:5). Desse modo, o primeiro conjunto de genealogias (1:1 a 4:23) passa pelos filhos de Israel (2:1,2) para somente então concentrar-se prioritariamente em Judá (2:3 a 4:23), com a dinastia davídica como peça principal (3:1-16), e incluindo a linhagem real após o exílio (3:17-24) – época em que vive nosso autor.

Observe como as genealogias das tribos remanescentes (4:24 a 7:40) têm os levitas como peça central (capítulo 6), com ênfase especial aos músicos do templo (6:31-47). Finalmente, a genealogia de Benjamim é expandida no capítulo 8 (veja 7:6-12).

O capítulo 9 não é uma genealogia, e, sim, uma lista de exilados babilônicos que haviam retornado, com ênfase especial aos levitas que ministravam no templo. Veja que, em 9:35-44, a última parte da genealogia benjamita (8:29-38) é repetida a fim de introduzir Saul no início da narrativa.

1Crônicas 10 a 21 – A monarquia unificada: a história de Davi

Fique atento às preocupações do cronista à medida que elas surgem nessa seção, notando seu arranjo e suas ênfases. Ele começa (capítulo 10) com a morte do rei fracassado (Saul), na intenção de introduzir o grande rei (Davi) em contrapartida. Então,

nos capítulos 11 e 12, seleciona e arranja vários materiais de 2Samuel (5:1-3,6-10; 23:8-39) e de outras fontes para enfatizar que “todo o Israel” se reuniu para fazer de Davi rei (1Crônicas 11:1,4,10; 12:38).

A próxima seção (capítulos 13 a 16) conta a história da condução “da arca da aliança do SENHOR [Javé]” (15:25) até Jerusalém. Note (1) como ela continua o tema de “todo o Israel” (13:1-4); posteriormente, o autor expande de forma considerável 2Samuel 6 ao separar suas duas fases (1Crônicas 13:1-14; 15:1 a 16:6), para que, em contraste com a morte de Uzias, possa concentrar-se especialmente no papel dos levitas, com suas canções alegres (15:2-24); (2) como a referida seção atinge um clímax com uma colagem maravilhosa de porções dos três salmos (1Crônicas 16:8-36 = Salmos 105:1-15; 96:1-13; 106:1,47,48), enaltecendo a grandeza de Deus em toda a terra e sobre as nações, e em particular sua bondade para com seu povo; e (3) como o salmo termina com um clamor a Deus: “[...] livra-nos das nações” (1Crônicas 16:35,36), a que todo o povo disse: “Amém” e “Louvado seja o SENHOR” (refletindo a própria situação do autor).

Segue-se a isso a aliança davídica (capítulo 17), com sua ênfase agora em Salomão como aquele que construirá “a casa de Deus”, o que é acompanhado, por sua vez (capítulos 18 a 21), de uma colagem, de 2Samuel 8-21, das guerras de Davi. Observe dois pontos aqui: (1) a importância dessa seção está em explicar por que Davi não pôde construir o templo – ele foi um homem de guerra (1Crônicas 22:8), enquanto seu filho Salomão (cujo nome significa “paz”) é um “homem de paz e descanso” (22:9); (2) a seção é concluída com a única história negativa sobre Davi (21:1 a 22:1), que precisa ser registrada porque é na eira de Araúna – comprada por Davi, que se recusou a recebê-la como presente – que o templo será edificado (22:1).

1Crônicas 22 a 29 – A monarquia unificada: Davi e Salomão

O material dessa seção serve àquilo que é essencial à transição de Davi a Salomão. Note como as preocupações do cronista são destacadas pela estrutura em si. A seção central mais importante (capítulos 23 a 27) lida com o preparo dos levitas para a adoração no templo. Os preprativos são enquadrados por três discursos de Davi (capítulos 22, 28 e 29), os quais chegam ao cerne das preocupações do autor. O primeiro (22:5-16) é endereçado ao próprio Salomão e repete a essência da aliança davídica (17:10b-14), concentrando-se, em especial, em seu chamado para a construção do templo; o segundo (28:2-10) repete a essência do primeiro para todos os oficiais de Israel; enquanto o terceiro (29:1-5) os conclama a seguir o próprio exemplo de Davi, ou seja, doar-se generosamente ao projeto. Há, por fim, uma bênção e uma ação de graças davídica (29:10-19). Desse modo, o intento geral é (1) designar Salomão como aquele que foi divinamente indicado para a construção do templo e (2) assegurar o apoio de “todo o Israel” ao seu reinado e àquela construção. Assim, a seção termina com Salomão sendo reconhecido como rei por todo o Israel (29:21-25) e com a morte de Davi (29:26-30).

2Crônicas 1 a 9 – A monarquia unificada: a história de Salomão

Observe duas coisas em particular conforme lê essa seção. Em primeiro lugar, toda a ambiguidade relacionada a Salomão e encontrada em 2Reis foi removida, uma vez que ela serve ao nosso autor como referência de devoção a Javé no ponto essencial – fidelidade ao templo como lugar da verdadeira adoração. Em segundo lugar, portanto, grande parte dessa seção é sua peça central (2Crônicas 2 a 7) – os preparativos para o templo e a sua construção e dedicação. Duas adições à narrativa de 1Reis refletem

as preocupações do cronista: (1) a dupla repetição do tema do salmo de Davi (1Crônicas 16:34), em 2Crônicas 5:13 e 7:3 – quando a arca da presença de Deus descansa no templo a ele dedicado – enfatiza a *bondade de Deus* para com o seu povo; (2) a passagem mais conhecida desse livro – a adição da resposta de Deus à oração de Salomão (7:13-16) – parece especialmente incluída em consideração aos leitores do autor.

2Crônicas 10 a 36 – A monarquia dividida: a dinastia davídica

O restante da história trata dos reis que sucederam Salomão. Além de dar continuidade a todos os temas da narrativa até esse ponto (“todo o Israel”; a dinastia davídica; o lugar central do templo), aqui o cronista também dá ênfase especial à intervenção direta de Deus para bênção e juízo com base na “busca” dos reis ou em sua “humilhação” diante de Javé, ou de seu “abandono” ou “esquecimento”.

Capítulos 10 a 12. Três coisas a observar no relato do cronista sobre Roboão: (1) o reino dividido é obra de Javé (11:2-4); (2) não obstante, isso é imediatamente acompanhado pelo tema da chegada de todo o Israel para o sacrifício (11:5-17); e (3) o novo tema do juízo pelo abandono a Javé começa com Roboão e os líderes de Israel (12:2-5).

Capítulo 13. Veja como o autor usa um discurso de Abias destinado a Jeroboão e Israel (13:4-12) para definir sua própria ênfase: Javé deu o reinado a Davi e a seus descendentes para sempre (13:5), e a verdadeira adoração ocorre somente em Jerusalém, no templo (13:10-12). Posteriormente, as tribos do norte são incluídas quando se unem a Judá em Jerusalém (15:9-15) ou são convidadas a fazê-lo (29:1 a 31:1). Note, ainda, que foi quando o povo clamou a Javé que “Deus derrotou Jeroboão” (13:14,15).

Capítulos 14 a 16. Nesse relato mais longo sobre Asa, observe duas ênfases: (1) Asa "clamou ao SENHOR, o seu Deus" (14:11), ao que Deus responde derrotando os cuxitas[7] (14:12); (2) em resposta à palavra profética, Asa institui uma reforma relacionada ao templo e à adoração apropriada (capítulo 15). Mas perceba também que seu longo reinado termina com uma espécie de nota amarga, por ele ter deixado de confiar em Javé (16:1-9,11,12) e oprimido parte do povo (16:10).

Capítulos 17 a 20. No relato ainda mais longo sobre Josafá, observe que ele é elogiado pois, em seus primeiros anos, "andou nos caminhos que seu predecessor Davi tinha seguido" (17:3-6), o que encontrou expressão na instrução dos levitas dada ao povo por meio da Lei (17:7-9; 19:4-11). A peça central dessa narrativa é a derrota de Moabe e Amom (20:1-30), pontuada por um discurso no templo (20:4-19) e por ação de graças, canção e louvor pelas tropas (20:20-26). Mas a narrativa está entremeada por uma aliança impura com Israel (18:1 a 19:3; 20:31-37), o que, ao final, conduz à sua queda.

Capítulos 21 a 24. A seguir, chegam dois reis perversos, Jeorão e Acazias, os quais se aliaram a Acabe (21:1 a 22:9). Veja que Acazias "fez o que o SENHOR reprova" (22:4); dessa forma, "Deus provocou a queda de Acazias" (22:7). Ainda assim, a dinastia continua por causa da aliança de Javé com Davi (21:7; veja 23:18). O relato de Joás concentra-se em dois dos temas: o resgate divino da dinastia davídica (22:10 a 23:21) e a restauração do templo (24:1-16). Repare que ambos destacam o ministério do sumo sacerdote Joiada, cuja morte marca o início da influência, sobre Joás, de oficiais que abandonam Javé (24:17-27), chegando ao ponto de matar o filho de Joiada. Infelizmente, o filho de Joás segue nesses mesmos passos.

Capítulos 25 a 28. Joás é sucedido por dois reis (Amazias e Uzias), por quem o cronista demonstra considerável ambiguidade.

Eles, por sua vez, são sucedidos por um rei exaltado (Jotão) e outro condenado (Acaz). Observe quanto é profundo, aqui, o tema da bênção e da maldição baseadas na lealdade ou na deslealdade do rei a Javé. Note, especialmente, que essa série termina com Acaz fechando as portas do templo de Javé (28:24).

Capítulos 29 a 32. Chega, então, Ezequias, cuja história se concentra na purificação do templo; é também aqui que você encontra todos os temas observados anteriormente, no parágrafo introdutório sobre 2Crônicas 10-36 (p. 97), reunidos nesse rei bom.

Capítulos 33 a 36. Finalmente, depois de Manassés, um rei perverso que acaba se arrependendo, e seu filho Amom, que não se arrepende, vem a história de Josias. Observe que o cronista novamente se concentra em um grande avivamento da Páscoa, chamando a atenção, em particular, para o papel central dos sacerdotes e levitas (35:1-19). Com a morte de Josias, o livro segue rapidamente, passando pelos quatro últimos reis até a queda de Jerusalém; dada, contudo, a ênfase do cronista, não é surpresa que as palavras finais no livro façam você lembrar-se do decreto de Ciro para que o templo seja reconstruído (36:23).

Ao recontar a história do povo de Deus, Crônicas recorda-nos do papel central da adoração; para os leitores do Novo Testamento, ele também aponta adiante, para

aquele cuja própria “purificação do templo”, morte e ressurreição substituem o templo como lugar da presença de Deus (João 2:19-22).

ESDRAS E NEEMIAS

Dados de orientação para Esdras e Neemias

- **Conteúdo:** reconstrução e reforma de Judá pós-exílio na segunda metade do século 5 a.C.
- **Cobertura histórica:** do primeiro retorno (539/8 a.C.) até o fim do século 5, mas, especialmente, de 458 até 430, durante o reinado de Artaxerxes, da Pérsia.
- **Ênfases:** conclusão bem-sucedida do segundo templo, a despeito da oposição; reconstrução bem-sucedida dos muros de Jerusalém, a despeito da oposição; a crise do casamento misto e da identidade nacional; preocupação com a renovação da aliança e com a reforma, baseadas na Lei, entre os exilados que haviam retornado a Jerusalém.

Visão geral de Esdras e Neemias

Assim como Samuel, Reis e Crônicas, os livros de Esdras e de Neemias, que aparecem em nossas traduções como livros separados, originalmente formavam um único livro na Bíblia hebraica, e foi assim até a Era Cristã. Você fará bem se os ler juntos, uma vez que, de fato, contam uma única história, não duas.

Usando as memórias (diários?) de Esdras e Neemias (notáveis pelo uso de “Eu”), além de cartas de arquivo e listas de vários tipos, o autor e compilador desse livro (possivelmente o próprio Neemias) registra a história da reforma judaica de 458 a 430 a.C. A reforma inclui a construção dos muros em torno de Jerusalém (redefinindo o “lugar que escolhi para estabelecer o meu nome”; Neemias 1:9; veja Deuteronômio 12:5,11), o arrependimento pelo casamento misto e

uma cerimônia de renovação da aliança com a leitura do Livro da Lei como seu ponto central. Ao fazê-lo, o autor nos oferece a fonte mais importante para a história de Judá no período pós-exílico.

Ao observar a mudança entre os relatos em primeira e terceira pessoas, você pode facilmente seguir o fluxo da narrativa. Ela começa (Esdras 1 a 6) com uma revisão histórica de eventos ocorridos setenta anos antes – a construção do segundo templo (538/7 a 516 a.C.). Baseada em vários registros de arquivo, essa revisão enfatiza o papel dos reis persas de enxergar que o templo estava, de fato, concluído. Ao mesmo tempo, o autor insere, por meio de digressão (4:6-23), uma oposição muito posterior à reconstrução dos muros, que é o problema mais imediato de Esdras e Neemias. Com esse derrame literário, ele relaciona os dois eventos como tendo os mesmos tipos de dificuldades, com base em fontes semelhantes.

As memórias de Esdras (Esdras 7 a 10) primeiro o situam na linhagem de Arão, ou seja, de descendência sacerdotal, então relatam seu retorno com outros (em 458 a.C.) sob os auspícios de Artaxerxes. Aqui, o foco principal está na reconstrução da comunidade religiosa em (e ao redor de) Jerusalém, em meio a um conflito envolvendo o casamento misto, que é reconhecido como um dos principais motivos de desvios que levam à busca por outros deuses.

A primeira das memórias de Neemias (Neemias 1 a 7) conta a história da reconstrução dos muros de Jerusalém, a despeito de intensa oposição de vários grupos, incluindo até mesmo alguns judeus que se haviam restabelecido ou permanecido na terra (e eram bem sincréticos); a conclusão (7:6-73) repete a lista de repatriados apresentada no começo do livro (Esdras 2).

Segue-se a isso o ponto mais alto da narrativa (Neemias 8 a 10): uma cerimônia de renovação da aliança, que começa com uma reinstituição da Festa dos Tabernáculos e continua por 24 dias

(capítulo 8), atingindo seu clímax em uma grande confissão nacional (capítulo 9) e em um documento comunitário assinado pelos líderes, comprometendo-se à obediência a aspectos específicos da “Lei de Deus dada por meio de [...] Moisés” (capítulo 10).

Depois de mais duas listas (do repovoamento de Jerusalém e seus arredores e dos sacerdotes e levitas; em 11:1 a 12:26), o livro conclui com a segunda parte das memórias de Neemias (12:27 a 13:31), descrevendo a consagração do muro (12:27-47) e algumas reformas finais (capítulo 13).

Conselho específico para a leitura de Esdras e Neemias

Antes de ler Esdras-Neemias, você talvez queira revisar o que foi dito sobre esse período histórico em *Conselho específico para a leitura de 1 e 2Crônicas* (p. 97), uma vez que o mesmo contexto histórico e religioso está por trás desse livro. Você deve procurar por diversas ênfases, na narrativa, que ofereçam chaves para que os relatos façam sentido durante a leitura.

O mais importante, e de acordo com tudo o que o precedeu até agora, é que o nosso autor (refletindo suas fontes principais, Esdras e Neemias) está intensamente preocupado com a pureza da fé em Javé, o Deus de Israel. Essa pureza deve ser encontrada na obediência aos mandamentos do “Livro da Lei de Deus”. Todas as reformas mencionadas no livro estão baseadas na Lei, e o arrependimento mencionado em Esdras 10 e em Neemias 9 e 10 se dá, em ambos os casos, somente à luz do que é dito na Lei. Isso também explica a ênfase nos sacerdotes e levitas (como em Crônicas), por causa do seu papel no ensino da Lei e na preservação da adoração pura.

Crucial para essa reforma é a crise acerca da identidade nacional: Quem constitui o verdadeiro remanescente do povo de Deus e, portanto, está em continuidade genuína com o passado? É nesse

contexto que você pode entender melhor a preocupação urgente com o casamento misto (Esdras 9 e 10; Neemias 9:2; 10:28-30; 13:23-28). Desse modo, a sugestão de que Esdras e Neemias discorrem principalmente sobre a construção comunitária não está muito longe da verdade; trata-se, de fato, da reconstrução da comunidade de Deus, baseada nas realidades religiosas do passado.

Essa crise de identidade nacional é também o contexto no qual se compreende a paixão pela construção dos muros de Jerusalém. Os muros não apenas mantêm pessoas indesejadas do lado de fora; na Antiguidade, eles também estabeleciam fronteiras e, portanto, davam *identidade* à cidade e ao seu povo. Neemias viveu em um tempo no qual Jerusalém, a Cidade de Davi e o lugar que Deus havia escolhido para estabelecer o seu Nome, era o símbolo supremo da identidade nacional e religiosa de Israel (um tema que percorre o livro de Salmos e é crucial para o Apocalipse de João).

Finalmente, essa preocupação com um povo puro de Deus, adorando em um templo purificado numa cidade recentemente consagrada (a palavra por vezes traduzida [8] como “dedicada”, em Neemias 3:1, é usada quase sempre para a “consagração” de coisas santas), é também o contexto no qual se deve entender a (de certo modo ambivalente) atitude para com os reis persas. Por um lado, o povo, mesmo aqueles que retornaram, é regularmente mencionado como “os exilados” (veja especialmente Esdras 10) – e eles sofrem por não dispor de nada que lhes dê a condição de povo independente (“escravos”, Esdras 9:9; Neemias 9:36). Por outro lado, eles sabem muito bem que seu templo e o muro em torno de Jerusalém são possíveis somente por causa do decreto e da proteção dos suseranos persas – o que significa uma margem de segurança em relação à oposição local. Essa é a principal razão para a recontagem da construção do templo, em Esdras 1 a 6, uma vez que sua construção sob o decreto de Ciro serve de introdução

ao projeto principal de Esdras e Neemias, a saber, a construção dos muros – dessa vez com base em cartas oficiais de Artaxerxes (Neemias 2:7-9).

Uma caminhada por Esdras e Neemias

Esdras 1 a 6 – Uma revisão da reconstrução do templo (538-516 a.C.)

Observe a arte narrativa do autor e compilador do texto enquanto lê essa introdução ao seu livro. Exceto em 4:6-23, ele basicamente revê os eventos em torno da construção do templo, iniciada sob o governo de Ciro, em 538/7, e concluída sob o governo de Dario, em 516. Por outro lado, ele descreve: o decreto de Ciro (veja 2Crônicas 36:22,23) e sua generosidade para com o projeto (Esdras 1); a lista de exilados que retornaram naquele tempo (capítulo 2), concentrando-se especialmente nos sacerdotes e levitas (o interesse está no templo, afinal!); o início bem-sucedido do projeto, começando com o altar e, então, com os alicerces do próprio templo (capítulo 3; não perca a repetição, no versículo 11, do tema de Crônicas); a oposição ao projeto, que paralisou a reconstrução (4:1-5,24) até o tempo de Ageu e Zacarias (talvez você deseje ler ao menos o livro de Ageu em conexão com essa parte de Esdras); a oposição renovada, em 520 a.C., que suscitou a troca de cartas oficiais (Esdras 5:1 a 6:12) e abriu caminho para a conclusão da obra (6:13-18), seguida de uma celebração da Páscoa (6:19-22). O que não se encaixa cronologicamente nessa revisão, claro, é a inserção da oposição posterior a uma tentativa aparentemente fracassada de reconstrução dos muros (4:6-23 [aproximadamente 448 a.C.]), aqui incluída para fins literários, antecipando tal oposição sofrida por Neemias.

Esdras 7 e 8 – O retorno de Esdras e de outros a Jerusalém (458 a.C.)

Veja como o autor começa essa seção com uma introdução a Esdras e seu retorno, enfatizando seu sacerdócio e ensino da Lei de Moisés, dada por Javé (7:1-10). A seguir, lemos sobre as memórias de Esdras (7:11 a 8:36; observe o uso, agora, de pronome em primeira pessoa, em 7:27,28), que contam das circunstâncias de sua partida da Babilônia (7:11-28; note, especialmente, o papel do rei persa), dos que o acompanharam (8:1-14) e das circunstâncias desse retorno (8:14-36).

Esdras 9 e 10 – A crise do casamento misto

Com essa seção, você chega à primeira grande ameaça para nosso autor, a saber, que os que retornaram – mesmo muitos sacerdotes e levitas (10:18-24) – “se casaram com mulheres daqueles povos e com eles misturaram a descendência santa” (9:2). Observe como a oração de Esdras (9:6-15) estabelece as questões principais (e inclui a tensão entre sua “escravidão” atual e a bondade dos reis da Pérsia). O capítulo 10, então, descreve o retorno em si. Veja também que tudo isso compõe as memórias de Esdras.

Neemias 1 a 7 – Reconstrução dos muros sob o governo de Neemias (444 a.C.)

Usando as memórias de Neemias, o narrador descreve em detalhes as circunstâncias em torno da reconstrução do muro. Ele começa mostrando como Neemias, uma figura importante da corte, obteve permissão e autoridade do rei para retornar a Jerusalém (como governador, você descobre em 5:14) para reconstruir os muros (capítulos 1 e 2). O capítulo 3 descreve em detalhes os participantes do projeto, enquanto o capítulo 4 descreve a oposição (relembrando, assim, Esdras 4:6-23) e sua rejeição. Note também o surgimento do tema da guerra santa (Neemias 4:20). O interlúdio do capítulo 5 associa a conduta de Neemias a um conflito relacionado aos pobres de Jerusalém – ao reinstituir a cláusula da “não usura” com base na Lei Mosaica (Êxodo 22:25; Deuteronômio 23:19,20). A

oposição posterior e a conclusão do projeto são recontadas em Neemias 6:1 a 7:3. Mas note, aqui, a habilidade do narrador. Em vez de continuar até a dedicação, que aparece em 12:27-43, ele conclui essa primeira e longa seção de sua narrativa (Esdras 1 a Neemias 7) por meio da repetição quase que literal da lista, de Esdras 2, dos que retornaram. Esse anexo, que também coloca a narrativa em suspensão, é seu modo de chamar uma atenção especial a dois eventos seguintes.

Neemias 8 a 10 – A renovação da aliança

Com esse relato, você chega ao primeiro de dois momentos culminantes na narrativa de nosso autor. Antes do repovoamento de Jerusalém e da dedicação de seus muros (capítulos 11 e 12), há a cerimônia de grande importância para ele, um tempo de renovação nacional da aliança. O narrador começa com uma longa leitura comemorativa da Lei (7:73b a 8:12) e inclui a celebração da grande Festa dos Tabernáculos (8:13-18). A isso, seguem-se um tempo de confissão comunitária (capítulo 9), em que a longa história da desobediência é recontada (veja Salmos 106), e a assinatura coletiva do acordo de renovação (Neemias 10).

Neemias 11 e 12 – O reassentamento e a dedicação do muro

Observe, na narrativa, a sagaz inserção desse evento *depois* da cerimônia de renovação da aliança. Estando em vigor a lealdade à aliança por parte da comunidade renovada, é listada, por sua vez, a nova população (capítulo 11), bem como a comunidade sacerdotal (12:1-26). Com isso, os muros que lhes dão definição e proteção são dedicados (12:27-43) com grande pompa cerimonial e muita música e louvor (a razão de ser dos levitas!)

Neemias 13 – A conclusão: purificação comunitária reforçada

Note que a preocupação final, no livro, é a mesma que você tem observado o tempo todo – que a comunidade de fé renovada seja pura em relação àquilo em que crê. Em destaque estão a exclusão dos amorreus dos lugares sagrados (13:1-14), a pureza do sábado (13:15-22) e (sem surpresa) o casamento misto (13:23-29).

Esdras e Neemias fazem avançar a história bíblica, descrevendo como as necessárias reformas em Jerusalém tiveram início, as quais, mais tarde, serviram de base para o judaísmo, do qual emergiram Jesus e a Igreja Primitiva.

ESTER

Dados de orientação para Ester

- **Conteúdo:** a história providencial da preservação dos judeus, por parte de Deus, no império persa, por intermédio de Mardoqueu e de sua sobrinha, Ester.
- **Cobertura histórica:** boa parte da história se passa durante um único ano, no reinado de Xerxes (486-465 a.C.), uma geração antes dos eventos registrados em Esdras-Neemias.
- **Ênfases:** o cuidado providencial de Deus para com os judeus em um contexto de perseguição a eles; os judeus lembrando-se, por meio da celebração do Purim, de sua sobrevivência.

Visão geral de Ester

Assim como o livro de Rute, Ester aparece entre os Escritos na Bíblia hebraica; na Septuaginta, porém, foi colocado em seu cenário histórico básico, embora conste depois de Esdras e Neemias. Com uma exibição maravilhosa de sagacidade e ironia e com habilidade literária óbvia, o autor conta a história de como os judeus, no império persa, foram salvos do genocídio instigado por um membro da corte real, o qual talvez nem fosse persa – possivelmente um amalequita, que carregava seu ódio ancestral pelo povo de Deus.

A história gira em torno das ações de quatro personagens principais: (1) o rei persa Xerxes (mencionado pelo nome 28 vezes), um déspota oriental arrogante que serve como inimigo de Deus na história; (2) o vilão Hamã (52 vezes), um estrangeiro que havia sido elevado ao lugar mais alto no império, ao lado do próprio Xerxes (é ainda mais arrogante que este e cheio de ódio pelos judeus); (3) o herói judeu Mardoqueu (58 vezes), um oficial inferior na corte – ele

desmascara uma conspiração, salvando a vida do rei, mas sua recusa em curvar-se a Hamã coloca em ação a intriga básica da conspiração: um plano para matar todos os judeus no império, o que, por fim, se vira contra Hamã; e (4) a heroína, prima mais nova de Mardoqueu, Hadassa, que recebeu o nome persa Ester (47 vezes): ao ganhar um concurso de beleza, ela se torna rainha de Xerxes e uma das responsáveis por desvendar a intriga de Hamã, salvando os judeus da aniquilação.

O enredo em si é fácil de ser entendido. Ele começa com uma festa luxuosa dada por Xerxes e com a deposição de sua rainha Vasti, que havia recusado ir à festa e ser colocada à mostra; isso, por sua vez, leva Ester a tornar-se rainha (1:1 a 2:18). O enredo básico da história, com suas várias intrigas, desdobra-se na seção central (2:19 a 7:10), cujo clímax ocorre em duas festas privadas promovidas por Ester para Xerxes e Hamã. O restante da história tem a ver, principalmente, com a vitória judaica sobre os inimigos (a guerra santa de novo) e sua celebração, que, por fim, se torna a festa do Purim (capítulos 8 e 9). Dentro desse enredo básico está a história de Mardoqueu, que representa o favor de Deus para com o seu povo; assim, o livro é concluído com a exaltação de Mardoqueu à posição de Hamã, pelo que obteve muito favor em prol do povo judeu (capítulo 10; o papel de Daniel no século anterior).

Conselho específico para a leitura de Ester

Ao ler essa história de sobrevivência judaica, observe dois fatores que ajudam a fazê-la funcionar. O primeiro é *literário*. O autor é um contador de histórias magistral, o que se evidencia não somente pelo modo como ele desenvolve as personagens e o enredo, mas, em especial, pela inclusão de detalhes que conferem humor e ironia à trama. Quem não começaria a rir ao pensar em um rei cuja resposta à provocação de sua esposa fosse um decreto imperial de

que “todo homem deveria mandar em sua própria casa” (1:22) – como se isso resolvesse o problema do rei! Afinal, ele havia sido aconselhado de que, com base nesse decreto, “todas as mulheres respeitarão seus maridos, do mais rico ao mais pobre” (1:20)!

Você observará, embora com menos humor, toques de ironia: Hamã, que busca destruir os judeus, acaba destruindo a si e à própria família; os patíbulos erguidos para Mardoqueu são aqueles nos quais o próprio Hamã é pendurado; seu edito visava roubar a riqueza dos judeus – mas sua riqueza é que acaba caindo nas mãos deles; Hamã, ao escrever o roteiro para sua própria honra e seu próprio reconhecimento, na verdade escreve o roteiro para Mardoqueu e, em vez de receber honra, é obrigado a conduzir Mardoqueu sobre um cavalo pelas ruas de Susã. E isso não é tudo, portanto esteja atento a outros momentos como esses ao ler o livro.

O segundo fator é *religioso*. Embora o livro de Ester seja conhecido pela ausência de menção a Deus (veja Cântico dos Cânticos), o autor, não obstante, espera que seus leitores vejam Deus em ação em cada trecho da história. Primeiro, Xerxes é retratado como contraponto divino: ele, que expôs “a enorme riqueza de seu reino e o esplendor e a glória de sua majestade” (Ester 1:4), transforma-se numa marionete, manipulado à vontade por aqueles ao seu redor – enquanto o leitor sabe que o Deus de glória e majestade eternas está por trás de tudo o que acontece na história. Desse modo, aquilo que o leitor desavisado pode interpretar como “mero acontecimento” deve, antes, ser reconhecido como soberania divina. Por exemplo, a escolha de Ester como rainha (2:15-18); a noite insone do rei, na qual ele descobre que havia falhado em honrar Mardoqueu (6:1-3); o fato de, após um jejum de três dias, Ester receber o cetro de ouro quando se aproxima do rei sem ser convidada (4:11; 5:1-2); e assim por todo o livro.

Outro fator religioso a ser observado é o reconhecimento, por parte do autor, de que a ação de Mardoqueu e Ester – e dos judeus que

foram poupados da aniquilação – é uma expressão da guerra santa, que se manifesta primeiro no conflito entre Hamã e Mardoqueu, referente ao desentendimento de séculos entre israelitas e amalequitas. Tendo sido os primeiros a atacar Israel depois de sua libertação do Egito (Êxodo 17:8-16), os amalequitas passaram a ser vistos como a personificação das nações vizinhas que se posicionaram contra os israelitas. Mas, em particular, essa história precisa ser lida sob o pano de fundo de 1Samuel 15. Não é por acaso que Hamã seja regularmente chamado de agagita (uma ligação intencional com o rei amalequita, em 1Samuel 15, que Saul recusou matar?), ao passo que Mardoqueu – assim como era Saul – é um benjamita que também pertence à linhagem de outro Quis (1Samuel 9:1,2). Esse "filho de Quis" (Ester 2:5) desfere o golpe fatal nesse "Agague".

É assim que você deve, também, entender a narrativa nos capítulos 8 a 10. De modo semelhante à narrativa de Josué, os judeus se reúnem em todas as cidades do império e "ninguém conseguia resistir-lhes" (9:2). Que eles tenham visto isso como uma continuação da guerra santa é algo destacado pelo autor em seu registro repetido de que não tocariam o espólio (9:10,15,16; veja a ação de Saul em 1Samuel 15:7-9), embora o rei houvesse decretado que deveriam possuí-lo (Ester 8:11). Na guerra santa, as primícias do espólio pertencem a Deus (veja Deuteronômio 13:16).

Uma caminhada por Ester

1:1 a 2:18 – O cenário: Xerxes, Vasti, Mardoqueu e Ester

A história começa no complexo do palácio em Susã, onde Xerxes oferece um grande banquete estatal como amostra de sua riqueza e esplendor, enquanto sua rainha, Vasti, oferece um banquete às mulheres. A recusa da rainha em ser também colocada à mostra leva à sua deposição, o que estabelece o cenário para Ester.

Entram em cena o herói e a heroína (2:5-7). As ações de Mardoqueu e Ester a esse respeito não deixam de expor suas falhas éticas, mas tanto a beleza de Ester quanto o silêncio em relação às suas origens são cruciais para a história que se desenrola a seguir. Observe como essa primeira seção termina com outro banquete, dessa vez em honra a Ester – mas, especialmente, como uma maneira de o rei exibir sua nova rainha.

2:19 a 3:15 – A trama se complica: Mardoqueu e Hamã

Observe como essa seção começa repetindo a prontidão de Ester em seguir as instruções de seu primo. A trama em si tem início com Mardoqueu usando a posição de Ester como uma maneira de advertir o rei sobre uma conspiração para assassiná-lo. Entra o vilão (3:1), que é elevado à sua alta posição e, desse modo, exige tributo de todos os outros, mas Mardoqueu não se curva nem lhe presta honra. Com o orgulho ferido, Hamã dá início a um plano para exterminar Mardoqueu e seu povo do império. Note como esse "capítulo" é concluído com o rei e Hamã sentados para beber (em contraste com os judeus, que proclamam um jejum).

4:1 a 7:10 – A trama se desenrola; Mardoqueu e Ester, Hamã e Xerxes

Novamente, Mardoqueu busca ajuda em Ester, dessa vez questionando: "Quem sabe se não foi para um momento como este que você chegou à posição de rainha?" (4:14). Note, em particular, a habilidade literária do autor nos capítulos 5 a 7, nos quais ele envolve a ironia das inversões de Mardoqueu e Hamã, incluindo a noite insone de Xerxes e a memória do assunto em 2:21-23, no quadro dos dois banquetes de Ester. Ao final do segundo banquete, a ironia derradeira é descrita: Hamã é enforcado no patíbulo que havia sido preparado para Mardoqueu!

8:1-17 – O edito de Xerxes em favor dos judeus

Uma vez que não pode revogar seu edito anterior, Xerxes opta pela melhor alternativa: Mardoqueu auxilia na elaboração de um novo decreto, no qual os judeus recebem permissão para se defender de todos os ataques no dia do *pur* (o dia em que "a sorte" determinou a exterminação dos judeus; veja 3:7). Observe como o decreto é enviado a todas as províncias em suas próprias línguas; o resultado é a conversão de muitos gentios (reforçando o cumprimento da a aliança abraâmica; Gênesis 12:3).

9:1 a 10:3 – O triunfo dos judeus

Aqui, você verá as três maneiras como a história se desenrola: (1) os judeus se engajam em uma guerra santa e matam muitos de seus inimigos; (2) a festa final é narrada no livro – a festa do Purim, que será celebrada anualmente no décimo quarto e décimo quinto dias de Adar –; e (3) Mardoqueu é promovido a uma posição na qual é capaz de, diretamente (não pelos meios incertos da rainha), beneficiar os judeus.

O livro de Ester conta a história da proteção providencial de Deus ao seu povo durante um momento sombrio no império persa. Dessa forma, o povo é preservado para o dom futuro do Messias.



OS ESCRITOS DE ISRAEL NA HISTÓRIA BÍBLICA

Os livros conhecidos como Escritos na tradição judaica ocupam a posição final na Bíblia hebraica, depois da Lei e dos Profetas. Nos Escritos, o Saltério vem em primeiro lugar, seguido pelos quatro livros que pertencem à tradição de Sabedoria, além de Rute – Jó, Provérbios, Rute, Cântico dos Cânticos e Eclesiastes –, concluindo com Lamentações, Ester, Daniel, Esdras-Neemias e Crônicas. Quando, porém, as traduções gregas dos livros bíblicos foram reunidas em uma coleção (a Septuaginta), os Escritos foram rearranjados no que parece ser uma ordem mais cronológica e/ou autoral, adotada por nossas traduções bíblicas. Desse modo, no arranjo atual, somente cinco desses livros permanecem juntos, embora a ordem judaica tradicional mereça elogios.

Esses livros diversos desempenham um papel importante na história bíblica, pois neles, e de formas variadas, você encontra respostas humanas inspiradas por palavras e obras divinas que estão registradas na Lei e nos Profetas. Com isso, embora haja muitos trechos instrutivos nos salmos, eles são, em boa parte, orações endereçadas a Deus e relacionados às principais tradições presentes na história bíblica (as promessas, o êxodo, a entrega da Lei etc.), como o fundamento por meio do qual essas orações são feitas – e, depois, recitadas e cantadas na comunidade da fé. Assim, uma das coisas que você vai observar ao ler os salmos são os vários momentos que ecoam a história bíblica – tanto a revelação de Deus quanto seu caráter e a história de Israel. O mesmo vale para Lamentações, que colocamos nesta seção para que você o leia à luz do que está dito aqui sobre o livro de Salmos.

A tradição de Sabedoria, por sua vez, é bem diferente. Esses livros contêm poucas referências a tais tradições primárias. Antes, aqui estão escritos cujos autores ou compiladores lutam com muitas das questões encontradas nas tradições de sabedoria de *outras* culturas. Dessa forma, embora o conteúdo desses textos apresente o Deus de Israel e a história como base para as reflexões descritas, o método é muito semelhante ao encontrado nessas outras tradições. Em geral, a Sabedoria concentra-se na conduta humana em sociedade diante de Deus. E o leitor presumido é "meu filho", que poderia referir-se, é claro, à própria descendência do mestre ou ao seu aluno, mas também a qualquer pessoa da próxima geração que necessite dessa instrução.

O que torna os livros bíblicos essencialmente diferentes dos de outras tradições é sua suposição fundamental de que "o temor do SENHOR [Javé] é o princípio do conhecimento" (Provérbios 1:7 e em todo o livro). Ainda que isso seja dito com menos frequência nos dois livros que pertencem à tradição de Sabedoria "especulativa" (Jó e Eclesiastes), Deus e sua história são, nesses livros, essenciais para o enfrentamento de questões maiores quanto à vida – como entender o sofrimento imerecido do inocente (Jó) e como viver o breve espaço dos anos (mero "vapor", por assim dizer) concedido por Deus (Eclesiastes). No cerne de ambos os livros está o lembrete de que a verdadeira sabedoria tem a ver com o temor de Deus (Jó 28:28; Eclesiastes 12:13,14).

O "livro fora da curva" em tudo isso é o Cântico dos Cânticos, que sequer menciona Deus e que reflete a tradição de Sabedoria de um jeito muito peculiar. Mesmo nele, entretanto, em que a ênfase está no deleite do amor monogâmico e da sexualidade humana, a pressuposição da história é Gênesis 1 a 2, quando Deus criou homem e mulher para que se relacionassem precisamente dessa forma em seu casamento.

Desse modo, em vez de questionar por que Deus teria incluído livros que falam a nós "em nosso próprio nível", por assim dizer, você

pode maravilhar-se exatamente por saber que ele fez isso. A razão para o deleite na leitura desses livros é que eles constantemente nos lembram de que o amor e a fidelidade de Deus, no cerne da história, exigem variadas respostas de seu povo – a rica variedade desses livros, suscitando e orientando suas próprias respostas a esse amor e a essa fidelidade.

JÓ

Dados de orientação para Jó

- **Conteúdo:** uma luta brilhante com a questão do sofrimento do justo e a justiça divina, considerando, ao mesmo tempo, uma questão maior: “Onde se poderá achar a sabedoria?”
- **Data:** a história se passa no período dos patriarcas; há várias hipóteses quanto à autoria.
- **Ênfases:** a sabedoria é, em última análise, encontrada em Deus somente; a sabedoria humana não consegue, por si só, compreender os caminhos de Deus; o sofrimento imerecido não tem resposta fácil; Deus não é obrigado a explicar todas as coisas a seres humanos caídos; o temor do Senhor é o caminho para a verdadeira sabedoria.

Visão geral de Jó

O livro de Jó é um dos tesouros literários do mundo. O tema central é a luta com os caminhos de Deus, especialmente sua justiça, quando os piedosos sofrem não pelas mãos humanas, mas pelos “atos divinos”. Ao mesmo tempo, o autor suscita a pergunta “Onde se poderá achar a sabedoria?”, que, no final, é poderosamente respondida em termos do próprio Deus somente, à medida que cada um dos participantes – os três amigos, Eliú sendo o mais jovem, e o próprio Jó – são silenciados diante da suprema sabedoria divina.

A estrutura do livro, importante para os propósitos do autor, é facilmente perceptível. As duas partes maiores (capítulos 3 a 27; 29 a 42:6) consistem em três grupos de discursos. A parte 1 é uma série de *diálogos*. Moldados pelo lamento de Jó (capítulo 3) e por um discurso de encerramento (capítulo 27), os diálogos estão

também arranjados em um padrão de três ciclos – discursos de Elifaz, Bildade e Zofar, com uma resposta de Jó para cada um. O ciclo de diálogo diminui em um terço a cada vez – pois não há nada novo a dizer, e todos se tornam cada vez mais contundentes no desacordo. A parte 2 consiste em três *monólogos*: de Jó (capítulos 29 a 31), Eliú (capítulos 32 a 37) e Deus (capítulos 38 a 41), que tem a última palavra. Tudo isso, exceto pela estrutura da narrativa, é expresso em poesia da melhor qualidade.

Os poemas estão habilidosamente estruturados com base em sua configuração narrativa (capítulos 1 e 2; 42:7-17), o que dá ao leitor uma chave de acesso (ao que se passa) indisponível aos participantes; o sofrimento de Jó é o resultado de uma disputa na corte celestial: Satanás argumenta que as pessoas são íntegras apenas quando são "pagas" por isso – a questão teológica crucial é colocada à prova. Um segundo recurso de estrutura encontra-se na posição central do próprio discurso de sabedoria do autor (capítulo 28), que antecipa as respostas dadas nos discursos de Deus ao final, com relação à pergunta "Onde se poderá achar a sabedoria?". Desse modo:

Capítulos 1 e 2	prólogo
Capítulos 4 a 27	três diálogos/disputas
Capítulo 28	o discurso sobre "Onde se poderá achar a sabedoria?"
Capítulos 29 a 41	os três monólogos
Capítulo 42	epílogo

Os quatro participantes que discutem com Jó expressam uma forma flagrante de sabedoria convencional – que um Deus justo não permitiria ao íntegro sofrer injustamente, e que o sofrimento de Jó, portanto, é resultado direto de um pecado específico. Jó sabe que não é bem assim, mas, no final, também protesta a respeito de muitas outras coisas. Deus, então, fala do meio da tempestade e

acalma Jó – e o mundo todo –, além de fazê-lo reconhecer humildemente que a sabedoria humana não é nada diante de Deus.

Conselho específico para a leitura de Jó

Crucial para a leitura de Jó é entender, no final das contas, do que trata o autor por meio de seu arranjo dos fatos e do conteúdo de vários discursos. Sua preocupação reside em dois pontos: (1) o desafio que Satanás faz a Deus (1:9): “Será que Jó não tem razões para temer a Deus?”; e (2) a pergunta feita pelo próprio autor (28:12,20): “Onde, porém, se poderá achar a sabedoria?”. As questões são duas: sendo criaturas totalmente dependentes de Deus para o próprio bem-estar, os piedosos amarão a Deus por quem ele é ou somente por seus benefícios? Sendo criaturas dotadas de sabedoria humana, os piedosos estão dispostos a viver dentro das fronteiras da sabedoria humana (que significa ser alguém que “teme a Deus e evita o mal”; 1:8; 2:3; 28:28) ou exigirão participar como iguais na sabedoria divina? Desse modo, *dependência* como criatura e *sabedoria* de criatura são os pontos em debate, e o que os colocará em destaque – e dominará a maioria dos discursos humanos – será a questão da *teodiceia*, a saber, como reconciliar sofrimento *imerecido* com um Deus que é, ao mesmo tempo, Todo-poderoso e justo. Cada um dos participantes tem um papel significativo a desempenhar nesse drama divino-humano.

Satanás faz o papel crucial de levar Deus a julgamento, por assim dizer, sobre o relacionamento básico entre o Criador e suas criaturas humanas – questionando se a alegria recíproca é apenas o resultado daquilo que a criatura humana ganha com isso. A *esposa de Jó* faz o papel de Satanás na terra, pedindo a ele que “amaldiçoe a Deus, e morra!” (2:9). Você pode imaginar Satanás sussurrando “faça isso, faça isso!”. O que está em debate é se os seres humanos amam a Deus não por ele mesmo, mas pelo que recebem do

relacionamento com ele – o que os coloca no banco do condutor. Mas, seja lá o que Jó faça ou diga, ele não amaldiçoará a Deus, que em sua sabedoria, bem o sabe.

Elifaz, *Bildade* e *Zofar* fazem o papel (igualmente) crucial de uma forma de "sabedoria convencional" – os teólogos inflexíveis, que têm tudo sob controle e acreditam que sua sabedoria é suficiente para entender os caminhos de Deus no mundo: Deus é, ao mesmo tempo, Todo-poderoso e justo; o sofrimento é resultado do pecado humano; não existe, portanto, algo como sofrimento imerecido, e Jó deveria admitir e confessar seus pecados (ocultos) para ser restaurado.

Eliú faz o papel da confiança excessiva dos jovens, que acham que realmente são mais sábios que seus anciãos. De fato, ao mesmo tempo e ironicamente, ele tem algo a dizer que os outros três não têm – que, para além da punição obviamente merecida de Jó, há um valor corretivo que Jó deveria estar disposto a aceitar.

Jó faz o papel central. Para ele, isso tudo consiste em um enigma frustrante. Ele acredita que suas calamidades, em última análise, vêm de Deus, embora não haja nenhuma correlação clara entre causa e efeito. Mas isso é também problema dele, pois o que está em questão é sua integridade – reconhecida por Deus na narrativa de abertura. Desse modo, Jó é o sofredor inocente e aquele para quem as respostas fáceis não funcionam mais. Embora saiba que não há ninguém que não peque (9:2), em seu caso não há correlação entre pecado e a enormidade do que lhe aconteceu, e confessar pecados que de fato não foram cometidos seria perder sua integridade, tirando dele, dessa forma, algo muito maior que a própria vida. Assim, Jó continuamente busca uma explicação para seu sofrimento, e muitos de seus discursos são apelos para que o justo se defenda diante de Deus.

Javé, é claro, desempenha o papel supremo. Como o iniciador da história, ele está no controle dela desde o princípio, inclusive

fazendo com que Satanás pense em Jó, e não o contrário. No fim, as mesas são viradas por completo: (1) a pergunta sobre onde encontrar a sabedoria é respondida não apenas em termos de Deus exclusivamente, mas também silenciando todas as vozes humanas que insistem que Deus deve explicar-se; (2) o questionamento sobre alguém servir a Deus sem receber benefícios é respondido com um retumbante *sim!* – o papel crucial que Jó vai desempenhar na história. O brilho desse livro está no fato de que, embora pareça uma teodiceia (seres humanos levando Deus a julgamento, insistindo em explicações sobre suas ações), acaba, na verdade, por ser uma teologia (Deus levando os seres humanos a julgamento quanto a se vão confiar nele não apenas quando não recebem nenhum benefício imediato, mas também quando ele não lhes dá as explicações que exigem – e, desse modo, quanto a se viverão dentro das fronteiras da sabedoria humana). A questão central dos discursos finais a Jó é que a sabedoria divina, evidenciada na ordem criada, é visível a olho nu e, no entanto, está para além da compreensão humana (sem qualquer explicação a ser dada). Assim sendo, Jó deve confiar em Deus e na sabedoria divina também naquilo que diz respeito ao seu sofrimento – para o qual Jó oferece a resposta absoluta da humildade e do arrependimento.

Uma consideração final: sobre os longos discursos dos cinco oponentes (incluindo Jó), precisamos ser lembrados de que *não* devem ser encarados como uma palavra da parte de Deus. Embora Jó seja mais coerente que os outros (42:8), eles todos dizem coisas que carregam verdade suficiente para serem perigosas. Mas seus discursos não são palavras de Deus, que fala somente no fim, quando todas as vozes humanas silenciam. Você deve preocupar-se, ao ler esses diálogos, em estar ciente de sua medida de verdade, mas também de suas falsas suposições.

Você pode tentar ler a poesia em voz alta. Permita que seus olhos corram sobre ela ligeiramente. Os autores estão lutando com questões profundas e também têm uma noção do poder das

palavras, de modo a quase sempre formular ou reformular seus pensamentos. Observe, por exemplo, com que frequência um ponto de comparação é feito e, depois, bastante elaborado, mesmo que essa elaboração não seja estritamente necessária para ressaltar o ponto em questão. Assim, ao reclamar que seus amigos não são de nenhuma ajuda (6:14-23), Jó os compara a riachos temporários (6:15), o que ele então organiza com riqueza de detalhes e eloquência por vários versos antes de retornar à inutilidade desses amigos (6:21). Tudo isso é uma leitura maravilhosa, mesmo em meio a tanta dor e angústia.

Uma caminhada por Jó

1:1 a 2:13 – Prólogo

A narrativa de abertura *não* é o ponto principal do livro; é, antes, a estrutura essencial dentro da qual você vai entender os discursos a seguir. Observe que ela tem quatro partes (demarcadas pelos respectivos títulos na NVI): 1:1-5 dá a informação essencial que faz a história funcionar; Jó é provado quanto a servir a Deus caso suas posses sejam retiradas (1:6-22); quando Satanás perde esse *round*, tenta novamente (2:1-10) – e perde, embora a esposa de Jó mude para o seu lado; a visita dos três amigos (2:11-13) estabelece o palco para os diálogos.

3:1-26 – O lamento de Jó

Jó finalmente rompe o silêncio com uma maldição contra o dia e a noite de seu nascimento (3:3-10); note como os porquês no lamento seguinte (3:11-26) vinculam-no intimamente à maldição. Jó talvez deseje não ter nascido, mas não vai tirar a própria vida. A dor é sua única opção.

4:1 a 14:22 – Primeiro ciclo de discursos

O lamento de Jó lança o primeiro ciclo de discursos, no qual cada amigo fala e, por sua vez, ouve a resposta de Jó. Observe que o

discurso de Elifaz é o mais longo dos três, enquanto os discursos de Jó se estendem à medida que os de Bildade e Zofar diminuem.

Capítulos 4 e 5. *Elifaz* começa o diálogo com um eloquente recital da teologia básica do "sábio". Ainda não acusatório (veja 4:1-6), esse discurso prepara o caminho para o restante. A retribuição divina é certa (4:7-11), uma vez que ninguém é inocente diante de Deus (4:12-21). Jó deveria, portanto, apelar a Deus por ajuda (5:1-16); além disso, é convidado a reconhecer sua calamidade como correção e a buscar a Deus por seus benefícios (5:17-26) – desse modo, ficando do lado de Satanás! Note a confiança suprema de Elifaz em sua própria sabedoria (5:27).

Capítulos 6 e 7. *Jó* responde defendendo seu lamento de abertura (6:1-13), acusando seus amigos de não serem de nenhum consolo (6:14-23), alegando inocência (6:24-30) e, por fim, apelando diretamente a Deus pelo conforto que não encontrou nos amigos (7:1-21), concluindo, mais uma vez, com "por quês".

Capítulo 8. *Bildade* toma a posição de Elifaz, argumentando que Deus é justo e, portanto, a calamidade é punição pela transgressão (8:1-7), baseando-a no ensino tradicional (8:8-10) e nas leis da natureza (8:11-22). Note como o versículo 20 declara sua posição básica: o bem e o mal são claramente definidos por aquilo que acontece às pessoas.

Capítulos 9 e 10. Os amigos de Jó não servem de ajuda, então *Jó* agoniza, enquanto leva sua causa diante de Deus, porque não está certo de como terminará (capítulo 9); dessa maneira, irrompe em lamento (capítulo 10). Observe que muito do capítulo 9:1-10 antecipa os capítulos 38 e 39.

Capítulo 11. A verdade que *Zofar* por fim fala sobre perdão (11:13-20) infelizmente é acompanhada por sua hipótese de que a calamidade de Jó deva ser resultado do seu pecado (11:1-12). Como o "justo" por vezes pode ser tão severo!

Capítulos 12 a 14. *Jó* foi atormentado (12:1-3); seguir o conselho dos amigos (que continuamente coincide com o de Satanás) significa cobrar de si sua própria integridade. Assim, depois de defender que sua habilidade, em se tratando de sabedoria, era igual à deles (12:4 a 13:12), ele pondera sobre levar um processo judicial à presença divina, que é sua única esperança (13:13 a 14:22), mas, de novo, trata-se de uma alternativa angustiante.

15:1 a 21:34 – Segundo ciclo de discursos

Em seu segundo *round* de discursos, os três acusadores desempenham variações sobre um único tema – o tormento presente e o destino final dos ímpios. As respostas de Jó demonstram vislumbres tênues de esperança, os quais são frustrados pelos outros, de modo a apontar, finalmente, que o ímpio nem sempre sofre.

Capítulo 15. *Elifaz* apela mais uma vez à sabedoria tradicional deles: é o ímpio quem sofre tormento, portanto Jó deve ser ímpio, e sua própria boca automaticamente o condena quando ele questiona seu sofrimento.

Capítulos 16 e 17. *Jó* concorda que sua aflição vem de Deus, mas também se mostra perdido quanto ao porquê disso. Sua única esperança reside em um advogado celestial (16:18-21).

Capítulo 18. *Bildade* quase não aguenta (18:1-4), retoma o discurso de Elifaz, apontando o destino terrível do ímpio – como Jó! –, e que Deus não vai ouvi-lo (18:5-21).

Capítulo 19. *Jó* reclama de seus amigos (19:1-6) e do fato de Deus tratá-lo como um inimigo (19:7-12), com a consequência de sua total alienação (19:13-20). Seu apelo por ajuda é acompanhado por outra nota de esperança (19:21-27) antes da advertência aos seus amigos (19:28,29).

Capítulo 20. *Zofar* rejeita a nota de esperança de Jó, repetindo o refrão sobre o destino dos malfeitores.

Capítulo 21. *Jó* agora questiona a insistência de seus conselheiros na célere retribuição divina ao ímpio (21:7-33), reclamando de seus amigos de ambos os lados (21:1-6,34).

22:1 a 26:14 – Terceiro ciclo de discursos

O debate está a caminho do fim. Observe (1) que esse ciclo final tem um terço da extensão do primeiro ciclo, (2) que não há discurso de Zofar e (3) que há muita repetição de argumentos anteriores.

Capítulo 22. Repare nas falsas acusações de *Elifaz* contra Jó (22:6-9; veja 31:13-23), supostamente verdadeiras, porque a teologia de Elifaz demanda isso; assim, depois de instruir Jó nos caminhos de Deus mais uma vez (22:12-20), ele de novo o chama ao arrependimento (22:21-30).

Capítulos 23 e 24. *Jó* mais uma vez expressa um desejo de apresentar sua causa diante de Deus (23:1-7), indicando tanto confiança hesitante (23:8-12) quanto temor e tremor (23:13-17). De todo modo, Elifaz está totalmente equivocado. Há muita injustiça no mundo (24:1-17); que o ímpio seja amaldiçoado (24:18-25).

Capítulo 25. *Bildade* expressa a palavra final dos conselheiros: Deus é grande demais para que Jó o questione.

Capítulo 26. *Jó* concorda sobre a majestade divina, mas (no que vem a seguir) discorda das implicações que os amigos tiram dela.

27:1-23 – O discurso de conclusão de Jó

Observe a fórmula introdutória (27:1), indicando que esses versículos servirão (com o capítulo 3) para concluir os discursos. Depois de argumentar que a integridade demanda que ele defenda sua inocência (27:1-6), Jó vira a mesa sobre seus amigos, que se tornaram seus inimigos (27:7-12), final e ironicamente lembrando-os do destino dos ímpios (27:13-23)!

28:1-28 – A questão da verdadeira sabedoria

Leia esse capítulo crucial cuidadosamente. Aqui, o autor – não Jó ou seus "amigos" – levanta questões essenciais: Onde se poderá achar a sabedoria (28:12)? De onde ela vem e onde habita (28:20)? A resposta, é claro, está "em Deus" (28:23-27), e a sabedoria humana se encontra no temor do Senhor (28:28). Essa inserção entre os dois conjuntos de discursos claramente antecipa a resposta final dos capítulos 38 a 41.

29:1 a 31:40 – O chamado de Jó por vingança

Nessa primeira série de três monólogos, Jó apresenta sua causa diante de Deus. Destaca inicialmente sua honra e sua bênção passadas (capítulo 29) e, então, sua desonra e seu sofrimento presentes (capítulo 30), antes de voltar-se para uma lista específica de sua retidão quanto à verdade e ao casamento (31:1-12). Ele conclui com obras em favor do povo de quem o próprio Deus cuida – viúvas e órfãos (31:13-34; contra a acusação de Elifaz em 22:6-9). Então, faz seu apelo final (31:35-40).

32:1 a 37:24 – Os discursos de Eliú

Após uma introdução (32:1-5), Eliú (superconfiante) fala aos jovens, fazendo quatro discursos cujo ponto básico se encontra no primeiro deles (capítulo 32 e, em especial, 33) – o fato de que, antes de alegar sua inocência, Jó deveria aprender sobre a natureza disciplinadora do sofrimento. Com essa percepção, Eliú avança vários passos além de Elifaz, Bildade e Zofar, reconhecendo ao menos que o justo às vezes sofre. Mas, em seu segundo discurso (capítulo 34), ele concorda com os três anciãos no que diz respeito a Deus governar um universo justo, sem exceção; assim, no terceiro discurso (capítulo 35) ele destaca a inutilidade dos apelos de Jó por inocência. No quarto (capítulos 36 e 37), conclui retornando ao tema de seu primeiro discurso (36:6-26) antes de exaltar a majestade de

Deus (capítulo 37), que (ironicamente) prepara Jó para o que vem a seguir.

38:1 a 42:6 – Deus fala e Jó responde

Aqui está o clímax do livro. Deus, do meio da tempestade, rompe o silêncio em cumprimento aos anseios profundos de Jó. Mais que vingar Jó (como ele esperava) ou reprová-lo (como seus amigos esperavam), Deus simplesmente confronta a sabedoria humana, demonstrando poderosa e repetidamente, por meio da Criação – suas origens e seu cuidado por ela –, que a sabedoria reside nele somente.

No primeiro discurso (capítulos 38 e 39), Deus começa com a pergunta básica para toda a sabedoria humana: “Quem é esse que obscurece o meu conselho com palavras sem conhecimento?” (38:2). O restante é uma litania de perguntas sobre a Criação, com a intenção de dar a Jó (e a seus amigos) a seguinte perspectiva: “Onde você estava quando lancei os alicerces da terra?” Ao final, Jó responde apropriadamente, com vergonha e silêncio (40:3-5).

O segundo discurso (40:6 a 41:34) reconta sobre as forças poderosas de Deus e desafia Jó a demonstrar sua própria perícia – como se ele pudesse –, derrotando as duas feras, Beemote e Leviatã. A grande questão suscitada pelo livro encontra sua resposta na dupla reação de Jó (42:1-6), a saber, sua admissão de que falou sem entendimento e seu arrependimento, uma vez que verdadeiramente “viu” Javé! E isso, é claro, é o que o autor pretende que outros também façam.

42:7-17 – Epílogo

Observe que o epílogo se divide em duas partes: primeiro (42:7-9), Deus pronuncia seu veredito em favor de Jó contra seus amigos; segundo (42:10-17), Deus finalmente vinga Jó – que manteve sua confiança nele, quer recebesse benefícios, quer não – com uma porção dobrada de tudo.

O livro de Jó tem um lugar importante na história bíblica não só por chamar-nos à confiança total em Deus mesmo nas situações mais difíceis, mas por preparar o caminho para Jesus Cristo, que, como Deus encarnado, dá a resposta final à pergunta de Jó ao assumir o papel de sofredor inocente – mas, em seu caso, para carregar os pecados do mundo inteiro.

SALMOS

Dados de orientação para Salmos

- **Conteúdo:** 150 salmos de rica diversidade e que, em seu arranjo, serviram como “hinário” para o judaísmo pós-exílio (segundo templo).
- **Data da composição:** os salmos em si datam do início da monarquia até o tempo após o exílio (aproximadamente 1000 até 400 a.C.); a coletânea, tal como foi apresentada, pode ser parte do movimento de reforma refletido em Crônicas, Esdras e Neemias.
- **Ênfases:** confiança em Javé e louvor por sua bondade; lamento sobre a iniquidade e as injustiças; Javé como rei do universo e das nações; o rei de Israel como representante de Javé em Israel; Israel (e os indivíduos israelitas) como povo da aliança com Deus; Sião (e seu templo) como lugar especial da presença de Javé na terra.

Visão geral de Salmos

As 150 peças que compõem o livro de Salmos foram originariamente 147 salmos distintos (um ocorre duas vezes – 14 e 53; dois são divididos em dois – 9 e 10; 42 e 43). Foram compostos independentemente; assim, cada um deles tem integridade e significado próprios. Mas os salmos não foram reunidos de maneira aleatória: antes, foram ordenados e agrupados de tal modo que o todo carrega um significado que realça as afirmações feitas em cada um. Assim, no Saltério, você pode procurar por significado tantos nos salmos individuais como em suas relações ordenadas uns com

os outros. O último dos salmos é o que especialmente enfatizamos neste capítulo; incentivamos você a ficar atento à sua leitura.

Embora o arranjo do Saltério venha do período pós-exílico, ele mantém, ainda, a integridade de coleções menores que já estavam em uso como parte da história contínua de Israel. Além das três coletâneas de salmos davídicos (3 a 41; 51 a 70; 138 a 145), há também duas coletâneas de salmos de "Asafe/filhos de Corá" (42 a 50; 73 a 88), mais quatro coletâneas tópicas (o reinado de Deus, 93 a 100; salmos de louvor, 103 a 107; cânticos dos degraus[9] [cânticos de peregrinação], 120 a 134; e salmos de Aleluia, 111 a 113 e 146 a 150).

A coletânea, na forma como se apresenta, foi reunida como cinco livros, provavelmente tendo o Pentateuco em vista (então "Davi" corresponde a "Moisés"):

Livro 1	**Salmos 1 a 41:** todos, exceto 1, 2 e 33, intitulados "de Davi".
Livro 2	**Salmos 42 a 72:** Salmos 42 a 50 são "dos filhos de Corá" ou "de Asafe"; Salmos 51 a 70 são "de Davi", concluindo com um "de Salomão" (72; note que o 71 não tem título), com uma coda ao final: "Encerram-se aqui as orações de Davi, filho de Jessé."
Livro 3	**Salmos 73 a 89:** todos intitulados, basicamente, "de Asafe" ou "dos filhos de Corá".
Livro 4	**Salmos 90 a 106:** a maioria sem título, exceto o 101 e o 103 ("de Davi").
Livro 5	**Salmos 107 a 150:** a maioria sem título, mas quinze são "de Davi", incluindo os Salmos 138 a 145; também inclui quinze "cânticos dos degraus" (120 a 134) e encerra com cinco salmos de "Aleluia" (146 a 150).

Observe que cada livro conclui com uma doxologia semelhante (41:13; 72:18,19; 89:52; 106:48; e todo o 150). Nos quatro primeiros exemplos, ela não é uma parte do salmo original; trate-se de obra do compilador final e funciona para concluir os livros. Também é importante observar que, embora a vasta maioria dos salmos seja

endereçada a Deus, dentro de muitos deles há palavras endereçadas às pessoas (assumindo, com isso, uma estrutura coletiva), enquanto alguns dos salmos funcionam principalmente como instrução (em particular os da Torá-Sabedoria; por exemplo: 1, 33 e 37). A esse respeito, compare Colossenses 3:16 e Efésios 5:19 (hinos sobre Cristo, cantados em ação de graças a Deus, também funcionam para instruir o povo).

Conselho específico para a leitura de Salmos

Os salmos foram escritos, antes de tudo, para serem cantados um a um, e não necessariamente em sua ordem canônica; é também como eles quase sempre são lidos – como cânticos. Uma vez que o capítulo onze de *Entendes* busca ajudá-lo a lê-los assim, os conteúdos de tal capítulo serão pressupostos por toda esta discussão, especialmente a informação sobre os vários tipos e as várias formas de salmos e a natureza da poesia hebraica. A intenção aqui é dupla: (1) ajudar você a ter alguma noção do arranjo canônico do Saltério e (2) oferecer um guia mínimo para a leitura dos salmos como parte da história bíblica. Ao mesmo tempo, você deverá observar constantemente suas suposições teológicas básicas, vistas em termos de como os salmos se encaixam na história. (A analogia seria um hinário cristão, que não tem a intenção de ser lido inteiro, mas é arranjado de maneira cuidadosa, em geral ao longo de versos teológicos ou que correspondem ao ano eclesiástico.)

É importante notar que, embora a maioria dos salmos seja pré-exílica, a coleção como a temos foi um hinário do judaísmo do Segundo Templo (pós-exílio). Quando você recorda a ênfase em Crônicas e Esdras e Neemias sobre os músicos associados ao templo, pode facilmente imaginar o Saltério atual tomando forma

durante esse período, e perceber que o arranjo em si era significativo para eles.

Os cinco livros estão cuidadosamente organizados para espelhar a história de Israel da época de Davi até o fim do exílio. Os livros 1 e 2 basicamente pressupõem o período do início da monarquia, à medida que Davi pronuncia palavras de lamento e louvor, para si e para o povo, baseadas na bondade e na justiça infinitas de Javé. Juntos, eles são finalizados por dois salmos de coroação (2 e 72), que exaltam o rei como o ungido de Javé em benefício de seu povo. No livro 2, em particular na coletânea coraíta inserida no início, você também encontra um grande número de hinos à realeza e a Sião, os quais se concentram no rei, mas agora, em especial, enfatizam Jerusalém e seu templo como o lugar da presença e do reinado divinos. Desse modo, ambos os livros se concentram em Davi como rei sob a realeza suprema de Javé.

O livro 3, por sua vez, traz apenas um salmo davídico; em alternativa, pela presença de alguns lamentos exílicos e pós-exílicos, ele presume a queda de Jerusalém. Tomando a nota pesarosa de Salmos 44, os salmistas perguntam repetidamente “Por quê?” e “Até quando?” quanto à sua rejeição por Javé. Esse livro começa com um salmo de Sabedoria, o qual questiona em voz alta a “prosperidade desses ímpios” (73:3); sua conclusão se dá primeiro com o salmo “mais sombrio” do Saltério (Salmos 88), cuja única nota de esperança é o discurso de abertura (“Deus que me salva”), e, então, com um lamento pungente sobre a presente (e aparente) extinção da aliança davídica (Salmos 89).

Em resposta, o livro 4 começa retornando a Moisés com um salmo que lembra Israel de que Deus tem sido seu refúgio por todas as gerações. Então, depois de dois salmos de confiança e de ação de graças (91 e 92), chega a coletânea do reinado de Javé (93 a 100). A despeito da situação da monarquia davídica, Javé reina! Esse

livro termina com salmos de louvor (101 a 106) cuja última palavra é um apelo para que Javé reúna os exilados (106:47).

O livro 5 tem início com um salmo de louvor que supõe o ajuntamento dos exilados (107:2,3), seguido por Salmos 108, que aclama o governo divino sobre todas as nações. O restante desse livro, mais heterogêneo que outros, aguarda de várias maneiras o grande futuro preparado por Deus para o seu povo. Há alguns salmos da realeza incluídos (110; 118), usados como expectativa da vinda do grande rei futuro. Não é surpresa, portanto, o papel significativo desempenhado por esses salmos no entendimento que os primeiros cristãos tiveram de Cristo. Do mesmo modo, os salmos dos degraus teriam sido usados para peregrinações presentes (e em expectativa do futuro) do povo de Deus a Sião – embora a "Aleluia" quíntupla final (146 a 150) nos lembre da absoluta soberania divina sobre todas as coisas. Assim, em sua organização definitiva, os primeiros três livros predominantemente contêm lamentos, enquanto os dois finais se voltam predominantemente ao louvor e à ação de graças.

À luz desse arranjo geral, você vai querer ler tendo consciência das bases *teológicas* sustentadoras sobre as quais esses poemas (cânticos, orações e ensinamentos) foram escritos. Primeiro, embora muitos deles sejam lamentos individuais ou hinos de louvor, a coletânea em si supõe que mesmo esses tenham uma dimensão de "povo de Deus" para eles: o indivíduo está sempre ciente de ser parte do povo que, em conjunto, pertence a Deus, em um relacionamento de aliança, e compartilha a mesma história.

Assim como em outras narrativas bíblicas, Javé é o centro de tudo, e os salmistas têm plena consciência de que sua própria vida se baseia em seu relacionamento de aliança com ele. Desse modo, suas canções regularmente lembram aqueles que as cantam de que Javé é o Criador de tudo que existe e, portanto, Senhor de toda a terra, incluindo todas as nações – lembretes que normalmente

também afirmam seu caráter, em especial seu amor e sua fidelidade (veja Êxodo 34:4-6), mas também sua misericórdia, bondade e justiça. Ao mesmo tempo, os salmistas repetidamente ecoam os momentos significativos em sua história sagrada como povo de Deus. Na verdade, vários salmos relacionam-se com a própria história maior, quer em parte, quer no todo, e por diferentes razões (Salmos 78; 105 e 106; 136). Assim, enquanto lê, procure por essas afirmações sobre Deus (incluindo as maravilhosas metáforas) e pelos ecos da história em si: Criação; eleição; libertação; guerra santa; herança da terra; o papel de Sião/Jerusalém como o lugar da presença divina e a residência de seu vice-regente, o rei; e o papel de Israel como abençador das nações.

Finalmente, é importante observar que os Salmos 1 e 2, intitulados e moldados pela expressão “feliz(es) aquele/todos [...]” (1:1; 2:12), servem para introduzir todo o Saltério. O salmo 1 (um salmo da Torá-Sabedoria) tem lugar de destaque porque define a pressuposição teológica básica sobre a qual tudo o mais repousa, a saber, que Deus abençoa os que se deleitam na Lei e se comprometem com a lealdade à aliança, enquanto o oposto prevalece para os ímpios. Isso serve de base para a maioria dos lamentos, bem como para os cânticos de louvor e de ação de graças, uma vez que isso é verdade mesmo quando a experiência de alguém sugere o contrário. O salmo 2 introduz o papel do rei que, como “ungido” e “filho” de Deus (Israel como filho de Javé [Êxodo 4:22,23] agora se concentra em seu rei), é o protetor de seu povo nomeado por Javé. Esse salmo não apenas fundamenta as dimensões de Sião e da realeza do Saltério – sem mencionar a agonia de Salmos 89 –, mas, por fim, torna-se a chave para o messianismo do Novo Testamento, à medida que esses salmos são reconhecidos como tendo sido cumpridos em Jesus Cristo.

Uma caminhada por Salmos

LIVRO 1 (SALMOS 1 A 41)

Salmos 1 e 2 – Introdução ao Saltério

Embora esses dois salmos introduzam todo o Saltério (veja o título do tópico), o primeiro também introduz o teor principal do livro 1 em particular, enquanto o segundo apresenta as preocupações principais do livro 2.

Salmos 3 a 7 – Cinco lamentos (apelos por ajuda)

Uma vez que o livro consiste predominantemente em lamento, é justo que três declarações de confiança matinal e noturna (3:5; 4:8; 5:3) estejam no início da coletânea. Tipicamente, esses lamentos combinam oração a Javé com afirmações sobre ele e sobre a confiança nele, que também é tema do discurso feito a outros em Salmos 4:2-5 (veja 6:8,9). Salmos 3, 5 e 7 apelam por libertação dos inimigos, enquanto Salmos 4 apela por alívio em tempo de sequidão, e Salmos 6, por cura. Observe também as pressuposições teológicas (o papel divino na guerra santa; a presença de Javé em Sião [3:4; 4:5; 5:7]; o caráter de Deus [misericordioso, justo]) e o fato de que cada uma delas remete às premissas básicas de Salmos 1.

Salmo 8 – Louvor ao Criador

Esse hino deleita-se em Javé e em sua majestade como Criador, admira-se com sua condescendência para com a humanidade e com o papel da humanidade na ordem criada, ecoando Gênesis 1 e 2.

Salmos 9 a 13 – Lamento em favor da libertação do “pobre justo”

Juntos, esses cinco (ou quatro)[10] salmos têm exatamente o mesmo tamanho dos cinco primeiros lamentos (3 a 7). Salmos 9 e 10, juntos, formam uma oração acróstica por libertação, cada verso

começando com letras sucessivas do alfabeto hebraico (veja Salmos 119). A primeira metade (Salmos 9) é um apelo por libertação das nações ímpias; a segunda (Salmos 10) toma posição ao lado do pobre justo, da pessoa desamparada que sofre injustiça social (veja Êxodo 22:22-27; Amós; Isaías e Miqueias). Após uma afirmação de confiança no governo justo de Javé (Salmos 11), dois lamentos posteriores apelam por auxílio e libertação (12 e 13). Ao ler, observe as muitas afirmações sobre Deus que marcam esses salmos.

Salmo 14 – A insensatez da humanidade (veja Salmos 53)

Observe como esse salmo serve para concluir esse segundo grupo de lamentos, assim como Salmos 8 fez no primeiro grupo, ao salientar a insensatez e a impiedade extremas da humanidade que não reconhece a Deus (ecoando, assim, Gênesis 3) e, ao mesmo tempo, aprovar o pobre justo.

Salmos 15 a 24 – Sobre o acesso ao templo

Juntas, essas séries de salmos formam um padrão de quiástico.[11] Na estrutura externa, Salmos 15 e 24 fazem a mesma pergunta básica: Quem tem acesso ao templo de Javé (15:1; 24:3)? A resposta, é claro, diz respeito àqueles que são justos, conforme o salmo 1 (observe como cada um deles afirma diferentes aspectos da Lei). Na estrutura seguinte, Salmos 16 e 23 expressam confiança em Javé, ambos concluindo com uma nota de alegria pela presença de Javé (16:11; 23:6). Salmos 17 e 22 são apelos por libertação, que expressam especialmente confiança em Javé. Na estrutura interior, Salmos 18 e 20 a 21, juntos, expressam oração e louvor pela libertação do rei das mãos de seus inimigos (retomando, assim, Salmos 2). O ponto central nesse grupo é Salmos 19, que se gloria na Criação (Salmos 8) – em particular o sol de verão a mover-se pelo céu – e na Lei (Salmos 1). De novo, ao ler, note as afirmações

teológicas básicas (o amor de Javé, Javé como Guerreiro Divino etc.) e os ecos da história de Israel (a Lei, a herança da terra, a eleição [abordada em 22:22-31], seu papel entre as nações, entre outros).

Salmos 25 a 33 – Oração, louvor e confiança no rei da Criação

Como no grupo anterior, detecta-se aqui, também, um padrão quiástico. Na estrutura exterior (ambos acrósticos), Salmos 25 oferece oração e louvor pelas misericórdias de Javé, enquanto Salmos 33 (sem título) é um hino de louvor pelo governo gracioso de Javé. Na estrutura seguinte, Salmos 26 é a oração daquele que é "inocente" diante da Lei da aliança de Javé, enquanto Salmos 32 expressa a bem-aventurança daquele que Javé perdoou. Salmos 27 e 31 apelam, ambos, a Javé contra falsos acusadores (observe como eles concluem com advertências quase idênticas: "Seja forte! Coragem!"). No quadro seguinte, o salmo 28 é a oração de alguém descendo "à cova" (28:2), enquanto Salmos 30 é o louvor de alguém poupado de descer ali (30:3). Como no grupo anterior, a peça central (Salmos 29) louva o Rei da Criação, dessa vez à luz de uma tempestade. De novo, observe as várias afirmações teológicas expressas nesses hinos.

Salmos 34 a 37 – Instrução na sabedoria divina e apelos contra os ímpios

Esse grupo de quatro salmos também forma um quiasma. Salmos 34 e 37 são acrósticos alfabéticos, ambos ensinando a sabedoria divina (novamente refletindo o salmo 1), enquanto os salmos intermediários apelam a Javé como Guerreiro Divino contra os caluniadores maliciosos (35) e contra os ímpios sem Deus (36, que apresenta o próprio padrão quiástico: versículos 1-4; 5-9; 10-12). Note que, ao manter a tradição de Sabedoria (veja *Visão geral de Provérbios*, p. 140), o "temor do Senhor" está no cerne de Salmos

34 (veja 34:7,9,11), enquanto isso é exatamente o que falta a quem não tem Deus (36:1).

Salmos 38 a 41 – Quatro lamentos: oração e confissão de pecado

Esses últimos lamentos, no livro 1, têm um denominador comum quádruplo: (1) o salmista está profundamente angustiado (doente, em três casos), sentimento que ele entende ser resultado do pecado (novamente, Salmos 1); (2) ele é ridicularizado pelos inimigos; (3) enquanto apela por misericórdia, confessa o seu pecado; e (4) o apelo se baseia em sua confiança em Javé. É interessante observar que, na coletânea davídica original, Salmos 51 seria o próximo na ordem, a carregar consigo o tema da confissão de pecados.

LIVRO 2 (SALMOS 42 A 72)

Esse livro apresenta Sião, o templo e o rei – todos eles em relação a Javé, que habita no templo sobre Sião e cuja realeza sobre Israel é representada pelo rei humano –, embora você observe que o nome genérico "Deus" (*Elohim*) ocorre com maior frequência que Javé ("Senhor"). Ele começa e termina com uma série de três orações, seguidas de um salmo régio (42 a 44 e 45; 69 a 71 e 72), cuja estrutura inferior é uma coletânea de salmos de Sião (46 a 48) e o maravilhoso salmo que celebra a entronização de Javé no templo de Sião (68).

Salmos 42 a 45 – Três orações e um salmo régio

Você vai observar que Salmos 42 e 43 formam um só (note o refrão repetido três vezes em 42:5; 42:11; 43:5). Seu lugar no topo do livro 2 destaca o anseio do salmista em unir-se à peregrinação até Sião (42:4; 43:3,4), enquanto Salmos 44 antecipa o livro 3, lamentando uma derrota nacional de proporções consideráveis (mas sem nenhuma menção à devastação de Jerusalém, como em Salmos 74). Observe especialmente os apelos à história de Israel e à

lealdade à aliança. O salmo régio que vem em seguida (45) foi composto para celebrar o casamento do rei.

Salmos 46 a 48 – Em celebração de Sião

Esse trio de salmos de Sião é fundamental para o livro 2, celebrando a segurança do povo em Sião (46 e 48) e o reinado de Javé sobre toda a terra (47). A despeito de como possam ter-se sentido em relação à dinastia davídica, os cantores de Israel lembravam bem que o "palácio" real em Sião era o templo de Javé Todo-poderoso.

Salmos 49 a 53 – Sobre a retidão diante de Deus

Note, nesse grupo de salmos (50:1-15; 51:18-19; 52:8-9; 53:6), os ecos do domínio de Javé em Sião, ainda que se concentram em outras questões. Como grupo, tais salmos contrastam abordagens apropriadas e inapropriadas para com Deus – não confiar nos ricos (49), mas trazer sacrifícios baseados na lealdade à aliança (50), especialmente um espírito penitente (51), porque Deus rejeita o ímpio (52) e expõe sua tolice (53).

Salmos 54 a 59 – Seis lamentos: orações por ajuda

Veja o que é comum a esses lamentos, a saber, que eles supõem a presença do rei em Jerusalém, assumem a presença de Javé nessa cidade, são todos reclamações contra inimigos, a arma principal de seus ataques é a boca (injúria, mentiras etc).

Salmos 60 a 64 – Cinco orações com temas comuns

Esses cinco salmos são envoltos por um lamento comunitário (60) e por um lamento individual contra inimigos (64). Observe como todos reiteram alguns dos temas anteriores: são falados pelo rei; a presença de Javé em Sião encontra-se no cerne da oração e do louvor; eles olham para Javé em busca de proteção ou de libertação dos inimigos.

Salmos 65 a 68 – Em louvor às obras impressionantes de Deus e à sua presença

O tema principal do livro 2 ganha pleno foco com esse grupo de hinos e ações de graças que exaltam o reinado de Javé ao recordar suas obras “impressionantes”, primeiro em favor de toda a terra (65 e 67) e, depois, em favor de Israel (66 e 68). O salmo 68 é especialmente crucial, tanto para o livro 2 quanto para todo o Saltério, na medida em que celebra a entronização de Javé em Sião – note como ele se deslocou do Sinai até Sião e, assim, é rei sobre Israel e sobre as nações, para não dizer sobre toda a terra. O salmo 72, que conclui o livro 2, deve ser lido à luz desse salmo.

Salmos 69 a 72 – Três orações e um salmo régio

O livro 2 se encerra de modo semelhante a como começou – com três apelos por auxílio que concluem com um salmo régio. Observe como o apelo em Salmos 69 particularmente supõe o papel de Davi como rei em relação ao povo. Note mais adiante que Salmos 70 e 71 refazem/reiteram porções de Salmos 40:13-17 e 31:1-5. O salmo final (72) é crucial para os interesses maiores do Saltério: sendo um salmo de entronização atribuído ao filho de Davi, Salomão, ele trabalha com Salmos 2 para moldar a dimensão real dos livros 1 e 2; ao mesmo tempo, prepara a conclusão do livro 3 (89), que lamenta a então extinção da dinastia davídica.

LIVRO 3 (SALMOS 73 A 89)

Os vários lamentos exílicos e pós-exílicos contidos nessa coletânea (incluindo muitos lamentos comunitários) refletem o tempo que se seguiu à devastação de Sião, o templo profanado, e a dinastia davídica – com sua “aliança eterna” (veja 2Samuel 7:14-16) –, que estava agora sem rei. Desse modo, mesmo os vários salmos pré-exílicos (por exemplo: 76; 78; 83; 84; 87) são mais bem compreendidos à luz disso, ou seja, eles contêm a memória daquilo que os salmos ao redor agora lamentam.

Salmos 73 a 78 – Sobre rejeição e esperança para Sião

Como no livro 1, um salmo de Sabedoria abre o livro 3, refletindo sobre o enigma da prosperidade dos ímpios e dando o tom para o que vem a seguir. Com Salmos 78 (outro salmo de Sabedoria), ele constrói duas orações (74; 77) que clamam a questão básica do livro 3 (Por que nos rejeitaste? Irá o Senhor rejeitar-nos para sempre?). Essas orações, por sua vez, constroem uma ação de graças e um salmo de Sião (75/76), destacando as razões para os lamentos. Observe que Salmos 78 é um dos quatro que recontam a história de Israel com algum detalhe (veja 105; 106; 136), nesse caso recordando rebeliões passadas e suas terríveis consequências, como advertência quanto ao que poderia acontecer novamente – e aconteceu – em escala ainda maior.

Salmos 79 a 83 – Novamente sobre rejeição e esperança para Sião

Esse grupo de cinco é formado por dois conjuntos de salmos que, mais uma vez, expressam o tema básico do livro 3. Embora Salmos 79 e 80 reflitam duas ocasiões diferentes (depois e antes da queda de Jerusalém), eles têm em comum a questão básica “Até quando?” (79:5; 80:4), do mesmo modo que Salmos 82 e 83 têm em comum o apelo que conclui o primeiro (82:8) e começa o segundo (83:1): “Levanta-te” e “não fiques em silêncio”. Juntos, eles concluem com uma exortação aos israelitas, o que sugere a razão para a queda de Israel (81).

Salmos 84 a 89 – Em celebração de Sião e em lamento por sua destruição

Esse grupo final distribui-se em dois conjuntos de três, todos com um padrão semelhante. Eles começam (84) com uma celebração e um anseio: os tabernáculos de Javé (“Ficarás indignado conosco

para sempre?"; 85:5), seguidos do único salmo davídico presente no livro 3 (salmo 86) – um apelo por misericórdia, baseado na grande revelação de Javé no Sinai, de que ele é "Deus compassivo e misericordioso, muito paciente, rico em amor e em fidelidade" (86:15; veja Êxodo 34:4-6).

O segundo conjunto acompanha o mesmo padrão – começando com uma celebração de Sião (salmo 87), seguida de um lamento sombrio de Salmos 88, e concluindo com um salmo de três partes (89) que ecoa preocupações de Salmos 86. A primeira parte (89:1-18) celebra o amor e a fidelidade de Javé para com o seu povo, especialmente evidenciados pela aliança com Davi (89:19-37); juntas, essas partes se tornam a base para o lamento pela destruição da dinastia davídica (89:38-51). Note que a seção final de Salmos 89 contém a mesma pergunta tema: "Até quando, SENHOR?" (89:46).

LIVRO 4 (SALMOS 90 A 106)

Em resposta direta à devastação de Jerusalém e ao vazio que permeava a dinastia davídica, o livro 4 começa com o lembrete de que Javé tem sido um "refúgio" de Israel por todas as gerações. O cerne dessa coletânea, portanto, são os muitos salmos que celebram o reinado de Javé sobre Israel e todas as nações. O livro termina com uma série de respostas ao Reino de Javé, concluindo com duas que recontam a história de Javé sob perspectivas diferentes.

Salmos 90 a 92 – Javé, nosso refúgio

Voltando ao salmo intitulado como "de Moisés", o compilador colocou-o no topo do livro 4, começando com a garantia de que Deus tem sido o refúgio de Israel "de geração em geração". Ele é seguido por um salmo de confiança, que fez de "Altíssimo o seu abrigo" o seu ponto central (91:9), e por um salmo de louvor ao

“Altíssimo” (92:1) por seus muitos benefícios, incluindo a derrota dos adversários.

Salmos 93 a 99 – Javé reina; que o povo se alegre!

O tema comum desse grupo de salmos é a celebração – de várias maneiras e por várias razões – de que Javé reina sobre Israel, as nações e toda a terra. A única exceção aparente (94), no entanto, afirma o reinado de Javé, visto que exige justiça sobre aqueles que rejeitam a sua Lei. Observe também a advertência em 95:7-11, que retoma as preocupações de Salmos 78, antecipa o salmo de conclusão desse livro (106) e é a base para a exortação de Hebreus 3:7 a 4:11.

Salmos 100 a 106 – Em louvor a Javé e na esperança de restauração

Esse grupo final, no livro 4, forma um tipo de minissaltério, visto que esses salmos refletem várias respostas ao Reino de Javé: celebração (100); uma promessa de viver fielmente (101); uma oração pela reconstrução futura de Sião (102; observe especialmente o versículo 12, que pressupõe o Reino de Javé, mas implora a ele, também, que retorne a Sião); louvor pelo grande amor de Javé (103); e louvor a Javé como Criador (104). Os dois salmos finais recontam a história de Israel de pontos de vista distintos: um chamado para a lembrança de todas as misericórdias divinas nessa história (105) e uma advertência para que o lado rebelde da história não se repita (106). Note como o livro 4 termina com uma oração de libertação do exílio (106:47; refletindo Deuteronômio 30:1-10).

LIVRO 5 (SALMOS 107 A 150)

Esse livro final do Saltério é muito mais variado, tanto na forma quanto no conteúdo, do que os quatro primeiros. Ele começa com um salmo de ação de graças, que se abre (107:1-3) em resposta direta à oração feita em Salmos 106:47, e termina com os cinco

salmos de Aleluia. Além do papel central de Salmos 119, que ecoa as preocupações de Salmos 1, a parte principal é composta de três grupos de salmos: (1) 110 a 118, começando e terminando com salmos que, ao menos nesse contexto, aguardam ansiosamente a renovação do reinado davídico; (2) 120 a 134, os cânticos dos degraus, agora entoados no contexto do segundo templo, mas também com uma orientação futura; e (3) 138 a 145, uma coletânea davídica que funciona como um tipo de reprise, olhando para trás, para os livros 1 e 2, e concluindo com a nota sobre a natureza eterna do Reino de Deus e da sua fidelidade às promessas (145:11-13). Desse modo, no todo, esse livro contém salmos que refletem a situação vigente à época e os anseios futuros do judaísmo pós-exílico.

Salmos 107 a 109 – Louvor ao resgate do povo por Deus; dois lamentos davídicos

Embora não tenha sido escrito sob a ideia do retorno da comunidade exilada, o hino de abertura, de ação de graças por libertação, começa com o tema do “ajuntamento” (107:1-3) e, então, serve para introduzir o livro 5. Observe com que rapidez Salmos 108 responde a isso, combinando louvor (108:1-5) com um apelo para que Javé auxilie Israel contra seus inimigos (108:6-13) – um salmo construído com base em 57:7-11 e 60:5-12 –, enquanto Salmos 109 retoma esse apelo, especificando os pecados do inimigo em detalhes e pedindo ao Juiz Divino que responda na mesma moeda.

Salmos 110 a 118 – O rei que vem; salmos de festejos

Esse grupo é estruturado por dois salmos régios (110; 118) que, no judaísmo pós-exílico, foram reconhecidos como messiânicos, o que explica por que eles, juntos, desempenharam um papel tão importante no ministério de Jesus (Marcos 11:4 a 12:12,35-37) e na Igreja Primitiva (Salmos 110 em particular; Atos 2:34,35; Romanos

8:34; 1Coríntios 15:25; Colossenses 3:1; Hebreus 1:13). Eles abrangem uma série de salmos (exceto o 114) que ou começam ou terminam com “Aleluia”, comum nos grandes festejos de Israel. O salmo 114 é uma das grandes celebrações do êxodo de Israel e recorre a um imaginário maravilhoso (o mar “olhou e fugiu”; os montes “saltaram como carneiros”).

Salmos 119 – Em celebração da Lei, palavra fiel de Javé

Esse grande poema em celebração da Lei forma o ponto central do livro 5, levando-nos de volta ao salmo introdutório, de número 1. Sendo um acróstico alfabético (oito versos de poesia para cada letra do alfabeto hebraico), foi composto por alguém que reconhecia os benefícios do – e se gloriava no – presente pactual de Deus para com seu povo.

Salmos 120 a 134 – Cânticos dos degraus

Essa coletânea, toda ela com títulos, pertence à tradição de peregrinar até Sião para os três festejos anuais. No contexto do judaísmo pós-exílico, ela quase que certamente também carrega uma dimensão futura. Observe os muitos e diferentes temas teológicos e a “história de Israel” encontrados nesses salmos.

Salmos 135 a 137 – Em resposta aos degraus

Salmos 135 e 136, por mais diferentes que sejam, pressupõem, ambos, a chegada dos peregrinos ao santuário de Javé para adoração. Note como o primeiro exalta a Deus pela Criação e pela eleição (em oposição àqueles cujos deuses são ídolos) e o segundo é outra recontagem da história de Israel, com resposta em forma de antífona. O último (137) lamenta a realidade do exílio, quando a peregrinação não é possível.

Salmos 138 a 145 – A coleção davídica final

O corpo principal do Saltério encerra-se de maneira apropriada com uma coletânea de salmos atribuídos a Davi. Eles começam com louvor (138), seguem para um reconhecimento da grandeza de Javé como Deus onisciente e onipresente – expressam admiração, não temor (139) – e, então, há cinco orações por livramento (140 a 144). Concluem com outro acróstico alfabético (145), louvando a Javé por suas obras maravilhosas e por seu caráter (bondade, compaixão, fidelidade, retidão). Note especialmente os versículos 11 a 13 do salmo 145, que antecipam o Reino eterno de Deus.

Salmos 146 a 150 – Aleluia quíntupla

"Aleluias" finais destacam o tema principal do Saltério: Deus deve ser louvado. Ele é o Defensor dos desamparados (146) e o Criador e Restaurador do seu povo (147; observe como esses dois temas estão entrelaçados). Deve ser adorado do alto do céu e abaixo na terra (148), com dança, com os lábios e com a espada em punho (149), e com chamados ao louvor com todo tipo de música e de dança (150). Esse último salmo parece ter sido composto deliberadamente para concluir o livro 5 e todo o Saltério. Faremos bem em dar ouvidos a esse chamado continuamente. Deus é digno. Aleluia!

A coletânea de salmos, sendo a voz do povo de Javé cantando para ele em louvor e em oração, funciona também para lembrá-los – e

a nós – do papel central da adoração na história bíblica, adoração essa que se concentra no Deus vivo, recordando sua bondade e amor essenciais, bem como seus feitos maravilhosos em favor do seu povo.

PROVÉRBIOS

Dados de orientação para Provérbios

- **Conteúdo:** uma série de poemas de abertura louvando a sabedoria e advertindo contra a tolice, seguida por várias coleções de provérbios de sábios que ensinaram sabedoria em Israel, começando com Salomão.
- **Autor(es):** coletâneas de provérbios iniciados com dizeres de Salomão e depois de homens sábios diversos, Agur, a mãe de Lemuel – reunidos e organizados para as gerações futuras por alguém anônimo.
- **Ênfases:** a sabedoria começa com o temor a Javé e com a confiança nele; em âmbito prático, ela consiste em fazer escolhas sábias entre bom e mau comportamento; essa sabedoria deve ser desejada acima de tudo o mais, a fim de se viver uma vida plena e piedosa.

Visão geral de Provérbios

A parte mais extensa do livro de Provérbios é composta de seis coletâneas de provérbios/aforismos, ou seja, ditados de sabedoria, a maioria dística (de dois versos), as quais oferecem orientação aos jovens – ainda que seu valor não esteja de modo algum limitado a qualquer faixa etária – sobre como viver moral e proveitosamente no mundo. Em torno dessas coletâneas está um prólogo de vários poemas (1:8 a 9:18) que destaca a importância de dar ouvidos aos sábios e um epílogo de um poema (31:10-31) que idealiza uma esposa caracterizada pela sabedoria. Um preâmbulo (1:1-7) estabelece o título, o propósito e o tema do livro.

Os grupos de provérbios e de aforismos estão todos identificados dentro do próprio livro:

Provérbios de Salomão I (10:1 a 22:16)

Ditados dos sábios I (22:17 a 24:22)

Ditados dos sábios II (24:23-34)

Provérbios de Salomão II (25:1 a 29:27)

Ditados de Agur (30:1-33)

Ditados de Lemuel (31:1-31)

Todos eles devem ser lidos e estudados à luz do prólogo, com sua ênfase na necessidade de obter sabedoria e rejeitar a tolice (andar em retidão e recusar o mal). Aqui, você também encontra a perspectiva teológica fundamental do livro: “O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é entendimento” (9:10; veja 1:7). Embora muitos dos provérbios sejam comuns a outras culturas, esses têm sido especialmente adaptados para a vida na comunidade da aliança de Israel. Eles pressupõem não somente a aliança da Lei (6:16-19) – na verdade, temer a Javé é detestar o mal (8:13) –, mas também a vida do povo de Deus em sua terra prometida (2:21,22; veja 10:27-30).

Conselho específico para a leitura de Provérbios

Como acontece no livro de Salmos, ler o livro de Provérbios não é a maneira comum de lidar com seu conteúdo (quem leria uma coletânea de citações familiares?). Por sua vez, o preâmbulo, o prólogo e a macroestrutura do livro indicam um arranjo geral bem cuidadoso, provavelmente com a finalidade de ser memorizado pelos jovens (veja 3:3; 4:21; 7:3; 22:17,18). Assim, dois aspectos são importantes para que você possa fazer uma boa leitura.

Em primeiro lugar, algumas observações sobre *estrutura*. O preâmbulo (1:1-7) prepara você para a leitura do livro como um

todo, estabelecendo seu tema (1:2; obtenção de sabedoria), seu propósito (1:3-5), os contrastes básicos entre sabedoria e tolice (1:7) e seu alicerce teológico (1:7). Ao mesmo tempo, o versículo 6 oferece um esboço do livro, de acordo com seus "autores" principais (provérbios de Salomão e ditados dos sábios).

Importa observar que o contraste entre sabedoria e tolice é, também, um contraste (principalmente) entre retidão e impiedade. Esses opostos tornam-se o tema predominante nos poemas do prólogo (1:8 a 9:18), no qual os dois temas ilustrativos principais são *dinheiro fácil* (dinheiro recebido por meios corruptos) e *sexo fácil* (ser seduzido pela esposa de outro homem). Ao final do prólogo, sabedoria e tolice são personificadas em mulheres que chamam jovens homens a segui-las. Não é de surpreender, portanto, que a seção central desses poemas (capítulos 5 a 7) admoeste o jovem a ter amor por sua esposa durante toda a vida (5:15-19) e a não ser tentado por uma esposa inconstante, o que, por sua vez, serve de analogia para a sabedoria amorosa em vez da tolice (capítulos 8 e 9). Isso também ajuda a dar sentido ao poema acróstico com o qual toda a seção termina (31:10-31); a esposa idealizada é um modelo de conduta sábia, à medida que serve de analogia à Dona Sabedoria. Também não é de surpreender que esses poemas estejam principalmente na forma de advertências.

Essas contraposições entre sabedoria e tolice levam a cabo a primeira metade de Salomão I (10:1 a 15:29), agora com a maioria de poemas antitéticos (o segundo verso em nítido contraste com o primeiro), e não com admoestações. Aqui, sabedoria/retidão significa diligência no trabalho e cuidado da terra, uso prudente do dinheiro (recursos), relacionamentos atenciosos com o próximo e em família, uso apropriado da língua, além de atitudes e ações corretas (ser humilde, evitar a ira etc.), enquanto a tolice é representada como seus opostos. A segunda metade de Salomão I (15:30 a 22:16) continua esses temas, agora usando predominantemente dísticos sintéticos (o segundo verso completa o

primeiro ou se baseia nele), com o acréscimo, digno de nota, de vários provérbios que se concentram no rei e na sua corte.

Em segundo lugar, alguns comentários sobre provérbios em si e sobre aquilo que os faz funcionar. Para começar, sua *forma* é de poesia. Mas a poesia é *hebraica*, o que significa que algumas coisas se traduzem para o português, outras não. Pense em como é difícil colocar os seguintes aforismos, do português, em outra língua: “A pressa é inimiga da perfeição”, ou “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”, ou, ainda, “Deus ajuda quem cedo madruga”. O que há em comum entre eles é sua natureza rítmica e seu padrão de “sonoridade”, o que os torna memorizáveis. Outra língua nem sempre captura essas qualidades, embora a essência do provérbio possa ser clara. Assim ocorre com os provérbios hebraicos, que são concisos (tipicamente apenas três ou quatro palavras hebraicas por verso) e repletos de aliterações, palavras de ordem, métrica poética etc. – sem falar das alusões e metáforas que pertencem àquele contexto cultural, nem todas facilmente traduzíveis para o português.

Sua *função* é oferecer instrução prática aos jovens, com foco em como viver bem e honestamente em uma sociedade que se vê sob Deus. É importante lembrar que esses provérbios eram referenciados principalmente no lar, a fim de reforçar os benefícios de se viver bem e com prudência na vida cotidiana; não são instruções religiosas como tais. Não obstante, seu objetivo é moldar o caráter dos jovens de maneira a conformá-los à Lei, ainda que a Lei em si não seja mencionada.

Seu *método* é o mesmo de provérbios usados universalmente – expressar verdades importantes para a vida prática, de modo que sejam memorizáveis e, assim, repetíveis. Isso se dá por exagero, por tipos de frases “tudo ou nada” ou por bordões que não têm a intenção de ser analisados por sua precisão. Às vezes, é o exagero – que fala a verdade, mas não toda a verdade – que demonstra o

argumento. Tome, por exemplo, o provérbio norte-americano “Um centavo guardado é um centavo ganho”. Embora verdadeiro, seu ponto é a poupança, e *não* o fato de que ninguém jamais deveria gastar. Ou tome o seu reverso, “Um tolo e seu dinheiro logo se separam”, que lembra da necessidade de poupar, mas de uma maneira diferente. O segundo tem uma contrapartida anterior em Provérbios 17:16: “De que serve o dinheiro na mão do tolo, já que ele não quer obter sabedoria?” Desse modo, o que está em jogo para você, na leitura dos provérbios, é determinar-lhes o argumento ao olhar cuidadosamente para o seu conteúdo e para a sua forma poética, mas também ter o cuidado de não interpretá-los literalmente – e não ignorar contraprovérbios, que também dizem a verdade (veja *Entendes*, p. 278-290).

Uma caminhada por Provérbios

O PREÂMBULO (1:1-7)

Várias questões importantes para a leitura de toda a coletânea são apresentadas no preâmbulo. Os provérbios têm origem com Salomão, significativamente assinalado como o filho de Davi, rei de Israel (1:1); o propósito dos textos é dado (1:2-5) – alcançar uma vida prudente que seja também reta e justa; eles são endereçados aos jovens e “simples”[12] (1:4, ARA[13]; a segunda palavra quer dizer algo como “ingênuos”, aqueles que são facilmente desviados); seu conteúdo é antecipado (1:6), e sua perspectiva e seus contrastes básicos são explicitados (1:7).

O PRÓLOGO (1:8 A 9:18)

Para entender a coletânea de provérbios que começa em 10:1, é importante que você preste atenção a esse prólogo. Você verá que se trata de uma série de dez lições de um pai a seu(s) filho(s), especialmente por meio da antítese colocada em 1:7; você também verá que grande parte desse material consiste de admoestação.

Cada lição nova começa com uma introdução de vários dísticos (“Ouçam, meus filhos, a instrução de um pai”, entre outros), seguida da lição propriamente dita. As lições, por sua vez, são cuidadosamente estruturadas e arranjadas, conduzindo ao clímax do capítulo 9, quando a sabedoria e a insensatez fazem seus apelos finais.

1:8-33 – Lição 1 (e interlúdio 1): advertência e repreensão

Observe que essa primeira introdução (1:8,9) inclui pai e mãe (veja o começo da coletânea em 10:1). Você verá que essa lição é uma forte advertência contra as seduções dos ímpios (1:10-19), que tramam o mal contra outros por dinheiro fácil (ganho ilícito).

Você também verá que, no interlúdio (1:20-33), a sabedoria personificada fala, repreendendo não o “filho”, mas os “simples” e os “zombadores”, aqueles que desviariam o filho da sabedoria de seus pais. Sua repreensão basicamente descreve o justo fim de tais pessoas.

2:1-22 – Lição 2: salvaguarda contra o ímpio

Atente para as quatro partes distintas dessa lição. Uma introdução mais longa exorta o filho a buscar sabedoria (2:1-4); então, ele “entenderá o que é temer o SENHOR e achará o conhecimento de Deus” (2:5,6), que, por sua vez, protegerá seu caminho (2:7,8), entrará em seu coração e o guardará (2:9-11). O que se segue, então, são os dois aspectos principais, no prólogo, a respeito dos quais o filho precisa de proteção: (1) dos “perversos” (2:12-15) e (2) da “mulher imoral” (2:16-19). Os versículos 20 a 22 retomam os caminhos de retidão.

3:1-35 – Lições 3 e 4: o valor da sabedoria

A lição 3 (3:1-10) estabelece as promessas de Deus e as obrigações do filho: amor e fidelidade = favor de Deus e das

pessoas (3:3,4); confiança no Senhor = caminhos retos (3:5,6); humildade = boa saúde (3:7,8); dízimos e ofertas = colheitas abundantes (3:9,10).

A lição 4 (3:13-26) apresenta três poemas que destacam o valor da sabedoria (observe o arranjo em 6/2/6 partes) – suas bênçãos e riquezas (3:13-18; observe "feliz/abençoado" no começo e no fim); seu papel na Criação (3:19,20), retomando a "árvore da vida" do versículo 18; e suas bênçãos novamente (3:21-26), agora, em especial, o tema da paz e da prosperidade do versículo 2.

Então, veja como os versículos 27 a 35, ao final da lição 4, correspondem à lição 3, oferecendo advertências e admoestações proibitivas.

4:1-27 – Lições 5 a 7: a supremacia da sabedoria

A primeira dessas três lições (4:1-9) enfatiza a herança familiar de sabedoria e, assim, insiste que os filhos continuem nela. A lição 6 orienta o filho a se afastar do caminho errado, o caminho da perversidade (4:10-19), enquanto a lição 7 pede-lhe que não se desvie do caminho certo, o caminho da justiça (4:20-27).

5:1 a 6:19 – Lição 8: advertências contra o adultério, a insensatez e a impiedade

Retomando 2:16-19, essa lição adverte contra o adultério (5:3-14,20), o que também inclui uma admoestação à fidelidade marital (5:15-19); esta é seguida de outra advertência contra os ímpios (5:21-23) e contra dois tipos de insensatez (ser fiador de estranhos, 6:1-5; e ser preguiçoso, 6:6-11). Ela conclui com uma advertência final, no prólogo, contra os perversos (6:12-19).

6:20-35 – Lição 9: mais advertências contra o adultério

Observe que essa introdução começa como as outras (6:20-23), mas conclui com a nota de advertência (6:24,25) que será, então,

elaborada. Com uma série tripla de dísticos (versículos 26-29, 30-33 e 34,35), a lição aponta as consequências terríveis do adultério (punição, desgraça, vingança por parte do marido).

7:1 a 8:36 – Lição 10 (e interlúdio 2): a esposa infiel e o chamado à sabedoria

A lição final corresponde à lição 8, concentrando-se em táticas de sedução da esposa infiel e adúltera. Repare que esta também servirá de analogia para o convite da insensatez ao final do prólogo (9:13-18; veja 9:18 com 7:27; e 9:14 com 5:8).

Note como o segundo interlúdio (8:1-36) corresponde ao primeiro (1:20-33), que seguiu a advertência contra os “perversos”. Dessa vez, a Sabedoria apresenta autoelogios ao “simples” e ao “tolo” (8:5) a fim de reconhecer o próprio valor tanto para reis quanto para prósperos (8:12-21), isso sem mencionar para o próprio Javé (8:22-31). Ao final (8:32-36), ela assume a identidade de pai e convida os filhos a vigiarem diariamente à sua porta (em comparação com a mulher sedutora).

9:1-18 – Epílogo: banquetes rivais de sabedoria e de insensatez

Observe como essa série final começa e termina com convites rivais a “todos os simples” para banquetes nas casas da Sabedoria e da Insensatez (9:1-6; 13-18); veja especialmente como a Insensatez imita a Sabedoria e ecoa as seduções da esposa infiel. Entre os dois convites finais, você encontrará duas breves lições (9:7-9; 10-12) que contrapõem os sábios e os zombadores – tudo isso para que você leia os provérbios com diligência e atenção.

PROVÉRBIOS DE SALOMÃO I (10:1 A 22:16)

10:1 a 15:29 – Salomão I, parte 1

Nossa divisão de Salomão I em duas partes tem como objetivo destacar o fato de que a maioria dos dísticos nessa seção é

antitética, seguindo rigidamente, assim, a antítese do prólogo. Mas, em contraste com o prólogo, quase não há admoestação entre eles. Começa-se com um dístico (10:1) que não somente retoma a "instrução" do prólogo aos jovens, mas também coloca os pais na estrutura, com o contraste entre o filho sábio e o tolo.

Ao ler essa coletânea, note como certos temas que caracterizam sabedoria/insensatez e retidão/impiedade são reapresentados repetidas vezes, de diferentes maneiras e com diferentes imagens. Estudiosos estão descobrindo, apenas recentemente, vários padrões que mantêm pequenos grupos de versos unidos, em geral relacionados com agrupamentos que os precedem e os sucedem. Mas muitos deles são difíceis de rastrear na tradução em português. Assim, duas coisas podem ajudá-lo aqui durante a leitura de Provérbios.

Primeiro, esteja ciente dos vários provérbios educativos que muito se parecem com as introduções às lições no prólogo (por exemplo: 10:17; 12:1; 13:13). Eles normalmente marcam "emendas" na coletânea, para que você olhe com mais atenção para os agrupamentos menores situados antes e depois desses provérbios educativos.

Segundo, você talvez ache útil usar um conjunto de lápis coloridos e assinalar alguns dos temas recorrentes. Nos temas sábio/tolo e justo/ímpio, mais genéricos, observe a frequência de temas como riqueza/pobreza, trabalho/preguiça, discurso (verdadeiro/mentiroso etc.), relacionamentos (vizinhos, família, rei) e atitudes (ira, amor/ódio etc.).

Por exemplo, entre os 32 dísticos do capítulo 10, os seguintes poderão ser assinalados: contrastes entre o justo e o ímpio (quer explícitos, quer implícitos) ocorrem dezoito vezes, tanto genericamente (dez vezes onde isso é o assunto do provérbio [versículos 3; 6,7; 9; 24,25; 27-30]) como em associação com outros temas (oito vezes; versículos 2; 11; 16; 20,21; 23; 31,32); contrastes

entre sabedoria e insensatez ocorrem duas vezes genericamente (versículos 1 e 23) e oito vezes em associação com outros temas (versículos 5; 8; 13,14; 18,19; 21; 31); contrastes entre discurso apropriado e inapropriado ocorrem onze vezes (versículos 8; 10,11; 13,14; 18-21; 31,32) e constituem o tema principal na maior parte das ocorrências; contrastes entre trabalho e preguiça são o assunto três vezes (versículos 4,5; 26); contrastes entre riqueza e pobreza ocorrem três vezes (versículos 15,16; 22), aparecendo em associação com trabalho/preguiça no versículo 4. O único provérbio, nesse capítulo, que não remete a essas questões é o versículo 17, que lida com disciplina (veja também o versículo 13). O fato de muitos deles estarem associados e agrupados sugere que o arranjo não é simplesmente casual. Você talvez deseje tentar isso por conta própria em outros pequenos agrupamentos que surjam à medida que for lendo.

15:30 a 22:16 – Salomão I, parte 2

Embora essa seção de Salomão I continue com os temas e as ênfases da parte 1, ela é notadamente diferente de duas maneiras. Primeiro, você verá que, apesar de ainda haver dísticos antitéticos, a maioria deles é agora sintética, a fim de que ambos os versos correspondam a um assunto. Segundo, cresce o número de dísticos que refletem o rei e sua corte (e outras formas de relacionamentos "verticais", que começam em 14:28,35 na parte 1).

OS DITADOS DOS SÁBIOS (22:17 A 24:34)

22:17 a 24:22 – Primeira coletânea de ditados dos sábios

Duas características marcam essa coletânea, distinguindo-a da de Salomão I: (1) os versículos não são uniformes, tendo de dois a vários versos cada, e (2) eles retornam às admoestações que marcaram o prólogo. Observe também que são introduzidos e

numerados como “trinta”[14] (22:20), o que provavelmente inclui a introdução (22:17-21) como o primeiro deles. Note a interessante e ampla variedade de tópicos abordados.

24:23-24 – Segunda coletânea de ditados dos sábios

Essa coletânea foi separada, pois “trinta ditados” (22:20) estabelece os limites da coleção anterior. Os cinco ditados da segunda coleção são distintos tanto na forma quanto no conteúdo, lidando com relacionamentos com o próximo e diligência no trabalho.

PROVÉRBIOS DE SALOMÃO II (25:1 A 29:27)

Observe como essa coletânea de provérbios salomônicos se distancia do estilo admoestativo que a precedeu. Essas foram coletâneas feitas pelos “servos” de Ezequias. Duas estão em evidência (capítulos 25 a 27; 28 e 29), enquanto o todo é menos uniforme em estilo do que Salomão I.

25:1 a 27:27 – Salomão II, parte 1

Você perceberá que, nessa primeira parte, os provérbios são mais intensos e diversos em natureza, e as comparações explícitas se tornam mais frequentes (veja o número de versículos que se iniciam com “como”). A coletânea começa com uma série relacionada à corte real (25:2-8), o que também estabelece um padrão para várias unidades mais longas (às vezes chamadas de “provérbios-poemas”: 25:16,17,21-22; 26:23-26; 27:23-27). Além disso, a maioria deles repete temas encontrados na primeira coletânea.

28:1 a 29:27 – Salomão II, parte 2

Essa segunda coletânea é uma série de 55 poemas (em sua maioria antitéticos) que se concentram principalmente nos ímpios e nos justos. Note como os primeiros poemas, os do meio e os finais tornam esse tema explícito (28:1,28; 29:27; mas veja também 28:12;

29:2,7,16), enquadrando poemas que dizem respeito, basicamente, a governantes, ensino e justiça para os pobres.

MAIS DITADOS DOS SÁBIOS (30:1 A 31:31)

30:1-33 – Ditados de Agur

Essa coletânea distinta é muito interessante tanto em termos de forma quanto de conteúdo. Note em especial o seguinte: o modo como os versículos 2 a 4 ecoam Jó 38:5-11; a oração nos versículos 7 a 9 (a única em Provérbios); as quatro classes de malfeitores destacadas nos versículos 11 a 14; e os ditados/enigmas numéricos nos versículos 15 a 31, que parecem conter simplesmente vários tipos de observações sobre a vida, em oposição ao ensino moral específico.

31:1-9 – Ditados de Lemuel

Essa coletânea final é única no sentido de relatar ditados de um rei, a ele ensinados pela rainha-mãe. Ambas as partes desse capítulo conclusivo, portanto, oferecem exemplos de mulheres sábias, servindo, assim, de prefácio à instrução da Dona Sabedoria nos capítulos 1 a 9.

31:10-31 – Epílogo: uma esposa sábia/ideal

Esse retrato idealista e final de “uma esposa de caráter nobre” talvez deva ser compreendido como outro ditado que a mãe de Lemuel ensinou a ele. Trata-se de um acróstico (cada versículo começa com uma das 22 letras do alfabeto hebraico). Note como o trecho idealiza a esposa em termos de valores ensinados ao longo de todo o livro – uma conclusão apropriada à coletânea.

O livro de Provérbios se encaixa na história bíblica ao dar instrução prática aos jovens (e a todos os outros interessados), a fim de ajudá-los a seguir os caminhos do Senhor e a ter uma vida proveitosa e frutífera sobre a terra.

ECLESIASTES

Dados de orientação para Eclesiastes

- **Conteúdo:** as ponderações de um mestre sábio, que luta com as realidades da vida; o que se ganha alcançando riqueza ou sabedoria quando, no fim, a morte chama tanto a ricos quanto a pobres, tanto a sábios quanto a tolos; material especialmente inserido em um contexto de conhecimento do temor a Deus.
- **Data da composição:** desconhecida; suposições acadêmicas estabelecem uma vasta gama de possibilidades.
- **Ênfases:** a natureza transitória da vida presente; como viver sabiamente em um mundo no qual as únicas certezas são a morte e o juízo; a futilidade das buscas humanas que não levam em consideração o temor a Deus.

Visão geral de Eclesiastes

Eclesiastes chega a nós por meio de um editor (12:9-14) que compilou os ensinamentos e provérbios de um rei israelita autodenominado *Qohélet* ("aquele que reúne"[15]), título que alude a seu papel como mestre de sabedoria em uma reunião/assembleia – possivelmente do povo de Deus (12:9). Um prólogo (1:1-11) determina a preocupação básica que conduz toda a empreitada do *Qohélet*, a saber, a natureza *hebel* ("sopro", "vapor"; na NVI, "inutilidade") da vida humana em um mundo que se revela o mesmo antes e depois da existência de qualquer pessoa. O livro conclui com as palavras do editor-compilador, que encoraja a contemplação das palavras do *Qohélet* como aguilhões para os jovens, mas também adverte que há um limite próprio para tal especulação (12:12); no fim, ele deixa claro que tudo está colocado dentro do

contexto supremo da sabedoria bíblica: temer a Deus, guardando seus mandamentos, dá significado à vida humana.

As palavras do próprio *Qohélet* são concluídas (1:2; 12:8) pelo refrão melancólico: *Hebel*, *hebel!*, diz o Qohélet; *Hebel* de *hebel*! Tudo é *hebel*. O restante é uma investigação sobre como viver em um mundo assim, uma vez que a realidade não é tão bela quanto algumas expressões de sabedoria tradicional poderiam levar alguém a pensar que seja. E a estrutura do livro espelha seu conteúdo, pois não há nele uma ordem imediatamente aparente. O que o autor faz é apresentar e reproduzir certos temas, o tempo todo seguindo na direção de seu conselho conclusivo aos jovens (11:9 a 12:7): desfrutar a vida enquanto são jovens, mas lembrar-se de seu Criador ao fazê-lo. Se o material do *Qohélet* puder ser separado em subdivisões coerentes, talvez seja de 1:12 a 6:12 e de 7:1 a 12:7, a primeira expondo e repetindo as principais preocupações do *Qohélet*; a segunda, embora mantendo esses temas vivos, soando muito mais como sabedoria proverbial.

Conselho específico para a leitura de Eclesiastes

Tradicionalmente, nenhum outro livro da Bíblia tem leitura tão difícil quanto esse. Isso por causa (1) da natureza um tanto desconexa de muitas das observações do *Qohélet* – ao menos para a mente ocidental –, (2) de algumas declarações surpreendentemente antitéticas apresentadas no mesmo livro e (3) do lado negativo de algumas dessas declarações, que parecem contradizer o restante da Bíblia. Mas, se você tentar ler o livro sob a perspectiva do editor-compilador, de um mestre da sabedoria que, tendo vivido antes da plena revelação da ressurreição, reconheceu o valor da afirmação do *Qohélet* de que a vida no mundo atual nem sempre faz sentido, conseguirá enxergar que a mensagem final do livro não é, de modo algum, o tema hedonista ou fatalista em que alguns o

transformaram. Crucial para entendê-lo é apreciar o(s) contexto(s) do *Qohélet*.

Primeiro, antes de mais nada, o *Qohélet* foi escrito dentro da Sabedoria de Israel (veja a introdução aos Escritos, p. 115), uma tradição que tentava falar por Deus da mesma forma como os profetas faziam, mas que refletia cuidadosamente sobre a vida, a fim de ensinar os jovens a viver bem diante de Deus. E, um pouco como o autor de Jó, mas em contraste com a maneira como alguns poderiam aplicar mecanicamente o livro de Provérbios, o *Qohélet* está convencido de que os caminhos do Criador são insondáveis. Apesar de manter uma firme confiança em Deus por todo o livro (2:24; 3:11-14; 5:7b,19; 9:7) e de acreditar que Deus seja justo (3:17; 8:12,13), ele não considera o mundo previsível, ao contrário do que pensam os "consoladores" de Jó, que enxergam uma causa e um efeito claros para tudo, representando, assim, um tipo de "sabedoria" a que o *Qohélet* se opõe com veemência.

Quatro realidades dominam a perspectiva geral do *Qohélet*. (1) Deus é a única realidade incontestável, o Criador de tudo e aquele por meio de quem toda vida é gerada como dádiva (por exemplo, 3:12-14), incluindo sua natureza – a do *Qohélet* – geralmente complicada. (2) Os caminhos de Deus nem sempre são, se é que são, compreensíveis (3:11; 8:17). (3) Do lado humano, o que "se faz debaixo do sol" (2:17) simplesmente não é fácil; na verdade, boa parte disso não faz nenhum sentido. O modo como as coisas deveriam ser (os justos receberem o bem, e os ímpios receberem o mal) não é, de fato, como as coisas são – ao menos não sistematicamente nesta vida. (4) O grande equalizador é a morte, que acontece para ricos e pobres, sábios e tolos igualmente. Dada a falta de esperança do *Qohélet* em uma ressurreição, então, uma vez morto, é isso. Sem memória, esquecido, não importa o que a sua vida possa ter significado um dia (9:5,6). E é essa realidade que faz a vida parecer *hebel* (palavra que aparece muitas vezes nesse livro;

representa pouco mais da metade das ocorrências no Antigo Testamento).

Em questão está o que essa palavra representa para o *Qohélet*, uma vez que ela, literalmente, significa “sopro de ar” ou “vapor”. Em boa parte do tempo, ele a usa como metáfora para a natureza da existência humana. Mas qual a sua carga metafórica? Uma tradição que remonta à Septuaginta traduz o termo como “vacuidade” (conforme a ARC, “vaidade”, ou seja, “em vão”), apontando para a natureza “vaporosa” da vida humana (junto com a expressão correlata, “correr atrás do vento”). Outra tradição, seguida pela NVI, opta por “inutilidade”. Embora ambas funcionem bem em alguns casos, não ajudam em outros. Na maioria das vezes, o sentido parece ser a natureza passageira/transitória ou insubstancial das coisas, como o vapor em si. Esse parece ser, sobretudo, o seu sentido no prólogo, em que a vida humana, em contraste com a constância e a “velhice” do mundo, *evapora* muito rapidamente. Além disso, o “vapor” que é a nossa vida também é ilusório, está fora de nosso controle; é como “correr atrás do vento” (uma brincadeira irônica com *hebel* = “sopro de ar”).

Assim, o que se deve fazer de tal “vapor”, desses “*hebel* e poucos dias” através dos quais passamos como uma sombra (6:12; veja 2:3; 5:18), especialmente à luz das desigualdades da vida e, para aquele que vive separado de Deus (“o tolo”), da sua absoluta falta de sentido? A resposta do *Qohélet* não é, como alguns o acusaram, “tire o máximo proveito da vida, pois é única” (uma interpretação equivocada da repetição do tema “comer e beber”; 2:24; 3:13; 5:18; 8:15; 9:7). Antes, esse ponto parece referir-se ao fato de que, mesmo sem conhecer quase nada, exceto a certeza do túmulo, deve-se viver a vida, *hebel* como normalmente é, como uma dádiva de Deus. Isso porque, ao final, a alegria e o prazer não são resultado do que se “recebe” (assegurando “lucro” pelo que se faz), porque vão evaporar, mas da própria jornada, isto é, a vida que Deus concede. A morte chega para todos igualmente, mas nem

todos vivem igualmente; num mundo assim, alegria e satisfação deverão ser encontradas em meios aos ritmos da vida, sem tentar estar no controle ou “obter ganho” daquilo que, por si, é meramente transitório.

Mesmo lida dessa perspectiva, a sabedoria do *Qohélet* não é de modo algum consoladora. Em termos gerais, trata-se de um livro ortodoxo. Caso alguém deixe de notar qualquer menção aos grandes eventos da história judaica, isso está de acordo com a tradição de Sabedoria, e se alguém se mostrar sensível ao fato de grandes, mas contraditórias, realidades serem colocadas lado a lado, provavelmente é porque nós também, como os “consoladores” de Jó, preferimos que as coisas sejam mais bem resolvidas do que são. Mas, no final, mesmo o *Qohélet* não deixa os jovens em suspenso. Um caminho é claramente preferível ao outro, e as chamadas “contradições” servem para destacar esse fato. O crente cristão, que agora lê da perspectiva da esperança jubilosa na ressurreição e da certeza do juízo divino, deveria, mais que tudo, estar preparado para apreciar a maneira como o *Qohélet* abraça a vida no presente, a despeito de sua natureza *hebel*.

Uma caminhada por Eclesiastes

1:1-11 – Introdução ao tema

Depois do título, em que o *Qohélet* é identificado como um rei davídico (ainda que propositadamente mantido anônimo), os versículos 2 a 11 introduzem os temas principais do livro: tudo é como vapor; nada que seja humano é permanente ou novo. A pergunta básica a ser respondida aparece de imediato (1:3): Qual, então, é o proveito da labuta humana? A razão para tal é o versículo 4: seres humanos vêm e vão, mas a terra é permanente – o que, em seguida, é ilustrado de diversas formas (1:5-7), antes de encerrar com a nota de finitude humana diante da realidade massiva da história (1:8-11).

1:12 a 2:26 – Várias maneiras de tentar obter ganho do trabalho

Da perspectiva de seu papel como rei (que deveria ter tirado mais proveito da vida), o *Qohélet* levanta a questão, a partir do versículo 3, sobre "ganho/proveito" gerado com a labuta humana. Ele começa com sua preocupação especial, a saber, a sabedoria (1:12-18). Por mais que ela seja útil, somente traz mais tristeza, porque agora se compreende a natureza *hebel* das coisas. Ele, então, parte para a busca do prazer (2:1-3) e para o acúmulo de riquezas e de posses (2:4-11), mas isso tudo também é efêmero e, desse modo, de nenhum proveito, uma vez que o mesmo destino – a morte – se sobrepõe a tudo (2:12-16). O fato é que o ganho de uma pessoa será deixado para que outra o desperdice totalmente (2:17-23), a menos que se esteja preparado para fazer alguns ajustes, isto é, desfrutar a vida como dádiva de Deus em lugar de usá-la para obter proveito (2:24-26).

3:1-22 – Um tempo para tudo

O *Qohélet* liricamente descreve a natureza da realidade que seu leitor deve apreciar: o mundo que Deus fez tem seus ritmos e suas estações (3:1-8), os quais o colocam além do alcance do lucro (3:9), mas garantem alegria quando alguém se ajusta a ele (3:10-22). Observe a insistência do *Qohélet* em afirmar que isso é presente divino (3:11-14) e que ele próprio assume essa posição embora viva em um mundo incerto quanto ao futuro do indivíduo (3:21). Ao mesmo tempo, volta-se a temas anteriores (perversidade humana; morte como grande nivelador da humanidade).

4:1-16 – Sucesso, opressão e solidão

Tomando o tema da impiedade (3:16,17), o *Qohélet* nota que o desejo por resultados lucrativos leva à opressão de outros indivíduos, uma visão tão patética para ele a ponto de fazê-lo pensar que, na verdade, seria melhor não existir (4:1-3); trabalho e

conquista (sucesso), ele continua, surgem da inveja (4:4-6). Tal esforço depõe contra o próximo e é, portanto, solitário (4:7,8); melhor alternativa é viver em comunidade (4:9-12). Usando uma ilustração da realeza (4:13-16), ele conclui que a pobreza com sabedoria é melhor que o sucesso com insensatez: o jovem "sucessor" de um velho rei, por fim, sofrerá o mesmo destino daquele que sucedeu.

5:1-7 – Sobre aproximar-se de Deus

O *Qohélet* entra em sua litania contra o ganho e a opressão, recomendando uma postura adequada quanto à adoração a Deus – ser um ouvinte cuja fala é breve e correta, como alguém que fica maravilhado diante de Deus.

5:8 a 6:12 – Riqueza e opressão

Retornando ao tema da opressão, além da busca e do acúmulo de riqueza, o *Qohélet* concentra-se, agora, no amor ao dinheiro (5:8-13); do mesmo modo, pondera que a riqueza é perdida por infortúnio, não deixando, assim, nenhuma herança (5:14-17; veja 1Timóteo 6:6-10, em que Paulo reflete sobre essa passagem); em seguida, volta-se mais uma vez ao contentamento dado por Deus (Eclesiastes 5:18-20). Então, tipicamente, o *Qohélet* reconhece como são poucos os que receberam esse presente (6:1-2), cujo exemplo – naquela cultura – é o do homem extremamente abençoado que não recebe sepultamento apropriado (6:3-6); a loucura disso está resumida no versículo 7. A primeira metade do livro está sintetizada em 6:8-12.

7:1-29 – A vantagem da sabedoria

Em 12:9, o *Qohélet* é chamado de colecionador de provérbios; aqui, por fim, está essa coletânea – de provérbios "melhor do que..." ecoando preocupações anteriores. Observe como ele estabelece um meio-termo acerca da sabedoria, sem idolatrá-la ou odiá-la, mas

vivendo sob sua luz plena, pois, mesmo em nossa existência transitória, a sabedoria é melhor que a insensatez – e isso inclui abraçar a realidade da morte (7:2-4). No cerne das coisas está o contentamento defendido anteriormente (7:7-24). Mas, mesmo que a sabedoria por si ainda seja ilusória (7:23-25), algumas questões sábias podem ser aprendidas, tais como a necessidade de evitar a mulher que prepara uma armadilha (7:26; veja Provérbios 2:16-19; 5:1-23) e a realidade de que seres humanos se desviaram, a despeito de como foram criados (7:27-29).

8:1-17 – A lida com um mundo injusto

Observe como o *Qohélet* "explica" a pergunta do versículo 1 ao referir-se ao homem sábio na corte real (8:2-6), o qual se retira em vez de confrontar o rei. Essa observação é, então, aplicada à pessoa sábia, que não pode mudar as coisas (8:7,8). Nos versículos 9 a 15, o *Qohélet* retorna ao tema da impiedade e da injustiça, insistindo que é melhor temer a Deus e desfrutar a vida que ele tem dado, e conclui referindo-se ao enigma da vida (8:16,17).

9:1-12 – O viver diante da morte

Observe como muitos temas anteriores são retomados: a certeza da morte para todos (9:1-6) e o fato de o sentido estar em desfrutar qualquer que seja a vida que Deus tenha dado (9:7-10), embora o resultado seja imprevisível e quase sempre desagradável (9:11,12).

9:13 a 10:20 – O caminho da sabedoria

Aqui, o *Qohélet* mais uma vez pondera sobre as vantagens do caminho da sabedoria em comparação com o da insensatez; note, sobretudo, a repetição de "melhor do que" em 9:13-18, enquanto a maior parte do capítulo 10 reafirma isso com uma coletânea de material proverbial, especialmente a respeito de como sobreviver a um governo ruim.

11:1-8 – Sobre não compreender os caminhos de Deus

Novamente, o *Qohélet* volta ao tema anterior, agora enfatizando nossa falta de controle sobre os tempos, baseada em nossa compreensão limitada (11:1-6), e concluindo com a noção de que a realidade da vida é como algo agridoce (11:7,8).

11:9 a 12:8 – Uma palavra final aos jovens

Tendo defendido repetidamente o desfrute desta breve vida tanto quanto possível e enquanto ela durar, o *Qohélet* conclui concentrando-se no jovem (o filho do homem sábio; 12:12). A brevidade da juventude dá ao jovem um tempo ainda menor para aproveitar ao máximo suas oportunidades. Ele é incentivado a viver a vida de maneira plena (11:9,10), à luz da lenta, porém firme, intrusão da morte, à medida que as pessoas envelhecem (12:1-7). É isso o que significa “lembre-se do seu Criador” (12:1,6). Note como o versículo 8 serve para fechar o livro todo (1:2): a vida é transitória e ilusória.

12:9-14 – Epílogo: o *Qohélet* como um homem sábio

O compilador, cuja voz foi ouvida previamente em 1:1,2 e 7:27, agora acrescenta um epílogo, ressaltando o valor dos argumentos do *Qohélet*, mas resumindo sua própria perspectiva ortodoxa nos versículos 13 e 14 (veja o *Qohélet* em 8:12,13). As meditações do *Qohélet* são bem verdadeiras; o vazio da vida *sem* o temor a Deus e *sem* a guarda dos seus mandamentos deveria impelir os verdadeiramente sábios a pensar nessas “palavras certas” (12:10).

O livro de Eclesiastes se encaixa na história bíblica como um lembrete constante da brevidade da vida humana à luz da eternidade, enfatizando nossa necessidade de temer a Deus, ao mesmo tempo que também pavimenta o caminho para a revelação maior de nossa garantida ressurreição por meio de Jesus Cristo.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Dados de orientação para Cântico dos Cânticos

- **Conteúdo:** um poema de amor com vários episódios, celebrando o amor sexual entre um homem e uma mulher.
- **Data da composição:** desconhecida; suposições acadêmicas cobrem uma vasta gama de possibilidades.
- **Ênfases:** o amor apropriado entre uma mulher e um homem; a natureza inextinguível do amor puro; o deleite e o anseio mútuos, um pelo outro, gerados pelo amor puro.

Visão geral de Cântico dos Cânticos

Cântico dos Cânticos é um livro bíblico ímpar. Sem menção a Deus, e escrito em poesia maravilhosa, repleto de imagens sugestivas e vívidas, consiste em uma celebração do amor sexual – e da fidelidade matrimonial – entre um homem e uma mulher. Embora possa ter-se originado como vários poemas de amor separados, seu título, Cântico dos Cânticos (singular), indica que, em sua forma canônica, deve ser lido como diversos episódios/cenas de um poema, sendo uma “narrativa” somente no sentido de que essa poesia está tentando criar um retrato.

Conselho específico para a leitura de Cântico dos Cânticos

Crucial para uma boa leitura de Cântico é reconhecer que ele chega a nós basicamente em três vozes: a mulher, que desempenha o papel principal o tempo todo; o homem, que particularmente celebra

a beleza da mulher e o amor por ela; e as companhias da mulher, chamadas de “filhas de Jerusalém”[16] (os títulos “amado” [o homem], “amada” [a mulher] e “amigas” [as companhias da mulher] que constam na NVI não estão no texto hebraico; eles são uma tentativa de ajudar o leitor a identificar quando há mudança de narrador). Outras personagens estão presentes basicamente como acessórios úteis (os pastores, 1:7,8; as sentinelas da cidade, 3:3; 5:7; e os irmãos da mulher, 1:6; 8:8,9).

O mais difícil de determinar é o papel de Salomão. Conquanto seja possível ler 3:6-11 como uma sugestão de que o homem no poema seja o próprio Salomão e de que esse parágrafo o apresente como o noivo, não é necessário manter essa visão para apreciar a mensagem de Cântico. Na verdade, não há muitos argumentos que sustentem tal hipótese, senão a possibilidade de que “Sulamita”, título da mulher em 6:13, signifique algo como “Senhora Salomão”. O sobrescrito (1:1) é bem ambíguo em hebraico, uma vez que a preposição *le* [de] poderia ser possessiva (como na NVI) ou uma forma de dedicação a Salomão como encarregado original do Cântico para um de seus casamentos – mas com a intenção de que pudesse ser usado para encorajar o amor puro em qualquer matrimônio. Ao mesmo tempo, 3:6-11 é único no poema – uma descrição, em terceira pessoa, de alguém nomeado –, e a alusão a seu harém, em 6:8 e 8:11,12, parece um contraste intencional: a “vinha” de Salomão é entregue a arrendatários (8:11), enquanto a “vinha” da mulher é dela própria (8:12).

Essa ambiguidade tem criado diferentes leituras do texto; a oferecida aqui assume um contraste proposital, sugerindo que Cântico nunca teve a intenção de se aplicar somente a Salomão, e, sim, de tornar em “rei” e “rainha” todo casal, dado em casamento, que compartilhe o amor puro um pelo outro.

Assim, o “amado”, em boa parte de Cântico, não é especificamente Salomão que, como um rei oriental, não poderia

convidar para o amor, e, sim, recebê-lo como privilégio de sua posição – e é mais difícil imaginar o papel preponderante da mulher se ela fosse parte de seu harém. Por sua vez, fatores como a associação explícita com Salomão e a natureza proverbial da conclusão (8:6,7) promoveram sua inclusão na tradição de Sabedoria judaica.

A mudança constante de narrador e a riqueza da poesia podem tornar a estrutura difícil de discernir. As pistas nas quais você deve se basear estão em alguns refrãos que concluem várias das cenas (por exemplo, a cobrança às filhas de Jerusalém; 2:7; 3:5; 8:4). A poesia em si está repleta de ricas e poderosas imagens destinadas a evocar a imaginação. Elas cobrem uma ampla gama de atividades humanas – o mundo da natureza (jardins, montanhas, florestas, animais, plantas, temperos etc.), arquitetura (torres, muros, cidades etc.), roupas/joias e guerra. A mulher, cujo corpo e amor são descritos três vezes à medida que o amante fala com ela (4:1-15; 6:4-7; 7:1-9), é especialmente vista em termos de um jardim e de uma vinha repletos de temperos preciosos e de vinho para o prazer do homem. O corpo do homem é descrito, mas só uma vez – pela mulher às filhas de Jerusalém –, com toda uma variedade de imagens (5:10-16).

A franqueza e a natureza evocativa dessas descrições têm sido, historicamente, uma difícil questão para muitos, em particular para leitores/intérpretes do sexo masculino, tanto judeus quanto cristãos. O resultado normalmente tem sido sua alegorização – tanto que um concílio da Igreja Primitiva (550 d.C.) proibiu qualquer interpretação que não fosse alegórica! Mas tal leitura parece ser uma capitulação à decadência humana e ao modo como o amor sexual tem frequentemente sido distorcido para tornar-se explorador, manipulador e destrutivo (até os dias de hoje). Esse poema deveria ser lido à luz de Gênesis 1 e 2. Seguindo o mandamento “sejam férteis e multipliquem-se” (Gênesis 1:28), Deus planta um *jardim* (Gênesis 2:8) no qual coloca o homem e a mulher, os quais criou à

sua imagem. A narrativa conclui com as palavras: “O homem [...] se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne. O homem e sua mulher viviam nus, *e não sentiam vergonha*” (Gênesis 2:24,25, grifo nosso). A imagem do amor sexual nesse livro recaptura a cena na qual mulher e homem sentem prazer e deleite completos com o corpo um do outro e o fazem sem sentir vergonha. Esse é o modo divino de recapturar a fidelidade, a unidade e a intimidade do casamento, que o inimigo tem tentado tirar do povo de Deus, fazendo algo parecer excitante fora do casamento ou vergonhoso e inominável dentro do casamento. Esse inspirado autor tinha uma outra visão.

Uma caminhada por Cântico dos Cânticos

1:1-6 – Os amantes apresentados

Observe que, como é típico no livro, a mulher assume o papel principal para que, na cena de abertura, na qual ambos são apresentados, ela estabeleça o palco para o que virá em seguida – seu desejo por ele e seu deleite nele, com um convite para que a leve. Se “o rei” é literal, então se trata de Salomão; caso contrário, é uma metáfora, usando imaginário real para evocar a grandeza do amor.

1:7 a 2:7 – Primeira cena: os amantes juntos

Ao ler a primeira cena, note que o versículo 8 poderia facilmente ser a própria resposta do homem à pergunta da amada. Isso significaria que toda a cena é uma troca entre os dois amantes. Ela, primeiro, busca por ele entre os pastores (1:7,8), o que se segue por uma troca de descrições (1:9-11,12-14) e de deleite um no outro (1:15-16), antes do retorno a uma descrição da cena de amor (1:17; uma floresta). A mulher, então, evoca o imaginário das flores (2:1,2), enquanto o homem é uma “macieira” em cuja sombra ela descansa

e de cujos frutos desfruta (2:3-6). Suas últimas palavras são para que as filhas de Jerusalém deixem o amor tomar o próprio rumo (2:7).

2:8 a 3:5 – Segunda cena: esperança, convite e sonho

Essa cena é caracterizada pelo anseio; o homem é uma gazela que salta pelos montes e olha atentamente pela janela (2:8,9). A mulher, então, recita as palavras de convite do amado – é primavera, o tempo para o amor (2:10-13). Ele a chama para fora do esconderijo (2:14,15) e pede que as "raposas" (os que se oporiam ao amor deles) sejam apanhadas a fim de não arruinar as "vinhas" (seus corpos; veja 1:6,14), que estão em flor. Com a total mutualidade e a fidelidade exclusiva do amor (2:16), seu amado "pastoreia entre os lírios", mas é (aparentemente) mandado embora ao final do dia (2:17). Isso leva ao que seja provavelmente a cena de um sonho (3:1-4), no qual ela busca e encontra seu amado, concluindo mais uma vez com a admoestação às filhas de Jerusalém (3:5). Observe também o papel menor, passivo, das sentinelas.

3:6-11 – A riqueza e a extravagância de Salomão

Essa seção enigmática pode destinar-se a fornecer contraste ao amado, uma vez que as descrições dele até aqui têm sido com base na natureza, não em pompa e circunstância. Considerada de outra maneira, sendo Salomão o amado, a seção introduz o ato sexual entre os dois na cena seguinte. Note que essa parte é o único ponto com um quê de narrativa em todo o poema, e a imagem inferida é de riqueza, poder e opulência (ecoando, assim, 1Reis 10:14 a 11:6).

4:1 a 5:1 – Terceira cena: admiração e convite

Essa é a primeira cena na qual o homem toma a iniciativa. Ele começa com uma descrição do corpo da amada, da cabeça aos seios (4:1-5). Tomando a linguagem dela, de 2:17, ele vai para a

montanha da mirra (4:6,7, ecoando 1:3). Ele a descreve como uma amante, um jardim de deleites e de especiarias (4:8-15). A resposta dela é convidar os ventos a espalhar sua fragrância e, então, convidar o amado ao jardim (4:16); a resposta dele, após o amor (5:1), ecoa a linguagem da descrição anterior (mirra e especiarias [4:14], favo e mel [4:11], vinho [4:10] e leite [4:11]). A isso, as filhas de Jerusalém respondem encorajando-os a comer e beber quanto puderem (5:1c).

5:2 a 6:3 – Quarta cena: sonho e busca

A mulher novamente assume a liderança. No que parece ser outra cena de sonho, seu amado vem, acena e, então, desaparece (5:2-6); de novo ela busca por ele, mas dessa vez as sentinelas a maltratam (5:7). Em resposta ao curto diálogo com as filhas de Jerusalém (5:8,9), ela faz sua única descrição do amado (5:10-16), indo da cabeça às pernas, mas concluindo, como no princípio (1:2), com a recordação de seus beijos. À segunda pergunta delas (6:1) ela responde, primeiro (6:2), ecoando a linguagem da cena de amor anterior e, depois (6:3), repetindo a palavra de mutualidade e de fidelidade exclusiva (veja 2:16).

6:4 a 8:4 – Quinta cena: os deleites do amor

Observe que, nessa cena, o homem e a mulher falam demoradamente. A cena começa com ele na condução, descrevendo a beleza da cabeça dela (6:4-7) – em contraste com as esposas e concubinas do rei (6:8,9b), que também a admiram (6:9c,10). Depois de uma troca com a fala dessas mulheres (6:11-13), ele então se lança à descrição final do corpo da amada, dessa vez dos pés aos cabelos (7:1-6), antes de retornar aos seios e à boca (7:7-9a). Ela, em seguida, usa a imagem de sua própria boca como vinho, insistindo que a bebida flua diretamente até ele, que a deseja, com mais convite ao ato sexual (7:9b-13). O amor dela por ele é tamanho, que ela de bom grado o expressaria em público,

contra todas as normas culturais (8:1,2a); seu desejo novamente ecoa uma linguagem anterior (8:2b,3), antes que ela conclua com o refrão às filhas de Jerusalém (8:4).

8:5-14 – Conclusão(ões): o amor é mais forte que a morte

O poema conclui com uma série de esboços que sugerem a natureza inextinguível do amor do casal (8:5-7) a despeito de oposição (versículos 8,9; 10-12), concluindo com sua troca final de convites (8:13,14).

> O Cântico dos Cânticos se encaixa na história de Deus como um lembrete de que o amor sexual que ele criou é bom e deve ser abraçado com fidelidade e deleite reverentes.

LAMENTAÇÕES

Dados de orientação para Lamentações

- **Conteúdo:** uma série de cinco lamentos sobre a queda de Jerusalém.
- **Data da composição:** desconhecida; provavelmente logo após a queda de Jerusalém (586 a.C.).
- **Ênfases:** o profundo sofrimento pessoal e a profunda agonia espiritual experimentados na queda de Jerusalém; a justiça de Deus na condução da tomada de Sião; a esperança reside, finalmente, no caráter divino apenas.

Visão geral de Lamentações

Lamentações consiste em cinco lamentos escritos em resposta à queda de Jerusalém, em 586 a.C. Os lamentos, que correspondem aos cinco capítulos, são peças literárias cuidadosamente compostas, semelhantes, em forma e conteúdo, a Salmos 74 e 79 (veja o salmo 89). Juntas, elas expressam uma angústia profunda pela desolação de Sião e pelo exílio de Israel – reconhecidos como merecidos – e pranteiam a situação lamentável dos que foram deixados na agora desolada e perigosa cidade, enquanto suscitam algumas perguntas mais abrangentes sobre justiça e futuro. O todo é escrito basicamente sob a perspectiva dos que foram deixados para trás.

Ao menos três vozes podem ser identificadas: o narrador-autor, Sião (Jerusalém personificada) e o povo de Sião (o próprio Javé nunca fala). Nos dois primeiros poemas (intimamente relacionados), o narrador e o povo de Sião são os oradores; eles lamentam a queda da cidade, reconhecendo que isso aconteceu por causa de

seus pecados, de modo que o próprio Javé tornou-se seu inimigo. Nos dois últimos poemas (de novo, intimamente relacionados), os oradores são o narrador e o povo de Sião, que agonizam pelo povo na Jerusalém ocupada. No poema central (capítulo 3), Jerusalém é essencialmente personificada, ou seja, o único orador identificável é o autor, cuja agonia pessoal está tão profundamente ligada à de Jerusalém, que, de várias maneiras, eles se tornam um; aqui, você também encontra a única expressão de esperança, bem como uma breve discussão sobre o significado do sofrimento.

Conselho específico para a leitura de Lamentações

Para ler Lamentações bem, você precisa estar ciente de suas características literárias básicas, bem como de seu pano de fundo histórico e de sua perspectiva teológica. A característica literária mais marcante desses poemas é que eles são uma série de acrósticos (veja Salmos 34 e 119) na qual a primeira letra de cada versículo começa com uma das 22 letras do alfabeto hebraico. Os primeiros dois poemas, desse modo, têm 22 estrofes de três versos cada, o primeiro em cada caso sendo um acróstico. O terceiro poema também tem 22 estrofes, mas, nesse caso, todos os três versos de cada estrofe começam com a mesma letra. O quarto poema retorna à forma dos dois primeiros, mas agora com estrofes de dois versos cada, enquanto o quinto, embora não seja um acróstico, é composto de 22 versos.[17] Desse modo, o padrão aumenta para as descrições culminantes e angustiantes do capítulo 3 e, então, diminui ligeiramente no capítulo 4 e termina com um gemido no capítulo 5, um padrão que espelha a destruição da cidade e seu rescaldo. Embora nenhuma dessas características possa ser transportada para o português, o padrão acróstico não altera a contagem dos versos (22, 22, 66, 22, 22) e, até certo ponto, explica por que esses poemas contêm algumas mudanças abruptas

de tópico (o alfabeto frequentemente controla o que pode ser dito em um dado ponto). Mas, ao longo do todo, a forma de lamento em si (veja *Entendes*, p. 255, 259-262) implicitamente encoraja esperança – apesar de nada estar garantido – em meio ao sofrimento.

Quanto à sua perspectiva histórica e teológica, é difícil para nós, em nosso momento histórico, estimar a devastação completa da queda de Jerusalém pelo povo de Judá. Primeiro, houve o sofrimento terrível do evento histórico em si, narrado em 2Reis 25. O cerco durou dois anos, à medida que dezenas de milhares se amontoavam em Jerusalém, esperando que Javé interviesse. No entanto, as tropas babilônicas finalmente romperam seus muros, estupraram suas mulheres e massacraram muitos de seus habitantes. À luz das condições subsequentes em Jerusalém, nosso autor se pergunta, retoricamente, se a morte não poderia ter sido uma opção melhor. Todas essas realidades terríveis – fome, sede, canibalismo, estupro, massacre – estão ecoadas nesses poemas.

Para além disso, contudo, houve a pergunta mais abrangente sobre o chamado de Israel e o seu papel como povo de Deus. Ali estava um povo cuja história ligava-se de modo singular ao Deus que os havia redimido da escravidão no Egito, que os havia criado como um povo para o seu Nome, que havia feito uma aliança com eles no Sinai e, por fim, cumprido sua promessa de que a descendência de Abraão herdaria a terra. No cerne da autocompreensão do povo estava o fato de que o seu Deus – que era o único Deus, o Deus vivo e Criador de tudo o que há – tinha escolhido habitar pessoalmente no meio deles, primeiro no tabernáculo, no meio do deserto, e, finalmente, no lugar que escolheu “como habitação do seu Nome” (Deuteronômio 12:11; Neemias 1:9), a própria Jerusalém. Desse modo, a terra e a cidade têm importância para Israel em termos de identidade, ao contrário da maioria dos outros povos na história. Na verdade, por causa disso, muitos pensavam equivocamente que Sião fosse inviolável

(veja Jeremias 7, 26 e 28; Ezequiel 13 e 14). É essa identificação total do povo com sua cidade como habitação divina que está por trás da enorme angústia contida nesses poemas e que torna os apelos sobre a situação do povo tão pungentes. Embora o autor esteja plenamente ciente de que a punição é justa, suas descrições agonizantes indicam quão difícil foi lidar com a realidade e a enormidade da desolação e do sofrimento (por exemplo: Lamentações 2:20-22).

Ao mesmo tempo, no entanto, o autor luta com as questões também levantadas por Habacuque e Obadias, por exemplo. E os inimigos de Israel, que eram igualmente merecedores da ira divina? Eis o que está por trás das imprecações frequentes (Lamentações 1:21,22; 3:61-66; 4:21,22). No final, embora Moisés e os profetas tenham previsto tamanho desastre como resultado da infidelidade à aliança, nosso autor luta com isso até as últimas palavras, e o futuro prometido é apenas uma sombra distante. Mas, no crucial e central poema, ele também espera pelo raio de esperança mais importante – o caráter do próprio Javé, que se revelou a Moisés no Sinai como sendo cheio de amor e de fidelidade (Êxodo 34:5-7; veja o apelo no salmo 89).

Uma caminhada por Lamentações

1:1-22 – Primeiro lamento: Sião lamenta por sua destruição

Na primeira parte desse poema (1:1-11b), o narrador expõe as questões básicas, as quais são repetidas do começo ao fim: Sião e seu templo foram devastados, e seu povo foi levado ao exílio; durante o cerco, os amigos da cidade a abandonaram, os inimigos zombaram e os adversários são, agora, mestres do povo. Aqueles que permanecem, sacerdotes e povo, estão em apuros; as festas de peregrinações são algo do passado; para eles, resta apenas choro e gemido. E tudo isso por causa dos muitos pecados de Judá.

Perto do fim dessa primeira parte, Sião clama a Javé que considere a sua aflição (1:9c), o que se repete no início de seu próprio lamento (1:11c-22). Clamando a todos “que passam por aqui” (1:12), a cidade basicamente repete as questões dos versículos 1 a 11, mas, agora, mais detalhadamente e com dor e angústia crescentes, concluindo com uma imprecação contra seus inimigos (1:21,22). Observe especialmente o papel que Javé desempenhou em sua destruição; note também que o lamento da cidade é momentaneamente aliviado no meio do caminho pela própria voz do poeta (1:17).

2:1-22 – Segundo lamento: a queixa e o apelo de Sião

Com intensidade ainda maior, o poeta fala novamente, expondo em detalhes a causa última da destruição de Jerusalém, a saber, a ira de Javé. O Divino Guerreiro, que no passado havia lutado por Israel, agora se tornara seu inimigo – cidade, terra, líderes e povo igualmente (2:10-17). Note, aqui, como ele fala na primeira pessoa (2:11,13) e, enfim, exorta Sião a clamar a Javé (2:18,19), o que a cidade faz nas palavras pungentes dos versículos 20 a 22, lembrando Javé da fome e do subsequente massacre (do sacerdote, do profeta, dos jovens e dos velhos).

3:1-66 – Terceiro lamento: desespero, esperança e imprecação

Nesse poema central, o autor faz do desespero de Jerusalém o seu próprio, e vice-versa (3:1-18, já mencionado em 2:11). O que parece estar em questão, neste ponto, é que a queda de Jerusalém representava o sofrimento de muitos que eram fiéis a Javé e inocentes de seus crimes coletivos, mas, ainda assim, eles se sentiram implacavelmente perseguidos por Javé. No final, sua única esperança está na fidelidade à aliança por parte de Javé, cujo amor e fidelidade (ecoando as palavras de Êxodo 34:6) se renovam a

cada manhã (3:19-24). Segue-se, então, um tipo de diálogo pessoal sobre o significado do sofrimento e da sua relação com Javé, concluindo com um chamado ao arrependimento (3:25-42). Observe que, ao término, o lamento é então renovado (3:43-51), concentrando-se, finalmente, nos inimigos do narrador, que são responsáveis por seu sofrimento (3:52-62), e concluindo com uma imprecação contra eles (3:63-66).

4:1-22 – Quarto lamento: tateando nas ruas

Com esse lamento, o autor volta sua atenção às horríveis condições vigentes em Jerusalém, comparando-as aos anos de cerco e expressando sua crença de que os mortos são os que têm sorte (4:1-11). Ele então se volta para a situação – e a culpa – dos profetas e sacerdotes (4:12-16). Observe que o versículo 17 dá início ao lamento do povo propriamente, nesse caso olhando para trás, para os últimos e amargos dias do cerco (incluindo a fuga e a captura do rei; Jeremias 52:7-11), ao passo que o autor conclui com uma imprecação contra Edom (4:21,22).

5:1-22 – Quinto lamento: o remanescente de Sião chora

Nesse poema final, somente o povo fala, clamando a Javé que os assista em sua aflição, refletindo especialmente que Judá, agora ocupada, é um lugar infeliz e perigoso para se viver (5:1-18). O poema e o livro concluem com uma oração por restauração, que começa com uma afirmação do Reino eterno de Javé, a despeito da preocupação, em lamento característico, com o fato de eles terem ou não sido esquecidos (5:19-22).

O livro de Lamentações reflete uma reviravolta importante na história bíblica – a queda de Jerusalém –, lembrando-nos de que Deus é fiel à sua palavra sobre o juízo contra a infidelidade, e ao mesmo tempo mantendo a esperança no futuro com base no caráter divino.



OS PROFETAS DE ISRAEL NA HISTÓRIA BÍBLICA

A próxima parte da história bíblica vem na forma de dezesseis livros que chamamos de Profetas. Na tradição judaica, eles são conhecidos como Últimos Profetas e normalmente contados como quatro livros, nesta ordem: Isaías, Jeremias, Ezequiel e o Livro dos Doze (os chamados Profetas Menores; Lamentações e Daniel foram incluídos entre os Escritos). A tradição profética teve uma longa história em Israel, começando por Moisés e incluindo Samuel. Mas aqueles cujas palavras foram por fim escritas em rolos que carregavam seus nomes floresceram a partir de meados do século 8 a.C. (aproximadamente 760) até meados do século 5 a.C. (aproximadamente 460).

Os profetas desempenham um papel crucial na “história de Israel”, que é parte da grande narrativa. Na verdade, não é possível compreendê-los de maneira apropriada se desvinculados de sua função relativamente à Lei e aos Primeiros Profetas (Josué até 2Reis). Como porta-vozes indicados por Deus, eles convocam o povo de Javé de volta às suas raízes pactuais, anunciando maldições e bênçãos por deslealdade ou lealdade à aliança (veja especialmente Deuteronômio 27 a 30). Os profetas exílicos também ajudaram o povo a atravessar sua dupla perda – da presença divina e da terra prometida –, desse modo desempenhando o papel de Moisés e de Josué em reverso.

Assim, os profetas constantemente chamam o povo de Deus de volta às realidades divinas: eles pertencem a Deus, Deus não pertence a eles; Deus os chamou à existência para os seus propósitos de redimir o que se perdeu na Queda e de abençoar as nações. No cerne da mensagem dos profetas, então, está o profundo

interesse em que Israel reflita o caráter divino, percorrendo os caminhos de Deus e guardando a aliança com ele. Ao mesmo tempo, eles são constantemente lembrados de que Javé não é uma deidade local israelita, mas o Deus Soberano do universo – Criador e Sustentador de todas as coisas e, portanto, também Soberano sobre todas as outras nações.

As nações, consequentemente, desempenham um papel muito importante na participação dos profetas na grande história. Por um lado, estão incluídas na promessa abraâmica (Gênesis 12:2,3), e, assim, Israel é frequentemente lembrado de seu fracasso em ser a "bênção" de Deus para elas. Essa dimensão da promessa é, portanto, regularmente vista como parte do cumprimento final das promessas divinas (veja Isaías em particular), uma parte da tradição que se torna central no Novo Testamento. Por outro lado, uma vez que a promessa abraâmica incluiu a "maldição" divina sobre os que "o amaldiçoarem", os profetas também pronunciam regularmente o juízo divino sobre as nações. Assim sendo, Israel não está sozinho como receptor dos justos juízos divinos – na verdade, Obadias e Naum são exclusivamente oráculos contra as nações (Edom e Assíria, respectivamente).

Muito do que se diz enquanto você é guiado por esses livros pressupõe o capítulo 10 de *Entendes* quanto à natureza e à função dos oráculos proféticos (processo judicial, infortúnio, promessa, entre outros). Mas três questões são particularmente cruciais e precisam ser repetidas aqui, a fim de ajudá-lo a entender esses (às vezes difíceis) livros.

(1) De forma muito semelhante às cartas do Novo Testamento, esses escritos tratavam de situações pontuais; assim, alguma noção sobre a circunstância social/religiosa/política de que eles falavam é essencial para que você os leia bem. Na seção *Conselho específico*, portanto, a natureza da situação específica para cada profeta será mencionada.

Por ora, relembre as três questões importantes que se aplicam, em geral, para esse período na história de Israel: era um tempo de (1) importante agitação política, militar, econômica e social, (2) com nível muito alto de infidelidade e desrespeito à aliança mosaica e (3) com enormes mudanças no(s) equilíbrio(s) de poder na cena internacional.

É particularmente importante observar que todos esses profetas falaram em um tempo quando Israel havia sido permanentemente dividido em norte (Israel/Efraim) e sul (Judá). A maioria deles se reporta a Judá, alguns falando sobre a situação do exílio, e vários deles falam após o exílio, quando um pequeno remanescente havia retornado à sua terra histórica. Uma vez que será útil a você relacionar esses livros às seções de 1 e 2Reis e 1 e 2Crônicas às quais eles correspondem, as passagens relevantes vão regularmente chamar sua atenção.

(2) Ao ler, você desejará estar ciente da frequente tensão, nos profetas, entre o futuro próximo e o futuro derradeiro, uma vez que a consumação final da história bíblica quase sempre serve como pano de fundo para o que é dito sobre o futuro próximo. Desse modo, Ageu, por exemplo, está falando diretamente sobre a reconstrução do templo depois do retorno do exílio. No entanto, ao encorajar o povo a retornar a esse trabalho, ele fala do futuro maior do templo e do futuro próximo de Zorobabel como herdeiro davídico. E assim é com a maioria desses livros em sua forma final.

(3) É importante também ser lembrado de que a maioria dos discursos proféticos toma a forma de poesia. Aqui, seria de grande benefício ler as páginas 236 a 238 de *Entendes*, bem como uma introdução sobre poesia hebraica em um dicionário bíblico atual, para que você consiga apreciar os tipos de paralelismo envolvidos. Também porque esses livros são poesia, você talvez deseje parar, às vezes, para observar as poderosas e sugestivas imagens e metáforas que os profetas regularmente usam para capturar a atenção do povo.

Nesses livros, Deus está falando alto e claro (mais claramente do que muitos possam pensar!). Ao ler, esteja atento não apenas ao que Deus diz ao povo sobre os tempos dos profetas, mas também a quanto isso é igualmente relevante para nossos próprios tempos e história. (Você talvez esteja se perguntando se Amós não teria lido *The New York Times*!)

ISAÍAS

Dados de orientação para Isaías

- **Conteúdo:** a majestade soberana e o amor redentor de Javé, revelados em seu trato com os israelitas, seu povo escolhido, que estão destinados para juízo e salvação, nos quais se incluem, também, as nações.
- **Profeta:** Isaías de Jerusalém.
- **Data da atividade profética:** cerca de 740 a 687 a.C. (veja 1:1).
- **Ênfases:** a santidade, a majestade e a justiça de Javé; a compaixão e a misericórdia salvadora de Javé; o papel central de Israel nos planos de Javé para as nações e o mundo; o papel central de Sião nesses planos; o papel redentor do servo sofredor de Deus; o glorioso futuro final que Deus tem reservado aos que são seus.

Visão geral de Isaías

O livro de Isaías, de muitas maneiras, é o ponto central da história de Israel na história bíblica. Localizado no início dos Últimos Profetas, embora não tenha sido o primeiro deles, serve de guia para a leitura do restante dessa tradição. Mas, além disso, seu escopo teológico é abrangente, lembrando constantemente os israelitas de que Javé é o Deus vivo, o Criador e Soberano majestoso – e Juiz – de tudo o que há, bem como Redentor compassivo de Israel. Desse modo, Isaías aguarda ansiosamente o juízo de Israel, a sua redenção do exílio por meio de um segundo êxodo e, por meio do Servo Rei que virá, o cumprimento da aliança abraâmica que inclui as nações na salvação promovida por Javé. E,

ao seu término, retrata a redenção final de Israel e das nações em novos céus e nova terra, quando Sião, o lugar onde Javé e o povo se encontrarão, for restaurada à sua glória definitiva. Isaías, portanto, teve enorme influência sobre os autores do Novo Testamento, sendo por eles citado ou mencionado com mais frequência que qualquer outro livro do Antigo Testamento, exceto o Saltério.

O livro em si apresenta esse panorama glorioso como um todo cuidadosamente elaborado, que chega em duas partes básicas: os capítulos 1 a 39 lidam principalmente com Jerusalém durante o período da ameaça assíria, mas, ao final, Isaías profetiza a ameaça futura do exílio na Babilônia. Os capítulos 40 a 66 concentram-se no futuro de Israel e de Jerusalém próximo do fim do cativeiro babilônico e além, atingindo seu clímax com a esperança de novos céus e de nova terra, e de uma Sião escatológica final.

Cada uma dessas partes tem suas próprias estruturas e seus próprios ritmos. Os capítulos 1 a 5 introduzem os principais assuntos da parte 1 – o fato de Judá e Sião terem fracassado em seu chamado como povo de Javé, para Javé em si e para as nações, e portanto serem passíveis de julgamento (enquanto 2:1-5 anseia pelo cumprimento desse chamado). O fracasso é triplo: (1) falta de confiança em Javé, expressa no (2) constante flerte do povo com ídolos, e (3) falta de justiça social. O chamado de Isaías (capítulo 6) introduz o restante da parte 1. Sua visão do “Santo de Israel” leva à sua purificação e convocação para anunciar o juízo divino sobre um povo que é exatamente como seus ídolos – têm ouvidos que não ouvem e olhos que não veem. O restante da parte 1 é composto por dois conjuntos de narrativas da longa carreira de Isaías (capítulos 7 a 9; 36 a 39), um no princípio (com Acaz) e outro no fim (com Ezequias) – ambos se dão durante ameaças externas e mencionam a mesma área geográfica (7:3; 36:2). Nos dois casos, está em questão a confiança em Javé: Acaz não confia, diferentemente de Ezequias. Mas este demonstra falta de confiança

em relação aos enviados da Babilônia, o que leva à segunda parte do livro. Muito da estrutura interior da parte 1 é uma série de oráculos contra as nações, incluindo aquelas às quais Israel havia recorrido em busca de apoio, em vez de confiar em Javé.

A parte 2 consiste, basicamente, em dois segmentos, cada uma também dividida em duas partes. Os capítulos 40 a 55 levam a história adiante, para um tempo próximo do fim do exílio babilônico; os capítulos 40 a 48 trazem consolação e confrontação – esta a um povo que está estabelecido na Babilônia e não deseja participar de um novo êxodo –, enquanto os capítulos 49 a 55 refletem que o (agora adiado) novo êxodo finalmente acontecerá por intermédio do servo de Javé, e esse servo, assim, também reunirá as nações. Os capítulos 56 a 66 refletem, a princípio, o fracasso contínuo de Israel (capítulos 56 a 59), mas, então, falam sobre o grande futuro que Deus tem para o seu povo e para as nações (capítulos 60 a 66).

Conselho específico para a leitura de Isaías

Para ler Isaías bem, você precisa ter alguma noção da história que o livro reflete, bem como das preocupações teológicas que o permeiam do princípio ao fim.

A *história* refletida nos capítulos 1 a 39 é dominada pelo papel da Assíria sobre a cena internacional. O chamado de Isaías chega no último ano do longo reinado de Uzias em Jerusalém (792-740 a.C.; veja 2Reis 15:1-7), que havia sido um tempo de declínio assírio e, desse modo, de relativa paz em Judá e Israel. Mas, por ocasião da morte de Uzias, a Assíria tinha reassumido seu poder no mundo do Oriente Próximo por meio de uma nova série de monarcas (Tiglate-Pileser III [744-727], Salmaneser V [726-722], Sargom II [721-705] e Senaqueribe [704-681]). Muito da intriga política em Samaria e em Jerusalém tinha relação com o fato de os reis de Israel e Judá haverem pago ou sonegado tributo à Assíria. São essas intrigas que

estão por trás dos dois conjuntos de narrativas em Isaías 7 a 9 e 36 a 39. Em cada caso, Isaías anuncia a libertação de Sião, mas também prediz o exílio para a Babilônia (39:5-7).

O cerco e a queda de Jerusalém e o exílio duplo para a Babilônia são o tema das histórias de Jeremias e Ezequiel. O contexto histórico idealizado em Isaías 40 a 55 é a parte final desse exílio, ou seja, foi tomado em consideração o tempo após a mensagem de Jeremias e Ezequiel, e os exilados passaram a viver uma nova vida na Babilônia. Toda essa seção de Isaías é dominada pela expectativa de um novo êxodo – do exílio, cruzando o deserto com promessas de água e travessia segura de volta a Sião, lugar onde Javé restabelecerá sua habitação. Mas os exilados não receberão essa mensagem de consolo – não conseguem acreditar que Javé usará Ciro, o persa, para realizar seus propósitos –, e, com isso, o segundo êxodo torna-se parte de um futuro mais distante.

As *paixões teológicas* de Isaías encontram seu foco em quatro pontos: (1) Javé como o "Santo de Israel" (termo encontrado 26 vezes em Isaías e somente seis vezes no restante do Antigo Testamento); (2) Israel como "povo santo" de Javé (62:12); (3) Sião (Jerusalém) como "cidade santa" de Deus (48:2) e "monte santo" (11:9; 27:13); e (4) a inclusão das nações (gentios) entre o povo de Deus (2:2; 52:15).

Javé como o "Santo de Israel" está no centro de tudo – na visão de Isaías (capítulo 6), na justiça e nos juízos de Javé (5:19-25), na misericórdia e na compaixão de Javé como Redentor de Israel (41:14; 43:3-15; 62:12). Desse modo, o termo *santo*, em Isaías, carrega duas de suas características essenciais: (1) a "alteridade" absoluta de Javé – o Criador e Sustentador de todas as coisas e de todas as nações, aquele que não tem rivais, uma vez que nenhum outro deus existe. Você não conseguirá evitar esse tema enquanto lê, especialmente quando ele tomar a forma de repreensão contundente sobre a natureza "sem vida" de tais ídolos, que têm

olhos, mas não veem, e ouvidos, mas não ouvem (veja especialmente 44:6-20). (2) A santidade absoluta de Javé no sentido moral/ético. Como um Deus santo, ele requer santidade de seu povo – eles devem carregar sua semelhança (compaixão, amor, bondade, fidelidade) em vez da de seus ídolos. Afinal, a idolatria inevitavelmente leva à injustiça: os deuses sem vida são injustos; seus adoradores tornam-se como eles.

No centro da história de Isaías está Israel, redimido, mas rebelde; obstinado, mas amado; e é o relacionamento de Javé com esse povo, descrito repetidas vezes ao apontar de volta para o êxodo e para a aliança davídica, que revela sua misericórdia e compaixão. Ele deverá julgá-los, mas não desistirá deles – e é aqui que o tema da salvação de um "remanescente" por Javé compõe a história. A história dessa redenção atinge o clímax com um Messias servo que redimirá Israel e as nações morrendo por eles – uma história que encontra seu cumprimento em Jesus Cristo e na cruz.

O símbolo essencial do relacionamento entre Javé e seu povo é a sua presença no meio deles em Jerusalém sobre o monte Sião. Foi ali que Israel profanou o relacionamento (1:10-25). No entanto, é ali também que Javé planeja restaurar esse relacionamento (1:26-31) para que as nações se unam em adoração sobre Sião (2:1-5). Dessa forma, o livro começa com uma Sião profanada e a promessa de sua restauração, terminando (capítulos 65 e 66) com a prometida expressão final da cidade santa e de seu povo santo, o que inclui os gentios.

Há muito mais componentes dessa narrativa maravilhosa da história bíblica, mas estar atento a esses vários temas, bem como manter-se sensível ao imaginário poderoso e às cadências da poesia, deverá ajudá-lo a assimilar algo do esplendor do livro, bem como de seu importante lugar na história bíblica.

Uma caminhada por Isaías

A RECLAMAÇÃO DE JAVÉ COM JUDÁ E O CHAMADO DE ISAÍAS (CAPÍTULOS 1 A 6)

1:1 a 2:5 – Introdução: a corrupção e o futuro do povo santo e do lugar santo

Essa seção introduz tanto os capítulos 1 a 5 como o livro todo; observe os temas recorrentes. A reclamação de Javé toma a forma de uma ação judicial em razão da *rebelião* contínua de Jerusalém contra *o Santo de Israel*, o que trouxe *julgamento* divino (1:2-9,24,25); a *religião* deles é inútil (1:10-15d) por causa de seus pecados – *injustiça social* (1:15e-17; veja Amós) e *idolatria* (1:29) –, mas há também a oferta de *misericórdia* (1:18-20) e um *futuro* brilhante (1:26-28). Em 2:1-4, Javé deixa claro seu compromisso de redimir sua Criação, com o monte Sião representando um novo monte Sinai, para o qual virão todas as nações (cumprindo, assim, os verdadeiros propósitos de Israel, a saber, manter a aliança de Deus com Abraão). Note como a seção termina com um convite a Israel para, desse modo, andar na luz de Javé.

2:6 a 5:30 – O Dia do Senhor, que virá

No primeiro oráculo (2:6-22), as questões-chave são a confiança arrogante nos ídolos e a falta de confiança em Javé; também observe alguns temas repetidos que dão poder à poesia. O desastre próximo, profetizado em 3:1 a 4:1, é dirigido especialmente aos líderes, e, de novo, a questão é *justiça social* – os ricos abusando dos pobres e da terra (incluindo o retrato gráfico em 3:16 a 4:1). Mas, após o desastre, há *esperança* (4:2-6), a primeira expressão dos temas do “segundo êxodo” em Isaías. Do mesmo modo, a canção da vinha (5:1-7; em destaque em Jeremias 12:10; Ezequiel 19:10-14; e com Jesus [Marcos 12:1-12; João 15:1-8]) concentra-se na justiça social (Isaías 5:7), assim como os seis ais que se seguem (5:8-25); por conseguinte, em vez de as nações virem adorar em Sião (2:2-4), elas são convocadas a destruí-la (5:26-30).

6:1-13 – A visão e o chamado de Isaías

Uzias morreu (como símbolo do que ocorre com a dinastia davídica). No templo, lugar da presença de Javé, Isaías tem uma visão do verdadeiro Rei de Israel, o Santo de Israel. Arrasado por causa de sua própria impureza e da impureza de seu povo, Isaías é perdoado e, então, chamado a pronunciar os juízos divinos a um povo que se tornou como os ídolos que adora, ou seja, não enxerga nem ouve.

UMA CRISE DE CONFIANÇA: ACAZ E A COALIZÃO SIRO-EFRAIMITA (CAPÍTULOS 7 A 12)

A questão discutida nos capítulos 7 a 39 é se Jerusalém, representada ou não por seu rei, vai confiar em Javé ou em alianças comprometedoras (uma forma de idolatria). Note que as narrativas sobre os fracassos de Acaz (7:1 a 8:10) e Ezequias (capítulo 39) em confiar em Javé concluíram essa seção mais ampla. E é por isso que deve haver um futuro rei fiel para Judá e as nações (9:1-7; 12:1-6; e, em todo o livro, os oráculos contra as nações).

7:1 a 8:22 – Realeza fracassada em Judá

Observe como essa narrativa de abertura revela Acaz vacilante diante de uma coalizão siro-efraimita. Os nomes dos dois filhos de Isaías refletem a resposta de Javé a Acaz – a ameaça de *saqueio* a Israel (Maher-Shalal-Hash-Baz)[18] e o mero *remanescente* da aliança do norte após o julgamento de Javé (Sear-Jasube) –, enquanto Emanuel, o “sinal” de Javé para Acaz, lembra-o da presença do próprio Javé em Sião (nesse caso, provavelmente como uma ameaça). A palavra de Javé a Isaías e a resposta do profeta (8:11-22) indicam o assunto em questão – a confiança em Javé.

9:1 a 12:6 – Realeza futura em Judá

O ponto central, aqui, é a realeza em Israel. Assim, note como o fracasso de Acaz, não confiar em Javé, é respondido pelo anúncio da vinda de um grande rei davídico (9:1-7; 11:1-16). Juntos, esses oráculos finalizam (1) a queda anunciada de Samaria (9:8 a 10:4, que se uniu a Damasco contra Judá), (2) a punição de Assíria, sua destruidora (10:5-19), e (3) a preservação de Judá (10:20-34). Após o segundo anúncio da vinda do rei (11:1-16), a seção conclui com Javé em Sião como verdadeiro Rei de Judá (capítulo 12).

RECLAMAÇÃO DE JAVÉ CONTRA AS NAÇÕES (CAPÍTULOS 13 A 27)

13:1 a 14:27 – Contra a Babilônia e a Assíria

Veja que ambos os oráculos contra esses dois inimigos históricos de Judá distinguem-se, em sua essência, por palavras de esperança a Judá (14:1-3,25). A Babilônia provavelmente é citada primeiro porque acabaria por tornar-se *o* poder mundial, cujo colapso seria de importância monumental. Duas coisas são dignas de nota sobre esse oráculo: (1) ele contém o imaginário da guerra santa, na medida em que o próprio Javé junta o exército que destruirá a Babilônia (13:4-22), e (2) o rei em particular se destaca por causa de sua arrogância contra Javé (14:12-21).

14:28 a 17:14 – Contra os vizinhos de Judá: Filístia, Moabe, Damasco

Esses oráculos colocam a ênfase no desastre iminente, e não nos pecados dessas nações propriamente ditos; em cada caso, assim como nos dois anteriores, eles procuram pela palavra de esperança sobre o futuro de Sião e de seu povo (14:32; 16:5; 17:6,7).

18:1 a 20:6 – Contra Cuxe [19] e Egito

Note como os dois oráculos mais gerais (capítulos 18 e 19) são concluídos com um oráculo historicamente específico contra ambos os reinos egípcios (capítulo 20). Nos dois, observe que, como

anteriormente, a ênfase está mais no anúncio do juízo do que nas razões para tal, e, de novo, isso resultará na exaltação de Javé como rei (18:7; 19:19-21). A extensão do oráculo contra o Egito provavelmente está relacionada ao modo como ele conclui: Judá tendo buscado ajuda do Egito.

21:1 a 23:18 – Contra a Babilônia e seus aliados

O oráculo contra Jerusalém (capítulo 22) se encaixa nesses oráculos finais contra a Babilônia e seus aliados (capítulo 21), pois a ruína de Jerusalém virá pelas mãos da Babilônia. Observe os temas repetidos – ênfase à condenação, e não aos pecados propriamente ditos; rejeição a Javé da parte de Jerusalém, mas com um futuro para a casa de Davi (22:20-24); juízo de Javé sobre os arrogantes (23:9).

24:1 a 27:13 – A angústia das nações e a festa no monte santo de Javé

Os oráculos anteriores parecem insinuar que Javé está meramente reagindo ao que as nações fazem; no entanto, essa próxima série deixa claro que ele é o Senhor Soberano das nações. No primeiro oráculo, a destruição iminente de Jerusalém (24:10-13) está apropriadamente situada em um contexto de devastação completa da terra. As nações respondem, unindo seu povo em uma grande festa escatológica no monte Sião (capítulo 25), enquanto a resposta de Judá (capítulo 26) é renovar o compromisso de confiar em Javé e desfrutar de sua paz após a disciplina – ao que Javé, tendo-lhe expiado a culpa, responde com uma renovada canção da vinha, enquanto Jacó cria raízes mais uma vez (capítulo 27).

UMA CRISE DE CONFIANÇA: EZEQUIAS E A AMEAÇA BABILÔNICA (CAPÍTULOS 28 A 39)

28:1 a 33:24 – Ai de Efraim e de Judá, que confiam no Egito

De volta à realidade presente em Judá, note como esses oráculos retomam temas dos capítulos 6 a 12. De novo, trata-se de uma crise de confiança relativa a Javé. Observe os pecados que suscitam essa série de ais, primeiro contra Samaria (28:1-6) e, então, contra Judá e seus líderes (28:7 a 31:9) – especialmente os pecados de injustiça (os ricos se embebedando por aí com o trabalho dos pobres), zombaria contra o profeta de Deus e idolatria, todos refletindo a arrogância de Judá tanto na adoração quanto na política externa, com seu respectivo fracasso em confiar em Javé, comprovado sobretudo pela ida ao Egito para pedir ajuda (capítulo 31). Mas observe, também, como essas ameaças estão entrelaçadas com palavras de esperança que se concentram no futuro de Sião e no rei justo de Deus. A esperança futura torna-se o tema principal dos capítulos 32 e 33, entrelaçada com ameaças de juízo. Note especialmente que, quando o rei justo de Javé reinar, os cegos finalmente verão e os surdos ouvirão (32:3,4; veja 6:9,10).

Perceba, ainda, os jogos de palavras que marcam esses oráculos (Samaria como uma "flor" murchando, a ser substituída por Javé como sua "coroa" [28:1-5]. A zombaria de Judá é transformada, por Deus, em zombaria contra ela mesma [28:9-13; veja 28:22]; o surdo em breve ouvirá as palavras do rolo [20] [29:11,12,18]; entre outros).

34:1 a 35:10 – De novo: juízo sobre as nações e o futuro de Sião

Os dois oráculos finais dessa parte de Isaías concluem com o amor de Javé por Sião, o primeiro anunciando o juízo do Guerreiro Divino contra as nações, especialmente Edom (capítulo 34; veja fenômeno semelhante em Ezequiel 35 e 36), e o segundo anunciando a vinda do novo êxodo (Isaías 35:1-10); note como o juízo de 6:9,10 contra o cego e o surdo, que se tornaram como seus ídolos, é finalmente revertido para sempre (35:5), e os resgatados do Senhor entram em Sião com alegria (35:10). Esse oráculo final também prepara o caminho para os capítulos 40 a 55.

36:1 a 39:8 – Confiança em Javé no tocante à Assíria; fracasso em relação à Babilônia

Grande parte dessa narrativa é repetida em 2Reis 18:13,17 a 20:19. Em contraste com o que Acaz fez anteriormente, Ezequias escuta Isaías e coloca sua confiança em Javé, que, por milagre, liberta Judá da Assíria. Observe mais uma vez a ênfase a Sião e ao remanescente de Javé. Mas, então, Ezequias deixa de confiar em Javé ao flertar com a Babilônia, não reconhecendo, como Isaías o faz profeticamente, que a real ameaça a Sião está naquela região. Assim, essa narrativa também serve de transição aos oráculos que vêm a seguir.

CONSOLAÇÃO E CONFRONTAÇÃO (CAPÍTULOS 40 A 48)

40:1-11 – Introdução

Veja como o tema do segundo êxodo de Israel, ainda maior, que está no cerne dos oráculos contidos nessa seção, é introduzido. O “árduo serviço” de Jerusalém no exílio está chegando ao fim (40:1,2), o deserto deve ser preparado como um caminho e a glória de Javé será revelada mais uma vez (40:3-5). Tudo isso é resultado da palavra imutável de Deus (40:6-8). Desse modo, o profeta anuncia “boas-novas a Sião”: Javé mais uma vez virá com poder e “pastoreará” seu povo, levando-o em segurança para casa (40:9-11; note como o versículo 9 responde a 35:4).

40:12 a 41:29 – A consolação de Israel

A Jerusalém exilada está pronta para isso? Note como os oráculos começam com a afirmação de Javé, ao seu povo, de que ele é o Senhor Soberano, em quem podem confiar absolutamente. Sua sabedoria é insondável (40:12-14); nenhuma nação e nenhum ídolo pode comparar-se a ele (40:15-26), e, assim, ele os fortalecerá para a jornada (40:27-31; veja 40:31 e Êxodo 19:4). Javé, então,

contende com as nações e seus ídolos (41:1-7 [que têm de ser criados para entrar na disputa!]; 41:21-29) a fim de indicar que ele, sozinho, ergueu “alguém do oriente” (41:2, Ciro), o qual vem do norte sobre a Babilônia (41:21-29). Esses oráculos são obviamente para o consolo de Israel, uma vez que enfatizaram o encorajamento de Javé a Israel, seu “servo”, afirmando que está com eles (como no êxodo anterior) e suprirá suas necessidades no deserto (41:8-20).

42:1 a 44:23 – Israel como servo relutante de Deus às nações

Ao ler essa série de oráculos comoventes, observe os seguintes temas repetidos – a graciosa redenção do povo, por Deus, é para que Israel possa tornar-se seu servo para as nações; Israel, ainda surdo e cego (veja 6:9,10), reluta em receber essa redenção; Javé argumenta que somente ele é Deus, e não há nenhum outro, e que promoverá um segundo êxodo que fará com que esqueçam o primeiro; tudo isso é para a sua própria glória, o Redentor gracioso de Israel.

44:24 a 45:25 – O libertador escolhido de Javé, Ciro

Repare na ênfase renovada à palavra imutável de Javé, que realiza o que deseja, incluindo a ascensão de Ciro, seu servo, em prol de Israel, seu servo; note especialmente a repetida ênfase a “Eu sou o SENHOR [Javé], e não há nenhum outro” (45:5,6,18; veja 43:11; 45:14,21,22). No meio de tudo isso há também a nota sobre a relutância do povo (45:9,10). No entanto, Javé pretende usar a redenção de Israel como um apelo às nações (45:14-25).

46:1 a 48:22 – A disputa de Javé com o Israel obstinado

Nessa série de oráculos, Javé por fim anuncia a efetiva queda da Babilônia (46:1,2; 47:1-15). Mas seu desentendimento é com os cidadãos do Israel obstinado, que resistem ao que ele lhes preparou

(46:3-13; 48:1-19); por fim, ele faz um apelo final para que fujam da Babilônia (48:20-22).

O SERVO DE JAVÉ QUE VIRÁ TRAZENDO SALVAÇÃO (CAPÍTULOS 49 A 55)

49:1 a 50:11 – O servo de Javé e a salvação de Israel

Observe, nesses oráculos, que o "servo de Javé, Israel" é reduzido a um servo que substituirá Israel e o redimirá, ato que se estenderá também às nações. Note ainda que o novo êxodo está mais claramente localizado em um futuro relativamente distante. O primeiro oráculo prepara o caminho: o servo de Javé, Israel, passa a ser aquele que traz os israelitas – e as nações – de volta a Javé (49:1-7). Segue-se a isso o anúncio renovado do novo êxodo (49:8-13), com a relutância contínua de Israel (49:14,24) e as respostas de Javé (49:15-23, 25,26), culminando com o convite, do profeta, para que Israel obedeça a Javé (50:10,11).

51:1 a 52:12 – Salvação para Sião

Depois dos apelos de Javé aos fiéis em Israel que herdarão as promessas (51:1-8), o profeta clama a Javé que conduza o novo êxodo (51:9-11). Javé responde com palavras de consolo a Israel (51:12-16), e o profeta clama ao povo que obedeça (51:17-21), uma vez que o cálice da ira deles deve ser passado para a Babilônia (51:22,23). Sião, portanto, deve preparar-se para o grande êxodo que está por vir (52:1-6), o qual terá como clímax o retorno de Javé a Sião (52:7-10) e um apelo final de fuga da Babilônia, como fizeram do Egito, mas dessa vez sem pressa (52:11,12).

52:13 a 53:12 – O servo expia os pecados de Israel

Como o novo êxodo será realizado? Por meio da obra redentora do servo sofredor de Javé, cujo ministério efetivo é apresentado em 52:13-15. Os meios desse ministério são descritos em 53:1-9; e

suas origens e avaliações divinas, em 53:10-12. Não é de admirar que o Novo Testamento veja o cumprimento dessa passagem em Jesus Cristo (Marcos 10:45; Atos 8:30-35; 1Pedro 2:21-25).

54:1-17 – O futuro glorioso de Sião

O ponto alto da obra do servo é agora expresso por meio dos ecos de três alianças anteriores – Abraão (54:1-3), Sinai (54:4-8) e Noé (54:9,10) –, enquanto a glória futura de Sião é expressa com um imaginário extravagante (54:11-17). Note especialmente que os exilados, no capítulo 52, ainda estão na Babilônia, mas agora aparecem em Sião (54:11). Como chegaram ali? Por meio do servo sofredor de 52:13 a 53:12!

55:1-13 – Convite de Javé a Israel e às nações

A palavra final de Javé nessa seção é de convite – a Israel e às nações – para o recebimento gratuito da graciosa provisão divina (55:1-7). Apelando mais uma vez à sua soberania e à sua palavra imutável (55:8-11), Javé anuncia o grande reverso de sorte aos que lhes obedecem (55:12,13).

O FRACASSO VIGENTE E UM SUBLIME FUTURO RESERVADO A SIÃO (CAPÍTULOS 56 A 66)

56:1 a 59:21 – A verdadeira guarda do sábado e o verdadeiro jejum

Essa parte final de Isaías começa com um tipo de reprise – um retorno aos temas que abriram o livro. Um oráculo de abertura (56:1-8) dá o tom, com suas preocupações quanto à salvação oferecida por Javé, que chegará em breve, à guarda da aliança por Israel, à guarda do sábado em um contexto de justiça e ao ajuntamento das nações no monte santo.

A série de oráculos que vem a seguir retoma esses temas, além da condenação dos líderes de Israel (56:9 a 57:4) e da idolatria (57:5-13). Mas, inserido entre essa condenação de idolatria e de

religião sem justiça (58:1-14), está um oráculo de salvação para os humildes (57:14-21). Observe como todos esses temas ecoam 1:2 a 2:5.

Essa seção conclui com um anúncio dos pecados que têm mantido Javé longe (59:1-8), uma oração de arrependimento feita pelo povo (59:9-15) e a resposta de Javé, de salvação próxima (59:16-21), que ecoa 1:18-20. Note especialmente como a seção termina, anunciando o Redentor vindouro e o Espírito (59:20,21).

60:1 a 63:6 – A glória futura de Sião e o ungido de Javé

Essa coletânea de oráculos é a peça central do trecho final de Isaías. Começa com uma imagem maravilhosa da glória futura de Sião (capítulo 60), a qual, como em todo o livro, inclui as nações (60:10-14). Então, chega o anúncio do Redentor vindouro (capítulo 61), que apresenta semelhanças extraordinárias com o servo descrito nos capítulos 42 a 53 – uma passagem que Jesus anuncia como tendo sido cumprida nele e em seu ministério (Lucas 4:16-21). Observe também que os redimidos são os pobres e humildes citados nos oráculos anteriores. Segue-se a isso outro oráculo sobre o futuro glorioso de Sião (capítulo 62), concluindo com o juízo escatológico do Redentor sobre as nações (63:1-6), uma passagem retomada por João (Apocalipse 14:17-20).

63:7 a 64:12 – O povo de Javé ora

Essa oração nos traz de volta a realidades da época, enquanto o povo de Deus espera por seu grande futuro. Note que ela começa rememorando o primeiro êxodo – no qual Javé estava presente, por meio do seu Espírito, e em misericórdia redimiu o povo, embora este fosse rebelde (63:7-14) –, o que leva à oração a Deus, a fim de que aja, mais uma vez, em favor deles (63:15 a 64:12); esse é um dos trechos mais pungentes de Isaías.

65:1-16 – Juízo e salvação

A resposta de Javé à oração dos israelitas é lembrá-los de sua desobediência (65:1-7), mas também de sua redenção, por Deus, repetidamente prometida (65:8-16).

65:17 a 66:24 – Sião futura em novos céus e nova terra

Isaías agora conclui com mais um vislumbre da glória futura de Sião – aquilo que Javé sempre perseguiu –, colocada em um contexto escatológico de novos céus e nova terra, com um lembrete acerca do juízo final. Observe como o fim ecoa 2:2-4: a salvação divina engloba uma Sião renovada, que incluirá as nações (66:18-21).

O livro de Isaías fica no meio do Antigo Testamento como um lembrete de que Javé é o Deus vivo que julgará o mundo com justiça e salvará seu povo e as nações com misericórdia por meio de seu Messias “servo e sofredor”. Assim, esse livro reúne toda a história do Antigo Testamento e prepara o caminho para o Novo.

JEREMIAS

Dados de orientação para Jeremias

- **Conteúdo:** oráculos de juízo contra Judá e as nações, bem como oráculos de esperança futura, interligados com narrativas sobre o papel de Jeremias nos dias finais de Judá.
- **Profeta:** Jeremias, de linhagem sacerdotal, do vilarejo de Anatote, cerca de cinco quilômetros distante de Jerusalém.
- **Data da atividade profética:** de 627 a 585 a.C. (veja 1:2,3).
- **Ênfases:** a infidelidade de Judá a Javé terminará em sua destruição; cumprindo as promessas de Deuteronômio, Deus tem um futuro brilhante para seu povo – um tempo de restauração e uma nova aliança; o coração do próprio Javé revelado para seu povo por meio do coração de Jeremias.

Visão geral de Jeremias

O livro de Jeremias é uma coletânea de seus muitos oráculos – a maioria em poesia e contra Judá e Jerusalém – e de um grande número de narrativas, nas quais esse profeta é o ator principal. A coletânea em si, talvez “publicada” por Baruque (Jeremias 36:32; 45:1-5), apresenta quatro partes principais. Os capítulos 1 a 25 contêm oráculos e ações simbólicas interpretadas que anunciam a destruição iminente de Judá e de Jerusalém. Grande parte desse material aparece em forma de conversa/diálogo entre o profeta e Javé. Nos capítulos 26 a 36, duas coletâneas de narrativas (não cronológicas) incluem a mais elevada mensagem de esperança, descrita nos capítulos 30 a 33. Os capítulos 37 a 45 contêm uma série de narrativas em ordem cronológica, relacionadas com eventos que cumprem profecias da parte 1. Os capítulos 46 a 51

contêm oráculos contra as nações, enquanto o capítulo 52 é um epílogo histórico, reivindicando Jeremias como profeta. Assim:

A Profecias de juízo contra Jerusalém (capítulos 1 a 25)

B Narrativas que oferecem esperança no futuro (capítulos 26 a 36)

B* Narrativas sobre a queda de Jerusalém (capítulos 37 a 45)

A* Profecias de juízo contra as nações (capítulos 46 a 51)

Epílogo (capítulo 52)

É importante observar que as narrativas dos capítulos 26 a 36 têm muitas correspondências com os oráculos precedentes. Por exemplo, o *conteúdo* do famoso sermão do templo aparece em 7:1-29, enquanto a *reação* a ele aparece como a primeira narrativa (capítulo 26); a política de rendição à Babilônia e a ida para o exílio, em 21:8-10, tornam-se o foco principal das narrativas dos capítulos 27 a 29; e as razões para juízos contra os reis e profetas de Judá, dadas nos capítulos 22 e 23, encontram expressão narrativa nos capítulos 26 a 29 e 34 a 36. Isso sugere que a razão para a primeira coletânea (não cronológica) de narrativas seja temática – e intencional.

Conselho específico para a leitura de Jeremias

Para ler Jeremias bem, você precisa ter uma ideia sobre o profeta e seu tempo, bem como sobre a natureza dos materiais que compõem o livro.

Primeiro, alguns comentários sobre o tempo no qual Jeremias viveu. Embora tenha recebido seu chamado durante o décimo terceiro ano (de trinta) do reinado de Josias, somente um de seus oráculos data desse período (3:6-10). A maioria deles vem de anos tumultuados em Jerusalém após a morte de Josias, durante os

reinados de dois de seus filhos (Jeoaquim, 609-598 a.C., e Zedequias, 597-586). O próprio Josias havia reinado durante uma trégua no cenário internacional, enquanto a Assíria estava em sério declínio e tanto o Egito quanto a Babilônia disputavam a supremacia na área costeira, que incluía Judá. Josias morreu em batalha contra o faraó egípcio Neco (609), que, por sua vez, foi derrotado por Nabucodonosor da Babilônia, em 605. O restante dos anos finais de Judá está relacionado aos eventos políticos que se seguiram.

Os filhos de Josias (e um neto, Joaquim) passaram seus poucos anos de reinado como joguetes políticos entre o Egito e a Babilônia, sempre sob controle babilônico, mas repetidamente se voltando para o Egito em busca de ajuda, querendo livrar-se do jugo e obter certa independência. Essas políticas, então, resultaram em um cerco por Nabucodonosor, em 598, que levou a termo o breve reinado de três meses de Joaquim, o qual, junto com a maior parte dos líderes de Jerusalém foi enviado ao exílio babilônico (2Reis 24:8-17; Jeremias 29:2; veja Ezequiel). Não obstante, o último rei de Judá, Zedequias, retornou a essas políticas inúteis, o que por fim levou a um segundo cerco e à total destruição de Jerusalém (586). Ainda outra rebelião, de um remanescente dos que permaneceram em Judá, finalmente resultou em uma fuga para o Egito, na qual Jeremias e Baruque foram levados.

Não é possível compreender o texto de Jeremias à parte de sua história, uma vez que ele desempenhou um papel preponderante ao falar sobre essas relações políticas durante os 22 anos dos reinados de Jeoaquim e Zedequias. As narrativas revelam uma grande quantidade de intriga política, em que lobos e cordeiros são representados, com vozes pró-Egito e pró-Babilônia. E porque os oráculos e as narrativas de Jeremias (até os eventos finais, capítulos 37 a 45) não estão em sua ordem cronológica, você fará bem em manter à ão esses nomes, datas e políticas enquanto lê.

Segundo, Jeremias recebeu um tarefa muito ingrata, a saber, ficar em oposição à casa real de Davi, aos profetas, aos sacerdotes e ao povo, anunciando a destruição iminente de Jerusalém e insistindo para que aceitassem o exílio na Babilônia se desejavam viver e ter algum futuro. Em questão está a política de Jeremias pró-Babilônia (seguindo o primeiro exílio sob Joaquim, em 598), uma visão que enfrentava dupla resistência na corte real: muitos acreditavam (1) que Jerusalém estava segura por causa da aliança davídica e da presença do templo de Javé (veja 7:4-11) e (2) que o atual exílio de Joaquim seria breve (veja 28:1-4). A mensagem de Jeremias é clara: entreguem-se à Babilônia e viverão – mesmo que o retorno leve toda uma vida (!); resistam e morrerão. Por trás dessa resistência está uma convicção, baseada no resgate de Jerusalém por Javé da mão dos assírios (veja Isaías 36 e 37), de que Sião era inviolável por conta do seu templo, o lugar de descanso/habitação de Javé.

Terceiro, alguns comentários sobre o livro de Jeremias. Você precisa observar que os capítulos 1 a 25 formam o cerne da palavra profética de Jeremias e, provavelmente, representam muito do rolo que foi queimado por Jeoaquim e reescrito com a ajuda de Baruque (capítulo 36). Os oráculos iniciais anunciam o julgamento vindouro e as razões para tal (principalmente a infidelidade a Javé na forma de idolatria); ao mesmo tempo, estão cheios de apelos a Judá, insistindo que, caso o povo se arrependa, Javé cederá. Mas os apelos não são ouvidos e, por fim, abrem caminho à certeza do juízo iminente. Incluídos nessa coletânea estão diversas interações intrigantes de Jeremias com Javé (por meio de argumentações, diálogos, lamentos e reclamações) sobre o desastre iminente ou sobre os maus-tratos que sofreu. Ao ler essa coletânea, talvez você ache um pouco mais fácil marcar cuidadosamente as mudanças de narrador. Também estão incluídas várias ações simbólicas interpretadas, que servem para ilustrar o que Javé tem a dizer a Judá.

Das muitas influências sobre o próprio Jeremias, as mais óbvias são Oseias e Deuteronômio. Jeremias faz uso considerável da vívida representação de Israel como uma noiva tornada em prostituta infiel, muito amada por Javé, mas cuja infidelidade fará com que ele a entregue a seus "amantes". Isso, por sua vez, reflete várias influências deuteronômicas, em particular o apelo às estipulações da aliança, incluindo as maldições pela infidelidade até o ponto-chave de saber se o povo vai servir a Javé somente (Jeremias 11:1-13; veja 17:5-8). Relacionadas a isso estão as figuras do coração circunciso/incircunciso (4:4; 9:25; veja Deuteronômio 10:16; 30:6) e a restauração prometida, após o exílio, com uma nova aliança (Jeremias 30 a 33). Como em Deuteronômio, a questão não é meramente idolatria, mas sincretismo – adorar e servir a Baal e a Javé ao mesmo tempo. Mas Javé é Deus único e, como tal, um Deus ciumento que não pode suportar essa idolatria, mas também compassivo e amoroso para com seu povo. É essa mistura de realidades que encontra expressão pungente em Jeremias.

Uma caminhada por Jeremias

ORÁCULOS DE JUÍZO CONTRA JUDÁ E JERUSALÉM (CAPÍTULOS 1 A 25)

1:1-19 – Introdução

Observe várias dicas importantes para o restante do livro ao ler a introdução. O *título* (1:1-3) situa Jeremias socialmente (de uma família sacerdotal em um vilarejo) e historicamente. O *chamado* em si (1:4-10) inicia o padrão do diálogo à medida que Jeremias, em humildade profética apropriada, resiste. A *primeira visão* (1:11,12) assegura-lhe o pleno cumprimento da Palavra de Deus por meio dele. A *segunda visão* (1:13-16) indica a fonte do juízo iminente de Deus (Babilônia, do norte). As *convocações finais* (1:17-19) antecipam seu papel e sua recepção nesses eventos.

2:1 a 6:30 – Oráculos contra a idolatria de Judá

Essa primeira série marca o restante do livro. A acusação de Javé contra Judá/Jerusalém é dada em 2:1 a 3:5. Atente para o seguinte: o imaginário básico de uma ex-noiva amável (2:2) que se voltou para a prostituição (2:20-25,32,33; 3:1-5), principalmente na forma de idolatria (mas veja também 2:34); o papel dos líderes (reis, oficiais, sacerdotes, profetas; 2:8,26; veja capítulos 21 a 23); e o espanto de Javé diante de tamanha loucura (2:10-19).

Na próxima coletânea (3:6 a 4:4), observe os muitos apelos à noiva infiel para que não seja como Samaria (que também deve arrepender-se; 3:12-14), mas, em vez disso, retorne ao seu marido, sob ameaça de destruição certa se fracassar em dar ouvidos. A seguir, vem o anúncio do desastre do norte (4:5-31, retomando 1:14-16); note como essa seção alterna entre palavras diretas de Javé (4:5,6,9,11,12,15-18,22,27,28) e as próprias palavras de Jeremias (4:7,8,10,13, 14,19-21,23-26,29-31).

O capítulo 5 é uma coletânea de oráculos curtos, com duas intervenções por Jeremias (5:3-6,12,13) que alternadamente anunciam o juízo iminente (5:9,10,15-17) e as razões para tal: a injustiça social (5:26-28) mais uma vez se une à idolatria (5:7,8,19). Note o pensamento ecoado de Isaías, de que o povo tornou-se como seus ídolos (5:21; olhos e ouvidos que não veem nem ouvem).

O capítulo 6 conclui essa primeira coletânea anunciando o cerco de Jerusalém. Repare especialmente nos próprios apelos fúteis de Jeremias para que o povo dê ouvidos à sua mensagem (6:10,11a,24-26).

7:1 a 10:25 – Mais oráculos contra a idolatria

Os primeiros dois conjuntos de oráculos em prosa (7:1-29; 7:30 a 8:3) revelam em detalhes gritantes os caminhos sincréticos de Judá, o tempo todo acreditando que a “devoção” do povo a Javé e a

presença divina vão deixá-los seguros. Você pode ler o capítulo 26 em associação com o sermão do templo (7:1-29), que narra a resposta a esse capítulo. O restante é uma série de oráculos poéticos que retomam boa parte dos temas do primeiro ciclo (idolatria, abandono da Lei e juízo), mas, agora, bem carregados com intervenções de Jeremias, a maioria em forma de angústia sobre a destruição iminente de Jerusalém ou em louvor ao Deus que Judá desprezou (note também a intervenção feita pelo povo, em 8:14-16). Observe o desfecho com uma oração (10:23-25) que ecoa um tema profético comum: embora Judá mereça o que recebe, as outras nações também merecem, antecipando, assim, os oráculos nos capítulos 46 a 51.

11:1 a 13:27 – A aliança rompida

Observe como o primeiro oráculo (11:1-17) ecoa o que se passou antes, mas agora em termos do rompimento da aliança com Javé por parte da noiva. Veja o profundo envolvimento de Jeremias no restante da seção – uma conspiração contra o profeta, feita por seu próprio povo, resultará no juízo de Israel (11:18-23); sua reclamação recorrente sobre a justiça divina (12:1-4) é respondida em termos do que o povo fez a Jeremias (12:5-13), embora a justiça também venha às nações (12:14-17); uma ação simbólica é então interpretada em termos da inutilidade de Judá e da destruição iminente (13:1-14); e seu próprio apelo a Judá (13:15-23) é respondido novamente em termos da esposa infiel (13:24-27), retornando ao tema da aliança rompida.

14:1 a 17:27 – A rejeição do povo por Javé

Veja que essa série continua o formato do diálogo entre Javé e Jeremias: Javé anuncia juízo (14:1-6); Jeremias ora pelo seu povo (14:7-9), mas, como o juízo está agora estabelecido, o profeta é orientado não a orar (14:10-16), mas a prantear por eles (14:17,18). Jeremias responde lembrando Javé de sua aliança (14:19-22), ao

que Javé se contrapõe, dizendo que nem mesmo Moisés e Samuel poderiam ajudá-los agora (15:1-4,5-9; veja 15:12-14). Jeremias responde com um lamento (15:10,15-18), e Javé, com um apelo ao arrependimento e à permanência em seu chamado, assegurando-lhe livramento (15:11,19-21). Depois de uma série de proibições pessoais vinculadas a juízos contra o povo (16:1-9), Jeremias é encarregado de proclamar tanto condenação quanto esperança (16:10-18), enquanto outro oráculo de juízo (16:21 a 17:8) é seguido por mais um diálogo (17:9,10) e um lamento pessoal (17:11-18). O oráculo de conclusão anuncia juízo pela quebra do sábado (17:19-27; veja Êxodo 23:10-12; 31:12-17; 35:1-3).

18:1 a 20:18 – Símbolos e lamentos

Duas ações simbólicas interpretadas (18:1-17; 19:1-15) emolduram outro lamento pessoal (18:18-23), a segunda resultando no espancamento de Jeremias (20:1-3), o que, por sua vez, serve de mais um anúncio de juízo (20:4-6), seguido por um lamento pessoal (20:7-18). Observe que o terror do norte é finalmente identificado: a Babilônia (20:4).

21:1 a 24:10 – Juízo contra reis e profetas

Oráculos contra Zedequias concluem essa seção, que retoma 2:8 e 2:26. Uma solicitação de Zedequias (capítulo 21), feita no início do cerco (588 a.C.), encabeça uma série de oráculos contra os reis de Judá (capítulo 22; observe Jeoaquim [22:18] e Joaquim [22:24]), que um dia serão substituídos por um autêntico renovo da linhagem de Davi (23:1-8). Seguem-se oráculos contra falsos profetas e sacerdotes (23:33-40) e um oráculo final contra Zedequias e seus oficiais (capítulo 24). Observe especialmente o oráculo messiânico em 23:5,6, que ecoa Isaías 11:1,10. Ele é repetido em 33:15,16 e retomado em Apocalipse 5:5.

25:1-38 – Síntese da parte 1 e antecipação da parte 4

Note como o anúncio de um exílio de setenta anos (25:1-14) está repleto de razões que relembram os capítulos anteriores. Na sequência, há um anúncio de juízos contra as nações (25:15-33), enunciados por inteiro nos capítulos 46 a 51, e uma palavra de conclusão contra os pastores (25:34-38), finalizando também os capítulos 21 a 24. Você encontrará as palavras contra a Babilônia em 25:10 ecoadas no destino final da "Babilônia" de João, em Apocalipse 18:21-23.

A PALAVRA DE DEUS OFERECE ESPERANÇA, MAS É REJEITADA (CAPÍTULOS 26 A 36)

26:1-24 – Reação ao sermão de Jeremias no templo

O breve resumo, nos versículos 1 a 6, introduz a narrativa sobre a reação de Jerusalém ao sermão de Jeremias no templo, reproduzido em 7:1-29. Após a reação inicial (26:7-9), há um julgamento apressado (26:10-19); Jeremias é salvo por uma divisão entre sacerdotes/profetas e oficiais e por uma comparação com Miqueias. A narrativa final compara Jeremias com um profeta que não se saiu tão bem (26:20-23) e outro que teve êxito (26:24).

27:1 a 29:32 – Jeremias e os falsos profetas

Seção dominada pelo conflito entre Jeremias e dois falsos profetas (Hananias e Semaías) sobre a política pró-Babilônia de Jeremias. Em contraste com o próprio profeta (capítulo 26), e contra sua mensagem de esperança por meio do exílio, ambos os homens morrem. Note especialmente como a mensagem de esperança mediante o exílio prepara o caminho para a próxima seção.

30:1 a 33:26 – Restauração prometida e uma nova aliança

Aqui, você encontrará a razão básica para a posição pró-Babilônia de Jeremias: nela se encerra a única esperança para o futuro. Desse modo, os capítulos 30 e 31 são uma coletânea de oráculos curtos que profetizam o retorno do exílio e a restauração de Sião (veja Deuteronômio 30:1-10); tais eventos, no entanto, estão entrelaçados com momentos de juízo (Jeremias 30:5-7,12-15,23,24), a fim de lembrar o povo daquilo que os levou ao exílio. Note os vários atores na história da restauração – o povo (Israel e Judá), o país, a cidade, o rei, os sacerdotes e, especialmente, a nova aliança.

Jeremias, então, compra um campo em Anatote (32:1-25) como adiantamento desse futuro que virá depois de seu tempo! Segue-se a isso outro anúncio de juízo por ocasião do cerco (32:26-35), acompanhado por oráculos em prosa sobre a restauração futura (32:36 a 33:26). Note como 33:15,16 retoma a promessa do Messias de 23:5,6.

34:1 a 36:32 – Zedequias, Jeoaquim e o rolo de Jeremias

Em resposta aos capítulos 30 a 33, essas narrativas ilustram a deslealdade à aliança (capítulo 34) e, então, a lealdade à aliança (capítulo 35), com a rejeição das palavras de Jeremias por parte de Jeoaquim (capítulo 36) concluindo a seção. Uma autêntica esperança foi oferecida a Judá, mas rejeitada.

A QUEDA DE JERUSALÉM E SUA CONSEQUÊNCIA (CAPÍTULOS 37 A 45)

37:1 a 38:28 – Jeremias e as políticas palacianas

As narrativas nesse ciclo final estão em ordem cronológica, enunciando vários episódios que marcaram o fim de Jerusalém. A primeira (capítulo 37) reflete a falsa esperança que Zedequias depositou no Egito, o que culminou na prisão de Jeremias; a

segunda reflete a política antibabilônica contínua (38:1-13), que resulta em Jeremias sendo lançado em uma cisterna; note que, no episódio final (38:14-18), Jeremias repete o conselho de rendição à Babilônia para que vivam.

39:1 a 41:15 – Jeremias e a queda de Jerusalém

Esse grupo de narrativas conta a história da queda de Jerusalém e os eventos sórdidos que se seguiram, incluindo o assassinato de Gedalias.

41:16 a 45:5 – Jeremias e a fuga para o Egito

Essas narrativas finais contêm os últimos oráculos de Jeremias aos exilados no Egito, os quais ainda resistem a Javé, além de uma palavra final a Baruque.

ORÁCULOS CONTRA AS NAÇÕES (CAPÍTULOS 46 A 51)

Ao manter a tradição profética, Jeremias anunciou, por muitos anos, oráculos de juízo de Javé às nações. Eles estão colocados no final do livro, para que a mensagem divina de destruição para a Babilônia fosse a palavra final.

46:1-28 – A destruição do Egito

Os oráculos prometidos contra as nações (veja 1:10) agora concluem o livro. Eles começam com a falsa esperança de Judá, a saber, o Egito. A derrota do exército egípcio (46:2-12) será acompanhada pela ruína do país (46:13-24), com uma nota adicional sobre a esperança de Israel (46:27,28).

47:1 a 49:39 – A destruição dos vizinhos de Judá

Essa série de oráculos condena os vizinhos mais próximos de Judá, os quais também são inimigos históricos, julgados sobretudo pelo orgulho e pelo tratamento dado a Israel. Começando no sul (Filístia), o foco se move para o leste (Moabe, Amom, Edom) e, então, para o

nordeste (Damasco, Hazor, Elão). Eles são julgados principalmente pelo orgulho e pelo tratamento que dão a Israel.

50:1 a 51:64 – A destruição da Babilônia

Embora Jeremias estivesse a favor da Babilônia em relação ao futuro de Israel, ele reconheceu que o destruidor também deveria ser destruído. Aqui, especialmente, você encontrará o tema de Javé, o Divino Guerreiro, engajado na guerra santa contra seus inimigos. Observe, nessa coletânea de oráculos que anunciam a destruição da Babilônia, quanto dela está relacionado ao futuro de Israel, começando com 50:2-7. A desolação da Babilônia será ainda mais completa que a de Jerusalém, causada pela crueldade dos babilônios para com o povo de Deus, por sua arrogância e por suas idolatrias. Vários desses oráculos servirão de base para o anúncio, feito por João, de destruição de uma "Babilônia" posterior – a cidade de Roma (Apocalipse 18).

UM EPÍLOGO (CAPÍTULO 52)

Veja como o epílogo histórico final serve para legitimar Jeremias como profeta. O rei que rejeitou suas palavras morre em ignomínia (52:6-11); o rei que as aceitou, embora aprisionado, sobrevive e morre em honra (52:31-34).

O livro de Jeremias é um lembrete constante da fidelidade de Deus à sua palavra em

Deuteronômio, a saber, que seus eleitos serão amaldiçoados pelo exílio por causa da infidelidade a Javé, mas restaurados, num tempo futuro, com a esperança de uma nova aliança – que foi cumprida por meio de Jesus Cristo, o “Renovo justo” de Davi (Jeremias 23:5).

EZEQUIEL

Dados de orientação para Ezequiel

- **Conteúdo:** uma série de profecias que anunciam a queda de Jerusalém, incluindo a partida de Javé, seguida da restauração eventual de Israel, com o retorno de Javé.
- **Profeta:** Ezequiel, sacerdote e profeta conduzido à Babilônia na primeira leva de cativos de Judá, em 598 a.C., e contemporâneo mais jovem de Jeremias.
- **Data da atividade profética:** de 593 (Ezequiel 1:2) até 571 a.C. (29:17).
- **Ênfases:** a inevitabilidade da queda de Jerusalém por causa de seus pecados, especialmente a idolatria; a soberania transcendente de Deus como Senhor de todas as nações e de toda a história; a perda e a restauração da terra e da presença de Javé pelo povo de Deus; a promessa do Espírito que dá a vida, como chave para a fidelidade à aliança.

Visão geral de Ezequiel

O livro de Ezequiel contém uma variedade de visões e de oráculos proféticos que ele apresentou aos exilados na Babilônia por um período de 22 anos (593-571 a.C.), a época mais turbulenta na história de Jerusalém. Exceto pelo oráculo e lamento sobre o Egito (29:17 a 30:26), os oráculos aparecem em ordem cronológica.

O livro tem três partes distintas. Os capítulos 1 a 24 contêm oráculos datados dos cinco anos que precedem o cerco de Jerusalém (588). São principalmente anúncios de habitantes de Judá que estavam certos do juízo incontestável de Deus contra a cidade e seu templo. Em seguida, há uma série de oráculos contra

as nações vizinhas (capítulos 25 a 32) – com exceção notável da Babilônia. Os oráculos finais (capítulos 33 a 48), que cobrem um período de dezesseis anos após a queda de Jerusalém, concentram-se na esperança futura.

A estrutura do livro reflete a teologia de Ezequiel: a *ira santa* de Javé contra as idolatrias de seu povo faria Jerusalém ser destruída, incluindo o templo (o lugar da presença de Javé) – a despeito da descrença e do protesto em contrário (capítulos 1 a 24). Javé é também *o Deus Soberano* sobre todas as nações, de modo que elas também vão experimentar o juízo por causa de suas idolatrias e de seus pecados (capítulos 25 a 32). Mas Javé é um Deus de *grande misericórdia e compaixão*, que deseja restaurar seu povo e estar com ele de novo (capítulos 33 a 48).

Conselho específico para a leitura de Ezequiel

Para uma boa leitura de Ezequiel, você precisa entender, em alguma medida, a história de seu tempo, a qual, em parte, pode ser encontrada em 2Reis 22-25. Ezequiel nasceu em uma família sacerdotal, em Jerusalém, antes das reformas de Josias (622 a.C.), e, provavelmente, estava se preparando para tarefas sacerdotais que teriam início quando completasse trinta anos de idade (593). Mas, em 598, o desastre se abateu na forma de Nabucodonosor da Babilônia. Durante a vida de Ezequiel, os reis de Judá fizeram algumas escolhas políticas infelizes na luta entre o Egito e a Babilônia pela supremacia na região. Assim, Nabucodonosor cercou Jerusalém; o rei Joaquim se rendeu e, com as pessoas mais proeminentes em Jerusalém, incluindo a família de Ezequiel, foi levado ao exílio (veja Jeremias 29:2) e colocado em um assentamento de refugiados ao sul da Babilônia, próximo ao rio Quebar. Ao que parece, muitos acreditavam que esse exílio fosse apenas um episódio passageiro na história gloriosa do povo de

Deus (veja Jeremias 28). Mas Jeremias já havia informado os exilados por escrito (Jeremias 29:1-23) de que ficariam ali por um longo tempo. Cinco anos depois, Javé chamou Ezequiel para ser um profeta que anunciaria o juízo divino contra Jerusalém, dirigindo suas palavras à “nação de Israel” – principalmente aos exilados na Babilônia (Ezequiel 3:1,11).

No cerne de tudo isso estava uma teologia com a qual tanto Ezequiel quanto o povo estavam comprometidos, embora tivessem visões radicalmente diferentes acerca do que ela significava – o povo de Israel como povo de Javé, criado e redimido por ele e, em última instância, definido pelo *lugar* que ocupava (a terra, especialmente Jerusalém) e pela *presença* de Javé (simbolizada pelo templo em Jerusalém). A maioria do povo entendia que, segundo essa teologia, Jerusalém era inviolável, uma visão reforçada pela salvação miraculosa da cidade após a queda de Samaria cerca de 125 anos antes (veja 2Reis 17-19). Tal teologia foi continuamente transmitida ao povo pelos falsos profetas da corte (por exemplo: Hananias, em Jeremias 28), embora fosse confrontada por Sofonias e Jeremias.

Ezequiel também entendia que Israel era definido pelo lugar e pela presença (ele, afinal, deveria tornar-se um sacerdote em Jerusalém). Mas também reconhecia que Judá havia fracassado em guardar a aliança com Javé (veja o simbolismo surpreendente dos capítulos 16 e 23); assim, eles perderiam a terra e a presença divina. Por meio de uma variedade de visões, ações proféticas e oráculos, ele anunciou repetidas vezes que Jerusalém seria em breve destruída e que Javé deixaria seu templo (capítulo 10). Isso foi tão inacreditável para os exilados na Babilônia quanto doloroso para Ezequiel. Mas ele também viu claramente que o melhor do passado deveria ser renovado no futuro – rei, terra, povo, aliança e presença –, o que por fim se concretiza em Cristo e no povo da nova aliança.

Sobre os oráculos propriamente ditos, você vai observar que, em contraste com os profetas que o precederam, Ezequiel falou mais em prosa que em poesia. Na verdade, ler Ezequiel é como entrar em um livro de imagens verbais, visto que uma palavra profética após outra vem ora na forma de uma ação simbólica de sua parte, ora como uma visão ou imagem alegórica, algumas das quais são também interpretadas. Essas últimas cobrem um amplo espectro, desde a representação apocalíptica nos capítulos 1 (veja 10:1-22) e 37, passando pelas visões simbólicas interpretadas nos capítulos 15 e 17, até a parábola do capítulo 16, tão direta que não precisa de nenhuma interpretação particular.

Você talvez queira procurar outras características que também sejam únicas em Ezequiel, incluindo o interesse no templo e nas atividades sacerdotais. Por exemplo, observe com que frequência os oráculos são introduzidos por perguntas feitas por Javé e com que regularidade eles se encerram com as palavras “Então você(s) saberá(ão)/eles saberão que eu sou o SENHOR [Javé]” (57 vezes) ou com “Eu, o SENHOR [Javé], falei” (14 vezes). Essa tendência à repetição pode, às vezes, ser penosa para o leitor moderno, mas para Ezequiel foi uma maneira de reforçar o que ele viu e registrou. A repetida menção a Ezequiel como “filho do homem” é um hebraísmo que enfatiza sua humanidade na presença do Deus eterno.

Finalmente, você encontrará muitas palavras e ideias de Ezequiel quando chegar ao Novo Testamento, especialmente nas cartas de Paulo e no Apocalipse de João. Muitas das imagens usadas por João são retomadas de Ezequiel, à medida que ele as une a algumas de Daniel e Isaías para formar todo um conjunto de ilustrações destinadas a expressar, novamente, a grandeza indescritível de Deus e seus caminhos.

Uma caminhada por Ezequiel

ORÁCULOS DE JUÍZO CONTRA ISRAEL (CAPÍTULOS 1 A 24)

1:1 a 3:27 – O chamado e a incumbência de Ezequiel

Os versículos 1 e 2 colocam Ezequiel entre os exilados e estabelecem a data de seu chamado: em seu trigésimo ano de vida e no quinto ano do exílio (julho de 593 a.C.). Seu chamado começa bastante dramático (capítulo 1): Javé aparece a ele assentado em um trono, numa carruagem magnificente sustentada por quatro querubins (veja 10:20), ao que Ezequiel responde apropriadamente, caindo com o rosto em terra (veja Daniel 10:9; Apocalipse 1:17). Ele é, então, comissionado e equipado (pelo Espírito) para essa tarefa extremamente difícil (Ezequiel 2:1 a 3:27). Observe especialmente que sua incumbência como "sentinela" (3:16-21) também é mencionada no início da última série de visões/oráculos (33:1-20).

4:1 a 7:27 – O cerco e a destruição iminentes de Jerusalém

Enquanto lê essa seção, note que ela é parte da mesma sequência datada em 1:2. Desse modo, com cinco anos de antecedência, Ezequiel deve engajar-se em três ações simbólicas (4:1-3,4-17; 5:1-4) por meio das quais Javé anuncia o cerco e a destruição de Jerusalém (5:5-17). Elas são acompanhadas de dois oráculos objetivos, anunciando a devastação de Jerusalém e demais territórios (capítulos 6 e 7); observe que o primeiro é endereçado aos "montes de Israel", uma designação para "terra" (veja 36:1-15), e que ambos concluem com "Então [eles] saberão que eu sou o SENHOR [Javé]". A razão principal para essa devastação é a idolatria, de modo que os corpos dos israelitas constituirão sacrifícios para seus ídolos (6:5).

8:1 a 12:20 – A idolatria de Israel e a partida de Javé de Jerusalém

Um ano depois (setembro de 592), Ezequiel é levado pelo Espírito para “ver” a idolatria de Jerusalém no templo (capítulo 8). Esse é um dos momentos mais dolorosos na Bíblia. É possível sentir o extremo desalento de Javé, enquanto as mulheres pranteiam sobre o deus Tamuz e os homens estão de costas para Javé! Adoram o sol em vez da presença do Deus eterno. Assim, o povo está simbolicamente marcado para a destruição (capítulo 9), visto que Jerusalém está destinada às chamas (10:2-8); a glória de Javé deixa o templo (10:9-22) e, por fim, a cidade (11:23). O juízo é especialmente contra os líderes de Jerusalém, por suas políticas equivocadas (11:1-15). Mas, em antecipação aos capítulos 33 a 48, a esperança está no futuro (11:1-15), em conformidade com o apelo de Ezequiel para que um remanescente seja poupado (11:13). O evento final profetizado nessa sequência é a segunda deportação dos exilados, anunciado por outra ação simbólica (12:1-20).

12:21 a 14:23 – Falsos profetas e anciãos enganados

Como Jeremias, Ezequiel é atormentado por falsos profetas, os quais, nesse caso, dizem que ou as profecias de Ezequiel não se cumprirão (12:21-25), ou se atrasarão muito (12:26-28); assim, Ezequiel é orientado por Javé a profetizar contra aqueles que cobrem muros frágeis com cal e usam amuletos e adivinhação em nome do SENHOR (capítulo 13). Quando os anciãos chegam para vê-lo, seus corações idólatras e seus falsos profetas são expostos (14:1-11); Ezequiel conclui com uma profecia verdadeira – a inevitabilidade do desastre iminente de Jerusalém (14:12-23). A despeito de seus “profetas”, Sião *não* é inviolável.

15:1 a 19:14 – A destruição de Jerusalém e de seus reis

Esses oráculos vagamente relacionados – quatro alegorias e uma resposta a um provérbio – refletem diversamente as situações dos exilados na Babilônia e dos assuntos então discutidos em Jerusalém. Os primeiros dois (capítulos 15 e 16) concentram-se mais uma vez na destruição iminente de Jerusalém, o primeiro ecoando a canção da vinha entoada por Isaías (Isaías 5:1-7); observe que esse é o primeiro oráculo, dentre os vários no livro, que começa com as perguntas feitas por Javé. Ezequiel 16 retrata graficamente a história da infidelidade de Israel a Javé (uma prostituta que paga homens para tê-la!) – mediante intrigas políticas e um apetite insaciável por idolatria. As alegorias de águias (capítulo 17) e leões (capítulo 19), essa última ironicamente tomando a forma de um lamento, são direcionadas em particular a Zedequias, o rei de Jerusalém à época (17:15-21; 19:5-9; veja 2Reis 25:6,7). Essas alegorias incluem uma reclamação contra a injustiça divina (os filhos pagam pelos pecados dos pais) trazida a Ezequiel pelos exilados (Ezequiel 18). O provérbio deles é rejeitado por completo e substituído por uma oferta de perdão caso venham a se arrepender. Note, em especial, que os pecados se expandem consideravelmente para além da idolatria (veja o capítulo 22).

20:1 a 24:27 – Contagem regressiva para a catástrofe

Essa série, que começa em agosto de 591 (20:1), é concluída (24:1) com o início do cerco de Jerusalém (janeiro de 588). O primeiro oráculo (20:1-44), retomando do capítulo 16, coloca a história de infidelidade de Israel em termos simples, mas se encerra com uma nota de esperança (antecipando os capítulos 36 e 37). No breve oráculo que se segue (20:45-49), note que “sul” é a direção da Babilônia até Judá. A “espada” de Deus, para a execução de seu juízo, será a Babilônia (capítulo 21), novamente por causa dos pecados de Judá, que exigem julgamento (capítulo 22). A alegoria de duas irmãs (capítulo 23), também retomando do capítulo 16,

agora define os pecados de Jerusalém à luz dos pecados da Samaria destruída, enquanto o início do cerco é retratado, de duas maneiras, como uma panela (24:3-8,9-14). O cerco coincide com a morte repentina da esposa de Ezequiel (24:15-27), que fica totalmente mudo diante da enormidade de sua dor – um símbolo de como os exilados responderão à queda de Jerusalém.

ORÁCULOS DE JUÍZO CONTRA AS NAÇÕES (CAPÍTULOS 25 A 32)

Antes da queda propriamente dita, ocasião na qual Ezequiel se volta para o futuro que Javé antevê para o seu povo, o profeta recebe uma série de oráculos contra as nações que eram aliadas políticas de Judá, indicando que o mesmo destino as aguarda.

25:1-17 – Contra as nações vizinhas

Esse primeiro conjunto de oráculos condena os inimigos históricos de Judá, os quais se tornaram aliados políticos somente pela pressão dos eventos, mas se voltaram contra Judá na época do cerco.

26:1 a 28:26 – Contra Tiro e Sidom

Embora não seja um inimigo político, Tiro representa os poderes econômicos exploradores e vive com arrogância por causa de sua posição em tais sistemas. O primeiro oráculo (capítulo 26) se volta contra a própria cidade, enquanto o segundo (capítulo 27) lamenta com ironia sua extinção iminente. Aqui, especialmente, você tem uma visão do papel dos fenícios como mercadores no mundo, uma passagem que João usa bastante em seu lamento contra a Babilônia (Roma), em Apocalipse 18. O terceiro oráculo (capítulo 28) concentra-se na pura arrogância de seu rei. Mas somente Javé é Rei das nações, portanto Tiro também deverá cair.

29:1 a 32:32 – Contra o Egito

Aqui você encontra Ezequiel, por fim, voltando-se para a causa principal de tanta tristeza de Judá, a saber, o Egito, do qual os reis de Judá constantemente buscaram ajuda contra a Babilônia. Assim como foi com Tiro, há um oráculo de juízo (capítulo 29) seguido de um lamento (capítulo 30) e de um oráculo contra seu rei (capítulo 31), mas, nesse caso, concluindo com um lamento também por esse rei (capítulo 32).

ORÁCULOS DE ESPERANÇA E DE CONSOLO (CAPÍTULOS 33 A 48)

Observe o claro senso de progresso encontrado nessa série final de oráculos. Após inserir Ezequiel no papel de sentinela, Javé promete restaurar o reinado davídico, a terra, sua própria honra (por intermédio de uma nova aliança), seu povo, sua soberania sobre as nações e, finalmente, sua presença entre o povo na terra.

33:1-33 – O papel de Ezequiel

A palavra de esperança começa com o retorno de Ezequiel ao seu papel como sentinela (33:1-20; veja 3:16-21 para captar a nova ênfase). As notícias sobre a queda de Jerusalém fizeram a boca de Ezequiel se abrir (33:22; veja 24:25-27), e a primeira palavra está em conformidade com a de Jeremias – que a *terra* ficará desolada por um longo tempo (33:23-33).

34:1-31 – Restauração do papel de Javé como pastor de Israel

Observe como a primeira palavra de esperança concentra-se em *reinado*, uma vez que isso fracassou em Israel. Usando a imagem do pastor (ecoando o reinado de Davi), Javé anuncia o fracasso de seus pastores de outrora (34:1-10) e, então, o ajuntamento de suas ovelhas desgarradas, as quais “Davi” vai novamente pastorear em uma era messiânica futura (34:11-31; veja 11:16,17). Note

especialmente o papel dessa passagem em João 10, em que Jesus anuncia a si mesmo como o cumprimento dessa profecia.

35:1 a 36:14 – Restauração da terra de Javé

Você não deve surpreender-se com o fato de que o próximo foco para o futuro esteja na *terra*. Essa seção começa com um oráculo contra Edom (capítulo 35), que tomou terras de Judá depois que Jerusalém caiu (veja Obadias 11 a 13). Outro oráculo, "para os montes de Israel" (Ezequiel 36:1-15; veja 6:1-14), afirma que eles produzirão com abundância no futuro que Deus reservou para o seu povo.

36:16-38 – Restauração da honra de Javé em Israel

O próximo foco está na *honra* de Javé. A desonra de Israel ao nome de Javé será revertida quando o povo for purificado, e eles receberão uma nova aliança e o Espírito de Javé, a fim de que possam viver por tal aliança (agora escrita em seus corações; ver Jeremias 31:31-33). Observe o desenvolvimento de Paulo sobre esse tema em 2Coríntios 3:1-6. Finalmente, a evidência da honra de Javé será a produtividade da terra, antes desolada, para a qual ele os conduzirá.

37:1-28 – Restauração do povo de Javé e da sua aliança

Para que tudo isso aconteça, deve haver uma "ressurreição" do *povo*, promovida pela Palavra e pelo Espírito de Javé (37:1-14), a fim de que Israel seja novamente *uma nação* e uma *terra*, sob seu *rei* davídico e na renovação da própria *presença* de Javé entre eles (37:15-28).

38:1 a 39:29 – Restauração da supremacia de Javé

A restauração de Israel será completa quando Javé exercer sua soberania sobre todos os seus inimigos, fato simbolicamente

representado aqui pela derrota de Gogue e Magogue, uma terra distante no norte (38:15). O ponto é que Javé assegurará a futura restauração de Israel contra todos os seus inimigos. Observe como essa seção termina com o banquete da vitória de Javé (39:17-20) e duas promessas de restauração (39:21-29) que preparam o caminho para o grande final, nos capítulos 40 a 48.

40:1 a 48:35 – Restauração da presença de Javé entre seu povo e na terra

Em abril de 573, catorze anos após a queda de Jerusalém, Ezequiel recebe seu último grupo de visões, que se concentram inicialmente no templo e no sacerdócio restaurados. O que Ezequiel vê é tão imenso que ele busca incluir cada uma de suas medidas extraordinárias, simbolizando, assim, sua grandeza e glória. Todos os detalhes são uma maneira de enfatizar a importância da adoração a Javé pela comunidade restaurada do futuro. E, mesmo que você não compartilhe do interesse de Ezequiel por detalhes, não perca o ponto essencial, que o próprio profeta demonstra dando a ele lugar central na visão – o retorno da presença de Javé entre o seu povo (43:1-9)! Também importante para esse grande futuro do povo de Deus é a redistribuição da terra transformada (45:1-12), e é disso que tratam os dois capítulos finais (47 e 48). Observe, em particular, que o rio vivificador é visto fluindo do templo (47:1-12), o lugar da presença divina e da adoração do povo, imagem que João descreve em sua visão da cidade definitiva de Deus, em Apocalipse 22:1-5. Assim, o livro termina com um novo nome para a cidade: “O Senhor ESTÁ AQUI” (Ezequiel 48:35)!

O livro de Ezequiel é uma parte importante da história divina, visto que conta sobre o fracasso final do povo de Deus em atender o que foi constituído nas primeiras alianças. Há, porém, o anseio pela reconstituição do povo por meio de uma nova aliança que inclui o verdadeiro Pastor e o dom do Espírito Santo.

DANIEL

Dados de orientação para Daniel

- **Conteúdo:** uma série de histórias sobre como Deus traz honra a si mesmo por meio de Daniel e de seus três amigos na Babilônia, seguida por quatro visões apocalípticas sobre reinos futuros e o Reino final de Deus.
- **Profeta:** Daniel, um dos primeiros exilados na Babilônia, selecionado para servir como administrador provincial na corte da Babilônia – e, por fim, na corte persa.
- **Data da composição:** desconhecida; possivelmente perto do fim do século 6 a.C. (aproximadamente 520), embora muitos tenham sugerido datar do começo do século 2 a.C. (aproximadamente 165).
- **Ênfases:** a soberania de Deus sobre todas as nações e seus governantes; o cuidado divino pelos judeus no exílio, com promessas de restauração final; a rejeição à maldade humana e a vitória final de Deus sobre ela.

Visão geral de Daniel

O livro de Daniel tem duas partes bem distintas (capítulos 1 a 6 e 7 a 12). A primeira metade contém histórias da corte, em sua maioria sobre Daniel e três amigos que permanecem absolutamente leais a Javé, mesmo quando assumem posições de importância dentro do império babilônico. As ênfases são quatro: (1) sobre a lealdade dos quatro hebreus a Deus, (2) sobre seus livramentos miraculosos, (3) sobre os reis gentios reconhecendo a grandeza do Deus de Israel e (4) sobre Daniel como o intérprete de sonhos dotado por Deus –

todas elas sublinhando a soberania divina sobre todas as coisas, incluindo o rei que conquistou e destruiu Jerusalém.

A segunda metade é uma série de visões apocalípticas sobre a ascensão e a queda de impérios subsequentes, em cada caso envolvendo um governante tirânico iminente (7:8,24,25; 8:23-25; 11:36-45) – muitas vezes entendido como sendo Antíoco IV (Epifânio), dos governantes selêucidas da Palestina (175-164 a.C.), que, por causa da desolação de Jerusalém e do sacrilégio do templo por ele promovidos, tornou-se o primeiro de uma série de anticristos na literatura judaica e cristã. Mas, em cada caso, o foco final é o juízo divino contra o inimigo e o futuro Reino glorioso que aguarda seu povo.

Conselho específico para a leitura de Daniel

Inicialmente, é importante notar que, na Bíblia hebraica, Daniel está incluído entre os Escritos, e não entre os Profetas. Isso se deve, em parte, ao seu gênero – histórias sobre um "profeta" e visões apocalípticas, mais que oráculos proféticos. Na verdade, não há nada como Daniel na literatura judaica e cristã, com suas combinações de histórias palacianas e visões apocalípticas. Além disso, seu intento é inspirar e encorajar o povo de Deus que vive sob dominação estrangeira, e não chamá-los ao arrependimento à luz de juízos iminentes. Desse modo, Daniel jamais é chamado de profeta, mas é alguém a quem Deus revela mistérios.

Talvez seja útil a você, portanto, rever a breve descrição da literatura apocalíptica em *Entendes* (p. 301-303), uma vez que os sonhos e as visões, nos capítulos 2 e 7 a 11, apresentam a maioria das características da literatura apocalíptica – o livro nasceu em tempo de opressão; trata-se de uma obra totalmente literária; chega por meio de visões e sonhos que são entregues por anjos; as

imagens são fantasiosas e simbolizam a realidade; e Daniel é orientado a selar as visões para os últimos dias (8:26; 9:24; 12:4).

Curiosamente, os capítulos 1 e 8 a 12 estão em hebraico, enquanto os capítulos 2 a 7 estão em aramaico, a língua franca no Oriente Próximo do século 6 em diante, até o tempo de Cristo. Duas coisas sobre isso são importantes. Primeiro, a porção em aramaico consiste em histórias, mais a primeira visão, sugerindo que elas correspondem à leitura aberta a todos, porém a introdução e as visões interpretadas estão em hebraico, o que implica, talvez, que se destinam ao povo de Deus apenas. Segundo, a porção aramaica está arranjada no padrão quiástico:

- Os capítulos 2 e 7 contêm visões similares de reinos futuros, terminando com o Reino divino final e eterno.
- Os capítulos 3 e 6 são histórias de livramento miraculoso que envolvem oposição a Deus.
- Os capítulos 4 e 5 são histórias sobre a queda de dois reis babilônicos, que reconhecem, ambos, a grandeza do Deus de Israel.

Desse modo, essas narrativas nos contam que Deus está no controle supremo de toda a história humana (capítulos 2 e 7), o que se ilustra tanto pelos relatos de livramentos miraculosos (capítulos 3 e 6) como pela queda de dois reis babilônicos (capítulos 4 e 5). Em cada caso, são cenas maravilhosamente narradas; para obter delas pleno benefício, você pode tentar lê-las em voz alta, como foram originalmente apresentadas.

Também importante para a leitura de Daniel é estar ciente de dois contextos históricos: (1) o do próprio Daniel e (2) aquele que é do predito em suas visões. Assim, os capítulos 1 a 6 descrevem relações dentro do palácio babilônico, de Nabucodonosor até o primeiro dos governantes persas da Babilônia (aproximadamente 605-530 a.C.) – do tempo anterior à queda de Jerusalém, quando os

primeiros cativos de Judá foram trazidos à Babilônia, ao tempo posterior à queda do império babilônico, em 539.

As visões (capítulos 7 a 12) são retomadas desse ponto. A Babilônia foi sucedida pelo longevo império persa (de 539 a aproximadamente 330). Veio, então, o império grego de Alexandre, de curta duração (333-323), o qual, com a morte desse imperador, foi dividido entre quatro generais (veja 8:19-22). De especial interesse para a compreensão da história judaica intertestamentária é a grande disputa pela Palestina entre os selêucidas (de Antioquia [o norte]) e os ptolomeus (do Egito [o sul]), aludida na visão de Daniel 11 (veja, por exemplo, os comentários na Bíblia de Estudos da NVI). Crucial para Daniel é a ascensão de Antíoco IV, descrita em 11:21-32, que, de fato, parte para destruir o judaísmo em Jerusalém, forçando a adotação de sua política de helenização de terras. Assim, esse governante abandonou a guarda da Lei e demonstrou favores especiais aos que helenizou (veja 11:28). Frustrado, enfim, por Roma ao tentar conquistar o Egito, ele voltou para casa passando por Jerusalém; nessa ocasião derramou sua fúria sobre os judeus que resistiram a ele e profanou o Lugar Santo ao erigir uma estátua de Zeus ali, em 167 (11:30,31). Esse evento, que levou à revolta dos macabeus, registrada na Apócrifa 1 e em 2Macabeus, é visualizado em Daniel 7 a 11. Pode-se imaginar bem como teria sido ler Daniel durante esse período – tanto as histórias dos capítulos 1 a 6 (Deus honra a lealdade e humilha os reis arrogantes!) quanto as visões (Deus previu tudo isso).

Finalmente, é importante notar que a vinda do rei messiânico é retratada como tendo ocorrido após a derrocada de Antíoco, o que de fato se deu um século e meio depois – o único reinado digno de se mencionar após Antíoco não foi o romano, mas o de Cristo.

Em harmonia com toda a tradição profética hebraica, esses eventos históricos vindouros eram vistos no contexto do grande

futuro escatológico divino (veja a introdução aos livros dos Profetas, p. 167).

Uma caminhada por Daniel

1:1-21 – Narrativa introdutória: Daniel e amigos na corte de Nabucodonosor

Observe como essa narrativa de abertura introduz você não apenas nas histórias seguintes, mas em uma boa leitura de todo o livro. Os versículos 1 e 2 dão o contexto histórico, mas também antecipam 5:1,2. Daniel e seus companheiros suplantam todos os outros provinciais a serviço do rei, e eles o fazem precisamente porque mantêm lealdade à aliança com respeito às leis alimentares (1:6-20). Note também a pequena inserção, no versículo 17, que antecipa a próxima história. Finalmente, veja que Deus é encarado como o condutor dessas relações (1:9,17).

2:1-49 – O sonho de Nabucodonosor interpretado por Daniel

Essa narrativa serve a três propósitos: exaltar Deus acima de Nabucodonosor (2:27,28,36-38,44,45,47), incluindo Deus exaltando Daniel aos olhos do rei (2:46,48,49); apresentar Daniel como agente de Deus na interpretação de sonhos (2:14-45); e antecipar visões futuras (2:31-45). Note como os últimos dois itens são destacados na oração de Daniel (2:20-23); note ainda que, embora o sonho seja interpretado, não há mais interesse nele, pelo que serve apenas para intrigar você com a leitura das próximas visões. Observe, finalmente, como o versículo 49 antecipa a próxima história, na qual Daniel não aparece.

3:1-30 – Salvo da fornalha ardente de Nabucodonosor

Agora, a “cabeça de ouro” (2:38) faz uma imagem monstruosa de ouro e ordena que todos os súditos a adorem. Mas, assim como Deus os havia protegido no capítulo 1, os três hebreus são (agora miraculosamente) resgatados por causa de sua absoluta rejeição à idolatria (3:16-18). Parte do poder da narrativa reside em suas repetições exageradas, mas seu poder maior se encontra neste ponto: mesmo o maior de todos os reis sobre a terra não se compara ao Deus eterno; Deus não somente liberta, em grande estilo, os três hebreus da arrogância e da fúria de Nabucodonosor, como também faz o rei promovê-los (3:30) e reconhecer, ele próprio, a grandeza do Deus desses hebreus (3:28,29), o que, por sua vez, também antecipa a próxima história.

4:1-37 – A loucura de Nabucodonosor

Essa expressão absoluta da soberania divina sobre reis terrenos é contada de maneira magistral, destacada, em parte, pelo fato de que toda a narrativa é um relato do rei às nações (4:1). Ela começa com o reconhecimento, da parte do rei, de que somente o Reino de Deus é para sempre (4:2,3; veja 2:44), de novo antecipando visões futuras (7:14,18,27), e termina na mesma nota (4:34,35) – depois que o arrogante rei é humilhado por Deus, assumindo o papel de um animal. Note que Daniel também retoma sua atividade de intérprete de sonhos (4:8-27).

5:1-31 – A festa de Belsazar e a queda da Babilônia

Imagine o drama enquanto lê; também repare na maneira como a história se desenrola – para lembrar-se de que o império babilônico chegou ao fim porque seu rei não honrou o Deus verdadeiro (5:23) e relacionar isso a um contexto no qual o rei está desafiando a Deus, usando utensílios sagrados do templo de Jerusalém (5:2; veja 1:2) para fins idólatras. De novo, Daniel é a figura central, agora interpretando a escrita na parede.

6:1-28 – Daniel na cova dos leões

Esse terceiro ataque à fé judaica (veja capítulos 1 e 3) novamente tem como personagem principal Daniel, mas, agora, com a Babilônia sob o domínio persa. Note quanto isso corresponde ao capítulo 3: Daniel conhece o decreto, bem como seus propósitos e suas consequências – ser lançado à morte imediata –, mas recusa deixar de orar ao seu Deus; Daniel é divinamente liberto, e o rei presta tributo ao "Deus vivo" (6:26). Note como Dario ecoa o reconhecimento de Nabucodonosor ao Reino eterno de Deus (6:26,27; veja 4:34,35).

7:1-28 – A visão das bestas do mar

As quatro visões desses capítulos estão todas datadas – Daniel é um homem relativamente velho. Essa primeira ecoa itens de 2:36-45 e estabelece as que vêm a seguir. Observe que, nesse caso, o interesse está centrado no pequeno chifre e no reino messiânico vindouro. Eles são destacados (1) pela maneira como a narrativa é estabelecida (o pequeno chifre é apresentado [7:8], seguido, por sua vez, pela cena do tribunal divino [7:9,10] e, então, por sua destruição definitiva [7:11] e pelo Reino eterno do Altíssimo e seus "santos" [7:18]), (2) pela falta de interesse nos outros reinos (veja capítulo 8) e (3) pelo interesse singular de Daniel na quarta besta e no pequeno chifre (7:19,20). Note, ainda, que a última parte da visão em si, a opressão dos santos pelo pequeno chifre, foi deixada para os versículos 21 e 22 a fim de que a interpretação possa concentrar-se nessa característica, a derrota definitiva do chifre, e no Reino eterno de Deus (7:25-27).

8:1-27 – A visão do carneiro e do bode

O segundo e o terceiro reinos do capítulo 7 são agora vislumbrados como o carneiro e o bode, além de serem interpretados como os medos e os persas, seguidos pelos gregos. A grande vitória de Alexandre sobre a Pérsia é retratada (8:6-8,21), assim como a

subsequente divisão de seu império entre seus quatro generais (8:8b,22), de quem eventualmente viria o pequeno chifre (8:9-13,23-25). Observe de novo o foco da visão – o chifre ataca os santos e sua adoração; ele será destruído, mas não com poder humano.

9:1-27 – A interpretação da profecia de Jeremias

A oração de Daniel (9:4-19) é o ponto teológico central do livro, refletindo o exílio merecido de Israel pela infidelidade à aliança, mas expressando esperança no perdão e na misericórdia de Javé (o único trecho, em Daniel, em que o nome Javé aparece). Ela é encerrada pela necessidade de uma nova aplicação dos setenta anos de Jeremias (9:1-3, à luz da devastação a ser causada pelo pequeno chifre). A resposta (9:20-27) é um típico uso apocalíptico dos números, em que o número original é multiplicado por sete (= ao final da devastação pelo pequeno chifre), o que, de novo tipicamente, é retratado no pano de fundo do fim definitivo.

10:1 a 12:4 – A revelação do futuro pelo anjo

Todas as visões apontaram para essa, que é a última. Note as preparações elaboradas para ela no encontro de Daniel com o anjo, em 10:1-21. O que vem a seguir, após uma introdução (11:2-4) que retoma a visão em 8:19-22, é uma previsão da luta entre os selêucidas e os ptolomeus sobre “a Terra Magnífica” (11:5-20; veja Jeremias 3:19). Mas, como antes, tudo leva à ascensão e à queda de Antíoco IV (Daniel 11:21-45), concentrando-se especialmente na devastação de Jerusalém promovida por esse governante, mas também, mais uma vez, prevendo seu fim. Como antes, sua destruição é estabelecida no contexto do fim (12:1-4), que terá a ressurreição dos mortos e a recompensa eterna dos justos como ponto central.

12:5-13 – Conclusão

Observe que as perguntas finais de Daniel – “Quanto tempo decorrerá antes que se cumpram essas coisas extraordinárias?” e “[...] qual será o resultado disso tudo?” – são dadas novamente com esquemas de números enigmáticos, enquanto Daniel descansará até a ressurreição.

O livro de Daniel, embora se concentre principalmente em um período da história de Israel, aguarda ansiosamente o grande Reino eterno de Deus inaugurado por Jesus Cristo; e, como tal, teve grande influência sobre o imaginário do Apocalipse de João.

OSEIAS

Dados de orientação para Oseias

- **Conteúdo:** a compaixão de Javé pelo reino do norte (Israel), mas também sua condenação devido à infidelidade do povo.
- **Profeta:** Oseias, um profeta do norte, provavelmente de Samaria.
- **Data da atividade profética:** aproximadamente 758-722 a.C.
- **Ênfase:** o amor infalível de Javé pelo seu povo, mesmo quando tem de puni-lo por sua infidelidade.

Visão geral de Oseias

A estrutura desse primeiro – e mais longo – Livro dos Doze é menos fácil de discernir que a da maioria dos livros proféticos; isso se deve, em parte, à geral falta de fórmulas introdutórias ou conclusivas (por exemplo, “Assim diz o SENHOR [Javé]”). Duas divisões principais são claras (capítulos 1 a 3 e 4 a 14). A parte 1 parece intencionalmente introdutória, e seu padrão alternado de juízo (1:2-9; 2:2-13; 3:4) seguido da restauração futura (1:10-2:1; 2:14-23; 3:5) pode servir de padrão também para a parte 2. Os juízos são baseados no “adultério” de Israel (= idolatria; 2:8,13,17), e a restauração é baseada no amor infalível de Javé por seu povo (2:1,14,23; 3:1). Na verdade, a tensão no livro, como em Miqueias mais adiante, é entre o amor de Javé por seu povo e a sua justiça no cumprimento das maldições pela infidelidade à aliança.

Assim, imagens do casamento de Oseias espelham o longo relacionamento de Javé com Israel (casamento, infidelidade, divórcio, restauração) e servem de padrão para o livro na forma em

que se apresenta. Um primeiro ciclo de oráculos (4:1 a 10:15) conta a história sórdida da infidelidade de Israel, tanto religiosa quanto política, e os juízos iminentes (e necessários) de Javé; já 11:1-11 promete restauração futura baseada no amor e na compaixão de Javé. A história de infidelidade e juízo é repetida com intensidade ainda maior em um segundo ciclo (11:12 a 13:16), enquanto 14:1-8 conclui o livro com a canção final de amor de Javé por seu povo.

Conselho específico para a leitura de Oseias

Em paralelo com a íntima relação entre as ações matrimoniais simbólicas de Oseias e o relacionamento de Javé com Israel/Efraim, três outras questões são cruciais para uma leitura perspicaz desse livro.

Primeiro, o *contexto histórico* (veja 2Reis 14:23 a 18:16) é influenciado em grande parte pelos altos e baixos da Assíria. De acordo com 1:1, Oseias iniciou seu chamado profético lá pelo fim dos dias relativamente calmos e prósperos de Jeroboão II (veja *Conselho específico para a leitura de Amós*, p. 220), mas a lista de reis judeus, assim como os próprios oráculos de Oseias, sugere que a maioria dos escritos atribuídos a ele foi concluída durante os anos de rápido declínio após a morte de Jeroboão II (753). Seis reis governaram em Samaria em rápida sucessão – por meio de intrigas, caprichos e assassinatos (veja 8:4) –, até que o reino do norte foi subjugado pela Assíria, em 722/1. Parte da intriga estava relacionada à disposição ou à indisposição de um rei em pagar tributo à Assíria, e isso, por sua vez, estava relacionado com a procura de Efraim por alianças, em outros lugares (7:8-11), que o protegessem da Assíria. No final, Javé usará a Assíria como sua vara de punição (10:6,7).

Segundo, e ainda mais importante, o *contexto religioso/teológico*. Embora Oseias regularmente lance olhares para Judá (veja

adiante), sua paixão e seu *pathos*[21] são por Israel. Retomando do ponto em que os profetas reformadores Elias e Eliseu haviam parado um século antes, Oseias fica espantado e enfurecido com a propensão de Israel para abandonar Javé em favor de Baal – ou de misturar os dois em sincretismo (2:11,13; veja *Conselho específico para a leitura de Deuteronômio*, p. 56). Assim como o matrimônio é simultânea e absolutamente exclusivo e profundamente pessoal, também o é a aliança de Javé com Israel. Desse modo, Oseias repetidamente lembra seus ouvintes/leitores de seus começos (2:15; 9:10; 11:1-4; 13:4), embora também relembre a história de infidelidade de Israel (9:10,15; 10:9). A infidelidade do povo, refletida em especial na sua idolatria, também encontra expressão na transgressão de boa parte dos Dez Mandamentos, como o preâmbulo em 4:1-3 enuncia com tanta veemência.

Nisso tudo, o que está em jogo é o próprio caráter de Javé. Voltando-se para os deuses cananeus da fertilidade (os baalins e as imagens de Aserá), Israel atribuiu a fecundidade dos grãos e do povo a eles (2:5,12) e, desse modo, abandonou Javé, o Criador de tudo, que fornece as colheitas e abre os úteros (2:8,18,21,22; 9:11,14). Ao mesmo tempo, os israelitas se tornaram como os deuses a quem adoram – cheios de mentira, engano e capricho. Assim, o ponto principal de Oseias – e a razão para o juízo iminente – é que, embora não devesse ser assim, o povo simplesmente *não conhece* Javé (4:1,6,14; 8:2,3); eles passaram a pensar em Javé não em termos de sua própria história de redenção, mas em termos da religião cananeia – e o resultado disso é mortal.

Terceiro, se às vezes você acha Oseias uma leitura difícil, isso talvez seja, ao menos em parte, porque o profeta abre o coração. Aqui, *paixão e pathos* se mostram por Israel em oráculo após oráculo, em ironia sobre ironia – e tal paixão nem sempre é fácil de acompanhar em termos de para onde as coisas estão indo (na verdade, raramente dois comentários concordam sobre os

detalhes). Ao mesmo tempo, os oráculos nem sempre se encaixam nos padrões formais comuns, uma vez que os anúncios de juízo e as razões para tal não são ordenadamente agrupados e, em muitas ocasiões, simplesmente se misturam nas mesmas sentenças. Além disso, o texto hebraico foi bastante prejudicado nas sucessivas transmissões, de modo que há trechos muito difíceis de entender (observe as muitas notas de rodapé na NVI).

Ao mesmo tempo, porém, essa grande paixão é o que torna Oseias uma leitura tão boa. Metáforas surpreendentes são sua especialidade. Observe como Javé é leão, leopardo, urso, águia (abutre), caçador (5:14; 11:10; 13:7,8; 8:1; 7:12), bem como marido, amante, pai, mãe, pinheiro verde (2:14-23; 14:3-7; 11:8,9; 14:8). E Israel, em seus pecados, é ainda mais vividamente descrito: esposa adúltera, bezerra indomável, armadilha e rede, forno quente, bolo que não foi virado, pomba facilmente enganada, arco defeituoso, talo sem espiga, um bebê que se recusa a nascer (2:2; 4:16; 5:1; 7:4,8,11,16; 8:7; 13:13); também desaparecerá como neblina, orvalho, palha e fumaça (13:3). Flutuará como um graveto nas águas (10:7); semeou vento e colherá tempestade (8:7). É difícil não entender. Então, desfrute do texto, mesmo enquanto chora com Javé e seu profeta.

Uma palavra final sobre o livro em si, como um livro para ser lido. Apesar de as profecias serem principalmente dirigidas ao reino do norte (Israel), é muito provável que o livro tenha sido preservado em Judá. A evidência para isso é o título, que coloca o ministério de Oseias no reino de Ezequias, em Judá (715, seis anos após a queda de Samaria). Isso sugere que, embora Oseias pareça dar apenas atenção passageira a Judá em seus oráculos (veja 1:7,11; 4:15; 5:5,10,12-14; 6:4,11; 8:14; 10:11; 11:12; 12:2), ele não espera que seus leitores judeus posteriores façam o mesmo em relação a Judá – nem o devemos nós, que agora lemos suas palavras na retrospectiva da queda de ambos os reinos!

Uma caminhada por Oseias

1:1 – Título

Note que o livro de Oseias é “a Palavra do SENHOR” que veio ao profeta durante o reinado de vários reis judeus.

1:2 a 2:1 – Oseias, Gômer e filhos

Aqui, Oseias age simbolicamente ao casar-se com uma “esposa adúltera” (literalmente “mulher da prostituição”, talvez uma metáfora para a deslealdade de Gômer a Javé). Seus filhos recebem nomes que falam dos juízos divinos contra a esposa infiel (Israel), nomes que tais filhos carregam para simbolizar o estigma do juízo de Deus e da eventual rejeição de Israel. Mas note também que a palavra de esperança (1:10 a 2:1) reverte o significado de seus nomes! Observe, ainda, os diferentes destinos de Israel e Judá, em 1:6,7, além de sua nova união no futuro prometido por Deus (1:11).

2:2-23 – Israel punido e restaurado

Em um oráculo poético, os filhos da adúltera são agora chamados para que repreendam sua mãe (Israel), exortando-a a desistir de sua idolatria; do contrário, Javé não mostrará nenhum amor por seus filhos (2:2-6). Israel finge voltar-se para Javé (2:7,8), mas pagará por sua devassidão (2:9-13); observe quão profunda é sua idolatria. Na palavra de restauração (2:14-23), note os vários reversos, incluindo a restauração prometida à terra.

3:1-5 – Julgamento e restauração

Note como essa narrativa, que simboliza o exílio iminente, corresponde a 2:14-23, assim como 2:2-13 corresponde a 1:2-8; desse modo, as duas narrativas (capítulos 1 e 3) concluem o oráculo do capítulo 2. Ao ler o restante do livro, veja como os temas desses capítulos são retomados.

4:1 a 5:7 – A acusação de Javé contra Israel por infidelidade

Boa parte desse material toma a forma de um processo contra Israel. Começa com uma acusação de abertura (4:1-3), na qual todos os grandes temas do livro são expostos: nenhuma fidelidade à aliança, nenhum conhecimento de Javé, a terra em prantos. Então, reavendo temas dos capítulos 1 a 3, acusações são levantadas contra sacerdote, profeta e povo (especialmente quanto a falta de conhecimento [4:6,7,14], que toma a forma de idolatria [4:10-14,15,17-19]). Já que agora eles foram longe demais (5:1-4), serão julgados (5:5-7). Note que Judá está sempre em vista também (4:15; 5:5).

5:8 a 7:16 – A infidelidade de Israel por meio de alianças comprometedoras

Javé pede que a sentinela (possivelmente o próprio Oseias; veja 8:1) toque a trombeta de advertência (5:8). O juízo é certo (5:9-12,14,15), e flertar com a Assíria não é a cura (5:13), tampouco o é o falso arrependimento (6:1-3), uma vez que isso é como “a neblina da manhã” (6:4-10); mesmo quando Javé os restaura (6:11), seus pecados continuam a ser expostos (7:1-7), especialmente porque insistem em confiar em outras nações para obter ajuda, e não em Javé (7:8-16). E, de novo, observe as referências a Judá (5:10,12-14; 6:4,11).

8:1 a 9:9 – Mais uma vez: juízo por causa da infidelidade

Outro chamado pela trombeta (8:1) anuncia novamente os juízos inevitáveis de Javé, dessa vez na forma de subjugação pelas mesmas nações para as quais Israel se vendeu (8:3b,8-10,14). Note, de novo, a acusação de transgressão da aliança (8:1-3), mas incluída está, agora, a decadência interna da monarquia (8:4),

enquanto a idolatria continua a ser a questão principal (8:4-7). O ciclo, então, se encerra com mais um anúncio de juízo iminente e as razões para isso (9:1-9).

9:10 a 10:15 – Israel condenado por não viver de acordo com o seu chamado

Em 9:9, Javé recordou Israel de Gibeá (Juízes 19 e 20); aqui, descreve uma série de lembretes da deslealdade à aliança passada, os quais servem de exemplos para os juízos de agora (Oseias 9:10-14, Baal-Peor [Números 25:1-9]; Oseias 9:15-17, Gilgal [1Samuel 13 e 15]; Oseias 10:9,10, Gibeá novamente). Note o papel de vários reis nos oráculos em Oseias 10 (versículos 3, 6, 7 e 15): porque Israel rejeitou a Javé como Rei, o próprio rei de Israel será destruído, e seus ídolos serão levados ao rei da Assíria. Observe também o convite em 10:12, que antecipa a palavra de angústia e compaixão que vem em seguida.

11:1-11 – O amor infinito de Deus por Israel

De muitas maneiras, esse é o cerne da mensagem de Oseias. O amor de Javé por seu "filho", Israel (11:1,3,4; veja Êxodo 4:22); a infidelidade de Israel (Oseias 11:2,7); o juízo de Javé (11:5,6); e a promessa de restauração por Javé (11:8-11) – tudo porque Javé, somente, é o Santo, totalmente distinto de suas criaturas humanas (11:9). Isso prepara o caminho para a vinda de Jesus Cristo.

11:12 a 13:16 – Mais uma vez: os pecados de Israel e o juízo iminente

Observe como o primeiro desses oráculos (11:12 a 12:14) retoma muitos dos temas anteriores – tanto os pecados (mentiras, enganos, idolatria [bois em Gilgal; 12:11]) de Israel (e de Judá) quanto os juízos (12:2,14) e o apelo (12:6) divinos; aqui, por si só (12:7,8), Oseias explicitamente reflete a injustiça social encontrada em Amós, Isaías e Miqueias. Veja também, no entanto, que a maioria dos

oráculos retoma (de 11:1-4) os lembretes de suas histórias, especialmente os papéis de Jacó (o bom e o mau!) e de Moisés (12:13).

O segundo oráculo (13:1-16) volta a repetir o tema da infidelidade do povo a Javé, especialmente sua ingratidão ao voltar-se à idolatria (13:1,2,6,9-12, 16) depois de Javé ter feito tanto por eles (13:4-6); portanto, sofrerão juízo (13:3,7,8,15,16). Mesmo assim, a palavra de esperança persiste (13:14).

14:1-9 – Convite e restauração

Note como o livro conclui com mais um convite ao arrependimento (14:1-3) e a promessa de restauração e de um futuro glorioso (14:4-8); Oseias poderia ter feito isso de outra maneira? O livro, então, termina com uma palavra no estilo de Sabedoria, chamando para o discernimento (14:9) – palavra que tem semelhanças com Salmos 1.

O livro de Oseias, que queima com o fogo do amor de Deus por seu povo, lembra-nos de que o Deus da história bíblica julga a infidelidade, ainda que exponha esperança para além do juízo.

JOEL

Dados de orientação para Joel

- **Conteúdo:** uma praga de gafanhotos devastadora estabelece o palco para uma convocação dupla ao arrependimento, ao que Deus responde com promessa de misericórdia e derramamento do Espírito, com um dia de juízo sobre as nações.
- **Profeta:** Joel, desconhecido fora desse contexto; sua preocupação com Judá e Jerusalém (2:23,32; 3:1) sugere que ele era do reino do sul.
- **Data da atividade profética:** incerta; talvez perto de 590 a.C., mas possivelmente depois de 500 a.C.
- **Ênfases:** o dia iminente de Javé – um dia de juízo e de salvação; Javé castiga aqueles que ama, e esse castigo chama seu povo ao arrependimento; o Deus de Israel mantém a aliança ao demonstrar misericórdia por seu povo; Javé é Soberano sobre todas as nações e julgará os que não demonstraram misericórdia por seu povo.

Visão geral de Joel

Joel centraliza muito de sua mensagem no conceito de "o dia do SENHOR". Quatro cenas retratam esse dia decisivo, cada uma delas tendo duas partes. O capítulo 1 descreve o desastre imediato – uma praga de gafanhotos devastadora (1:2-12) – que leva a um chamado por arrependimento e oração nacionais por causa da severidade da praga (1:13-20).

Na segunda cena (2:1-17), tudo isso é repetido, mas agora a praga é comparada a – ou, talvez, implicitamente identificada como – um exército que tem Javé a liderá-lo, acompanhado por sinais

cósmicos (2:10,11), e a convocação ao arrependimento está baseada no caráter de Javé (2:12-17). Essa metáfora ampliada leva o retrato apresentado na primeira cena uma dimensão adiante e provavelmente se refere aos juízos divinos futuros e iminentes sobre Israel e as nações. Pode ser, de fato, que “gafanhotos” sirva de um tipo de codinome para os exércitos babilônicos que invadiram Judá em 598 a.C.

A terceira cena (2:18-32) oferece resposta divina – primeiro à questão imediata da praga de gafanhotos, restaurando “os anos [...] que os gafanhotos destruíram” (2:25) por meio do retorno da fartura agrícola (2:18-27); segundo, com uma promessa especial da nova era do Espírito, apontando para um futuro glorioso para o povo de Deus (2:28-32).

A cena final (capítulo 3) retrata a segunda resposta divina, ao trazer juízo contra as nações (3:1-16) na forma de uma grande batalha (no vale de Josafá, cujo nome significa “Javé julga/tem julgado”). Essa cena termina com uma imagem das bênçãos extraordinárias de Deus sobre seu povo, agora perdoado e purificado (3:17-21).

Conselho específico para a leitura de Joel

Joel não nos oferece data nem marcos históricos identificáveis ou específicos. Isso torna a leitura um pouco mais difícil que em outros casos, visto que entender os tempos de um profeta é muito útil para a compreensão de sua mensagem (veja a introdução aos livros dos Profetas, p. 167). O exército do “que vem do norte” (2:20) se refere, provavelmente, aos gafanhotos em seu primeiro exemplo, mas então, metaforicamente, ao familiar pavor diante de exércitos invasores vindo do norte (Jeremias 4:6 [referindo-se à Babilônia]; veja Ezequiel 38:15; 39:2), mas nada mais se sabe acerca disso.

Ainda mais surpreendente é o fato de que, em um livro no qual chamados ao arrependimento ocupam um lugar central (Joel 1:13,14; 2:13-17), quase não há menção aos pecados responsáveis pelos desastres imediatos ou iminentes. De fato, as nações serão julgadas por dividirem a terra de Javé e por lidarem de modo traiçoeiro com seu povo (3:2,3,6), mas os pecados de Judá e de Jerusalém parecem ser, principalmente, de complacência, e a convocação toma a forma de um aviso aos “bebedores de vinho” (1:2,5). O profeta parece assumir que o povo sabe bem em que aspecto transgrediu a aliança com seu Deus, mas os leitores posteriores conseguem apenas supor.

No cerne da mensagem de Joel está “o dia do Senhor”, conceito usado pelos profetas por algum tempo antes que Joel entrasse em cena (veja Amós 5:18-20; Isaías 2:12-18; 3:7,18; 11:10,11; Jeremias 30:7,8; Sofonias 1:7 a 2:2). Sua primeira menção em Amós indica que Israel tinha uma visão otimista desse dia – um dia futuro quando Deus viria em seu auxílio, pois Israel era propriedade divina. Amós contrariou esse entendimento porque a deslealdade de Israel à aliança gerou inimizade com Javé, e o pensamento de Amós foi seguido por todos os outros profetas, incluindo, em especial, Sofonias. Depois, Isaías e Jeremias explicam isso de duas maneiras – um dia de juízo sobre aqueles cujos pecados o merecem, mas seguido de um dia de salvação para o remanescente reunido de Deus. Ao ler Joel, você verá que ele se encaixa nesse padrão de descrição. Para ele, a praga de gafanhotos desencadeia o dia de Deus como julgamento sobre Judá e Jerusalém, mas sua consumação claramente está em um grande evento escatológico futuro de juízo sobre as nações e, finalmente, de restauração total do povo de Deus.

Você também deve notar, enquanto lê, que, embora Joel não o mencione como tal, pressupõe o relacionamento pactual de Javé com seu povo a todo momento. Gafanhotos e seca são parte das maldições pela desobediência à aliança (Deuteronômio 28:22,38-

42), assim como a dispersão de Israel entre as nações (Joel 3:2; veja Deuteronômio 28:64); o chamado ao arrependimento como caminho para a restauração futura é profundamente pactual, assim como a ideia do castigo divino ao povo que Deus ama (Deuteronômio 30:1-10; compare “rasguem o coração, e não as vestes” [2:13], de Joel, com Deuteronômio 30:2,6). Note também que o apelo ao caráter de Deus, em Joel 2:13, é uma repetição da linguagem de Êxodo 34:6, um momento de renovação da aliança; o engajamento divino na guerra santa (Joel 2:10,11; 3:9-11) é também parte desse tema.

Uma caminhada por Joel

1:1 – Título

Em contraste com Oseias, o título de Joel é sucinto, sem fornecer nenhuma informação sobre quem ele é ou sobre quando viveu.

1:2-12 – Cena 1A: a praga de gafanhotos

Observe como as palavras “Ouçam isto” (1:2), de Joel, são o princípio de seu chamado, de seu grito de alerta (1:5) para lamento e arrependimento, a uma nação que não presta muito mais atenção aos próprios caminhos do que os bêbados fariam (1:5). Salienta-se quase sempre que a descrição da praga, nos versículos 6 a 12, é dolorosamente precisa. Note como as bênçãos prometidas em 2:18-27 respondem de forma direta a essa cena.

1:13-20 – Cena 1B: uma convocação ao arrependimento

Essa praga não somente destruiria o povo economicamente por anos, como também o sistema sacrificial entraria em colapso quando não restasse mais nada a ser sacrificado; por conseguinte, o foco do primeiro chamado ao arrependimento concentra-se nos sacerdotes (1:13,14). O restante da convocação repete a causa do

pranto (1:15-18), seguido da própria oração de Joel na mesma linha de raciocínio (1:19,20).

2:1-11 – Cena 2A: o exército invasor divino

Note que essa segunda descrição da praga retrata os gafanhotos como algo situado no futuro; ela virá contra o povo de Deus, como um exército vasto, liderado pelo próprio Deus (a guerra santa se volta contra Israel!). Talvez haja um pouco de ironia aqui, visto que Israel espera que Deus venha em seu favor, acompanhado de querubins alados (Salmos 18:10; Ezequiel 10:1-20), mas, do contrário, ele vem com criaturas aladas de destruição.

2:12-17 – Cena 2B: a convocação ao arrependimento

A segunda convocação ao arrependimento é um dos momentos mais memoráveis do Antigo Testamento. Note especialmente os ecos de Deuteronômio 30:1-6 – jejuar, vestir-se de saco e cobrir-se de cinzas nada significam se não houver nenhum rasgar de coração. Aí também (Joel 2:13) você encontra a base para tal arrependimento: Deus é gracioso e compassivo.

2:18-27 – Cena 3A: a resposta de Deus – a promessa de abundância

Observe como boa parte dessa cena corresponde à praga descrita em 1:2-12 e responde ao suposto arrependimento em 2:12-17. O exército de gafanhotos é empurrado para os dois mares (2:20), e a abundância é restaurada. Mas o alvo final é o louvor a Javé e a supressão da vergonha do povo (2:26,27).

2:28-32 – Cena 3B: a resposta de Deus – a promessa do Espírito

Uma parte da restauração futura será o cumprimento do anseio de Moisés de que todo o povo de Deus fosse profeta (Números 11:29).

Note como a lista dos que vão profetizar cobre todo o espectro da ordem social, incluindo as filhas e os mais pobres na escala – as servas. Veja também que isso pertence ao futuro escatológico, acompanhado de sinais cósmicos antes da expressão final do "dia do SENHOR", quando a salvação é para todos que clamam pelo nome de Javé.

3:1-16a – Cena 4A: a resposta de Deus – juízo final das nações

Assim como 3A corresponde a 1A, essa cena (4A) corresponde à 2A. Aqui, você encontra um "oráculo de infortúnio" mais típico (veja *Entendes*, p. 233-234), em que tanto a natureza do juízo divino como as razões para ele são enunciadas. Note especificamente como isso cumpre a promessa da guerra santa, de que Deus expulsaria todos os seus inimigos.

3:16b-21 – Cena 4B: a resposta de Deus – bênção futura do povo de Deus

Assim como em 2:28-32, esse retrato final é sobreposto com imagens de abundância escatológica: a generosa restauração da terra (3:18a); uma fonte que flui de Jerusalém (3:18b; veja Ezequiel 47:1-12; Apocalipse 22:1-5); os inimigos tradicionais de Israel eliminados para sempre (3:19); uma habitação eterna para Judá e Jerusalém (3:20); e a eliminação total do pecado (3:21). A base principal para isso é o retorno da presença de Deus a Sião (3:17,21).

Além de profetizar sobre o grande derramamento do Espírito de Deus, o livro de Joel está especialmente preocupado com os grandes temas da história bíblica: o juízo divino sobre o pecado humano, a necessidade de arrependimento e a graça misericordiosa de Deus, para que todo aquele que clamar seu nome seja salvo.

AMÓS

Dados de orientação para Amós

- **Conteúdo:** em um período de rara prosperidade econômica e força política para Israel, Javé anuncia sua destruição, porque o povo falhou em guardar a aliança com ele.
- **Profeta:** Amós, um pastor/boiadeiro de Tecoa, ao sul de Belém, em Judá.
- **Data da atividade profética:** aproximadamente 760 a.C., por um período aparentemente breve (no auge dos reinados de Jeroboão II, em Samaria [793-753], e de Uzias, em Jerusalém [792-740]).
- **Ênfases:** Javé é Deus sobre todas as nações e sobre o universo inteiro; Javé trará ruína completa a Israel por sua deslealdade à aliança; a religião sincrética é anátema para Javé; Javé requer justiça para os inocentes e misericórdia para os pobres; a observância religiosa não substitui o fazer o bem e a demonstração de misericórdia.

Visão geral de Amós

Esse terceiro texto no Livro dos Doze é o primeiro dos livros proféticos. Sua mensagem básica é a de que Javé rejeitou por completo as práticas religiosas e socioeconômicas de Israel, tanto que dará um fim ao reino do norte e enviará seu povo ao exílio (5:5,27; 6:7; 7:11,17). Em questão está a infidelidade à aliança na forma de sincretismo religioso (veja *Conselho específico para a leitura de Deuteronômio*, p. 56) e de injustiça social, praticados especialmente pelos líderes e suas esposas indolentes (4:1; 6:1-6). Na verdade, eles estavam saturados de religião, mas não tinham a

mínima noção sobre Javé e seu caráter (4:5; 5:21-23). Desse modo, o Leão ruge de Sião (1:2), e Amós lhe dá voz (3:8).

Os oráculos foram provavelmente entregues ao santuário – o santuário do rei – em Betel (3:14; 7:10-17; veja 1Reis 12:32) e durante um breve período de tempo (Amós 1:1). Eles chegam até nós cuidadosamente arranjados. A primeira série (1:3 a 2:16) procede do juízo sobre as nações vizinhas motivado por várias formas de traição (1:3 a 2:3) e sobre Judá pela infidelidade (2:4,5), além de um julgamento sumário e aberto contra Israel (2:6-16). Então, chega uma série de três oráculos de anúncios (3:1 a 5:17; veja “Ouça(m) esta palavra” em 3:1; 4:1; 5:1), os quais descrevem o juízo iminente de Javé e as razões para tal. A seguir, estão dois oráculos de infortúnio, os quais refletem a complacência de Israel, baseada na falsa segurança – religião (5:18-27) e prosperidade material (6:1-14). Finalmente, Amós relata cinco visões, as duas primeiras (7:1-6) indicando que o juízo iminente não será como os anteriores, mas envolverá destruição total, incluindo o rei e seu santuário (7:7-9). Isso leva a um encontro com o sacerdote do rei em Betel (7:10-17), seguido das duas visões finais de destruição completa (8:1 a 9:10).

Em tudo isso, não há quase nenhuma palavra de consolo, e somente algumas poucas palavras sugerindo que Javé poderia ceder (5:5,6,14,15). Mas o livro em si conclui com um oráculo de salvação (9:11-15) que olha para além da queda de Israel, vendo também a queda de Judá, com a promessa de que a “tenda caída de Davi” (Jerusalém) será restaurada em uma era futura de abundância.

Conselho específico para a leitura de Amós

Amós é o primeiro de nossos quatro profetas canônicos do século 8 a.C. (contemporâneo de Oseias e um pouco mais velho que Isaías e

Miqueias). O pano de fundo histórico e político para Amós pode ser encontrado em 2Reis 14:23 a 15:7 (veja 2Crônicas 26). Jeroboão II (em Israel) e Uzias (em Judá) reinaram mais ou menos na mesma época, e ambos tiveram reinados longos e prósperos, os quais incluíram tamanha expansão territorial que, em conjunto, foi quase equivalente às de Davi e Salomão. Isso foi possível, em grande parte, porque seus reinados coincidiram com um período muito desfavorável para a Assíria (782-745), até a ascensão de Tiglate-Pileser III. E, é claro, a casa real e os ricos consideraram esse período de crescimento e expansão como evidência da bênção de Javé, assumindo que um dia ainda mais brilhante de Javé esperava por eles (Amós 5:18).

Ao contrário do que pensaram a casal real e os ricos, esse se revelou um breve período de tranquilidade que mal durou uma geração; embora não mencionada pelo nome em Amós, a Assíria é, ainda, o poder ameaçador no cenário político e sua sombra se esconde atrás de várias passagens (2:13-16; 3:11; 5:3,27; 6:7,8-14; 7:9,17; 9:4). Em menos de uma geração após a morte de Jeroboão, o reino de Israel deixou de existir por completo (722/1), e a voz de Javé não foi mais ouvida ali (8:11,12) – Deus usou a Assíria como vara de juízo contra o povo rebelde (veja 2Reis 17:7-41).

O que Amós viu e falou mais claramente no auge desse período (Amós 1:1) foi que tudo era, na verdade, o oposto do que parecia. A “bênção” deles não tinha nada a ver com Javé, mas tudo a ver com suas próprias práticas corruptas; nem sua religião tinha muito a ver com Javé, embora indubitavelmente ainda fosse conduzida em seu nome. Desse modo, somente duas categorias amplas de pecado precisam ser denunciadas: o sincretismo religioso (2:7,8; 4:4,5; 5:21-23, 25,26; 8:10,14) e a injustiça social (2:6-8; 3:9,10; 4:1; 5:7,10-13,15,24; 6:12; 8:4-6), claramente descritas no oráculo de abertura, no qual se misturam (2:6-8), como ocorre novamente em 5:21-24 e 8:4-6. É essa combinação de opressão dos pobres em um

contexto de entusiasmo religioso distorcido que leva ao juízo de Javé na forma de exílio.

Cruciais para esse juízo são a lealdade de Amós a Javé e sua aliança, no cerne da qual, como Jesus mesmo apontou, está o amor por Deus e pelo próximo (Marcos 12:30,31). Assim, a aliança do Antigo Testamento, com os regulamentos para a devida adoração como modo de cultivar o amor a Deus, estava repleta de leis que forneciam uma forma de equidade a todos, baseadas principalmente na distribuição da terra (criando uma sociedade mais rural que urbana). Os que não tinham terra (viúvas, órfãos, levitas, estrangeiros) deveriam ser convenientemente cuidados por outros. A razão para isso, como os israelitas eram constantemente lembrados na Lei (veja, por exemplo, Êxodo 22:21-27; Deuteronômio 16:18-20; 24:17-22), era o fato de que o próprio Javé tinha compaixão dos pobres (incluindo um povo escravo chamado Israel, que ele havia resgatado e tornado seu).

Durante esse período de tranquilidade, contudo, mudanças enormes haviam ocorrido em Judá e Israel, especialmente neste último. Uma mentalidade urbana se desenvolveu, com mansões e casas enfeitadas (3:12,15; 5:11; 6:4-6), auxiliada por um conluio entre realeza, sacerdotes, profetas e juízes, que se tornaram uma aristocracia rica à custa dos pobres. Javé estava farto, então escolheu um homem da terra do sul, um javista com poderosas habilidades de linguagem, para comunicar sua palavra de juízo sobre toda a cena. Desse modo, Amós renovou o tipo de profetismo de Moisés entre o povo de Deus – endereçado a líderes e afins, não apenas a indivíduos –, anunciando a maldição final por não manterem lealdade à aliança, ou seja, a desolação da terra e o exílio (Levítico 26:27-45; Deuteronômio 28:25-68) seriam levados a termo. E ele se tornou o precursor de muitos outros que viriam, a maioria levando a mesma mensagem ao reino do sul.

Uma caminhada por Amós

1:1-2 – Título

Note várias características importantes do título: (1) Amós é um homem da terra de Judá (Tecoa) e cuidadosamente data suas "palavras"; (2) observe também que o versículo 2 refere-se às próprias palavras de Amós sobre o discurso de Javé por meio dele, imaginário que será retomado em 3:8; e (3) não perca a geografia: Javé ruge em Sião; o Carmelo murcha (sentido norte-noroeste de Jerusalém até o Mediterrâneo, uma linha reta que cruzaria Betel e Samaria!).

1:3 a 2:16 – Juízo sobre as nações (e sobre Israel)

Observe três coisas que dão a essa série sua força retórica: (1) os padrões se repetem ("Por três transgressões [...] ainda mais por quatro"); (2) eles são dirigidos contra os vizinhos mais próximos de Israel (começando com um padrão quiástico Nordeste/Sudoeste–Noroeste/Sudeste, antes de continuar para o leste e o sul); (3) todos os pecados são formas de traição, até chegar a Judá (2:4,5), que também rompeu a aliança com Javé. Você pode imaginar os ouvintes israelitas aplaudindo Javé – até que a carapuça também serve a Israel (2:6-16). Embora padronizado conforme os demais, esse oráculo final é considerado elaborado, uma vez que contempla os pontos principais da mensagem de Amós: primeiro, as razões para o juízo (2:6-8); depois, uma breve repetição da rejeição dos israelitas à história da aliança (2:9-12); concluindo com o pronunciamento da destruição vindoura (2:13-16).

3:1-15 – Primeiro oráculo de anúncio: fracasso em guardar a aliança

Observe as várias maneiras como esse primeiro oráculo – "Ouçam esta palavra [de Javé]" – estabelece o restante do livro. Ele começa com o privilégio pactual de Israel (3:1,2), seguido pela justificativa de

Amós para profetizar (3:3-8) a um povo que lhe ordenou que não profetizasse (2:12; 7:12,13). Os filisteus e os egípcios são chamados a testemunhar a destruição vindoura de Israel (3:9,10); na sequência, há três anúncios de ruína (2:11; 2:12; 2:13-15).

4:1-13 – Segundo oráculo de anúncio: rejeição de advertências divinas

O segundo oráculo "Ouça(m)" anuncia juízo sobre as esposas indolentes dos ricos (4:1-3), concluindo com um convite irônico para que ampliem suas tão queridas práticas religiosas (4:4,5). Isso é seguido por uma série de lembretes de juízos passados, aos quais Israel fracassou em dar ouvidos (4:6-11), chamando o povo ao preparo para "encontrar-se com o seu Deus" em juízo (4:12); o oráculo conclui com o fragmento de um hino (4:13; veja 5:8,9; 9:5,6) que descreve o Deus deles como Criador e Revelador (veja, por exemplo, Salmos 104:2-5).

5:1-17 – Terceiro oráculo de anúncio: falsa religião e injustiça

O terceiro oráculo "Ouça(m)" forma, de muitas maneiras, o cerne do livro. Note sua impressionante estrutura quiástica. Ele começa e termina com um lamento sobre a queda de Israel (5:2,3,16,17), seguido de um convite: "Busquem-me [Javé] e terão vida" (5:4-6,14,15), enquanto o círculo interior enuncia os destinatários dessa mistura de destruição e de convite, a saber, os que pervertem a justiça (5:7,10-12). O ponto central é mais um fragmento do hino, lembrando o povo de que o Criador é também o juiz (5:8,9).

5:18-27 – Falsa segurança na religião

Aqui, o primeiro oráculo "Ai" fala diretamente à falsa segurança de Israel em múltiplos exercícios religiosos (mais religião = mais favor de Deus), mas o dia do Senhor pelo qual procuram vai de fato transformar-se em um pesadelo (5:18-20). Na verdade, Javé detesta

as práticas religiosas de Israel (5:21-23), porque o povo está cheio de injustiça (5:24). Note especialmente como a conclusão (5:25,26) deixa clara a natureza sincrética de sua adoração atual, terminando com um anúncio final de destruição (5:27).

6:1-14 – Falsa segurança em bens materiais e em sucesso militar

Esse segundo “Ai” é direcionado aos líderes de Israel (6:1), os quais estarão entre os primeiros a ir para o exílio (6:7). A segurança desses líderes reside em sua grande riqueza e em seu luxo (6:3-6 [o versículo 2 é muito debatido]), também em algumas conquistas militares menores (6:12,13; note especialmente o trocadilho com o nome “Lo Debar” [= “nada”]); veja como ambas as falsas seguranças são concluídas com anúncios de juízo (6:8-11,14).

7:1-9 – Três relatos de visões: gafanhotos, fogo, prumo

Com essas três visões, a série final de juízos começa seu movimento na direção do fim determinado por Javé. Note como a primeira visão indica que aquilo que virá não será como as pragas anteriores (gafanhotos/seca; veja 4:6-9); o futuro de Israel será repleto de (literalmente) “gemido” (NVI, “prumo”), porque sua destruição é, agora, inevitável. Observe em particular que o rei é, enfim, especificamente nomeado em 7:9, o que motiva a ira do sacerdote do rei, Amazias.

7:10-17 – O encontro com Amazias

Esse pequeno relato está repleto de interesse. Por sua vez, você aprende que (1) Amós está em Betel, e Amazias, o sacerdote do rei, informa isso ao monarca (7:10,11); (2) quando Amós é proibido de profetizar (7:12,13), ele indica que não é profeta por acaso, nem pertence à associação de profetas (7:14,15); (3) então, usa esse encontro para pronunciar o juízo de Javé contra Amazias e sua casa

(7:16,17). Desse modo, tanto o rei quanto o sacerdote são escolhidos para pronunciamentos individuais de destruição.

8:1 a 9:10 – Dois relatos de visão: a certeza da destruição vindoura de Israel

Essas duas visões enunciam a destruição final de Israel. A primeira (fruto maduro demais, em 8:1-14) recapitula especialmente a questão da falsa religião dos israelitas misturada com a injustiça (8:4-6), em que as canções que entoam no templo transformam-se em lamento (8:3) e seu tratamento para com os pobres transforma-se na "fome" suprema – a perda total da palavra de Javé em Israel.

A segunda (9:1-10) é culminante: Javé fica junto ao altar, em Betel, que desmorona sobre a cabeça do povo (9:1-4; note o reverso no versículo 4, sobre o fracasso deles em buscar o bem e rejeitar o mal [5:14,15]); após mais uma inserção em forma de hino (9:5,6), a conclusão vem com o anúncio da aniquilação total de Israel (9:8-10). Israel não é melhor que seus vizinhos pagãos (9:7).

9:11-15 – Esperança para o futuro

Depois de tudo o que se passou, essa palavra de esperança é um alívio bem-vindo. Ela vem em duas partes: (1) a prometida restauração de Jerusalém (9:11,12) e (2) a vinda da grande era messiânica (9:13-15), que encontrou seu cumprimento inicial em Jesus Cristo.

O livro de Amós declara, com todas as letras, uma dimensão importante da história bíblica: a verdadeira religião e a justiça social devem andar de mãos dadas, ou se rompe o pacto com Deus.

OBADIAS

Dados de orientação para Obadias

- **Conteúdo:** oráculo de destruição contra Edom por se aproveitar da conquista de Jerusalém, pela Babilônia, em 588-586 a.C.
- **Profeta:** Obadias, um profeta de Judá.
- **Data da atividade profética:** provavelmente após a queda de Jerusalém (586 a.C.?).
- **Ênfases:** o juízo divino sobre Edom por seus pecados contra o povo de Deus; a derrota dos que se acham inconquistáveis; a libertação de Israel e a restauração no dia do Senhor.

Visão geral de Obadias

Esse quarto componente do Livro dos Doze, e também o menor livro do Antigo Testamento, é uma profecia isolada e unificada contra Edom, provavelmente dita a vários grupos de judeus para encorajá-los após sua tragédia nacional. Todas as partes de um oráculo de destruição estão presentes: o anúncio da tragédia – uma predição sobre a iminente derrota de Edom (versículos 1-9); as razões para tanto; uma revisão dos crimes de Edom contra seu "irmão", enquanto Judá estava indefeso (versículos 10-14); e o futuro prometido (para Jacó, não Esaú!) – no dia do Senhor, a soberania de Israel será restaurada (versículos 15-21).

Conselho específico para a leitura de Obadias

Edom foi o inimigo mais persistente de Israel por toda a história das duas nações "irmãs" (versículo 10; veja Gênesis 25:24-34), por isso

não é surpresa que Edom seja o objeto de mais oráculos sobre nações estrangeiras que qualquer outro povo (Isaías 21:11,12; 34:5-15; Jeremias 49:7-22; Ezequiel 25:12-14; 35:1-15; Amós 1:11,12; veja Joel 3:19; Malaquias 1:2-5).

Os princípios para a leitura de qualquer oráculo sobre nação estrangeira aplicam-se aqui. Javé é Deus não somente de Israel, mas também de todas as nações do mundo; o texto revela o lado "amaldiçoado" da aliança abraâmica ("amaldiçoarei os que o amaldiçoarem"); o oráculo constitui o engajamento do profeta na guerra santa, como um mensageiro do Guerreiro Divino. Se os pecados de Israel são grandes e merecem punição, a traição de Edom também será punida, uma vez que essa nação se coloca completamente contra o próprio caráter divino de generosidade e de bondade. Além disso, se Deus livra seu povo completa e permanentemente, não pode deixar seus inimigos livres para que executem um novo ataque. Aqui, mais uma vez você encontra o típico pano de fundo escatológico final por meio do qual os juízos temporais devem ser entendidos (veja *Entendes*, p. 239).

Ao ler esse oráculo, leia também Salmos 137 para perceber quanto Israel sentiu a traição de Edom. Leia também Obadias 1 a 6 em paralelo com Jeremias 49:14-16 (para os versículos 1-4) e 49:9,10 (para os versículos 5 e 6); muito provavelmente, Obadias está reiniciando e reformulando o oráculo de Jeremias como seu ponto de partida, oráculo esse que talvez seja bem conhecido de seus ouvintes.

Uma caminhada por Obadias

Versículo 1 – Título e introdução

Antes da fala de Javé propriamente (versículos 2-21), Obadias se apresenta como um mensageiro da corte celestial a anunciar o juízo divino sobre Edom nos termos da guerra santa.

Versículos 2-9 – A destruição de Edom anunciada

Sob ordem divina, Edom será conquistado por uma coalizão de nações (versículo 1), a despeito de seu terreno montanhoso e rochoso, no qual repousou seguro por séculos (versículos 2-4); o saque que sofrerá excederá em muito o habitual (versículos 5 e 6). Observe que, traição por traição, mesmo os antigos aliados de Edom se voltarão contra ele e o conduzirão à ruína (versículo 7). Finalmente (versículos 8 e 9), Javé declara a ineficiência de dois grupos nos quais havia muito orgulho – os famosos sábios de Edom (Jó e seus conselheiros eram de uma parte de Edom) e seus guerreiros.

Versículos 10-14 – As razões para a destruição de Edom

O crime é a traição. Quando os babilônios invadiram Judá (2Reis 25), Edom rapidamente fez um acordo de paz isolado, então tirou vantagem de Judá em vez de ajudar sua pátria-irmã (versículos 11 e 12), apoderando-se de cidades e terras judaicas (versículo 13) e capturando judeus fugidos da Babilônia (versículo 14), entregando-os, provavelmente, para serem vendidos como escravos.

Versículos 15-21 – O dia vindouro do Senhor

Você notará que o juízo de Edom é parte do dia vindouro de Javé, no qual todas as nações vão experimentar sua ira (versículo 15). O juízo toma a forma de *lex talionis*[22] (“olho por olho”), quando os destinos de Esaú e de Jacó são revertidos (versículos 15b-18), pois os exilados que regressam tomam posse, novamente, da terra prometida (versículos 19-21; veja Deuteronômio 30:1-10).

Obadias lembra-nos da justiça divina, na punição da pecaminosidade humana, e da vitória final de Deus sobre poderes terrenos.

JONAS

Dados de orientação para Jonas

- **Conteúdo:** por meio de um profeta muito relutante, Deus demonstra compaixão por um dos inimigos mais odiados de Israel.
- **Profeta:** Jonas, filho de Amitai, que profetizou durante o reinado de Jeroboão II (veja 2Reis 14:25).
- **Ênfases:** Javé como Criador, Sustentador e Redentor de todos; a preocupação compassiva de Javé pelos gentios (representados por Nínive); a relutância de Israel (representado por Jonas) em reconhecer a compaixão de Javé pelas nações.

Visão geral de Jonas

O livro de Jonas é ímpar entre os Últimos Profetas. Mais que uma coletânea de oráculos proféticos, é antes uma narrativa sobre a compaixão divina por alguns gentios odiados, por intermédio de um profeta hebreu que não deseja ter nada a ver com isso.

A história se apresenta em quatro partes de fácil identificação (correspondendo às nossas divisões de capítulos atuais): (1) Jonas é chamado para pregar juízo contra Nínive – em Nínive! –, ao que responde fugindo para o mais longe possível na direção oposta. Javé envia uma tempestade, e Jonas é lançado ao mar e resgatado pela miraculosa provisão divina de um grande peixe. (2) Jonas responde em oração, um salmo de ação de graças por libertação. (3) Jonas aceita sua missão em Nínive, com os seguintes resultados: a cidade se arrepende e Deus cede (de acordo com Jeremias 18:7,8). (4) Jonas explode de raiva, ao que Deus responde

com uma lição objetiva e uma pergunta final ao profeta (Jonas 4:9,10) – o sentido de tudo.

Conselho específico para a leitura de Jonas

Para ler Jonas bem, você precisa observar duas coisas: a habilidade do narrador em contar sua história e as preocupações teológicas que ele inclui nela.

Primeiro, para apreciar o poder dessa narrativa, tente colocar-se no lugar dos ouvintes israelitas. A história funciona em grande parte como as parábolas de Jesus (veja *Entendes*, p. 182-192), já que o narrador atrai ouvintes/leitores para a história e, então, pega-os de surpresa com a pergunta final.

As habilidades literárias do narrador estão refletidas de várias maneiras. Por exemplo, a história básica é emoldurada pela fuga de Jonas da presença de Deus (1:3) e pelo motivo que o levou a isso (4:2). Note também como a resposta dos marinheiros ao resgate por Deus antecipa a compaixão divina por Nínive. A ironia é utilizada em todo o tempo para assegurar pontos teológicos: os marinheiros pagãos acabam oferecendo sacrifícios a Javé, depois que seu profeta rebelde é lançado ao mar. Ao final de seu salmo, Jonas exclama (sobre sua própria libertação): “A salvação vem do SENHOR” – o que, então, é representado pelo arrependimento de Nínive e pela retenção do juízo divino. Jonas, em sua fúria com Javé, todavia, não deixa de falar a verdade sobre o caráter de Javé (4:2), o que acaba sendo o motivo de sua fúria. E Jonas, resgatado da morte por Javé, no final deseja morrer ao invés de viver, porque os ninivitas ganham vida ao invés de morte.

Segundo, essa história diz respeito principalmente a Javé e apenas secundariamente a Jonas. Javé é o protagonista em todo o tempo: chama Jonas; envia uma tempestade quando Jonas desobedece – intensificando-a para impedir que os marinheiros o

resgatem; providencia um grande peixe para salvar Jonas; é o objeto de louvor e de ação de graças no salmo de Jonas; envia Jonas uma segunda vez, então recolhe a mão[23] quando a pregação de Jonas é bem-sucedida; no final, fornece a planta, a lagarta e o vento oriental escaldante para instruir Jonas em seus caminhos. Jonas, por sua vez, serve de contraste para que a história possa ser contada com poder e intensidade.

Em questão, em tudo isso, está a aliança abraâmica (Gênesis 12:3) – Javé é cheio de compaixão e de misericórdia por tudo o que fez (Salmos 145:8,9,13,17) e sempre desejou abençoar as nações por meio da eleição de Israel. Mas a eleição divina, sempre um ato de misericórdia, às vezes se torna a base para o orgulho e o preconceito. E, nesse caso, lembre que a Assíria foi o império mais cruel na história antiga (veja o livro de Naum); entretanto, Deus estava dando a esse povo uma chance para arrependimento – não conversão a Javé, mas, de qualquer forma, uma resposta suficiente para que ele contivesse suas punições. E é essa "injustiça" da misericórdia divina que soa tão ofensiva para Jonas.

Uma caminhada por Jonas

1:1-17 – Jonas corre do Senhor

Esse início de narrativa estabelece todo o restante. Além da história básica sobre Jonas, não perca os dois elementos principais: (1) Javé está no controle de todas as coisas (note especialmente seu papel como Senhor de terra e mar, que os marinheiros passam a reconhecer e que Jonas não entende); e (2) os contrastes deliberados entre o profeta de mente fechada e os marinheiros pagãos de mente cada vez mais aberta.

2:1-10 – A oração de ação de graças de Jonas

Note que essa "oração" toma a forma de um salmo individual de ação de graças (veja *Entendes*, p. 256), sendo assim expressa em

termos da libertação por Javé, mesmo enquanto Jonas está ainda tragado pelo mar. O salmo tem três partes (2:2-4, 2:5-7 e 2:8,9): as primeiras duas são paralelas, à medida que entrelaçam angústia, resgate e testemunho, e concluem numa nota semelhante – a de olhar na direção do templo. A estrofe final, testemunhal (2:8,9), antecipa o restante da narrativa, expressando a confiança de Jonas em Javé – de quem vem a salvação –, mas o faz em contraste com os que "acreditam em ídolos inúteis" (por exemplo, os ninivitas).

3:1-10 – A pregação de Jonas e o arrependimento de Nínive

Jonas recebe uma segunda chance, à qual responde com obediência (3:1-3). Note que o arrependimento da cidade se concentra no rei, que dá o exemplo (3:6) e emite um decreto convocando não somente um jejum – até mesmo por parte dos animais! – e o vestir-se em pano de saco, mas também o abandono dos maus caminhos e da violência (3:7,8), esperando que tamanha demonstração de arrependimento faça o Senhor reconsiderar seu juízo (3:9), o que, de fato, ele faz (3:10).

4:1-11 – A ira de Jonas diante da compaixão de Javé

Aqui, chegamos ao ponto central da narrativa. Jonas não quer que Deus reconsidere; ele fica enfurecido quando Javé se mostra fiel a si mesmo (veja Êxodo 34:4-6)! O restante é dominado pelas duas perguntas de Javé – "Você tem alguma razão para essa fúria?/Você tem alguma razão para estar tão furioso [...]?" – e pela convicção de Jonas de estar com razão (4:4,9). Usando a linguagem de 1:17, o narrador três vezes assinala que Javé provê – primeiro a planta para fazer sombra, depois a lagarta e, finalmente, o vento escaldante. E, então, outra coisa. A compaixão egoísta de Jonas pela planta mais que justifica a compaixão de Deus pelo *povo* – e pelos *animais* – de Nínive. E nós, leitores, somos implicitamente convidados a

responder à pergunta de Javé por nós mesmos, com relação aos *nossos* inimigos.

> O livro de Jonas continua a história bíblica do Criador e Deus Redentor que mostra compaixão não somente pelos seus, mas também por todos que criou; o Deus das Escrituras ama seus inimigos – e os nossos.

MIQUEIAS

Dados de orientação para Miqueias

- **Conteúdo:** oráculos alternados de destruição sobre Israel e Judá, por sua idolatria e suas injustiças sociais, e de esperança futura, por causa das misericórdias de Javé.
- **Profeta:** Miqueias, um profeta judeu de Moresete, cidade cerca de 40 km a sudoeste de Jerusalém.
- **Ênfases:** a ameaça do juízo divino pela transgressão à aliança de Javé; Javé como um Deus de justiça e de misericórdia que defende a causa do pobre e exige que seu povo faça o mesmo; após o juízo, Javé vai restaurar Jerusalém por meio do rei davídico prometido; Javé como Deus de todas as nações.

Visão geral de Miqueias

O livro de Miqueias, sexto no Livro dos Doze, é uma coletânea e um arranjo cuidadoso e único de oráculos proferidos por Miqueias durante um período aparentemente longo (1:6,7 foi dado bem antes da queda de Samaria, em 722 a.C., enquanto 1:10-16 traça a marcha de Senaqueribe, que ocorreu em 701; veja 2Reis 18:13 a 19:37; Isaías 36 e 37). Sua singularidade está em seu arranjo (não necessariamente cronológico), que alterna oráculos de juízo e de esperança futura (basicamente Miqueias 1 e 2; 3 a 5; 6 e 7, marcados pelo chamado para que “ouçam”, em 1:2; 3:1; 6:1).

Os oráculos em 1:2 a 2:11 são, principalmente, pronunciamentos de juízo divino sobre Samaria e (em especial) Jerusalém (as capitais representando os dois reinos); eles concluem com uma breve promessa de restauração futura (2:12,13). O segundo conjunto é introduzido por uma breve coletânea de três oráculos de destruição

(3:1-4, 3:5-8 e 3:9-12) e termina com uma coletânea mais longa de oráculos de esperança (4:1-5 a 5:15), os quais se concentram no rei davídico (messiânico) prometido. O terceiro conjunto é mais uniformemente dividido entre ameaça (6:1-16) e esperança (7:8-20), sustentado pelo lamento de Miqueias sobre a decadência de Israel (7:1-7).

Conselho específico para a leitura de Miqueias

Quatro questões são cruciais para uma boa leitura de Miqueias. Em primeiro lugar, o arranjo em si não somente oferece a você um suporte para a leitura do texto como também diz algo sobre a própria teologia de Miqueias, que espelha Deuteronômio 28 a 30. No cerne das coisas, como em Oseias, está a tensão dinâmica entre a necessidade do juízo divino (maldições), por causa da transgressão de Israel à aliança com Javé, e o anseio de Javé por abençoar seu povo, porque eles são dele e, também, por causa do caráter do próprio Deus (compaixão, misericórdia, perdão; veja 7:18-20). Miqueias mesmo está, por assim dizer, dividido e unificado por essa realidade dupla; a composição final de seu livro destaca essa tensão, mas conclui com uma nota clara de esperança futura.

Em segundo lugar, como é válido para a maioria dos profetas, a história política do período desempenha um papel especialmente importante na compreensão dos oráculos. Miqueias é o quarto dos profetas do século 18 a.C., uma geração após Oseias e Amós, e um contemporâneo mais jovem de Isaías. Os dias tranquilos, que caracterizaram os reinados de Jeroboão II e Uzias, agora se foram, e todas as sementes de decomposição e de destruição final estão brotando, à medida que a idolatria e a injustiça social condenadas por Oseias, Amós e Isaías avançam rapidamente. Ao mesmo tempo, a Assíria torna-se uma ameaça constante no cenário internacional quando começa a reassumir seu poder no mundo do

Oriente Próximo (veja *Conselho específico para a leitura de Isaías*, p. 172). Desse modo, a Assíria emerge no horizonte em Miqueias, mas seu papel é ambivalente: embora seja agente de Deus para o juízo sobre Samaria (1:6,7,10-16), ela fracassará contra Judá (5:5,6) e, por fim, experimentará o juízo divino (5:15; 7:10). Em paralelo, assim como em Isaías, a antecipação do poder da Babilônia também é profetizada (4:10).

Em terceiro lugar, note em particular as razões para o juízo sobre Judá. Como no caso de Isaías e Amós, as questões são duas: idolatria (1:7; 5:12-14) e injustiça social (2:1,2,8-11; 3:1-3,8-11; 6:10-12; 7:2,3). Bastante importante para Miqueias é o papel da terra prometida como herança, o que, aqui, segue em duas direções: (1) exílio da terra como parte da maldição pela infidelidade a Javé (1:16; 2:10; 4:9,10; veja Deuteronômio 28:25-42) e (2) infidelidade propriamente, à medida que os líderes e os barões privam os pobres das zonas rurais de sua herança tradicional (2:2,9; 3:2,3,9-11; 6:10-12,16; 7:2).

Em quarto lugar, o papel prometido de Israel na bênção das nações (Gênesis 12:3) é levado muito a sério por Miqueias (4:1-4; 7:11-13). Esse é o juramento feito a Abraão (7:20; a palavra final no livro), e esse é o papel supremo do rei messiânico, que será agente de Deus para a paz das nações (5:5). Note, portanto, que os capítulos 4 e 5, que expressam esperança futura em termos messiânicos, encontram-se no cerne do arranjo atual. Desse modo, o primeiro e o segundo oráculos de esperança centralizam-se especificamente no rei messiânico vindouro (2:13; 5:1-6), e Miqueias 5:2 é citado em Mateus 2:6, evangelho que está particularmente preocupado com o papel do Messias em favor das nações (Mateus 28:19,20).

Por fim, você também deve notar que, cem anos mais tarde, o oráculo em Miqueias 3:12 é citado por alguns anciãos contra o rei Jeoaquim, que desejou tirar a vida de Jeremias (Jeremias 26:17-19),

uma passagem que também sugere que a pregação de Miqueias foi parte responsável pelas reformas comandadas por Ezequias (2Reis 18:1-8).

Uma caminhada por Miqueias

1:1 – Título

Note, aqui, (1) a ênfase a essa palavra como sendo de Javé, por meio da instituição de Miqueias (da Moresete rural, não Jerusalém), (2) o tempo em que se dá e (3) o assunto de que trata.

1:2-16 – Primeira série de ameaças (contra Samaria e Jerusalém)

Observe como a primeira palavra (1:2) dá o ritmo ao todo, chamando toda a terra a escutar Javé. Segue-se um oráculo que começa com Javé como o Divino Guerreiro (1:3,4), mas, agora, contra seu próprio povo, cujos pecados centralizam-se nas cidades capitais de Samaria e Jerusalém (1:5). A ameaça de destruição, nesse caso, é especialmente dirigida contra Samaria, por sua idolatria (1:6,7).

A segunda ameaça (1:10-16), que começa com a resposta do próprio Miqueias a ela (1:8,9), é contra Jerusalém, expressa em maravilhosos trocadilhos (veja as notas textuais na NVI) sobre as cidades que Senaqueribe havia destruído em sua vinda “até as portas de Jerusalém” (1:12). Embora não se refira ao resultado da invasão de Senaqueribe, a palavra final de ameaça é “exílio” (1:16).

2:1-11 – As razões para o juízo

Observe cuidadosamente a mudança de narradores: Miqueias (2:1,2), Javé (2:3,4), Miqueias (2:5), falsos profetas (2:6), Miqueias (2:7a), Javé (2:7b-13). Note como a palavra de destruição e suas razões (injustiça social da parte dos barões) vêm primeiro (2:1,2), seguidas pela ameaça de Javé, expressa em termos da terra sendo

deles tirada (2:3-5). O próximo oráculo é o juízo divino contra a falsa teologia dos profetas que se uniram aos barões (2:6-11).

2:12,13 – A primeira palavra de esperança

Em resposta direta aos versículos 3-5, essa primeira palavra de esperança para o futuro é expressa em termos do ajuntamento do povo novamente, com o rei messiânico à frente.

3:1-12 – Segunda série de ameaças e razões

Com essa coletânea de três oráculos (3:1-4, 3:5-7 e 3:9-12), Miqueias agora se concentra no papel dos líderes e profetas, que promovem injustiça social por meio de suas políticas e profecias. Note que o próprio papel profético de Miqueias é inspirado pelo Espírito (3:8; veja 2:7) e que a palavra final (3:12) é de juízo contra Sião (Jerusalém e seu templo).

4:1 a 5:15 – A segunda palavra de esperança: o reino e o rei messiânicos

Como parte central do livro, e agora em resposta direta a 3:12, essa série de oráculos começa com a restauração messiânica prometida de Sião, quando a Palavra de Deus avançará e as nações se reunirão para ouvi-la (4:1-5; veja Isaías 2:1-4). Na sequência, temos (1) um longo oráculo prometendo o retorno após o exílio, com a destruição das nações oponentes (Miqueias 4:6-13); (2) o papel central do rei messiânico na restauração (5:1-6); (3) o triunfo dos demais exilados sobre seus inimigos, proporcionando vida e morte (5:7-9); e (4) um oráculo final, no qual Javé purifica Judá (5:10-14) e pune seus inimigos (5:15).

6:1-16 – O processo divino contra Jerusalém (a terceira palavra de ameaça)

Aqui, Javé leva Israel ao tribunal. Ele é o acusador – mas também o juiz! As montanhas servem de júri (6:1-3). O processo do acusador

se dá por meio da lembrança dos episódios essenciais da redenção de Israel – todos atos de Javé (6:4,5). Usando a linguagem da liturgia do templo (Salmos 15:1; 24:3), a defesa responde com promessas de maior devoção religiosa (Miqueias 6:6,7; note a intensificação gradual da oferta deles), ao que Javé responde lembrando-os do que já sabem sobre o caráter divino, que eles devem imitar (6:8). O juízo (6:16) baseia-se no fracasso de Israel precisamente nesse ponto (6:9-15).

7:1-7 – O lamento de Miqueias

Mais uma vez (veja 1:8) Miqueias lamenta a queda inevitável de Jerusalém, mas sua palavra final é de esperança (7:7) e serve de transição para a conclusão do livro.

7:8-20 – A terceira palavra de esperança

Esperança para o futuro é a última palavra de Miqueias; começa com uma expressão de Israel retornando do exílio, agora cumprindo seu papel para as nações (7:8-13), e conclui com uma oração de Miqueias (7:14) e a resposta de Javé (7:15-20). Observe especialmente como a conclusão (7:18-20) é expressa em termos do caráter de Javé e das promessas prévias a Abraão e Jacó: não há nenhum Deus como Javé, que perdoa o pecado e se esquece da transgressão.

O livro de Miqueias é uma representação profética maravilhosa dos aspectos essenciais da história bíblica, tanto em sua expressão no Antigo Testamento quanto em sua antecipação ao Novo, com o Messias prometido e a restauração do seu povo.

NAUM

Dados de orientação para Naum

- **Conteúdo:** profecia de juízo divino contra Nínive (Assíria) por sua opressão, crueldade e idolatria, concluindo com o anúncio de destruição da cidade.
- **Profeta:** Naum, de Judá, completamente desconhecido (até mesmo sua cidade natal é incerta).
- **Data da atividade profética:** algum tempo antes da queda de Nínive, em 612 a.C., durante o período em que Judá foi vassalo da Assíria.
- **Ênfases:** a soberania de Javé sobre todas as nações; a execução da justiça de Javé contra a crueldade; a derrocada, por Javé, dos arrogantes que se acham eternos.

Visão geral de Naum

Esse sétimo do Livro dos Doze é uma denúncia divina implacável e um pronunciamento do juízo de Deus contra a Assíria por sua crueldade incessante como líder das nações. Como tal, Naum contrasta com o livro de Jonas, que descreve, em um ponto anterior no tempo, o interesse de Javé até mesmo por seus piores inimigos (Assíria). Mas, agora, o pecado da Assíria "atingiu a medida completa" (Gênesis 15:16), e a famosa paciência de Javé está forçosamente no fim. A chave para a mensagem de Naum é 1:7,8, que expressa, em simultâneo, consolo a Judá e destruição para Nínive.

A progressão geral da profecia pode ser vista muito facilmente. Começa com um hino de vitória do Divino Guerreiro (1:2-8), cujos últimos versos (1:7,8) servem também para introduzir o primeiro

grande oráculo (1:9 a 2:2). Segue-se a isso uma visão da ruína de Nínive (2:3-10), além de uma provocação (2:11-13). Depois, há uma série de oráculos e provocações que declaram a certeza absoluta da queda de Nínive (3:1-17), concluindo com um canto fúnebre satírico sobre o império caído (3:18,19).

Conselho específico para a leitura de Naum

O livro de Naum é uma peça poética cuidadosamente elaborada e brilhantemente executada, na qual toda uma variedade de formas proféticas – hino, salvação, destruição, provocação, canto fúnebre – está entrelaçada com meticulosidade, de modo a oferecer algo que é, em essência, um "oráculo de destruição" sobre Nínive (Assíria), bem como um oráculo de salvação a Judá. Parte da maestria de Naum está na imediata apresentação de Javé (1:2-6), seguida pelo entrelaçamento de oráculos contra Nínive, mencionada apenas em 2:8, e para Judá, citada somente em 1:15 (veja *Uma caminhada por Naum*, logo adiante). Tudo isso é expresso em um estilo maravilhosamente poético, com toda uma variedade de paralelismos (veja *Entendes*, p. 236-238) e imaginário evocativo. Dar atenção a esses vários aspectos estruturais e metafóricos valorizará a leitura desse livro.

Para entender o pano de fundo bíblico/histórico de Naum, leia 2Reis 17 a 23 e 2Crônicas 33 e 34. Três coisas sobre esse contexto são essenciais para entender Naum: em primeiro lugar, ele profetiza enquanto a Assíria está, ainda, no auge do poder (Naum 1:12), tendo antes estabelecido sua presença no Egito ao conquistar Tebas (3:8; aproximadamente 663 a.C.). Em segundo lugar, a Assíria é bem conhecida entre os antigos – na verdade, o registro de seus reis comprova isso – como tendo os mais cruéis dos conquistadores; suas traições foram lendárias e selvagens, incluindo a destruição total de povos conquistados (como foi com Israel, por

exemplo, que quase perdeu sua identidade quando o povo foi reassentado na Assíria e a terra em si foi repovoada por pagãos; veja 2Reis 17:3-6, 24-41). Em terceiro lugar, durante todo o período no qual Naum possivelmente profetizou, os reis de Judá (Manassés e Josias) foram vassalos da Assíria. Tudo isso significa que a atividade profética de Naum foi politicamente incorreta em todos os sentidos – exceto do ponto de vista de Javé.

Outra questão importante: Naum (como Obadias) se dirige em especial contra uma nação estrangeira. Como sempre se dá com os profetas hebreus, a teologia por detrás disso é a da soberania de Javé sobre todo o universo, incluindo todas as nações, bem como Judá, mais sua aliança com Abraão, na qual promete: “Amaldiçoarei os que o amaldiçoarem” (Gênesis 12:3). A servidão de Judá à Assíria – assim como a insignificância política de Judá à época (exceto pela necessidade assíria de acesso ao Egito) – deve ser entendida à luz da onipotência e da justiça de Deus. Observe também as razões para os juízos de Javé contra a Assíria: além de suas idolatrias (Naum 1:14), seus pecados mais claros são a crueldade e a injustiça; ela escravizou as nações (3:4), sua crueldade é interminável (3:19) e seus mercadores saquearam os territórios por onde passaram (3:16). Contra esses males, a bondade e a compaixão divinas (1:7) são como opostos polares.

Uma caminhada por Naum

1:1-8 – Triunfo do Guerreiro Divino

Observe como o salmo de abertura não é específico, mas introduz Javé como triunfante na guerra santa; como Governante Todo-poderoso do cosmos (1:4,5), ele se vinga de seus inimigos (1:2,6,8) ao mesmo tempo que é o Deus tardio em irar-se, bom e compassivo (1:3,7; ecoando Êxodo 34:4-6).

1:9 a 2:2 – A ruína de Nínive e a salvação de Judá

A NVI ajuda você a ver a alternância entre o consolo para Judá (1:12,13,15; 2:2) e o juízo de Nínive (1:9-11,14; 2:1), nomeando-os apropriadamente. Depois de lê-los em sua ordem canônica, tente ler cada conjunto tal como apresentado aqui, para perceber como cada caso se desenvolve. Observe que o trecho final nas séries (2:1,2) também serve para desencadear a visão que se segue.

2:3-13 – Visão e provocação sobre a queda de Nínive

Note como Naum agora fala do "destruidor" de 2:1, descrevendo com imagens surpreendentes a natureza da queda da Assíria nas mãos dos babilônios (2:3,4,9,10), enquanto a reunião de tropas assírias de nada valerá (2:5-8). À luz dessa visão, Naum provoca a nação adversária como um leão (o símbolo nacional assírio) sem cova (2:11,12), concluindo com uma palavra de Javé que resume a visão e a provocação (2:13).

3:1-7 – Um pronunciamento de tristeza e de provocação sobre Nínive

Escute o poderoso imaginário nos versos curtos de pronunciamento de destruição (3:1-3), novamente com as tropas babilônicas à vista, enquanto o motivo para a destruição (3:4) é descrito mediante o imaginário de uma prostituta sedutora como o meio de escravizar as nações. Note também que essa provocação (3:5-7) começa como 2:11-13 termina: "Eu estou contra você, declara o SENHOR dos Exércitos."

3:8-19 – Provocações conclusivas e canto fúnebre sobre a queda da Assíria

Depois de uma provocação satírica sobre Nínive (3:8-11; à luz da destruição com que assolou Tebas, no Egito), Naum apresenta uma série de insultos (3:12-17) e conclui com um canto fúnebre satírico (3:18,19) que termina com uma pergunta. O único outro livro

profético que termina assim é Jonas – também com relação a Nínive –, cuja pergunta se apresenta como elucidativo contraste com o conteúdo de Naum.

> Naum lembra-nos do caráter essencial do Deus cuja história é contada na Bíblia, um Deus de bondade e salvação tanto quanto de justiça e juízo, lado a lado, o que é, por fim, evidenciado da mesma maneira na morte de Jesus Cristo em uma cruz.

HABACUQUE

Dados de orientação para Habacuque

- **Conteúdo:** Habacuque entra em diálogo com Deus sobre a questão da injustiça (como as pessoas que praticam o mal ficam impunes e Deus parece não fazer nada?) e recebe fundamentos para manter a confiança.
- **Profeta:** Habacuque, um profeta de Judá, é desconhecido para além deste livro.
- **Data da atividade profética:** algum momento entre 612 e 599 a.C., quando a Babilônia começava a dominar a cena internacional, mas antes de ter atacado Jerusalém.
- **Ênfases:** indignação profética diante da aparente tolerância de Deus à injustiça; confiança profética na justiça e no poder de Deus; a postura do justo consiste em fidelidade e confiança em Deus; a garantia divina de que o ímpio será punido.

Visão geral de Habacuque

Você pode achar que esse oitavo no Livro dos Doze esteja entre os mais fáceis livros proféticos de se ler, porque a estrutura é clara, e a linha de pensamento, fácil de acompanhar. Os primeiros dois capítulos tomam a forma de um diálogo entre o profeta e Javé sobre injustiça. O capítulo 3 é a resposta final do profeta a Deus em forma de oração, na qual anseia o novo êxodo, mas afirma sua confiança em Deus, haja o que houver.

Em sua queixa, Habacuque lida com o que sabe ser verdade sobre o caráter divino, ao lado da aparente tolerância de Deus para com a violência e a justiça que são abundantes em Judá (1:2-4). A resposta divina – Deus está levantando os babilônios para tratar

desse assunto (1:5-11) – não é de consolo para o profeta (1:12-17), uma vez que os babilônios são ainda mais violentos! Ele, então, toma posição como a sentinela da noite, a fim de ver qual resposta virá pela manhã (2:1). A segunda resposta divina é dupla: (1) o profeta deve esperar e continuar a confiar em Deus (2:2-4), e (2) os arrogantes por certo terão seu destino (saque por saque; 2:4-20). A oração de Habacuque é uma lembrança metafórica dramática do êxodo do Egito, a qual inspira esperança, confiança e regozijo em Deus diante de todas as dificuldades.

Conselho específico para a leitura de Habacuque

De muitas maneiras, ler Habacuque é como ler um lamento estendido tal como o que se encontra, por exemplo, em Salmos 10 ou 13. Tudo se baseia no caráter de Deus – e na confiança do profeta/salmista de que Deus, de fato, julgará as ações dos ímpios. Em cada caso, é precisamente por causa de quem é Deus que o profeta ou salmista clama “Até quando?” em relação ao que parece ser a tolerância divina para com o mal.

É essa ligação com os lamentos no Saltério que melhor explica a característica mais incomum de Habacuque, a saber, que não há nenhum oráculo direcionado ao povo de Deus como tal. Antes, o profeta assumiu o papel do povo em seu diálogo com Deus sobre a injustiça de sua época. E as anotações litúrgicas no início e no fim do capítulo 3 deixam claro que Habacuque pretendia que sua oração/seu salmo fosse cantado na comunidade dos justos.

Para conhecer o pano de fundo bíblico de Habacuque, leia 2Reis 22 e 23 e 2Crônicas 34:1 a 36:4. O modo como ele menciona a ascensão da Babilônia em Habacuque 1:6 sugere que esta ainda não havia alcançado pleno destaque internacional (após 605 a.C.), o que também significa que Habacuque foi contemporâneo de Sofonias, Naum e Jeremias. As descrições dos pecados de Judá

nesses quatro livros confirmam o testemunho, em Reis/Crônicas, de que a reforma de Josias durou pouco e foi superficial, e que Judá era uma sociedade de contínuas injustiças, violência e rejeição a leis. No entanto, como seus contemporâneos, Habacuque viu o futuro com clareza – a justiça divina prevaleceria.

Você reconhecerá que os oráculos contra a Babilônia estão em conformidade com toda a tradição profética, que entendia Javé claramente como o Deus Soberano de todas as nações. Deus é aquele que levantou a Babilônia para executar juízo contra Judá.

Uma caminhada por Habacuque

1:1-4 – A primeira reclamação de Habacuque

Note quanto a reclamação (1:2-4) é como os salmos de lamento – um clamor a Deus para que ele aja à luz da situação vigente, mais uma lista de razões para o lamento.

1:5-11 – A resposta de Javé

A resposta de Javé não é o que o profeta procura! Deus está levantando a Babilônia para exercer juízo contra Judá. Você talvez possa comparar a natureza incansável e desenfreada do ataque iminente da Babilônia com a visão de Naum (2:3,4,9,10; 3:1-3) ou de Joel (2:1-11).

1:12 a 2:1 – A segunda reclamação de Habacuque

Tente colocar-se no lugar de Habacuque para enxergar quanto a resposta de Deus é insatisfatória. Como pode isso ser justo quando o Deus cujos olhos são puros demais para suportar o mal convoca os traiçoeiros para devorar “os que são mais justos que eles” (1:13)? Habacuque, então, toma o lugar da sentinela para ver como Deus responderá desta vez (2:1).

2:2-5 – A resposta de Javé

A resposta é tripla: (1) Habacuque deve esperar, pois a explicação (“a visão”) virá em seu devido tempo; (2) a postura arrogante dos babilônios será punida; e (3) os justos viverão por sua confiança inabalável em Javé (2:4, passagem que se tornou crucial na teologia de Paulo).

2:6-20 – Oráculos de ais contra o opressor

Aqui, observe a natureza da *lex talionis* (“olho por olho”) da justiça de Deus quando seu juízo é exercido sobre a Babilônia. Mediante uma imagem diferente em cada oráculo, Deus bate seu martelo cinco vezes: o saqueador será saqueado (2:6-8), o conquistador arrogante será envergonhado (2:9-11), a construção do construtor será combustível para o fogo (2:12-14), aquele que força o outro a embebedar-se vai beber vergonha da taça da ira divina (2:15-17), e o ídolo silencioso ficará em silêncio diante de Javé, que está em seu santo templo (2:18-20).

3:1-19 – A oração e a confissão de Habacuque

Esse maravilhoso salmo se organiza em três partes: versículo 2, uma oração para que Deus renove as obras que realizou no passado; versículos 3-15, uma celebração das vitórias passadas de Deus como Guerreiro Divino; e versículos 16-19, o compromisso duplo de Habacuque de esperar “tranquilo [...] o dia da desgraça” e de colocar sua confiança e esperança em Deus sob qualquer circunstância (veja 2:2-4).

Como muitos leitores, você talvez considere a parte central muito difícil. O importante a se notar, aqui, é que em três estrofes (3:3-7, 3:8-10 e 3:11-15) Habacuque inter-relaciona (1) o domínio de Deus sobre as águas caóticas na Criação, (2) o ato divino de parar o sol para Josué, (3) a teofania no Sinai e (4) as descrições poéticas do êxodo (veja Êxodo 15:6-8; Salmos 114), criando um brilhante lembrete, de tirar o fôlego, do triunfo divino sobre faraó – um retrato que deixa os cabelos de Habacuque em pé, por assim dizer (3:16).

Tudo isso serve para assegurar ao povo de Deus que ele agirá mais uma vez em seu favor.

> Habacuque leva adiante a história bíblica em grande estilo – o Deus Criador e Redentor fará algo sobre a iniquidade humana, enquanto seu povo vive em esperança e com fiel confiança nele.

SOFONIAS

Dados de orientação para Sofonias

- **Conteúdo:** oráculos de catastróficos juízos vindouros contra Jerusalém (e, logo, Judá) e nações vizinhas mais um oráculo de restauração para um remanescente de Judá.
- **Profeta:** Sofonias, de Jerusalém, possivelmente da linhagem real de Ezequias.
- **Data da atividade profética:** algum tempo durante o reinado de Josias de Judá (640-609 a.C.).
- **Ênfases:** o dia vindouro de Javé; juízo contra Judá por seus pecados; Javé como Deus de todas as nações; juízos contra as nações; salvação final de um remanescente de Judá.

Visão geral de Sofonias

Durante o reinado de Josias (último rei bom de Judá), Sofonias, que era possivelmente um membro da corte real, recebeu uma palavra de Javé, anunciando que "o dia do SENHOR [Javé] está próximo" (1:7,14,18; 2:3). O fardo de sua profecia é o juízo divino sobre Judá por sua idolatria e perversidade complacente (1:3b-18a; 3:1-5). Mas também estão incluídos um chamado ao arrependimento (2:1-3), o juízo contra outras nações (2:4-15) e a promessa de restauração para um remanescente fiel (3:9-20). Desse modo, como você de pronto reconhecerá, Sofonias – o nono entre o Livro dos Doze – leva adiante todas as preocupações significativas encontradas na tradição profética israelita.

Conselho específico para a leitura de Sofonias

O contexto histórico de Sofonias é, de certo modo, semelhante ao de Habacuque (2Reis 22 e 23; 2Crônicas 34 e 35). Nesse caso, no entanto, uma vez que suas profecias são dirigidas em especial contra Jerusalém, você talvez deseje ler as seções relevantes sobre sincretismo em *Conselho específico para a leitura...* de Deuteronômio e Reis. Mesmo não sendo possível determinar exatamente quando esse conjunto maravilhoso de oráculos foi proclamado – embora eles pareçam preceder, e não suceder, as reformas de Josias –, você notará que o juízo divino é pronunciado principalmente porque Jerusalém continua a ser uma cidade de religião, mas não do javismo puro, e, ao mesmo tempo – e contra o javismo puro –, há pouca preocupação com a justiça social.

Como muitas pessoas não acham Sofonias uma leitura fácil, talvez seja útil observar sua estrutura literária cuidadosa, que toma a forma de uma série de padrões concêntricos (quiasmas). Primeiro, há a estrutura maior:

A Juízo divino sobre Judá, com consequente lamento (1:2-18)

B Juízo divino sobre as nações (2:1 a 3:8)

A* A redenção divina dos remanescentes, com consequente regozijo (3:9-21)

Em cada um deles, e às vezes entre eles, há mais padrões concêntricos. Observe, por exemplo, como 1:2-18 está estruturado por anúncios de juízo contra toda a terra (1:2,3/18b-c ecoando o Dilúvio [b-c = linhas poéticas no verso]); da mesma maneira, 1:2,3 e 3:8d estruturam todo o conjunto de oráculos de juízo. Assim:

1:2-18 3:9-21

1:2,3 3:8d

1:2,3 1:18b-c

Do mesmo modo, os oráculos contra as nações são formados por um chamado ao arrependimento da parte de Judá (2:1-3) e por juízo

em razão de sua recusa em fazê-lo (3:6-8; veja *Uma caminhada por Sofonias*, logo adiante).

Segundo, tudo isso é expresso em imagens brilhantes e vigorosas. Note, por exemplo, a colocação deliberada do juízo divino sobre Judá e Jerusalém em imagens e linguagem que ecoam a narrativa do Dilúvio em Gênesis 6. Isso está relacionado ao uso frequente, por Sofonias, de hipérbole (exagero propositado para dar efeito). Dessa forma, por exemplo, ele prediz em vários pontos que Deus destruirá toda a terra e todos os seus habitantes (1:2,3,18b-c; 3:8), mas também prediz um grande futuro tanto para os povos (3:9) quanto para Israel (3:10-19). Tamanho exagero não deve ser lido literalmente (é como um torcedor entendendo a manchete “Santos enterra São Paulo” como a descrição de uma vitória desproporcional, e não a morte e o enterro de uma cidade); sua eficácia está no fato de as pessoas levarem a sério a extensão da tragédia que as aguarda.

Sobre a questão do dia de Javé, consulte *Conselho específico para a leitura de Joel*, p. 215. Em Sofonias, “dia” (usado dezessete vezes entre 1:7 e 2:3!) refere-se ao tempo de mudança decisiva em favor dos justos e contra os ímpios – e Judá está entre os ímpios.

Uma caminhada por Sofonias

1:1 – A identidade do profeta

É importante não ir rápido demais aqui; note como o profeta é situado tanto em relação à sua linhagem (possivelmente um descendente do rei reformador anterior, Ezequias) como em relação aos seus dias (fazendo avançar a causa do rei que se tornou o maior de todos os reformadores, Josias).

1:2-18 – O dia de Javé está chegando (contra Judá)

Não esqueça, ao ler, que esse é um oráculo profético, não uma narrativa; desse modo, é escrito como poesia e destinado à

apresentação oral. Note a estrutura exterior (1:2,3b,18b-c), em que o juízo contra Judá é estabelecido no contexto de uma iminente catástrofe que se assemelha a uma avalanche. Observe que o juízo contra Judá tem três partes: (1) os versículos 3c-9 manifestam o juízo divino vindouro expressamente contra Judá e Jerusalém por causa de suas idolatrias (note que o juízo é retratado em termos da preparação divina de um sacrifício); (2) os versículos 10-13 descrevem a resposta ao dia de Javé quando ele chegar: a cidade pranteando sobre sua ruína econômica e a devastação de lares e terras; e (3) os versículos 14-18a descrevem a natureza inevitável e incontornável desse dia, quando ele chegar.

2:1 a 3:8 – Juízo detalhado sobre as nações

Observe a estrutura cuidadosa dessa seção em seus mínimos detalhes. Ela começa com uma convocação para que Judá se arrependa e se torne como o justo humilde (2:1-3), terminando com a triste nota sobre a recusa de Jerusalém em assim fazê-lo (3:6-8). No meio dela há cinco oráculos, sendo quatro contra outras cinco nações e um contra Jerusalém, expressos em uma construção perfeitamente balanceada:

2:1-3	Convocação ao arrependimento
2:4-7	Filístia (nove versos) – uma terra vizinha pertencerá ao remanescente de Judá
2:8-11	Moabe/Amom (nove versos) – o mesmo que foi anunciado contra a Filístia
2:12	Cuxe [24] (um verso)
2:13-15	Assíria (nove versos) – um inimigo terrível será destruído
3:1-5	Jerusalém (nove versos) – Judá será como seu inimigo terrível
3:6-8	Recusa em arrepender-se

Há várias outras questões importantes a observar durante a leitura – nessa série, são raras as razões para o juízo contra as outras

nações (Moabe/Amom pelo insulto ao povo de Deus; Assíria pela arrogância), mas são abundantes as razões para a queda de Jerusalém (traição por parte de líderes políticos e religiosos); 2:7,9 antecipa o remanescente no oráculo final do livro (3:9-20); o evidente motivo desses oráculos é chamar Jerusalém ao arrependimento (veja especialmente 3:6,7), embora esses tipos de oráculo sempre se verifiquem nos profetas como lembretes de que Javé é também Deus sobre todas as nações.

3:9-20 – Restauração dos remanescentes

Como no oráculo inicial de juízo, você vai perceber que esse oráculo conclusivo de esperança também tem três partes: (1) os versículos 9-13 expressam, em termos deuteronômicos, a reunião purificadora dos remanescentes, que vão descansar seguros em Jerusalém e viver de modo humilde e justo; (2) os versículos 14-17, em contraste com o pranto no oráculo de abertura, descrevem o regozijo (tanto do povo quanto de Javé) que agora ecoa por toda a cidade restaurada; e (3) os versículos 18-20, de novo em termos deuteronômicos, descrevem o ajuntamento do povo, que agora recebe louvor e honra ao invés de vergonha.

O pequeno livro de Sofonias fala de maneira poderosa sobre o juízo divino acerca do pecado e sobre seu ato gracioso de salvação

em favor dos humildes e indignos, antecipando, assim, o evangelho, conforme expresso no Novo Testamento.

AGEU

Dados de orientação para Ageu

- **Conteúdo:** quatro oráculos que encorajam o povo de Deus a reconstruir o templo em Jerusalém.
- **Profeta:** Ageu, um profeta pós-exílico em Jerusalém, contemporâneo de Zacarias (veja Esdras 5:1; 6:14).
- **Data da atividade profética:** um período de quatro meses, durante o segundo ano do reinado de Dario, da Pérsia (520 a.C.).
- **Ênfases:** o povo de Deus precisa reconstruir o templo como lugar da presença de Deus e de sua adoração; as dificuldades então enfrentadas são resultado do fracasso nessa questão; um futuro glorioso aguarda o povo de Deus e Zorobabel (e, assim, a linhagem real de Davi).

Visão geral de Ageu

Ageu, o décimo do Livro dos Doze, consiste em relatos das quatro "palavras" endereçadas a Zorobabel, o governador; a Josué, o sacerdote; e ao povo em Jerusalém. Seu principal interesse é encorajar o povo a prosseguir na reconstrução do templo em Jerusalém.

A primeira "palavra" de Ageu (1:1-11) anuncia que as recentes secas e as colheitas ruins (parte das maldições pela desobediência à aliança; veja Deuteronômio 28:20-48) estão relacionadas ao fracasso, por parte dos exilados que retornaram, em construir a casa de Deus (embora já tivessem construído suas próprias casas), ao que o povo responde favoravelmente (Ageu 1:12-15). Um mês e meio depois, a segunda "palavra" os encoraja a continuar o trabalho, prometendo que a glória do novo templo ultrapassaria a do primeiro

(2:1-9). Regras sacerdotais sobre profanação servem de base para a terceira “palavra” (2:10-19), em que Deus promete abençoá-los “de hoje em diante”. A “palavra” final (2:20-23) é endereçada a Zorobabel, assegurando-lhe que Deus estará com ele.

Conselho específico para a leitura de Ageu

Ao ler Ageu, leia também Esdras 1 a 6, que serve de pano de fundo para as palavras de Ageu aqui registradas. Depois que um grande número de exilados retornou, em 539 a.C., sob o decreto de Ciro, eles imediatamente reconstruíram o altar e lançaram os alicerces do templo (Esdras 3). Então, o trabalho parou quando o povo construiu as próprias casas e trabalhou nas próprias fazendas. Agora, dezenove anos depois, o trabalho do templo não havia avançado; enquanto isso, eles experimentaram seca e colheitas ruins. Por meio de Ageu, Javé chama a atenção para a conexão entre essas duas realidades e encoraja o povo a retornar à tarefa de reconstruir o templo.

Enquanto lê, observe as várias características que distinguem Ageu: (1) seus oráculos não são dados em forma poética, mas em um tipo de prosa poética; (2) em sua maioria, são endereçados em forma de perguntas (veja Malaquias) e de Palavra de Deus ao povo (Ageu 1:4,9; 2:3,12,13,19); (3) ele também faz uso efetivo de repetições – “Vejam aonde os seus caminhos os levaram/Prestem atenção [atentem]” aparecem, cada qual, duas vezes, no primeiro e no terceiro oráculos (1:5,7; 2:15,18); “Eu estou com vocês” aparece no primeiro e no segundo oráculos (1:13; 2:4); que Deus fará “tremer o céu e a terra” ocorre no segundo e no quarto oráculos (2:6,21); e, numa linguagem que ecoa Josué 1:6,7,9,19, líderes e povo são três vezes exortados a ter “coragem” (2:4). Note também que, conquanto haja uma progressão óbvia nas quatro “palavras”, há também uma correspondência clara entre a primeira e a terceira

(a maldição da aliança deve, agora, ser anulada pela bênção da aliança) e entre a segunda e a quarta (encorajando Zorobabel como líder).

Uma vez que o tema central de Ageu é a reconstrução do templo, será bom recordar o papel significativo do templo na vida de Israel, servindo de lugar da presença especial de Deus (o que torna Israel distinto de todos os outros povos) e da devida adoração. Veja *Conselho específico para a leitura de Êxodo* (p. 36) e as notas sobre Êxodo 25 a 40 (p. 41-42), e lembre-se de que o Espírito de Deus é a maneira pela qual Javé se faz presente no meio do povo (por conseguinte, Ageu 2:5).

As datas e os dias específicos atribuídos a esses oráculos são dignos de nota. O primeiro (29 de agosto de 520) é dado no primeiro dia do mês (lunar), ou seja, no contexto de uma Festa da Lua Nova (Números 10:10; 28:11) e no tempo da maturação plena do grão; o segundo (17 de outubro de 520) chega no fim da Festa dos Tabernáculos (festival da colheita em Israel); o terceiro e o quarto (18 de dezembro de 520) chegam durante a estação de cultivo para a colheita da primavera. Em todos esses períodos, o povo não tinha a desculpa de que estar ocupado demais para prestar atenção no templo.

Aqui, você também percebe a frequente tensão, encontrada na tradição profética, entre as realidades vigentes e o futuro glorioso de Deus. Como de costume, uma (a esperança de então) é falada à luz da outra (glória futura). Observe como isso ocorre tanto no que se refere ao templo (2:1-9) quanto ao que diz respeito a Zorobabel (2:20-23), ambos marcados pelo ato escatológico divino de fazer tremer os céus e a terra.

Uma caminhada por Ageu

1:1-15 – O chamado para a reconstrução do templo

Acompanhe o desenrolar dessa “palavra”. Ela começa com o cenário (1:1), a reclamação de Deus a respeito do seu povo (1:2) e a questão principal (1:3) – o fracasso em construir a casa de Deus, embora os exilados que retornaram tenham construído as suas próprias. No auge da estação de cultivo, Deus os chama para que comecem a construir sua casa! Seguem-se a isso dois oráculos, enunciando “Vejam aonde os seus caminhos os levaram”, sobre a seca da época e as razões para sua ocorrência (1:5,6 e 1:7-11; a seca é uma das maldições pela transgressão à aliança; Deuteronômio 28:38-40). Note como a terceira parte difere do que disseram os primeiros profetas (Ageu 1:12-15); a resposta do povo é efetivamente registrada – e é positiva!

2:1-9 – A glória do segundo templo

Tente imaginar como alguém com setenta anos de idade, ou mais velho, se sentiria quando visse que o templo em parte construído obviamente não seria como o de Salomão – e estaria bem longe daquele da grande visão de Ezequiel (Ezequiel 40 a 43). Desse modo, o povo é estimulado a ter “coragem”, porque, a seu tempo, o segundo templo terá glória maior que a do primeiro (o que se cumpre, finalmente, quando Jesus assume o papel do templo enquanto se encontra nos pátios desse edifício; João 21:13-22).

2:10-19 – Um povo impuro é purificado e abençoado

Veja que as duas perguntas sobre impureza/purificação (2:10-13) são usadas na forma de analogia (2:14-19b), a fim de repetir a essência de 1:8-11 (a terra está “impura” porque o povo está “impuro”), enquanto o versículo 2:19c reverte a maldição – de hoje em diante, Deus os abençoará.

2:20-23 – Uma mensagem a Zorobabel

Zorobabel, herdeiro do trono de Davi, mas um governador vassalo da Judeia sob domínio persa, recebe a promessa da futura

deposição dos poderes mundanos, tornando-o o “anel de selar” divino (“selo oficial”; veja Jeremias 22:24,25, em que o último rei de Judá era um “anel de selar” a ser descartado!) – uma palavra que também aponta adiante, para o tempo do Filho de Davi.

Ageu lembra-nos de que o povo de Deus deve ser identificado como o povo da presença de Deus (o papel do templo), o que finalmente se cumpre na vinda de Jesus Cristo e do Espírito.

ZACARIAS

Dados de orientação para Zacarias

- **Conteúdo:** visões com o objetivo de encorajar a comunidade pós-exílica, especialmente a liderança, a reconstruir o templo; oráculos sobre o Rei vindouro que seria morto e, por fim, triunfaria.
- **Profeta:** Zacarias de Jerusalém, contemporâneo de Ageu, mas com um ministério mais longo e conhecido (compare Zacarias 1:1 e 7:1 com Ageu 1:1; veja também Esdras 5:1; 6:14).
- **Data da atividade profética:** 520 a.C. até algum momento no início de 400 a.C.
- **Ênfases:** Deus está com a comunidade remanescente do povo que retornou do exílio; Deus fará prosperar os líderes dessa comunidade; o futuro de Jerusalém e de Judá é brilhante e repleto de paz e glória; o Rei de Israel voltará a Jerusalém em triunfo, mas será morto pelos pecados do povo; Deus punirá os inimigos de seu povo, mas muitas nações virão a conhecer o Senhor.

Visão geral de Zacarias

Esse décimo primeiro componente do Livro dos Doze tem duas partes tão distintas (capítulos 1 a 8; 9 a 14), que muitos estudiosos acreditam que os capítulos 9 a 14 tenham outra autoria. Mas a Bíblia apresenta ambas as partes juntas, de modo que a segunda seja compreendida à luz da primeira. Aqui está um caso no qual o futuro próximo e o grande futuro de Deus existem em tensão com a estrutura do livro.

Ambas as seções possuem partes bem distintas. Após um chamado introdutório ao arrependimento (1:2-6), você encontra uma série de oito visões noturnas (1:7 a 6:15), interpretadas por um "anjo que estava falando [com Zacarias]" (1:9). Elas estão centralizadas nas visões 4 e 5, que têm foco na liderança de Josué e Zorobabel e na construção do templo. O restante dessa seção (capítulos 7 e 8) usa uma pergunta suscitada sobre certos jejuns a fim de pregar sobre a verdadeira natureza dessa prática e anunciar a bênção futura de Deus sobre Jerusalém.

Os capítulos 9 a 14 contêm dois "oráculos" (capítulos 9 a 11 e 12 a 14) relativos ao futuro glorioso de Deus para o seu povo e ao juízo sobre os inimigos de ambos. O primeiro contém um juízo contra as nações (9:1-8), no contexto da vinda do majestoso Messias de Deus e da subsequente rejeição a ele (9:9-17; 11:4-17), bem como da grande reunião de seu povo disperso (10:1 a 11:3). O segundo oráculo retoma todos esses temas, mas coloca-os em um contexto ainda mais obviamente escatológico, à medida que se concentram "naquele dia", atingindo o clímax no capítulo 14, com a derrota final dos inimigos de Deus e o estabelecimento de seu Reino universal, quando todas as nações virão adorá-lo.

Conselho específico para a leitura de Zacarias

A maioria das pessoas acha Zacarias uma leitura particularmente difícil, mesmo em se tratando de um livro profético. Isso se deve, sem dúvidas, à natureza extremamente simbólica das visões noturnas, somada ao caráter normalmente complexo dos oráculos proféticos escatológicos – e esses são os que compõem boa parte de Zacarias. Mas, com uma pequena ajuda, você conseguirá agenciar seu caminho pelo livro e apreciar algo da grandeza nele contida.

Para conhecer a história do período e as preocupações básicas do profeta, veja *Conselho específico para a leitura de Ageu* (p. 250). O importante a se notar, aqui, é que todas as preocupações principais da tradição profética de Israel ocorrem em Zacarias – julgamento do povo de Deus por seus pecados; juízos contra as nações vizinhas por seus pecados contra o povo de Deus e porque Javé é Soberano sobre todas as nações; um futuro glorioso para o povo redimido e purificado de Deus –, e tudo isso estabelecido na tensão entre as realidades temporais iminentes e o glorioso futuro final de Deus. O que também é uma característica clara de Zacarias é sua expectativa quanto ao futuro rei messiânico de Deus, o que explica por que esse profeta é tão citado pelos autores do Novo Testamento (especialmente com respeito a Cristo e à expressão final do Reino de Deus).

Algumas observações podem ajudá-lo na leitura das visões noturnas. Primeiro, elas são arranjadas em um padrão concêntrico (quiástico). Note que as visões 1 e 8 (1:7-17; 6:1-8) imaginam quatro grupos de cavalos de diferentes cores, cujo propósito é percorrer toda a terra, como pano de fundo para a construção do templo. As visões 2 e 3 (1:18-21; 2:1-13) e 6 e 7 (5:1-4; 5:5-11) têm a ver com obstáculos enfrentados para a restauração da comunidade e para a construção do templo (em 2 e 3, os obstáculos vêm de fora; em 6 e 7, de dentro). As visões 4 e 5 (3:1-10; 4:1-14) são o ponto central, lidando especialmente com a liderança de Josué e Zorobabel, ambas para a construção do templo e para a orientação da comunidade.

Segundo, você notará um padrão semelhante para a maioria das visões: Zacarias descreve o que enxerga, pergunta sobre seu significado, e um anjo intérprete dá a explicação. Quatro das visões ([1] 1:14-17; [3] 2:6-13; [5] 4:6-10a; [8] 6:9-15) também contêm um ou mais oráculos que tornam específica a mensagem das visões. O cerne de tudo isso é uma palavra de encorajamento, declarando ao povo que o momento é oportuno – as condições para a

reconstrução já existem –, embora ao mesmo tempo seja, como em Ageu, uma palavra de encorajamento aos que estão na liderança.

Os dois oráculos nos capítulos 9 a 14 são especialmente difíceis de acompanhar, mas, no essencial, também seguem um padrão. Ambos têm a ver com a intervenção triunfal do Senhor nos assuntos de Judá e das nações. O primeiro olha na direção do futuro mais imediato; o segundo, na direção da manifestação final do domínio universal de Deus. Comum a ambos é o lugar central do majestoso Messias de Deus, além do fato de que esse Messias é rejeitado pelo povo.

Uma nota final. Profetas posteriores às vezes fazem uso da linguagem e das imagens dos anteriores. Isso é especialmente verdadeiro em Zacarias, que não somente menciona os "antigos profetas" (1:4,6; 7:7,12), mas deliberadamente ecoa sua linguagem em vários lugares (por exemplo, compare 1:4 com Jeremias 35:15). Essa talvez seja a melhor explicação para a perfuração[25] e o sofrimento intrigantes do majestoso Messias de Deus em Zacarias 11 a 13, que soa como reflexão posterior sobre o servo sofredor de Isaías (Isaías 52:13 a 53:12). Isso também ajuda a explicar por que os autores do Novo Testamento referem-se tão frequentemente a essas duas passagens como a maneira de explicar a crucificação do Messias.

Uma caminhada por Zacarias

1:1-6 – Introdução

Tanto o título, que data de aproximadamente dois meses após a palavra inicial de Ageu, quanto as palavras que o acompanham servem de validação do profeta: isso é o que Deus ordenou a Zacarias que dissesse ao povo, afirmando que a aliança ainda está em vigor e chamando o povo à obediência (em contraste com o modo como seus ancestrais se comportaram).

1:7-17 – Visão 1: os cavaleiros; o retorno de Deus a Jerusalém

Note as partes enquanto lê: (1) a visão em si (1:8); (2) a pergunta de Zacarias sobre o significado dessa visão (1:9,10); (3) a resposta do anjo intérprete: os cavalos são a patrulha que percorreu toda a terra e a encontrou descansando; (4) o(s) oráculo(s) – Javé está retornando a Jerusalém; portanto, o povo não deve descansar, mas reconstruir o templo.

1:18-21 – Visão 2: quatro chifres destruídos

Perceba como essa visão tem duas partes com explicações. Os dias das nações responsáveis pelo exílio (de Judá e de Israel) acabaram.

2:1-13 – Visão 3: Jerusalém não pode ser medida; o retorno da prosperidade

Veja como a explicação (2:4-13) toma a forma de uma série de oráculos – a grandeza vindoura de Jerusalém tendo Javé como seu protetor (2:4,5); um chamado de retorno aos exilados na Babilônia (2:6-9, retomando a visão 2); a habitação de Javé em Sião como Soberano universal (2:10-13; cumprindo, assim, essa terceira visão). Note também como o versículo 13 ecoa Habacuque 2:20.

3:1-10 – Visão 4: o restabelecimento do sumo sacerdote

Lembre-se de que essa é a primeira de duas visões centrais. Como está em questão a reconstrução do templo, o lugar da presença divina, essa visão está relacionada com a purificação do sumo sacerdote, que deve atuar no templo uma vez que esteja reconstruído. Repare na progressão desde as roupas e o turbante limpos (3:3-5) à recondução (3:6,7) do ramo prometido (3:8, referindo-se, em última análise, à vinda do rei davídico; veja Isaías 11:1; 53:2; Jeremias 23:5); a visão conclui com a antecipação do oráculo apresentado em Zacarias 8:1-8.

4:1-14 – Visão 5: o candelabro e as oliveiras; a presença/o espírito renovadores de Deus

Observe a estrutura ligeiramente diferente: a visão (4:1-3), agora com dois conjuntos de perguntas (4:4,5 e 4:11-13) e explicações (4:6-10,14) – a fim de encorajar Zorobabel, pois o Espírito de Deus trará aquilo que o poder humano não pode trazer –, somada a uma afirmação da liderança de Zorobabel e da de Josué.

5:1-4 – Visão 6: o pergaminho voador; o mal afastado de Judá

Agora, você está de volta a uma breve visão com explicação: o mal que persiste em Judá será banido da terra.

5:5-11 – Visão 7: a mulher em um cesto; a maldade exilada na Babilônia

Observe a ironia nessa visão, bem como sua ligação com visões anteriores: o povo retornará do exílio (visão 3), a Babilônia foi derrubada (visão 2), o templo será reconstruído (visões 4 e 5); assim, o que acontece à maldade? Será exilada na Babilônia!

6:1-15 – Visão 8: as quatro carruagens; Deus descansa, e Josué recebe uma coroa

Veja como essa visão encerra a série. A nova patrulha de quatro cavaleiros novamente percorre toda a terra e a encontra descansando (especialmente a Babilônia, a “terra do norte”, 6:6) – tudo isso para dizer que é chegado o tempo da reconstrução.

A “palavra” que veio a Zacarias e que conclui as visões (6:9-15) complementa e reforça as preocupações precedentes (Josué, o Ramo, e a reconstrução do templo).

7:1 a 8:23 – Em resposta à questão sobre o jejum

Uma questão relativa a jejuns especiais em associação com a queda de Jerusalém torna-se o catalisador de uma série de oráculos

que adotam um padrão concêntrico (quiástico) semelhante ao das visões.

7:1-3	A pergunta: Devemos continuar a prantear e a jejuar sobre a queda de Jerusalém?
7:4-14	Um juízo contra o jejum sem obediência à aliança
8:1-8	Um retrato da Jerusalém restaurada, o qual serve de inspiração
8:9-13	Um encorajamento para a reconstrução do templo
8:14-17	O verdadeiro jejum se expressa na demonstração de misericórdia e de justiça (veja Isaías 58)
8:18,19	A questão respondida: os jejuns devem se tornar celebrações alegres

Note como os dois oráculos adicionais (8:20-23) antecipam o cumprimento da aliança abraâmica, o que inclui os gentios (Gênesis 12:3). E, finalmente, observe como as duas seções do livro terminam com essa mesma nota (Zacarias 8:20-23; 14:16-19).

9:1 a 11:17 – O Rei de Sião e o futuro glorioso do povo de Deus

Esse primeiro oráculo recorre ao padrão poético dos profetas mais antigos. Atente para a seguinte progressão: o que começa com um juízo sobre as nações vizinhas (9:1-8) se transforma em promessa de restauração do reino davídico (9:9-17) e de um Israel unido (10:1,3b-12). Observe que o último oráculo abrange uma denúncia sobre falsos pastores (10:2,3a; 11:1-6,14-17), incluindo, por fim, um retrato do verdadeiro pastor de Deus, que será rejeitado pelo povo (11:7-13), e isso, por sua vez, antecipa a seção central do próximo oráculo (12:10 a 13:9).

12:1 a 14:21 – O golpe e o triunfo final do Rei de Deus

Note como o segundo oráculo retoma temas do primeiro, especialmente a rejeição ao verdadeiro pastor, enquanto estabelece o todo em um contexto totalmente escatológico no tocante ao dia de

Javé (“naquele dia”). Isso, por sua vez, é colocado no contexto da expressão escatológica final da guerra santa, quando o inimigo cerca e saqueia Jerusalém (12:1-3a; 14:1-2) e o rei é morto (12:10 a 13:7) – mas, como encerramento, o Reino glorioso e final de Deus emerge (12:3b-9; 14:3-21).

O livro de Zacarias avança na história bíblica, lembrando-nos de que a presença de Deus, por meio do seu Espírito, está no cerne de um Israel restaurado, e ao mesmo tempo antecipando a morte sacrificial do Messias que está para chegar.

MALAQUIAS

Dados de orientação para Malaquias

- **Conteúdo:** em seis discussões com seu povo, Javé adverte-os de juízos futuros e promete redenção aos fiéis.
- **Profeta:** Malaquias (“meu mensageiro”), completamente desconhecido.
- **Data da atividade profética:** desconhecida; talvez perto de 460 a.C., pouco antes das reformas de Esdras e Neemias.
- **Ênfases:** Javé é um Deus que guarda a aliança e requer o mesmo do seu povo; o povo demonstra, com sua apatia e seu declínio moral e religioso, desdém por Deus; Deus julgará seu povo com justiça por causa da obediência desleixada.

Visão geral de Malaquias

O oráculo de Malaquias vem por meio de seis discussões entre Javé e seu povo, todas tendo a mesma raiz: em um tempo de desilusão espiritual, Israel ficou farto de Javé e de guardar sua aliança. As discussões chegam em dois conjuntos de três. O primeiro conjunto retoma o tema básico – a reclamação de Israel de que Javé não o ama (1:2-5) e a “reclamação” de Javé de que Israel demonstrou desprezo por ele (1:6 a 2:9; 2:10-16). No segundo conjunto, Javé duas vezes menciona a reclamação de Israel, a de que o próprio Javé não fez nada sobre o mal e a injustiça (2:17 a 3:5; 3:13 a 4:3); essas duas reclamações agrupam a exposição de Javé sobre a forma de injustiça praticada por Israel (3:6-12). Ao mesmo tempo, afirma-se que o grande dia de Javé de fato chegará (3:1-4; 3:17 a 4:3). O livro conclui (4:4-6) com palavras sobre a Lei (Moisés) e os profetas (Elias).

Conselho específico para a leitura de Malaquias

Embora não se saiba ao certo quando Malaquias profetizou, se foi antes da época de Esdras e Neemias, como parece provável, você faria bem em rever brevemente o que é dito sobre esse tempo em *Conselho específico para a leitura de...* 1 e 2Crônicas e Esdras/Neemias. O livro de Malaquias é um indicador gráfico da apatia moral e espiritual da época, o que se expressou em várias formas de desprezo por Javé e pela aliança. Na verdade, a maioria dos pecados mencionados em Malaquias também o é em Esdras e Neemias – casamentos mistos (Malaquias 2:11-15/Esdras 9 e 10/Neemias 13:23-27); negligência ao dízimo (Malaquias 3:8-10/Neemias 13:10-14); sacerdotes corruptos (Malaquias 1:6 a 2:9/Neemias 13:1-9) e injustiça social (Malaquias 3:5/Neemias 5:1-13).

Esse mal-estar e desprezo gerais pela aliança provavelmente respondem, em parte, pela forma e estrutura únicas de Malaquias. Você verá que cada uma das discussões tende a seguir o mesmo padrão:

- Declaração: a questão anunciada por Javé.
- A pergunta do povo: basicamente tomando a forma de “Como?”.
- A resposta de Javé: lembrando o povo do passado divino ou das ações futuras de Deus, ou revelando as ações do povo demonstrativas de desprezo.

Essas discussões funcionam como um chamado ao despertar em tempo de desilusão (veja 3:14), quando aqueles que retornaram da Babilônia sentiram-se totalmente abandonados por Javé. Assim, em vez de propor um contexto de tribunal (como em Oseias e Miqueias, por exemplo), Javé os desafia por meio de declaração, questionamento e explicação.

Há um tipo de progressão para as discussões. Elas começam com o questionamento de Israel quanto ao amor de Javé (= compaixão e lealdade para com eles). A isso, Javé não somente responde que ama Israel de verdade (vejam o que fiz a Edom) como também afirma que há evidência farta de que Israel não o ama. Essa evidência está na forma de desprezo pela aliança por parte dos sacerdotes e das pessoas igualmente (oferta de animais deteriorados em sacrifício; divórcio e casamento misto com pagãos). As três discussões finais recomeçam o ciclo. Sentindo-se abandonado por Javé, o povo fala cinicamente sobre a prosperidade daqueles que praticam a injustiça. Mas Javé responde dizendo que eles mesmos praticam a injustiça retendo os dízimos, que são meios de subsistência dos levitas e provisão para os pobres (Números 18:21-32; Deuteronômio 14:28,29). No conjunto final, há também promessas de justiça divina vindoura – juízo dos ímpios e salvação do (novo) remanescente dos justos.

Desse modo, no fim do Antigo Testamento cristão (por intermédio da Septuaginta) estão palavras proféticas que Jesus e os autores do Novo Testamento veem como relativas à vinda do Cristo. Não somente Deus enviará “[seu] mensageiro, que preparará o caminho diante [dele]” para que “o Senhor que vocês buscam [venha] para o seu templo” (Malaquias 3:1), mas as duas palavras finais falam de Moisés e de Elias, que aparecem com Jesus no monte da transfiguração.

Uma caminhada por Malaquias

1:1 – Título

Como em Joel, o título de Malaquias não nos ajuda a identificar nem o profeta nem a sua época.

1:2-5 – Primeira discussão: sobre o amor de Javé

Note como essa primeira discussão dá o tom e a estrutura para o restante. Javé ama Israel. Como? Ao odiar (= rejeitar; alinhar-se contra) seu “irmão” – mas antigo inimigo – Edom, cumprindo a profecia de Obadias.

1:6 a 2:9 – Segunda discussão: sobre oferta de sacrifícios inaceitáveis

Agora é a vez de Javé. A questão básica está estabelecida em 1:6 – os sacerdotes não amam (= demonstram desprezo por) Javé. Como? Oferecendo a ele animais deteriorados (veja Levítico 22:17-25), algo que não ousariam oferecer nem mesmo a um governador. Melhor fechar o templo que demonstrar tamanha deslealdade (1:10-14), o que também desonra o nome de Javé entre as nações. Desse modo, essa discussão conclui com fortes advertências para que os sacerdotes mudem seus caminhos (2:1-9).

2:10-16 – Terceira discussão: sobre casamento misto e divórcio

Observe que a forma muda ligeiramente aqui: Malaquias agora fala por Deus (2:10) à medida que a discussão se volta para o próprio povo – sobre casamento misto com pagãos (2:11,12), rompendo, assim, a aliança com Javé (= capitulação à idolatria). A questão do divórcio (2:13-16) também está relacionada (= rompimento da aliança com uma esposa judia para casar-se com uma mulher local).

2:17 a 3:5 – Quarta discussão: sobre cansar Javé com palavras

De volta à reclamação do povo. Em sua indisposição, eles (cinicamente) chamam pessoas más de boas e perguntam sobre justiça. A resposta de Javé é dupla: (1) o Senhor a quem buscam virá repentinamente ao seu templo, como um fogo purificador (3:1-3a); e (2) sua vinda resultará em sacrifícios aceitáveis no templo

(assim, de volta para 1:6 a 2:9) e juízo contra todas as formas de injustiça (3:3b-5).

3:6-12 – Quinta discussão: sobre retornar para Javé

Note como essa discussão acompanha bem de perto o que é dito ao fim da anterior, ao devolver o problema ao povo: eles devem retornar para Javé (3:6,7). Ao “Como?” do povo, a resposta é que parem com sua própria injustiça – a retenção do dízimo (alimento, destinado aos levitas e aos pobres). Somente então a maldição pela deslealdade à aliança poderá ser removida, para que as nações vejam novamente que Deus está abençoando seu povo (veja Gênesis 12:3).

3:13-43 – Sexta discussão: sobre falar rispidamente a respeito de Javé

Essa discussão final inclui o segundo conjunto de três e fecha o ciclo completo de toda a série. Indica por que a primeira discussão foi necessária: o povo tem dito coisas duras sobre Javé – que é inútil servi-lo e que os arrogantes prosperam em qualquer caso, diferentemente dos que se consideram justos (3:13-15; veja a quarta discussão). Desse modo, a resposta final indica que Deus de fato dividirá a casa – os arrogantes serão julgados (4:1) e o “sol da justiça se levantará” para os justos (4:2,3).

4:4-6 – Duas palavras adicionais: a Lei e os profetas (Moisés e Elias)

Malaquias conclui trazendo Moisés (a Lei) e Elias (os profetas) à cena. O povo é exortado a guardar a aliança da Lei; eles podem antever a vinda do segundo Elias que precederá o grande dia vindouro de Javé.

Malaquias lembra o povo de Deus de que devem levar a sério o relacionamento de aliança com ele e que lhes nascerá um grande e novo dia nascerá com a vinda de Elias (João Batista) para preceder o Senhor (Jesus Cristo).



EVANGELHOS E ATOS NA HISTÓRIA BÍBLICA

Jesus de Nazaré é, indubitavelmente, a peça central da história bíblica. Os Evangelhos deixam claro que sua importância não está simplesmente em sua morte, mas também, e em especial, em sua pessoa, em sua vida e em seu ensino. Não obstante, cada evangelista (autor do evangelho) a seu próprio modo demonstra, por intermédio de narrativa, que a morte e a ressurreição de Jesus são os pontos altos de sua história (de um quarto a um terço de cada evangelho é dedicado aos eventos de sua última semana de vida).

Nosso interesse em cada um dos evangelhos está em sua narrativa sobre Jesus. Embora os três primeiros sejam "sinópticos" (enxergando Jesus através de olhos comuns), e Mateus e Lucas usem Marcos na sua narrativa da história, eles tomam caminhos individuais – todos contando a mesma história, mas cada um com suas próprias preocupações e ênfases em prol de seus leitores implícitos. O evangelho de Lucas é único ainda em outro sentido porque narra a história de Jesus em dois aspectos: primeiro, seu evangelho (como fazem os outros) conta sobre o que Jesus "começou a fazer e a ensinar" (Atos 1:1); segundo, no livro de Atos, ele conta como a história de Jesus continua, agora pelo poder do Espírito, no ministério da Igreja Primitiva.

Os evangelistas deixam especialmente claro que não é possível entender Jesus sem enxergar como ele se encaixa na história do Antigo Testamento que o precedeu – como o clímax e o cumprimento das esperanças expressas quase que desde o princípio da história. Por um lado, eles todos veem Jesus encaixando-se com clareza na tradição profética – por meio de suas palavras poderosas, obras poderosas e ações simbólicas (por exemplo: purificando o templo,

amaldiçoando a figueira) –, e assim ele é percebido pelas multidões (Mateus 21:46; Lucas 7:16; 13:13). Por outro, todos estão escrevendo sobre o âmbito da ressurreição, e sabem que Jesus não é outro senão o "Filho de Davi" esperado (Marcos 10:47,48), o "Filho de Deus" (Salmos 2:7; Mateus 3:17; 17:5; e paralelos) que vem ao encontro do seu povo como Rei.

Uma chave para esse aspecto de suas narrativas está em compreender, no Antigo Testamento, o papel do rei em Israel, frequentemente visto como aquele que representa Deus para o povo e que personifica, ele próprio, o povo de Israel. Isso pode ser observado em particular no livro de Salmos e nos cânticos do servo sofredor em Isaías 42 a 53. Observe, ao ler os Evangelhos, como os evangelistas contam a história de Jesus dessa perspectiva. Atente, por exemplo, ao seu batismo e à tentação no deserto, com Jesus triunfando em muitos lugares nos quais Israel fracassou, como suas próprias citações de Deuteronômio 6 a 8 deixam claro. Ou atente ao discurso em João 15:1-8, quando Jesus, usando uma imagem de Israel no Antigo Testamento (Salmos 80:8-19; Isaías 5:1-7; Jeremias 2:21), fala *de si mesmo* como a videira verdadeira e de seus discípulos como os ramos. Sua morte é claramente vista à luz do servo sofredor de Isaías (Isaías 52:13 a 53:12), como aquele que carrega os pecados do povo, representando-o e atraindo-o para a história.

Para cada evangelho (e também para o livro de Atos), portanto, também tentaremos ajudar você a enxergar a maneira pela qual o evangelista vincula a história de Jesus à história de Israel como o "cumprimento" das esperanças e expectativas messiânicas judaicas. Em relação a isso, também precisamos destacar que cada evangelho foi escrito em uma época na qual a inclusão dos gentios na grande história (veja comentários sobre Gênesis 11:27 a 25:11, p. 31) estava em pleno andamento; vamos, dessa forma, apontar como cada um lida com essa questão, especialmente à luz da rejeição de Jesus por muitos dos judeus.

Para outras questões sobre a composição dos evangelhos e as relações entre um e outro, bem como sobre a mensagem essencial de cada um a respeito da vinda do Reino (como “já” e “ainda não”), destacamos o capítulo 7 de *Entendes*.

MATEUS

Dados de orientação para Mateus

- **Conteúdo:** a história de Jesus, incluindo grandes blocos de ensino, desde o anúncio de seu nascimento ao chamado dos discípulos para que façam discípulos entre os gentios.
- **Autor:** anônimo; Papias (aproximadamente 125 d.C.) atribui “o primeiro evangelho” ao apóstolo Mateus; os eruditos se dividem quanto à autoria.
- **Data:** desconhecida (uma vez que o evangelista se baseou em Marcos, muito provavelmente escreveu nos anos 70 ou 80 d.C.).
- **Destinatário(s):** desconhecidos, mas quase certamente cristãos judeus comprometidos com a missão entre gentios, mais comumente considerados como tendo vivido em, ou ao redor de, Antioquia da Síria.
- **Ênfases:** Jesus é o Filho de Deus, o Rei (messiânico) dos judeus; Jesus é Deus presente conosco em poder miraculoso; Jesus é o Senhor da Igreja; o ensino de Jesus tem importância contínua para o povo de Deus; o evangelho do Reino é para todos os povos – judeus e gentios de igual modo.

Visão geral de Mateus

Convém que Mateus inicie o Novo Testamento por dois motivos: primeiro, desde a sentença de abertura, o texto tem laços deliberados e diretos com o Antigo Testamento; segundo, por causa de seu arranjo ordenado do ensino de Jesus, foi o evangelho usado com mais frequência na Igreja Primitiva (citado pelos pais da Igreja duas vezes mais que os outros evangelhos).

A genialidade do evangelho de Mateus se encontra em sua estrutura, que apresenta uma tapeçaria maravilhosa de narrativa entrelaçada com blocos de ensino cuidadosamente elaborados. Isso é feito tão bem, que a característica que mais se destaca na história de Mateus – os cinco blocos de ensino – não é, às vezes, sequer notada, porque o leitor atenta mais para o fluxo da narrativa (que segue Marcos bem de perto). Os cinco blocos de ensino (5:1 a 7:29; 10:11-42; 13:1-52; 18:1-35; [23:1] 24:1 a 25:46) são apresentados com base em tópicos. Cada um deles é marcado por uma fórmula conclusiva semelhante ("Quando Jesus acabou/Tendo acabado [de dizer essas coisas/de instruir]"), que Mateus usa para transitar de volta à narrativa.

A história em si começa com uma introdução dupla sobre as origens de Jesus (capítulos 1 e 2) e sobre seus preparativos para o ministério público (3:1 a 4:11). Depois disso, cada bloco combinado de "narrativa com discurso" forma um aspecto progressivo da história, todos relacionados ao fato de Jesus, o Rei messiânico, inaugurar um tempo de reinado divino – 4:12 a 7:29, proclamação do Reino e da vida nele; 8:1 a 10:42, o poder e a missão do Reino; 11:1 a 13:52, questionamento e oposição ao Reino e sua recepção contraditória no mundo; 13:53 a 18:35, oposição crescente, confissão pelos discípulos e instruções especiais à comunidade do Rei; 19:1 a 25:46, respostas contraditórias ao Profeta, que agora se apresenta como Rei, e juízo dos que o rejeitam. O evangelho conclui (capítulos 26 a 28) com o julgamento, a crucificação e a ressurreição de Jesus, além da ordem, dada aos discípulos, de levar essa história às nações.

Conselho específico para a leitura de Mateus

É difícil não notar o modo como Mateus amarra a história de Jesus à de Israel, uma vez que isso é muito direto e objetivo em seu texto.

Jesus pertence à genealogia da linhagem de Israel e cumpre todos os tipos de expectativas messiânicas proféticas. Observe com que frequência (treze vezes ao todo) Mateus menciona que os fatos ali narrados aconteceram para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas. Além disso, o ministério e o ensino de Jesus pressupõem a idoneidade da Lei do Antigo Testamento (5:17-48), e, durante o seu ministério terreno, Jesus se concentra nas “ovelhas perdidas de Israel” (10:6).

Na morte de Jesus, porém, a cortina do templo se rasgou em duas partes (27:51), indicando que o fim do tempo da Lei e o início do tempo de Jesus e de seus seguidores. Você verá, enquanto lê, como Mateus apresenta Jesus em oposição ferrenha aos fariseus e mestres da lei (por exemplo, 5:20; 12:38; 21:15; 22:15; 23:2-36), de tal maneira que ele fala das “sinagogas deles” em relação a seus discípulos (por exemplo, 10:17; 13:54; 23:34). Uma história alternativa explicando a ressurreição de Jesus ainda circulava entre alguns judeus na época em que Mateus escreveu.

Ao mesmo tempo, observe o modo como Mateus também exibe claro interesse pela missão para com os gentios. Por exemplo, quatro mulheres – essencialmente, se não de tudo, gentias – estão incluídas na genealogia (Tamar, Raabe, Rute e a esposa de Urias [Bate-Seba]). A história propriamente dita começa na Galileia (Mateus 4:12-16), o que Mateus enxerga como cumprimento de Isaías 9:1-12 – o povo que vivia na escuridão, na Galileia dos gentios, viu uma grande luz –, e termina (Mateus 28:16-20) com uma ordem para que os apóstolos façam discípulos de todas as nações (= gentios).

Esse entrelaçamento de temas sugere que o evangelho foi escrito em uma época na qual igreja e sinagoga estavam separadas e em conflito sobre quem se achava sob a verdadeira sucessão das promessas do Antigo Testamento. A maneira de Mateus responder a essa questão é contando a história de Jesus, que “cumpre” todo tipo

de esperança e expectativa messiânica judaica: após o seu nascimento como “rei dos judeus” (2:2), ele é honrado (adorado) pelas figuras monárquicas do Oriente; em seu nascimento, em seu batismo e em sua transfiguração, ele é sinalizado como “Filho de Deus”; seu nascimento virginal cumpre Isaías 7:14, de que “Deus está conosco” (veja 12:6,41,42; 28:20); ele morre como “O REI DOS JUDEUS”, 27:37; e é reconhecido como “Filho de Deus” pelo centurião romano (27:54). Ao mesmo tempo, Mateus também reconhece Jesus como o servo sofredor de Isaías (20:28) e estende esse reconhecimento para abranger todo o seu ministério, incluindo suas curas (8:17) e a oposição (12:17-21).

Igualmente importante para Mateus é apresentar Jesus como o verdadeiro intérprete da Lei (5:17-48; 7:24-27), especialmente em relação aos fariseus e aos mestres da lei. Esses últimos transformaram a Lei em um jugo pesado (11:28) e amarraram fardos pesados nas costas das pessoas (23:4); Jesus, que, como Filho, conhece e revela o Pai (11:25-27), oferece um jugo suave e um fardo leve (11:28-30). Sua “lei” é misericórdia e graça (9:13; 12:7; 20:30,34; 23:23). Dos que experimentam tamanha misericórdia se espera que sejam também misericordiosos (18:21-35; veja 5:7). Jesus não veio para abolir a Lei e os profetas, mas para cumpri-los (5:17; 7:12) e para trazer a nova justiça do Reino de Deus, que vai infinitamente além dos ensinos dos fariseus (5:20). Ao mesmo tempo, Mateus mostra preocupação sobre alguns que profetizam dentro da comunidade da fé, mas não vivem de maneira obediente (7:15-23). Em seu evangelho, portanto, os doze discípulos desempenham o papel de aprendizes que devem servir de modelo de vida no Reino. Você vai querer observar essas características enquanto lê.

Assim, para Mateus, Jesus é o centro de tudo, e aqueles que o seguem não somente proclamam o Reino que virá – a chegada da misericórdia divina até os pecadores –, mas também se espera que vivam como Jesus (7:15-23). E, quando forem bem-sucedidos em

sua proclamação do Reino, em particular entre os gentios, deverão fazer discípulos entre eles, ensinando-os a observar o caminho de Jesus (28:19,20) tanto na vida individual quanto nas comunidades eclesiásticas (capítulo 18). Mateus quase certamente pretende que seu evangelho sirva de manual dessa instrução!

Uma caminhada por Mateus

1:1 a 2:23 – Prólogo: as origens divina e humana de Jesus

Aqui, você encontrará as famosas características da narrativa de Mateus sobre as origens de Jesus (a anunciação a José; a visita dos magos; a matança dos inocentes; a fuga para o Egito). Ao ler, observe quantas preocupações e quantos temas surgem. Sua genealogia explicitamente coloca Jesus na linhagem real (filho de Davi) e antevê a missão entre os gentios (filho de Abraão). Seu nascimento virginal cumpre a profecia e enfatiza suas origens divinas (pelo Espírito Santo, como “Deus conosco”). Observe especialmente como a narrativa do capítulo 2 coloca a adoração a Jesus por figuras da corte gentia no contexto de uma tentativa de execução pela realeza judaica.

3:1 a 4:11 – Apresentação de Jesus: seu batismo e a tentação

Jesus é apresentado a Israel por meio de um novo profeta, João Batista; João consente em batizá-lo (como poderia o Messias aceitar um batismo para arrependimento?). Jesus é imediatamente conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado quanto a quem é (Filho de Deus) e quanto ao motivo de estar ali (sua missão real e, ao mesmo tempo, de servo sofredor). Note como, em seu batismo e em sua tentação de quarenta dias, Jesus assume o papel de Israel (= através do mar Vermelho, seguido por quarenta dias no deserto) e frustra Satanás com passagens de Deuteronômio 6 e 8,

precisamente em pontos nos quais Israel fracassou no teste; desse modo, o Guerreiro Divino (agora humilde) vence o primeiro *round* contra o inimigo.

4:12 a 7:29 – A proclamação do Reino

A porção *narrativa* da parte 1 é bem curta: começando na Galileia dos gentios, Jesus reúne discípulos, proclama as boas-novas do Reino e cura os doentes (observe a natureza resumida de 4:23-25; as primeiras "histórias de milagres" propriamente ditas aparecem na próxima seção).

O *discurso* nesse caso é, de longe, o mais conhecido. No contexto de uma montanha (como Moisés no Sinai), a nova Torá (ensino da Lei) corresponde ao cuidadosamente estruturado Sermão do Monte, do qual você reconhecerá boa parte mesmo que nunca tenha lido Mateus. A coletânea enfatiza primeiro o ambiente "evangélico" do discurso (5:3-16; nove bem-aventuranças; afirmações do povo Deus como sal e luz).

O restante instrui os discípulos na nova justiça (a maneira de viver no Reino), colocando-a no contexto do "cumprimento" da Lei e dos profetas (5:17) e indo além da justiça dos fariseus e mestres da lei (tradicionalmente "escribas") em todos os aspectos – especialmente na vida ética em relação aos escribas (5:21-48) e às três tarefas religiosas dos fariseus, a saber, esmola, oração e jejum (6:1-18).

Na sequência, há admoestações sobre a confiança plena em Deus, o que torna a vida no Reino livre de ansiedade (6:19-34), sobre o tratamento justo aos outros (7:1-12) e sobre a obediência (7:13-27). Observe a conclusão em 7:28,29: "Quando Jesus acabou de dizer essas coisas [...]"

8:1 a 10:42 – O poder e a missão do Reino

A porção *narrativa* da parte 2 é dominada por oito histórias miraculosas (que, de fato, contêm nove milagres). Observe como essas histórias enfatizam o poder do Reino, começando com

misericórdia para com um leproso (8:1-4) e um gentio (8:5-13), incluindo triunfo sobre o mar bravio e sobre demônios. E, assim, o humilde Guerreiro Divino vence o segundo *round* contra Satanás. Também estão incluídas três narrativas curtas que, por sua vez, ilustram o custo do discipulado (8:18-22) e o princípio da oposição (9:9-17); perceba especialmente a citação de Oseias 6:6, “Desejo misericórdia, não sacrifícios” (Mateus 9:13), no contexto da oposição. Um resumo quase idêntico (9:35-38) para o que se lê em 4:23-25 estabelece o cenário para o segundo discurso.

O *discurso* nessa seção está no contexto do envio dos Doze por Jesus (10:1-14) – os trabalhadores enviados “para a sua colheita” (9:37,38). Mas, à medida que a coletânea de frases prossegue (começando com 10:17), você verá que elas falam principalmente à missão posterior da Igreja no mundo, em especial antevendo a dura recepção que aqueles que levam adiante a missão de Jesus vão experimentar nos dias por vir. Note como a declaração sucinta começa na próxima seção (11:1a).

11:1 a 13:52 – Questionamento e oposição a Jesus e ao Reino

Na parte *narrativa* dessa seção, observe a dura recepção que Jesus experimentou ao ser questionado e confrontado por “esta geração” (11:1-19; 12:1-14). Veja como essas duas narrativas ligam o juízo de Jesus sobre o Israel impenitente (11:20-24) e seu convite aos humildes, às “criancinhas”, oprimidos pelo fardo do farisaísmo (11:25-30). E note como Mateus inclui uma segunda vez a citação de Oseias 6:6: “Desejo misericórdia, não sacrifícios” (Mateus 12:7), novamente no contexto da oposição.

A oposição é vista como “cumprimento” no tocante a Jesus como o servo sofredor de Isaías (12:15-21; citando Isaías 42:1-4, o primeiro dos cânticos do servo). Seguem-se a isso outras duas narrativas de oposição (Mateus 12:22-45, o homem mais forte de Deus veio e amarrou o homem forte e está saqueando sua casa [o tema do

Guerreiro Divino novamente]; e 12:46-50, enfatizando o pobre humilde que segue a Jesus e faz a vontade de Deus).

Você reconhecerá que o *discurso* é composto de sete parábolas (13:1-52). Observe sua linha geralmente comum – instruindo os discípulos sobre a recepção contraditória do Reino no mundo, o que ficará evidente no fim, enquanto duas dessas parábolas (13:44-46) enfatizam o valor incomparável do Reino. De novo, perceba como a sentença de abertura da próxima seção serve para resumir esse discurso.

13:53 a 18:35 – Os opositores de Jesus e aqueles que o confessam

Ao ler a porção *narrativa* da parte 4 (13:53 a 17:27), note o modo como ela ainda ilustra temas precedentes (respostas variadas a Jesus no capítulo 13) e, ao mesmo tempo, ganha ímpeto na direção da semana final em Jerusalém.

Ela começa com a rejeição dos profetas de Deus (Jesus em sua cidade natal, 13:53-58; João Batista por Herodes, 14:1-12), seguida por duas obras poderosas (14:13-36). Mateus, então, estabelece a controvérsia com os fariseus (15:1-20) em contraste com a fé da mulher gentia (15:21-28).

Observe como um segundo milagre de alimentação (15:29-39) leva ao teste de Jesus pelos fariseus e saduceus (16:1-4), o que, por sua vez, leva Jesus a advertir seus discípulos contra o ensino desses grupos (16:5-12), tudo isso conduzindo ao momento culminante nos versículos 13-20, quando os discípulos confessam Jesus como o Messias. Isso, por sua vez, leva-os a saber o que virá – a morte de Jesus em Jerusalém (16:21-23) –, que, por conseguinte, resulta na instrução especial sobre discipulado (16:24-28), enquanto três deles veem a glória da ressurreição de Jesus por antecipação (17:1-13).

Outro triunfo sobre demônios serve de ensino sobre a fé (17:14-21), acompanhado por uma segunda predição da morte de Jesus (17:22,23) e pelo anúncio, por Jesus, de que seus seguidores estão isentos dos regulamentos do templo (17:24-27).

Note como, nessa seção, o *discurso* (capítulo 18) retoma o tema do discipulado da narrativa precedente, estando singularmente preocupado com relacionamentos dentro da comunidade da fé. Depois de estabelecer a natureza do discipulado (os "pequeninos" de Deus, os pobres humildes), Mateus inclui instruções – não fazer tropeçar os pequeninos (18:6-9), buscar os que vagueiam (18:10-14), lidar com o pecado de um contra o outro (18:15-20) e perdoar (18:21-35). De novo, observe como a primeira sentença da próxima seção conclui esse discurso.

19:1 a 25:46 – Jerusalém recebe seu Rei e o rejeita

Observe, aqui, como a porção *narrativa* dessa seção final (19:1 a 22:46) coloca Jesus primeiro na "região da Judeia" (19:1), então em Jerusalém (21:1), onde ele entra para os eventos da semana final. Você verá que as narrativas na primeira metade da sessão (capítulos 19 e 20) continuam os temas da oposição e do discipulado. Depois do contraponto à visão simplista dos fariseus sobre o divórcio (19:1-12), a natureza do discipulado, que se assemelha a crianças,[26] é reforçada em contraposição aos ricos, que acham difícil entrar no Reino (19:13-26).

Isso leva a mais instruções sobre o discipulado – os "últimos" serão os "primeiros" no Reino (19:27-30); eles são os indignos que recebem misericórdia, para a consternação dos que se consideram dignos (20:1-16). Embora os discípulos ainda não se mostrem plenamente de acordo, uma terceira predição de paixão (20:17-19) é seguida pelo desejo por posições de autoridade no Reino (20:20-24). Jesus responde assumindo o papel do servo sofredor (20:25-28), que eles devem imitar.

No caminho para Jerusalém, Jesus cura dois cegos (20:29-34; os olhos dos cegos são abertos, enquanto os que enxergam vão revelar-se cegos). Jesus se apresenta a Israel como seu Rei há muito aguardado (21:1-11, cumprindo Zacarias 9:9 e Salmos 118:25,26) e designa o templo como sendo seu (Mateus 21:12-17; veja Malaquias 3:1-4). Você verá que boa parte do restante dessa narrativa (Mateus 21:23 a 22:46) é uma série de "histórias de conflito" intercalada com parábolas, e elas, juntas, ilustram o choque contra a autoridade de Jesus, o que resultará em sua execução. Observe especialmente o papel que Salmos 118 e 110 desempenham nesses eventos.

O *discurso* a seguir é profético, primeiro anunciando juízo sobre os mestres da lei e fariseus (23:1-39); depois, Jesus deixa o templo ("Eis que a casa de vocês ficará deserta", em 23:38) e pronuncia juízo contra Jerusalém (24:1-28) à luz do próprio fim (23:29-35), conclamando zelo e serviço da parte de seus seguidores (24:36 a 25:46).

26:1 a 28:20 – O Rei é provado, crucificado e ressuscitado

Aqui está o clímax do evangelho – a rejeição final de Jesus em Jerusalém (26:1 a 27:66), incluindo seu julgamento, negação, crucificação, morte e sepultamento. Repare no interesse de Mateus em dois eventos, na morte de Jesus, que marcam o fim da velha aliança e o início da nova: (1) a cortina do templo rasgou-se; (2) alguns santos da era anterior foram trazidos à vida (27:51-53).

A conclusão, contudo, oferece esperança para o futuro: "Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito" (28:1-10). Depois de mencionar um relatório alternativo que circulava entre os judeus que se opunham à igreja de Mateus (28:11-15), o texto conclui com a comissão dos discípulos e a afirmação de que toda autoridade pertence ao Senhor ressurreto, que ainda está presente conosco até

a consumação dos séculos, enquanto continuamos a cumprir sua comissão (28:16-20).

Que maneira maravilhosa de começar a história de Deus no Novo Testamento – um povo salvo por Deus para o seu Nome, por meio da morte e da ressurreição de Jesus, e enviado ao mundo para levar suas boas-novas, fazendo discípulos de todas as nações e, assim, cumprindo a aliança de Abraão!

MARCOS

Dados de orientação para Marcos

- **Conteúdo:** a história de Jesus, de seu batismo à sua ressurreição, sendo cerca de dois terços sobre seu ministério na Galileia, enquanto o último terço narra sua última semana em Jerusalém.
- **Autor:** anônimo; atribuído (por Papias, aproximadamente 125 d.C.) a João Marcos, companheiro de Paulo por algum tempo (Colossenses 4:10) e, mais tarde, de Pedro (1Pedro 5:13).
- **Data:** próximo de 65 d.C. (segundo Papias, logo após as mortes de Paulo e Pedro em Roma).
- **Destinatário:** a igreja em Roma (de acordo com Papias), que responde pela preservação do texto, bem como dos evangelhos de Mateus e Lucas, ambos mais longos que o de Marcos.
- **Ênfases:** Jesus inaugura o tempo do governo de Deus (seu Reino); Jesus produz o novo êxodo prometido em Isaías; o Messias majestoso veio em fraqueza, e sua identidade é um segredo, exceto para aqueles a quem ele é revelado; o caminho do novo êxodo leva à morte de Jesus em Jerusalém; o caminho do discipulado é tomar uma cruz e segui-lo.

Visão geral de Marcos

Embora Marcos seja o mais antigo dos quatro Evangelhos (veja *Entendes*, p. 162-168), ele quase sempre costuma ser negligenciado, visto ser mais curto e ter muito menos ensino que os outros. Em certo nível, sua história é direta. Depois de um prólogo, que nos introduz às boas-novas sobre Jesus Cristo (1:1-15), a história se desenrola em quatro partes. Na parte 1 (1:16 a 3:6),

Jesus anuncia publicamente o Reino de Deus. Com ação rápida, ele chama discípulos, expulsa demônios, cura enfermos e anuncia que tudo isso tem a ver com a vinda do governo divino; ao fazê-lo, atrai admiração das multidões e oposição do *establishment*[27] religioso e político, o qual desde o início trama a sua morte.

A parte 2 (3:7 a 8:21) desenvolve o papel de três grupos importantes. Os milagres e ensinamentos de Jesus são fontes de constante admiração para as *multidões*; os *discípulos* recebem instrução particular (4:13,34) e se unem à proclamação (6:7-13), mas demoram a compreender (8:14-21; veja 6:52); a *oposição* continua a crescer (7:1-23; 8:11-13).

Na parte 3 (8:22 a 10:45), Jesus dirige sua atenção prioritariamente aos discípulos. Três vezes ele explica a natureza de sua realeza – e, portanto, do discipulado (8:34-38) –, enquanto trilha o caminho da cruz (como servo sofredor de Isaías; Marcos 10:45), e três vezes os discípulos perdem-se dele por completo.

A parte 4 (10:46 a 15:47) leva a história ao seu clímax. O Rei entra em Jerusalém, e as multidões enlouquecem de empolgação, mas, no fim, a oposição alcança êxito. Jesus é julgado, condenado e entregue aos romanos para ser executado em uma cruz – como “o rei dos judeus” (15:2).

Um breve epílogo (16:1-8) faz lembrar, aos leitores de Marcos, que “[Jesus] ressuscitou!”

Conselho específico para a leitura de Marcos

Era um tempo de matança em Roma. A Igreja experimentava o holocausto promovido por Nero, no qual muitos crentes haviam sido queimados vivos em festas nos jardins do imperador, e duas das figuras mais importantes da Igreja (Pedro e Paulo) haviam sido executadas. Logo depois, apareceu entre eles um pequeno livro (o

evangelho de Marcos), escrito para lembrá-los da natureza do messianismo de Jesus (como servo sofredor de Deus) e para encorajar o discipulado que carrega a cruz.

Marcos tem sido descrito como alguém que não consegue contar mal uma história. Em parte, isso se deve ao seu estilo vívido, que é, também, o que dá ao seu evangelho o senso de objetividade. Quase todas as sentenças começam com “e” (veja a versão ARC); em diversas vezes, ele começa com “imediatamente/logo”[28] (o que nem sempre se refere a tempo, mas à urgência do relato), e em outras várias com “de novo/novamente”.[29] Mas ele também inclui pequenos detalhes, como as palavras de Jesus em aramaico em seis ocasiões. Tudo isso reflete uma forma escrita de relato oral e a memória de uma testemunha ocular.

O lugar de destaque ocupado por Pedro no evangelho e o fato de que tanta coisa acontece na casa desse discípulo e ao redor dela, em Cafarnaum, sugerem que a tradição está correta – o evangelho, em parte, reflete a própria narrativa de Pedro sobre a história. Mas o papel de Pedro no evangelho é tudo, menos o de um herói. Aquele que instou outros a serem “humildes uns para com os outros”[30] (1Pedro 5:5) não esquece as próprias fraquezas enquanto segue a Jesus; você vai querer estar atento a essas características enquanto lê. Mas, ao final, depois de negar veementemente conhecer seu Senhor (Marcos 14:66-72), ele também lembra que o anjo disse às mulheres no sepulcro: “Vão e digam aos discípulos dele e *a Pedro*” (16:7, grifo nosso).

Mas, sendo breve e arrebatador, o evangelho de Marcos não é, de modo algum, simples. Na verdade, Marcos conta a história com profunda percepção teológica. Absolutamente crucial para a compreensão da leitura é observar de que modo ele apresenta Jesus como Messias. Três coisas emergem no início e seguem até o fim: (1) Jesus é o Messias majestoso, (2) Jesus é o servo sofredor de Deus e (3) Jesus mantém secreta sua identidade.

A narrativa de Marcos, assim, enfatiza o “segredo messiânico”, o “mistério do Reino de Deus”, a saber, que o Rei esperado sabia que estava destinado a sofrer em nome do povo. Os demônios, que o reconhecem, são silenciados (1:25,34; 3:11,12); as multidões a quem o Rei atende, cheio de compaixão, são orientadas a não contar a ninguém sobre seus milagres (1:44; 5:43; 7:36; 8:26); quando finalmente confessado por seus discípulos como Messias, ele os orienta a não divulgar isso a ninguém (8:30). O que ninguém espera é que o seu Rei Divino seja pregado numa cruz! Mas Jesus sabe o que o espera, e silencia todo fervor messiânico que visa a frustrar o plano divino que leva à cruz. Quando os discípulos são instruídos sobre o “mistério”, nem mesmo eles conseguem entendê-lo (8:27-33); são como o cego que teve de ser tocado duas vezes (8:22-26; no caso deles, pela ressurreição de Jesus).

Ao lembrar seus leitores, porém, da natureza do messianismo de Jesus, Marcos também nos lembra de que esse é o caminho do discipulado. Na verdade, a primeira instrução sobre discipulado (8:34), que chama a carregar a cruz, aparece somente depois da primeira revelação da morte de Jesus aos discípulos (8:31).

Marcos também usa o tema do Messias sofredor e majestoso de Deus para mostrar a conexão de Jesus com a história de Israel, especialmente o novo êxodo (agora há muito protelado) de Isaías. Os momentos-chave no primeiro êxodo são a libertação, a jornada no deserto e a chegada ao lugar onde o Senhor habita. Isaías (capítulos 35 e 40 a 55) anuncia o retorno do exílio babilônico como um novo êxodo. Observe como Marcos nos coloca em contato com esse tema em sua primeira frase: “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Conforme está escrito no profeta Isaías.” Jesus, então, assume o papel de Israel (por intermédio da água e da tentação no deserto). O tema segue presente o tempo todo. Marcos *cita* Isaías em pontos-chave (a dureza do coração dos opositores, “os que estão fora” [Marcos 4:10-12; 7:6; 9:48]; a inclusão dos gentios [11:17]). Ele ecoa Isaías de todas as maneiras: o ministério

de Jesus é expresso na linguagem de Isaías 53 (Marcos 10:45); a parábola dos lavradores (12:1-12) retoma a “canção da vinha” desse profeta (Isaías 5:1-7); o tema dos olhos que olham, mas não percebem, e dos ouvidos que ouvem, mas não entendem (Isaías 6:9,10). O Libertador há muito esperado agora chegou, mas, ao contrário das expectativas, veio para sofrer pelo povo a fim de liderá-lo do exílio à terra prometida final (Marcos 13).

Uma parte significativa do novo êxodo incluiu o ajuntamento das nações gentias. Uma vez que o evangelho de Marcos é escrito para pessoas que já são parte dessa missão, sua maneira de colocá-las na história de Jesus se relaciona a uma série de narrativas não galileias (gentias) em 6:53 a 9:29. Nesse contexto, ele insere o tema do lavar de mãos cerimonial, por exemplo, e comenta que Jesus com efeito aboliu as leis alimentares (7:19b). Além disso, a missão aos gentios retarda o abrir da última cortina da história (13:10), e, ao retomar a posse do templo como “Rei” de Israel (11:17), Jesus cita Isaías 56:7 (“A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos” [= gentios]).

Atentando a essas várias características enquanto lê, você estará entre os que reconhecem o evangelho de Marcos como um dos maiores tesouros da Bíblia.

Uma caminhada por Marcos

O PRÓLOGO – INTRODUÇÃO A JESUS E AO REINO (1:1-15)

Ao ler a curta introdução de Marcos, observe como todas as suas principais preocupações aparecem ali. As boas-novas sobre Jesus começam com o anúncio de que o novo êxodo de Isaías começou: “Preparem o caminho para o Senhor” (1:3), proclama João Batista – o novo Elias (Malaquias 4:5,6) –, que então apresenta Jesus a Israel. Jesus assume o papel de Israel no novo êxodo. Em seu batismo, uma voz do céu define o destino messiânico de Jesus nas

palavras de Salmos 2:7 (o rei davídico), Gênesis 22 (o Filho amado de Deus) e Isaías 42:1 (o servo sofredor de Deus). Depois de ser tentado no deserto, ele chega à Galileia anunciando as “boas-novas de Deus”: “O tempo é chegado” para que o Reino de Deus apareça, o qual conclama por fé e arrependimento.

PARTE I: O REINO TORNA-SE PÚBLICO – DISCÍPULOS, MULTIDÕES, OPOSIÇÃO (1:16 A 3:6)

1:16-45 – Os discípulos e as multidões

Note como Marcos começa a história com o chamado dos discípulos para que venham e sigam a Jesus (1:16-20), uma chave para boa parte do evangelho. Ainda assim, os discípulos estão no pano de fundo da maior parte dessa seção, visto que Marcos concentra-se antes nas multidões (1:21-45). Elas constituem os “maravilhados” por quem Jesus sente compaixão e no meio dos quais tem imensa popularidade (1:22,27,28,32,33,37,38,45) – tanto que, ao final da curta narrativa, Jesus não consegue “mais entrar publicamente em nenhuma cidade”. Note que Marcos dá conta de tudo isso com apenas três narrativas curtas!

2:1 a 3:6 – A oposição

Agora chega a oposição (2:1 a 3:6), apresentada em uma série de cinco narrativas. Atente para a pergunta “Por quê?” em cada uma das quatro primeiras, nas quais Marcos demonstra as *razões* para a oposição: 2:7 (blasfêmia = julgar-se igual a Deus); 2:16 (comer com pecadores); 2:18 (fracassar no cumprimento das regras); 2:24 (profanar o sábado). Note, ao fim (3:6), a consolidação da oposição – religiosa e política – com a primeira sugestão sobre a morte iminente de Jesus.

PARTE 2: O MISTÉRIO DO REINO – FÉ, ENGANO, CORAÇÕES DUROS (3:7 A 8:21)

3:7 a 4:34 – Apresentação do mistério do Reino

A trama se afunila. Observe como os três grupos são imediatamente trazidos de volta à cena (multidões, 3:7-12; discípulos, 3:13-19; oposição, 3:20-30; mesmo a família de Jesus se apresenta misturada, 3:31-34). Os discípulos são agora "nomeados" como os Doze (representando os remanescentes de Israel), e seu papel é consideravelmente reforçado.

Em 4:1-34, Marcos usa o ensino de Jesus por parábolas para introduzir o mistério do Reino, que será revelado a eles (os de dentro). A oposição (os "de fora"), no seu fracasso em ouvir com os próprios ouvidos (4:9), cumpre a profecia de Isaías (Isaías 6:9,10; veja sua repreensão severa a pessoas que se tornam como seus ídolos, que não podem ouvir [Isaías 42:18,20]), mas, à medida que a história prossegue, os discípulos se saem um pouco melhor.

4:35 a 6:6a – O Reino presente em poder: a cegueira do mundo

A seguir, você encontra uma série de feitos poderosos (4:35 a 5:43). Jesus demonstra seu poder sobre mar, demônios, morte e impureza (uma mulher "intocável" [veja Levítico 15:25-27] toca Jesus e é curada, sendo ela, desse modo, restaurada à vida em comunidade). Note a ênfase à *fé*: aqueles a quem o mistério está sendo revelado carecem de fé (Marcos 4:40); as pessoas em frente ao mar querem que Jesus vá embora (5:17); a fé da mulher a restaura (5:34); o líder da sinagoga é encorajado a ter fé (5:36); a terra natal de Jesus carece de fé (6:6a). Admiração e espanto vêm fácil; a verdadeira fé não.

6:6b a 8:21 – O Reino se estende aos gentios: a cegueira dos discípulos

Observe duas coisas nessa seção: (1) o papel dos discípulos e (2) o ministério de Jesus entre os gentios. Ela começa com os Doze

unindo-se ao ministério de Jesus – com tamanho sucesso, que Herodes ouve a respeito (6:6b-30). Mas note como as duas histórias "de alimentação" (6:31-44; 8:1-10) são seguidas pelo tema do "coração endurecido" (6:45-52; 8:11,12).

Entre essas histórias (6:53 a 7:37), Jesus ministra entre os gentios, que demonstram fé (7:24-30) e assombro (7:31-37). Significativamente, Marcos coloca também os fariseus na cena, à medida que Jesus elimina as leis alimentares ao pronunciar que todas as coisas são puras (7:1-23).

A narrativa do "coração endurecido" ao final da seção (8:11-21), é especialmente importante para a narrativa de Marcos. Os fariseus "testam" Jesus pedindo-lhe "um sinal do céu"; eles estão procurando por um Messias de poder mundano. Quando os discípulos não conseguem entender a advertência de Jesus sobre os fariseus, observe como as perguntas dele refletem Isaías 6:9,10 (veja Marcos 4:9-12): "Vocês têm olhos, mas não veem? Têm ouvidos, mas não ouvem?" (8:18).

PARTE 3: O MISTÉRIO REVELADO – A CRUZ E O CAMINHO DO DISCIPULADO (8:22 A 10:45)

É quase impossível não ver a característica central dessa seção, que enquadra o todo, a saber, as três predições de paixão e a dureza de coração dos discípulos. Desse modo, as multidões e a oposição recuam para o pano de fundo, enquanto Jesus, a caminho de Jerusalém, dedica-se primariamente a instruir os discípulos.

8:22 a 9:29 – A primeira predição da paixão e seu resultado

Observe como a narrativa do cego tocado duas vezes (8:22-26) serve para transpor a "cegueira" dos discípulos (8:17-21) e seu "primeiro toque" em Cesareia de Filipe (8:27-30). Mas eles claramente precisam de um segundo toque. Pedro dá a resposta certa: Jesus é o Messias. Quando informado, porém, de que o

Messias deve morrer, ele é tomado pelo “fermento dos fariseus” e rejeita veementemente essa ideia louca (8:31-33).

Note duas coisas no ensino crucial sobre discipulado que vem a seguir (8:34 a 9:1): (1) essa é a primeira instrução sobre discipulado no evangelho (apresentada somente depois que a natureza da missão messiânica de Jesus é revelada); e (2) aqui as multidões são (significativamente) incluídas.

A transfiguração (9:2-13), com a afirmação do Filho como aquele a ser ouvido, é a resposta divina ao sofrimento de Jesus antes que aconteça; veja como a Lei (Moisés) e os profetas (Elias) são testemunhas. Mas esse evento também se estabelece em contraste com a contínua dureza de coração por parte dos discípulos (Pedro na montanha, e o restante deles com o menino possuído por um demônio, em 9:14-29).

9:30 a 10:31 – A segunda predição da paixão e seu resultado

Note, agora, como a segunda predição da morte de Jesus é seguida de disputa entre os discípulos sobre quem é o maior (9:33,34). Jesus responde apontando para a natureza do discipulado – servir e ser como criança (9:35-37). Observe como esse tema é imediatamente retomado nas instruções que vêm a seguir – acolher os pequeninos de Jesus e não levá-los a pecar (9:38-50). Quando Marcos retorna a isso, em 10:13-16, coloca-o em contraste com os ricos (10:17-31), para os quais é difícil “entrar no Reino de Deus” – um choque óbvio para os discípulos, que supõem que os ricos têm a bênção divina.

10:32-45 – A terceira predição da paixão e seu resultado

Mais uma vez, porém brevemente nesse caso, Marcos aponta para a dureza de coração dos discípulos. Note que, agora, ela é colocada no contexto dos discípulos “subindo para Jerusalém”. Assim,

enquanto Jesus vai em direção à morte como servo sofredor de Deus (10:45), os discípulos cobiçam posições de autoridade!

PARTE 4: O REI CHEGA A JERUSALÉM PARA MORRER (10:46 A 15:47)

Nessa seção, você verá a oposição religiosa vir à tona, enquanto os discípulos e as multidões desempenham somente papéis de apoio.

10:46 a 13:27 – O Rei chega a Jerusalém: a casa está dividida

Note como a história de Bartimeu (10:46-52) serve de ponte para essa seção – um cego, que "enxerga" Jesus como "o Filho de Davi", recebe a visão, enquanto os que enxergam e não reconhecem o Filho de Davi (12:35-40) permanecem cegos. Você talvez queira conferir como essa narrativa e as próximas duas (entrada triunfal e purificação/juízo do templo) ecoam a chegada de Deus a Israel em Isaías 35.

Desse modo, com três ações proféticas simbólicas – a entrada triunfal, a maldição da figueira e a purificação do templo –, Jesus se apresenta a Israel como seu Rei há muito aguardado. O Senhor a quem buscam chega de repente ao seu templo – mas em juízo (veja Malaquias 3:1). Na sequência, vem uma série de seis histórias de conflito entre Jesus e as autoridades religiosas (Marcos 11:27 a 12:40), na qual a viúva com suas duas pequenas moedas ganha destaque (12:41-44).

Os discípulos reaparecem no capítulo 13 para ouvir o anúncio do juízo divino sobre Jerusalém (13:14-23) no contexto do juízo final e da salvação (13:24-27), com ênfase à vigilância dos discípulos.

14:1 a 15:47 – O Rei é crucificado

Finalmente, a história alcança seu clímax terrível/maravilhoso. O Rei é ungido para o sepultamento (14:1-11) e tem uma última refeição com seus discípulos, que recebem a garantia de que comerão e

beberão de novo com ele no Reino vindouro (14:12-26) – e isso no contexto da negação de Jesus pelos discípulos (14:27-31,66-72). Ele é, então, levado para ser humilhado pela oposição religiosa, enquanto cospem no Messias (14:32-65) antes de entregá-lo a Roma para ser executado por meio de crucificação (15:1-41) como "o rei dos judeus". O que Pilatos esperava ser uma advertência – isso é o que acontece a pretendentes messiânicos – Marcos enxerga como a verdade suprema sobre Jesus como Messias e Rei. Jesus é sepultado sob os olhos atentos de algumas mulheres que serão as primeiras a ouvir as boas-novas de sua ressurreição.

EPÍLOGO: A HISTÓRIA NÃO ACABOU (16:1-8)

O epílogo permanece um mistério. Jesus ressuscitou (mas sem aparições registradas); a história obviamente continua, mas a palavra final é medo. Teria Marcos escrito algo mais, porventura perdido (veja os dois finais posteriores na NVI)?[31] Ou ele pretendia que seus leitores mudassem de "medo" para "espanto" e seguissem Jesus pelo caminho que leva à cruz e à ressurreição? Talvez nunca saibamos, mas esse último aspecto é, certamente, o que ele deseja que seu evangelho, como um todo, faça.

Essa excelente narrativa da história de Jesus como cumprimento da história de Israel é crucial para a compreensão das ênfases de

boa parte do restante do Novo Testamento, especialmente as cartas de Paulo, as cartas aos Hebreus e 1Pedro. Como apresenta Paulo em 1Coríntios 1:18-25, na fraqueza e na loucura de um Messias crucificado, Deus tem demonstrado seu poder e sua sabedoria para operar salvação no mundo.

LUCAS

Dados de orientação para Lucas

- **Conteúdo:** a história de Jesus como parte 1 de Lucas-Atos, que é o relato da salvação de "Israel" trazida por Cristo e pelo Espírito; a parte 1 começa com o anúncio do nascimento de Jesus pelo Espírito e continua até sua ascensão.
- **Autor:** de acordo com a tradição primitiva, Lucas, o médico, que foi por um tempo companheiro do apóstolo Paulo (veja Colossenses 4:14), o único autor gentio na Bíblia.
- **Data:** incerta; estudiosos se dividem entre uma data antes da morte de Paulo (aproximadamente 64 d.C.; veja Atos 28:30,31) e uma após a queda de Jerusalém (70 d.C., em razão do uso do evangelho de Marcos).
- **Destinatário(s):** Teófilo é desconhecido; de acordo com os prefácios na literatura greco-romana, ele foi o patrono de Lucas-Atos, desse modo subscrevendo sua publicação; os leitores implícitos são cristãos gentios, cujo lugar na história divina está assegurado por meio da obra de Jesus Cristo e do Espírito.
- **Ênfases:** o Messias de Deus veio para o seu povo, Israel, com a inclusão prometida dos gentios; Jesus veio para salvar os perdidos, incluindo todo tipo de pessoa marginalizada que a religião tradicional colocaria de lado; o ministério de Jesus é realizado sob o poder do Espírito Santo; a necessidade da morte e da ressurreição de Jesus (que cumpriu as promessas do Antigo Testamento) para o perdão dos pecados.

Visão geral de Lucas

Se Marcos é um dos que não conseguem contar mal uma história, Lucas é aquele que pode contá-la com perfeição. Sua visão é abrangente: a história de Jesus, agora colocada no contexto da história do mundo (Lucas 2:1; 3:1,2), inclui o ministério contínuo do Espírito também na igreja. Desse modo, você precisa ler a parte 1 em conexão com a parte 2, como o próprio Lucas pretendia, e não apenas no contexto dos outros três evangelhos (assim, vamos guiá-lo por Atos no próximo capítulo, fora da ordem canônica). A história de Lucas está dividida em duas partes principais: (1) de que modo as boas-novas da salvação divina para todas as pessoas tiveram início, pelo poder do Espírito, com Jesus na Galileia e em Jerusalém (evangelho de Lucas), e (2) de que modo as boas-novas da salvação divina por meio de Jesus foram, pelo poder do Espírito, levadas pelos apóstolos de Jerusalém a Roma (Atos).

Os capítulos 1 e 2 de Lucas introduzem a história e antecipam todos os seus temas e suas preocupações principais – os vínculos com as promessas do Antigo Testamento; o papel real davídico de Jesus; a restauração de Israel; a inclusão dos gentios; o interesse divino pelos pobres; o papel do Espírito Santo; a oposição antecipada; a alegria causada pelas boas-novas a respeito de Jesus.

Em 3:1 a 4:13, os ministérios de João e de Jesus estão ligados, conforme antecipado no capítulo 1. Jesus é apresentado a Israel por meio de seu batismo e de sua tentação; ele é também ligado à missão entre os gentios por meio de uma genealogia que o leva de volta a Adão, passando por Abraão.

O restante do evangelho se divide em três partes, que se iniciam com anotações geográficas. Em 4:14 a 9:50, Jesus ensina e cura na Galileia. A narrativa introdutória de um sábado em Nazaré (4:16-30) serve de protótipo para o restante da história – cumprimento das promessas do Antigo Testamento; descida do Espírito sobre o

Messias; boas-novas aos pobres; inclusão dos gentios; rejeição por alguns de Israel.

Em 9:51, Jesus “partiu resolutamente em direção a Jerusalém”, onde só chega em 19:45. Embora regularmente retratado, nessa longa seção, como a caminho de Jerusalém (10:38; 13:22; 17:11; 18:31), Jesus ainda reúne discípulos ao seu redor, desafia todos com seus ensinos, rejeita a compreensão farisaica de Deus e, por sua vez, acaba rejeitado pelas autoridades religiosas e políticas.

Finalmente em Jerusalém (19:45 a 24:53), Jesus é rejeitado pelos líderes judeus e crucificado. Mas a crucificação e a ressurreição ocorreram por necessidade divina – evidência da fidelidade de Deus ao seu povo. Desse modo, a parte 1 termina com a ascensão e com uma nota de alegria; os discípulos ficam no templo, aguardando a parte 2.

Conselho específico para a leitura de Lucas

A preocupação principal de Lucas (em ambas as partes) é com a história da salvação – a salvação divina de “Israel”, com a prometida inclusão dos gentios. Salvação, para Lucas, significa aceitação e perdão divinos de pecadores; retomando um tema do Antigo Testamento, a salvação é especialmente expressa como “boas-novas aos pobres” (4:18; 7:22; veja 1:51-53) – todos os que foram marginalizados pela sociedade em geral e, especialmente, pelos formadores de opinião religiosos. Eles são os “perdidos” (19:10), incluídos os ricos cobradores de impostos (19:1-9), “os [economicamente] pobres, os aleijados, os mancos, os cegos” (14:13; veja 16:19-31), um samaritano (17:11-19; veja 10:25-37) e as mulheres (7:36-50; 8:2,3; 10:38-42; veja as três mulheres nos capítulos 1 e 2). Esteja atento a eles durante a leitura. A lista também inclui os gentios, mas essa dimensão da história está reservada para Atos. Desse modo, na parte 1, a universalização da

salvação é vertical, abrangendo todas as camadas sociais em Israel; na parte 2, ela é horizontal, concentrando-se especialmente nos gentios e na marcha do evangelho de Jerusalém até Roma.

Assim, no evangelho de Lucas, Jesus vem como o Messias e Rei de Israel (o anúncio à Maria [1:32,33] está repleto da linguagem da aliança davídica de 2Samuel 7:14,16) e como aquele que “ajudou a seu servo Israel, lembrando-se da sua misericórdia para com Abraão e seus descendentes para sempre” (Lucas 1:54,55; veja 1:68-75; 2:30-32). Lucas começa a parte 2 com a pergunta dos discípulos: “Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?” (Atos 1:6).

É nesse contexto que o templo (Sião) desempenha um papel significativo em Lucas-Atos. Não somente o Messias é apresentado – e reconhecido – no templo (Lucas 2:21-38), como também a única narrativa da infância de Jesus nos Evangelhos (2:41-52) coloca-o nos átrios do templo discutindo com os mestres. Isso antecipa seu retorno ao templo para ensinar, em 20:1 a 21:38, depois de o haver “purificado” (19:45-48). Acertadamente, o derramamento do Espírito Santo e a primeira proclamação do evangelho acontecem no templo, em Atos 2 a 6. Mas o Deus que, desse modo, retornou ao seu templo terreno também anunciou sua destruição iminente (Lucas 21:20-24); nessa nova era de salvação, Deus não mais habita em templo feito por mãos humanas (Atos 7:48-50). E isso leva ao outro lado da história – muitos em Israel, em particular os “religiosos” e seus líderes, rejeitam Jesus, cumprindo, assim, a profecia de Simeão (Lucas 2:34): “Este menino está destinado a causar a queda e o soerguimento de muitos em Israel, e a ser um sinal de contradição.” Isso se inicia na narrativa programática em 4:16-30 e continua por todo o evangelho, tendo seu clímax ao final, com a rejeição de Jesus pelos líderes judaicos em Jerusalém. Também se torna um tema importante em Atos.

A esse respeito, observe principalmente o papel significativo que os livros de Isaías e Salmos desempenham na apresentação de Lucas. A preocupação de Isaías com as nações, no contexto da rejeição dos judeus, emoldura o todo de Lucas-Atos, começando com o eco de Simeão, de Isaías 49:6 (Lucas 2:32), seguido pela própria citação de Lucas, de Isaías 40:3-5, referente a João Batista (Lucas 3:4-6: “E toda a humanidade verá a salvação de Deus”), e, finalmente, pela citação de Jesus, de Isaías 61:1,2, ao começar seu ministério público (Lucas 4:18,19).

Ao final (Atos 28:26,27), a rejeição da diáspora judaica a Jesus, em Roma, é vista como o cumprimento de Isaías 6:9,10 (veja a citação de Isaías 49:6 no importante discurso de Paulo, em Atos 13:47). Ao mesmo tempo, o servo sofredor de Isaías é a chave para a compreensão do ministério terreno de Jesus (Lucas 22:37; Atos 8:32,33; veja Marcos), enquanto sua vinda ao templo, como Rei de Israel por direito, e sua presente exaltação como Senhor são vistas à luz de Salmos 2, 118 e 110 (veja Lucas 20:17,42,43; Atos 2:34,35; 4:11,25,26; veja 7:56; consulte Hebreus).

Embora a salvação venha por meio de Jesus, Lucas especialmente enfatiza o papel desempenhado pelo Espírito Santo. Você observará como o Espírito predomina nos eventos dos capítulos 1 e 2 do evangelho de Lucas, bem como no ministério do próprio Jesus. Tudo o que diz respeito à preparação de Jesus (3:1 a 4:11) é guiado pelo Espírito. Seu ministério começa com a citação de Isaías 61:1: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu” (4:18). A intenção de Lucas, de que seus leitores mentalmente considerem a expressão “pelo Espírito” durante a leitura de toda a narrativa sobre o ministério terreno de Jesus, fica clara na voz de Pedro, em Atos 10:38: “Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, e como ele andou por toda parte fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo Diabo, porque Deus estava com ele.” Esse tema está presente em todo o livro de Atos.

Note também a ênfase, em todo o evangelho, à oração e à alegria. O próprio Jesus ora em todos os pontos principais da história, e Lucas inclui mais *ensino* sobre a oração do que todos os outros Evangelhos. Além disso, a salvação como “boas-novas aos pobres” leva as pessoas a glorificar regularmente a Deus com grande alegria. Aqui está um gentio que é profundamente grato por ser incluído na salvação divina de seu povo Israel.

Uma caminhada por Lucas

A HISTÓRIA COMEÇA (1:1 A 4:13)

1:1-4 – O prólogo

O prefácio de Lucas segue uma convenção literária bem conhecida, na qual um autor descreve a *razão* para sua narrativa, normalmente à luz do que outros têm feito e quase sempre abordando seu patrono como alguém a ser honrado. O próprio Lucas ouviu, de alguns que foram testemunhas oculares (incluindo Maria? Veja 2:51), dos eventos sobre Jesus; ele também conhecia narrativas anteriores (Marcos foi uma delas, que ele usou para escrever sua própria narrativa).

1:5 a 2:52 – O anúncio e o nascimento de Jesus, o Messias

Quatro coisas são importantes de observar aqui: (1) Lucas deliberadamente vincula a história de Jesus a Israel; por exemplo, a história de Isabel e de João ecoa a de Ana (1Samuel 1 e 2), mãe de Samuel – o profeta que ungiu Davi; o nascimento do Messias é anunciado a Maria na linguagem da aliança davídica (2Samuel 7:14,16); Maria irrompe em uma canção que ecoa o Saltério, como faz o pai de João, Zacarias, no nascimento de João. Deus está por fim “lembrando-se da sua misericórdia para com Abraão e seus descendentes para sempre, como dissera aos nossos antepassados” (Lucas 1:54,55), para promover “poderosa salvação

para nós, na linhagem do seu servo Davi" (1:69). A narrativa se conclui (2:52) com palavras que ecoam o crescimento do jovem Samuel (1Samuel 2:26).

(2) Todas as pessoas envolvidas estão entre os pobres de Israel. Desse modo (no capítulo 2), Jesus nasce em uma manjedoura porque não havia nenhuma hospedaria; seu nascimento é anunciado a pastores humildes; na "purificação" de Jesus e Maria, seus pais oferecem o sacrifício dos mais pobres entre todos os pobres; uma viúva profetiza sobre Jesus. (3) A bênção e a profecia de Simeão são especialmente programáticas: Jesus será a glória de Israel, trará salvação às nações e vai "causar a queda e o soerguimento de muitos em Israel". (4) Lucas especialmente enfatiza a humanidade de Jesus (veja 2:52); o elemento miraculoso é regularmente atribuído à obra do Espírito. Toda a história se desenvolve nesse modelo.

3:1 a 4:13 – A preparação de Jesus para o ministério

Já vinculado a Jesus no capítulo 1, João Batista entra em cena anunciando o novo êxodo. Mas João não é o Messias; antes, aponta às pessoas a vinda do Messias (e seu batismo com o Espírito Santo e fogo). Jesus é batizado e ungido pelo Espírito. Após uma genealogia (que conecta Jesus a Adão), o Espírito leva-o ao deserto para ser tentado (como foi Israel, depois de seu "batismo" através do mar Vermelho). E, então, Jesus está preparado para seu ministério público.

O MINISTÉRIO DE JESUS NA GALILEIA (4:14 A 9:50)

Na primeira seção principal de seu evangelho, Lucas junta uma série de narrativas curtas que ilustram o ministério poderoso de Jesus em favor dos pobres e cativos; também estão incluídas várias ilustrações de seus ensinos, enfatizando-se a escuta à Palavra de Deus e colocando-a em prática (8:21). Você verá como Lucas

sustenta a narrativa ao usar resumos curtos e repetidos que ajudam a manter o leitor concentrado na grandeza de Jesus e na proclamação que ele faz do Reino (4:14,15,44; 5:15; 7:17; 8:1-3). Também descrito na narrativa, mas não em papel de destaque, está o princípio da oposição (5:17-21, 30; 6:7; 7:31-35,44-49).

4:14-44 – Boas-novas para Nazaré e Cafarnaum

Após um resumo introdutório (4:14,15), Lucas usa a visita de Jesus à sinagoga em sua cidade natal, Nazaré, para introduzir todo o seu ministério (4:16-30): cumprindo as promessas do Antigo Testamento; habilitado pelo Espírito; com boas-novas para os pobres, incluindo a libertação dos cativos; justificado por duas histórias do Antigo Testamento sobre inclusão dos gentios, o que resulta em oposição. Note especialmente que a oposição é o resultado da lembrança de Jesus a alguns judeus sobre a inclusão prévia dos gentios por Deus (antecipando, assim, a história descrita em Atos).

Depois disso, duas narrativas curtas ilustram o ministério poderoso de Jesus em favor dos pobres e cativos. Desse modo, ao expulsar demônios e curar os enfermos (4:31-44), Jesus, o Guerreiro Divino (humilde), engaja Satanás na guerra santa no suposto território do próprio Maligno (veja 4:6; 10:18).

5:1 a 6:11 – Missão e controvérsia

Depois de Jesus chamar seus primeiros discípulos (5:1-11), a cura de um leproso faz sua fama espalhar-se (5:12-16). Isso também estabelece uma série de histórias de conflito – sobre o direito de Jesus de perdoar pecados (5:17-26), sobre o seu hábito de comer com pecadores (5:27-32), sobre a inobservância do jejum por parte de seus discípulos (5:33-39) e sobre a transgressão de Jesus às tradicionais regras relacionadas ao sábado (6:1-11).

6:12-49 – Jesus instrui seus discípulos e outros

Jesus agora nomeia os Doze (Israel novamente!), a quem instrui (6:20), na presença de outros (6:17-19), sobre a natureza do discipulado. Note a ênfase – aos pobres e humildes, que são perseguidos por causa de Jesus; ao amor e ao não julgamento; e, por fim, à obediência.

7:1-50 – Boas-novas aos pobres

Mais uma vez Jesus mostra compaixão pelos pobres, nesse caso um gentio (7:1-10), uma viúva (7:11-17) e uma prostituta da cidade (7:36-50). Observe que a segunda história conclui com a exclamação de que "um grande profeta se levantou entre nós" (7:16), o que, então, leva à narrativa sobre Jesus e João Batista (7:18-35). Note, além disso, como a rejeição de João pelos fariseus (7:30) leva à história final desse trecho, em que uma visão dos fariseus emerge, aprofundando-se na próxima seção.

8:1-56 – Escuta autêntica, medo e fé

Lucas agora apresenta Jesus como um mestre das parábolas, com o objetivo de enfatizar a escuta autêntica (do tipo que leva à obediência; 8:1-21). Seguem-se a isso três histórias de milagres (de fato, com quatro milagres), demonstrando o poder de Jesus sobre a Criação, os demônios, a morte e a impureza (veja os comentários sobre Levítico 11:1 a 16:34; p. 47). Observe também como a primeira e a última dessas histórias retomam os temas do *medo* e da *fé*.

9:1-50 – A identidade de Jesus e o discipulado autêntico

Note o papel significativo desempenhado pelos Doze nessa série final de narrativas, começando com Jesus enviando-os para o ministério (9:1-9). A seção maior, então, conclui com a confissão de Pedro, as primeiras duas predições sobre a morte de Jesus (9:18-27; 9:43b-50) e a transfiguração (9:28-36), quando Jesus conversa

com Moisés e Elias sobre o “êxodo” (9:30,31) que está prestes a promover em Jerusalém.

A CAMINHO DE JERUSALÉM (9:51 A 19:44)

Ao ler essa longa narrativa de viagem, você descobrirá que, embora o relato como um todo se passe “no caminho para Jerusalém”, esse tópico é frequentemente deixado de lado (entre outras coisas, a missão dos 72 e os eventos de dois diferentes sábados estão incluídos). Lucas provavelmente espera que leiamos essa seção à luz dos eventos já preditos, os quais em breve ocorrerão em Jerusalém. Também observe vários temas anteriores: (1) a chegada da salvação a todas as pessoas, em especial aos pobres e aos perdidos; (2) confronto regular e às vezes ríspido entre Jesus e os líderes judaicos; (3) o tema intimamente ligado da ida de Jesus a Jerusalém para que sofra e seja morto; e (4) a formação dos discípulos, preparando-os em especial para o tempo após a sua partida.

9:51 a 11:13 – Discipulado: ouvir e praticar a Palavra

Note quanto desse material está voltado para a instrução dos discípulos. A atitude deles para com a oposição samaritana (9:51-55) é finalmente questionada pela parábola de Jesus, em 10:25-37, cujo ponto é derrubar a pergunta “E quem é o meu próximo?” Entre esses trechos se encontram “o preço a pagar do discipulado” (9:57-62) e a missão dos 72 (10:1-24). Chega, então, a história de como alguém verdadeiramente recebe a Jesus (10:38-42, “ouvindo a sua [de Jesus] palavra”), bem como instruções sobre oração (11:1-13).

11:14-54 – Oposição a Jesus

Nas próximas narrativas, a autoridade de Jesus é questionada primeiro por alguns nas multidões, sobre seu ato de expulsar demônios, exigindo-se dele, então, um sinal (11:15,16), e a isso Jesus responde nos versículos 17-32; segundo pelos fariseus

(11:37-38), e a isso Jesus responde com uma série de ais sobre esses homens e seus mestres (11:39-54).

12:1 a 13:9 – Discipulado e prontidão

Note as duas ênfases nessa série de materiais: (1) não correr atrás de riquezas, mas estar contente com o que se tem e demonstrar generosidade para com os pobres; (2) vigilância à luz da crise escatológica vindoura.

13:10 a 17:10 – Jesus na oposição ao farisaísmo

Você verá que essa próxima série começa com uma controvérsia entre Jesus e os fariseus por sua demonstração de compaixão no sábado (13:10-17). Depois de duas parábolas relativas ao Reino de Deus (13:18-21), ele responde à pergunta sobre quem será salvo, sugerindo implicitamente que muitos não o serão (13:22-30), o que, por sua vez, leva à sua tristeza por Jerusalém (13:31-35). Em seguida, note dois temas recorrentes no conflito de Jesus com os fariseus – (1) a atitude deles para com os pobres e os perdidos, e (2) a atitude deles em relação ao dinheiro (14:1 a 16:31). Observe que a parábola do filho pródigo,[32] muito querida, indica que o que está em jogo entre Jesus e os fariseus são suas visões opostas de Deus (não um senhor de escravos [15:29], mas um Pai misericordioso e que perdoa). A seção conclui com mais instruções aos discípulos sobre perdão e serviço fiel (17:1-10).

17:11 a 19:27 – Resposta à presença do Reino

Observe como essa série final começa com o lembrete de que Jesus está “a caminho de Jerusalém”. Em questão está a resposta apropriada à presença do Reino – gratidão (17:11-19, envolvendo um samaritano novamente); fidelidade (17:20 a 18:8); humildade (18:9-17); e o problema da riqueza (18:18-30). Após a terceira predição de sua morte iminente (18:31-34), Jesus cura um cego e encontra um homem perdido em Jericó (18:35 a 19:10). A parábola

final (19:11-27) é especialmente destinada a preparar os discípulos para sua ausência.

OS EVENTOS DO FIM (E O NOVO COMEÇO) EM JERUSALÉM (19:45 A 24:53)

19:45 a 21:38 – Jesus ensina no templo

Conforme antecipado nos capítulos 1 e 2, Jesus retorna ao templo. Depois de expulsar os cambistas, ele toma seu lugar de direito como mestre no templo, evento que se dá no contexto dos líderes religiosos que tramam matá-lo (19:47). Note como toda essa seção retrata o conflito entre Jesus e a oposição no contexto do templo, enquanto “o povo” (19:48) faz o papel dos aprendizes que estão do lado de Deus. Observe também como a parábola dos lavradores na vinha (20:9-19) deixa claro que a vinha (veja Isaías 5:1-7) está prestes a ser dada a outros (gentios).

22:1 a 23:56 – O julgamento e a morte de Jesus

Tendo conduzido a narrativa a esse ponto, Lucas agora reconta os eventos em torno da morte de Jesus. Ele é levado diante de três tribunais diferentes (o Sinédrio judaico, Herodes e Pilatos); note que, diante das figuras políticas, Jesus é declarado inocente de qualquer delito (23:4,13,15). Por causa da plateia gentia, que sabe que os romanos reservavam a crucificação para escravos ou para não cidadãos insurgentes, Lucas certifica-se de observar que o próprio Jesus “nada fez que mereça a morte” (23:15). Mesmo em sua crucificação, Jesus estende salvação a um dos “perdidos” (23:39-43), que também afirma a inocência de Jesus.

24:1-53 – A justificação e a exaltação de Jesus

Lucas tem a mais longa narrativa sobre a ressurreição entre os quatro Evangelhos. Reconhecido no partir do pão, Jesus repetidamente interpreta sua morte em termos da divina necessidade de tal episódio e do seu cumprimento profético: Cristo

deve sofrer e ressuscitar dentre os mortos, e “o arrependimento para perdão de pecados” deve ser pregado “a todas as nações, começando por Jerusalém” (Lucas 24:47), apontando para a parte 2 (Atos). Note que o evangelho de Lucas se encerra no templo com alegria e expectativa.

O evangelho de Lucas é um dos grandes tesouros da história bíblica, enfatizando o cumprimento das promessas divinas a Israel – “o ano da graça do Senhor” (Lucas 4:19) havia chegado com o ministério compassivo de Jesus, em prol da libertação dos pobres e desamparados.

JOÃO

Dados de orientação para João

- **Conteúdo:** a história de Jesus, Messias e Filho de Deus, contada do ponto de vista de percepções pós-ressurreição; em sua encarnação, Jesus tornou Deus conhecido e colocou sua vida à disposição de todos por meio da cruz.
- **Autor:** o discípulo amado que "registrou [essas coisas]" (21:24; veja 13:23; 19:25-27; 20:2; 21:7) muito provavelmente é João, o apóstolo, filho de Zebedeu (por sua vez, não mencionado nesse evangelho); o "sabemos" de 21:24 sugere que outra pessoa é responsável pelo evangelho em sua versão final.
- **Data:** desconhecida; provavelmente perto de 90-95 d.C.
- **Destinatário(s):** veja 1João, com o qual esse evangelho está intimamente relacionado.
- **Ênfases:** Jesus é o Messias, o Filho de Deus; em sua encarnação e crucificação, ele revelou o amor de Deus e redimiu a humanidade; discipulado significa "permanecer na videira" (Jesus) e dar fruto (amar como ele amou); o Espírito Santo será dado ao povo de Cristo para continuação de sua obra.

Visão geral de João

O evangelho de João é um dos grandes tesouros da fé cristã. Contando a história sob uma perspectiva que considera, intencionalmente, o período pós-ressurreição de Jesus e também o dom do Espírito (veja 2:22; 12:16; 14:26; 16:13,14), João escreve para reafirmar aos cristãos a verdade em que eles creem (à luz de deserções e rejeições) – que, por meio da Encarnação, Deus é

plena e finalmente conhecido. Aqui está o amor de Deus em exibição completa e integral.

Ao fazê-lo, João coloca a história de Jesus no âmbito bíblico mais amplo: o Encarnado não é nenhum outro senão a Palavra, presente com Deus desde o princípio e responsável pela Criação (1:1 a 4:10). Mas o Encarnado é também o Crucificado, que, como Cordeiro de Deus, "tira o pecado do mundo" (1:29). João também está preocupado em demonstrar que o Filho encarnado de Deus é de fato o Messias judeu há muito esperado; desse modo, Jesus sobe no palco do mundo, cumprindo toda esperança judaica imaginável, ao mesmo tempo tornando-se o "Salvador do mundo" (4:42). Uma vez que é o Filho de Deus (o Deus vivo), ele dá *vida* (= a vida do próprio Deus) – vida eterna (= a vida do tempo vindouro disponível agora).

O evangelho de João começa com um prólogo que coloca boa parte disso em forma poética (1:1-18), entretecendo teologia e história, enquanto estabelece o pano de fundo para a sua narrativa, que tem duas partes principais (1:19 a 12:50; 13:1 a 20:31); ele conclui com um epílogo em forma de chamado e uma explicação da morte (não esperada) do "discípulo a quem Jesus amava" (21:1-25).

Na parte 1, Jesus primeiro se manifesta como Filho de Deus a seus discípulos (1:19 a 2:11), os quais, desse modo, enxergam "sua glória" (1:14) e "creem nele" (2:11). Ele é, então, revelado ao "mundo" (2:13 a 12:50) como Messias e Filho de Deus. João leva isso a cabo contando a história no cenário das festas judaicas, quando Jesus age e fala de maneira a satisfazer as ricas expectativas messiânicas expressas (especialmente) por meio das cerimônias relacionadas com essas festas (Páscoa, 2:13 a 4:54; sábado, 5:1-47; Páscoa, 6:1-71; Tabernáculos, 7:1 a 10:21; Dedicação, 10:22-42; [prelúdio para o final] Páscoa, 11:1 a 12:36). Também nessa seção encontram-se os sete "sinais" (a palavra *sinal-izante* de João para milagres) e os vários "Eu sou" (a

autoidentificação de Jesus). A parte 1 termina com uma conclusão dupla, narrando primeiro a rejeição de Jesus por alguns dos judeus (12:37-43), depois o significado de Jesus e de sua missão (12:44-50).

As duas narrativas conectadas com a Páscoa (2:13 a 4:54; 6:1-71) também antecipam a Páscoa final narrada na parte 2. Aqui, o interesse está primeiro nos discípulos, como aqueles que levarão adiante a missão de Jesus (capítulos 13 a 17), e, então, na crucificação (capítulos 18 e 19), em que o Filho de Deus exclama (triunfantemente) acerca de sua obra: “Está consumado” (19:30). A narrativa conclui com a ressurreição (capítulo 20), concentrando-se especialmente na nomeação dos discípulos (20:19-23) e usando a necessidade de Tomé (de ver) como um realce para os que creem sem ver (20:24-31).

Conselho específico para a leitura de João

O que mais chama a atenção ao iniciar a leitura do evangelho de João, tendo lido os sinópticos, é quanto ele é diferente. Não somente a cena básica do ministério de Jesus (Jerusalém, em vez da Galileia), como também o ministério como um todo parece diferente. Aqui, você não encontra nenhum segredo messiânico (desde o início Jesus é confessado abertamente como sendo o Messias); nenhuma parábola (e, sim, o uso de linguagem simbólica); nenhuma expulsão de demônios; nenhuma narrativa sobre tentação no deserto, sobre a transfiguração ou sobre a ceia do Senhor. Em lugar de dar ênfase ao Reino de Deus, destaca-se o próprio Jesus (a Vida que dá vida eterna); em lugar de ditados curtos, concisos e memorizáveis, o ensino chega quase sempre em discursos longos. Como certo estudioso disse, “João parece pertencer a um mundo diferente.”

A razão é que João deliberadamente se propõe a contar a história de Jesus da perspectiva do que veio a conhecer sobre ele após o raiar da luz[33] (causado pela ressurreição de Jesus e pelo dom do Espírito). Além disso, considerado o momento histórico em que foi escrito (aproximadamente de 90 a 95 d.C.), o interesse do evangelho de João em Jesus, é estruturado em particular pelos falsos profetas que negam a Encarnação e a importância salvífica da morte e da ressurreição de Jesus, e os quais têm como marca o fracasso em amar os outros (veja *Conselho específico para a leitura de 1João*, p. 409). Assim, parte da razão para a perspectiva pós-ressurreição de João pode ser atribuída ao contexto histórico. Vale notar a frequência com que João enfatiza que Jesus está profundamente enraizado de carne e osso na história (ele se fadiga, tem sede, chora diante da morte; sangue e água fluem dele na cruz). O ponto é que aquele que João e seus leitores conhecem como o Filho exaltado de Deus viveu de modo verdadeiramente humano no planeta Terra, e fez isso no contexto do judaísmo histórico.

A perspectiva especial de João explica dois outros fenômenos peculiares ao seu relato da história – (1) a natureza de muitas de suas narrativas e (2) o uso de palavras com duplo significado, intimamente relacionadas a um rico simbolismo. Esteja pronto para se deparar com algumas coisas organizadas em dois níveis. João frequentemente começa com uma narrativa que, então, se torna um discurso – e, às vezes, você não consegue dizer em que pontos cessa a fala de Jesus e começa a interpretação do próprio João (esse evangelho é particularmente problemático para as edições bíblicas em letras vermelhas!).[34] Por exemplo, em 3:1-21, ele começa com uma narrativa direta do encontro de Jesus com Nicodemos, mas há trocadilhos com as palavras gregas *anōthen* (que pode significar “de novo” ou “do alto”; Nicodemos entende como “de novo”, enquanto João claramente pretende abarcar ambos

os sentidos) e *pneuma* (a mesma palavra significa “vento” e “Espírito”). E, no versículo 11, o “eu/você [singular]” muda para “nós/vocês [plural]” e, então, passa para um discurso direto, o qual, dos versículos 15 a 21, vem na linguagem e no estilo de 1João. Isso tem todas as marcas da pregação cristã, e se repete em todo o evangelho de João.

A paixão de João nesse relato “em forma de pregação” da história é tripla, de modo que com duas partes ocorrem em sua declaração de propósito, em 20:30,31. Primeiro, ele se importa, sobretudo, em demonstrar que Jesus está profundamente enraizado na história como o Messias judaico, o que é explicitamente confessado pelos discípulos (1:41,45; veja 11:27) e confirmado por Jesus (4:25,26; 5:46; 10:24). Desse modo, alguns dos “Eu sou” estão repletos de alusões ao Antigo Testamento – pastor (Ezequiel 34), videira (Isaías 5:1-7), pão (Êxodo 16:4; Salmos 78:24) –, nas quais Jesus assume o papel do próprio Israel (vinha), bem como o do Messias majestoso (pastor) desse povo. Mais significativamente, João estabelece toda a história considerando Jesus como o cumprimento das esperanças messiânicas judaicas associadas a vários aspectos da celebração de festas, aspectos muitas vezes estranhos a nós, mas bem conhecidos por ele e por seus leitores.

Por exemplo, na Festa dos Tabernáculos havia um rito especial de derramamento de água no templo (descrito no Talmude). Esse rito estava, a princípio, relacionado com a água extraída de uma rocha no deserto (Êxodo 17:1-7); ele veio a ser interpretado de um modo messiânico, apontando para o Espírito oferecido pelo Messias. É no “mais importante dia” dessa festa que Jesus exclama: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba”, o que João interpreta à luz do dom do Espírito (João 7:37-39). Não se espera que você assimile tudo isso ao ler esse evangelho (um bom comentário o guiará quanto aos detalhes), mas é importante assinalar que há mais do que os olhos veem nessa leitura. Vamos chamar sua atenção para algumas dessas coisas enquanto você lê.

Segundo, João está preocupado em demonstrar que Jesus, o Messias judaico, não é outro senão o Filho de Deus (o título messiânico judaico de Salmos 2:7 agora entendido como a Segunda Pessoa da Trindade). Em Jesus, o próprio Deus tornou-se presente por encarnação. João aproveita cada oportunidade que tem para destacar esse ponto repetidas vezes (veja 1João).

Essas duas questões levam à terceira – o *pathos* do evangelho, encontrado na rejeição judaica ao seu Messias, precisamente por causa de suas alegações de divindade. Isso emerge primeiro no prólogo (1:10-13) e se torna um subtema por todo o evangelho, mas especialmente em 2:13 a 12:50. Não se trata de antissemitismo, como se alega com frequência (assim como quando profetas judeus ainda mais vigorosamente denunciaram seus companheiros por deixarem de seguir a Deus); antes, é a expressão de um coração partido pela atitude do povo de não seguir o seu Messias. Aqueles que tinham melhores condições de entender Jesus rejeitaram-no porque não estavam dispostos a arriscar abrir mão de suas posições seguras. Mas, qualquer que seja o caso, João claramente crê que Jesus morreu pela nação judaica, bem como pelo mundo (11:51,52).

Uma caminhada por João

PRÓLOGO (1:1-18)

Você vai desejar retornar a essa passagem maravilhosa constantemente. Aqui, João enfatiza os aspectos pré-históricos e históricos de Jesus como a Palavra, o Filho de Deus. Começando com a Palavra antes da Criação (1:1,2), João, em seguida, fala do papel da Palavra na Criação (1:3-5) e da resposta dupla à sua vinda ao mundo (1:9-13), concluindo com uma confissão (note a mudança para a primeira pessoa do plural) sobre sua encarnação (1:14) e deidade (1:18). Também aqui começa o tema do *novo êxodo*: os que creem em Jesus são os verdadeiros “filhos de Deus” (veja Êxodo

4:22,23), enquanto Jesus é apresentado como maior que Moisés (1:16,17), que conduziu o primeiro êxodo. Intercalado a isso está um contraste com João Batista (1:6-8,15), que antecipa o princípio da história em si.

O MESSIAS/FILHO DE DEUS MANIFESTA-SE A SEUS DISCÍPULOS (1:19 A 2:12)

Retomando 1:1, João aborda o princípio da *nova Criação* em um sistema de sete dias (cinco dias de fato; o último deliberadamente especificado como três dias após o quarto [2:1]), o que, por sua vez, antecipa os sete dias da semana final (12:1). O que começa com o ministério de João Batista – cujos discípulos, ao menos alguns, seguem a Jesus – atinge seu clímax no casamento em Caná, quando os discípulos “creram nele” (2:11).

1:19-42 – Dias 1 a 3: não João, mas Jesus é o Messias

Note como esses três primeiros dias retomam as três coisas ditas sobre João Batista no prólogo (1:7,8): ele não era a luz (1:19-28); ele veio dar testemunho da luz em não menos que quatro confissões messiânicas diferentes (1:29-34); seu testemunho se deu para que outros – nesse caso, os próprios discípulos de João Batista – pudessem crer em Jesus Cristo (1:35-42). Veja especialmente como essa série termina com a confissão de alguns dos discípulos de João: “Achamos o Messias.”

1:43-51 – Dia 4: Jesus é reconhecido por um verdadeiro israelita

Observe o modo como esse quarto dia antecipa o tema do *cumprimento das esperanças judaicas* que percorre o restante da história: um genuíno israelita sem dolo (fazendo um joguete com o nome de Jacó [“ele engana”]; Gênesis 25:26) confessa Jesus na mais judaica das confissões descritas no evangelho (“Filho de Deus

[...] Rei de Israel”; veja Salmos 2); ele (assim como os outros) verá o cumprimento da “escada de Jacó” (Gênesis 28:10-22, “Sem dúvida o SENHOR está neste lugar”) em Jesus Cristo.

2:1-12 – Dia 7: Jesus é reconhecido como o cumprimento das esperanças messiânicas judaicas

Agora, veja o clímax no sétimo dia da nova Criação: o melhor vinho (que se “guardou [...] até agora”) é tirado de seis jarras de pedra usadas para as lavagens cerimoniais judaicas! Esse derramamento do melhor vinho é visto pelos discípulos como o cumprimento de um aspecto significativo das esperanças messiânicas judaicas (por exemplo: Isaías 25:6; Jeremias 31:12; Amós 9:13,14). Com essa revelação da “glória” de Jesus, o primeiro “sinal miraculoso”, os discípulos “creram nele”.

O MESSIAS/FILHO DE DEUS MANIFESTA-SE AO MUNDO (2:13 A 12:50)

Nessa seção, João coloca cada uma das narrativas no contexto das festas judaicas; e, em cada caso, Jesus cumpre algum aspecto das expectativas messiânicas associadas à respectiva festa.

2:13 a 4:54 – A primeira Páscoa

No contexto da Páscoa, João primeiro narra a purificação do templo, cuja importância reside em dois pontos: (1) as ações de Jesus dividem o mundo entre os que acreditam e os que não acreditam; e (2) Jesus restabelece o templo como lugar da presença divina (veja 1:51).

Isso é acompanhado por uma série de quatro narrativas (Nicodemos, João Batista, os samaritanos e o filho do oficial), que continuam os temas já em vigor – a exaltação de Jesus como Filho de Deus no contexto de alguns que creem e outros que não creem (3:1-36); Jesus, e não Jerusalém ou o monte Gerizim, como o lugar da presença de Deus; e a confissão de Jesus como “Salvador do

mundo” (4:1-54). Note como as duas narrativas do capítulo 4 também apontam na direção do ajuntamento das nações – Samaria (4:1-42) e o “oficial do rei” (4:43-54).

5:1-47 – Uma festa anônima

A próxima festa é anônima, porque o interesse de João está no *dia da semana* em que ela ocorre, o sábado (5:1-47). Toda a narrativa presume uma crença judaica de que Deus continuou o trabalho no sábado em três situações relacionadas a suas prerrogativas divinas especiais, a saber, nascimento, morte e chuva – todas poderiam ocorrer, e ocorreram, em dias de sábado, evidência da “atuação” divina no sábado.

Observe como João usa a cura de um inválido no sábado como base para um discurso (5:16-47) no qual Jesus assume a prerrogativa divina do “trabalho” nesse dia (dando vida e julgando [tirando a vida], o que resulta em confrontação com os líderes judeus).

6:1-71 – A segunda Páscoa

Ao ler essa segunda narrativa da Páscoa, você encontra Jesus trabalhando tal qual o esperado “profeta como [Moisés]” (Deuteronômio 18:18), enquanto alimenta a multidão e oferece o pão da vida. Usando o tema de Êxodo, *pão do céu*, que os judeus esperavam ser renovado na era messiânica, Jesus se apresenta como esse pão, oferecendo a eles sua “carne” e seu “sangue” (João 6:48-58), antecipando, assim, a Páscoa final (capítulos 13 a 20). Note que essa festa termina com uma redução do número de discípulos.

7:1 a 10:21 – A Festa dos Tabernáculos

Para a Festa dos Tabernáculos, João seleciona narrativas nas quais Jesus deliberadamente cumpre os três grandes símbolos de Êxodo celebrados de várias maneiras durante essa festa em Jerusalém: (1)

a água da rocha (Êxodo 17:1-7), (2) a luz (coluna de nuvem/fogo) que guiava os israelitas (Números 9:15-23) e (3) a dádiva do nome divino (Êxodo 3:13-15) – como pano de fundo, veja especialmente Zacarias 14:6-9,16-19. A narrativa de conclusão – dar vista ao cego (João 9) – ilustra como Jesus é a Luz do Mundo. Os líderes judaicos agora ameaçam expulsar da sinagoga qualquer um que confesse Jesus como Cristo (9:22,34). Ao ler toda a narrativa, observe como Jesus é regularmente a causa da divisão em Israel.

Essa narrativa tem seu clímax com o ex-cego e os fariseus em nítido contraste no que se refere a Jesus (9:35-41), ao que este responde (10:1-21) dizendo aos fariseus que ele mesmo é o grande pastor messiânico predito pelo profeta (Ezequiel 34:11-16,20-31). Note como a seção termina (João 10:19-21): Jesus é a causa da divisão.

10:22-42 – A Festa da Dedicação

A Festa da Dedicação celebrava a restauração, pelos macabeus, da adoração no segundo templo depois de ter sido profanado por Antíoco Epifânio (veja Daniel 7-12); era, portanto, a festa na qual o patriotismo judaico e o messianismo atingiam seu ápice. Note como Jesus, nesse contexto, apresenta-se – nos átrios do templo – como Messias e Filho de Deus, o que mais uma vez traz divisão em Israel: alguns, agora, tentariam prendê-lo (João 10:39); outros creram nele (10:42).

11:1 a 12:36 – Prelúdio à Páscoa final

Esse prelúdio à Páscoa final (atente para 11:55 a 12:1) está repleto de eventos e de frases que antecipam os capítulos 13 a 20 – o sinal culminante daquele que oferece vida eterna é a ressurreição de Lázaro, o que (ironicamente) levará à morte de Jesus, com a glória de Deus sendo revelada por completo; como a Ressurreição e a Vida (11:25), ele dá vida e ressuscitará os seus no último dia; o sumo sacerdote “profetiza” que um homem morrerá pela nação

judaica e pelos “filhos de Deus que estão espalhados” (= gentios; 11:51,52); Jesus é ungido para o seu sepultamento (12:1-11); ele entra em Jerusalém como o Rei há muito aguardado (12:12-19); aos gregos que desejam “ver Jesus”, ele responde apontando para sua exaltação na cruz (12:20-36).

12:37-50 – Conclusão: a casa é dividida

Note que João agora oferece uma conclusão dupla à manifestação de Jesus ao mundo (12:37-43 e 12:44-50). Você já não se surpreenderá ao ver que a primeira conclusão resume as divergentes reações a Jesus, como cumprimento das profecias de Isaías. A segunda resume o que você aprendeu sobre Jesus nessa seção do evangelho.

A PÁSCOA FINAL: O MESSIAS/FILHO DE DEUS MORRE PELO MUNDO (13:1 A 20:31)

Além das narrativas da crucificação (capítulos 18 e 19) e da ressurreição (20:1-10), observe a ênfase especial de João, durante a Páscoa final, aos discípulos que continuarão o ministério de Jesus (13:1 a 17:26; 20:19-29).

13:1 a 17:26 – Jesus à mesa com seus discípulos

Nessa longa conversa à mesa, você verá Jesus repetindo três temas: vou-me embora; vocês ficam para continuar a minha obra; e não poderão fazer isso sozinhos, portanto vou enviar a vocês o Espírito.

Note especialmente como o capítulo 13 estabelece o todo – o ato servil de Jesus que simboliza todo o seu ministério (ao descer do céu [ele rasga suas vestes], toma o lugar de servo em favor deles e os chama para que o sigam). Perceba como os dois atores principais, nas próximas duas cenas (Judas, que trairá Jesus, e Pedro, que negará tê-lo conhecido), já são apresentados na primeira cena (13:2,6-11).

Agora, veja como os três temas principais são enfatizados no capítulo 14: Jesus está voltando para o Pai, que ele agora revelou plenamente (14:1-10); os discípulos vão ficar para continuar as obras de Jesus (14:11-14); Jesus voltará para os discípulos na pessoa do Espírito (14:15-31). Com isso, Jesus aplica a parábola da vinha (Isaías 5:1-7) a si mesmo e aos discípulos (João 15:1-8), o que amplia a exposição dos temas principais (15:9 a 16:33), os quais, agora, incluem o ódio do mundo pelos discípulos na proporção do ódio do mundo por Jesus.

Finalmente, a oração de Jesus (17:1-26) não apenas ecoa esses mesmos temas, mas também antecipa o sucesso da missão dos discípulos nas nações – pelas quais Jesus também ora.

18:1 a 20:31 – Jesus: Cordeiro morto e ressurreto

Note como a narrativa da crucificação, em João, começa descrevendo o cumprimento das palavras proféticas do capítulo 13 – primeiro, Judas (13:18-30), em 18:1-14; segundo, Pedro (13:31-38), em 18:15-27. Depois disso, João destaca duas coisas: (1) Jesus é, em verdade, o Messias/Rei dos judeus, mas de um Reino que não é deste mundo (18:28-40), e (2) Jesus e morre ao mesmo tempo que os cordeiros pascais (19:14), enquanto é “levantado” na cruz (veja 3:14,15; 12:32,33) para a glória de Deus (veja 11:4). Sua última declaração, “Está consumado” (19:30), é um trocadilho com a palavra *cumprir* e, desse modo, tem sentido duplo intencional: Jesus agora morre, e isso cumpre a obra que ele veio realizar no mundo.

A narrativa da ressurreição concentra-se especialmente nos discípulos, levando ao chamado deles. Observe em particular a importância da narrativa de Tomé para os leitores do evangelho de João: Tomé creu porque viu; bem-aventurados aqueles (leitores de João, incluindo-nos agora) que creem com base nesse evangelho, sem necessariamente ver.

EPÍLOGO (21:1-25)

Depois da bem-aventurança e da declaração de propósito em 20:29-31, o epílogo concentra-se essencialmente em Pedro e no “discípulo a quem Jesus amava”, preocupando-se com a longevidade da vida deste último, mas cuja morte já ocorreu ou é iminente – antes da vinda de Cristo. Assim, o epílogo explica o que Jesus realmente disse à luz de alguns aparentes mal-entendidos.

> Se os evangelhos sinópticos importam-se com o lugar de Jesus na história de Israel e além, João importa-se com o lugar de Jesus no todo – da Criação à redenção e além (ressurreição final). O fato de o Messias não ser outro senão o Filho eterno de Deus é a suprema boa-nova da história cristã.

ATOS

Dados de orientação para Atos

- **Conteúdo:** parte 2 da narrativa de Lucas com as boas-novas sobre Jesus; o modo pelo qual, mediante o poder do Espírito, as boas-novas se espalham de Jerusalém até Roma.
- **Autor:** veja o evangelho de Lucas.
- **Data:** veja Lucas.
- **Destinatário(s):** veja Lucas.
- **Ênfases:** as boas-novas da salvação divina por meio de Jesus são para judeus e gentios igualmente, cumprindo as expectativas do Antigo Testamento; o Espírito Santo guia a Igreja no anúncio das boas-novas; a Igreja tem a sensatez de ficar ao lado de Deus no tocante à sua salvação e à inclusão dos gentios; a salvação para todos é coisa de Deus, e nada pode detê-la; as boas-novas são aceitas com alegria por alguns e rejeitadas com raiva por outros.

Visão geral de Atos

Ao escrever sua narrativa mais longa das boas-novas sobre Jesus, Lucas estruturou as duas partes para que, de algum modo significativo, correspondessem uma à outra. Em Atos, por exemplo, a geografia está agora invertida; começa em Jerusalém e se ramifica para outras partes da Judeia (capítulos 1 a 12); sua grande seção central é outra narrativa de viagem, com Paulo levando o evangelho de Antioquia até a Europa (capítulos 13 a 20); o terço final (capítulos 21 a 28) retrata os julgamentos de Paulo diante dos mesmos três tribunais a que Jesus foi submetido (o Sinédrio judaico [Lucas 22:66-71/Atos 22:30 a 23:10], o procurador romano [Lucas

23:1-5,13-25/Atos 24:1-27] e um dos Herodes [Lucas 23:6-12/Atos 25:23 a 26:32]) –, o que, no caso de Paulo, resulta em esforço para levar o evangelho ao cerne do império (Roma).

A chave para a leitura de Atos é reconhecer o "movimento" do evangelho de Jerusalém a Roma, narrado em seis partes (painéis) e sinalizado por pequenas declarações resumidas de Lucas em 6:7; 12:24; 16:5 e 19:20. Em cada caso, a narrativa parece parar por um momento antes de tomar uma nova direção – às vezes geograficamente, às vezes etnicamente, às vezes de ambas as formas. As boas-novas que estão sendo propagadas, é claro, dizem respeito à salvação divina (o perdão dos pecados) oferecida a todas as pessoas (judeus e gentios, igualmente) por meio da morte e da ressurreição de Jesus e pelo poder do Espírito Santo. Aqui, por fim, a promessa de Abraão (Gênesis 12:2,3; veja Atos 3:25), expressa repetidamente pelos profetas como parte de sua esperança para o futuro – de que gentios se uniriam a Israel como povo de Deus (por exemplo, Isaías 2:1-5; Miqueias 4:1-5; Zacarias 14:16-18) –, encontrou o seu cumprimento.

O primeiro painel (1:1 a 6:7) conta a história da propagação das boas-novas sobre Jesus, em Jerusalém, pelos apóstolos. O segundo (6:8 a 9:31) marca a primeira expansão geográfica até Judeia e Samaria (veja 1:8), onde Estêvão e os helenistas desempenham um papel preponderante. O terceiro (9:32 a 12:24) narra a primeira expansão até os gentios (Cornélio) e a conversão da figura-chave (Paulo), o que resultará numa propagação ainda mais significativa. Sendo Paulo agora a figura central, o quarto painel (12:25 a 16:5) narra a expansão até os gentios na Ásia, descrevendo como os primeiros líderes administraram o "problema" da inclusão gentia "livre da Lei". O quinto (16:6 a 19:20) marca o salto do evangelho da Ásia até a Europa; a Igreja é também, agora, seguramente mais gentia que judaica. O sexto (19:21 a 28:31) conta como Paulo (o apóstolo dos gentios) finalmente chegou a Roma (a capital do mundo gentio) com as boas-novas – mas ele chegou,

lembra-nos Lucas, por Jerusalém, atravessando uma série de provas muito semelhantes às de Jesus.

Conselho específico para a leitura de Atos

A história na parte 2 é ainda sobre Jesus, como o breve prólogo (1:1,2) nos lembra. A primeira parte foi sobre o que “Jesus *começou* a fazer e a ensinar, até o dia em que foi elevado aos céus” (grifo nosso). Com algumas conexões cuidadosamente escolhidas para a parte 1, Atos começa retomando a profecia de Lucas 3:16, por João Batista, sobre a vinda do Espírito Santo (Atos 1:5). Os discípulos receberam o prometido “poder” do Espírito Santo (veja Lucas 24:49, “revestidos do poder do alto”) no intuito de dar testemunho de Jesus. Lucas, então, narra a ascensão (veja Lucas 24:51) no contexto do prometido retorno de Jesus; a clara implicação é a de que, por meio do Espírito, eles devem levar a história adiante até Jesus voltar (veja a parábola em Lucas 19:11-27).

A genialidade de Atos está em como Lucas faz isso. Primeiro, observe o grande número de discursos que Lucas registra por toda a narrativa (por exemplo: Pedro em 2:14-39; 3:11-26; 10:27-43; Estêvão em 7:1-53; Paulo em 13:16-47; 17:22-31; 20:17-35). Eles tendem a aparecer em pontos-chave e ilustram como o evangelho é pregado (ou defendido) em uma variedade de contextos. Em cada caso, o discurso inclui a essência da história de Jesus ou se concentra nele ao final. Desse modo, a história de Jesus continua em Atos à medida que os cristãos primitivos dão testemunho dele.

Segundo, note (1) a conexão entre Jesus Cristo e o Espírito e (2) veja que o Espírito é, em última instância, responsável por toda grande reviravolta na narrativa. É especialmente importante a forma como Lucas conecta Jesus e o Espírito. Você lembrará, da leitura de Lucas, que o Espírito é a chave para o ministério terreno de Jesus (veja Atos 10:38). Agora, “exaltado à direita de Deus, ele *recebeu* do

Pai o Espírito Santo prometido *e derramou* o que vocês agora veem e ouvem" (Atos 2:33, grifo nosso). Cristo, o grande portador do Espírito, é também o grande "batizador" no Espírito, para que outros o recebam e, assim, deem testemunho dele. Não é surpresa, portanto, que a todo momento o Espírito seja a força motriz por detrás do movimento em favor do evangelho.

Terceiro, porque as boas-novas são coisa de Deus, iniciadas por ele e expressando sua fidelidade a Israel por meio de Cristo, conduzidas pelo poder do Espírito, Lucas também regularmente nos lembra de que nada pode detê-las – nem os líderes judeus em Jerusalém (capítulos 3 a 5: "Vocês não serão capazes de impedi-los, pois se acharão lutando contra Deus"; 5:39), nem judeus incrédulos, como Saulo de Tarso, inclinados à destruição (8:1-3), nem a igreja em Jerusalém (11:1-18: "Quem era eu para pensar em opor-me a Deus?", pergunta Pedro no versículo 17), nem líderes seculares, como Herodes (12:1-24: "Herodes [...] morreu comido por vermes. Entretanto, a palavra de Deus continuava a crescer e a espalhar-se" [!]; versículos 23 e 24), nem judaizantes dentro da igreja (15:1-35: "Por que agora vocês estão querendo tentar a Deus?"; versículo 10), nem oposição religiosa ou secular dos gregos (16:16-40; 19:23-41), nem naufrágios ou serpentes (capítulos 27 e 28). Com a vinda de Jesus e do Espírito, a salvação é para todas as pessoas, judeus e gentios igualmente, e nada pode detê-la. E, assim, o livro se encerra com Paulo pregando em Roma, com toda ousadia e sem impedimentos (28:31).

Você se lembrará, sobre o evangelho de Lucas, que a natureza universal da salvação foi expressa de modo *vertical*, a fim de incluir os pobres de todo tipo imaginável. Em Atos, Lucas concentrou-se *horizontalmente* na missão aos gentios – aqueles, em última análise, marginalizados por Israel. Mas, ao longo da narrativa, a restauração de Israel (Atos 1:6) também é sempre mantida em vista. O evangelho começa com boas-novas para Israel, "herdeiros dos profetas e da aliança" (3:25), de modo que milhares de pessoas se

voltam para Cristo desde o início. À medida que se dissemina, transmitido por judeus helenistas, o evangelho envolve judeus decaídos (os samaritanos, em 8:4-25) e um prosélito judeu (8:26-40). O primeiro gentio convertido é um homem “temente a Deus” (10:2); e, onde quer que vá, Paulo sempre começa na sinagoga, com alguns que creem. Ao final, em Roma, ele ainda insiste que Israel creia em Jesus (28:17-28), mas eles se recusam, de modo que “esta salvação de Deus é enviada aos gentios; eles a ouvirão!” (28:28).

Assim, você deve lembrar-se do outro aspecto da profecia de Simeão (Lucas 2:34,35) – que Jesus será um “sinal de contradição”. Note, à medida que a narrativa avança, que a Igreja se torna mais e mais composta de gentios, enquanto a diáspora judaica e líderes judeus em Jerusalém lideram a oposição. Isso obviamente entristece Lucas, mas é também uma parte do lembrete a seus leitores implícitos (gentios) de que eles pertencem ao Israel que Deus está reconstituindo por meio de Cristo e do Espírito.

Finalmente, note a inserção repentina de “nós” na narrativa em 16:10 (em Trôade), que continua até o versículo 17 (em Filipos), é retomado em 20:5 (novamente em Trôade) e continua até 21:19 (em Jerusalém), e de novo de 27:1 a 28:16 (de Cesareia até Roma). Vale a pena destacar duas coisas sobre esse fenômeno: (1) o autor se apresenta sem alarde, como um companheiro de viagem de Paulo por algum tempo; (2) nessas passagens, os detalhes são muito mais abundantes e vívidos, sugerindo que ele possa estar usando algo como um diário.

Uma palavra sobre sua inclusão no cânon. Lucas entende seu evangelho e Atos como duas partes de uma história, a qual acabou em dois livros de tamanho quase igual (em lugar de um único e longo livro) porque ambos se encaixariam em um único rolo de papiro. Mas, ao reunir o cânon do Novo Testamento, a Igreja Primitiva separou Lucas de Atos (uma vez que ambos teriam

existido em rolos separados, mesmo quando copiados) por inspirada percepção. No cânon, Lucas agora pertence ao Evangelho quádruplo, enquanto Atos serve de ponte entre os Evangelhos e Paulo. Ao ler Atos, porém, você sempre precisa lembrar-se de como ele se encaixa no plano inspirado de Lucas.

Uma caminhada por Atos

1:1 a 6:7 – As boas-novas começam em Jerusalém

Após o prólogo, que retoma do ponto em que o evangelho (1:1-11) findou, Lucas primeiro narra a *definição* dos Doze (1:22-26), uma vez que eles são como representantes de/para Israel. A vinda do Espírito marca um novo início (2:1-13; o mundo gentio já está presente no microcosmo), seguida da explanação de Pedro sobre o fenômeno das línguas e os resultados disso (2:14-41). Em seguida, há uma série de esboços que ilustram a vida primitiva da igreja em Jerusalém – sua vida comum (2:42-47; 4:32-37); seu ministério de pregação e de cura (3:1-26; 5:12-16); a oposição (4:1-22; 5:17-42); e o juízo dentro da comunidade por "tentar o Espírito" (5:1-11). O que você descobrirá enquanto lê é uma nova comunidade que acredita em Jesus, mas continua a viver no judaísmo.

Observe duas coisas que se estendem a partir do último capítulo do evangelho de Lucas: (1) o ministério dos discípulos se dá principalmente nos átrios do templo – os mesmos átrios purificados por Jesus e tornados o palco de seus últimos dias de ensino (veja Lucas 19:45 a 21:38); (2) tudo nessa seção é visto como cumprimento de trechos fundamentais da história do Antigo Testamento: o dom do Espírito, no fim dos tempos, prometido por Joel (Atos 2:16,17); a ressurreição de Jesus como verdadeiro herdeiro de Davi (2:24-32); a exaltação de Jesus como o Senhor exaltado de Salmos 110:1 (2:33-35); o sofrimento do Messias (3:17-23); a promessa a Abraão, de que Deus abençoaria as nações, prestes a ser cumprida (3:25); o Jesus rejeitado como a pedra

angular desprezada conforme Salmos 118:22 (4:11); e o Messias contra quem as nações se enfurecem (4:25,26). Note esse tema ao prosseguir por todo o restante de Atos.

A seção termina (6:1-7) destacando que dois grupos emergiram na comunidade: cristãos judeus de fala grega (helenística) e cristãos judeus de fala aramaica (com base em Jerusalém). Os primeiros deles, membros da sinagoga helenística em Jerusalém, tornam-se a chave para a próxima propagação do evangelho. Observe como o versículo 7 leva esse painel a uma conclusão.

6:8 a 9:31 – As boas-novas espalham-se até a Judeia e Samaria

Note que essa seção retoma do ponto em que a última parou. Você verá que o evangelho fez incursões significativas na sinagoga de fala grega (6:8-15). Os primeiros dois dos líderes mencionados em 6:5 (Estêvão e Filipe) são responsáveis pela próxima fase da história. O discurso de Estêvão (capítulo 7), moldado por passagens como a de Neemias 9:6-37 e Salmos 105 e 106, aborda duas questões cruciais – com base na acusação a ele feita (Atos 6:13) – em que o vinho novo não pode ser contido em vasilhas de couro velhas (Lucas 5:36-39): (1) o templo (Deus não habita em edifícios feitos por mãos humanas, em cumprimento a Isaías 66:1,2) e (2) a Lei (os verdadeiros transgressores são os que crucificaram Jesus, não os crentes). Atente em particular ao papel de Moisés no discurso de Estêvão – que Moisés, “rejeitado” por Israel (Atos 7:23-29; 35:39), também predisse que Deus lhes enviaria “dentre seus irmãos um profeta como eu” (7:37), o qual também foi rejeitado (7:51,52).

A seguir, vem a expansão até Samaria, alcançando também um prosélito gentio por meio do ministério de Filipe (capítulo 8); note, aqui, que Jesus é entendido como o servo sofredor registrado em Isaías (8:32-35). O painel, então, conclui com a conversão de um dos líderes principais da oposição na sinagoga helênica – Saulo de

Tarso, que será responsável (em grande parte) pelas próximas duas fases de expansão (Ásia, Europa). Observe como Saulo é introduzido pela primeira vez (8:1,3); talvez você queira observar as duas ocasiões em que o próprio Paulo repete a sua história (22:1-21; 26:2-23), em ambos os casos enfatizando seu papel na missão entre os gentios. De novo, note como 9:31 resume e, então, conclui essa seção.

9:32 a 12:24 – As boas-novas espalham-se até os gentios

Veja como Lucas começa e termina esse painel com histórias de Pedro (9:32-43; 12:1-19). A primeira busca estabelecer o cenário para a história de Cornélio e recordar que os apóstolos continuam a realizar feitos poderosos. A conversão de Cornélio é tão importante, que é narrada duas vezes por Lucas (10:1-48; 11:1-18). Sua relevância está em que o primeiro gentio foi trazido à fé não por meio dos helenistas (que poderiam ser suspeitos em Jerusalém), mas por meio de Pedro, embora este tenha resistido. O todo é orquestrado pelo Espírito Santo. Quando criticado em Jerusalém, Pedro conta a história toda novamente. Por causa da obra do Espírito, Pedro não conseguiu opor-se a Deus (11:17). Jerusalém fica impressionada: “até mesmo [os] gentios” (11:18) recebem as boas-novas. Também é crucial para esse painel a fundação da igreja em Antioquia pelos helenistas (11:19-3), uma vez que ela será a igreja a enviar missionários para a Ásia e a Europa. A história de Pedro, que termina a seção (12:1-19), não somente ilustra o tema do “nada pode detê-la” [35] como também estabelece o cenário para a morte da oposição nesse caso (12:19-23). Note especialmente como a sentença sumária de 12:24 se estabelece em contraste direto com o verso 23.

12:25 a 16:5 – As boas-novas espalham-se até a Ásia

Observe várias questões cruciais enquanto lê sobre essa fase da história: (1) a igreja em Antioquia é o novo centro (12:25 a 13:3; 14:26-28); (2) Paulo torna-se a figura predominante (13:4-12); (3) o sermão em Antioquia da Pisídia (13:16-41) ilustra a pregação nas sinagogas da diáspora; e (4) a divulgação do evangelho também leva ao primeiro conflito aberto com o judaísmo, especificamente sobre a missão entre os gentios, apoiada por Isaías 49:6 (Atos 13:47).

Note como as três narrativas em Atos 14 reforçam esses temas, especialmente o fato de a inclusão de muitos gentios como consequência do poder de Deus e o aumento do conflito entre os judeus da diáspora e os primeiros crentes em Cristo. O concílio de Jerusalém (15:1-35), no qual Pedro e Tiago desempenharam papel principal, defende um evangelho "livre da Lei" para os gentios. Observe a breve sentença que resume essa situação (16:5).

16:6 a 19:20 – As boas-novas espalham-se até a Europa

Aqui, Lucas registra a segunda e a terceira viagens missionárias de Paulo (16:6 a 18:22; 18:23 a 19:20); note como Paulo sempre sai de Antioquia e para lá retorna. A missão até a Europa é especialmente orquestrada pelo Espírito (16:6-10) – e, aqui, o autor se junta à história. Nesse painel, Lucas também registra ocasiões de conflito com autoridades pagãs (16:16-40; 17:5-9; 18:12-17), as quais tendem a ser instigadas pelos judeus da diáspora (17:5,13; 18:12). Em cada caso, o Estado ou não interfere, ou se desculpa. Lucas também inclui um exemplo de pregação em um ambiente totalmente pagão (17:16-34). Novamente, observe como 19:20 conclui a seção.

19:21 a 28:30 – As boas-novas (e Paulo) chegam a Roma

Você encontrará nessa seção final uma narrativa cativante. Ao lê-la, não deixe de notar que boa parte lida com a maneira como Paulo

chega a Roma – por meio de uma série de provas similares às enfrentadas por Jesus. De novo, perceba a entrada e a saída do autor. No início e no fim, Paulo ainda está estendendo a mão a seus companheiros judeus (21:17-26; 28:17-28), mas eles resolutamente rejeitam a Cristo, de modo que a sentença final é de juízo, nas palavras de Isaías 6:9,10 (veja Lucas 8:10), e de aceitação do evangelho pelos gentios (Atos 28:26-28). Note em particular que, nas duas "defesas" de Paulo (22:1-21; 26:2-23), ele conta sua história no intuito de destacar seu papel na missão entre os gentios. Crucial, ainda, para a história é o lembrete constante de que, assim como foi com Jesus (que, embora morto como um criminoso de Estado, havia sido pronunciado "inocente" por três vezes), também o é com Paulo: ele e a igreja são considerados "inocentes" de qualquer delito contra Roma (22:29; 23:26-30; 26:32).

Em sua vívida narrativa do naufrágio, em 27:1 a 28:16, Lucas também deixa claro para nós que a chegada de Paulo a Roma foi, em última análise, obra divina. Desse modo, quando o apóstolo chega à capital gentia, ainda estendendo a mão aos judeus, mas confirmando a fé dos gentios, a grande história de Lucas chega ao fim.

É difícil imaginar quão empobrecida seria a história bíblica sem a parte 2 de Lucas-Atos. Aqui, não somente temos muitas lacunas

preenchidas, como somos constantemente lembrados de que o evangelho é assunto de Deus no mundo – salvação para todos por meio de Jesus Cristo e do Espírito.



EPÍSTOLAS E APOCALIPSE NA HISTÓRIA BÍBLICA

No capítulo introdutório sobre a história bíblica (p. 15-21), notamos o papel central que o povo de Deus desempenha na narrativa divina (como os “agonistas” humanos); vimos também que a “resolução da trama” para a história inclui a redenção e a reconciliação desse povo (com Deus e uns com os outros).

As Epístolas desempenham um papel crucial no contexto mais amplo, definindo como a resolução da trama funciona e como o povo recém-redimido e reconciliado de Deus deve viver no presente século, enquanto aguarda com esperança e alegria pelo capítulo final dessa história. Coletivamente, as Epístolas pressupõem a história de Jesus conforme contada nos Evangelhos; suas principais preocupações residem na instrução, no encorajamento e na exortação do povo de Deus. Como tais, as Epístolas têm várias coisas em comum.

Primeiro, uma vez que os autores das Epístolas estão mais preocupados com a salvação do povo de Deus, a morte e a ressurreição de Cristo desempenham um papel absolutamente fundamental em tudo o que eles dizem e fazem. Ao mesmo tempo, eles também entendem que o papel do Espírito Santo é vital – é a maneira como Deus e Cristo estão agora presentes com o seu povo.

Segundo, todas as Epístolas são escritas à primeira geração de convertidos – mesmo que, às vezes, já somem muitos anos de vida na fé – e não se propõem a dar um resumo pleno da doutrina ou da ética cristã. Como destacado em *Entendes* (p. 68-72), elas são todas pontuais, escritas para situações específicas na vida dos cristãos, em grande parte em resposta direta a algum falso ensinamento que circulava entre as igrejas. Isso significa dizer que elas tendem a

destacar aqueles aspectos do evangelho que expõem e condenam os erros nelas combatidos.

Terceiro, cada um dos autores das Epístolas vive e respira uma compreensão escatológica da existência presente (veja *Entendes*, p. 175-178). Ou seja, eles creem que, com Jesus e o Espírito, o tempo do fim já começou, e que estão vivendo entre a inauguração do governo divino por Jesus e sua vinda para consumar por completo esse governo. Desse modo, os autores e os destinatários entendem sua nova vida em Cristo como algo "já" real, mas "ainda não" aquilo que será no final (1João 3:2). Ao habitar o indivíduo cristão, bem como a Igreja como um todo, o Espírito é tanto a evidência de que o futuro já raiou (o adiantamento, ou "garantia", como Paulo o chama; 2Coríntios 1:22) quanto o penhor da glória final que está por vir.

Quarto, os imperativos éticos (o que deve e o que não deve ser feito) que ocorrem em todas as Epístolas não são uma nova forma de lei. Antes, são entendidos como expressões da semelhança divina, conforme revelado em Cristo (2Coríntios 3:18; 4:4-6), e, portanto, refletem como será essa vida no Reino final. A ênfase das Epístolas é a de que a vida do futuro deve ser vivida agora, na comunidade da fé, à medida que esperamos o fim. E aqui, novamente, o Espírito de Deus, agora também conhecido como o Espírito de Cristo (Romanos 8:9; 1Pedro 1:11), desempenha o papel central.

Sobre o Apocalipse de João: embora funcione como uma epístola, trata-se, na verdade, de uma palavra de profecia expressa na forma apocalíptica. Como destacamos no capítulo sobre Apocalipse (p. 424), embora escreva, principalmente, para encorajar o povo de Deus à luz de seu conflito iminente com o império romano, por causa da adoração ao imperador, João ao mesmo tempo reúne os fios da história do Antigo e do Novo Testamentos e os transforma em uma tapeçaria gloriosa do capítulo final dessa narrativa – para que o Novo ecoe o Velho de todas as maneiras imagináveis. Quando o povo de

Deus estiver vivendo na presença eterna dele (Apocalipse 21 e 22), a página final da história bíblica terá sido virada.

Enquanto isso, não se esqueça de que essa parte da história também é nossa. Aqui, Deus nos inclui nela. Então, leia e aprecie.

ROMANOS

Dados de orientação para Romanos

- **Conteúdo:** uma carta de instrução e de exortação estabelecendo a compreensão de Paulo sobre o evangelho – judeus e gentios, juntos, formam um só povo de Deus, com base na justiça divina recebida por meio da fé em Jesus Cristo e no dom do Espírito.
- **Autor:** o apóstolo Paulo.
- **Data:** aproximadamente 57 d.C., de Corinto (compare Romanos 15:25,26 com 1Coríntios 16:1-7).
- **Destinatário(s):** a igreja em Roma, que não foi fundada por Paulo nem estava sob sua jurisdição – embora ele saúde ao menos 26 pessoas que conhecia ali (16:3-16).
- **Ocasião:** uma combinação de três fatores: (1) a visita a Roma proposta por Febe (16:1,2; começando na igreja domiciliar dos velhos amigos Priscila e Áquila, em 16:3-5); (2) a visita antecipada de Paulo a Roma e o desejo de que o ajudassem com a pretendida missão na Espanha (15:17-29); e (3) informações (aparentemente trazidas por visitantes) sobre tensões entre cristãos judeus e gentios naquela região.
- **Ênfases:** judeus e gentios juntos como o único povo de Deus; o papel dos judeus na salvação divina por meio de Cristo; salvação pela graça somente, recebida pela fé em Cristo Jesus e efetivada pelo Espírito; o fracasso da Lei e o sucesso do Espírito em produzir verdadeira justiça; a necessidade de transformação na mente (pelo Espírito) com o objetivo de se viver em unidade como povo de Deus no tempo presente.

Visão geral de Romanos

Essa carta é, sem dúvida, o livro mais influente na história cristã, talvez na história da civilização ocidental. Mas isso não necessariamente torna sua leitura fácil! Embora pessoas interessadas em teologia gostem muito de Romanos, outras o evitam (exceto por algumas poucas passagens prediletas), achando que lhes é profundo demais. Mas o argumento geral e os motivos para isso podem ser descobertos mediante breve triagem.

Em foco está a tensão entre cristãos judeus e gentios em Roma, os quais provavelmente se reúnem em diferentes igrejas domiciliares e parecem estranhar-se quanto à adesão gentia à lei judaica – especialmente acerca de três significados básicos da identidade judaica na diáspora: circuncisão (2:25 a 3:1; 4:9-12), observância do sábado e leis alimentares (14:1-23). Em termos práticos, o que está em jogo é se os gentios devem observar a lei judaica nesses pontos. Em termos teológicos, o que está em disputa é o próprio evangelho – se a "justiça de Deus" (= sua justa salvação, que produz justificação diante de Deus) chega pelo "cumprimento" da Lei ou pela fé em Cristo Jesus e pelo dom do Espírito.

O que conduz o argumento do início (1:16) ao fim (15:13) está expresso na conclusão – que Deus poderia dar a judeus e gentios "um espírito de unidade, [36] segundo Cristo Jesus", para que "com um só coração e uma só voz vocês glorifiquem ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo" (15:5,6). O foco do argumento está naquilo que torna essa unidade possível: a justiça de Deus, dada a judeus e a gentios igualmente, com base na fé em Cristo Jesus e realizada por meio do dom do Espírito. Essa questão primordial está cercada de temas que têm a ver com o que Paulo esperava do relacionamento com a igreja em Roma, no centro estratégico do império (1:1-15; 15:14-33), seguida de uma recomendação de Febe (16:1,2) e de saudações a amigos (16:3-16), concluindo com uma exortação final, saudações e doxologia (16:17-27).

O argumento é organizado em quatro partes principais (1:16 a 4:25; 5:12 a 8:30; 9:1 a 11:32; 12:1 a 15:12), e cada uma delas conclui com uma nota confessional que também serve de transição para a próxima parte (5:1-11; 8:31-39; 11:33-36; 15:13). Por sua vez, as partes abordam (1) a questão da pecaminosidade humana, mostrando primeiro sua universalidade (gentios e judeus igualmente, sem que a Lei ofereça nenhuma vantagem a estes), depois a eficácia de Cristo ao lidar com o pecado, para que a justificação diante de Deus esteja baseada somente na fé – para tal, Abraão, "o pai de todos nós" (4:16), serve de exemplo principal; (2) como a fé em Cristo e o dom do Espírito efetuam o tipo de justiça que a Lei visava efetuar, mas não conseguia, pois lhe faltava poder para lidar com a pecaminosidade humana; (3) como Deus é fiel, a despeito da incredulidade judaica, dispondo de lugar para ambos, gentios e judeus, na nova "oliveira" (11:24); (4) como é a justiça realizada por intermédio de Cristo e do Espírito (desse modo, à parte da Lei) no que se refere a relacionamentos dentro da comunidade da fé e além.

Conselho específico para a leitura de Romanos

A chave para uma boa leitura de Romanos é não se deixar atolar nos muitos detalhes que demandam uma resposta. Antes, use *Uma caminhada por Romanos* para ter uma ideia do todo e, então, talvez deseje retornar para, com a ajuda de um bom comentário, descobrir respostas para suas muitas divisões.

Há duas coisas que você precisa saber e que poderão ajudá-lo em sua leitura. Primeiro, a argumentação que Paulo emprega nessa carta é estruturada de acordo com uma forma de retórica antiga conhecida como diatribe, na qual um mestre experiente tentava persuadir os alunos da verdade de determinada filosofia por meio de um diálogo imaginário, normalmente na forma de perguntas e

respostas. Quase sempre um parceiro de debate imaginário (interlocutor) levantava objeções ou conclusões falsas, as quais, após um vigoroso “de modo algum!”, o mestre se esforçaria em corrigir.

Você notará, ao ler, quanto o padrão da diatribe é profundo. O interlocutor imaginário aparece em vários lugares-chave (2:1-5,17-24; 8:2; 9:19-21; 11:17-24; 14:4,10). Paulo debate primeiro com um judeu (2:1-5,17-24), com quem dialoga em boa parte do argumento seguinte, ao formular perguntas e objeções antecipadas e responder a elas (2:26; 3:1-9,27-31; 4:1-3; 6:1-3,15,16; 7:1,7,13; 8:31-35; 9:19, entre outras). Um interlocutor gentio é finalmente introduzido em 11:13-24. Em ambos os casos, Paulo começa atacando o orgulho étnico (2:17-20; 11:18). Note também como tudo isso fica em suspenso quando ele chega às exortações que começam na parte 4 (12:1 a 13:14), vindo à tona novamente apenas quando mencionada a questão dos relacionamentos entre judeus e gentios no que se refere a alimentos e dias sagrados (14:4,10). Às vezes, essa forma de argumentação pode ser perturbadora, especialmente quando, ao conduzi-la, Paulo faz declarações radicais que podem parecer contraditórias. Mas, no final, cada uma delas deve ser mantida no contexto do argumento completo.

Segundo, a natureza da argumentação é tal, que segue uma sequência lógica de ideias, mas você não deve pensar que ela também representa uma sequência de experiência cristã (justificação [capítulos 1 a 5] seguida de santificação [capítulos 6 a 8], conforme frequentemente sugerido). Por exemplo, embora o papel do Espírito não seja examinado em detalhes até 7:4-6 e 8:1-30, seu papel já é antecipado em 2:28,29 e 5:5. Do mesmo modo, a inadequação da Lei é primeiro apresentada no capítulo 2, mas, no contexto da vida do Espírito, ela é abordada novamente em 7:7 a 8:4, sendo sugerida mais uma vez em 13:8-10. E o que é dito sobre o Espírito em 8:1-30 deixa claro que sua presença é pressuposta no argumento de 6:1-14. De igual forma, os pormenores éticos citados

nos capítulos 12 a 14 pressupõem o argumento dos capítulos 6 e 8. O ponto é que Paulo não apresenta o evangelho inteiro a todo momento; ao avançar na leitura da carta, você constantemente precisará tentar manter todo o argumento à vista.

Uma caminhada por Romanos

1:1-7 – Saudação

Aqui, de longe a mais longa das saudações de Paulo, o apóstolo já se concentra no evangelho (1:2-4, retomado em 1:16,17) ao abranger os gentios (1:5-7).

1:8-15 – Ação de graças e oração

Observe como o modelo de oração e ação de graças de Paulo evolui para uma narrativa sobre seu anseio de estar em Roma, narrativa essa que será retomada em 15:14. Note especialmente como ele recua de insistir em sua posição apostólica.

1:16-17 – A proposição declarada

Ao ler o restante da carta, você verá quantas das ideias e preocupações nela contidas são antecipadas nessa frase de proposição (com os versículos 2-4): o evangelho diz respeito ao Filho de Deus; é o poder de Deus trazendo salvação a judeus e gentios igualmente; é a revelação da justiça divina, disponível a todos sobre a mesma base, a saber, a fé em Cristo Jesus.

1:18 a 5:11 – Parte I: sobre pecado, a Lei, Cristo e fé

Paulo começa pintando um quadro sombrio da condição humana, iniciando pela pecaminosidade gentílica: a idolatria leva à adoração da criatura, à injustiça e ao ódio de todo tipo (1:18-32). Mas note que ele rapidamente contra-ataca, argumentando que a posse da Lei não favorece os judeus, que a utilizam para julgar os outros (2:1-11): (alguns) gentios que não têm a Lei fazem o que ela exige (2:12-16), e (alguns) judeus que têm a Lei ainda assim a transgridem

(2:17-27). A única esperança está na *circuncisão do coração* (veja Deuteronômio 30:6) pelo Espírito (Romanos 2:28,29).

Após um breve olhar (em diatribe) para a questão da fidelidade divina à luz da pecaminosidade judaica (3:1-8), Paulo conclui com más notícias – judeus e gentios são igualmente pecadores e precisam de ajuda, o que a Lei não poderia prover (3:9-20).

A resposta divina é a maior de todas as boas-novas: por meio da morte de Jesus Cristo, a justiça de Deus é dada à parte da Lei e está disponível a judeus e gentios da mesma forma, pela fé (3:21-26). Note como Paulo levanta três perguntas (3:27-31) a serem respondidas no restante do argumento: (1) o "vangloriar-se" é excluído; (2) sua exclusão baseia-se na "lei" da fé, à parte da Lei Mosaica; (3) a fé é a única resposta, uma vez que há somente um Deus – tanto para gentios quanto para judeus.

Para tudo isso, Abraão serve de exemplo (4:1-25). Note a ênfase ao fato de que não somente Abraão creu em Deus, o que lhe foi creditado como justiça, mas também de que isso aconteceu quando ele ainda era incircunciso (um gentio), fazendo dele o pai de todos, tanto judeus quanto gentios (ou seja, os que creem em Deus como ele creu; 4:23-25).

A resposta de Paulo a essas boas-novas é irromper em uma rapsódia confessional, insistindo para que todos os seus leitores entrem na "paz" e se gloriem/alegrem em sua esperança e em seus sofrimentos, uma vez que "nós" temos experimentado o amor de Deus em Jesus Cristo (5:1-11).

5:12 a 8:39 – Parte 2: sobre pecado, Cristo, a Lei e o Espírito

Note como a parte 2 começa como a parte 1, com o escopo universal da pecaminosidade humana. Mas, agora, Paulo remete a Adão a fim de salientar o escopo igualmente universal (= para gentios e judeus) da justiça disponibilizada em Cristo (5:12-21).

Paulo retoma a questão dos pecados, uma vez que o pecado é reparado por meio da morte e da ressurreição de Cristo. Usando três analogias – morte/sepultamento/ressurreição retratados no batismo cristão (6:1-14), escravidão e liberdade (6:15-23) e morte no casamento (7:1-3) –, ele conclui, em 7:4-6, conclamando-nos a morrer para o velho (a carne [natureza pecaminosa] e a Lei) e a viver no novo (Cristo e o Espírito).

Ainda que Paulo seja muito duro com a Lei nesse ponto, ele faz um desvio momentâneo para exonerar a Lei – que é dada por Deus, afinal – a despeito de seu papel em nossa morte (7:7-25). Sem o Espírito, a Lei foi irremediavelmente posta de lado, enquanto "outra lei" – o pecado que ela despertou – assumiu e "matou" Paulo (7:14-24).

A resposta divina a isso (8:1-30) é uma *terceira lei*, o Espírito (8:2), que cumpre a Lei em nós (8:4) e se opõe à natureza pecaminosa (8:5-13). O Espírito também nos guia no presente (8:14-17) e garante o futuro (8:18-25), enquanto nos ajuda em oração em meio ao sofrimento (8:26,27) e nos conforma à semelhança de Cristo (8:28-30).

A resposta de Paulo a tudo isso é o êxtase de 8:31-39. Deus é "por nós", não contra nós, em Cristo, de cujo amor jamais poderemos ser separados e em quem somos mais que vencedores em todas as situações. Desse modo, cristãos (especialmente gentios) não precisam tomar o caminho da Lei.

9:1 a 11:36 – Parte 3: a fidelidade de Deus e a infidelidade judaica

Paulo dedica-se, agora, a abordar a tensão entre a fidelidade divina (ao unir judeus e gentios, tornando-os um só povo) e a infidelidade judaica (uma vez que a maioria dos judeus não respondeu às boas-novas em Cristo). O argumento está em três fases, marcadas por um lamento sobre aqueles de Israel que rejeitaram a Cristo (9:1-5),

e uma conclusão confessional, na qual Paulo se curva em louvor e admiração diante da incrível soberania de Deus (11:33-36).

Note como a primeira fase (9:6-29) retoma a questão da fidelidade de Deus citada em 3:3. A despeito da rejeição judaica, a Palavra de Deus não falhou; a eleição precisa ser entendida considerando-se os novos moldes de um remanescente e da misericórdia de Deus sobre os gentios.

Observe como a segunda fase (9:30 a 10:21), embora ainda lide com a fidelidade de Deus, apresenta a responsabilidade de Israel por ficar de fora do que Deus está fazendo (com gentios agora "dentro" e boa parte de Israel "fora").

A terceira fase (11:1-32) retoma a questão bastante difícil sobre Deus ter ou não rejeitado Israel completamente. Apesar das aparências, Deus não abandonou seu povo antigo; eles tropeçaram, mas não caíram totalmente. Retornando, então, ao conceito de "remanescente", Paulo argumenta que o novo povo remanescente de Deus inclui judeus e gentios; ambos têm servido, de maneiras diferentes, para ajudar a trazer outros.

12:1 a 15:13 – Parte 4: o funcionamento prático da justiça divina

As misericórdias (precedentes) de Deus nos chamam para o serviço a ele, com base em uma mente renovada (pelo Espírito) que pode determinar o que lhe agrada (12:1,2). Note que os versículos 3-8 oferecem o fundamento teológico básico para as exortações a seguir: a comunidade da fé (de judeus e gentios juntos, como um corpo) é o palco no qual tudo isso deve ser desenvolvido, primeiro no âmbito interpessoal (12:9-21), depois no mundo (13:1-7). O amor é a chave (13:8-10), mantendo todas as coisas unidas (ele cumpre a Lei e faz o restante do argumento funcionar).

Depois de lembrar aos crentes gentios que o fim da Lei não significa o fim da justiça (13:11-14), Paulo conclui todo o argumento

sobre a questão muito prática do respeito, entre judeus e gentios, às atitudes de ambos para com alimentos e dias sagrados (14:1 a 15:13), conclamando-os a aceitar uns aos outros (14:1; 15:1,7). Veja como, com argumentação maravilhosa, ele teologicamente toma partido ao lado dos gentios (14:17,18), mas, na prática, fica ao lado dos judeus (14:19-21). E note especialmente como todo o argumento se encerra, em 15:5-8, com oração e exortação a que "aceitem-se uns aos outros", seguidas por uma série de textos do Antigo Testamento que incluem os gentios na história de Deus (15:9-12). Todo o argumento de 1:16 se conclui com a oração de 15:13.

15:14-33 – Paulo, a missão entre os gentios e Roma

Retomando do ponto em que o argumento findou, em 15:5-13, Paulo destaca seu próprio papel de levar o evangelho aos gentios (15:14-22), o que o faz traçar planos de ir até Roma – pelo caminho de Jerusalém (15:23-33).

16:1-27 – Questões conclusivas

A conclusão à carta começa com uma recomendação de sua portadora, Febe (16:1,2), seguida de saudações a amigos em Roma (16:3-16), uma exortação final (16:17-20), saudações finais (16:21-24) e uma doxologia (16:25-27). Note como, bem no fim, Paulo novamente enfatiza que está em conformidade com os profetas quanto ao objetivo de que "todas as nações venham a crer [em Deus] e a obedecer-lhe" (veja 1:2-7).

Aqui, a história de Deus é contada em sua expressão teológica principal. O amor de Deus é para todos, tanto judeus quanto gentios, e encontrou demonstração na morte e ressurreição de Cristo; o dom do Espírito faz tudo funcionar em nossa vida diária.

1CORÍNTIOS

Dados de orientação para 1Coríntios

- **Conteúdo:** uma carta corretiva, na qual Paulo se posiciona contra os coríntios assunto após assunto, principalmente sobre comportamento, e tais assuntos constituem traições ao evangelho de Cristo e à vida no Espírito.
- **Autor:** o apóstolo Paulo.
- **Data:** aproximadamente 53-54 d.C., de Éfeso (veja 16:8).
- **Destinatário:** a igreja em Corinto, composta, em sua maioria, por gentios (12:2; 8:7).
- **Ocasião:** Paulo responde a uma carta da igreja (7:1) e a relatos que ele tem recebido (1:11; 5:1).
- **Ênfases:** a mensagem central do evangelho é Cristo crucificado; a sabedoria e o poder de Deus manifestados na cruz; o comportamento cristão que se conforma ao evangelho; a verdadeira natureza da vida no Espírito; a futura ressurreição corpórea dos cristãos mortos.

Visão geral de 1Coríntios

A primeira epístola aos coríntios é a carta mais difícil de resumir do Novo Testamento, porque Paulo lida com nada menos que onze questões diferentes, às vezes com extensão semelhante à de algumas de suas cartas mais curtas (2Tessalonicenses; Tito). Alguns itens (sobre *divisões* e sobre *sabedoria*, 1:10 a 4:21; sobre *incesto*, 5:1-13; sobre *litígio*, 6:1-11, e sobre *sair com prostitutas*, 6:12-20) são respostas diretas a relatos de membros da casa de Cloe (1:11; provavelmente uma cristã efésia cujos servos estavam em Corinto a negócio). Isso pode muito bem ser verdade quanto ao

uso do véu por mulheres, em 11:2-16, bem como é quase certamente verdadeiro quanto às repreensões acerca da *Mesa do Senhor*, em 11:17-34.

O restante responde à carta dos coríntios a Paulo, mencionada em 7:1, em que ele começa retomando a questão de *sexo e casamento* (7:1-24). Em 7:25, surge a fórmula “Quanto às pessoas [virgens]”, repetida em 8:1 (“Quanto a alimentos sacrificados[37] aos ídolos”), 12:1 (“Quanto aos dons espirituais”), 16:1 (“Quanto à coleta”) e 16:12 (“Quanto ao irmão Apolo”). A maioria delas é uma resposta direta ao comportamento adotado por alguns ou pela maioria dos cristãos em Corinto; em cada caso, Paulo os está *corrigindo*, e não informando sobre coisas que ainda não sabem (note com que frequência ele os incita dizendo “Vocês não sabem [...]”, quando a implicação é que, de fato, sabem – veja 3:16; 5:6; 6:2,3,9,15,16,19; 9:13,24). Das questões levantadas, a única que não se refere a comportamento é a da ressurreição física dos crentes, no capítulo 15, e, ali, Paulo especificamente diz que “alguns [...] estão dizendo que não existe ressurreição dos mortos” (15:12).

Há um grau de lógica para o arranjo geral da carta. Paulo começa com questões a ele relatadas (1:10 a 6:20), iniciando com o assunto básico das divisões – dentro da própria comunidade, mas, principalmente, contra ele mesmo – antes de retomar outras formas de rompimento nas relações comunitárias (incesto, litígio, prostituição). Começando em 7:1, ele retoma questões da carta enviada pelos coríntios, muito provavelmente na ordem em que elas ocorrem. Mas, quando chega a algumas outras que lidam com adoração (frequentar festas de ídolos e usar abusivamente o dom de línguas), ele insere dois outros tópicos de adoração sobre os quais tem informação (uso do véu e insulto à Mesa do Senhor). Ele coloca a questão da ressurreição ao final de sua resposta sobre os dons do Espírito, porque ela reflete, provavelmente, a falsa teologia (ou espiritualidade) responsável pelas atitudes dos coríntios também

na maioria das outras questões. Ele conclui com mais questões práticas no capítulo 16.

Conselho específico para a leitura de 1Coríntios

Para uma boa leitura de 1Coríntios, você precisa de algum entendimento sobre a cidade onde os cristãos coríntios moravam. Depois de permanecer inativa por aproximadamente cem anos, Corinto foi refundada por Júlio César, em 44 a.C., como uma colônia romana. Por causa de sua localização estratégica para o comércio, tanto no sentido norte-sul quanto no leste-oeste, ela se tornou a maior cidade da Grécia romana nos tempos de Paulo (cem anos depois). Para padrões da Antiguidade, era uma cidade relativamente nova, mas logo se tornou cosmopolita (tendo atraído pessoas de todo o império), cheia de *nouveau riche*.[38] Era também muito religiosa (todos os imigrantes traziam suas deidades), enquanto moralmente decadente. Assim, aqueles que se tornaram cristãos eram dessa população diversa, tanto escravos quanto livres, gentios e judeus (12:13), trazendo muito de sua bagagem anterior para a fé cristã.

É importante, ao ler 1Coríntios, estar ciente de que a oposição a Paulo nessa carta (por exemplo: 4:3-5,18-21; 9:1,2) não vinha de fora – como em Gálatas, 2Coríntios 10 a 13 e 1Tessalonicenses –, mas de dentro da própria igreja. Uma leitura cuidadosa sugere que Paulo e os coríntios (ao menos muitos deles) estão em conflito em todas as questões. Ou entenderam mal ou deliberadamente interpretaram mal uma carta anterior de Paulo que proibia determinados vícios (1Coríntios 5:9,10), então eles lhe escrevem para dizer por que acham que estão certos e ele está errado (por exemplo: capítulos 8 a 10; 12 a 14). E a conduta de alguns deles, sobre a qual *não* escreveram, é tão grotescamente não cristã, que Paulo fica horrorizado com o fato de que uma comunidade cristã

tenha chegado a crer como eles creem. Em alguns casos, você pode até mesmo retomar os pontos em que Paulo cita os argumentos dos coríntios, muitas vezes em concordância com a própria declaração deles, mas discordando do modo como a entendem (veja 6:12,13; 7:1,2; 8:1,4).

O ponto principal do conflito entre eles é a questão de *ser espiritual* – o que significa ser uma pessoa do Espírito. Isso aparece com mais clareza nos capítulos 12 a 15, em que os coríntios aparentemente creem que falar em línguas é falar a língua dos anjos (13:1) – eles pensam, então, que já chegaram ao estágio supremo de espiritualidade, tanto que alguns não veem utilidade em uma ressurreição corpórea (6:13,14; 15:12). Isso também levou a uma visão triunfalista da vida no presente. Cheios da "sabedoria" do Espírito, eles enxergam as fraquezas de Paulo como evidência de uma espiritualidade inferior (4:6-21). Em uma visão assim, não há espaço para a vida da cruz, daí a facilidade com que rejeitam a visão de Paulo sobre tantas questões. Muito provavelmente, a espiritualidade deles também se presta à pobre visão que têm sobre atividades corporais (satisfazendo-se ou sendo ascéticos à vontade), de modo que alguns chegam a argumentar contra a vida sexual no casamento (7:1-7), e o tradicional uso do véu é posto de lado "por causa dos anjos" (11:3-16, especialmente o versículo 10).

A resposta básica de Paulo a tudo isso é lembrá-los de que o evangelho tem, por essência, um Messias crucificado e ressuscitado dentre os mortos, e, desse modo, o apóstolo conclui a carta com essas duas realidades teológicas básicas (a cruz, 1:17 a 2:16; e a ressurreição, 15:1-58). Tudo o mais na carta deve ser entendido à luz disso; na verdade, o papel mais importante do Espírito é revelar a cruz como a chave para a sabedoria de Deus (2:6-16).

Como Paulo vê o evangelho sob risco (especialmente por causa da rejeição dos coríntios à centralidade da cruz na vida cristã), você verá que o temperamento dele percorre uma gama variada de

emoções – confrontação (4:18-21; 9:1-12; 14:36-38), apelo (4:15,16; 10:31 a 11:1), sarcasmo (4:8; 6:5, os “sábios” não têm sabedoria o bastante para resolver disputas!), ironia (1:26-28, ninguém em nome da sabedoria os teria escolhido para ser povo de Deus!), eloquência (13:1-8) e rapsódia (15:51-57) –, mas há pouca alegria ou satisfação em seu relacionamento com essa igreja (e 2Coríntios conta-nos que isso fica pior antes de melhorar).

Uma caminhada por 1Coríntios

1:1-9 – Saudação, oração e ação de graças

Observe como, tipicamente, esses elementos formais são elaborados de maneira a antecipar o restante da carta (“santificados em Cristo Jesus”; “enriquecidos em tudo” [com dons do Espírito]). Notavelmente, Paulo ainda dá graças a Deus por eles – todos eles –, porque, afinal, são povo de Deus, e não dele.

Ao ler o restante da carta, procure os vários elementos e as diversas razões para os problemas específicos com os quais Paulo está lidando, então perceba como ele responde a cada um deles.

1:10 a 4:21 – Divisões entre líderes em nome da sabedoria

O problema: uma combinação de (1) sentimento anti-Paulo, o que gerou (2) discórdia entre os líderes, (3) e ela continua em nome da sabedoria.

Resposta de Paulo: veja como ele primeiro aborda o problema da sabedoria (1:13 a 3:4), insistindo que tudo sobre a existência dos coríntios em Cristo lhes desmente a suposta sabedoria – o evangelho de um Messias crucificado (1:18-25); o próprio chamado dos coríntios (1:26-31); a pregação de Paulo (2:1-5). Na verdade, um dos papéis do Espírito é revelar a cruz como sabedoria divina (2:6-16).

Segundo (3:5-23), ele corrige o entendimento inadequado dos coríntios a respeito dos (1) líderes, que são meramente servos (3:5-15), e a respeito da (2) igreja, que é o templo do Deus vivo em Corinto (3:16,17); desse modo, ninguém deveria gloriar-se em meros mortais (3:18-23).

Terceiro (4:1-21), Paulo responde às críticas: uma vez que ele é servo de Deus, eles não têm o direito de julgá-lo; o orgulho deles fede, de modo que o apóstolo faz apelos e os adverte.

5:1-13 – Um caso de incesto

O problema: um cristão está vivendo incestuosamente com a "mulher de seu pai" (outra esposa de seu pai, e não sua mãe biológica; veja Levítico 18:8); note que se trata de um caso em que eles estão desacordo direto com a carta anterior endereçada (5:9).

Resposta de Paulo: uma vez que Paulo já julgou o transgressor, eles devem reunir-se no poder de Cristo e entregá-lo a Satanás (= colocá-lo para fora da igreja, deixando-o sob o domínio de Satanás; veja 1Timóteo 1:20) – para o bem da igreja e, por fim, para a própria salvação do transgressor.

6:1-11 – Litígio externo de uma discussão interna

O problema: um irmão enganou o outro (6:8), então este levou aquele aos tribunais pagãos para ser julgado (6:1), e a igreja não fez nada (6:2-5).

Resposta de Paulo: horror! Ao não fazer nada, a igreja traiu sua própria existência como povo de Deus no fim dos tempos (6:2-4); vergonha para o litigante (6:6,7); advertência ao réu (6:8-10). Mas observe como Paulo termina, afirmando a redenção deles por meio de Jesus Cristo e do Espírito (6:11).

6:12-20 – Sobre sair com prostitutas

O problema: em nome de seus direitos como cristãos (6:12), e com base em uma visão pobre acerca do corpo (6:13), alguns homens

estão argumentando o direito de visitar prostitutas (compreensível à luz de 7:1-16).

Resposta de Paulo: contra *suas* visões de direitos, somente o que é "benéfico" conta, e ser dominado pelo que quer que seja é uma forma de servidão (6:12). Contra a visão errada sobre o corpo, Paulo apela à ressurreição do Senhor como afirmação do corpo (6:14) e à natureza da relação sexual como unificadora de duas pessoas (6:15); desse modo, não se pode estar unido ao Senhor pelo Espírito e a uma prostituta pelo sexo (6:16,17), uma vez que o corpo pertence ao Senhor como seu templo (6:18-20).

7:1-24 – Aos casados e descasados

O problema: com base na afirmação "É bom que o homem não toque em mulher", algumas mulheres aparentemente (7:10) estão defendendo a ausência de sexo dentro do casamento (isso porque elas já assumiram sua existência "celestial", na qual não há nenhum casamento ou dar-se em casamento?), e, se a referência não for à ausência de sexo, então é ao direito de divórcio.

Resposta de Paulo: aos *já casados* (7:1-7), parem de privar-se mutuamente; antes, mantenham relações conjugais plenas. Às *viúvas* e (provavelmente) aos *viúvos* (7:8,9), fiquem onde estão. Aos *casados atualmente* (com um cônjuge cristão; 7:10,11), nenhum divórcio (= fiquem onde estão). Aos outros (= *atualmente casados com não cristãos*; 7:12-16), não busquem o divórcio (= fiquem onde estão).

A "regra" (7:17-24), baseada no chamado divino e na redenção de Cristo, é esta: fique onde está, uma vez que o chamado de Deus santifica sua situação atual; mas, se a mudança vier, isso também é aceitável.

7:25-40 – Aos que nunca se casaram

O problema: com base na premissa de 7:1, alguns estão argumentando que virgens (= jovens prometidas em casamento)

certamente não deverão casar-se.

Resposta de Paulo: observe como Paulo concorda com a conclusão, mas não com a premissa; desse modo, ele oferece diferentes razões para que alguém permaneça solteiro (os “problemas atuais”; liberdade desimpedida para servir ao Senhor) – mas, qualquer que seja a condição, não se deve ficar ansioso (7:32), porque o casamento é também plano de Deus.

8:1 a 11:1 – Sobre festas a ídolos e mercado de alimentos oferecidos a ídolos

O problema: uma vez que ídolos não têm nenhum significado porque há somente um Deus (8:4), alguns têm argumentado, contra Paulo, que deveriam ter o direito de continuar frequentando festas no templo (8:10), onde acontecem todas as celebrações familiares; quanto a isso, há a questão dos escrúpulos judaicos sobre a compra de alimentos oferecidos a ídolos (10:23 a 11:1). Esses coríntios aparentemente questionaram o direito de Paulo de proibir que frequentem o templo – negando-lhe o apostolado, isso porque Paulo não aceita o apoio deles (9:1-18) e porque parece irresoluto sobre os alimentos do mercado (comê-los em lares gentios, mas permanecer *kosher*[39] em lares judaicos; 9:19-23).

Resposta de Paulo: observe que Paulo não começa com uma proibição (que virá mais tarde; 10:14-22), mas com as ações por eles praticadas com base no *conhecimento* (novamente, elitismo espiritual), e não no amor (8:1-6). Para a maioria dos ex-idólatras, o “deus” tinha realidade subjetiva, e ser encorajado a retornar aos templos os destruiria (8:7-13).

Paulo (9:1-18) defende, então, seu direito apostólico ao apoio deles, embora tenha aberto mão disso, e insiste que suas ações em relação a alimentos do mercado têm como objetivo estrito o bom êxito do evangelismo (9:19-23). Depois de conclamar a necessidade de autodisciplina, tendo a si mesmo como exemplo positivo (9:24-

27), ele os adverte com base nos exemplos negativos de Israel (10:1-13). Por fim, proíbe explicitamente que se coma nos templos, uma vez que fazer isso é ter parte com o demônio (10:14-22).

Voltando-se para os alimentos do mercado, em 10:23 a 11:1, Paulo argumenta que as Escrituras deixam claro que Deus, de uma forma ou de outra, não se importa – assim sendo, compre e coma, a menos que isso incomode uma consciência pagã (alguém que entende o cristianismo como uma seita judaica).

11:2-16 – Sobre o uso do véu na adoração

O problema: muito provavelmente, algumas mulheres estavam descartando um tradicional xale largo, com base no entendimento de que eram como os anjos, o que aparentemente trouxe tensão aos relacionamentos matrimoniais (na visão de seus maridos, elas estavam se comportando como homens).

Resposta de Paulo: embora as mulheres tenham autoridade sobre suas próprias cabeças nesse aspecto (11:10), mulheres e homens são, no Senhor, interdependentes (11:7-9,11,12); assim, elas devem manter os costumes (11:13-16) a fim de que não se pareçam com os homens (caso contrário, ele argumenta, sigam até o fim parecendo um homem e deixem a cabeça “rapada”; 11:5,6).

11:17-34 – Divisões à Mesa do Senhor

O problema: note que a divisão, aqui, se dá entre ricos e pobres (11:22) e está relacionada com a refeição feita em conexão com a Mesa do Senhor (11:17-21), da qual os pobres estavam sendo excluídos (a igreja se reunia nas casas dos abastados).

Resposta de Paulo: ele lembra os coríntios das palavras da instituição (11:23-25) e de que devem “discernir o corpo do Senhor” quando comerem (= a igreja; veja 10:16,17); caso contrário, comem para juízo, e não para bênção (11:27-32). Que comam as refeições privadas privativamente e, nas refeições comunitárias, “esperem uns pelos outros” (11:33,34).

12:1 a 14:40 – O abuso do dom de línguas

O problema: a visão que eles tinham das línguas como linguagem dos anjos (13:1) levou-os a enfatizar em demasia esse dom na adoração (14:18,19,23), tornando o louvor comunitário ininteligível e, desse modo, ineficaz para a edificação do corpo.

Resposta de Paulo: antes de mais nada, o critério principal para expressões do Espírito é a confissão de Jesus como Senhor (12:1-3). Com base na experiência trinitária que tinham de Deus (12:4-6), Paulo os conclama à diversidade dos dons na unidade do Espírito (12:7-31); de todo modo, o amor deveria governar-lhes a adoração em todos os momentos (13:1-13).

Perseguir o amor significa, primeiro, que somente o que é inteligível deve ocorrer na comunidade em prol da edificação (14:1-25) e, segundo, que tudo deve ter a medida da ordem (14:26-40), porque a adoração reflete o que se crê acerca do caráter de Deus (14:33).

15:1-58 – A ressurreição corpórea dos cristãos

O problema: alguns negam a ressurreição corpórea dos cristãos (15:12), aparentemente ridicularizando a ideia de um corpo ressurreto (15:35). Observe que a presença desse assunto na carta sugere que ele esteja intimamente relacionado aos capítulos 12 a 14.

Resposta de Paulo: com base na ressurreição de Cristo, na qual eles creem (15:1-11), Paulo argumenta em prol da certeza de nossa ressurreição (15:12-34), incluindo: (1) a tolice de se crer em uma, mas não na outra (15:12-19); (2) a inevitabilidade (as primícias garantem a colheita final) e a necessidade (a morte é o inimigo final de Deus a ser vencido) de nossa ressurreição (15:20-28); e (3) a insensatez dos atos daqueles cristãos, e da vida em si, sem essa esperança (15:29-34).

Quanto a “que espécie de corpo”, a resposta é *o mesmo*, *mas não exatamente o mesmo* – ele será espiritualmente reformado para a existência celestial (15:35-50). Note como Paulo conclui zombando da morte à luz da certeza do nosso futuro (15:51-58) – aqui, deixe que o seu coração se eleve!

16:1-11 – Sobre a coleta para os pobres

O problema: Paulo pretende levantar uma contribuição substancial nas igrejas gentias para aliviar os pobres em Jerusalém; aparentemente, os cristãos coríntios o questionaram quanto a isso.

Resposta de Paulo: separar algum dinheiro semanalmente – ao que ele adiciona informações sobre planos futuros, tanto seus quanto de Timóteo.

16:12-24 – Questões conclusivas

Observe como Paulo retoma o tema da volta de Apolo, solicitada pelos coríntios (16:12), de modo a levar a carta a uma conclusão no estilo típico (exortações pontuais, 16:13,14; recomendação dos portadores da carta, 16:15-18; saudações finais, 16:19-24). Mas note também que, aqui, ele adiciona uma maldição e uma oração finais (16:22), além de uma palavra de graça (16:24, reafirmando-lhes o seu amor, uma vez que havia sido tão duro nas respostas).

Essa carta ocupa um lugar importante na história bíblica, lembrando-nos

constantemente de que (1) Deus chama um povo para si, a fim de conformá-lo à sua semelhança, sendo refletido na (aparente) fraqueza e na loucura da cruz, e (2) no final, Deus vencerá nosso (e seu) inimigo final – a morte – por meio de nossa ressurreição e/ou transformação.

2CORÍNTIOS

Dados de orientação para 2Coríntios

- **Conteúdo:** provavelmente duas cartas (capítulos 1 a 9; 10 a 13) combinadas em uma, lidando principalmente com o tênue relacionamento de Paulo com a igreja em Corinto e, no processo, assinalando também várias outras questões (o ministério de Paulo, a coleta para os pobres em Jerusalém e alguns itinerantes cristãos judeus que invadiram a igreja).
- **Autor:** o apóstolo Paulo, acompanhado por Timóteo.
- **Data:** perto de 54-55 d.C., da Macedônia (2:13; 7:5) – muito provavelmente Filipos.
- **Destinatário(s):** veja 1Coríntios.
- **Ocasião:** o retorno de Tito de uma visita recente (7:5-7) e a antecipada terceira visita de Paulo à igreja (13:1), tendo em conta (1) a necessidade da igreja de ter a coleta pronta antes que Paulo ali chegue e (2) a prontidão daqueles cristãos em abraçar alguns "falsos apóstolos [que se fingiam] apóstolos de Cristo" (11:13).
- **Ênfases:** o ministério cristão como serviço, refletindo o de Cristo; a glória maior da nova aliança em contraste com a antiga; a glória do evangelho exibida na fraqueza de seus ministros; o evangelho da reconciliação; a doação aos pobres como expressão de generosidade, e não de obrigação.

Visão geral de 2Coríntios

Ler 2Coríntios é algo como ligar a televisão no meio de um filme muito complicado. As pessoas estão conversando e as coisas estão acontecendo, mas não sabemos ao certo quem são algumas das personagens ou qual é a trama. Na verdade, ao sair da primeira

carta para essa, tem-se a sensação de estar entrando em um mundo novo. Poucas das questões levantadas na carta anterior aparecem aqui, exceto a preocupação com a coleta (1Coríntios 16:1-4/2Coríntios 8 e 9) e, talvez, em 2Coríntios 6:14 a 7:1, a volta à questão da comida sacrificada aos ídolos. Mas essa é uma visão superficial; o que une as duas cartas é a tensão relacional dominante sentida entre Paulo e os coríntios, referente ao verdadeiro apostolado.

Quatro questões que se chocam no curso dessa(s) carta(s) explicam todas as suas partes: (1) a mudança de planos de Paulo em relação às visitas a Corinto; (2) a coleta; (3) o apostolado e o ministério de Paulo; e (4) a presença dos cristãos judaicos itinerantes.

As primeiras três questões vêm de 1Coríntios e são tratadas em 2Coríntios 1 a 9. Uma explicação cronológica das relações passadas imediatas de Paulo com eles, aparentemente resultante de sua mudança de opinião a respeito de visitas propostas e reais, é encontrada em 1:12 a 2:13 e retomada em 7:5-16. A longa ruptura de 2:14 a 7:4 é a joia da coroa dessa carta. Aqui, Paulo defende seu apostolado em fraqueza (relembre 1Coríntios), um assunto provocado pelos seus oponentes (2:14 a 4:6). A necessidade de se ter a coleta pronta antes da chegada do apóstolo é abordada nos capítulos 8 e 9. Os capítulos 10 a 13 contêm um ataque vigoroso contra seus oponentes cristãos judeus – comparável ao daquele aos gálatas (veja Filipenses 3:2) – intercalado com indignação, sarcasmo mordaz e apelos suaves aos coríntios, para que voltem à razão.

Conselho específico para a leitura de 2Coríntios

Para todos os efeitos, você verá que 2Coríntios não é fácil de ler, no sentido de enxergar como tudo se encaixa. Três coisas respondem

por essa complexidade. A primeira é que, de todo o legado de cartas de Paulo, essa é a mais intensamente pessoal, escrita porque o que está em jogo é, o tempo todo, o relacionamento contínuo, e em grande parte doloroso, de Paulo com essa igreja. A intensidade dessa dimensão pessoal explica muitas coisas, incluindo o modo como Paulo fala e a dificuldade que temos, às vezes, de acompanhar seu fluxo de pensamentos (por exemplo: 2:14 a 7:4).

A segunda é a probabilidade de que 2Coríntios consista na quarta e quinta cartas de Paulo a essa igreja, unidas numa só no processo de transmissão (uma carta precede 1Coríntios [veja 1Coríntios 5:9]; entre 1 e 2Coríntios há a carta dolorosa mencionada em 2Coríntios 2:3,4). Há duas razões para se acreditar nisso: (1) embora Paulo fale contra os itinerantes em 2:17 a 3:3 (os que negociam “a Palavra de Deus visando lucro”), o restante dos capítulos 1 a 9 reflete uma situação relativamente estável, incluindo apelos e laços de ternura (por exemplo: 1:7; 2:1-4; 6:11-13; 7:13-16), de um tipo totalmente ausente em 1Coríntios. Quase todo mundo concorda que algo aconteceu entre a escrita dessas palavras e o que aparece nos capítulos 10 a 13. (2) Em 8:16-18, Paulo recomenda Tito e outro irmão, os quais levarão a carta 4 (capítulos 1 a 9) e apanharão a coleta; em 12:18, Paulo refere-se a esse envio como um evento passado.

A terceira é entender como se unem as quatro questões que compõem a carta. Nossa sugestão: o relacionamento de Paulo com essa igreja, que já era tênue quando ele escreveu 1Coríntios, havia obviamente azedado. Isso tem relação, em parte, com uma mudança de planos quanto ao itinerário esboçado em 1Coríntios 16:5-9. Em vez de ir pela Macedônia, ele foi diretamente de Éfeso, para surpresa e desgosto dos coríntios (a coleta não estava pronta). Um encontro sério com alguém, mencionado em 2Coríntios 2:1,2,5-11 e 7:11,12 (talvez um dos itinerantes), fez com que Paulo partisse tão abruptamente quanto chegou.

Enquanto isso, ele mudou de planos de novo! Em vez de retornar a Corinto ao deixar a Macedônia (1:15,16), ele foi até Éfeso e enviou Tito com sua carta dolorosa (2:3,4), parcialmente para certificar-se de que a coleta estava a caminho (8:6). Quando ele e Tito por fim se encontraram na Macedônia (2:12,13; 7:5-7), Tito trouxe, essencialmente, boas-novas. Embora a carta de Paulo os tivesse magoado, como ele sabia que magoaria, ela também levou ao arrependimento e à (muita) disciplina do homem que havia atacado Paulo (2:5-11). Tudo isso é tratado nos capítulos 1 a 7.

A primeira razão para a vinda de Paulo, no entanto, ainda se mantém – apanhar o resultado da coleta (capítulos 8 e 9). Assim, Tito está sendo enviado adiante com a carta 4 (capítulos 1 a 9), o que explica suas ações e, especialmente, suas esperanças de assegurar que a coleta estará de fato pronta quando Paulo e alguns macedônios chegarem, um pouco mais tarde (9:1-5).

Por sua vez, os itinerantes ainda estavam exercendo seu comércio. Quando Tito chegou com a carta 4, eles parecem ter ficado na vantagem, então Tito correu de volta para a Macedônia com as más notícias, fazendo com que Paulo escrevesse de novo, dessa vez confrontando os coríntios e seus oponentes por brincarem com o evangelho e com o verdadeiro significado do apostolado. Essa carta foi preservada como os capítulos 10 a 13 de 2Coríntios.

Ao colocar tais questões em perspectiva para uma leitura mais fácil dessa carta, certifique-se de não perder de vista a grandeza de sua teologia, tanto o que se refere ao ministério quanto no que diz respeito ao evangelho. Aqui, Paulo lança mão da teologia da cruz, conforme aplicada no ministério, assunto iniciado em 1Coríntios 4:9-13, e o faz com riqueza de detalhes. A glória de Deus – e o poder do evangelho – não é minimizada, e, sim, aumentada, por meio da fraqueza dos “vasos de barro” (2Coríntios 4:7; veja 12:7-10) que a proclamam. Esse ministério está em harmonia com o Crucificado,

afinal. Por isso, Paulo repetidamente se gloria em suas fraquezas – não porque gostasse de sofrer, mas porque, dessa maneira, a atenção se voltava para o Salvador, não para o mensageiro. E a passagem que lida com a glória da nova aliança por meio de Cristo e do Espírito (3:1-18) “vale o preço do livro”. Assim, leia e aproveite!

Uma caminhada por 2Coríntios

1:1-11 – Saudação e louvor a Deus

Em vez da ação de graças e da oração habituais após uma breve saudação (1:1,2), note, nesse caso, que Paulo irrompe em louvor a Deus pelo consolo/encorajamento no sofrimento (1:3-7), que serve para informar aos coríntios seu mais recente livramento da morte (1:8-11).

1:12 a 2:13 – Uma explicação para a mudança de planos de Paulo

Ao ler essa seção, observe o fato de que tudo está em ordem cronológica. Assim, note que Paulo se sente compelido desde o início a dar razões para sua mais recente mudança de planos (1:12-17). Isso porque, ao fim do dia, o evangelho fica ameaçado se seus mensageiros não são dignos de confiança (1:18-22). Ele, então, explica por que escreveu a carta dolorosa em vez de retornar depois da sofrida visita (1:23 a 2:4). Após recomendar compaixão pelo homem que lhe causou tristeza (2:5-11), o que resultou em sua referida carta, o apóstolo retoma seu itinerário de Éfeso a Trôade e à Macedônia, refletindo especialmente sua ansiedade sobre a carta dolorosa (2:12,13).

2:14 a 7:4 – Paulo, ministro da nova aliança

Note como a ansiedade de Paulo, por não receber notícias sobre Corinto em Trôade, resulta nessa digressão verdadeiramente grandiosa. Embora o todo seja lido como um fluxo de consciência,

você ainda poderá identificar como esse fluxo ocorre. Após uma ação de graças inicial pela vitória, a despeito da ansiedade presente (2:14), Paulo fica maravilhado com o ministério que Deus lhe deu (2:15,16), o qual contrasta com o dos itinerantes, agora em termos da nova aliança promovida por Cristo e pelo Espírito (2:17 a 3:6).

Isso estabelece um contraponto entre o novo e o antigo (3:7-18, evidência do judaísmo de seus oponentes). Para que essa passagem faça sentido, você deve ler Êxodo 34:29-35, uma vez que se trata de um exemplo perfeito do que é conhecido como *midrash* judaico – a aplicação, em forma de sermão, de um texto do Antigo Testamento a uma nova situação. Note como isso tem um clímax com a obra passada de Cristo e a obra presente do Espírito (2Coríntios 3:4-18).

Paulo aplica o que tem sido dito até aqui à sua própria situação e à dos coríntios (4:1-6), o que, por sua vez, leva à reflexão sobre as tensões do viver "já, mas ainda não", contrastando a fraqueza e o sofrimento corporal atuais com a glória eterna e a ressurreição futura (4:7 a 5:10).

Retornando ao seu papel de proclamar a Cristo, Paulo insiste para que a morte e a ressurreição do Salvador mudem nossa perspectiva sobre tudo – incluindo a maneira como os coríntios deveriam ver o próprio apóstolo e seus sofrimentos como tal (5:11-17) –, mas perceba que a menção ao evangelho tipicamente significa a elaboração da glória e dos propósitos das boas-novas propriamente ditas, agora (sobretudo) em termos da reconciliação (5:18-21)!

Finalmente, Paulo apela para que eles o aceitem e também o seu evangelho (6:1,2,11-13), o que mais uma vez é colocado em uma afirmação retoricamente poderosa da existência presente como "já, mas ainda não" (6:3-10).

A digressão incomum em 6:14 a 7:1 provavelmente está relacionada à questão da refeição nos templos de ídolos (veja 1Coríntios 8:1-13; 10:14-22), desencadeada por um apelo de Paulo

à demonstração de estima (2Coríntios 6:11-13), retomado em 7:2-4, o que por fim leva o apóstolo de volta ao lugar de onde saiu em 2:13.

7:5-16 – A explicação revisada

Note como 7:5 retoma a narrativa cronológica dos eventos recentes de 2:13. Paulo agora explica como respondeu ao retorno de Tito com as boas-novas da piedosa tristeza deles e da receptividade para com Paulo. Ele fica especialmente satisfeito pelo fato de Tito tê-los encontrado da forma como ele mesmo, Paulo, se referia a eles.

8:1 a 9:15 – Tenham a coleta pronta quando eu chegar

Apesar de toda a disposição dos coríntios ao arrependimento (7:11), resta, ainda, a atividade que Tito poderia somente iniciar (8:6), mas não concluir, a saber, a coleta para os pobres em Jerusalém. Você verá que, agora, o que preocupa Paulo é que ele se vangloriou para os macedônios da disposição dos coríntios, e alguns representantes dessas igrejas estão prestes a acompanhá-lo até Corinto (9:1-5). Assim, em torno da recomendação de Tito e dos dois que vão acompanhá-lo (8:16-24; Tito deve certificar-se de que a coleta está pronta), Paulo apela ao (1) exemplo da Macedônia (8:1-5), à (2) sua excelência em tantas coisas, incluindo o início da coleta (8:6-12), (3) ao princípio bíblico de que aqueles que têm devem compartilhar com os necessitados (8:13-15) e, finalmente, (4) à generosidade como verdadeira expressão de piedade (9:6-15).

10:1 a 13:14 – Defesa do ministério de Paulo contra falsos apóstolos

Ainda que essa questão seja antecipada em 2:17 a 3:3, estamos pouco preparados, depois da “doçura” de 7:5-16, para a enxurrada apresentada. Você verá que toda essa seção corresponde a uma

defesa ferrenha do ministério pessoal de Paulo, em termos de seu caráter – tudo à luz dos falsos apóstolos, cujas calúnias sobre o apóstolo emergem por toda parte.

Assim, Paulo começa recebendo, de cabeça erguida, uma acusação dos oponentes – a suposta dubiedade entre as cartas de Paulo e seu comportamento pessoal quando com os coríntios (10:1-11); Paulo, por sua vez, aponta o retrabalho dos oponentes em seu território em vez de evangelizarem no deles (10:12-18).

Isso leva a um ataque direto contra esses oponentes – provedores enganosos de um falso evangelho (11:1-4) – seguido de um contraste gritante entre eles (como servos de Satanás, que tomam o dinheiro dos coríntios para uso próprio) e Paulo (11:5-15). Pessoalmente pouco à vontade com o que sente ter sido forçado a fazer, o apóstolo enfim recorre a um discurso de “insensato” (11:16-33; o “insensato”, no teatro grego, possibilitava ao dramaturgo falar ousadamente à sua plateia e sair impune). Uma vez que seus oponentes se gloriam em suas realizações (10:12,13; 11:18), Paulo se “gloriará” em seus insucessos, deliberada e ironicamente colocando seu ministério em um contexto de *conformação à cruz*. A ironia das ironias é a sua fuga de Damasco através de uma janela na parede (a maior das honras militares no exército romano era dada à primeira pessoa que escalasse um muro na batalha!).

Ele continua a gloriar-se nas fraquezas, recusando-se a dar proeminência a visões e revelações, como fazem seus oponentes, concluindo, na nota teológica final, que o “poder (de Cristo) se aperfeiçoa na fraqueza (de Paulo)” (12:1-10), refletindo novamente a teologia da cruz articulada em 1Coríntios 1 a 4. Segue-se a isso uma série de apelos, em grande parte pessoais (2Coríntios 12:11-21).

As exortações finais (13:1-10) resumem os argumentos anteriores antes das saudações finais (13:11-13) e da última bênção trinitária (13:14).

A importância dessa carta para a história bíblica é subestimada em virtude de sua dimensão fortemente pessoal. Em jogo está o caráter de Deus – sua graça amorosa expressa de modo mais contundente na fraqueza da cruz, o que Paulo insiste ser, também, a verdadeira expressão do discipulado. Daí a disposição de Paulo de gloriar-se em suas fraquezas, uma vez que elas servem para exaltar o evangelho da graça, verdadeiro poder de Deus em ação no mundo.

GÁLATAS

Dados de orientação para Gálatas

- **Conteúdo:** uma discussão acalorada com os cristãos gálatas (gentios) contra alguns cristãos judeus "missionários" que insistem que os gentios sejam circuncidados se quiserem ser incluídos no povo de Deus.
- **Autor:** o apóstolo Paulo, acompanhado de "todos os irmãos" (1:2).
- **Data:** provavelmente cerca de 55 d.C. (embora alguns pensem em 47-48), sem nenhuma indicação de lugar de origem.
- **Destinatário(s):** cristãos gentios na Galácia, quer gálatas étnicos (cujo território no centro da Ásia Menor havia sido anteriormente habitado pelo povo da Gália [França moderna]), quer aqueles na província romana da Galácia, o que também inclui povos da Pisídia, da Licaônia e da Frígia (Atos 13 e 14; 16).
- **Ocasião:** as igrejas da Galácia foram invadidas por alguns agitadores (5:12) que questionaram o evangelho de Paulo e seu apostolado; aparentemente, alguns gálatas estão prestes a render-se a eles, o que provoca uma defesa vigorosa, por Paulo, de seu evangelho e de seu chamado.
- **Ênfases:** o apostolado e o evangelho de Paulo vêm diretamente de Deus e de Cristo, sem nenhuma mediação humana; a morte de Jesus pôs fim às observâncias religiosas étnicas; o Espírito produz a justiça que a Lei não poderia produzir; o Espírito capacita os crentes a não se entregarem a desejos pecaminosos; o Espírito é recebido por meio da fé em Cristo Jesus.

Visão geral de Gálatas

Como 2Coríntios 10 a 12, essa carta claramente se refere a três envolvidos – *Paulo*, para os *gálatas*, contra os *agitadores*. Paulo está obviamente irado (assim como Deus, no Antigo Testamento, quando seu amor por Israel é desdenhado). Cheio do Espírito Santo e em harmonia com a natureza da retórica sob tais circunstâncias, Paulo escreve com paixão e contundência. Aqui, você encontrará piadas cáusticas e mordazes sobre os agitadores, bem como apelos veementes e lisonjeiros aos gálatas para que não cedam a eles. O que poderia ter provocado tamanha intensidade?

A resposta: o evangelho está sob ameaça, especialmente à medida que inclui os gentios, livres da Lei, no povo de Deus – sem mencionar o próprio chamado de Paulo como apóstolo dos gentios. Se os gálatas cederem à circuncisão, tudo o que Deus fez em Jesus Cristo e está fazendo pelo Espírito para incluir os gentios no povo de Deus será inútil (2:21). A própria história de Deus está em jogo.

Desse modo, Paulo surge com armas em punho. Primeiro, ele enfrenta a calúnia dos agitadores contra o seu apostolado. Em uma série de três narrativas, começa distanciando-se de Jerusalém (1:13-24; seu apostolado e o evangelho não têm nenhuma origem humana), destaca seu reconhecimento por parte de Jerusalém (2:1-10) e, finalmente, observa que qualquer fracasso na manutenção desse reconhecimento deve ser atribuído a Jerusalém (2:11-14).

O apóstolo, então, usa seu mais recente discurso a Pedro para lançar o próprio argumento aos gálatas (2:15-21). O restante da carta flutua três vezes entre argumento, aplicação e apelo (3:1 a 4:7/4:8-11/4:12-20; 4:21-27/4:28-31/5:1-12; 5:13-24/5:25 a 6:10/6:11-17). Seu *argumento* é o de que a cruz de Cristo e o dom do Espírito puseram fim à necessidade de observância da lei judaica. Note como seus *apelos* são vários, às vezes aludindo a relacionamentos passados (4:12-20; 5:7-10), às vezes indicando consequências das ações propostas pelos gálatas (4:8-11; 5:2-6), às vezes menosprezando os agitadores (5:7-12; 6:11-13).

Conselho específico para a leitura de Gálatas

Você pode achar as seções argumentativas dessa carta um pouco difíceis de acompanhar; isso se dá por causa de sua natureza "doméstica", nas quais Paulo discute com os agitadores em seus territórios. Mas, com um pouco de conhecimento contextual, você conseguirá desenredar esses aspectos o suficientemente bem. Aqui está um exemplo no qual o vocabulário específico explica muitas coisas. Observe com que frequência estas palavras-chave ocorrem:[40] Lei/lei, 32 vezes; carne, 8 vezes; prática/praticar/praticam, 9 vezes; circuncisão/circunciso(s)/circuncidar/circuncidado, 13 vezes; Cristo, 38 vezes; o Espírito, 16 vezes; fé, 22 vezes; cremos/creu/creem, 3 vezes; graça, 7 vezes; justificado(s)/justificar(ia), 8 vezes; Abraão, 9 vezes; promessa(s), 11 vezes; Filho/filho(s), 25 vezes; descendência/descendente,[41] 5 vezes; liberdade/livre, 4/6 vezes; escravizada(dos)/escravo(a)/escravidão, 15 vezes; gentios, 10 vezes. Embora a maioria dessas palavras também apareça nas outras cartas de Paulo, o número de vezes que aparecem em Gálatas (e também em Romanos) é bem maior do que em outras de suas epístolas.

Em debate está a pergunta: Quem são os verdadeiros *filhos/sementes*[42] de *Abraão* e, desse modo, os verdadeiros herdeiros das *promessas* feitas a ele? Resposta de Paulo: aqueles, especialmente *gentios*, que têm *fé* como a de Abraão, os quais são, portanto, *filhos* nascidos *livres*, e não *escravos*. Eles se tornaram assim pela *fé em Cristo* e pelo dom (prometido) do *Espírito*; por sua vez, aqueles que obrigam os cristãos gentios a serem *circuncidados* os colocam sob a tutela da *lei* judaica e, assim, em *escravidão*. A *justificação* vem somente pela *graça*; voltar à *circuncisão* é buscar vantagem perante Deus por meio da *prática da Lei*, o que Paulo vê

como obra da *carne* (= no final das contas, implica colocar a confiança nas próprias realizações). Tudo isso se resume a uma pergunta fundamental: Qual a base para que os cristãos gentios sejam incluídos no povo de Deus (= tornando-se parte da semente de Abraão)? A confiança deles em Cristo e a recepção do Espírito (o verdadeiro distintivo de identidade), ou, por acréscimo, também os sinais identitários judaicos?

Você poderia perguntar: Mas por que Abraão? Por que não simplesmente lembrar os gálatas da história de Cristo? A resposta reside quase seguramente nos argumentos dos agitadores, que adotaram Gênesis 17:1-22 como seu texto principal. Ali, Deus estabeleceu a circuncisão como "uma aliança eterna" em um contexto no qual Abraão recebeu novamente a promessa de ser o pai de "muitas nações" (repetindo a bênção dos gentios em Gênesis 12:3); nesse contexto, Deus promete que Sara gerará um filho, o herdeiro legítimo – embora Ismael já seja um jovem rapaz. Para sermos justos, os agitadores não estavam defendendo uma justiça baseada em obras; eles haviam colocado sua fé em Cristo. Mas argumentavam que, assim como Abraão creu em Deus (Gênesis 15:6) e recebeu a aliança da circuncisão, os gentios que creem em Cristo precisam ser circuncidados a fim de se tornarem verdadeiros filhos de Abraão e, desse modo, herdeiros da promessa. No fim das contas, o que eles defendem é sua própria identidade como povo de Deus, uma vez que os *sinais identitários* para judeus na diáspora eram especialmente a circuncisão, as leis alimentares e o calendário sagrado, incluindo a guarda do sábado.

Paulo enxerga claramente a que ponto tal argumento pode levar – a uma equação na qual se lê: "graça + prática da Lei = favor de Deus". Mas acrescentar um *fator extra* à graça acaba por anulá-la. Com isso, ele alega que "graça + nada = favor de Deus". Do contrário, cristãos gentios teriam de se tornar, de fato, judeus a fim de serem cristãos plenos (3:3). Paulo, assim, apela primeiro à própria experiência dos gálatas com o Espírito (3:1-5), depois a

Gênesis 15:6 (que *precede* 17:1-22 na história), onde se diz, a respeito de Abraão, que a sua *fé unicamente* foi o que Deus lhe creditou como justiça (Gálatas 3:6-9). O restante dos capítulos 3 e 4 expõe várias implicações desses dois primeiros argumentos. Paulo começa mostrando a natureza preparatória e, então, secundária da Lei em relação a Cristo e ao Espírito (3:10 a 4:7); em seguida, demonstra que, ao rejeitar a Cristo, os judeus contemporâneos fizeram a si mesmos herdeiros de Ismael em vez de Isaque (4:21-27). De qualquer maneira, a observância da Lei por eles é seletiva, e, para Paulo, estar debaixo da Lei significa que se deve observá-la por *inteiro* (3:10; 5:3; veja 6:13), não apenas partes dela.

O argumento final (5:13-24) destaca que o Espírito por si só é suficiente para o tipo de vida, no presente, que reflete a semelhança de Cristo e se posiciona contra os "desejos" da "natureza pecaminosa" (= carne, referindo-se a viver de maneira egocêntrica, o que é hostil a Deus), precisamente o ponto no qual a Lei fracassou. A Lei poderia tornar as pessoas religiosas, mas não verdadeiramente refeitas, de modo a serem moldadas conforme o caráter divino (e é isso que o fruto do Espírito reflete).

Uma caminhada por Gálatas

1:1-5 – Saudação

Observe como essa saudação ímpar antecipa o argumento ao concentrar-se no cerne do evangelho (1:4,5).

1:6-9 – Uma maldição aos agitadores

Você pode achar esse parágrafo abrupto, e por uma boa razão, já que essa é a única carta de Paulo, a uma igreja, que não inclui uma ação de graças e uma oração. Antes, ele assume o papel de profeta, pronunciando uma maldição dupla sobre aqueles que estão prejudicando os gálatas gentios com um evangelho estranho (e sobre quaisquer outros que assim fizessem).

1:10 a 2:14 – Em defesa do evangelho, parte I: Paulo e Jerusalém

É importante notar que Paulo começa a defesa de seu evangelho por seu apostolado (que foi uma ordem direta de levar o evangelho aos gentios). Desse modo, após uma frase de transição (1:10) contra aqueles que sugerem que, ao não insistir na circuncisão, Paulo está meramente tentando agradar as pessoas, o apóstolo começa afirmando que seu evangelho não tem origem humana, mas lhe chegou por meio de uma revelação (1:11,12). A defesa dessa afirmação prossegue com uma narrativa cronológica de três partes – (1) que seu evangelho e seu apostolado (em contraste com o dos agitadores) são absolutamente *independentes* de Jerusalém (1:13-24), aproveitando positivamente o que seus oponentes enxergam como negativo; (2) que seu evangelho está *em acordo* com o que é pregado em Jerusalém e tem a bênção deles (2:1-10; somente as esferas de ministério diferem); e (3) que *Jerusalém* (na pessoa de Pedro), não ele, *foi infiel* ao acordo (2:11-14).

2:15-21 – As proposições teológicas estabelecidas

Usando seu discurso a Pedro em Antioquia como ponto de referência, Paulo faz as principais afirmações sobre seu evangelho, as quais serão usadas no restante da carta como argumento – (1) justiça não se alcança “pela prática da Lei”; (2) justiça vem pela “fé em Jesus Cristo” (que deu fim à observância da Lei); e (3) o Cristo que em nós habita (pelo seu Espírito, é claro) é o agente efetivo da vida segundo a nova justiça (2:20). Se assim não for, Cristo morreu em vão (2:21).

3:1 a 4:7 – Em defesa do evangelho, parte 2: Cristo e a Lei

Ao passar, agora, para a defesa teológica de Paulo ao seu evangelho, observe especialmente que ela começa e termina com um apelo à experiência de seus leitores em relação ao Espírito (3:1-

5; 4:6,7). O restante desse primeiro argumento se baseia nas Escrituras, em seu cerne está o papel de Cristo em apoio às duas primeiras proposições de 2:15-21: tendo extinguido o tempo da Lei, ele trouxe o tempo da fé. Assim, Paulo argumenta (em sequência):

- *3:7-9* – Os verdadeiros herdeiros de Abraão são aqueles que, como esse profeta (e, agora, incluindo os gentios), têm fé (em Cristo Jesus).
- *3:10-14* – A Lei não está baseada na fé, mas na *prática*, o que significa cumprir *toda a Lei* (não apenas porções selecionadas), o que é também uma "maldição", porque exclui pessoas de viverem pela fé; desse modo, Cristo morreu para que a maldição fosse removida e para que os gentios pudessem ser incluídos pela fé e por meio do Espírito.
- *3:15-18* – Aqui, Paulo argumenta que a Lei, que veio muito mais tarde que a aliança com Abraão, não está relacionada com a "promessa" (que os gentios serão incluídos no povo de Deus – por meio do Espírito Santo prometido) dada à semente de Abraão (personificada em algum momento pelo rei de Israel e, finalmente, efetivada em Cristo).
- *3:19-22* – Por que, então, a Lei? Ela foi acrescentada para *restringir* o povo de Deus (mantê-los cercados, por assim dizer) até que a promessa fosse cumprida. De qualquer forma, ela não foi criada para trazer vida, nem poderia (somente Cristo e o Espírito podem fazer isso).
- *3:23 a 4:7* – O papel meramente supervisor da Lei acabou. Usando como analogia o amadurecimento de uma criança, Paulo conclui (duas vezes: 3:23-29; 4:1-7) que somente a fé em Cristo Jesus produz verdadeiros filhos/herdeiros, libertando-os, assim, da escravidão, por meio do dom do Espírito (o Espírito do Filho, o verdadeiro herdeiro!).

4:8-20 – Aplicação e apelo

Nos versículos 8-11, Paulo aplica o argumento precedente à situação específica de seus leitores. Uma vez que Deus os *conhece* como seus filhos, por que voltar à escravatura? Perceba a natureza mais pessoal e relacional dos versículos 12-20, nos quais Paulo apela aos gálatas para que retomem a lealdade anterior para com ele e a devoção a Cristo.

4:21 a 5:12 – Mais uma vez: argumento, aplicação, apelo

Em 4:21-27, Paulo volta ao argumento bíblico de 3:6 a 4:7. Ao rever os temas de Abraão, escravidão e liberdade, ele demonstra, por analogia a Gênesis, que "cumprir a Lei" significaria escravidão, enquanto Cristo e o Espírito significam liberdade.

Observe como isso é seguido de uma aplicação e um apelo triplos. Os gálatas são como Isaque, o filho livre da "mulher livre" pelo "poder do Espírito"; como Isaque, estão sendo perseguidos pelo filho da mulher escrava, Ismael – os agitadores cristãos judeus (4:28-31). De novo, note a natureza pessoal dos apelos – (1) com um chamado fervoroso para que os gálatas encarem as consequências de cederem à circuncisão, incluindo sua necessidade de guardar toda a Lei (5:1-6), e (2) com uma denúncia contundente dos agitadores, que abandonaram a fé em Cristo e estão agindo como um corredor que sabota outros para impedi-los de vencer (5:7-12).

5:13 a 6:10 – Em defesa do evangelho, parte 3: o Espírito e a justiça

Paulo conclui retomando a terceira proposição de 2:15-21 – o Espírito substituiu a observância à Lei porque pode fazer o que a Lei não podia, a saber, executar a verdadeira justiça (5:13,14,22,23) e efetivamente combater os desejos da "natureza pecaminosa [carne]" (5:16-21). Não deixe de perceber que isso está no contexto da desarmonia comunitária (5:15,26; veja que oito das quinze "obras da

natureza pecaminosa” são pecados de discórdia!). Eles são, assim, conclamados a viver pelo Espírito, que os trouxe à vida após a morte e ressurreição de Cristo (5:24,25). Tudo isso é aplicado a questões muito práticas em 6:1-10.

6:11-18 – Conclusão: não pela circuncisão, mas pela cruz

Paulo concluiu com outro ataque intenso aos agitadores – que compelem os gentios a serem circuncidados, mas não guardam (toda) a Lei (6:12,13) – antes de chamar a atenção dos gálatas mais uma vez para a cruz (6:14,15). A bênção final (6:16) é para todos que vivem pela “regra” do versículo 15 (a circuncisão é totalmente irrelevante; apenas a nova Criação conta).

> Por causa da natureza da oposição, nessa carta as linhas básicas da verdade do evangelho estão mais claramente traçadas. Nossa compreensão da fé cristã não seria a mesma sem ela. Acima de tudo, ela nos serve como carta de alforria.

EFÉSIOS

Dados de orientação para Efésios

- **Conteúdo:** uma carta de encorajamento e exortação, ambientada em um cenário de "poderes"[43] (6:12), retratando a união entre judeus e gentios por meio de Cristo, tornando-os o povo de Deus como seu triunfo e glória supremos.
- **Autor:** o apóstolo Paulo (embora muitos tenham dúvidas).
- **Data:** 61-62 d.C. (veja *Dados de orientação para Colossenses*, p. 355), provavelmente de Roma.
- **Destinatário(s):** incerto; talvez seja uma carta circular para muitas igrejas na província da Ásia, da qual Éfeso é a capital (nenhuma cidade é indicada nos manuscritos primitivos; Paulo presume que os leitores não o conheçam pessoalmente; 1:15; 3:2).
- **Ocasião:** Tíquico, que está levando essa carta (6:21,22), está também levando duas cartas a Colossos (Colossenses e Filemom [Colossenses 4:7-9]); talvez após refletir mais sobre a situação em Colossos e sobre a glória de Cristo, e conhecendo o temor asiático quanto aos "poderes deste mundo de trevas", Paulo escreve uma carta pastoral geral para as igrejas daquela área.
- **Ênfases:** o escopo cósmico da obra de Cristo; a reconciliação, por Cristo, de judeus e gentios por meio da cruz; a supremacia de Cristo sobre "os poderes" em prol da igreja; o comportamento cristão que reflete a unidade do Espírito.

Visão geral de Efésios

O escritor e poeta Eugene Peterson conta a história de seu neto de quatro anos saltando no seu colo para ouvir uma história sobre

monstros. “Conta uma história, vovô”, ele implorou, “e me põe nela!” É isso o que Paulo está fazendo em Efésios: contando a história das histórias – a história de Deus – e colocando alguns cristãos gentios – e nós – nela (1:13,14; 2:13).

As igrejas da Ásia Menor estão em um período de dificuldade. Algumas influências externas vêm colocando pressão sobre os cristãos gentios para que se conformem aos distintivos de identidade judaicos (circuncisão, leis alimentares, calendário religioso; veja *Conselho específico para a leitura de Colossenses*, p. 356). Outros estão desanimados, angustiados com a magia e o poder de demônios (Paulo os chama de “forças espirituais do mal nas regiões celestiais”; 6:12), que os mantiveram sob seu domínio por tantos anos. Enquanto Paulo está na prisão pensando sobre essas coisas e refletindo na grandeza de Cristo, conforme expressa em sua carta aos Colossenses, seu coração voa alto, e aquilo que ele enxerga é escrito como incentivo para essas igrejas.

Vale destacar a nota de afirmação e encorajamento dessa carta. Ela começa com louvor a Deus (na forma de uma *berakah*[44] judaica: “Bendito seja [o] Deus”) pelas bênçãos abundantes que ele concedeu em Cristo (1:13,14); continua com ação de graças e oração (2:1-22), passa pela narrativa da reconciliação entre judeus e gentios (2:1-22) – considerando-se o papel de Paulo nisso (3:1-13) – e se encerra com outra oração e doxologia (3:14-21). O restante da carta conclama os efésios a manter a unidade que Deus proveu por meio da morte e da ressurreição de Cristo e da capacitação do Espírito (4:1 a 5:20), especialmente em lares cristãos (5:21 a 6:9), e conclui (6:10-20) insistindo para que sejam ousados em Cristo e no Espírito e, assim, resistam aos poderes que ainda estão unidos contra eles (e nós), enquanto eles (nós) vivem no presente século.

Conselho específico para a leitura de Efésios

Ao ler, observe as três preocupações que dominam a carta. A primeira é a paixão da vida de Paulo – *a missão para com os gentios*, mas não apenas a salvação dos indivíduos. Antes, ele afirma que, ao reconciliar judeus e gentios consigo, Deus *criou, desses dois*, *uma nova humanidade* – a expressão suprema de sua obra redentora em Cristo (2:14-16). Esse tema primeiro emerge ao final da bênção de abertura (1:11-14), é desenvolvido de maneira profunda em 2:11-22, então, retomado em 3:1-13. Também é essa "unidade do Espírito" (entre judeus e gentios) que os capítulos 4 a 6 descrevem por meio de exortação. Desse modo, toda a carta mantém-se coesa por intermédio desse tema.

O segundo tema é a *vitória de Cristo sobre* "*os poderes*", em prol da igreja, de tal modo que o Espírito desempenha papel-chave em nossa participação nessa vitória. Você verá como Paulo une essas duas primeiras preocupações no início da carta – (1) na "bênção", em 1:3-14, quando a obra redentora e reconciliadora de Cristo abraça todas as coisas, tanto aquelas no céu (os "lugares celestiais" são agora dele) quanto aquelas na terra (judeus e gentios como um único povo de Deus); e (2) nos dizeres sobre seu próprio papel no evangelho (3:1-13), em que a realidade do judeu e do gentio juntos, como um único povo de Deus, é exposta diante dos poderes para que estes tenham ciência de sua pronta – e definitiva – derrota em Cristo (3:10-12).

O primeiro tema, por sua vez, está também por detrás da terceira preocupação, que compõe a segunda parte importante da carta (capítulos 4 a 6): que eles "andem" (4:1,17; 5:2,8,15; geralmente traduzido como "vivam" na NVI) de forma a *manter a "unidade do Espírito"* (4:1-16). Isso inclui viver a vida de Cristo em seus relacionamentos (4:17 a 5:17), em sua adoração (5:18-20) e, também, em seus lares cristãos (5:21 a 6:9) – lugares nos quais a adoração ocorria.

Todas as três preocupações são colocadas em foco final em 6:10-20, quando, por meio das armas e da armadura fornecidas por Cristo e pelo Espírito, os leitores de Paulo são estimulados a serem um só povo em seu conflito constante com os poderes.

Ao ler, você observará como a experiência trinitária de Deus com Paulo está por trás de tudo. Isso surge na estrutura do louvor de abertura oferecido a Deus: Pai (1:3-6), Filho (1:7-12) e Espírito Santo (1:13,14); note que cada um desses se encerra com “para o louvor da sua gloriosa graça”; “para o louvor da sua glória”. O louvor é retomado na ação de graças e na oração a seguir (1:17), bem como na narrativa de reconciliação, em 2:11-22, e serve de base para a manutenção da unidade nos capítulos 4 a 6 (veja 4:6-8; um Espírito, um Senhor, um Deus e Pai).

Uma caminhada por Efésios

1:13,14 – Louvor ao Deus Trino

Note que, normalmente, Paulo começaria o trecho com ação de graças e oração em favor dos destinatários, mas, aqui, começa com uma “bênção” de abertura por parte de Deus mediante Cristo e o Espírito. Além disso, ciente da estrutura trinitária (como antes observado), você deve perceber como Paulo introduz dois temas importantes: (1) as bênçãos do Espírito (“espirituais” na NVI), concedidas por meio de Cristo, são deles nos lugares celestiais, onde habitam os poderes que os haviam anteriormente escravizado (1:3); e (2) essas bênçãos, especialmente a redenção em Cristo (1:4-10), vieram a judeus e gentios igualmente, para que ambos, juntos, herdem a glória final de Deus (1:11-14).

1:15-23 – Ação de graças e oração

Aqui, você encontra a ação de graças (1:15,16) e a oração (1:17-19) típicas de Paulo. Note como a oração (para a iluminação pelo Espírito) funciona principalmente para estabelecer o cenário para as

afirmações acerca da condição de seus leitores em Cristo, que, neste momento, senta-se à direita de Deus como cabeça dos poderes em prol da igreja (1:20-23); perceba em particular como isso ecoa Salmos 110:1, um salmo messiânico.

2:1-10 – Reconciliação com Deus por meio de Cristo

Fluindo diretamente de 1:20-23, Paulo primeiro relembra seus leitores de que já haviam sido escravizados pelos poderes (2:1-3), depois de sua posição atual com Cristo nos lugares celestiais, onde ele se assenta no trono acima dos poderes (2:4-7). Paulo conclui com um tipo de declaração de fé: a vida no presente baseia-se na graça – não por intermédio de "obras", mas para as "boas obras" (2:8-10) –, estabelecendo o cenário para os versículos 11-22. Ao ler essa seção, observe quanto você consegue se identificar com os leitores originais.

2:11-22 – Reconciliação de judeus e gentios por meio de Cristo e do Espírito

Essa seção, por sua vez, deve poupar-nos de ler os versículos 1-10 de maneira puramente individualista. Em jogo, para Paulo, estão o gentio e o judeu (e todas as outras expressões de ódio étnico) unidos como um só povo de Deus; eles são assim gerados, primeiro, por meio de Cristo, cuja morte na cruz derrubou as barreiras que dividem pessoas, e, segundo, por meio do Espírito, que fez de nós uma família, bem como o templo de Deus, o lugar de sua presente habitação na terra.

3:1-13 – O papel de Paulo na obra reconciliadora de Cristo

Perceba como Paulo começa uma oração – retomada no versículo 14 –, mas interrompe a si mesmo para enfatizar seu próprio papel de proclamar o "mistério", bem como a natureza desse mistério, a saber, que os gentios são coerdeiros com os judeus e, portanto,

com eles formam um único povo de Deus, agora especialmente como uma realidade exposta diante dos poderes – como evidência da derrota deles!

3:14-21 – Oração e doxologia

Paulo ora para que os efésios – e nós – possam *experimentar* o que ele acabou de relatar, agora em termos do conhecimento do *amor incognoscível de Cristo*, sendo assim cheios, por meio do poder do Espírito, de toda a plenitude do próprio Deus. Essa oração e seu potencial cumprimento por meio do Espírito chamam mais uma vez para o louvor a Deus (3:20,21).

4:1-16 – Uma exortação para que se mantenha a unidade (entre judeus e gentios)

Note que a narrativa e a oração, agora, são seguidas por imperativos (palavras de exortação). É desse modo que Paulo aborda sua terceira preocupação principal – que os cristãos efésios mantenham "a unidade do Espírito" verificada em 2:11-22. Depois de apresentar a base trinitária dessa recomendação (4:4-6), ele reflete sobre os dons que Cristo tem dado à igreja para que ela cresça em tal unidade.

4:17 a 6:9 – O funcionamento prático da unidade

Nessa seção muito importante, você encontrará Paulo aplicando à existência comunitária e familiar de seus leitores como povo de Deus no mundo o que ele recomendou nos versículos 1-16. Eles devem desistir de seu modo de vida antigo, como gentios que viviam em oposição a Deus (4:17-24). Note que a maioria dos pecados mencionados em seguida (4:25-31) se refere àqueles que destroem a harmonia nos relacionamentos humanos; continuar com tais pecados é dar lugar ao diabo (4:27) e, assim, entristecer o Espírito Santo (4:30); antes, os efésios devem andar no caminho de Cristo (5:1,2).

Depois de uma série de exortações para que abandonem os antigos caminhos como gentios e se tornem a luz de Deus na escuridão (5:3-17), Paulo se concentra na adoração comunitária (que ocorria no contexto dos lares). Desse modo, a exortação sobre "deixem-se encher pelo Espírito" (5:18), para adoração, também serve para favorecer relacionamentos em geral e dentro de lares em particular, onde essa adoração ocorria. Afinal, o lar cristão era a expressão básica da comunidade cristã.

Observe especialmente que, nas *regras do lar* (5:21 a 6:9), o proprietário (marido, pai, mestre) é abordado, em cada caso, em relação a outros três tipos de pessoas na casa (esposa, filhos, escravos). O elemento-chave para que o lar cristão funcione é que o proprietário "ame [sua esposa] assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela" (5:25).

6:10-20 – Conclusão: permaneçam firmes contra os poderes

Paulo conclui insistindo que seus leitores, à luz de tudo o que foi dito até aqui, contendam contra os poderes usando a *armadura* fornecida pela redenção em Cristo (6:13-17a) e as *armas* do Espírito (6:17b-20) – a Palavra de Deus e a oração.

Essa carta é uma parte essencial da história bíblica. Está claro que Deus leva a igreja

muito mais a sério do que alguns dentre seu povo em tempos mais recentes, precisamente porque ela é o lugar no qual Deus promoveu reconciliação entre o seu povo, que carrega sua semelhança na vida comunitária – e tudo isso como evidência de que o próprio Deus derrotou “os poderes”.

FILIPENSES

Dados de orientação para Filipenses

- **Conteúdo:** ação de graças de Paulo, além de palavras de encorajamento e de exortação, à sofredora comunidade de cristãos em Filipos, a qual experimenta algumas lutas internas.
- **Autor:** o apóstolo Paulo, acompanhado do jovem amigo Timóteo.
- **Data:** provavelmente 62 d.C., quase que certamente enviada de Roma.
- **Destinatário(s):** a igreja em Filipos (de maioria gentia), fundada em torno de 48-49 d.C. por Paulo, Silas e Timóteo; Filipos está localizada na extremidade oriental da vasta planície da Macedônia, da importante Via Egnácia, que ligava Roma a Bizâncio (mais tarde Constantinopla e Istambul).
- **Ocasião:** Epafrodito, que traz a Paulo, na prisão, informações sobre a igreja e lhe entrega o presente dos filipenses (2:30; 4:18), está prestes a retornar a Filipos, tendo-se recuperado de uma doença quase fatal (2:26,27).
- **Ênfases:** a parceria entre Paulo e os filipenses no evangelho; Cristo como a chave de toda a vida, do princípio ao fim; o conhecimento de Cristo, tornando-se como ele em sua morte (sacrificando-se pelos outros); a alegria em Cristo até mesmo no sofrimento; unidade por meio da humildade e do amor; a certeza e a busca do prêmio final.

Visão geral de Filipenses

Filipenses é a carta predileta de muitos cristãos, repleta de passagens maravilhosas e memoráveis. Aos seus amigos de toda a

vida em Filipos, Paulo abre o coração mais que em qualquer outra de suas cartas (1:12-26; 3:4-14). Aqui você encontra o que motivava Paulo – Cristo crucificado e ressurreto, cuja história é narrada em 2:5-11. Paulo desistiu de todo o "lucro" de seu passado religioso e o considera "perda", "lixo",[45] se comparado a conhecer a Cristo, que também é o prêmio final que ele persegue com entusiasmo (3:4-14).

A comunidade em Filipos está experimentando algumas tensões interiores, ao mesmo tempo que está passando por sofrimento em virtude da oposição pagã ao evangelho, de modo que Paulo aborda esse assunto de frente (1:27 a 2:18). Ele também os adverte sobre a adoção de marcas judaicas de identidade religiosa, especialmente a circuncisão (3:1-4), o que os tornaria, de fato, inimigos de Cristo (3:18,19).

Desse modo, embora as circunstâncias de Paulo e da comunidade componham o cerne dessa carta, tudo finalmente se concentra em Cristo. Na verdade, Paulo recomenda aos filipenses que sigam seu exemplo, assim como ele segue o de Cristo (3:15,17; 4:9; veja 2:5). Uma vez que a carta será lida em voz alta na igreja, e sendo eles seus amigos haja o que houver, Paulo preserva sua ação de graças até o fim (4:10-20) – reconhecendo-lhes os donativos com gratidão transbordante e lembrando-os de que o próprio Deus os tinha aceitado como um sacrifício agradável e de aroma suave (4:18), o que leva à doxologia (4:20).

Conselho específico para a leitura de Filipenses

Embora Filipenses seja uma carta muito amada, a maioria das pessoas tem dificuldade em seguir seu fluxo de pensamento, uma vez que não é fácil perceber como tudo se encaixa nela. Conhecer três coisas deve ajudá-lo a ver como a carta funciona e torná-la, esperamos, ainda mais importante de se ler – e obedecer!

Primeiro, amizade era um tema muito mais significativo no mundo greco-romano do que nas culturas ocidentais, tanto que o nível mais elevado de amizade – entre iguais e baseado em boa vontade e confiança mútuas – era tópico de vários tratados entre filósofos, começando com Aristóteles. Essa amizade se estabelecia de modo consciente, quase contratual. Era sempre acompanhada de *reciprocidade social* (ou seja, amigos esperavam "benefício" uns dos outros por intermédio de boa vontade e confiança mútuas), que foi mais frequentemente expressa por meio de metáforas do comércio, em especial o *dar e receber* mútuos. Uma característica marcante dessa amizade era a suposição de que amigos tinham inimigos mútuos, de modo que os que se opunham a uma parte da amizade se tornavam automaticamente inimigos da outra (veja João 19:12).

Um tipo de carta antiga, a carta de amizade surgiu desse relacionamento; aqui, o autor compartilhava seu pensamento (quase sempre incluindo a reflexão sobre as circunstâncias de uma das partes na amizade) e questionava as circunstâncias do destinatário. Mutualidade e boa vontade sempre encontram expressão nessas cartas, assim como as obrigações acerca de benefícios recebidos e dados.

O fato de Paulo ter estabelecido tal arranjo com os filipenses (e com todas as suas igrejas) está explicitamente declarado em 4:14-16. Todas as outras características de amizade aparecem, então, em Filipenses – a mútua parceria no evangelho desde o princípio (1:3-5; 4:15); a afeição especial de Paulo por eles (1:8; 4:1); os inimigos de Paulo devem também ser os deles (3:1-4,17-19). A carta inteira flutua entre as circunstâncias de Paulo e as dos filipenses (a linguagem própria dessas cartas que remete às circunstâncias de cada parte aparece em 1:12,27; 2:19,23).

Segundo, outro tipo de carta era a de exortação moral, comumente escrita pelo amigo destinatário ou superior moral. Essas cartas tinham como objetivo persuadir ou dissuadir os leitores a respeito de

certos tipos de atitudes ou comportamentos. Nelas, o autor normalmente apelava a exemplos, incluindo, às vezes, o seu próprio.

É nesse ponto que a história de Cristo, em 2:5-11, se encaixa nessa carta, bem como a própria história de Paulo, em 3:4-14. O argumento é que conhecer a Cristo significa tornar-se "como ele em sua morte". Os que não seguem o exemplo de Paulo (3:17) são chamados de "inimigos da cruz" (3:18). Esses apelos são destinados a limitar a discussão que acontece na comunidade (2:1-4, 14; 4:2,3).

Terceiro, a oposição à igreja em Filipos está quase certamente relacionada ao fato a cidade corresponder a uma colônia militar romana, tendo sido reconstituída pelo primeiro imperador romano, Augusto (Otaviano), e entregue às tropas derrotadas e desmanteladas por ele (na batalha de Filipos) durante a guerra civil romana. Como haviam sido favorecidos por Otaviano, os cidadãos de Filipos desenvolveram uma lealdade intensa ao imperador. Não é surpresa, portanto, que o culto ao imperador, com sua devoção a ele como "senhor e salvador", florescesse na região. Essa lealdade colocou os cidadãos em conflito direto com os cristãos e a devoção destes a Jesus Cristo como único Senhor e Salvador (veja 3:20). Uma vez que Paulo era também um prisioneiro de Roma por causa do evangelho (1:13), isso significou que ele e os cristãos filipenses estavam passando pelo "mesmo combate" (1:30).

Com esse contexto, fica fácil pensar que parte do objetivo da narrativa de 1:12-16 é também oferecer aos filipenses um exemplo de como responder a essas tentativas de supressão do evangelho, a saber, alegrar-se no Senhor e determinar, qualquer que seja o resultado, que "viver é Cristo e o morrer é lucro" (1:21).

Ao ler a carta, veja com que frequência esses aspectos ajudam você a enxergar a forma pela qual Paulo tenta encorajar e também

exortar os filipenses a serem como Cristo e como ele mesmo, seu servo.

Uma caminhada por Filipenses

1:1-11 – Saudação, ação de graças e oração

Por causa de sua amizade com os destinatários, na (de outro modo típica) saudação (1:1,2) Paulo se autodenomina (e a Timóteo) servo de Cristo Jesus, em vez de reafirmar seu apostolado. Além disso, apenas nessa carta ele menciona “bispos e diáconos” (1:1; talvez porque duas mulheres líderes [4:2,3] não conseguiam entrar em acordo?).

Como sempre, a oração de ação de graças (1:3-8) e a petição (1:9-11) antecipam muitas das preocupações da carta. Veja quantas delas você consegue identificar enquanto lê o restante do texto.

1:12-26 – As circunstâncias de Paulo: reflexões sobre a prisão

Paulo começa contando-lhes como as coisas estão (1:12-26): seu sofrimento nas mãos de Roma propagou o evangelho entre amigos e inimigos, o que é motivo de alegria no Senhor. A base para tal alegria é que a vida de Paulo não é determinada pelas circunstâncias (“vida” ou “morte”, no versículo 20, significa estar livre ou ser executado), mas pelo seu relacionamento com Cristo. Daí, “viver” ou “morrer” significa Cristo.

1:27 a 2:18 – As circunstâncias dos filipenses: exortação à perseverança e à unidade

A exortação de abertura (1:27-30) estabelece as duas preocupações principais: (1) unidade entre os cristãos em um (2) contexto de oposição e sofrimento. O apelo à unidade e ao amor (2:1-4) enuncia tanto as atitudes que destroem a unidade (ambição egoísta e

vaidade) quanto as que a promovem (humildade; colocar os outros em primeiro lugar), sendo ela modelada por Cristo.

Contra essas atitudes e esse comportamento, o autor apresenta o autoesvaziamento de Cristo e sua humilhação (ao morrer na cruz; 2:5-8). Diante do Humilde Supremo, agora exaltado ao lugar mais alto, todos os seres humanos (incluindo o "senhor" Nero), também anjos e demônios, dobrarão seus joelhos e confessarão o senhorio de Cristo (2:9-11). Seguem-se a isso exortações para que "ponham em ação" a salvação comum sem murmurar, agarrando-se, antes, firmemente à palavra de vida (2:12-16). Note que a seção conclui com uma nota semelhante a como tudo começou – o sofrimento de Paulo por eles e o convite à alegria (2:17,18).

2:19-30 – E agora? Sobre as circunstâncias de Paulo e dos filipenses

Paulo espera retornar para ver seus amigos, mas ainda está na prisão, de modo que enviará Timóteo assim que tiver notícias (2:19-24), e agora envia Epafrodito (2:25-30), que, pela misericórdia de Deus, se recuperou de sua enfermidade e está levando a carta de Paulo até eles.

3:1 a 4:3 – As circunstâncias dos filipenses novamente: advertência e apelo

Uma vez que a amizade também significava ter *inimigos* em comum, Paulo adverte seus amigos mais uma vez contra os da "circuncisão", que impunham os sinais identitários judaicos aos gentios a fim de "assegurá-los" diante de Deus (3:1-3). Isso é simplesmente "confiar na carne", Paulo diz, o que abre espaço para a sua própria história (3:4-14): "Eu estive ali, fiz aquilo", ele diz, no tocante a essa vanglória religiosa; para ele, o cerne e o alvo de tudo é conhecer a Cristo agora – compartilhando de seus sofrimentos – e buscar vigorosamente o prêmio final de conhecê-lo em definitivo e por completo.

Todos os que verdadeiramente seguem a Cristo, Paulo conclui, partilharão desse mesmo entendimento e, como cidadãos do céu, finalmente serão conformados também à existência celestial de Cristo (3:15-21). Desse modo, o apóstolo retoma uma última vez (4:1-3) o apelo anterior à unidade.

4:4-9 – Exortações conclusivas

Embora isso seja comum na maioria das cartas de Paulo, note como as exortações presentes também são moldadas pela situação em Filipos (alegrar-se no Senhor; ser agradecido; conhecer a paz de Deus no coração e na comunidade).

4:10-20 – Reconhecimento do dom dos filipenses: amizade e evangelho

Ao reconhecer o dom de seus leitores, Paulo também volta ao tema de se aprender a viver no presente com contentamento, porque, segundo ele, “tudo posso [viver em abundância ou sem nada] naquele que me fortalece” (4:11-13).

Ele conclui, porém, levando todas as questões de amizade a uma conclusão gloriosa. Tendo em vista a ampla provisão deles às necessidades de Paulo, a reciprocidade social está agora nas mãos dele. Mas o autor se encontra na prisão, e não pode *beneficiá-los* no momento, de modo que se volta a “(meu) Deus”, que “suprirá todas as necessidades de vocês de acordo com as suas gloriosas riquezas em Cristo Jesus” (4:14-19), o que o leva a entusiasmar-se em doxologia (4:20).

4:21-23 – Saudações finais

Elas são especialmente breves nessa carta, provavelmente porque Paulo espera que as palavras de 4:18-20 sejam as últimas a soar nos ouvidos dos filipenses quando a carta for lida na igreja. Mas ele acrescenta um encorajamento final, observando que, entre aqueles

que enviam saudações como seguidores do Senhor, há membros da própria casa do “senhor” César!

O todo dessa carta maravilhosa é dominado pela história de Cristo, em 2:5-11, a quem somos chamados a servir e imitar. “Conhecer Cristo” significa viver e agir na comunidade da fé como ele viveu e agiu em sua encarnação e crucificação.

COLOSSENSES

Dados de orientação para Colossenses

- **Conteúdo:** uma carta que encoraja cristãos relativamente novos a continuar na verdade do Cristo a quem receberam, advertindo-os contra influências religiosas externas.
- **Autor:** o apóstolo Paulo, acompanhado do jovem amigo Timóteo.
- **Data:** provavelmente 60-61 d.C. (se Paulo estiver em Roma, como é muito provável).
- **Destinatário(s):** os cristãos (em sua maioria gentios) em Colossos (a menos significativa de três cidades conhecidas por suas águas termais medicinais [incluindo Hierápolis e Laodiceia], em um importante cruzamento no Vale do Rio Lico, cerca de 200 km a sudoeste de Éfeso); a carta também deve ser lida, como partilha, em Laodiceia (4:16).
- **Ocasião:** Epafras, cooperador paulino que havia fundado igrejas no Vale do Lico, encontrou-se com Paulo pouco tempo antes, trazendo novas à igreja (a maioria boas; algumas, nem tanto).
- **Ênfases:** a absoluta supremacia e autossuficiência de Cristo, o Filho de Deus; Cristo perdoa os pecados e liberta aqueles que estão sob o terror dos “poderes”; regras e regulamentos religiosos não têm valor algum, mas a vida ética que carrega a imagem divina vale para tudo; o viver à semelhança de Cristo afeta relacionamentos de todos os tipos.

Visão geral de Colossenses

Embora Paulo nunca tenha estado pessoalmente em Colossos (2:1), ele sabe muito sobre os cristãos dali e os considera uma de

suas igrejas – por meio de seu cooperador Epafras (1:7,8). Sua preocupação principal é que estejam firmes no que aprenderam (1:23; 2:6-16; 3:1). Depois de ações de graças radiantes e de um relato de oração encorajador (1:3-12), boa parte da primeira metade da carta reitera a verdade do evangelho que eles receberam (1:13-22; 2:2,3,6,7,9-15). O restante desses dois capítulos expõe as tolices dos erros que têm atraído alguns deles (2:4,8,16-23). Assim, pode-se supor corretamente que as ênfases, no relato de Paulo acerca do evangelho, também constituem resposta a tais erros.

No cerne dos erros está um desejo de regular a vida cristã com normas sobre coisas externas – “Não manuseie! Não prove! Não toque!” (2:21; o que soa muito como certas formas de cristianismo atual). A maior parte dos capítulos 3 e 4, portanto, assume a natureza do comportamento genuinamente cristão. “Regras” e “regulamentos” aparentam sabedoria, mas não têm nenhum valor (2:23). O comportamento cristão resulta de morrer e ressuscitar com Cristo (2:20; 3:1) e, agora, de ter uma vida “escondida com Cristo em Deus” (3:3), a qual se expresse, assim, “na imagem do seu Criador” (3:10). Note em particular que os imperativos que fluem dessas realidades (3:12 a 4:6) estão principalmente dirigidos à vida comunitária, não a uma vida individual com Deus.

Conselho específico para a leitura de Colossenses

Enquanto lê Colossenses, você vai querer observar quatro coisas. Primeiro, uma vez que muito do que é dito nessa epístola consiste em resposta direta (e indireta) a alguns ensinos falsos, esteja atento a tudo o que Paulo diz sobre esses erros. Embora essa questão seja explicitamente abordada apenas em 2:4, você vai perceber, quando terminar o capítulo 2, quanto ela é importante. Provavelmente, então, muito do que é dito em 1:13-23 também foi escrito com um olhar voltado ao que era falsamente ensinado.

Por causa de sua relevância para a compreensão da carta, muitos esforços acadêmicos têm sido dedicados ao *falso ensino*, tentando combiná-lo com o que é conhecido (ou suposto) no mundo greco-romano. Mas, no fim das contas, todos nós sabemos o que Paulo diz nessa carta. Não podemos sequer estar certos de que havia "falsos mestres" como tais; as referências de Paulo são invariavelmente para "tal pessoa", "ninguém" etc. (2:4,8,16,18). De todo modo, ao ler, ao menos observe os vários elementos encontrados nesses erros.

O elemento mais óbvio é seu teor judaico, que inclui circuncisão (2:11,13), leis alimentares e observância do calendário religioso judaico (2:16); para Paulo, isso é simplesmente um código escrito contra nós (2:14), meramente "mandamentos e ensinos humanos" (2:22) que Cristo aboliu. Esse elemento está aparentemente misturado a superstições sobre poderes angelicais ou demoníacos (1:16; 2:8,15,18,20), que parecem também ter um apelo poderoso como "filosofias" divinas – sabedoria de elite – (2:3,8,20) e "mistério" divino (1:26; 2:2). Esses ensinos também parecem estar em conflito com o aspecto físico da vida terrena e da redenção de Cristo (1:19,22; 2:9).

Segundo, você vai perceber a ênfase principal de Paulo na absoluta *supremacia de Cristo* sobre todas as coisas. Isso começa em 1:13, quando a ação de graças abre caminho para a exaltação do Filho, e segue até o versículo 22. Esta, então, volta a cada ponto-chave na carta. Paulo argumenta que Cristo é a chave para tudo o que eles precisam. Tudo o que Deus fará no mundo e para o mundo aconteceu nele e por meio dele (1:19; 2:2,3,9,13-15,20; 3:1). Paulo também enfatiza a absoluta supremacia de Cristo sobre os poderes, incluindo o seu papel na Criação e na redenção. Cristo é o pacote completo, portanto não desista dele. Ele é o "cabeça" (1:18; 2:10,19).

Terceiro, você vai querer observar a *situação na igreja* uma vez mais. Paulo nunca esteve ali, mas ouviu sobre a genuína fé dos colossenses em Cristo. Note a maneira como ele tenta encorajá-los (1:3-12; 2:2; entre outros), mas observe também as advertências (1:23; 2:4 etc.). Ao mesmo tempo, pense em como algumas coisas são ditas justamente porque eles não conhecem Paulo em pessoa, mas apenas por meio de Epafras. Isso é particularmente verdadeiro de 1:24 a 2:5, quando Paulo coloca seu chamado e seu ministério diante deles, em especial em termos da missão entre os gentios e do que Deus tem feito por meio dele pelo poder do Espírito.

Quarto, ao final você talvez queira ler toda a carta novamente, dessa vez com o conhecimento de que Onésimo (4:9) está sendo encaminhado a Filemom para ser perdoado, de modo que Paulo está preparando a igreja para também *receber Onésimo* de volta (veja Filemom). Leia a carta ao menos uma vez, pensando que Onésimo poderia tê-la ouvido; então, talvez, tente colocar-se no lugar de um membro da igreja em Colossos.

Uma caminhada por Colossenses

1:1,2 – Saudação

Esse trecho é bem habitual, mas observe especialmente a ênfase aos cristãos de Colossos como já sendo santos e fiéis.

1:3-14 – Ação de graças e oração

Como sempre, essa seção antecipa muito do que está na carta. A ação de graças enfatiza a já existente fé e o já existente amor dos colossenses; a oração pede por sabedoria e entendimento do Espírito para que possam viver vidas dignas de Cristo, tornadas possíveis pelo poder de Deus. Note como, ao final, a oração abre caminho mais uma vez para a ação de graças (1:12), que então se resume a uma sentença que a justifica – redenção por meio do Filho de Deus, a fim de que compartilhem sua herança.

1:15-23 – A supremacia do Filho de Deus

Essa passagem maravilhosa, de qualidade profundamente musical, na verdade continua a sentença iniciada no versículo 12 (e continua até o versículo 16). Veja como o que começou com a redenção do Pai, por meio de seu Filho, agora prossegue para exaltar esse Filho, que carrega a sua imagem. Por sua vez, Paulo proclama a supremacia do Filho primeiro no relacionamento com toda a ordem criada, incluindo "os poderes", sendo ele o Criador de todas as coisas (1:15-17), depois no relacionamento com a igreja como Redentor desta (1:18-22), concluindo com a preocupação de que os colossenses permaneçam com Cristo (1:23).

1:24,25 – O papel de Paulo

Ao ler essa seção, tenha em mente que se trata de uma carta destinada a uma igreja que Paulo não fundou nem visitou. A prisão de Paulo deve ser entendida como a partilha dos sofrimentos de Cristo em nome da Igreja (especialmente a gentia) (1:24-27); o papel do apóstolo é, então, "lutar fortemente" (uma metáfora atlética) para que membros de igrejas como a de Colossos e a de Laodiceia, que não o conheceram pessoalmente, possam ser encorajados e não sucumbam ao falso ensinamento.

2:6-23 – Cristo contra as seduções religiosas de todos os tipos

Aqui, você chega ao cerne da carta. Cristo, em sua encarnação e crucificação, expõe e elimina as "filosofias vãs" que alguns estão cultivando – filosofias que, antes de mais nada, têm a ver com "os poderes" (2:6-10). Mas note como, nos versículos 11-19, essas filosofias estão ligadas a uma tentativa de colocar os gentios que creem em Cristo sob três principais distintivos de identidade da diáspora judaica (veja *Conselho específico para a leitura de Gálatas*, p. 337), especialmente as leis alimentares e o calendário judaico (2:16), e, talvez, a circuncisão.

Veja como Paulo responde: eles receberam uma nova e verdadeiramente efetiva circuncisão – na cruz, Cristo perdoou os pecados e triunfou sobre “os poderes” (2:11-15); leis alimentares e dias sagrados eram “sombras” da realidade, a saber, o próprio Cristo, cuja morte e ressurreição eliminaram para sempre a necessidade de se viver por regras (2:16-23). Observe em especial como Paulo conclui: regras têm “aparência de sabedoria”, mas “não têm valor algum para refrear os impulsos da carne”. Regras simplesmente almejam muito pouco; cristãos são feitos para coisas melhores e mais elevadas.

3:1-11 – A nova base para o comportamento (cristão)

Nossa participação na morte (2:20) e na ressurreição (3:1) de Cristo elimina a necessidade de observância a regras religiosas. Os que creem em Cristo morreram para essas coisas meramente humanas, tendo ressuscitado para a vida por aquele que está agora exaltado à direita do Pai (veja Salmos 110:1). Paulo, então, descreve para o que morremos (Colossenses 3:5-9) e, por meio de um esquema de imagens (a troca de roupa), conclama-nos a uma vida que reflita a imagem de Deus (3:10). O versículo 11 antecipa os imperativos a seguir, lembrando a seus leitores que Cristo eliminou todas as barreiras culturais, religiosas, socioeconômicas e raciais.

3:12 a 4:6 – Como é a vida cristã

Com base no amor e na eleição de Deus (3:12), Paulo passa a ilustrar como a imagem de Deus (em Cristo) deve ser vivida nos relacionamentos mútuos. Note como tudo flui dos traços de caráter citados no versículo 12, dois dos quais descrevem Cristo em Mateus 11:29, sendo a maioria deles chamada de “fruto do Espírito” em Gálatas 5:22,23. Lembre-se, enquanto lê, de que essas instruções sobre o comportamento cristão não são direcionadas à piedade

individual, mas à vida na *comunidade* cristã, a expressão básica à qual pertence o lar cristão.

4:7-18 – Saudações finais

Aprendemos muito aqui, portanto não leia rapidamente. Note, em especial, a descrição de Onésimo (4:9) como um “fiel e amado irmão, que é um de vocês” (veja Filemom). Observe também como as saudações (Colossenses 4:10-15) funcionam para lembrar os cristãos colossenses de que eles pertencem a uma comunidade de fé muito maior, incluindo alguns conhecidos em comum entre eles e Paulo.

Que parte importante da história bíblica é essa carta, por sua exaltação a Cristo e por lembrar-nos de que o comportamento tem valor – mas somente quando reflete o próprio caráter de Cristo e sua redenção.

1TESSALONICENSES

Dados de orientação para 1Tessalonicenses

- **Conteúdo:** uma carta de ação de graças, encorajamento, exortação e informação aos mais novos cristãos gentios em Cristo.
- **Autor:** o apóstolo Paulo, acompanhado por Silas e Timóteo, seus parceiros de viagem.
- **Data:** 50-51 d.C., enquanto Paulo está em Corinto. Essa carta é, provavelmente o documento mais antigo no Novo Testamento.
- **Destinatário(s):** novos convertidos a Cristo em Tessalônica, gentios em sua maioria (1:9,10). Tessalônica era um porto ao norte do Egeu, que também levava à Via Egnácia (veja *Dados de orientação para Filipenses*, p. 349); nos tempos de Paulo, era a principal cidade da Macedônia.
- **Ocasião:** o retorno de Timóteo a Paulo e Silas em Corinto; Timóteo havia sido enviado a Tessalônica para ver como estavam os novos cristãos (veja 3:5-7).
- **Ênfases:** a preocupação amorosa de Paulo com seus amigos em Tessalônica; o sofrimento como parte da vida cristã; a santidade no tocante a questões sexuais; a necessidade de fazer o próprio trabalho e de não viver da generosidade dos outros; a ressurreição dos cristãos; preparação para a vinda de Cristo.

Visão geral de 1Tessalonicenses

Coloque-se no lugar de Paulo. Você esteve recentemente na principal cidade da Macedônia, onde havia tido sucesso na pregação das boas-novas sobre Cristo. Mas o seu sucesso também

suscitou enorme oposição. Seu hospedeiro foi preso e acusado de alta traição, enquanto amigos conduziram você para fora da cidade, à noite, para que não fosse levado diante das autoridades. Desse modo, sua estada foi muito mais curta do que você esperava, e os novos cristãos estão agora à sua própria sorte, privados de um período suficientemente longo e consistente de instrução no caminho de Cristo. (Veja a narrativa em Atos 17:1-9; os três dias de sábado mencionados no versículo 2 não significam que Paulo esteve na cidade apenas por esse tempo. Antes, esse foi o período em que ele conseguiu trabalhar na sinagoga. Essa carta indica uma igreja de estabilidade, instrução cristã e renome muito mais significativos que aqueles resultantes de duas ou três semanas de evangelização.)

E você? O que teria feito? Tentaria, como Paulo fez, retornar a despeito do perigo (1Tessalonicenses 2:17,18)? E se não pudesse retornar porque “Satanás bloqueou o [seu] caminho”? E se, durante todo o tempo, você não soubesse de nada do que aconteceu em Tessalônica desde que partiu (esses eram dias sem correio, para não falar de telefone e serviço de *e-mail*!). Muito provavelmente, você faria o que Paulo fez: enviar um colega mais novo, que poderia retornar sem medo de ser reconhecido ou de correr perigo.

Agora, Timóteo reencontra Paulo e Silas em Corinto. A metade da carta (capítulos 1 a 3) se refere ao relacionamento passado, presente e futuro de Paulo com esses novos convertidos, contado de forma basicamente cronológica. Duas coisas claras sobre Paulo emergem nessa seção: (1) sua ansiedade profunda e pessoal sobre a situação dos tessalonicenses e (2) seu consolo igualmente profundo por saber que as coisas estão indo basicamente muito bem (quase é possível ouvir seu suspiro de alívio em 3:6-8). Duas coisas também emergem sobre os cristãos tessalonicenses nesses dois capítulos: (1) eles continuam sob sofrimento e perseguição, mas (2) estão perseverando no tocante à fé em Cristo – embora também faltem algumas coisas.

O restante da carta aborda assuntos que foram relatados a Paulo por Timóteo. A maioria consiste em lembretes (veja 4:1,2,9; 5:1) acerca de instruções que haviam sido dadas quando Paulo e seus companheiros estavam entre eles – sobre imoralidade sexual; amor mútuo, que inclui trabalhar para o próprio sustento; e a volta de Cristo. Um item geral está também incluído, a saber, o que acontece aos cristãos que morrem antes da vinda de Cristo (4:13-18).

Conselho específico para a leitura de 1Tessalonicenses

Tenha em mente, ao ler essa carta, que ela é, muito provavelmente, o mais antigo documento cristão. Ver como Paulo lida com os novos convertidos é parte do deleite da leitura. Observe especialmente a frequência com que Paulo os lembra de coisas que eles já sabem (1:5; 2:1,5,9-11; 4:2,9; 5:1). Considerando que o relato de Timóteo sobre a fé dos tessalonicenses foi essencialmente positivo e que, em dois assuntos, Paulo diz não haver nenhuma necessidade de escrever (4:9; 5:1), a questão é: Por que, então, mandar a carta? A resposta se encontra em 3:9,10, quando Paulo agradece a Deus o fato de que, no geral, eles estejam muito bem, embora haja algumas deficiências. Como não pode visitá-los agora, ele envia uma carta como um modo de estar presente e suprindo “o que falta à sua fé”.

Em três das questões abordadas (2:1-12; 4:1-8; 4:13 a 5:11), é muito importante estar ciente da cultura greco-romana em geral e da sociologia tessalônica em particular. Primeiro, toda acusação da qual Paulo se defende, em 2:1-6, pode ser encontrada nos escritos filosóficos pagãos – acusações levantadas contra charlatães religiosos ou filosóficos. Quase certamente, parte do sofrimento vem em forma de denúncias contra Paulo (afinal, ele deixou a cidade na calada da noite sob acusações políticas que ficaram no ar!). Segundo, gregos e romanos nunca consideraram imoral o tipo de comportamento sexual fora do casamento que tanto judeus quanto

cristãos viam como transgressão ao sétimo mandamento; o que chamaríamos de promiscuidade sexual – de todos os tipos – era simplesmente um modo de vida aceito. Terceiro, há muita evidência arqueológica indicando que os tessalonicenses pagãos estavam profundamente interessados nas questões da vida após a morte.

Vale também ler 1Tessalonicenses em paralelo com Filipenses, uma vez que ambas as cartas estão voltadas a cidades macedônias (e, portanto, gregas), embora seus cidadãos fossem famosos na Antiguidade por sua lealdade a César; em ambos os casos, Paulo e as igrejas estão sendo perseguidos por serem leais a um outro "Rei", que não César.

Mas há também diferenças. Enquanto 1Tessalonicenses mostra características de uma carta de amizade, essa não correspondia àquela do tipo mais contratual, que Paulo teve com os filipenses. Note que, em Filipos, Paulo havia aceitado apoio financeiro, enquanto, em Tessalônica, embora estivesse com Jasom, escolheu trabalhar com suas próprias mãos. Isso parece marcar uma mudança na estratégia missionária, que servirá aos interesses teológicos de Paulo em Tessalônica e Corinto – porque, em 2Tessalonicenses, ele por fim apelará ao seu próprio exemplo a fim de reforçar a instrução dada em 1Tessalonicenses 4:9-12. Veja mais adiante os comentários sobre 2Tessalonicenses 3:6-15.

Uma caminhada por 1Tessalonicenses

Depois da mais breve de todas as saudações de Paulo (1:1), ele começa com o que vem a ser uma extensa "ação de graças tornada em relato" sobre o relacionamento dos tessalonicenses (1:2 a 3:10), seguida de um relato de oração típico (3:11-13).

1:2-10 – Ação de graças pela conversão dos tessalonicenses

A ação de graças pela fidelidade dos cristãos tessalonicenses logo dá lugar a um lembrete de sua conversão. Quatro coisas são destacadas: (1) o papel de Paulo e do Espírito Santo nessa conversão; (2) como esses cristãos, com Paulo – e na imitação de Cristo –, experimentaram sofrimento ao abraçar a fé, mas também alegria no Espírito Santo; (3) as novas da conversão haviam precedido Paulo em Corinto (Acaia); (4) a conversão incluía o abandono da idolatria e a espera da volta de Cristo.

2:1-12 – Recordação do ministério de Paulo

Advogando-lhes os interesses, Paulo se defende contra as acusações de ser um vigarista religioso. Note que, nos versículos 7-12, ele usa três imagens familiares (criança, mãe, pai!) para referir-se a seu relacionamento com eles.

2:13-16 – Renovação da ação de graças – e do sofrimento dos tessalonicenses

Perceba quanto isso ecoa 1:4-6. Aqui, nós também aprendemos qual é a fonte do sofrimento deles (“seus próprios conterrâneos [gentios]”), o que lembra Paulo da fonte de seu sofrimento (conterrâneos judeus), a quem ele acusa de crucificar Cristo e de tentar evitar que os gentios chegassem à fé (veja Atos 17:1-8).

2:17 a 3:10 – Paulo, os tessalonicenses e Timóteo

Em parágrafos sucessivos, Paulo retoma a narrativa de seu relacionamento com os tessalonicenses, uma vez que ele (e também Silas e Timóteo) estava “privado [!] da companhia de vocês por breve tempo”. Primeiro (2:17-30), menciona suas tentativas de retornar e o motivo para isso; segundo (3:1-5), menciona o envio de Timóteo, a fim de saber como eles enfrentavam o sofrimento; terceiro (3:6-10), ele expressa seu grande alívio com o relato de Timóteo “a respeito da fé e do amor que vocês têm”. Tudo isso termina com uma renovada ação de graças.

3:1-13 – Relato de oração

Observe que Paulo ora pelas mesmas coisas sobre as quais vai continuar falando, a saber, santidade, amor e a volta de Cristo.

4:1-8 – Sobre pureza sexual

Note a mudança clara aqui, à medida que Paulo segue para retomar "o que falta" à fé deles (3:10). O primeiro item é a imoralidade sexual, lembrando que o Deus que os chamou e deu a eles seu Espírito Santo também os chama a uma vida sexual monogâmica.

4:9-12 – Sobre amor e trabalho com as próprias mãos

Paulo, agora, aborda o assunto do amor mútuo – que alguns não sejam desnecessariamente um fardo a outros. Sobre isso, e sobre a necessidade de voltar a a esse assunto, veja 2Tessalonicenses.

4:13-18 – Sobre o futuro dos cristãos que morreram

Esse parágrafo lembra-nos de como deve ter sido breve o tempo de Paulo com os tessalonicenses. Eles tinham ouvido o bastante sobre a volta de Cristo (veja 1:9,10; 5:1-11), mas, nesse meio-tempo, alguns de seus companheiros morreram (por causa da perseguição?), e eles simplesmente não sabiam o que lhes aconteceria. A resposta: os mortos serão ressuscitados; os vivos serão transportados à presença de Cristo em sua vinda.

5:1-11 – Sobre a vinda de Cristo

À luz da ansiedade provocada pelo assunto abordado, Paulo acrescenta algumas palavras de encorajamento sobre a vinda de Cristo e a participação de seus leitores nela. Embora frequentemente seja lida como advertência, a passagem tem a intenção clara de ser um encorajamento a uma comunidade sofrida de cristãos (5:11: "Por isso [...] edifiquem-se uns aos outros"). Uma

vez que eles são filhos do dia, não devem engajar-se em atividades da noite, nem devem ser apanhados de surpresa na vinda de Cristo.

5:12-22 – Exortações conclusivas

Paulo encoraja o respeito/a honra pelos líderes (5:12,13), recomenda relações comunitárias saudáveis (5:14,15), exorta à piedade básica (alegria contínua, oração e ação de graças; 5:16-18) e incita os tessalonicenses a encorajar a profecia, colocando-a, todavia, à prova e retendo o que é bom (5:19-22).

5:23-28 – Oração e saudações finais

A oração, em particular, recapitula muitos dos itens abordados.

> Aqui está uma carta cheia de coisas boas para a edificação dos relacionamentos dentro da comunidade cristã, enquanto esperamos a vinda certa de nosso Senhor, que porá fim na história presente.

2TESSALONICENSES

Dados de orientação para 2Tessalonicenses

- **Conteúdo:** uma carta que amplia o encorajamento diante do sofrimento, adverte contra o engano a respeito da volta do Senhor e exorta para que alguns trabalhem com as próprias mãos e não vivam às custas de outros.
- **Autor:** o apóstolo Paulo e seus companheiros de viagem Silas e Timóteo.
- **Data:** 51 d.C. (provavelmente), logo depois de 1Tessalonicenses (embora alguns invertam a ordem das duas cartas).
- **Destinatário(s):** veja 1Tessalonicenses.
- **Ocasião:** Paulo recebeu uma palavra de que alguns (provavelmente por intermédio de profecia) têm falado em nome dele no sentido de que o dia do Senhor (= a vinda de Cristo) já aconteceu; além disso, os preguiçosos desordeiros, mencionados em 1Tessalonicenses, não se corrigiram.
- **Ênfases:** a salvação certa dos cristãos de Tessalônica e o juízo certo de seus perseguidores; o dia do Senhor ainda está por vir e será precedido pela "rebelião (NVT)";[46] inúteis e desordeiros deveriam trabalhar para comer.

Visão geral de 2Tessalonicenses

Se você ler essa carta logo depois de 1Tessalonicenses, vai notar que, em geral, ela carece do sentimento cordial encontrado na primeira carta; o material em 2Tessalonicenses 2:1-12 é obscuro o bastante, especialmente quando comparado a 1Tessalonicenses

4:13 a 5:11, o que nos leva a perguntar o que terá acontecido. Mas é fácil enxergar o que dá o tom dessa carta. Os dois temas principais (2Tessalonicenses 2:1-12; 3:6-15) dão boa razão para deixar Paulo aborrecido – ainda mais do que costuma ficar. De todo modo, as outras partes da carta (a ação de graças e a oração, em 1:3-12, e a oração e o pedido de oração, em 2:16 a 3:5) estão repletas do mesmo tipo de afeição e preocupação que o autor expressa na carta anterior.

Então, o que há? Primeiro, Paulo ouviu de alguém que a igreja está mergulhada em confusão (2:2) por causa de uma declaração dada em nome dele, de que o dia do Senhor já aconteceu. Ambos os lados dessa questão são suficientes para aborrecê-lo – a falsidade em si e o fato de isso ter sido divulgado sob a autoridade dele. Uma vez que ele os exorta, em 2:15, a perseverar no que lhes havia ensinado – por "viva voz" (quando esteve entre eles) e "por carta" (1Tessalonicenses) –, o problema em 2Tessalonicenses 2:2 provavelmente vem de uma declaração profética não testificada (veja 1Tessalonicenses 5:19-22), alegando falar em nome de Paulo.

Segundo, ele também tem motivos para estar um pouco irritado com os que são inúteis e desordeiros, uma vez que já falou sobre essa questão em sua primeira carta (1Tessalonicenses 4:9-12; 5:14).

Juntos, esses dois aspectos são responsáveis tanto pelo tom ambivalente quanto pelo conteúdo específico da carta.

Conselho específico para a leitura de 2Tessalonicenses

Para uma carta breve, 2Tessalonicenses tem mais momentos difíceis do que se imagina. Primeiro, embora Paulo espere que certos eventos ocorram antes da vinda de Cristo (como você verá em 2:1-12), a natureza específica desses eventos é um tanto incerta. Boa parte de nossa dificuldade decorre de que, no tocante a

dois trechos cruciais (a identidade do “homem do pecado” e “o que o está detendo”), os tessalonicenses haviam sido previamente informados, de modo que Paulo não se repete aqui (2:5,6). Embora essas questões, obviamente, sejam de interesse para nós como leitores posteriores, muito provavelmente teremos de nos contentar com o argumento principal da passagem, uma vez que estamos fora do circuito nesses assuntos.

Segundo, há também muita especulação – quase sempre distribuída como se estivesse nitidamente no texto – sobre a razão de os desordeiros inúteis continuarem a não trabalhar. A razão mais comumente sugerida é que eles pararam de trabalhar porque estão esperando a volta repentina de Jesus. Mas isso dificilmente se coaduna com o que está de fato sendo promovido em 2:2, ou seja, que o dia do Senhor *já* veio. Isso deve estar mais relacionado ao desdém geral pelo trabalho manual por parte da aristocracia grega.

Nada, contudo, pode ser tido como certo quanto às razões disso; a preocupação total de Paulo é, e a nossa também deve ser, com o *qu*ê: a exortação ao desordeiro inútil para que vá trabalhar e a instrução à igreja sobre como tratar pessoas desse tipo.

Uma caminhada por 2Tessalonicenses

1:1-12 – Saudação, ação de graças e oração

Note várias coisas ao ler: (1) como a ação de graças (1:3-10) valida os tessalonicenses em áreas que precisam ser reforçadas; (2) que, assim como em 1Tessalonicenses, 2Tessalonicenses logo se torna narrativa (1:6-10) – sobre o julgamento iminente e certo dos que os estão perseguindo, enquanto termina na nota sobre a garantida salvação dos cristãos tessalonicenses –; e (3) que a vinda de Cristo tem uma dimensão que torna impossível “perder a ação” (1:7b), o que vai contra o ensino dos que alegam que ela já aconteceu.

Observe, então, como a oração (1:11,12) retoma as questões gêmeas da fé e do amor abordadas no versículo 3 (agora em termos

das obras motivadas por bondade e fé).

2:1-12 – Correção do ensino errôneo sobre a volta de Cristo

Paulo começa o corpo da carta (2:1,2) conclamando os crentes tessalonicenses a não se deixarem abalar pelo ensino errôneo (embora o autor não esteja muito certo sobre sua fonte). Ao ler a resposta de Paulo (2:3-12), note primeiro que ele os relembra (2:5,6) de sua instrução anterior sobre esse assunto, conforme a qual certos eventos devem preceder a vinda do Senhor. Segundo, note como "o homem do pecado" mencionado no versículo 3 é a figura central em toda a narrativa. Uma grande rebelião acompanhará sua aparição (2:4), efetuada em parte por milagres satânicos que enganam os que se recusam a abraçar a verdade (2:9-12); mas, no fim, ele será destruído pelo próprio Cristo quando ele voltar (2:8).

2:13-17 – Aplicação e oração

Paulo encoraja os cristãos tessalonicenses (2:13,14) colocando-os – os que receberam a verdade e o Espírito – em imediato contraste com aqueles mencionados nos versículos 10-12. Ele, então, insiste para que fiquem firmes em sua instrução anterior (2:15), finalmente orando para que sejam encorajados e continuem fiéis à vida e ao ensino cristãos (2:16,17).

3:1-5 – Pedido de oração

A amizade, na Antiguidade, devia ser recíproca (veja *Conselho específico para a leitura de Filipenses*, p. 350); desse modo, tendo orado por eles a respeito das circunstâncias que os cercavam, Paulo agora pede que orem por ele no que tange à sua própria condição.

3:6-15 – Sobre os que são inúteis e desordeiros

Antes de ler essa seção, você talvez queira reler 1Tessalonicenses 4:9-12. Ao retornar a esse assunto, Paulo usa a si mesmo como exemplo ao instar aos desordeiros inúteis a que trabalhem com as próprias mãos e, assim, deixem de ser um peso para outros (2Tessalonicenses 3:6-13). Em seguida (3:14,15), ele diz à igreja o que ela deve fazer, a saber, dissociar-se dos que se recusam a obedecer, mas sempre pensar neles como irmãos e irmãs, não como inimigos.

3:16-18 – Assuntos finais

Após desejar-lhes paz (3:16), Paulo toma a pena para assinar a carta e garantir sua autenticidade (3:17), antes da graça/bênção final (3:18).

Essa carta se encaixa na narrativa bíblica como parte do encorajamento divino, ao seu povo, de que somente Cristo tem a chave do futuro. Deus afirma que eles podem confiar em Cristo para derrotar o inimigo de uma vez por todas em seu próprio tempo; no mais, o amor mútuo também significa não tirar proveito da bondade dos outros.

1TIMÓTEO

Dados de orientação para 1Timóteo

- **Conteúdo:** denúncia contra alguns falsos mestres – seu caráter e ensinamentos –, com instruções sobre vários assuntos comunitários que esses mestres transformaram em crise, intercaladas com palavras de encorajamento a Timóteo.
- **Autor:** o apóstolo Paulo (embora isso seja questionado por muitos).
- **Data:** 62-63 d.C., da Macedônia (provavelmente Filipos ou Tessalônica); ao que parece, após a (esperada) libertação de Paulo da prisão, fato observado em Filipenses 1:13 e 2:23,24.
- **Destinatário(s):** Timóteo, companheiro mais jovem – e de longa data – de Paulo, e (finalmente) a igreja em Éfeso (a graça/bênção em 6:21 é plural).
- **Ocasião:** Paulo deixou Timóteo responsável por uma situação muito difícil na igreja em Éfeso, onde falsos mestres (provavelmente anciãos locais) estão desviando algumas igrejas domésticas; Paulo escreve para toda a igreja por meio de Timóteo, a fim de fortalecer a mão deste e deter esses líderes mal-intencionados e algumas viúvas mais jovens que os seguiram.
- **Ênfases:** a verdade do evangelho como misericórdia divina demonstrada a todas as pessoas; qualificações de caráter para a liderança da igreja; ensinamentos especulativos, ascetismo e amor pela controvérsia e pelo dinheiro desqualificam qualquer um para a liderança da igreja; Timóteo, ao perseverar no evangelho, deve ser modelo genuíno de caráter e liderança cristãos.

Visão geral de 1Timóteo

As cartas a Timóteo e Tito têm sido há muito chamadas de Epístolas Pastorais, sob o pressuposto de que se destinam a dar instruções a jovens pastores sobre a ordem na igreja. Mas isso tende a repetir, nessas cartas, preocupações posteriores e associá-las de modo a que percam seu caráter individual (e bem diferente) e o contexto de vida. Essa carta é a primeira de três, escrita logo depois de Paulo ter deixado Timóteo em Éfeso. Tendo desassociado os líderes responsáveis pelos falsos ensinamentos (1:19,20), ele deixou Timóteo ali e foi para a Macedônia, incumbindo-o de "ordenar a certas pessoas que não mais ensinem doutrinas falsas" (1:3).

A carta flutua entre palavras à *igreja* por meio de Timóteo e palavras ao próprio *Timóteo*, embora essas últimas se destinem a ser ouvidas pela igreja. Boa parte da carta aponta as tolices dos falsos mestres/ensinamentos (1:4-10,19b,20; 4:1-3,7; 6:3-10,20,21). As palavras a Timóteo (1:3,18,19a; 4:6-16; 6:11-16,20,21) estabelecem seus afazeres, encorajando-o e fortalecendo sua mão diante da comunidade para que essas tarefas (por vezes desagradáveis) sejam cumpridas. Esses dois assuntos emergem na incumbência final a Timóteo, em 6:20,21. O restante da carta trata de questões comunitárias, obviamente influenciadas de modo profundo por falsos ensinamentos – questões como o ajuntamento dos crentes para oração e ensino (2:1-15); qualificações para, e substituição de, líderes (3:1-13; 5:17-25); cuidado para com as viúvas mais velhas, aconselhando, porém, que as mais jovens se casem (5:3-16); atitudes de escravos para com seus senhores (6:1,2).

A despeito das muitas palavras dirigidas pessoalmente a Timóteo, a carta refere-se somente a trabalho, como fica claro pela falta tanto de ação de graças e de oração, as quais costumam começar as cartas de Paulo (veja 2Timóteo), quanto de saudações, para os/dos amigos, que as concluem (de novo, veja 2Timóteo).

Conselho específico para a leitura de 1Timóteo

Durante a leitura, note especialmente o que Paulo diz sobre os falsos mestres e seus ensinamentos, uma vez que a preocupação com eles parece estar por trás de cada palavra nessa carta. Há boas razões para supor que esses mestres eram anciãos locais que haviam abraçado algumas ideias incompatíveis com o evangelho da graça (1:11-17): primeiro, diferentemente de outras cartas de Paulo que lidam com falsos mestres (2Coríntios, Gálatas, Filipenses), 1Timóteo não deixa transparecer que esses mestres pudessem ser intrusos (1Timóteo 1:19,20); segundo, a evidência posterior de 2Timóteo 2:17,18 indica que um deles (Himeneu) recusou-se a partir (veja que o nome dele é citado primeiro em ambas as vezes, o que implica dizer que é o líder). Terceiro, leia o discurso de Paulo aos anciãos dessa igreja em Atos 20:17-35 e note que, cinco anos antes ou mais, Paulo havia predito que isso aconteceria exatamente desse jeito (Atos 20:29,30; dentre eles alguns se levantariam e distorceriam a verdade).

Se você acrescentar à leitura o fato de que esses anciãos se aproveitaram de algumas viúvas mais jovens que abriram seus lares para as novidades deles – como declara 2Timóteo 3:6,7 –, então a carta inteira faz sentido. Note como esses fatores, juntos, explicam (1) por que Paulo escreve a Timóteo, e não à igreja, como em outros casos, uma vez que sua carta não seria valorizada na mão desses anciãos; ao mesmo tempo, Paulo está autorizando Timóteo diante da igreja a garantir que esses anciãos sejam substituídos por pessoas com qualificações apropriadas; (2) por que o apóstolo dá instruções cuidadosas não sobre as tarefas dos anciãos, mas sobre suas qualificações; (3) por que ele dá instruções tão detalhadas sobre como cuidar das viúvas mais velhas, enquanto recomenda que as mais jovens, algumas das quais já se desviaram e seguem a

Satanás (1Timóteo 5:15), se casem – contra seu conselho geral em 1Coríntios 7:40 –, e por que ele as proíbe de ensinar nessa situação (1Timóteo 2:11-15); (4) por que, embora sua preocupação principal seja o evangelho (1:11), Paulo dá muito pouco do conteúdo evangelístico nessa carta – uma vez que Timóteo não precisa de instrução aqui –, e por que, por outro lado, muito se diz sobre a natureza do falso ensinamento.

O falso ensinamento parece ser uma mistura de coisas judaicas e gregas. Equivocadamente baseado na Lei (1:7), estava repleto de especulações do Antigo Testamento ("mitos e genealogias intermináveis [enfadonhos]", 1:4); foi apresentado como *gnōsis* ("conhecimento", 6:20) e parecia ter um apelo esotérico e exclusivista (1:4-7; veja, em 2:1-7 e 4:10, que Deus deseja que *todas as pessoas* sejam salvas), o que incluía um falso ascetismo que negava a bondade da Criação (4:3-5; talvez 5:23). Para além do ensino, Paulo acusa os mestres por seu amor a controvérsias, incluindo discussões sobre palavras (1:6; 6:4), e especialmente por sua ganância (6:5-10; veja 3:3, "não apegado ao dinheiro").

Em suma, Paulo deixou Timóteo com uma tarefa muito difícil – que parece não ter sido totalmente bem-sucedida à luz da evidência de 2Timóteo –, tornando as palavras a Timóteo as mais dolorosas. Você talvez tente colocar-se no lugar de Timóteo ao ler toda a carta.

Uma caminhada por 1Timóteo

1:1-2 – Saudação

Apesar do longo e estreito relacionamento entre Paulo e Timóteo, note como Paulo enfatiza, aqui, seu apostolado e Timóteo como sendo seu "verdadeiro filho" (= filho legítimo). Isso certamente visa ao bem da igreja, pelo que devem dar atenção a essa carta.

1:3-20 – Primeira incumbência de Timóteo

A primeira incumbência (1:3, renovada em 1:18) relembra a Timóteo sua tarefa de deter o falso ensinamento (1:3), descrita (1:4-11) em contraste com o testemunho de Paulo (1:12-17). Perceba como essa última parte articula o conteúdo do evangelho e valida o apostolado de Paulo. O versículo 15 dá a primeira de três afirmações dignas de confiança nessa carta (veja 3:1; 4:9) e enfatiza que Cristo veio para salvar pecadores (não ascetas). A incumbência renovada (1:18-20) lembra à igreja que Himeneu e Alexandre foram desligados dela.

2:1-15 – Instruções sobre assuntos comunitários

O primeiro assunto que Paulo suscita é o da oração comunitária, que deve ser para “todos” (2:1), porque Deus deseja que “todos” sejam salvos (2:3,4), visto que o sacrifício de Cristo por “todos” é evidência segura (2:5,6). Segue-se a isso uma instrução sobre o decoro apropriado na oração comunitária: quando os homens levantam as mãos para orar, elas não devem estar sujas com as controvérsias de falsos mestres (2:8), e as mulheres não devem vestir-se de maneira sedutora (para aquela cultura), mas, sim, “vestir-se” de boas obras (2:9,10); por causa da influência das viúvas mais jovens (2:15 e 5:14 deveriam ser lidos lado a lado), Paulo proíbe que as mulheres ensinem (usando o engano de Eva por Satanás, que levou à transgressão, como analogia bíblica para o engano deles por Satanás; veja 4:1 e 5:15).

3:1-13 – Qualificações para líderes da igreja

Com uma segunda “afirmação [...] digna de confiança” (3:1), Paulo apresenta as qualificações de caráter para três tipos de líderes (a locução verbal “deve(m) ser/ter”, no versículo 2, controla gramaticalmente os versículos 2, 8 e 12): bispos (3:1-7), diáconos (3:8-10,12) e diaconisas ([3:11], provavelmente; decerto não “esposas”). Note a singular falta de deveres, exceto “apto para ensinar” no versículo 2, e veja quantas dessas qualidades estão em

nítido contraste com o que é dito em outra parte sobre os falsos mestres.

3:14 a 4:5 – O propósito da carta

Paulo escreve para que o povo de Deus saiba como se conduzir na casa de Deus. Eles devem ser o templo (pilar e fundação) de Deus que preserva “o mistério da piedade”, estabelecido no versículo 3:16 em forma de hino, em contraste direto com os ensinamentos satânicos de anciãos decaídos (4:1-5). Note que o hino enfatiza a encarnação de Cristo (verso 1), aparentemente contra um ascetismo falso (4:3-5), e a natureza universal do evangelho (versos 4 e 5), contra o (aparente) exclusivismo de tal ascetismo.

4:6-16 – Renovação da incumbência de Timóteo

Como no capítulo 1, a incumbência de Timóteo tem como alvo os falsos mestres (4:6-8). A terceira afirmação digna de confiança (4:8) enfatiza que o “exercício” da piedade, observado em 3:15,16 (*versus* “disciplina” ascética), guarda promessa tanto para a vida presente quanto para a futura, enquanto a palavra adicional sobre “trabalho” (= de Paulo e de Timóteo como ministros do evangelho) novamente enfatiza a universalidade do evangelho.

Note como o restante da incumbência (4:11-16), embora claramente se destine a fortalecer a coragem de Timóteo, explicitamente o coloca diante da congregação como um modelo a ser imitado – a despeito de sua juventude – e reafirma seu ministério entre eles, antes de concluir com palavras pessoais.

5:1 a 6:2b – Sobre viúvas e anciãos (e escravos)

Paulo agora especifica como lidar com os dois grupos que vêm causando sofrimento. Depois de registrar palavras introdutórias sobre todas as pessoas (5:1,2), ele menciona as viúvas mais jovens (5:3-16) e os anciãos que se desviaram (5:17-25), concluindo com instruções aos escravos (6:1,2). Note como, nos dois primeiros

casos, ele primeiro faz contraste entre os que se desviaram e os que são genuínos. Assim, a igreja deve cuidar das “viúvas que são realmente necessitadas” (5:3-9), mas ele aconselha as mais jovens a casar, ter filhos e administrar suas próprias casas (5:11-16).

Do mesmo modo, a igreja deve honrar (e remunerar) anciãos fiéis (5:17,18), mas tentar (com imparcialidade) dispensar e substituir “os que pecarem” (5:19-22,24,25). A palavra parentética (5:23) provavelmente se destina ao próprio Timóteo e também à igreja: “Conserve-se puro” (5:22), e não inclui abstinência (ascética?) de vinho, do qual Timóteo precisa para o bem de sua saúde.

6:2c-10 – Denúncia final dos falsos mestres

Paulo mais uma vez contesta os falsos líderes por seu amor à controvérsia, mas finalmente os classifica por seu amor ao dinheiro. Note como ele empresta, aqui, a tradição de Sabedoria do Antigo Testamento (Jó 1:21; Eclesiastes 5:15).

6:11-20 – Incumbência final de Timóteo

Perceba como, a exemplo de 4:1-16, Timóteo está mais uma vez inserido em contraste com os falsos líderes, com ênfase agora em sua perseverança até o fim, “que Deus fará se cumprir no seu devido tempo”. Os versículos 17-19 qualificam a acusação contra a ganância apresentada nos versículos 6-10: os que forem ricos (naquela cultura, estabelecidos por herança) devem ser “ricos em boas obras”, especialmente na forma de generosidade aos necessitados.

Note como o encerramento (6:20,21) resume as urgências de Paulo; o caráter abrupto de suas palavras destaca quanto o assunto é urgente.

A especial contribuição dessa carta à história bíblica está em sua ênfase ao papel do bom relacionamento entre o povo de Deus, ecoando o contraste entre os falsos e os genuínos profetas do Antigo Testamento.

2TIMÓTEO

Dados de orientação para 2Timóteo

- **Conteúdo:** um apelo a Timóteo para que permaneça leal a Cristo, ao evangelho e a Paulo, incluindo uma última crítica aos falsos mestres (de 1Timóteo).
- **Autor:** o apóstolo Paulo (embora isso seja questionado por muitos).
- **Data:** 64 d.C., de uma prisão em Roma (o leão em 4:17 é uma alusão a Nero ou ao próprio império).
- **Destinatário(s):** Timóteo em primeiro lugar; em segundo, a igreja (na primeira parte de 4:22 temos “seu”, singular, e, no final, “vocês”, plural).
- **Ocasião:** Paulo foi preso mais uma vez e levado a Roma (muito provavelmente de Trôade e sob instigação de Alexandre, 4:13-15 [possivelmente o mesmo homem que foi desassociado em 1Timóteo 1:19,20]); a carta insta a Timóteo que vá ficar ao lado de Paulo, mas, sobretudo, oferece-lhe um tipo de último desejo e testamento.
- **Ênfases:** a obra salvadora de Cristo, que “tornou inoperante a morte e trouxe à luz a vida [...] por meio do evangelho” (1:10); lealdade a Cristo pela perseverança no sofrimento e na provação; lealdade a Paulo pela lembrança do relacionamento de toda uma vida entre ele e Timóteo; lealdade ao evangelho pela fidelidade à proclamação/ao ensino da “palavra” (= a mensagem do evangelho); a propagação mortal, mas com a extinção final, dos falsos ensinamentos; a salvação final dos que são de Cristo.

Visão geral de 2Timóteo

Essa é a última carta (preservada) de Paulo. Ao final, aprendemos que o propósito principal da carta era pedir a Timóteo que se unisse ao apóstolo em Roma o mais rápido possível (4:9,21) e que, quando fosse, levasse consigo Marcos e alguns objetos pessoais (4:11,13). Timóteo deve ser substituído por Tíquico, o suposto portador da carta (4:12). A razão para a pressa é o início do inverno (4:21) e o fato de que a primeira audição de Paulo no tribunal já havia ocorrido (4:16).

Boa parte da carta, porém, está pouco preocupada com esse assunto, e é muito mais um apelo a Timóteo para que permaneça leal a Paulo e ao seu evangelho, abraçando o sofrimento e as dificuldades. E, nesse sentido, ela também se torna um documento comunitário (daí o “vocês”, plural, em 4:22b), conclamando implicitamente também os crentes à lealdade. Esse apelo é feito no contexto da influência contínua dos falsos mestres (2:16-18; 3:13), da deserção de muitos (1:15) e da prevista execução de Paulo (4:6-8).

Tudo na carta reflete esses assuntos, incluindo a ação de graças (1:3-5) e os tópicos e instruções pessoais mencionados na conclusão (4:9-18). O corpo da carta é composto de três grandes apelos à lealdade (1:6 a 2:13; 2:14 a 3:9; 3:10 a 4:8), cada um deles seguindo um padrão A-B-A semelhante, e, juntos, dando uma única configuração a toda a carta. No primeiro apelo, o padrão é lealdade-deserção-lealdade (1:6-14/1:15-18/2:1-13); no segundo, oposição-lealdade-oposição (2:14-19/2:20-26/3:1-9); no terceiro, lealdade de Paulo-apelo-lealdade de Paulo (3:10-12/3:14 a 4:2,5/4:6-8), intercalados com notas sobre oposição e deserção (3:13; 4:3,4). No quadro todo, a primeira e a terceira seções são, em grande parte, apelos, enquanto a seção entre as duas trata, sobretudo, de oposição.

Conselho específico para a leitura de 2Timóteo

Essa carta não se encaixa confortavelmente na categoria Epístola Pastoral (consulte *Visão geral de 1Timóteo*, p. 369), no sentido de oferecer instrução sobre assuntos eclesiásticos a um jovem pastor. Mas é certamente pastoral no sentido da preocupação pessoal de Paulo com Timóteo, a qual está interligada com sua preocupação em relação a Cristo e ao evangelho. Você talvez deseje marcar esses casos enquanto lê.

Essa não é a primeira carta enviada por Paulo enquanto ele estava "preso" (2:9). Em contraste com as anteriores (Filipenses, Colossenses, Efésios, Filemom), em que ele espera ser liberto (Filipenses 1:24; 2:23,24; Filemom 22), aqui ele apenas espera para ser executado (2Timóteo 4:6-9,16-18). Embora isso acrescente uma dimensão de comoção ao todo (as deserções são obviamente dolorosas, 1:15; 4:9-12), não há nenhum desespero. Ao contrário, as dificuldades são consideradas parte do pacote (1:8; 2:3; 3:12; 4:5). Observe a nota altissonante do triunfo de Cristo sobre a morte e sua ressurreição (1:10; 2:8-12a; 4:8,18).

Até mesmo a longa seção que condena os falsos mestres (2:14 a 3:9) está entrelaçada com palavras de esperança: "O Senhor conhece quem lhe pertence" (2:19, ecoando Números 16:5). Essa seção também ajuda a fundamentar o que você aprendeu sobre os falsos mestres em 1Timóteo: eles gostam de discutir acerca de palavras (2Timóteo 2:14,23); eles se desviaram da verdade, argumentando que a ressurreição já aconteceu (2:18); tiveram sucesso expressivo com algumas "mulheres instáveis" (3:6,7); e seu estilo de vida não se conforma ao evangelho (3:1-5).

Uma caminhada por 2Timóteo

1:1-5 – Saudação e ação de graças

Esteja atento à relevância das palavras “segundo a promessa da vida”, na saudação, para o restante da carta. Note como, em contraste com 1Timóteo e Tito, mais voltadas ao trabalho, essa carta apresenta ação de graças, a qual também (tipicamente) antecipa muito do que virá no texto; repare especialmente na ênfase ao relacionamento de Paulo e Timóteo e à lealdade de Timóteo à fé professada por seus ancestrais.

1:6 a 2:13 – Primeiro apelo

O primeiro apelo dá o tom para o todo; ele é basicamente duplo – para que Timóteo (1) se junte a Paulo no sofrimento pelo evangelho (1:8) e (2) guarde o que lhe foi confiado (1:13,14). As bases do apelo são a obra do Espírito (1:6,7,14), Cristo e o evangelho (1:9,10), bem como o exemplo de Paulo (1:11,12).

O apelo é interrompido para colocar em contraste os muitos desleais (1:15) e aquele que era leal (Onesíforo, 1:16-18).

Perceba a nova reviravolta quando o apelo é renovado (2:1-13): Timóteo deve confiar a outros o que lhe foi confiado (2:2) – porque ele está sendo retirado de Éfeso. Depois de uma série de analogias que enfatizam lealdade, determinação e expectativa de recompensa final (2:3-7), Paulo reforça o apelo mais uma vez, lembrando Timóteo de Cristo e do próprio apóstolo (2:8-10), concluindo com uma “palavra digna de confiança” (2:11-13) que destaca a fidelidade divina, haja o que houver.

2:14 a 3:9 – Contexto para o apelo: os falsos mestres

Observe que, como em 1Timóteo, as palavras a Timóteo estão colocadas no contexto dos falsos mestres. A primeira advertência contra eles (2Timóteo 2:14-18) enfatiza suas “discussões acerca de palavras” e “conversas inúteis e profanas”, além de sua influência corrosiva. No entanto, Deus “conhece quem lhe pertence”, esses

devem “afastar-se da iniquidade” (2:19; isso prepara o caminho para o que vem a seguir).

O contrastante apelo a Timóteo (2:20-26) tem início com uma analogia (ele deve purificar a si e a igreja de artigos usados como refugo) antes de enfatizar a necessidade de um espírito gentil e não conflituoso – mesmo ao lidar com os oponentes.

Paulo retorna aos falsos mestres em 3:1-9, descrevendo o terrível egoísmo deles (3:1-5) e a influência enganosa que exerciam sobre algumas “mulheres instáveis” (3:6,7), comparando-os aos feiticeiros egípcios (3:8,9).

3:10 a 4:8 – Apelo final

O primeiro apelo concentrou-se principalmente em Cristo e no evangelho; o atual destaca em especial o longo relacionamento de Timóteo com Paulo, além do exemplo deste no evangelho (3:10-13; 4:6-8). Essas duas passagens atrelam o apelo, primeiro, ao próprio passado de Timóteo (3:14-17) e, segundo, ao ministério de Timóteo, dadas as muitas rejeições à verdade (4:1-5).

4:9-18 – A primeira razão para a carta

Paulo conclui apontando sua principal razão para ter decidido escrever – pedir a Timóteo que fosse rapidamente até ele (antes do inverno; 4:21) e levasse algumas coisas pessoais (4:9,13). Isso é dito no contexto de desertores e alguns outros que foram enviados para o ministério (4:10-12). Uma vez que Timóteo passará por Trôade, Paulo adverte-o sobre Alexandre (4:14,15). O apóstolo encerra com informações sobre sua “primeira defesa” (= um tipo de inquérito do grande júri), a qual, para ele, foi um momento de triunfo para o evangelho. Resgatado da “boca do leão” num primeiro momento, ele anseia pelo Reino celestial.

4:19-22 – Saudações finais

Ao contrário de 1Timóteo, 2Timóteo é mais verdadeiramente uma carta em seu estilo geral; assim sendo, conclui com saudações para (e de) amigos e com a graça/bênção.

Com essa epístola, o papel de Paulo na história bíblica chega ao fim. Uma vez que devemos muito a ele, faríamos bem em atentar cuidadosamente aos apelos à lealdade feitos nessa carta.

TITO

Dados de orientação para Tito

- **Conteúdo:** instruções a Tito para colocar em ordem a(s) igreja(s) em Creta, incluindo o encontro com anciãos qualificados e a instrução de vários grupos sociais, no contexto de alguns falsos mestres.
- **Autor:** o apóstolo Paulo (embora isso seja questionado por muitos).
- **Data:** cerca de 62-63 d.C., aparentemente da Macedônia, quase na mesma época de 1Timóteo (veja 3:12; Nicópolis situa-se na costa adriática da Macedônia).
- **Destinatário(s):** Tito, um gentio, às vezes companheiro de viagem de Paulo (veja Gálatas 2:1-3; 2Coríntios 7:6-16; 8:6,16-24; 12:17,18); as igrejas em Creta (Tito 3:15, “todos vocês”).
- **Ocasião:** Paulo havia deixado Tito em Creta para que concluísse a organização das igrejas, enquanto ele e Timóteo (aparentemente) foram para Éfeso, onde encontraram uma situação muito angustiante (veja 1Timóteo). Paulo teve de ir até a Macedônia (1Timóteo 1:3; veja Filipenses 2:19-24); talvez o Espírito Santo o tivesse lembrado, enquanto escrevia 1Timóteo, de que alguns problemas semelhantes haviam surgido em Creta, pelo que se dirigiu às igrejas em uma carta a Tito.
- **Ênfases:** o povo de Deus deve ser bom e praticar o bem – isso se aplica especialmente a líderes da igreja; o evangelho da graça resiste a falsos ensinamentos baseados na lei judaica.

Visão geral de Tito

Em certo sentido, Tito parece ser uma versão menor de 1Timóteo. Falsos ensinamentos estimularam a instrução sobre qualificações para a liderança da igreja; ao mesmo tempo, Paulo aborda outras questões desencadeadas pelos falsos mestres. Consequentemente, tanto as qualificações para anciãos quanto a denúncia contra os falsos mestres aqui registradas têm semelhanças impressionantes com o conteúdo de 1Timóteo.

Há também algumas diferenças importantes. A que mais se destaca é o fato de que *Timóteo* foi deixado em uma situação na qual a igreja já se encontrava por quase doze anos, e ele teve de lidar com anciãos que estavam desviando a igreja de seu rumo. *Tito* foi deixado em Creta para colocar em ordem as novas igrejas. Assim, nesse caso, Paulo começa com as qualificações para os líderes da igreja (1:5-9), antes de lidar com falsos mestres (1:10-16). Seguem-se a isso instruções gerais sobre como lidar com homens e mulheres mais velhos e mais jovens, e também com escravos, com ênfase à prática do bem (2:1-10), o que parece uma expansão de 1Timóteo 5:1,2 e 6:1,2. O restante da carta enfatiza, à luz da graça de Deus, a "prática de boas obras" no mundo (2:11 a 3:8), e isso está novamente em contraste com os falsos mestres (3:9-11).

Conselho específico para a leitura de Tito

Embora problemas com falsos mestres estejam por trás de muito do que é dito em Tito, isso não parece ser um fator dominante, como em 1Timóteo. Os mestres devem ser silenciados (1:11), enquanto as pessoas que os seguem devem ser repreendidas (1:13). Há semelhanças suficientes com 1Timóteo para fazer pensar que se trata do mesmo tipo de ensinamento: eles estão envolvidos com mitos judaicos (1:14) e genealogias (3:9), baseando-se na Lei (3:9); eles amam controvérsias (1:10; 3:9); são enganadores (1:10), amantes do dinheiro (1:11) e usam a Lei (aparentemente) para

promover práticas ascéticas (1:15). Esse elemento final recebe mais ênfase em Tito, ao que Paulo responde com ênfase muito maior sobre a graça e a prática do bem.

Assim, durante a leitura, observe especialmente o destaque de Paulo à *prática do bem*. Embora encontrado também em 1Timóteo (1Timóteo 2:10; 5:10), esse tema permeia Tito (1:16; 2:7,14; 3:1,8,14; veja 1:8). Para Paulo, não há nenhuma tensão entre graça e prática do bem – esta diz respeito àquela. O que está em desacordo com a graça é o uso "religioso" da Lei, mantendo a pureza por meio da observância a regulamentos, como maneira de assegurar o favor divino. Mas uma experiência genuína de graça resulta em um povo que anseia por fazer o bem (2:14). Desse modo, esses dois temas se fundem em duas grandes passagens teológicas (2:11-14; 3:4-7), a segunda constituindo-se em outra das cinco palavras dignas de confiança nessas cartas.

Uma caminhada por Tito

1:1-4 – Saudação

Assim como em 1Timóteo, e em contraste com 2Timóteo, essa carta é mais "pastoral" que pessoal, carecendo de um relato de ação de graças/oração. Em favor de quem (de Tito ou da igreja) você acha que é a longa elaboração sobre o apostolado de Paulo? Depois de ler toda a carta, talvez você queira voltar a essa passagem e listar o modo como ela antecipa elementos do texto.

1:5-9 – Constituição de anciãos

Essa lista é muito semelhante à de 1Timóteo 3:2-7. O fato de "constituição" estar em tópico aqui (não "substituição") é algo expressamente declarado (Tito 1:5), o que responde pela grande diferença quanto a 1Timóteo, a saber, as *tarefas* mencionadas em Tito 1:9. Sobre ser "hospitaleiro" (1:8), veja 3João. E não perca o

próximo elemento em Tito 1:8: os anciãos devem “ser amigos do bem”.

1:10-16 – Oposição aos falsos mestres

Os falsos mestres devem ser silenciados porque fazem o jogo da compreensão proverbial dos cretenses. Cristãos tentados a segui-los devem ser repreendidos. De novo, observe como a seção termina: eles são “desqualificados para qualquer boa obra”.

2:1-10 – A vida piedosa por vários grupos sociais

Considerando os mesmos quatro grupos, como em 1Timóteo 5:1,2, mais os escravos de 6:1,2, Paulo dá instruções sobre a “sã doutrina” (imagem médica do que é saudável) para homens mais velhos, mulheres mais velhas, mulheres mais novas, homens mais novos e escravos. Note com que frequência as justificativas para uma vida piedosa beneficiam os que estão fora (Tito 2:5,8,10). Novamente, veja o versículo 7: Tito deve dar o exemplo “fazendo boas obras”.

2:11-15 – A base para uma vida piedosa

Tito recebe as bases teológicas para as instruções anteriores – a graça de Deus, nossa esperança futura e a redenção de Cristo, que tem como alvo um povo que é seu, “dedicado à prática de boas obras” (2:14).

3:1-8 – O povo de Deus no mundo

Como em 2:1-10, note como “a prática de boas obras” aponta para fora: como viver de maneira piedosa em favor de um mundo sem Deus (3:1,2), uma vez que já estivemos ali (3:3). A base para essa conduta é a salvação operada pelo Deus Trino (3:4-7) – renascimento iniciado pelo amor de Deus e efetivado por meio da graça justificadora de Cristo e da obra renovadora do Espírito Santo, derramado sobre nós generosamente por meio de Cristo. O versículo 8 oferece a razão.

3:9-11 – Denúncia final contra os falsos mestres

Você talvez queira comparar o que é dito aqui com 1:10-16. Assim, a carta termina do modo como começou.

3:12-15 – Notas pessoais de conclusão e saudações

Perceba que, após algumas palavras pessoais a Tito sobre idas e vindas, tanto suas como de outros (3:12,13), Paulo volta ao tema principal da “prática de boas obras” uma última vez (3:14), antes de uma troca de saudações conclusiva e da graça/bênção.

A importância dessa carta para a história bíblica está na insistência de Paulo de que graça e prática de boas obras estão interligadas, e que a segunda não deve ser confundida com observâncias religiosas.

FILEMOM

Dados de orientação para Filemom

- **Conteúdo:** o propósito único dessa carta é assegurar perdão a um escravo (provavelmente fugitivo) chamado Onésimo.
- **Autor:** o apóstolo Paulo, acompanhado de seu companheiro mais jovem, Timóteo.
- **Data:** provavelmente 60-61 d.C. (veja *Dados de orientação para Colossenses*, p. 355).
- **Destinatário(s):** Filemom é um cristão gentio em Colossos (veja Colossenses 4:9), em cuja casa uma igreja se reúne; a saudação e as palavras finais indicam que Paulo esperava que Filemom compartilhasse a carta com a igreja.
- **Ocasião:** Onésimo converteu-se recentemente e tem servido a Paulo, que está na prisão; agora está sendo enviado de volta a Filemom, acompanhado por Tíquico, que também está levando cartas às igrejas em Colossos (Colossenses) e na Ásia (Efésios).
- **Ênfases:** o evangelho reconcilia as pessoas umas com as outras, não somente judeus (Paulo) e gentios (Filemom), mas também escravo (fugitivo) e senhor, tornando-os todos irmãos!

Visão geral de Filemom

A mais curta de todas as cartas de Paulo consistiu também em um registro extremamente delicado. Paulo está pedindo perdão explicitamente por um crime que merecia punição (o crime de Onésimo) – e implicitamente por outro crime que poderia ter sido levado diante das autoridades apropriadas (o apóstolo estava abrigando um escravo fugitivo).

Observe o cuidado de Paulo ao colocar tudo isso na perspectiva do evangelho, começando com oração e ação de graças (versículos 4-7), em que ele louva a Deus pelo modo como o evangelho tem sido colocado em prática na vida de Filemom. Note especialmente que Paulo se recusa a fiar-se em sua autoridade apostólica (veja os versículos 1,8-10,17,21); antes, faz seus apelos com base no evangelho do amor (versículos 8-11). Paulo lembra que ele mesmo, Filemom, é um de seus convertidos (versículo 19), a quem considera um “companheiro” no evangelho (versículo 17).

Os versículos 12-16 são o ponto central. Onésimo tem realmente estado a serviço de Filemom ainda que não saiba disso, e o fato de ser um fugitivo pode finalmente servir aos maiores interesses de todos, especialmente o evangelho. Embora Onésimo esteja retornando como um escravo arrependido, Paulo relembra a Filemom que o primeiro relacionamento entre escravo e senhor é o de irmãos em Cristo.

Conselho específico para a leitura de Filemom

A escravidão no primeiro século, no mundo greco-romano, não se baseava em captura e raça, como na história da América do Norte (e da Europa), mas, no tempo de Paulo, em economia e nascimento. Mesmo escravos domésticos, como provavelmente era o caso de Onésimo, estavam na base da pirâmide social, não tendo nenhum direito sob a lei romana. Desse modo, poderiam ser tratados conforme a vontade do senhor, e fugitivos eram frequentemente crucificados como forma de dissuasão de outros escravos.

Assim, imagine-se no lugar de Onésimo. Ele havia, aparentemente, roubado algo de Filemom (versículos 18 e 19) e fugido para o mais longe que podia (Roma). Mas se arrependeu, encontrou Paulo, que estava preso em Roma, e agora, de volta para

casa, se encontra no meio da comunidade cristã, enquanto a carta aos colossenses e essa de que falamos agora são lidas para a congregação. Como você se sentiria?

Podemos presumir, no entanto, que a carta já havia sido lida por Filemom, de modo que a leitura dela na igreja era uma expressão pública da aceitação, por parte do próprio Filemom, da carta e dos desejos de Paulo. Releia Colossenses tendo em mente que os cristãos de Colossos estão atentos à leitura de sua epístola na presença de Onésimo, e que eles também devem aceitá-lo de volta como "um irmão amado" em Cristo.

A carta funcionou? Claro que sim; é difícil imaginar qualquer uma das duas cartas sendo preservada se elas não tivessem funcionado! Se esse Onésimo é aquele que eventualmente se tornou bispo da igreja em Éfeso não se sabe ao certo, mas a tradição cristã creu nisso. Sabemos dele por meio de Inácio, que, em seu caminho até Roma para ser martirizado, escreveu à igreja em Éfeso:

> Em nome de Deus, portanto, recebi sua grande congregação na pessoa de Onésimo, seu bispo neste mundo, um homem cujo amor está para além de palavras. Minha oração é que vocês o amem no Espírito de Jesus Cristo e sejam todos como ele. Bendito é aquele que permitiu que tenham um bispo como ele. Vocês merecem isso.

O evangelho faz coisas assim!

Uma caminhada por Filemom

Versículos 1-3 – Saudação

Felizmente, a saudação apropriada nos dá muitas informações úteis observadas em *Dados de orientação para Filemom* (Áfia é provavelmente esposa de Filemom; à luz de Colossenses 4:17, Arquipo é provavelmente um mestre na igreja). De qualquer modo, esteja certo de que o retorno de Onésimo afetará toda a casa, bem como a igreja.

Versículos 4-7 – Ação de graças e oração

Como em outros relatos de ação de graças e oração de Paulo, ele agradece a Deus e ora sobretudo pelos efeitos do evangelho na vida de Filemom. Note a ênfase ao amor e à fé (versículo 5), os quais são, então, elaborados na ordem reversa, nos versículos 6 e 7; veja também como o fim do versículo 7 antecipa o que está por vir.

Versículos 8-21 – O apelo

Repare no jogo de palavras com o nome de Onésimo[47] nos versículos 10 e 11. Aquele antes inútil e agora útil é conclamado não somente a ser bem recebido (versículo 17), mas aceito de volta como um “irmão no Senhor”. Não está claro como Paulo poderia ter pago o débito de Onésimo (versículos 18 e 19) – afinal, o apóstolo está na prisão, totalmente dependente de ajuda externa! Ele decerto espera que Filemom esqueça o passado, mas, por via das dúvidas, põe em prática o evangelho, assumindo ele mesmo a dívida.

Versículos 22-25 – Palavra pessoal e saudações

O versículo 22 indica que Paulo espera ser liberto dessa prisão (veja Filipenses 1:24; 2:23,24), uma preocupação que, nesse caso, toma o lugar do “saúdem a todos os santos” que normalmente ocorre. Compare as saudações em Filemom 23 e 24 com as de Colossenses 4:10-15.

Essa carta semiparticular está em nossas Bíblias porque a verdade do evangelho não reside somente em sua história e respectiva interpretação teológica; ela é também informal. A história de Deus tem sido contada milhões de vezes em relatos como esse.

HEBREUS

Dados de orientação para Hebreus

- **Conteúdo:** uma “palavra de exortação” (13:22) enviada em forma de carta, encorajando a perseverança fiel à luz da palavra final superlativa que Deus falou em Cristo.
- **Autor:** desconhecido; um cristão da segunda geração (2:3), pregador e intérprete habilidoso das Escrituras, com excelente domínio do grego (a epístola veio ao cânon entre as cartas de Paulo, mas definitivamente não foi escrita por ele).
- **Destinatário(s):** um grupo desconhecido, mas específico, de judeus cristãos (predominantemente); talvez uma igreja residencial em Roma (13:24) que está deixando de se relacionar com a comunidade cristã maior (10:25; 13:7,17).
- **Ocasião:** a comunidade está desanimada por causa do sofrimento (10:35-39) e talvez pelas dúvidas sobre se Jesus realmente pôs fim ao pecado; o autor escreve para convencer esses cristãos a que não “abram mão da confiança” (10:35; veja 2:1; 4:14).
- **Ênfases:** Deus falou sua palavra absolutamente final em seu Filho; abandonar Cristo é abandonar Deus por completo; Cristo é superior a tudo o que houve antes – a velha revelação, os mediadores angelicais, o primeiro êxodo (Moisés e Josué) e todo o sistema sacerdotal; o povo de Deus pode ter plena confiança no Filho de Deus, o perfeito sumo sacerdote, que dá a todas as pessoas acesso imediato a Deus.

Visão geral de Hebreus

Hebreus é uma longa e sustentada discussão, na qual o autor discorre à exaustão sobre um argumento (baseado nas Escrituras) e uma exortação. O que conduz o argumento do princípio ao fim é a superioridade absoluta do Filho de Deus a tudo o que veio antes; é disso que trata sua *exposição das Escrituras*. O que preocupa o autor é a possibilidade de que alguns cristãos, sob angústia, abram mão de Cristo, percam a obra salvadora do Filho e sua intercessão sacerdotal e, consequentemente, a própria experiência da presença de Deus; é disso que tratam as *exortações* entremeadas.

A introdução (1:1-3) estabelece o padrão com uma definição, em sete partes, do Filho e de sua obra, a qual faz dele a última palavra de Deus. Segue-se a isso uma série de dois grandes argumentos (1:4 a 4:13; 4:14 a 10:18), cada um deles com vários subgrupos, e uma grande e final aplicação e exortação (10:19 a 13:21), nesse caso entrelaçada com mais argumentos bíblicos.

A parte 1 é toda sobre o Filho – sua superioridade em relação aos anjos apesar (e por causa de!) de sua humanidade (1:4 a 2:18), a Moisés (3:1-19) e a Josué (4:1-13). Aqui, o autor também estabelece o cenário para a parte 2: o ministério efetivo do sumo sacerdócio de Cristo é viabilizado por meio do Filho preexistente, agora exaltado e tornado carne. O fracasso do primeiro êxodo não foi responsabilidade de Moisés nem de Josué, mas do povo, que não perseverou fielmente; os leitores são chamados a não seguirem as pegadas daquelas pessoas.

A parte 2 trata do Filho como o perfeito sumo sacerdote. Depois de uma exortação (4:14-16), o autor introduz Jesus como sumo sacerdote (5:1-10); depois, há uma série de duas advertências e também um encorajamento (5:11 a 6:3 [comodismo]; 6:4-8 [apostasia]; 6:9-20 [as promessas seguras de Deus]). Então, tendo como referência o salmo messiânico 110, ele usa Melquisedeque como padrão para um sacerdócio de ordem mais elevada (7:1-28). Baseado em uma aliança nova e, desse modo, superior, o perfeito

sacerdote ofereceu o perfeito sacrifício (definitivo) no perfeito santuário (8:1 a 10:18).

A parte 3 diz respeito à perseverança fiel. Começa com um apelo – à luz de tudo isso, “aproximemo-nos [...] apeguemo-nos [...] consideremos [...]” (10:19-25 – seguido de uma advertência (10:26-31), um encorajamento (10:32-39), um exemplo (11:1 a 12:3), uma instrução (12:4-13) e outra advertência (12:14-17). Finalmente, usando uma imagem maravilhosa que contrasta o monte Sinai com o monte Sião celestial, o autor afirma a certeza futura que os envolve (12:18-29), então conclui com exortações muito práticas sobre a vida no presente (13:1-25).

Você vai querer ver como o autor faz esse trabalho – por meio de uma série de sete exposições de textos-chave do Antigo Testamento, enquanto faz a transição entre elas por meio de exortação: (1) Salmos 8:4-6 em Hebreus 2:5-18; (2) Salmos 95:7-11 em 3:7 a 4:13; (3) Salmos 110:4 em 4:16 a 7:28; (4) Jeremias 31:31-34 em 8:1 a 10:18; (5) Habacuque 2:3,4 em 10:32 a 12:3; (6) Provérbios 3:11,12 em 12:4-13 e (7) a teofania do Sinai (Êxodo 19) em 12:18-29.

Conselho específico para a leitura de Hebreus

A maioria dos cristãos contemporâneos não considera Hebreus uma leitura fácil por, no mínimo, duas razões: (1) sua estrutura (há pouco comentada) composta de um argumento entrelaçado com aplicação e exortações; e (2) a visão de mundo do autor (maneiras básicas de perceber a realidade), que é estranha à nossa. Desse modo, há duas chaves para uma boa leitura.

Primeiro, tenha em mente os dois focos mantidos pelo autor o tempo todo: (1) a impressionante majestade de Jesus, o Filho de Deus, presente no princípio e no fim de todas as coisas e cujo sofrimento, em sua encarnação, fez dele o perfeito sumo sacerdote

(Jesus lida com o pecado de maneira definitiva e perfeita, e é também um intercessor misericordioso e solidário); (2) tudo isso é falado diante do desalento do povo a quem a carta se destina, o qual tem vivido um longo cerco de privação (10:32-39) e está começando a se perguntar se Jesus é realmente a resposta final de Deus. Tente colocar-se no lugar deles: judeus que puseram sua confiança em Cristo tempos antes, crendo que, finalmente, o cumprimento de suas esperanças messiânicas havia chegado – só para descobrir que o sofrimento (e o pecado) se estenderia até muito tempo depois do início de tal crença.

Segundo, uma vez que tudo para o autor (e para seus leitores) articula-se em torno da exposição das Escrituras que aponta para Cristo, é essencial que você tenha uma noção de como ele usa as Escrituras e perceba a qual texto normalmente recorre.

Quatro coisas são importantes sobre o uso das Escrituras: (1) a única Bíblia de que o escritor (e seus leitores) dispunha era a Septuaginta, tradução grega da Bíblia hebraica. Isso significa que, às vezes, suas citações, que são muito exatas, nem sempre são interpretadas como se verifica no Antigo Testamento que você tem em mãos, e, às vezes, o argumento se dá com base no texto na Bíblia grega. (2) O autor regularmente usa um modo rabínico muito comum de argumentar, a saber, “do menor ao maior” (= se algo é verdadeiro de *a*, quanto mais o será de *z*). (3) Ele interpreta todo o Antigo Testamento através das lentes de Cristo, entendendo bem que os salmos reais apontam para o Filho maior de Davi, o Messias. (4) Sua forma de argumento bíblico é citar seu texto e, então, demonstrar como outros textos e a manifestação de Cristo apoiam a leitura que ele faz.

É particularmente importante estar ciente das Escrituras que o autor de fato cita e das que servem de base para seus argumentos. Por exemplo, embora ele aluda ao sistema sacrificial em 9:1 a 10:18, nunca cita o de Levítico. Antes, concentra seu argumento

quase que totalmente em Jesus como o cumprimento de um salmo régio chave – Salmos 110. Ao mesmo tempo, ele pressupõe que Jesus também cumpre o primeiro salmo régio – Salmos 2. Este último declara que o Messias é Filho de Deus (Salmos 2:7), e essa é a *primeira* coisa que o autor diz em sua introdução (Hebreus 1:2). Ele, então, desenvolve isso em termos do Filho como o herdeiro (e também o Criador e o Sustentador) do universo e como o "resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser". Salmos 2:7, em associação com a aliança davídica (2Samuel 7:14), é, assim, a primeira citação (Hebreus 1:5) na série de provas textuais por vir. Você o verá citado novamente – pela última vez – em 5:5, unido a uma citação de Salmos 110:4.

Observe, em seguida, como a última coisa dita na apresentação do Filho (Hebreus 1:1-3) é que ele realizou "a purificação dos pecados" e "se assentou à direita da Majestade nas alturas". Essas alusões a Salmos 110 (versículos 4 e 1) são retomadas como citação final na série seguinte (Hebreus 1:13). Assim, nesse salmo messiânico você encontra dois assuntos cruciais: (1) o Filho, agora chamado "SENHOR", está assentado à direita de Deus (Salmos 110:1), o lugar de seu ministério como sumo sacerdote (veja Hebreus 8:1; 10:12; 12:2); (2) Deus, por juramento, prometeu que o Rei/Filho exaltado também será sempre sacerdote na ordem de Melquisedeque (Salmos 110:4). Assim, depois de unir Salmos 110:4 a Salmos 2:7 em 5:5,6, o restante do argumento do autor será, a partir daqui, sobre o cumprimento dessa promessa por Cristo.

Agora, acrescente a esses pontos o seguinte: (1) o fracasso de Israel quanto a entrar no descanso (Hebreus 3 e 4, com base no salmo 95); (2) o fato de Deus ter prometido uma nova aliança (Jeremias 31:31-34, citada por inteiro em Hebreus 8:8-12); (3) o fato de a morte de Cristo ter efetuado tanto a nova aliança quanto um perfeito e definitivo sacrifício pela remissão dos pecados (9:1 a 10:18; assim, pondo fim à velha ordem); (4) a longa lista (capítulo 11) daqueles que perseveraram fielmente enquanto aguardavam a

promessa futura; e (5) a analogia conclusiva, em 12:18-29, da superioridade da Sião celestial sobre o monte Sinai – e você deve notar não somente para onde vai todo o argumento, mas também quão persuasivo ele deve ter sido para aqueles judeus cristãos primitivos. Portanto, leia e desfrute!

Uma caminhada por Hebreus

1:1-3 – Introdução

Veja como esses versículos oferecem uma verdadeira introdução ao argumento: o Filho, que é superior aos profetas, é o herdeiro de todas as coisas; também está presente desde o princípio de todas as coisas. Além disso, ele, que é a glória de Deus, sendo sua representação exata, sustenta todas as coisas; ele lidou com o pecado e agora se assenta no lugar de autoridade, à direita de Deus.

1:4 a 4:13 – A supremacia do Filho de Deus

Aqui, você adentra de uma vez como o autor argumenta, visto que ele começa com uma série de citações do Antigo Testamento (1:4-14), as quais produzem duas coisas simultaneamente – mostram a superioridade do Filho sobre anjos e apoiam as afirmações dos versículos 2 e 3.

Depois de uma advertência inicial (2:1-4), ele expõe Salmos 8:4-6 para argumentar sobre a importância da Encarnação: o Filho foi feito “menor do que os anjos” por um breve tempo, para que pudesse (1) identificar-se plenamente conosco, (2) efetuar em nós a salvação por meio do seu sofrimento e, (3) desse modo, tornar-se também um sumo sacerdote misericordioso para conosco – e, portanto, ser melhor do que os anjos.

Em seguida, você chega ao contraste do autor com Moisés (Hebreus 3:1-6; note a forma do argumento, do menor para o maior). A menção à superioridade de Cristo em relação a Moisés

resulta em exortação e advertência, baseadas em Salmos 95:7-11: os que são de Cristo não devem seguir na incredulidade (= falta de obediência fiel) dos que pertenceram a Moisés (Hebreus 3:7-19). Observe como isso, por sua vez, leva a uma exposição mais ampla sobre o tema da entrada no descanso de Deus (4:1-10; de Salmos 95:11), algo que o primeiro Josué ("Jesus" em grego) não assegurou e que, agora, aguarda os que perseveram. A exortação transitória (Hebreus 4:11-13) serve para lembrar os judeus cristãos da certeza da Palavra de Deus.

4:14 a 10:18 – A supremacia do sumo sacerdócio do Filho

Nessa seção, você encontrará o argumento longo e persistente sobre Jesus como o grande sumo sacerdote. O tema é introduzido por uma espécie de exortação transitória (4:14-16), a qual retoma o tema de 2:17 a 3:1 e reitera que Cristo, como sumo sacerdote, torna possível a todas as pessoas, e não apenas a sacerdotes, que se aproximem "do trono da graça com toda a confiança, a fim de receberem misericórdia" – porque ele também compartilhou a nossa humanidade, com todo o sofrimento nela implicado.

O argumento sustentado então começa em 5:1-10, com uma exposição de Salmos 110:1 e 110:4, enfatizando primeiro a humanidade e os deveres dos sacerdotes, bem como sua nomeação divina, antes de citar os dois salmos régios e mostrar como a humanidade e o sofrimento de Jesus o qualificaram para o serviço sacerdotal – mas, agora, de uma nova e mais elevada ordem, a saber, a de Melquisedeque.

Antes de elaborar esse ponto, o autor se sente forçado a censurá-los pela lentidão em amadurecer (Hebreus 5:11 a 6:3), o que leva a uma advertência contra a apostasia (6:4-8); mas note que ele conclui com encorajamento (6:9-12). Quando ele começa a voltar à exposição sobre Melquisedeque, argumenta que a promessa de Deus (Salmos 110:4, sobre o sacerdócio do Messias) é confirmada

por seu juramento no mesmo versículo, tornando-a, desse modo, absolutamente garantida (Hebreus 6:13-20).

A exposição sobre Melquisedeque tem duas partes: na primeira (7:1-10), o autor se vale da narrativa de Gênesis (14:18-20) e se gloria na falta de genealogia de Melquisedeque (nenhum predecessor ou sucessor humano) e no fato de que Levi (entendido como quem estava, ainda, nos lombos de Abraão)[48] já é prefigurado como inferior; na segunda (Hebreus 7:11-28), o autor mostra que, ao enquadrar-se na ordem de Melquisedeque, o sacerdócio de Cristo é tanto legítimo quanto superior ao de Arão.

E não só isso, mas (8:1-6) o sacerdócio de Cristo ocorre em um santuário superior (no próprio céu; note a alusão a Salmos 110:1 em Hebreus 8:1) e está baseado na nova (e, portanto, superior) aliança prometida em Jeremias (Hebreus 8:7-13). Observe, agora, como a exposição seguinte mostra que Cristo, o perfeito "sacrificador", é também o sacrifício superior (perfeito) (9:1 a 10:18). Depois de descrever o antigo sacrifício (9:1-10), o autor revela como o autossacrifício de Cristo obteve redenção eterna (9:11-14) e mediou a nova aliança por meio de sua morte (9:15-22). Ele resume o argumento e leva-o a uma conclusão (9:23 a 10:18) ao enfatizar a natureza eterna, "uma vez por todas", do sacrifício de Cristo (nenhuma condenação para pecados passados ou atuais!).

10:19 a 12:29 – Exortação final à perseverança

Note como as preocupações do autor emergem nas cinco exortações em 10:22-25, baseadas na obra segura de Cristo (10:19-21): aproximemo-nos de Deus (nós agora temos acesso ao Santo do Santos!); apeguemo-nos com firmeza à esperança; incentivemo-nos mutuamente ao amor e às boas obras; não deixemos de nos encontrar com os outros; e nos encorajemos mutuamente. Depois de uma forte advertência contra o pecado deliberado (graça não significa licenciosidade; 10:26-31), ele conclama à perseverança (10:32-39), citando Habacuque 2:3,4.

A exposição do texto de Habacuque que se segue (Hebreus 11:1 a 12:3) é tão famosa, que é fácil deixar de perceber o que está acontecendo. Note que o argumento singular do autor é o de que a fé (perseverança fiel) de muitos não “retrocede” (10:39) – a despeito da adversidade e da não obtenção da promessa futura; ao mesmo tempo, ele insiste que somos a continuidade desses cristãos, os quais seguem conosco, uma vez que a promessa foi agora cumprida, enquanto aguardamos o futuro glorioso. Mais uma vez, o escritor conclui mostrando a seus leitores que Jesus foi exemplo de perseverança no sofrimento (12:1-3).

Além disso, prossegue ele (com uma exposição de Provérbios 3:11,12), há uma dimensão educativa no sofrimento. Após uma exortação final sobre a vida santa em comunidade (Hebreus 12:14-17), ele conclui com a analogia dos dois montes (12:18-24), incluindo uma advertência e um encorajamento (12:25-29).

13:1-25 – Exortações práticas e saudações finais

Repare no modo como essas exortações enfatizam a necessidade de que seus leitores amem os outros na comunidade e se submetam a seus líderes, todo o tempo contrastando Cristo com aquilo que o precedeu (desse modo, por exemplo, o sistema sacrificial é anulado, enquanto o sacrifício de louvor e a prática do bem são considerados legítimos [13:15,16]).

Hebreus é um documento especialmente importante na história bíblica, pois mostra tanto a continuidade do novo por meio do velho (Cristo cumpriu o velho, completando-lhe assim o propósito) quanto a natureza de descontinuidade (o povo de Deus está agora recém-constituído por meio do Filho majestoso de Deus e do Espírito) – tudo isso por meio do único Deus vivo.

TIAGO

Dados de orientação para Tiago

- **Conteúdo:** um tratado composto de ensaios morais curtos, enfatizando a perseverança na tribulação e a vida cristã responsável, com a preocupação especial de que os cristãos pratiquem o que pregam e vivam juntos em harmonia.
- **Autor:** Tiago, irmão de nosso Senhor (Gálatas 1:19), que liderou a igreja em Jerusalém por muitos anos (Atos 15; Gálatas 2:1-13) – embora isso seja questionado por muitos.
- **Data:** desconhecida; algum ponto dos anos 40 d.C. aos 90, dependendo da autoria; provavelmente no início desse período, não mais tarde.
- **Destinatário(s):** aqueles da diáspora judaica que creem em Cristo.
- **Ocasião:** desconhecida, mas o tratado demonstra preocupação com as reais condições nas igrejas, incluindo provações severas, dissensões causadas por ira e por palavras duras, além de abuso dos pobres pelos ricos.
- **Ênfases:** fé prática dos cristãos; alegria e paciência em meio às provas; a natureza da verdadeira sabedoria (cristã); atitudes dos ricos para com os pobres; abuso da língua e seu uso adequado.

Visão geral de Tiago

Tradicionalmente, a epístola de Tiago tem sido lida como uma coletânea mais ou menos aleatória de instruções éticas aos cristãos em geral. Mas há, provavelmente, mais ordem nela do que se percebe à primeira vista. As principais preocupações são mapeadas em 1:2-18, e elas basicamente tomam a forma de consolo para os

cristãos no exílio: as provas podem ter a finalidade de testar para o bem (1:2-4,12) ou de tentar para o mal (1:13-15); sabedoria é a boa dádiva de Deus para que se persevere nas provações e se tire proveito delas (1:5-8,16-18); aos olhos de Deus, a posição baixa/alta de pobres e ricos está invertida (1:9-11).

A próxima seção (1:19 a 2:26) tem três partes, unidas pela preocupação de Tiago de que seus ouvintes coloquem a fé em prática – no nível muito prático do discurso e do cuidado para com os pobres. Ele começa denunciando a dissensão comunitária, insistindo para que as pessoas de fato façam o que a Palavra diz, e não somente conversem sobre ela (1:19-25). Isso se aplica especificamente à língua e ao cuidado para com os pobres (1:26,27) e, então, às atitudes erradas em relação aos ricos e aos pobres (2:1-13). Ele conclui a seção como começou, insistindo que a fé deve ser acompanhada por obras que lhe sejam apropriadas (2:14-26).

A próxima seção (3:1 a 4:12) retorna ao assunto da dissensão dentro das comunidades de fé. O autor começa com a contínua fonte de preocupação – a língua (3:1-12; veja 1:26), nesse caso em relação a seus mestres em particular. Voltando ao tema da verdadeira sabedoria, que leva à paz (3:13-18; veja 1:5-8), Tiago ataca-lhes as contendas de frente (4:1-12).

Considerando que a primeira menção de sabedoria (1:5-8) é acompanhada de uma bênção aos pobres e de advertências aos ricos, aqui, na ordem reversa, há uma palavra dupla aos ricos (4:13-17; 5:1-6) e um chamado à paciência da parte dos pobres que sofrem (5:7-11). A carta conclui com uma advertência contra os juramentos (5:12), um chamado à oração – especialmente pelos enfermos (5:13-18) – e a correção dos rebeldes (5:19,20).

Conselho específico para a leitura de Tiago

Tiago é reconhecidamente difícil de ler, em razão de seus muitos começos e paradas, reviravoltas e giros. Mas, além dos tópicos que mantêm unidas as ideias, os quais observamos antes, vários outros assuntos devem ajudar você a ler essa carta com melhor entendimento.

Primeiro, em termos de conteúdo, você descobrirá que a carta tem uma variedade de tipos de material, tudo direcionado especificamente ao comportamento cristão, em vez de propor doutrina cristã. Foi incluído um bom número de declarações e de aforismos que parecem, de um lado, sabedoria do Antigo Testamento e, de outro, os ensinamentos de Jesus. Ou seja, assim como os Evangelhos Sinópticos frequentemente apresentam o ensino de Jesus na forma de ditados – que às vezes soam com ecos da sabedoria judaica –, o mesmo acontece com Tiago. Isso se nota em sua ênfase à sabedoria como tal e na constante natureza aforística de muito do que ele diz. Nessa linha, observe também os seus ecos frequentes dos ensinamentos de Jesus (por exemplo: 1:5,6; 2:8; 5:9,12). Como em toda a Sabedoria judaica (veja a introdução aos Escritos, p. 115), a preocupação não é doutrinária ou lógica, mas prática; o teste da fidelidade cristã tem a ver com o modo como ela se manifesta na realidade da vida cotidiana.

Segundo, em termos de forma, você encontrará uma espécie de qualidade de sermão em Tiago. Ao ler, note os vários dispositivos retóricos que ele emprega, especialmente alguns que refletem a diatribe greco-romana (veja *Conselho específico para a leitura de Romanos*, p. 315) – endereçamento direto (“irmãos/meus [amados] irmãos” quinze vezes), questões retóricas (por exemplo: 2:3-7,14,21; 3:11-13; 4:1,5) e uso de um interlocutor imaginário (2:18-20; 4:12,13,15). Desse modo, o uso da tradição de Sabedoria por Tiago não tem caráter de provérbio, e, sim, de sermão; ele espera convencer o povo de Deus e, com isso, facilitar a mudança do modo como eles vivem uns com os outros na comunidade.

Terceiro, evite adquirir o hábito, o que é fácil nesse caso, de ler Tiago como se fosse endereçado a cristãos individuais sobre seu relacionamento pessoal com Deus e com outros. Nada poderia estar mais longe das preocupações de Tiago. Desde o princípio, sua paixão é pela vida dentro da comunidade de fé. Embora seja verdade que cada um deva assumir sua responsabilidade individual de tornar a comunidade saudável, a preocupação não é com a piedade pessoal tanto quanto é com comunidades saudáveis. Perder de vista essa questão essencial fará com que você perca aquilo que conduz essa carta do começo ao fim.

Finalmente, você precisa ler com atenção as seções sobre os ricos e os pobres (1:9-11,27; 2:1-13; 4:13 a 5:6), uma vez que não é fácil dizer se ambos os grupos são membros da comunidade de fé. Em todo caso, Tiago está decididamente – como em toda a Palavra de Deus – ao lado dos pobres. Os ricos são consistentemente censurados e julgados, não por causa de sua riqueza em si, mas porque ela os tem levado a viver sem considerar Deus e, desse modo, a abusar dos humildes com quem Deus se importa.

Uma caminhada por Tiago

1:1-18 – Saudação e introdução aos temas

Aqui, Tiago introduz a maioria de suas preocupações. Observe como, após uma saudação característica de carta (1:1), ele salta imediatamente para o assunto das provações, conclamando à alegria, porque as provações desenvolvem a perseverança e levam à maturidade (1:2-4, antecipando 5:7-11). A seguir, ele conclama à oração por sabedoria (1:5, antecipando 3:13-18), insistindo que a oração deve estar acompanhada de fé para ser eficaz (1:6-8, antecipando 5:13-18). Isso leva à grande preocupação sobre os pobres e os ricos, oferecendo esperança aos primeiros e advertência aos últimos (1:9-11, antecipando 1:27 a 2:13; 4:13 a 5:6); repare nos ecos de Isaías 40:6-8, o que também é expresso

em um contexto de consolo aos exilados. Voltando ao assunto das provações e lutas, ele nota que elas podem levar, para além da prova, à *tentação* (uma só palavra grega para ambas as ideias), [49] pela qual Deus não pode ser responsabilizado (1:12-15), e conclui dizendo que Deus concede apenas boas dádivas, especialmente aos que "gerou pela palavra da verdade" (1:16-18).

1:19 a 2:26 – A fé colocada em prática

Ao ler essa seção, pense no que dá a ela uma medida de coesão. Começando com a ira e a língua, Tiago segue, então, para instar aos seus leitores que vivam a palavra que ouvem, especialmente acerca da língua e do cuidado para com os pobres (1:19-27). Cuidar dos pobres significa não demonstrar nenhum favoritismo pelos ricos; fazer isso é pecado, e agir de outra maneira – faltar com a misericórdia – significa ficar sob juízo (2:1-13). Finalmente, ele ataca os que entendem a fé como mero consentimento verbal a doutrinas cridas; falar sobre fé sem cuidar dos pobres de modo tangível – ou seja, fé sem ação – é estar morto (2:14-26).

3:1 a 4:12 – Dissensão na comunidade

Você talvez queira retornar e ler de novo 1:19-27 antes de iniciar essa seção. Aqui, Tiago se volta para o grande problema da dissensão nas comunidades de fé, começando com o que se tornou a clássica exposição do uso e do abuso da língua (3:1-12); a língua é "um mal incontrolável, cheio de veneno mortífero" (3:8). Consegue fazer a relação? De maneira similar à admoestação precedente contra "fé sem obras", aqui ele está preocupado com o fato de a mesma língua ser usada para louvar a Deus e para amaldiçoar os outros.

Isso, por sua vez, leva diretamente à retomada do tema da sabedoria (3:13-18), contrastando a sabedoria piedosa com aquilo que é falso e insistindo na verdadeira sabedoria como algo puro e amante da paz.

Observe que, juntos, esses dois assuntos (língua e sabedoria) servem para introduzir o tema crucial das contendas dentro da comunidade de fé (4:1-12). Por sua vez, Tiago expõe as raízes pecaminosas das contendas (4:1-3), seu mundanismo (4:4,5) e a necessidade de humildade (4:6-10), retornando, no final, ao abuso da língua para julgar uns aos outros (4:11,12).

4:13 a 5:11 – Para os ricos e os pobres

Veja que essa é a terceira vez que Tiago retoma o assunto dos ricos e dos pobres, sugerindo que essa seja uma grande preocupação. Embora não possamos ter certeza disso, ele parece falar primeiro a cristãos abastados, que tratam seu negócio de maneira mundana (4:13-17). Segue-se uma denúncia grave contra fazendeiros ricos (aparentemente incrédulos), que abusam de seus trabalhadores pagando menos que o merecido (5:1-6).

Por fim, voltando à questão das provações, agora provavelmente em relação aos pobres que sofrem, ele mais uma vez conclama à perseverança (4:7-11; veja 1:3).

5:12-20 – Exortações finais

As últimas exortações parecem, de certa forma, vagamente conectadas ao que veio antes. O autor começa com juramentos (5:12), claramente ecoando o ensinamento de Jesus (Mateus 5:33-37); então se volta à oração e à fé (Tiago 5:13-18; veja 1:6-8), demonstrando especial preocupação com os pobres (o “doente” nesse caso). Conclui com uma bênção sobre os que restabelecem o errante (5:19,20). Observe a ausência de qualquer conclusão típica de carta.

Tiago é a contraparte neotestamentária da tradição de Sabedoria judaica, agora à luz dos ensinamentos de Jesus. Embora às vezes seja lido em contraste com Paulo, os escritos de ambos estão, na verdade, absolutamente juntos no ponto crucial estabelecido por Tiago em toda a sua carta, a saber, que a primeira coisa a se fazer com a fé é viver por ela (veja Gálatas 5:6).

1PEDRO

Dados de orientação para 1Pedro

- **Conteúdo:** uma carta de encorajamento aos cristãos em sofrimento, instruindo-os a responder de maneira cristã a seus perseguidores e estimulando-os a viver vidas dignas de seu chamado.
- **Autor:** o apóstolo Pedro; escrita por Silas (5:12), companheiro eventual de Paulo.
- **Data:** aproximadamente 64-65 d.C., de Roma (5:13; o termo *Babilônia* era usado por judeus e cristãos para referir-se a Roma como um lugar de exílio).
- **Destinatário(s):** na maioria cristãos gentios (1:14,18; 2:9,10; 4:3,4) das cinco províncias no quadrante noroeste da Ásia Menor (atual Turquia), mencionados – no contexto da diáspora judaica – como estrangeiros (= exilados) no mundo.
- **Ocasião:** possível preocupação com um início de perseguição local que alguns cristãos mais novos (2:2,3) estavam experimentando como resultado direto de sua fé em Cristo.
- **Ênfases:** o sofrimento por causa da justiça não deveria surpreender-nos; cristãos deveriam submeter-se ao sofrimento injusto assim como Cristo o fez; Cristo sofreu em nosso lugar para libertar-nos do pecado; o povo de Deus deve viver com retidão em todo o tempo, mas particularmente diante de hostilidade; nossa esperança futura baseia-se na certeza da ressurreição de Cristo.

Visão geral de 1Pedro

A maior preocupação de Pedro é com a vida dos verdadeiros cristãos no contexto de hostilidade e sofrimento. A carta se desenrola em um tipo de caminho elíptico, abraçando ora uma, ora outra das preocupações, retornando a elas repetidas vezes ao longo desse caminho. Ao mesmo tempo, essas preocupações são colocadas no contexto do sofrimento e da ressurreição de Cristo, com seu sofrimento oferecendo um modelo aos cristãos, além de salvá-los, e a segunda lhes dá esperança em meio ao sofrimento presente.

A ação de graças de abertura (1:3-12) apresenta os temas: salvação, esperança futura, sofrimento, fé genuína (= vida fiel). O restante da carta tem três partes: (1:13 a 2:10; 2:11 a 4:11; 4:12 a 5:11), sinalizadas com o vocativo “amados” em 2:11 e 4:12 (e a doxologia em 4:11). A parte 1 é um chamado à santidade, com ênfase à vida deles em conjunto, como povo de Deus. Usando todos os tipos de representações do Antigo Testamento, Pedro assegura-lhes que eles são o povo de Deus por eleição, cuja vida conjunta deve dar evidência de que são filhos de Deus e, assim, declarar louvores a ele.

A parte 2 concentra-se primariamente no fato de eles serem povo de Deus por causa do mundo pagão (2:12) – responsável por seu sofrimento. Ele começa (2:11 a 3:7) reiterando uma submissão semelhante à de Cristo em contextos institucionais específicos (governo pagão [2:13-17]; senhores pagãos [2:18-25]; maridos pagãos [3:1-6]), nos quais os cristãos podem esperar sofrimento. Então, generaliza esse apelo a todos os cristãos (3:8 a 4:6), em particular ao enfrentar sofrimento por fazer o bem; de novo, a morte e a ressurreição de Cristo servem de base para a santidade e a esperança. O autor conclui falando mais uma vez sobre a vida deles em conjunto, como povo de Deus (4:7-11).

Na parte 3, Pedro coloca o sofrimento dos cristãos em um contexto teológico, enquanto conclama os anciãos a liderar os outros nas

respostas cristãs apropriadas ao sofrimento imerecido, bem como nos relacionamentos de mutualidade.

Conselho específico para a leitura de 1Pedro

O vocabulário especial de 1Pedro conta muito da história e deve ser observado durante a leitura. Estas palavras [50] são especialmente importantes: sofrimento(s) (6 vezes); *anastrophē* (com a ideia de "modo de vida, comportamento", 6 vezes [1:15,18; 2:12; 3:1,2,16]); Deus (42 vezes); Cristo (22 vezes); Espírito/espiritual(is) (10 vezes); vontade de Deus (4 vezes); eleitos/eleita/chamados (5 vezes); salva(o)/salvas/salvação (7 vezes); e esperança (5 vezes) – com várias outras palavras que apontam para o futuro (herança, glória etc.), mais um vasto vocabulário que os lembra de que são povo de Deus, vivendo como "peregrinos" ou "estrangeiros", ou aqueles em exílio neste mundo.

O que impulsiona a carta do princípio ao fim é o sofrimento dos cristãos. A preocupação de Pedro é que compreendam esse sofrimento sob uma perspectiva mais ampla dos propósitos de salvação de Deus. Daí a forte ênfase à obra do Deus Trino. Deus, o autor da salvação, escolheu-os e chamou-os para serem seu povo no mundo. O sofrimento pode, assim, ser entendido como estando em harmonia com os propósitos divinos mais elevados (a sua vontade); no entanto, a morte e a ressurreição de Cristo tornaram a salvação final totalmente certa, para que eles vivam em esperança. Note que Pedro – significativamente – também se refere à obra redentora de Cristo em termos de seu sofrimento (em vez de "morte") por nós, o que também serve de exemplo a ser seguido (2:21-24; 3:15-18) – tudo possibilitado pelo Espírito (1:2; 2:5; 4:14). Isso é dito repetidas vezes, com o interesse óbvio de encorajá-los e tranquilizá-los.

Ao mesmo tempo, Pedro está muito preocupado com o modo como eles vivem: tanto a conduta como povo quanto o modo como respondem ao sofrimento. Primeiro, ele repetidamente os relembra de que são peregrinos – estrangeiros e forasteiros aqui, gente cuja herança está no céu – e de que devem viver a vida do céu em sua curta estada na terra. Segundo, ao viver dessa forma, eles servirão de povo sacerdotal de Deus para o bem dos pagãos que lhes são hostis, a fim de que estes possam ser "ganhos" (3:1). Assim, seus leitores devem cumprir o chamado que receberam naquilo que Israel falhou – ser uma bênção às nações. De fato, não há nada nessa carta que não tenha esses objetivos em mente. Atente a eles enquanto lê.

Você também precisa ter uma noção da família do primeiro século, a fim de apreciar o que é pedido em 2:18 a 3:7. Para as culturas ocidentais dos últimos séculos, é muito difícil compreender que, na família greco-romana do primeiro século, o homem da casa era o "senhor e mestre" absoluto. Na maioria daqueles lares, se o chefe da casa se importasse com coisas religiosas (e a religião fazia parte do modo de vida à época, quer fosse levada a sério, quer não), então era costumeiro que toda a família (esposa, filhos, escravos) adotasse a religião dele. Pedro escreve nesse contexto, no qual alguns escravos e algumas esposas haviam se desviado desse entendimento e se tornado seguidores de Cristo, ao passo que, quando ele fala de modo secundário ao marido, em 3:7, assume que este e toda a casa seguem a Cristo.

Uma caminhada por 1Pedro

1:1,2 – Saudação

Essa saudação é teologicamente compacta. Observe as ênfases de Pedro: os eleitos, estes como "peregrinos" no mundo e a obra salvadora do Deus Trino.

1:3-12 – A *berakah* (benção de Deus)

Mantendo a harmonia com a ênfase e o imaginário judaicos, Pedro começa com uma *berakah* (“bendito seja [o] Deus”; veja Efésios 1:3), primeiro enfatizando o futuro certo do povo (1:3-5), antes de voltar-se para os seus sofrimentos (1:6), o que possui um valor purificador (1:7), apontando novamente para o futuro, dessa vez com foco em Cristo (1:8,9). Essa salvação do tempo do fim, trazida por meio de Cristo, foi predita pelos profetas, mas não disponibilizada a eles, nem aos anjos (1:10-12). Depois de ler essa seção inteira e de identificar essas características, talvez você queira lê-la novamente para ter uma noção de sua majestade.

1:13 a 2:10 – O chamado à vida santa como povo de Deus

Com ênfase ao chamado e ao caráter divino (1:15-17), bem como à obra redentora de Cristo (1:18-21), Pedro começa lembrando-os de que o chamado de Deus foi para um modo de vida santo, especialmente em seus relacionamentos comunitários (1:22 a 2:3). O objetivo divino é uma “casa espiritual” (casa do Espírito = templo), onde um povo santo oferece “sacrifícios espirituais” (2:4-8). Note como o autor conclui (2:9,10): usando a linguagem de Êxodo 19:5,6 e de Oseias 1:9 e 2:23, ele reafirma a esses cristãos gentios que eles são a continuação da nova aliança do povo de Deus.

2:11 a 3:7 – O chamado particularizado em vários contextos pagãos

Depois de uma exortação, na abertura, para que “vivam entre os pagãos de maneira exemplar” (2:11,12), ele os conclama à sujeição “por causa do Senhor” – primeiro, de todos eles aos governantes (2:13-17) e, segundo, dos escravos cristãos (a palavra grega é bastante específica) a seus senhores pagãos (2:18-25), sobretudo quando tratados injustamente. Aqui, ele apela ao sofrimento e à obra redentora de Cristo com todos os tipos de ecos de Isaías 53:3-

6 (faça uma pausa e leia a passagem de Isaías, então procure os ecos em 1Pedro).

Por fim, ele apela às esposas cristãs de maridos pagãos (3:1-6) – elas têm pouco a dizer em seus lares, mas seu modo de vida deve refletir Cristo –, concluindo (3:7) com uma palavra breve aos maridos cristãos sobre o relacionamento com suas esposas.

3:8 a 4:11 – O chamado generalizado diante da hostilidade

A seguir, Pedro generaliza, começando novamente com relacionamentos comunitários (3:8-12), antes de concentrar-se em como responder ao sofrimento imerecido (3:13-17), apelando ao sofrimento de Cristo, à sua proclamação (de triunfo) aos "espíritos em prisão" (provavelmente anjos caídos) e à sua ressurreição (3:18-22).

Observe que, como em 2:18-25, o sofrimento de Cristo serve novamente de modelo, dessa vez para que deixem os pecados para trás (4:1-6). As exortações finais (4:7-11) mais uma vez têm a ver com a vida conjunta como povo de Deus, colocada no contexto do "fim" – tendo como alvo o louvor a Deus por meio de Jesus Cristo.

4:12 a 5:11 – Conclusão: sofrimento, esperança e conduta cristã

Abordando a questão do sofrimento uma última vez, Pedro agora (4:12-19) a coloca em uma perspectiva teológica (a soberania divina e a alegria deles pelo privilégio de participar dos sofrimentos de Cristo e, assim, carregar seu nome). Com muitos ecos de 2:24,25 (referentes a Cristo), e apelando para o seu próprio papel, em 5:1-4, Pedro insta aos anciãos que liderem o povo com base no exemplo deles acerca desses assuntos, antes de apelar uma última vez à vida comunitária (5:5) e ao sofrimento enquanto aguardam a "glória eterna em Cristo" (5:6-11).

5:12-14 – Saudações finais

A carta conclui com uma nota muito breve sobre seu propósito, palavras concisas de saudação e um desejo final por paz.

Uma vez que a maioria dos livros do Novo Testamento preocupa-se com a vida do povo de Deus em seus relacionamentos de mutualidade, é importante para a história bíblica ter alguém que se concentre especialmente na semelhança com Cristo (repetindo sua história, por assim dizer) quando se trata de responder ao sofrimento que vem como resultado da hostilidade pagã.

2PEDRO

Dados de orientação para 2Pedro

- **Conteúdo:** um “discurso de despedida” enviado como carta, pedindo aos cristãos que cresçam e perseverem diante de alguns falsos mestres que negam a segunda vinda de Cristo e vivem ousadamente em pecado.
- **Autor:** o apóstolo Pedro, embora isso seja questionado tanto na Igreja Primitiva quanto pela maioria dos estudiosos do Novo Testamento; possivelmente um discípulo que escreveu uma espécie de “testamento de Pedro” para a igreja.
- **Data:** aproximadamente 64 d.C., se por Pedro; mais tarde, se por um discípulo.
- **Destinatário(s):** um grupo desconhecido, mas específico, de cristãos.
- **Ocasião:** um desejo de estabelecer os leitores em sua própria fé e vida piedosa, ao mesmo tempo advertindo-os sobre os falsos mestres e seu modo de vida.
- **Ênfases:** a preocupação com o povo de Deus, para que cresça em piedade e demonstre essa virtude; o juízo certo sobre falsos mestres por sua vida impiedosa; a certeza da volta do Senhor, a despeito da zombaria dos falsos mestres.

Visão geral de 2Pedro

A carta tem quatro partes que se concentram na vida piedosa à luz da certeza da volta do Senhor, contra a perspectiva daqueles que a negam com seus juízos concomitantes, vivendo como pagãos. A parte 1 (1:3-11) é uma exortação ao crescimento na piedade, confirmando-lhes “o chamado e a eleição” (1:10), a fim de que

estejam “ricamente providos quando entrarem no Reino eterno” (1:11).

A parte 2 (1:12-21) é o testamento de Pedro sobre a “vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1:16), um evento de que argumentam a favor tanto a transfiguração (1:16-18), que Pedro testemunhou, quanto a palavra confiável de profecia (1:19-21).

Tudo isso é colocado (na parte 3) no contexto da ganância e da licenciosidade dos falsos mestres, cuja condenação é certa (2:1-22). O impulso principal dessa seção é reafirmar a certeza do juízo divino sobre os que rejeitam a Deus ao rejeitar a vida em santidade; assim, vários exemplos do Antigo Testamento são fornecidos a título de ilustração. Você talvez queira ler os versículos 4-18 de Judas ao lado dessa passagem, já que refletem preocupações similares e usam alguns dos mesmos exemplos do Antigo Testamento e da apocalíptica judaica. Esses mestres ficam “prometendo-lhes liberdade”, mas são eles mesmos “escravos da corrupção” (2Pedro 2:19); enfim, teriam feito muito melhor se não tivessem seguido a Cristo, em vez de o terem seguido e rejeitado (2:20-22).

O falso ensinamento é exposto e combatido em 3:1-18 (parte 4). Contra os que negam a segunda vinda (3:3,4) estão a certeza da Palavra de Deus, com a garantia subsequente do juízo vindouro, e uma visão bíblica do “tempo” e da paciência de Deus (3:5-10); a conclusão conclama à prontidão, em contraste óbvio com a imprudência dos falsos mestres (3:11-18).

Conselho específico para a leitura de 2Pedro

Observe as duas preocupações (interligadas) que guiam 2Pedro do princípio ao fim: (1) os falsos mestres como tais e (2) a negação, por eles, da segunda vinda de Cristo. Você vai achar a descrição deles, no capítulo 2, especialmente vívida. Além da imoralidade (licenciosidade, imoralidade sexual, desrespeito à autoridade), note

que eles são particularmente marcados pela ganância (2:3,14,15) e pela exploração dos inocentes e frágeis (2:3,14,18,19). E as figuras gêmeas de sua rejeição a Cristo são especialmente gráficas – um cachorro retornando ao seu vômito; a porca voltando a revolver-se na lama (2:22). Observe também como aqueles do outro lado, que ansiosamente aguardam a vinda de nosso Senhor, são exortados a viver “de maneira santa e piedosa” (3:11,12).

Quanto à certeza da volta de Cristo, que incluirá o juízo inevitável sobre os que o rejeitaram pelo modo como vivem, observe a ênfase à firme palavra profética, tanto a do Antigo Testamento quanto a apostólica. Este é o argumento de 1:16-18 e 1:19-21: a transfiguração de Cristo foi uma amostra profética do futuro, e a verdadeira profecia é completamente confiável. A vinda dos “falsos profetas” é também profetizada (2:1), enquanto a exortação final (capítulo 3) começa lembrando os leitores, mais uma vez, da firme palavra dos “santos profetas” e dos “apóstolos”, com ênfase à confiabilidade da Palavra de Deus – a mesma palavra que trouxe o mundo criado à existência o está preservando para o dia do juízo.

Uma caminhada por 2Pedro

1:1,2 – Saudação

A saudação enfatiza a “justiça” que vem de Deus e o “conhecimento” acerca de Deus e de nosso Senhor Jesus. Você deve fazer uma nota mental de que essas ênfases andam juntas e antecipam muito do que vem a seguir.

1:3-11 – Os temas declarados: piedade e Reino eterno

Ao ler essa seção, pense em como ela estabelece os temas principais: (1) o poder divino está acessível a tudo o que é necessário “para a vida e para a piedade” (1:3,4); (2) o crescimento na piedade deve ser intencional (1:5-7); (3) sem essas qualidades

de piedade, não é possível ser um cristão eficaz (1:8,9); e (4) os leitores são, assim, conclamados a empenhar-se “ainda mais para consolidar o chamado e a eleição” (1:10), à vista da entrada no Reino eterno (1:11).

1:12-21 – O último testamento de Pedro

Note como o testamento de Pedro (1:12-15) leva a uma afirmação da vinda de Jesus, assegurada primeiro pela transfiguração, que Pedro testemunhou (1:16-18), depois pela palavra confiável da profecia, que tem sua origem não na vontade humana, mas em Deus, por meio do Espírito Santo (1:19-21).

2:1-22 – A denúncia contra os falsos mestres

Seguindo a ênfase à confiabilidade dos profetas, vem a palavra de Pedro sobre a vinda de falsos mestres, cujos propósitos malignos e condenação final são afirmados desde o princípio (2:1-3). O que vem a seguir está tão repleto de linguagem e imagens surpreendentes, que você precisará observar cuidadosamente a sua “lógica”. Primeiro, o juízo sobre os falsos mestres e o resgate dos justos são contrastados por meio de exemplos do Antigo Testamento (2:4-9), concluindo (2:10a) com as duas razões específicas para sua condenação, a saber, viver para “a carne” (“seguem os desejos impuros da natureza pecaminosa”) e desprezar a autoridade.

Essas razões são elaboradas com uma série de imagens (2:10b-18a) que se encerram condenando os falsos mestres por também destruírem outros (2:18b,19). Finalmente (2:20-22), eles são condenados por terem dado as costas a Cristo e retornado às “contaminações do mundo”.

3:1-10 – A natureza do falso ensinamento: negação da vinda do Senhor

A seção final contém o cerne dessa carta. Ela começa, você notará, com outra referência à profecia, recordando os profetas do Antigo Testamento e as predições apostólicas sobre os falsos mestres (3:1-4). A zombaria deles, baseada na falta de juízo passado (nada mudou desde a Criação!), é respondida primeiro por um lembrete da certeza da Palavra soberana de Deus (3:5-7; note que a Criação começou com água e termina em fogo), segundo por apelo à tolerância divina (3:8-10; note como o versículo 8 ecoa a palavra confiável de Salmos 90:4).

3:11-18 – Exortação e conclusão

As advertências anteriores contra o falso ensinamento são agora aplicadas à situação dos leitores por meio de advertência e exortação (3:11-15a); note que, depois do juízo pelo fogo, vêm os novos céus e a nova terra profetizados por Isaías (65:17). Segue-se a isso um apelo a certas coisas semelhantes ditas por Paulo sobre paciência e salvação (2Pedro 3:15b,16), sugerindo que alguns dos falsos ensinamentos surgiram por uma distorção do ensino de Paulo. A carta se encerra no tom com o qual começou – uma advertência e uma exortação ao crescimento na graça.

Como último desejo e testamento de seu autor, 2Pedro é fundamental para a história bíblica, declarando a certeza da vinda do

Senhor e, então, apontando o caminho para o último livro da história, a revelação que Jesus deu a João.

1JOÃO

Dados de orientação para 1João

- **Conteúdo:** um tratado que oferece segurança a alguns cristãos específicos, encorajando sua lealdade à fé e à prática cristã, em resposta a falsos profetas que deixaram a comunidade.
- **Autor:** o mesmo autor que escreveu 2 e 3João, epístolas nas quais ele se autointitula “o presbítero”; uma sólida tradição histórica iguala-o ao apóstolo João.
- **Data:** desconhecida; provavelmente no final do primeiro século cristão (fim da penúltima década e início da última).
- **Destinatário(s):** uma comunidade cristã (ou comunidades) bem conhecida do autor (que ele chama de “filhinhos” e “amados”; os falsos profetas saíram [51] “do nosso meio”, 2:19); acredita-se, tradicionalmente, localizar-se em Éfeso ou nos seus arredores.
- **Ocasião:** a deserção dos falsos profetas e de seus seguidores, que têm questionado a ortodoxia – ensino e prática – dos que permanecem fiéis àquilo que remonta ao “princípio”.
- **Ênfases:** Jesus, que veio em carne, é o Filho de Deus; Jesus demonstrou o amor de Deus por nós em sua encarnação e crucificação; os verdadeiros cristãos amam uns aos outros como Deus os amou em Cristo; os filhos de Deus não pecam habitualmente, mas, quando o fazem, recebem perdão; os cristãos podem ter plena confiança no Deus que os ama; ao confiar em Cristo, nós agora temos vida eterna.

Visão geral de 1João

Você pode experimentar alguma ambivalência na leitura de 1João. Por um lado, o estilo de escrita de João é muito simples, com um vocabulário muito limitado e básico (tanto que esse é, normalmente, o primeiro livro que alunos iniciantes de grego aprendem a ler). Há, ainda, um grande número de momentos memoráveis – e também profundos. Por outro lado, você talvez experimente dificuldades ao tentar seguir a linha de raciocínio de João. Não somente é difícil, em alguns casos, ver como algumas ideias se conectam a outras, mas certos temas, obviamente importantes, são repetidos várias vezes ao longo do caminho.

Embora, como na maioria das cartas de Paulo, o objetivo de 1João seja persuadir, seu conteúdo não chega em forma de carta (note que não há nenhuma saudação ou cumprimento final). Muito provavelmente isso aconteça porque João escreve a comunidades que estão sob sua supervisão direta. O que ele registra inclui ensino que “ouviram desde o princípio” (2:24) sobre a “Palavra da vida” que “era desde o princípio” (1:1; veja 2:13).

Os temas principais são três: a Encarnação; o amor por irmãos e irmãs, especialmente os necessitados; e a relação entre pecado e a condição de filho de Deus. Os dois primeiros são os mais urgentes e estão expressos juntos em 3:23: “E este é o seu mandamento: Que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo e que nos amemos uns aos outros [...]”

A Encarnação é abordada em 1:1-4 e 2:20-25, então especificamente retomada em 4:1-6 e 5:1-12. A importância salvadora da morte de Cristo – a expressão suprema do amor de Deus por nós – está amarrada diretamente à crença de que ele “veio em carne”.

A questão do pecado está atrelada ao tema “Quem são os verdadeiros filhos de Deus?”. Ela é abordada em 1:5 a 2:2, retomada em 2:28 a 3:10 e forma o assunto conclusivo em 5:13-21. Os verdadeiros filhos de Deus não continuam a viver em pecado,

mas também não são perfeitos e sem pecado; o que importa é se a obediência deles se expressa em amor pelos irmãos e pelas irmãs. Os verdadeiros filhos de Deus já receberam a vida eterna (= entraram na vida de Deus e, desse modo, estão provando a vida da era vindoura).

Conselho específico para a leitura de 1João

Ao ler, observe em especial o que João diz sobre os falsos profetas, uma vez que eles são a chave para tudo. Note que eles deixaram a comunidade recentemente (2:19), mas não sem antes tentar desviar toda a igreja (2:26; 3:7; 4:1). Esses profetas aparentemente consideravam que seu ensino vinha do Espírito (veja 4:1), por isso João insiste que a unção dos cristãos pelo Espírito lhes é suficiente (2:20,27; 3:24). De fato, em um maravilhoso jogo de palavras sobre a linguagem da "unção" (*chrisma*), ele chama os falsos profetas de "anticristos" (*antichristos* = contra o Ungido). Tem havido muita especulação sobre quem são esses falsos profetas, ou que heresia eles representam, mas, no final, essas coisas não podem ser conhecidas ao certo, exceto o fato de que eles negam a Encarnação, não amam os necessitados e (talvez) argumentam que não têm pecado.

A maravilha desse pequeno tratado é quanto João pode dizer, e fazê-lo de forma profunda, usando um vocabulário notavelmente limitado. Mas é a repetição das palavras, somada ao uso de nítidos contrastes, que é tão eficaz. Seu vocabulário especial[52] conta toda a história: permanecer/continuar/praticar (30 vezes) na/a verdade (9 vezes) significa crer em (8 vezes) ou confessar (5 vezes) o Filho (22 vezes), de quem o Pai (13 vezes) e o Espírito (7 vezes) dão testemunho (10 vezes); isso significa, mais adiante, ser nascido de Deus (8 vezes), a fim de andar (4 vezes) na luz (6 vezes), ouvir (14 vezes) e conhecer (16 vezes) a Deus, obedecer (7 vezes) ao

mandamento (12 vezes), amar (28 vezes) os irmãos [e as irmãs] (15 vezes) e, assim, ter vida (15 vezes), que é desde o princípio (8 vezes), e, finalmente, vencer (6 vezes) o mundo. Tudo isso está em contraste com a mentira/o mentiroso (7 vezes), o enganar (3 vezes), a negação a Cristo (3 vezes), o ter um falso espírito [espírito do erro, do anticristo] (4 vezes), sendo assim um anticristo (4 vezes), andando na(s) treva(s) (7 vezes), odiando (5 vezes) irmãos e irmãs, mas amando o mundo (21 vezes) e, portanto, estando em pecado(s) (24 vezes), o que leva à morte (6 vezes).

Ao colocar tudo isso em conjunto para a leitura de 1João, talvez seja mais fácil pensar em termos de uma composição musical, e não de um argumento paulino. Um prelúdio antecipa o primeiro tema, então os próximos dois temas surgem, ou são ao menos sugeridos, acompanhados de um interlúdio e, em seguida, de outro prelúdio – dessa vez conduzindo ao tema principal dos falsos profetas e de sua negação da Encarnação. Com todos os grandes temas agora no lugar, João os desenvolve mais duas vezes cada um deles, complementando-os e esclarecendo-os à medida que avança poderosamente rumo ao *finale*.

Uma caminhada por 1João

1:1-4 – Prelúdio: primeiro tema

A vida é nossa por meio da Palavra da vida, que o autor (já enfatizando a realidade da Encarnação) e outros viram “com os [nossos] olhos [...] e as [nossas] mãos apalparam”.

1:5 a 2:2 – Segundo tema: sobre pecado e perdão

Observe os dois assuntos enfatizados aqui – andar na luz (e, desse modo, na verdade) significa estar em comunhão cristã, por meio da purificação contínua do pecado por Cristo; aqueles que negam o próprio pecado não andam na luz.

2:3-11 – Terceiro tema: sobre amor e ódio

Agora, você encontrará três assuntos em destaque: (1) andar na verdade (luz) significa ser obediente aos mandamentos de Cristo; (2) seu mandamento é o mesmo que o antigo – que amemos uns aos outros; (3) deixar de amar é odiar e, desse modo, andar na escuridão (por implicação, viver em pecado, a despeito de negar que se peca).

2:12-14 – Interlúdio: algumas razões para escrever

Perceba que todas as razões dadas para esses escritos destinam-se a assegurar aos leitores que eles são verdadeiros filhos de Deus: seus pecados estão perdoados; eles conhecem a Cristo e ao Pai; são fortes e venceram o maligno.

2:15-17 – Prelúdio à advertência: não amem o mundo

Amor tem a ver com irmãos e irmãs, não com as coisas do mundo. Note que esse segundo prelúdio não apenas estabelece o cenário para a advertência a seguir, como também antecipa 4:1-6, em que os “falsos profetas” estão claramente estabelecidos no mundo.

2:18-27 – A advertência: sobre negar o Filho (repetição do primeiro tema)

Aqui, você encontra a principal razão pela qual João escreve. Ao partir, os enganadores obviamente abalaram aqueles que permanecem leais. Além da ênfase à Encarnação, tudo o que você encontra aqui foi escrito para assegurar aos primeiros leitores que eles têm a verdadeira unção do Espírito (mas João *não* quer dizer que as pessoas que têm o Espírito não necessitam de ensino!).

2:28 a 3:10 – Segundo tema repetido: sobre pecado e sobre serem filhos de Deus

À medida que esse tema é elaborado, você pode ter uma noção melhor de 1:5 a 2:2. Em questão está o relacionamento entre

pecado e a condição de filho de Deus. João começa assegurando que eles são esses filhos, antes de lidar com a questão do pecado. Uma vez que isso se segue imediatamente após a deserção dos falsos profetas, parece muito provável que estes estejam ensinando que os verdadeiros filhos de Deus não pecam.

3:11-24 – Terceiro tema repetido: sobre amor e ódio

De novo, não é por acaso que a discussão sobre o pecado (ou a ausência dele) é seguida da mais verdadeira evidência do que é ser filho de Deus, a saber, amar uns aos outros como Cristo nos amou; os “sem pecado” na verdade vivem no pior tipo de pecado: não amar os irmãos e as irmãs é o mesmo que odiá-los. Note especialmente como os versículos 16-18 refletem o cerne do evangelho, enquanto também ecoam o cerne da Lei (Êxodo 22:21-27).

4:1-6 – Primeiro tema repetido: sobre negar a Encarnação

Agora, você está de volta ao primeiro tema. Aqui, em particular, o principal ensinamento dos falsos profetas é exposto. A evidência clara de que eles não falam pelo Espírito o fato de negarem a encarnação de Cristo; esse é o “espírito” do anticristo.

4:7-21 – Terceiro tema resumido e atrelado ao primeiro

Ao voltar ao tema do amor uns pelos outros, João vincula-o diretamente ao amor de Deus por nós, como manifestado na encarnação de Cristo; sua morte efetuou a expiação de Deus por nós. Em associação com 5:6-8, essa passagem sugere com mais veemência que, ao negar a Encarnação, os falsos profetas também estão negando o significado salvífico da cruz.

5:1-12 – Primeiro tema resumido, agora atrelado ao terceiro e ao segundo

Os verdadeiros filhos de Deus são os que creem que Jesus é o Messias (incluindo a encarnação de Cristo e sua expiação). Eles são também os que amam os outros "filhos de Deus". Os versículos 6-8 nos dão as melhores pistas sobre a heresia em si: os falsos mestres aparentemente acreditam que algo importante aconteceu a Cristo em seu batismo (desse modo, ele veio "por água"), mas que sua morte não foi algo com que Deus se envolveu (João, então, insiste que Jesus veio por água e *sangue*). O verdadeiro Espírito dá testemunho da encarnação de Cristo e de sua expiação. Os que creem nisso têm vida eterna.

5:13-21 – O *finale*: segundo tema atrelado ao primeiro

Depois de algumas palavras de confiança baseadas na crença dos leitores a respeito do que foi dito até agora, João retorna ao tema que deu início a tudo – a questão do pecado e dos verdadeiros filhos de Deus, que têm vida eterna. Eles precisam fugir da idolatria – promovendo, assim, um golpe final contra os falsos profetas.

Depois de passar por 1João, você também pode apreciar melhor as ênfases especiais, na narrativa desse autor, à história de Cristo

em seu evangelho; isso também deve dar sentido à leitura de 2João. Toda a história bíblica depende do amor de Deus manifestado em sua entrada no mundo de carne e sangue e em sua morte por nós, a fim de nos redimir.

2JOÃO

Dados de orientação para 2João

- **Conteúdo:** “o presbítero” adverte contra falsos mestres que negam a encarnação de Cristo.
- **Autor:** veja 1João.
- **Data:** veja 1João.
- **Destinatário(s):** a “senhora eleita”. Trata-se ou de uma mulher solteira da congregação local ou de alguém que abriga uma igreja em casa; “seus filhos” são os membros da comunidade da fé.
- **Ocasião:** a preocupação de João é que, depois da deserção dos falsos profetas da comunidade, eles possam espalhar seu ensinamento em outra comunidade de fé.
- **Ênfases:** veja 1João.

Visão geral de 2João

O que acontece hoje quando alguém é desligado de uma igreja local? Quase sempre essa pessoa simplesmente desce a rua até outra igreja, em geral sem prestar contas à liderança de nenhuma das duas comunidades – nem da que deixou nem da que a recebe. Na situação do presbítero, não há outras igrejas rua abaixo à qual eles possam ir. Uma vez que os que foram desligados são “profetas”, é de se esperar que sigam de cidade em cidade, decididos a convencer outros de suas “percepções”. Essas igrejas precisam ser advertidas.

Desse modo, 2João, uma espécie de miniatura de 1João, aborda seus temas principais – amor e Encarnação. Enquanto 1João foi escrita para assegurar à comunidade do presbítero que eles, e não os falsos profetas, andam na verdade, essa carta adverte uma igreja

doméstica, em outra cidade, de que esses enganadores estão em liberdade. Note, também, que os versículos 10 e 11 de 2João antecipam a preocupação com a hospitalidade que será abordada em 3João. Na verdade, 2 e 3João deveriam, provavelmente, ser lidas juntas, a fim de expor os dois lados da hospitalidade discutidos em na terceira carta.

Conselho específico para a leitura de 2João

A segunda e a terceira epístolas de João são ambas do tamanho de cartas comuns no mundo greco-romano, escritas em uma única folha de papiro. Observe como as duas terminam com uma nota sobre o desejo de João de conversar com os destinatários “face a face” (o que indica, provavelmente, que o espaço no pedaço de papel estava acabando).

Dada a brevidade do texto, você deve, em especial, notar palavras importantes que se repetem; veja *onde* elas ocorrem e a *frequência* com que ocorrem. Na verdade, talvez você deseje fazer isso por si mesmo antes de continuar a leitura, usando diferentes canetas coloridas para diferentes palavras.

Você percebeu, nos versículos 1-6, a repetição de *verdade* (5 vezes), sua companheira *andar*[53] (3 vezes), a palavra associada *amor* (3 vezes) e o companheiro do amor, *mandamento(s)* (4 vezes)? Nos versículos 7-11, “a verdade” é agora o *ensino* (3 vezes), que se relaciona com o fato de que “Jesus Cristo veio em corpo” e, desse modo, com o fato de ser ele o verdadeiro Filho do Pai. Várias palavras correspondem aos que rejeitam esse ensinamento: *enganador(es)* (2 vezes), *anticristo*, *alguém*, *todo aquele* etc. Esse exercício conta muito bem a história sobre essa carta. Para o ensino em si, reveja os comentários em 1João, p. 408.

Uma caminhada por 2João

Versículos 1-3

Esses versículos formam o endereçamento e a saudação. Escrito para a “senhora [...] e seus filhos”, a ênfase de João está nos verdadeiros cristãos (o escritor, a senhora e seus filhos, além de muitos outros) como aqueles que “conhecem a verdade”. Note como a saudação (versículo 3) antecipa as próximas seções da carta (“Jesus Cristo, seu [do Pai] Filho” e “em verdade e em amor”).

Versículos 4-6

Esses versículos reiteram que “amemos uns aos outros”; isso é o que significa “andar na verdade” e, desse modo, “andar na obediência aos mandamentos [de Deus]”.

Versículos 7-11

Esses versículos advertem contra os “muitos enganadores” que “têm saído pelo mundo”. O conteúdo de seu engano é uma negativa da Encarnação; o conteúdo da advertência é para que “a senhora” negue hospitalidade a alguém desse tipo, “pois quem o saúda torna-se participante das suas obras malignas”.

Versículos 12 e 13

A urgência dessa advertência fica clara pelo fato de que essa breve e apressada nota deve ser escrita e enviada antes que o presbítero encontre tempo para visitá-los e dizer-lhes tais coisas pessoalmente e por completo.

Como uma miniatura de 1João, essa breve carta reforça o papel da Encarnação e do amor na história bíblica.

3JOÃO

Dados de orientação para 3João

- **Conteúdo:** emprestando as palavras de Archibald M. Hunter, estudioso do Novo Testamento, 3João diz respeito “ao presbítero, que a escreveu; a Gaio, que a recebeu; a Diótrefes, que a provocou; e a Demétrio, que a carregou”.
- **Autor:** o mesmo presbítero que escreveu 2João (veja 1João).
- **Data:** provavelmente nos anos 90 d.C.
- **Destinatário(s):** Gaio, um amado amigo do presbítero, o qual mora em outra cidade; outros cristãos devem ser saudados pelo nome (versículo 14).
- **Ocasião:** uma carta anteriormente enviada à igreja foi desprezada por Diótrefes, que também recusou hospitalidade ao(s) amigo(s) do presbítero e desligou aqueles que assim o faziam; consequentemente, João escreve a Gaio, chamando-o a dar boas-vindas a Demétrio.
- **Ênfases:** as obrigações da hospitalidade cristã, especialmente para com ministérios itinerantes aprovados.

Visão geral de 3João

Essa é a carta mais curta do Novo Testamento e, portanto, o livro mais curto da Bíblia (tem 25 palavras gregas a menos que 2João). Assim como Filemom, trata-se de uma carta pessoal; ao contrário de Filemom, trata-se de uma carta privada.

Em questão está a hospitalidade cristã como evidência de que se está “andando na luz”.[54] O destinatário, Gaio, talvez um filho de João na fé (versículo 4), é um amado amigo (versículos 1,2,5,11; “amado” traduz a palavra grega *agapētos*). Além da verdade do

evangelho (versículos 3 e 4), Gaio e o presbítero compartilham a prática da hospitalidade cristã para com itinerantes aprovados (versículos 5-8,11,12).

Entre as duas reações de hospitalidade de Gaio para com desconhecidos está o exemplo oposto de Diótrefes, que tem um problema duplo: (1) ele é autoritário em termos de liderança na igreja (“gosta muito de ser o mais importante entre eles”!) e (2) sua maneira de se fazer valer é rejeitando a carta do presbítero e os itinerantes aprovados que nela haviam sido recomendados à igreja. À luz de 1 e 2João, somos tentados a ver Diótrefes como alguém que está ao lado dos falsos mestres, embora questões doutrinárias não sejam mencionadas nesse caso. Mas, à luz dos versículos 10 e 11 de 2João, a hospitalidade para com desconhecidos não é automática; eles devem ser aprovados como pessoas que andam na verdade.

Conselho específico para a leitura de 3João

Essa carta pode parecer estranha para a cultura ocidental moderna, em que ministros itinerantes são normalmente *convidados* a visitar a igreja e se hospedam em hotéis. Mas, de certo modo, você talvez ache a cultura original dos destinatários mais ao seu gosto. No primeiro século, a hospitalidade para com estranhos era considerada uma virtude, e as acomodações estavam quase sempre vinculadas a um templo ou uma sinagoga. Essa prática tornou-se vital para os cristãos primitivos. Desse modo, se você estivesse de passagem, poderia esperar receber hospitalidade dentro de uma comunidade local em qualquer lugar conhecido no mundo, fato que percorre todo o Novo Testamento. Identificamos essa hospitalidade no envio dos Doze e dos 72 por Jesus (Lucas 9:4,5; 10:5-8); ela é mencionada por Paulo como expressão de amor (Romanos 12:13) e recomendada como forma de conduta cristã em

Hebreus 13:2. Pela natureza das coisas, tal hospitalidade era normalmente esperada de um chefe de família, que era também o líder da igreja (1Timóteo 3:2), mas poderia ser responsabilidade de quaisquer outros que tivessem casas grandes (1Timóteo 5:10).

Em conjunto, 2 e 3João ajudam-nos a ver quão estreitamente ligados estavam, no primeiro século, o anfitrião (ou anfitriã), a hospitalidade em sua casa e a igreja que se organizava nos lares. Estrangeiros que diziam trazer as boas-novas de Jesus Cristo precisavam ter cartas de recomendação (tal como 3João é para Demétrio), a fim de receberem a hospitalidade cristã no lar que abrigava uma comunidade eclesiástica. Mesmo quando os itinerantes eram conhecidos (por exemplo, Tito em 2Coríntios 8:16-24), eles quase sempre levavam a carta de recomendação de um líder conhecido até a comunidade para a qual estavam indo (veja Atos 15:23-29; Romanos 16:1,2; confira 2Coríntios 3:1-3, em que Paulo fica ofendido com a ideia de precisar de uma carta dessas em Corinto).

Esse fenômeno cultural é crucial para a compreensão de 3João, bem como dos versículos 10 e 11 de 2João. No caso de 3João, uma carta desse tipo escrita pelo presbítero acompanhou alguns que ele tinha enviado à igreja; mas Diótrefes a rejeitou, recusou a hospitalidade e expulsou os que haviam desejado demonstrá-la – exatamente a posição que o presbítero tomou em 2João, versículos 10 e 11, indicando que o padrão de avaliação, em tudo, é o evangelho de Cristo.

Uma caminhada por 3João

Após a saudação tradicional (versículos 1 e 2), note o seguinte:

Versículos 3-8

Esses versículos são sobre *Gaio, que a recebeu*, recomendando-o por causa do bom relato sobre sua fiel caminhada “na verdade”

(versículos 3 e 4), nesse caso apontando especialmente para sua fidelidade em demonstrar hospitalidade para com alguns estranhos, que saíram “por causa do Nome” (versículos 5-8).

Versículos 9 e 10

Esses versículos condenam *Diótrefes, que a provocou* quanto a essa questão; ao mesmo tempo, há também alguma tensão sobre a autoridade do presbítero.

Versículos 11 e 12

Esses versículos recomendam *Demétrio, que a carregou*, solicitando que ele seja recebido com hospitalidade.

Versículos 13 e 14

Esses versículos concluem com palavras sobre *o presbítero, que a escreveu*.

Embora seja o menor documento do Novo Testamento, 3João incrementa a história bíblica por causa do papel que desempenha em dar-nos percepção da comunidade cristã e da hospitalidade.

JUDAS

Dados de orientação para Judas

- **Conteúdo:** uma carta pastoral de exortação, repleta de forte advertência contra alguns falsos mestres que se “infiltraram” no meio dos destinatários.
- **Autor:** Judas, que modestamente se descreve como “o irmão de Tiago” (desse modo, de Jesus), mas não se considera um apóstolo (versículo 17).
- **Data:** desconhecida; provavelmente no fim do primeiro século cristão (posterior a 70 d.C.), uma vez que a “fé” apostólica parece estar bem implementada (versículos 3,17).
- **Destinatário(s):** desconhecidos; imagina-se que se trate de uma única congregação de cristãos predominantemente judeus em alguma parte da Palestina, os quais estavam bem familiarizados com o Antigo Testamento e a literatura apocalíptica judaica.
- **Ocasião:** a ameaça representada por alguns itinerantes que transformaram a graça em libertinagem e que se “infiltraram” na igreja.
- **Ênfases:** o juízo certo sobre os que vivem negligentemente e ensinam outros a fazê-lo; a importância da vida em santidade; o amor divino pelos fiéis e a preservação destes por Deus.

Visão geral de Judas

Judas começa e termina falando sobre o chamado de Deus e a preservação de seu povo (versículos 1,2; 24,25). O corpo da carta tem duas partes: os versículos 13-19 advertem contra os falsos mestres; os versículos 20-23 oferecem exortações à perseverança e

aconselham sobre como ajudar os que têm sido influenciados por tais mestres.

A advertência contra os falsos mestres está inserida entre descrições de seu comportamento maligno (versículos 3,4,17-19). Outro elemento (versículos 5-16) é o *midrash* (um tipo de comentário judaico) sobre algumas passagens do Antigo Testamento e da apocalíptica judaica semelhantes a 2Pedro 2, que oferecem precedentes quanto ao estilo de vida dos falsos mestres e quanto ao juízo certo sobre eles.

Conselho específico para a leitura de Judas

É difícil não perceber que os falsos mestres são o assunto crucial aqui. Felizmente, é dito o bastante sobre eles para que consigamos formar uma imagem geral. Eles foram aceitos na comunidade como cristãos (versículo 4) e participam de suas festas de fraternidade (versículo 12). Muito provavelmente são “profetas” itinerantes (eles são bem conhecidos de nós de outras fontes cristãs primitivas, como a *Didaquê*), descritos como sonhadores (versículo 8) que, na verdade, “seguem a tendência da sua própria alma e não têm o Espírito” (versículo 19).

Seus ensinamentos parecem uma forma de libertinagem: eles têm pervertido e transformado “a graça de nosso Deus em libertinagem” (versículo 4) e seguido seus próprios desejos malignos (versículos 16,18) como “animais irracionais” (versículo 10). O fato de que eles “contaminam o próprio corpo” e o fazem “de modo semelhante” a Sodoma e Gomorra (“imoralidade e relações sexuais antinaturais”, versículos 8 e 7) provavelmente aponta para ao menos uma dimensão de sua licenciosidade. Eles também “rejeitam as autoridades e difamam os seres celestiais” (versículo 8; o último remete a um ambiente judaico-cristão e reverenciado por anjos);

essas “pessoas vivem se queixando, descontentes com a sua sorte” (versículo 16), dividindo a comunidade (versículo 19).

O destino dessas pessoas, ao juízo divino, por decreto bíblico, e a preocupação óbvia de Judas por aqueles que foram influenciados por elas (versículo 23) indicam a seriedade do problema.

Uma caminhada por Judas

Versículos 1 e 2 – Saudação

Tente comparar a saudação de Judas com a de Tiago; note que nenhum dos irmãos do Senhor se aproveita desse relacionamento para escrever com autoridade; eles são, antes, seus “servos”. A saudação em si enfatiza o chamado dos cristãos e a segurança que estes desfrutam em Deus.

Versículos 3 e 4 – A causa da carta

Aqui, você encontra a razão pela qual Judas escreve e a descrição inicial dos falsos mestres; a negação de Cristo por eles se dá, provavelmente, em termos de como eles vivem, mais que de uma questão teológica.

Versículos 5-7 – Três exemplos de advertência

Note como os três exemplos do juízo divino (israelitas no deserto; anjos [da apocalíptica judaica]; Sodoma e Gomorra) servem a dois propósitos, a saber, advertir os leitores e apontar para o juízo certo sobre falsos mestres.

Versículos 8-10 – Segunda descrição dos falsos mestres

Aqui, a ênfase está na rejeição da autoridade pelos falsos mestres, de modo a tomarem seu próprio caminho de libertinagem. O exemplo vem de uma obra apocalíptica judaica, *A assunção de Moisés* (início do primeiro século d.C.).

Versículos 11-16 – Outros exemplos de advertência

Observe quanto Judas é eloquente ao descrever os falsos mestres – primeiro em termos dos três exemplos do Antigo Testamento (versículo 11), depois com quatro exemplos da vida cotidiana e da natureza (versículos 12 e 13), enfatizando-lhes a inabilidade de cumprir promessas e a instabilidade.

Após citar outra obra apocalíptica judaica, *1Enoque* (século 2 a.C.), quanto ao juízo certo contra os falsos mestres (versículos 14 e 15), Judas conclui com uma descrição do estilo de vida maligno adotado por eles (versículo 16).

Versículos 17-19 – A advertência apostólica

Note que a denúncia final de Judas aos falsos mestres vem da profecia apostólica.

Versículos 20-23 – Um chamado a perseverar e a ajudar os outros

Essas exortações finais indicam a preocupação de Judas com os cristãos. Ele primeiro oferece conselho sobre como perseverar (versículos 20 e 21), depois os conclama a ajudar os que foram influenciados por falsos mestres (versículos 22 e 23).

Versículos 24 e 25 – Bênção

A ênfase, nessa bênção encantadora, está na preservação, por Deus, do seu povo; note especialmente como ela responde ao versículo 21. É nossa responsabilidade nos manter “no amor de Deus”, mas, no final, é Deus quem nos impede “de cair” para nos apresentar “sem mácula”.

Embora muito curta e centrada, essa é uma carta notável na história bíblica pela ênfase que dá à importância de uma vida santa, bem como à nossa perseverança e à preservação divina.

APOCALIPSE

Dados de orientação para Apocalipse

- **Conteúdo:** uma profecia cristã em estilo e imaginário apocalíptico e, por fim, colocada em forma de carta, lidando principalmente com a *tribulação* (sofrimento) e a *salvação* do povo de Deus e a *ira* divina (juízo) sobre o império romano.
- **Autor:** um homem chamado João (1:1,4,9), conhecido de seus destinatários, tradicionalmente identificado como o apóstolo, filho de Zebedeu (Mateus 10:2).
- **Data:** cerca de 95 d.C. (de acordo com Irineu [aproximadamente 180]).
- **Destinatário(s):** igrejas na província romana da Ásia, as quais demonstram uma mistura de fidelidade e fraqueza interna.
- **Ocasião:** a recusa dos cristãos primitivos em participar do culto ao imperador (que era aclamado como “senhor” e “salvador”) colocava-os em rota de colisão com o Estado; João viu profeticamente que isso pioraria antes de melhorar, e que as igrejas estavam muito pouco preparadas para o que estava por vir, de modo que ele, então, escreve para adverti-las e encorajá-las e, também, para anunciar os juízos divinos contra Roma.
- **Ênfases:** a despeito das aparências em contrário, Deus está no controle absoluto da história; embora o povo de Deus esteja destinado ao sofrimento no presente, a salvação de Deus, que é certa, pertence a eles; o juízo divino virá sobre os responsáveis pelo sofrimento da Igreja; no fim (Apocalipse 21 e 22), Deus restaurará o que foi perdido ou distorcido no princípio (Gênesis 1 a 3).

Visão geral de Apocalipse

O culto ao imperador floresceu na província da Ásia mais do que em qualquer outra parte no império; o resultado foi que, no final do primeiro século cristão, a Igreja, em toda a sua fraqueza, foi usada como espetáculo do Estado, em todo seu esplendor e poder. Pelo Espírito, João enxerga que o martírio de Antipas (2:13) e o próprio exílio de João (1:9) não são outra coisa senão uma pequena amostra do grande caos que o Estado provocará na Igreja antes que tudo esteja acabado (veja 1:9; 2:10; 3:10; 6:9-11; 7:14; 12:11,17).

Como um profeta cristão, João também enxerga esse conflito no contexto mais amplo da guerra santa – o conflito cósmico supremo entre Deus (e seu Cristo) e Satanás (veja 12:1-9) –, na qual Deus conquista a salvação eterna para o seu povo. O papel das pessoas é "vencer [Satanás] pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do testemunho que deram; diante da morte, não amar[am] a própria vida" (12:11). Como já derrotou o dragão por meio da morte e da ressurreição de Cristo (o Messias é arrebatado ao céu, 12:5), Deus, então, julgará o Estado pelos crimes contra seu povo.

O livro trabalha com esses temas de várias maneiras. As primeiras partes (capítulos 1 a 6) estabelecem o cenário para o desenrolar do drama, começando com uma visão do Cristo ressurreto, que segura as chaves de tudo o que vem a seguir (1:12-20), enquanto cartas a igrejas selecionadas representam as várias forças e fraquezas de cada uma delas (capítulos 2 e 3). Segue-se uma visão do Deus Criador que reina e do Cordeiro que redime (capítulos 4 e 5), a quem unicamente pertencem toda sabedoria, toda glória e todo poder, diante de quem todo o céu e toda a terra se curvarão.

À medida que João chora, porque não se pode achar ninguém para romper os selos do rolo (que está repleto da justiça divina e de juízos justos), ele ouve que o "Leão da tribo de Judá" (5:5; veja Gênesis 49:9,10), a "Raiz de Davi" (Isaías 11:1,2,10), "venceu", mas o único leão que João enxerga é o Cordeiro de Deus que foi morto

(ecoando a Páscoa de Êxodo [e Isaías 53:7]), o qual redimiu pessoas de todas as nações. Tal Conquistador pode colocar o drama em movimento ao romper os selos (Apocalipse 6), o que oferece um tipo de “abertura” (abarcando todos os temas) para o que vem a seguir (conquista, guerra, fome, morte [primeiros quatro selos], acompanhado de muitos martírios [selo 5], ao que Deus responde com juízo [selo 6]). É especialmente importante notar que, para além de seu papel na batalha final (19:11-21), a única forma como Cristo aparece, daqui em diante na narrativa, é como o Cordeiro que foi morto; é assim que se espera que seus seguidores também triunfem (12:11).

As duas visões de interlúdio (capítulo 7) – daqueles a quem Deus “selou”, protegendo-os de seus juízos vindouros, mas retratados em formação de batalha por seus papéis na guerra santa e, por fim, redimidos – são acompanhadas da abertura do sétimo selo, que se desenrola como a visão das sete trombetas (capítulos 8 e 9). Esses “juízos” ecoam as pragas do Egito e, como elas, anunciam juízos temporais (e parciais) contra o faraó de seus dias. Mas, como ocorreu com o faraó egípcio, as pragas não levam ao arrependimento (9:20,21). As visões de interlúdio entre a sexta e sétima trombetas (10:1 a 11:14) chamam a Igreja a profetizar e a dar testemunho de Cristo, mesmo em face da morte; também pronunciam a perdição certa do império e terminam com uma amostra do Reino glorioso final de Deus e do Cordeiro (11:15-19).

As visões restantes (capítulos 12 a 22) oferecem explicações para (e também descrições apocalípticas sobre) a perdição final do império. Os capítulos 12 a 14 dão as razões teológicas e históricas para o sofrimento e o juízo. A perdição de Roma é retratada na visão das sete taças (capítulos 15 e 16), que ecoam as pragas das trombetas – mas, agora, sem oportunidade de arrependimento. O todo, então, conclui como o (original) “conto de duas cidades”, representado por duas mulheres (a prostituta [Roma] e a noiva do Cordeiro), em que a cidade que simboliza a inimizade contra Deus e

seu povo é julgada (capítulos 17 e 18). Isso é colocado no contexto da salvação e do juízo divino finais (capítulos 19 e 20) e da glória final da noiva como a cidade de Deus, a nova Jerusalém que desce dos céus (capítulos 21 e 22).

Conselho específico para a leitura de Apocalipse

Você pode facilmente encontrar-se na companhia dos cristãos mais contemporâneos, para quem o Apocalipse é de difícil leitura, principalmente porque não estamos familiarizados com o meio de comunicação de João – literatura apocalíptica com imaginário bizarro. Desse modo, além de conhecer o contexto histórico e o modo como João desenvolve sua concepção geral (como antes observamos), dois outros itens serão de grande ajuda na leitura desse livro maravilhoso: (1) levar a sério a designação que o próprio João dá a seu livro como “as palavras desta profecia” (1:3) e (2) ter alguma noção de como o imaginário apocalíptico funciona, mesmo que muitos dos detalhes permaneçam um tanto obscuros.

Ao chamar sua obra de “as palavras desta profecia”, João está deliberadamente seguindo, de várias maneiras, a trilha dos grandes profetas do Antigo Testamento: (1) ele fala como alguém que entende estar sob a inspiração do Espírito (1:10; 2:7 e outros). (2) Ele se posiciona entre alguns eventos recentes e o que está para acontecer no futuro próximo. (3) Ele estabelece todas as formas de salvação e juízo terrenos diante do panorama dos juízos divinos no final dos tempos (veja *Entendes*, p. 241), para que a queda de Roma seja vista não como o fim em si, mas sob a perspectiva dos eventos derradeiros.

E (4) o mais importante para uma boa leitura é entender que João enxerga tudo em termos do *cumprimento* do Antigo Testamento. Há mais de 250 ecos específicos do (ou alusões ao) Antigo Testamento, para que cada momento significativo em sua “história” seja

imaginado quase que exclusivamente na linguagem veterotestamentária. Isso começa com o retrato de Cristo (1:12-18; com a colagem extraordinária de Daniel 7:9; 10:6; Ezequiel 43:2 e outros), atingindo o clímax em Apocalipse 5:5,6, quando o "Leão da tribo de Judá" (Gênesis 49:9), a "Raiz de Davi" (Isaías 11:1), acaba por ser o Cordeiro que foi morto (da Páscoa e do sistema sacrificial). A Igreja é imaginada na linguagem de Israel de todas as maneiras possíveis, começando em Apocalipse 1:6, com seus ecos de Êxodo 19:6; os pecados da Igreja são expressos em termos dos fracassos de Israel (Balaão/Jezabel), e sua redenção, em Apocalipse 7, é retratada primeiro como um remanescente das doze tribos, e segundo como um cumprimento da aliança abraâmica, desse modo incluindo as nações. Assim, também o juízo contra Roma (por exemplo: 14:8; 18:1-24) é expresso na linguagem dos juízos proféticos contra a Babilônia (Isaías 13 e 14; 21:1-10; 47; Jeremias 50 e 51), tanto que Roma é simplesmente chamada de "Babilônia". O auge desse cumprimento se encontra em Apocalipse 22:1-5, com a restauração do Éden e a reversão total da maldição. É difícil imaginar uma maneira mais perfeita de terminar a história bíblica!

Sobre o uso, por parte de João, do imaginário apocalíptico, você precisa estar ciente dos seguintes aspectos (para mais detalhes, consulte *Entendes*, p. 304-308): (1) o imaginário apocalíptico é principalmente o da *fantasia* – uma besta com sete cabeças e dez chifres; uma mulher vestida do sol. (2) João interpreta as imagens mais importantes (Cristo, 1:17,18; a Igreja, 1:20; Satanás, 12:9; Roma, 17:9,18), o que nos dá pistas essenciais para o restante. (3) Algumas de suas imagens são bem conhecidas e estão bem fixadas – uma besta que sai do mar representa um império (normalmente maligno); um terremoto representa juízo divino –, enquanto outras são fluidas e usadas para evocar sentimentos, assim como cenas mentais. (4) As visões devem ser percebidas como totalidades, não em todos os seus detalhes, ou seja, as minúcias são parte da natureza evocativa do imaginário, mas a visão do *todo* é que conta.

Se você mantiver esses vários fatores em mente enquanto lê, estará apto não somente a fazer sua caminhada por Apocalipse como também a começar a apreciar sua completa majestade.

Uma caminhada por Apocalipse

INTRODUÇÃO: O CONTEXTO HISTÓRICO (CAPÍTULOS 1 A 3)

1:1-8 – Prólogo

Note como o prólogo estabelece os pormenores essenciais: João recebeu uma "revelação" (do grego *apocalypsis*) de Cristo sobre o que deverá acontecer em breve, o que ele chama de "as palavras desta profecia", oferecendo uma bênção aos que a leem em voz alta e aos seus ouvintes nas comunidades de fé (1:1-3). Ele faz sua "revelação" na forma de uma carta às sete igrejas, com saudações apropriadas e uma doxologia – a Cristo!

1:9 a 3:22 – O contexto histórico

Aqui, você é introduzido às três principais "personagens do drama" (João, Cristo e a Igreja). João se situa em seu exílio como companheiro de sofrimento da Igreja e de Cristo, antes de dar detalhes do recebimento de sua revelação (1:9-11); ele estará presente como o "eu" que vê e ouve tudo o que vem a seguir. O autor retrata Cristo como Senhor da Igreja (1:12-16, usando uma colagem que ecoa Daniel 7:13; 10:5,6; Ezequiel 43:2) e Senhor da história (Apocalipse 1:17-20; note como a linguagem para Deus, em Isaías 48:12, é apropriada ao Cristo ressurreto!).

Finalmente, Cristo se dirige às sete igrejas (Apocalipse 2 e 3), revelando conhecimento da situação em que se encontram, em geral exortando-as de algum modo, enquanto conclama os que têm ouvidos a ouvir o que é dito, e prometendo recompensas escatológicas aos que vencerem a luta que está por vir. As condições das igrejas são um caldeirão de diversidade (algumas

virtudes e algumas fraquezas). Tudo é dito à luz “da hora de provação que está para vir sobre todo o mundo” (3:10).

VISÕES INTRODUTÓRIAS: A CENA NO CÉU E NA TERRA (4:1 A 8:5)

4:1 a 5:14 – Uma visão do trono celestial

Antes que as condições terríveis sobre a terra sejam reveladas, João primeiro vê a majestade incomparável e eterna de Deus, o Criador (capítulo 4). Segue-se a visão do Leão de Deus, o Cordeiro que foi morto, e que, por meio de sua morte, triunfou sobre o dragão na guerra santa (veja o capítulo 12); por causa de sua obra redentora, ele é adorado com Deus e considerado digno de revelar os retos juízos divinos (capítulo 5).

Não passe por essas visões rápido demais; tudo mais deve ser visto à luz delas. Você talvez deseje ler Ezequiel 1 e Isaías 6:1-3 como pano de fundo do Antigo Testamento para muito do que é dito em Apocalipse 4, e Gênesis 49:8-12 e Isaías 11:1-11 para Apocalipse 5. O que João está oferecendo é a perspectiva do céu (no qual há louvor e adoração constantes a Deus e ao Cordeiro), de onde seus leitores devem ver a situação terrível que assola a terra. Isso fica claro com a inclusão, por João, da abertura dos sete selos (6:1 a 8:5) no âmbito dessa visão, como 6:1,3,5,7,9 deixam claro.

6:1 a 8:5 – A abertura dos sete selos

Embora seja parte da visão precedente, a narrativa dos sete selos também começa uma sequência de três visões (selos, trombetas, taças), todas com a mesma estrutura – uma série de quatro, uma série de dois/duas, um interlúdio de duas visões e um(a) sétimo(a). [55]

Nessa primeira visão, os quatro cavaleiros (adaptado de Zacarias 1 e 6) representam conquista, guerra, fome e morte (= o império contra o povo de Deus). A série de dois (quinto e sexto selos)

também prepara o caminho para o restante, com duas perguntas-chave: (1) Os mártires clamam “Até quando?” e ouvem que vai piorar antes de melhorar (Apocalipse 6:10,11), e (2) aqueles que recebem o juízo de Deus clamam (ecoando Malaquias 3:2) “Quem poderá suportar [o dia da ira divina]?” (Apocalipse 6:17). Desse modo, João recebe um prelúdio geral dos juízos seguintes.

A resposta imediata a essa última pergunta é o interlúdio. Os que conseguem suportar são aqueles “selados” por Deus (Apocalipse 7:1-8) e as multidões que saíram da grande tribulação – os remidos do Senhor (7:9-17). Ao ler, note que o retrato do povo de Deus, em 7:1-8, ecoa o acampamento de Israel em formação de batalha em Números 2, antecipando seu próprio papel na guerra santa. Isso, por sua vez, leva à próxima imagem do descanso final do povo na presença de Deus, que ecoa Isaías 25:8; 48:10-13.

A abertura do sétimo selo marca a revelação dos sete anjos com trombetas (Apocalipse 8:1-5). O silêncio tem um propósito; observe que os juízos prestes a ser revelados são uma resposta direta às orações dos santos (6:10).

JUÍZOS PRELIMINARES (TEMPORAIS) SOBRE O IMPÉRIO (8:6 A 11:19)

Esse primeiro conjunto de ais anuncia juízos temporais e parciais, enquanto também antecipa o final (capítulos 16 e 18). Isso fica evidente pelo fato de os quatro primeiros serem claras adaptações das pragas egípcias, que foram temporais, e não juízos finais sobre o Egito, e pela repetida ideia de “um terço”.

8:6 a 9:21 – Os juízos das sete trombetas

Note como essa série de quatro (8:6-13) retoma a imagem da ira divina do sexto selo, mas agora em trombetas (juízos de advertência). Observe como João adapta três das pragas contra o Egito para enquadrar Roma, que deriva seu poder e riqueza do mar: granizo (sétima praga; Êxodo 9:13-35); rio tornado em sangue,

dividido em duas partes – mar e água fresca (primeira praga; Êxodo 7:14-24); escuridão (nona praga; Êxodo 10:21-29).

A série de dois ais (o terceiro é retido até Apocalipse 18) retrata os juízos em âmbito mais histórico, sustentados, em primeiro lugar, pelos temores romanos acerca das hordas de bárbaros (9:1-12; homens de cabelos compridos), mas ilustrados em termos da praga de gafanhotos descrita por Joel (Joel 1:6; 2:1-5). Isso é representado, em segundo lugar, como uma batalha grande e decisiva (Apocalipse 9:13-19). Embora os juízos sejam de natureza temporal e parcial, eles não levam ao arrependimento (9:20,21).

10:1 a 11:19 – As duas visões de interlúdio

Essas duas visões trazem-nos de volta a João e à Igreja. A primeira visão confirma João em sua tarefa profética (note especialmente os ecos de Ezequiel 2:9 a 3:3 em Apocalipse 10:9-11), mas perceba que ela começa com um anjo poderoso que coloca um pé sobre a terra e outro sobre o mar, marcando-os como pertencentes a Deus, e não a Satanás e suas bestas (veja 13:1,11).

A segunda aponta para o papel profético da Igreja: cumprir o aguardado testemunho do fim dos tempos de Elias e Moisés (veja 11:6), embora isso signifique enfrentar martírios (11:7-10). Mas, em vez do terceiro ai (antecipado em 8:13; 9:12; 11:14), a sétima trombeta introduz um retrato antecipatório do fim em si mesmo – mas como algo já vigente: uma canção de triunfo celebra a consumação do Reino de Deus (11:15-19; note que aquele “que era, que é e que há de vir” [4:8] é agora o “que és e que eras” [11:17]; o que “virá” é retratado como tendo chegado).

CONFLITO ENTRE A IGREJA E OS PODERES MALIGNOS (12:1 A 14:20)

Esses três capítulos formam o centro absoluto do livro – não apenas literalmente na concepção geral da narrativa, mas como a perspectiva teológica (capítulo 12) e como as razões históricas

(capítulo 13) para tudo, enquanto o capítulo 14 prepara o caminho para o restante do livro.

12:1-17 – Guerra no céu e seu resultado

Note como as duas visões do capítulo 12 oferecem a chave teológica para o livro. Em sua vinda e ascensão (12:5; toda a história é rememorada ao retratar o princípio e o fim), Cristo derrotou o dragão (representado como guerra no céu nos versículos 7-11), que agora sai para causar estragos ao povo de Cristo.

Desse modo, a "salvação" *já* chegou; Satanás já foi lançado à terra, portanto "celebrem-no, ó céus". Mas o fim *ainda não* chegou, de modo que "ai da terra". Sabendo que seu tempo é limitado, Satanás perseguirá o povo do Messias (apontando para o capítulo 13), e o povo vai vencê-lo por meio da morte de Cristo e de seu próprio testemunho, até mesmo a ponto de morrerem.

13:1-18 – As bestas do mar e da terra

Essa visão estabelece o contexto histórico para o sofrimento deles, profetizando como Satanás vai persegui-los (restrições econômicas e martírio) – o que acontecerá por terem eles negado prestar adoração ao imperador.

A besta do mar é uma adaptação da quarta besta marinha citada por Daniel (Daniel 7:2,7,8,23-25). Roma é retratada em toda a sua aparente força invencível (veja como, em Apocalipse 13:4, o povo parodia o hino do Guerreiro Divino de Êxodo 15:11) ao declarar guerra contra o povo de Deus (Apocalipse 13:7) – o que levará a muitos martírios (13:10, ecoando Jeremias 15:2). Nota: o "ferimento mortal" que foi curado (Apocalipse 13:3,12) alude ao ano de 69 d.C., quando, na morte de Nero, o mundo esperava que Roma entrasse em colapso, visto que passou por três imperadores sucessivos. O fato de isso não ter acontecido foi o que fez com que ela parecesse invencível.

A besta da terra representa o sacerdócio do culto ao imperador, prática que floresceu na província da Ásia. Veja como os que não carregam a marca da primeira besta (666 é um jogo com o nome de Nero) são isolados economicamente.

14:1-20 – Resultado da guerra santa: justificação e juízo

Essa série de visões estabelece o palco para as visões finais, retratando primeiro os mártires redimidos como primícias sobre o monte Sião escatológico (14:1-5), depois a queda de Roma na linguagem dos juízos proféticos do Antigo Testamento – especialmente aqueles contra a Babilônia (cujo tema será conduzido até o final). A coletânea de breves vinhetas (14:6-13) prepara o caminho para o restante do livro, como fazem as visões gêmeas da colheita da terra e das uvas pisadas no lagar (14:14-20), que apontam para a colheita futura do povo de Deus e o juízo de Roma.

AS SETE TAÇAS: O JUÍZO DIVINO CONTRA A "BABILÔNIA" (15:1 A 16:21)

Esse terceiro e último conjunto de juízos (veja os capítulos 6, 8 e 9) especifica os juízos divinos contra Roma.

15:1-8 – O prelúdio

Note como esse prelúdio ao juízo começa com João de volta ao céu (atente aos capítulos 4 a 6), enquanto os mártires cantam o cântico de Moisés e do Cordeiro – uma colagem exuberante de passagens de todo o Antigo Testamento. Observe também como o contexto (15:5-8) retoma o imaginário de 11:19.

16:1-21 – Babilônia é julgada

Veja como esses ais ecoam as trombetas, mas, agora, sem o qualificador "um terço". Como foi com as primeiras quatro trombetas, as primeiras quatro taças são adaptações das pragas do Egito; note

como a terceira (água tornada em sangue) recebe uma resposta imediata em termos da *lex talionis* (olho por olho). Aqui, a série dual continua esse tema. O interlúdio, nesse caso (16:15,16), é visivelmente breve e enigmático (um chamado à prontidão e uma referência ao Armagedom), enquanto a última taça da ira repete o terremoto do sexto selo, ao mesmo tempo que continua o tema da praga (granizo).

RESUMO: O CONTO (ORIGINAL) DAS DUAS CIDADES (17:1 A 22:21)

Usando as imagens poderosas e sugestivas das duas cidades como duas mulheres em contraste – Roma como uma prostituta opulenta; a Igreja como a noiva de Cristo –, João agora coloca o juízo de Roma na perspectiva dos juízos finais de Deus e da salvação divina. Note especialmente como ambos são introduzidos (17:3; 21:9,10) e concluídos (19:9,10; 22:7-9) de modo semelhante, e que um (a queda de Roma) é visto no "deserto" (17:3), já a outra (a nova Jerusalém), sobre um "grande e alto monte" (21:10).

17:1 a 19:10 – Deus julga a prostituta pela opressão econômica

Note como essa imagem inicial de Roma como uma prostituta montada na besta (capítulo 17) ecoa várias imagens de Tiro e da Babilônia apresentadas pelos profetas (Isaías 23:15-18; Jeremias 51:6,7). Perceba também que as interpretações, em Apocalipse 17:9 e 17:18, deixam claro quem a Babilônia realmente é.

João, então, passa a entoar um canto fúnebre sobre ela (18:1-3, sobre ousadia profética!), seguido de um chamado ao povo de Deus, para que eles fujam da "Babilônia" (18:4-8; veja Isaías 48:20; 52:11; Jeremias 51:45 etc.), e do luto daqueles que participaram de seus pecados (os "reis da terra" [governadores provinciais], os negociantes, os marinheiros; Apocalipse 18:9-24). Eis, por fim, o terceiro ai (veja 8:12; 11:14), que toma a forma de três ais

(18:10,16,19). Esse é o único lugar no qual João geralmente abandona o modo apocalíptico em favor de um tom profético, em particular denunciando as políticas econômicas pelas quais Roma enriqueceu enormemente às custas dos pobres. Note como a resposta imediata à desgraça de Roma é o regozijo no céu (18:20; veja 12:12a), enquanto outro anjo anuncia a finalidade de sua desgraça (18:21-23) com ecos de Isaías 25:10, terminando uma vez mais no principal motivo do destino de Roma – o assassinato dos mártires (Apocalipse 18:24).

E, agora, observe que ao "ai" triplo se responde com "Aleluia" três vezes no céu (19:1,3,6). Assim, João retorna à cena celestial (do capítulo 4), na qual se antevê a ceia de bodas do Cordeiro e de sua noiva, a Igreja (19:1-10).

19:11 a 20:15 – A última batalha

O interlúdio entre o "destino" das duas cidades encerra o tema da guerra santa tanto em João quanto na Bíblia como um todo. Essa imagem forma o contexto final (escatológico) com base no qual o juízo de Roma deve ser compreendido. Cristo é, assim, retratado como Guerreiro Divino que enfrenta a besta, o profeta e o próprio Satanás (19:11 a 20:15); note especialmente como essa "trindade terrível" é lançada no lago de fogo (19:20; 20:10).

Perceba como João descreve uma separação entre a morte final das duas bestas e a de Satanás (20:7-10). Isso sugere, com a cena dos versículos 1-6, a qual retrata os mártires em segurança e reinando com Cristo, que Satanás ainda tem mais um tempo após a queda de Roma. O evento final é o juízo dos que o têm seguido (20:11-15).

21:1 a 22:11 – A nova Jerusalém: a noiva do Cordeiro

Estruturalmente, 21:1-8 pertence à "última batalha": note como isso antecipa a cidade de Deus (descrita na visão que começa nos

versículos 9 e 10), mas também conclui (21:8) com uma nota sobre os que foram julgados na “segunda morte”. Observe principalmente como ela se inicia com a linguagem de Isaías 65:17-19, com seus “novos céus e nova terra”.

Desse modo, a visão final de João retrata a cidade de Deus, uma nova Jerusalém descendo até a terra, com a restauração do Éden e a reversão dos efeitos da Queda (Apocalipse 21:2 a 22:6). Veja duas coisas: (1) a cidade ecoa a linguagem e as ideias da visão de Ezequiel acerca do *templo* escatológico, com a glória de Javé retornando ao templo (Ezequiel 40:1 a 43:12), e (2) a cidade em si é esse templo, precisamente porque ela é o lugar da própria habitação divina (Apocalipse 21:3,4,11,22,23; 22:3-5). E repare, finalmente, no quanto de 22:1-5 ecoa o Éden restaurado, também usando o imaginário de Ezequiel 47:1-12.

22:12-21 – Epílogo

Você pode reconhecer esse trecho como um epílogo verdadeiro no sentido de que ecoa muitos temas do prólogo. Assim, com uma conclusão apropriada à sua visão, que tomou a forma de carta, João exorta e convida seus leitores – e nós – a participar do grande futuro de Deus por meio da vinda de Cristo.

> É difícil imaginar a história bíblica terminando de maneira mais significativa. Aqui está o

resumo final da história não somente na visão do Paraíso restaurado, em 22:1-5, mas também como clímax da história de Deus salvando seu povo do juízo lançado sobre os que o rejeitaram. João reúne todos os tópicos principais do Antigo Testamento e coloca-os no contexto do Novo, de tal modo que Cristo e a salvação que ele proveu ao povo de Deus constituem o ponto central da narrativa.



GLOSSÁRIO

Os termos a seguir são usados regularmente neste livro. Como alguns deles refletem linguagem técnica (permitindo-nos a economia do uso de uma palavra no lugar de muitas), tentamos isolar a maior parte desse vocabulário (mais alguma outra linguagem técnica referente a deidades pagãs) e explicá-la aqui.

Acróstico: poesia na qual cada nova seção ou novo versículo começa com a próxima letra do alfabeto.

Agonista(s): na literatura, a principal personagem (ou personagens) na trama, sempre envolvida em uma disputa ou luta.

Aliança: arranjo formal, legal e contratual no qual ambas as partes têm obrigações e responsabilidades mútuas. Nas grandes alianças bíblicas, a obrigação de Deus é abençoar (e tratar com misericórdia) os que mantêm a aliança com ele; a obrigação de seu povo é a obediência, especialmente a que é expressa no amor a Deus e ao próximo.

Anátema: algo ou alguém sob maldição divina – ou a maldição propriamente. Desse modo, *anátema* pode referir-se a algo que deve ser evitado por ser especialmente maligno ou repugnante.

Aserá: deusa cananeia, mãe da fertilidade, frequentemente adorada pelos israelitas quando caíam no pecado da idolatria. Era considerada a parceira sexual de Baal e adorada por seu suposto poder de tornar férteis animais e grãos. A maioria das referências a ela no Antigo Testamento é sobre seu ídolo, um grande poste, presumivelmente representando sua imagem. Aserá e Astarote (veja a seguir) eram tão semelhantes no sistema de crenças do politeísmo cananeu, que, às vezes, são mencionadas de modo intercambiável (Juízes 2:13, “culto a Baal e a Astarote”; Juízes 3:7, “prestaram culto aos baalins e a Aserá”).

Astarote: deusa cananeia, mãe da fertilidade, semelhante a Aserá (acima), sendo elas, às vezes, consideradas a mesma. Como seu nome em grego era *Astarte*, geralmente se assume que a forma hebraica do nome possa ser o resultado do uso de vogais (“o” e “e”), pelos escribas, da palavra hebraica para “vergonha”, a fim de dar ao nome dela um som distorcido no texto bíblico. Em algumas localidades, foram feitas distinções entre Astarote e Aserá; em outras, aparentemente isso não aconteceu, uma vez que era hábito do sincretismo politeísta diluir ou transferir as distinções entre deuses, de modo que cada local era livre para agir como bem entendesse a respeito de adoração e teologia.

Baal: o principal deus cananeu da fertilidade – ou o ídolo que o representava. Baal era às vezes chamado de “o cavaleiro das nuvens” pelos cananeus porque achavam que ele controlava o clima, especialmente a chuva, que era a chave para a produtividade agrícola.

Cânon (canônico): a coleção oficial de livros que compõem a Bíblia (ou um de seus Testamentos). Um texto canônico é aquele que faz parte da Bíblia. Obras consideradas não canônicas eram aquelas avaliadas como não apropriadas às Escrituras. “Canônico” às vezes é usado para referir-se à *ordem* dos livros dentro do cânon.

Ciclo: padrão de história ou tema que é repetido para ênfase ou efeito.

Concêntrico: veja *quiasma/quiástico.*

Desassociação: remover alguém da associação, da frequência e do contato social com outros cristãos em uma igreja, a fim de corrigir um pecado sério e restaurar o pecador. Tal ação severa era tomada porque o pecado ameaçava a própria vida da igreja e o testemunho na comunidade.

Deus da fertilidade: qualquer um dos muitos deuses e deusas cananeus, todos vistos como tendo poder para ajudar a plantação e

o gado a serem mais férteis, em troca de oferendas de alimentos. (A antiga crença pagã dizia que a única coisa que os deuses não podiam fazer era alimentar-se!) Veja também *Baal* e *Aserá/Astarote*.

Deuteronômico: notavelmente consistente com – e/ou efetivamente baseado em – a teologia ou o vocabulário do livro de Deuteronômio.

Diáspora: termo grego usado para se referir à condição dos judeus cristãos que viviam fora da Palestina nos tempos antigos – especialmente na época do Novo Testamento, embora seus princípios remontem ao exílio babilônico (quando a maioria dos exilados não retornou a Judá) e ao exílio autoimposto no Egito, registrado em Jeremias 41:16 a 45:5, também chamado de *dispersão*. Em Atos 15:21, Tiago se refere à importância da diáspora para a propagação do evangelho quando diz “desde os tempos antigos, Moisés é pregado em todas as cidades [...]”.

Discurso: fala ou comunicação escrita relativamente extensa e formal sobre um assunto ou um grupo de assuntos relacionados.

Doxologia: declaração de louvor a (ou sobre) Deus, normalmente em um livro bíblico (ou ao fim dele) ou em uma parte expressiva desse livro.

Encarnação (encarnar): Deus tornando-se humano na pessoa de Jesus de Nazaré.

Escatológico: do (ou sobre o) fim dos tempos ou dos últimos dias, derivado da palavra grega *eschaton*, que significa “fim”.

Exílico: referente ao período do exílio babilônico, que começou em 586 a.C. e terminou oficialmente com o decreto de Ciro, em 539 a.C.

Farisaísmo (farisaico): atitude segundo a qual a justiça diante de Deus estaria relacionada à obediência de cada lei ou letra do Antigo Testamento, incluindo as extensões (quase sempre legalistas) e extrapolações dos fariseus a essas leis; somente aqueles que mostrassem tal obediência poderiam ser aceitos como bons judeus.

Gregos: em alguns pontos no Novo Testamento, esse termo é usado para referir-se a judeus não hebreus (ou falantes do aramaico). Às vezes, em Paulo, também se torna uma palavra "substituta" para gentios.

Guerra santa: a batalha divina especial contra o mal e contra os que o manifestam (quase sempre na forma de idolatria) – uma batalha que Deus trava em favor dos justos, mas permitindo que seu povo participe dela. Por causa da onipotência divina, não há dúvida sobre quem, por fim, vencerá a guerra, mas, em razão da grande paciência de Deus, que espera que os maus se voltem para ele, a guerra ainda não foi concluída.

Guerreiro Divino: descrição de Deus em seu papel de líder da guerra santa (consulte a definição de *guerra santa*), um grande lutador em favor de seu povo (veja, por exemplo, Êxodo 15:3; Isaías 42:13; Jeremias 20:11).

Helenistas (helênico): pessoas que falavam grego ou seguiam as práticas gregas em algum nível, embora pudessem ser judias.

Hermenêutica: princípios de interpretação frequentemente usados com referência à aplicação de passagens bíblicas em um contexto posterior e sob novas circunstâncias.

Histórias de conflito: histórias, nos Evangelhos, nas quais alguém apresenta um desafio a (ou uma crítica sobre) Jesus, e ele usa a oportunidade para fornecer uma instrução.

Horizontal: na Lei do Antigo Testamento, descreve os relacionamentos e as obrigações dos seres humanos uns para com os outros; veja *vertical*.

Idolatria (idólatra): sistema inerentemente politeísta, sincrético e (em geral) panteísta, presente em praticamente todas as religiões não bíblicas antigas. A prática idólatra baseava-se na crença de que os deuses poderiam ser influenciados por oferendas feitas na presença de seus ídolos, uma vez que estes "manifestavam" os

deuses, incluindo sua natureza e seu poder; o ídolo era às vezes entendido, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, como a habitação de demônios ou de poderes demoníacos.

Messianismo: posição e/ou ato de cumprimento das expectativas do Antigo Testamento a respeito do servo-líder especial de Israel, ungido por Deus.

Metanarrativa: a grande história geral e abrangente da Bíblia como um todo; a grandiosa narrativa da redenção de um povo por Deus e para Deus, contada progressivamente por toda a Palavra de Deus.

Monarquia: período em que Israel e/ou Judá tiveram um rei, isto é, aproximadamente 1050-586 a.C.

Motivo:[56] ideia ou tema importante que constitui uma das preocupações de um livro ou de uma passagem.

Oráculo: uma revelação particular vinda de Deus; com frequência usada sinonimamente como “profecia” ou “revelação”, quando essas se referem a uma mensagem *específica* de Deus a um profeta.

Painel: subseção distinta de uma narrativa, contendo um grupo de histórias que compartilham um tema ou tópico.

Paixão: quando relacionada a Jesus, refere-se especificamente a seu sofrimento e morte.

Pentateuco: os cinco primeiros livros do Antigo Testamento; também conhecido como “Os (cinco) livros de Moisés”.

Politeísmo (politeísta): a crença de que há muitos deuses e deusas, cada qual com suas especialidades e potencialmente dignos de adoração por aquilo que poderiam fazer melhor que outros. Todo o mundo antigo era politeísta, com exceção dos que guardavam a aliança de Israel com Deus.

Pós-exílico: o tempo após 539 a.C., isto é, depois do exílio babilônico, que começou em 586 a.C. e foi oficialmente extinto com o

decreto de Ciro, em 539.

Pré-exílico: antes do exílio babilônico, isto é, antes de 586 a.C.

Presença: a especial manifestação capacitadora de Deus entre humanos por meio da qual ele dá uma noção discernível de sua grandeza, de sua santidade, de seu apoio, de sua acessibilidade etc. Nos tempos do Antigo Testamento, primeiro o tabernáculo, depois o templo de Jerusalém eram especialmente e com frequência os lugares da presença divina; nos tempos do Novo Testamento, corresponde principalmente ao Espírito na igreja, mas também no indivíduo.

Prosélito: gentio convertido ao judaísmo e, portanto, praticante da lei judaica, incluindo especialmente a circuncisão; era aceito na comunidade judaica.

Protagonista: a personagem principal, o agente mais importante ou o herói em uma história ou evento.

Quiasma (quiástico): recurso literário que segue um padrão ABBA (por exemplo: “a comida para o estômago; o estômago para a comida”) de qualquer tamanho (por exemplo: ABCDCBA), que servia a fins de memorização em uma cultura oral (na qual a maioria das pessoas não sabia ler, mas tinha memória aguçada para o que lhes era lido). Isso pode acontecer em sentenças, parágrafos ou seções extensas de livros. Nós, às vezes, usamos a linguagem do “enquadramento”, da “intercalação” ou do “padrão concêntrico” como referência a esse fenômeno quando lidamos com seções maiores do texto.

Refrão: terminologia, tópico ou ideia que um autor usa repetidamente para fins de clareza ou efeito.

Restauração: o restabelecimento de Israel como povo sob liderança divina após o exílio babilônico.

Revelação: o “desvelar” divino pelo próprio Deus, a fim de que seja visto/entendido pelas pessoas; às vezes usado para referir-se à

transmissão da verdade de Deus ao povo.

Sabedoria especulativa: processo de tentar pensar no real significado da vida e das escolhas a ela relacionadas. Formular e responder perguntas e afirmações – quer no formato de diálogo, quer no de monólogo – é algo comum na literatura de Sabedoria especulativa.

Sanções: parte da aliança que providenciou incentivos para que ela fosse mantida, na forma de bênçãos (benefícios divinos) e de maldições (desgraças de vários tipos como punições pela desobediência).

Santuário: lugar no qual Deus especialmente manifesta sua presença e no qual é devidamente adorado por seu povo.

Septuaginta: tradução do Antigo Testamento em grego antigo, produzida nos séculos 3 e 2 a.C. em Alexandria, Egito. Era a Bíblia da maioria dos cristãos do Novo Testamento e teve enorme influência, inclusive na organização dos livros nas versões bíblicas em português e no Novo Testamento, às vezes na própria redação.

Sincretismo (sincrético): compartilhamento e mistura de crenças religiosas. Quando os israelitas continuaram a adorar Javé como seu Deus nacional, mas também adoraram Baal como um deus da fertilidade, ou quando adoraram Javé por meio de ídolos de bezerros de ouro, estavam praticando sincretismo.

Teofania (teofânico): a aparição de Deus de alguma forma. Embora saibamos que “ninguém jamais viu a Deus” (1João 4:12), ele “apareceu” no sentido de manifestar especialmente sua presença por meio de anjos (Juízes 13:22), do Cristo encarnado (João 1:18), de tempestades (Ezequiel 1) etc.

Teológico (teologia): descreve Deus, sua verdade e seu relacionamento com seu mundo; também descreve o modo particular com que determinado autor da Bíblia comunica sua parte no todo da verdade divina.

Tradição: crenças e/ou práticas compartilhadas, passadas de geração a geração.

Vertical: na Lei do Antigo Testamento, descreve os relacionamentos e as obrigações do povo para com Deus; veja *horizontal*.

Visão: na literatura profética, um tipo especial de revelação no qual o que é visto ajuda a orientar o profeta quanto ao que será dito. O que é descrito como “visto”, em uma visão, é quase sempre simples e normalmente não expressa a mensagem em si, para além das palavras da explicação que se segue.



APÊNDICE
UMA LISTAGEM CRONOLÓGICA DOS LIVROS BÍBLICOS

Este apêndice serve aos que eventualmente desejem ler os livros bíblicos em ordem cronológica. Parte dessa ordem é conjectura, é claro, especialmente no caso das obras do Antigo Testamento, uma vez que alguns livros (por exemplo, Joel) não são fáceis de datar. Nossa lista está relacionada principalmente ao *conteúdo*, não à *data de composição* – embora mesmo nesse caso algumas exceções sejam feitas: colocamos 1 e 2Crônicas antes de Malaquias e Esdras-Neemias, e o evangelho de João com 1, 2 e 3João e Apocalipse. Além disso, tenha em mente que alguns livros se sobrepõem uns aos outros de maneiras que uma simples listagem cronológica não consegue representar plenamente (por exemplo, Daniel e Ezequiel). Os livros do Antigo Testamento que cobrem várias épocas ou contêm poucas pistas cronológicas específicas foram agrupados separadamente ao fim da lista do Antigo Testamento.

Gênesis
Êxodo
Levítico
Números
Deuteronômio
Josué
Juízes
Rute

1 e 2Samuel
1 e 2Reis

Jonas

Amós
Oseias
Isaías
Miqueias
Sofonias
Naum
Habacuque
Joel
Jeremias
Ezequiel
Obadias
Lamentações
Daniel
Ageu
Zacarias
Ester
1 e 2Crônicas
Malaquias

Esdras-Neemias

Jó
Provérbios
Eclesiastes
Cântico dos Cânticos
Salmos

Marcos
Mateus
Lucas
Atos

1Tessalonicenses
2Tessalonicenses
Tiago

1Coríntios
2Coríntios
Gálatas
Romanos
Colossenses
Filemom
Efésios
Filipenses
1Timóteo
Tito
2Timóteo
1Pedro

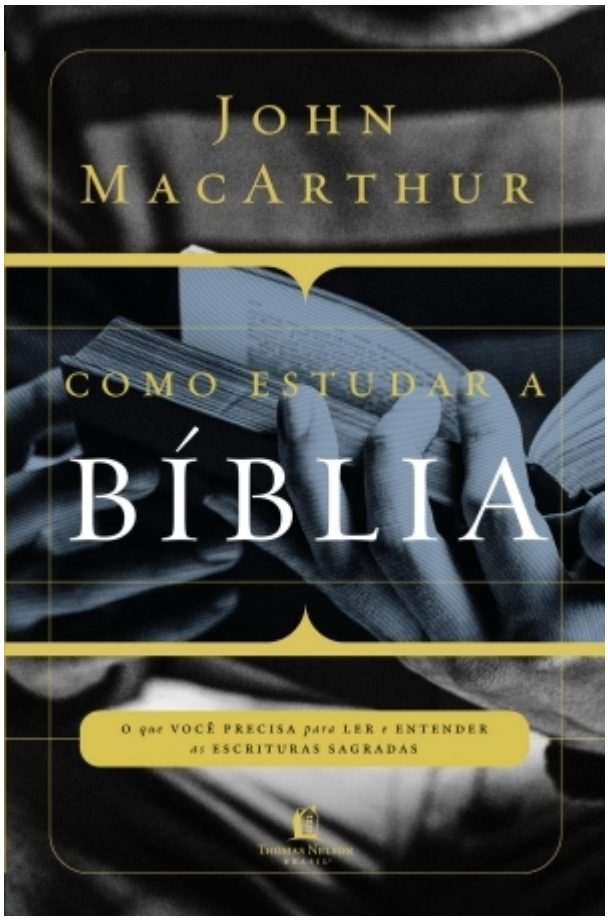
2Pedro
Judas
Hebreus
1João
2João

[Evangelho de] João
3João

Apocalipse

[1] STUART, Douglas; FEE, Gordon D. *Entendes o que lês?* 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.
[2] A Nova Versão Internacional (NVI) da Bíblia opta pela tradução “descendência”. Aqui, no entanto, foi considerada a versão Almeida Revista e Corrigida (ARC), que considera a tradução “semente”. [N. do T.]
[3] Ou “setenta autoridades”, conforme a NVI. [N. do T.]
[4] Manto sacerdotal (NVI). [N. do T.]
[5] Versão bíblica Almeida Revista e Corrigida (ARC). [N. do T.]
[6] Ou “agradável”; sobre Noemi. [N. do T.]
[7] Etíopes (NVI). [N. do T.]
[8] Em algumas versões da Bíblia. [N. do T.]
[9] Ou, ainda, cânticos das subidas. [N. do T.]
[10] Os salmos 9 e 10 podem ter sido, originalmente, um único poema, estruturado, no hebraico, em ordem alfabética. [N. do T.]
[11] Quando as palavras ou frases são dispostas de forma cruzada. [N. do T.]
[12] Ou “inexperientes”, conforme NVI. [N. do T.]
[13] Versão bíblica Almeida Revista e Atualizada. [N. do T.]
[14] “Trinta ditados” ou “excelentes ditados”; confira nota explicativa na NVI. [N. do T.]
[15] Aquele que preside. [N. do T.]
[16] Ou “mulheres de Jerusalém”, como se verifica na NVI. [N. do T.]
[17] A respeito de todos esses dados, leve-se em conta o texto bíblico em hebraico. [N. do T.]
[18] Significa, conforme nota explicativa na NVI, algo como “rapidamente até os despojos, agilmente até a pilhagem”. [N. do T.]
[19] Etiópia (NVI). [N. do T.]
[20] Ou “livro”. [N. do T.]
[21] Sofrimento, sentimento. [N. do T.]
[22] Em português, lei de talião. [N. do T.]
[23] Desiste de destruir Nínive. [N. do T.]
[24] Etiópia (NVI). [N. do T.]
[25] Em alusão à crucificação de Cristo. [N. do T.]
[26] “O Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas [às crianças]” (Mateus 19:14). [N. do T.]
[27] Grupo de pessoas ou instituição que exerce influência significativa na sociedade. [N. do T.]
[28] Considere-se a NVI. [N. do T.]
[29] Idem.
[30] “Vistam todos o avental da humildade” (nota explicativa na NVI). [N. do T.]
[31] Alguns manuscritos antigos não trazem os versículos 9-20 (nota explicativa na NVI). [N. do T.]
[32] Ou do filho perdido (NVI). [N. do T.]
[33] Consulte Mateus 4:16. [N. do T.]
[34] Em algumas versões da Bíblia, as letras vermelhas servem de destaque aos dizeres do próprio Jesus. [N. do T.]
[35] A respeito da salvação. [N. do T.]
[36] Ou “o mesmo sentimento uns para com os outros” (versão bíblica ARC). [N. do T.]
[37] Na NVI: “Com respeito aos alimentos sacrificados [...].” [N. do T.]

[38] Diz-se de indivíduo de origem humilde que enriquece subitamente; novo-rico. [N. do T.]
[39] No que concerne a alimentos, trata-se de estar em conformidade com as leis judaicas. [N. do T.]
[40] Considerando-se, para tal, a NVI da Bíblia. [N. do T.]
[41] Algumas versões bíblicas optam pelo termo “semente” no lugar de descendência. [N. do T.]
[42] Descendentes, descendência. [N. do T.]
[43] Os dominadores deste mundo de trevas; as forças espirituais do mal nas regiões celestiais (NVI). [N. do T.]
[44] Bênção. [N. do T.]
[45] Na NVI, “esterco”. [N. do T.]
[46] Nova Versão Transformadora. Na NVI, “apostasia”. [N. do T.]
[47] Que significa “útil”. [N. do T.]
[48] Expressão encontrada em algumas versões bíblicas (ARC, por exemplo). Entenda-se, aqui, que Levi ainda não havia sido gerado. [N. do T.]
[49] Em grego, a palavra “tentação” (*eirasmon*) pode ter sentido positivo (a provação, ou tribulação, que gera perseverança) ou negativo (a tentação pelo mal ou pela própria cobiça, que pode levar ao pecado). [N. do T.]
[50] Considere-se a NVI para as palavras citadas. [N. do T.]
[51] No sentido de “foram embora”. [N. do T.]
[52] Leve-se em conta a NVI para os termos apresentados, subtendendo-se as flexões verbais. [N. do T.]
[53] As flexões desse verbo. [N. do T.]
[54] Andando “na verdade” (NVI). [N. do T.]
[55] Toda essa estrutura em referência a selos, trombetas e/ou taças. [N. do T.]
[56] Por vezes também traduzido como “tema” ou “temática”. [N. do T.]


JOHN
MACARTHUR
COMO ESTUDAR A
BÍBLIA
O que VOCÊ PRECISA para LER e ENTENDER as ESCRITURAS SAGRADAS

Como estudar a Bíblia

MacArthur, John
9788578609337
144 páginas

Compre agora e leia

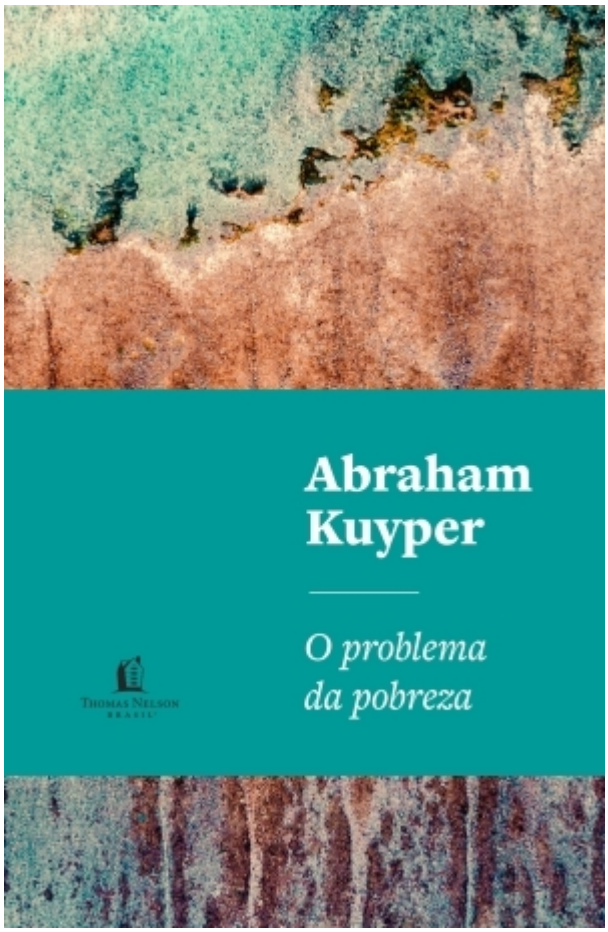
Passos simples para um estudo consistente das Escrituras

apesar de a bíblia ser o livro mais vendido da humanidade, não se pode dizer que seja o mais bem-compreendido. Muitos a consideram complexa demais e desistem do desafio de tentar entendê-la. Mas, uma vez que ela é a Palavra de Deus, é preciso fazer todo o esforço possível para estudá-la e compreendê-la profundamente.

Para tornar essa tarefa mais simples, John MacArthur, um dos teólogos mais respeitados da modernidade, apresenta os princípios para um estudo sério e agradável das Escrituras, numa linguagem acessível a todo cristão interessado em

aprofundar seus conhecimentos teológicos. *Como estudar a Bíblia* foi elaborado não apenas para analisar a Palavra de Deus, mas também para ensinar como aplicar seus ensinamentos na vida cotidiana.

Compre agora e leia


Abraham
Kuyper
O problema
da pobreza
Thomas Nelson
Brasil

O problema da pobreza

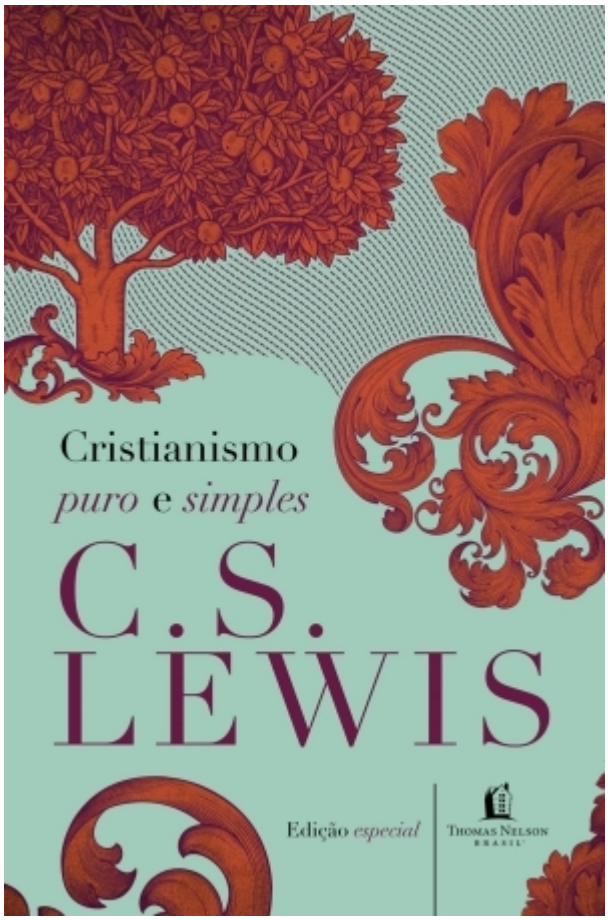
Kuyper, Abraham
9788571671249
160 páginas

Compre agora e leia

"Fé ativa em um mundo desigual. Holanda, novembro de 1891. Desde a abertura, o Primeiro Congresso Social Cristão prometia ser um marco num contexto de discussões acirradas por vários fatores, como a publicação, alguns meses antes, da encíclica Rerum Novarum pelo papa Leão XIII; a disseminação das teorias de Karl Marx; o crescimento de movimentos nacionalistas; a eclosão de descobertas científicas; e a consolidação de um movimento progressista dentro do protestantismo que confrontava as linhas mais conservadoras. E coube ao teólogo, jornalista e político Abraham Kuyper o discurso de abertura, que, depois de transcrito, tornou-se uma obra de referência,

publicada agora pela Thomas Nelson Brasil. O texto mostra a preocupação de Kuyper com as ideologias que estavam surgindo e seu potencial para ofuscar a incumbência dada por Cristo a sua Igreja: cuidar das pessoas que sofrem. Para ele, o cristianismo é muito mais bem equipado para essa missão do que qualquer outro tipo de instituição ou ativismo, e por isso não pode perder seu protagonismo, legitimado pela autoridade divina. Mais de um século depois da prédica histórica que a originou, esta obra permanece atual, exortando os cristãos a uma proclamação mais engajada do Evangelho em um mundo onde o abismo social se torna cada vez mais profundo."

Compre agora e leia


Cristianismo
puro e simples
C.S.
LEWIS
Edição especial
Thomas Nelson
Brasil

Cristianismo puro e simples

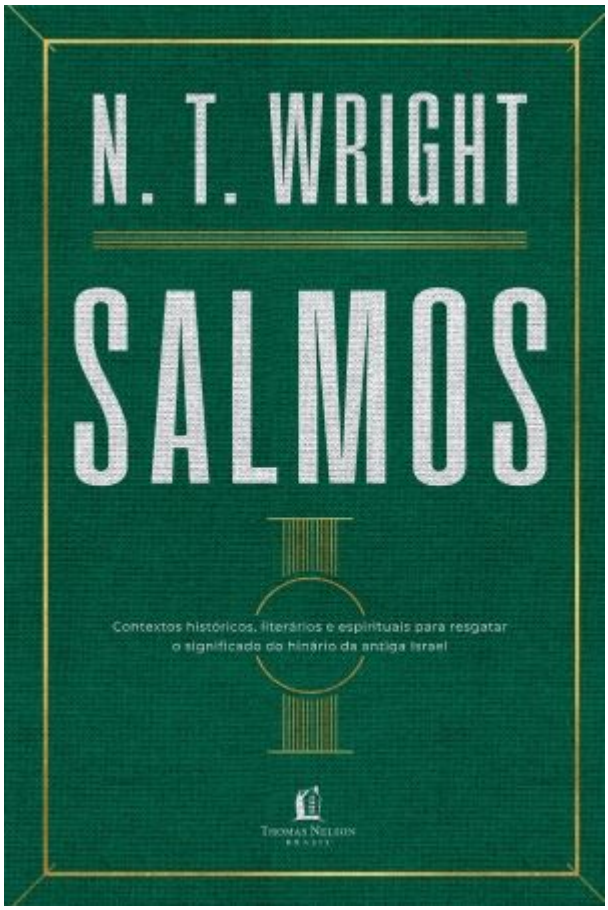
Lewis, C. S.
9788578601577
272 páginas

Compre agora e leia

Em um dos períodos mais sombrios da humanidade, a Segunda Guerra Mundial, C.S. Lewis foi convidado pela BBC a fazer uma série de palestras pelo rádio com o intuito de explicar a fé cristã de forma simples e clara. Mais tarde, ajustado pelo próprio Lewis, esse material daria origem a *Cristianismo puro e simples*, um grande clássico da literatura.
Na obra mais popular e acessível de seu legado, Lewis apresenta os principais elementos da cosmovisão cristã, gradativamente conduzindo o leitor a temas mais profundos e complexos, provocando reflexão e debate. Nesta edição especial e com tradução de uma das maiores especialistas em Lewis do Brasil, você vai encontrar as palavras

que encorajaram e fortaleceram milhares de ouvintes em tempos de guerra — e ainda reverberam mais de 70 anos depois.

Compre agora e leia


N. T. WRIGHT
SALMOS
Contextos históricos, literários e espirituais para resgatar
o significado do hinário da antiga Israel
Thomas Nelson

Salmos

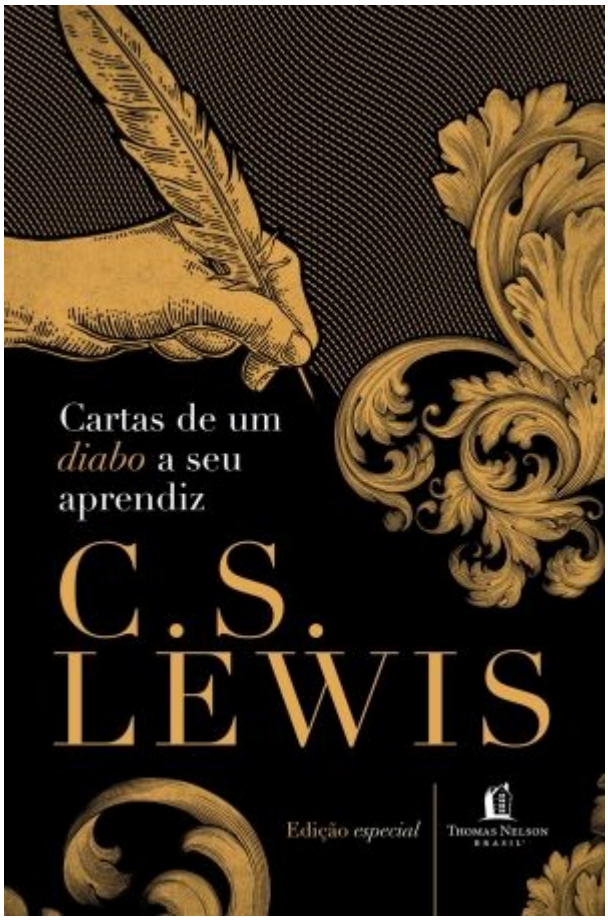
Wright, N.T.
9788571671256
192 páginas

Compre agora e leia

CANTE, ORE, VIVA. ENCONTRE DEUS NOS SALMOS. De todos os livros da Bíblia, certamente Salmos é um dos mais queridos e lembrados. Isso não significa, porém, que seja apreciado como deveria. Embora alguns de seus poemas sejam amados e declamados por muitos, vários outros permanecem esquecidos, tanto pelos cristãos quanto pela Igreja em si. Neste livro, N.T. Wright faz um alerta quanto a isso: Salmos já foi o coração da adoração cristã e continua sendo fundamental para um bom relacionamento com Deus. Mais do que orar e cantar, é preciso viver os salmos em sua plenitude e entender o que eles nos contam sobre os planos de Deus para a terra e seu povo. Salmos fornece, ao

mesmo tempo, um estímulo e uma maneira para introduzirmos a leitura diária do saltério em nossas rotinas, explicando a importância histórica e espiritual desses poemas. Só assim podemos compreender e adorar o poder do hinário original da Igreja, que alentou e emocionou milhares de cristãos e judeus ao longo dos séculos — além de, claro, o próprio Jesus e seus seguidores.

Compre agora e leia


Cartas de um
diabo a seu
aprendiz
C. S.
LEWIS
Edição especial
Thomas Nelson
Brasil

Cartas de um diabo a seu aprendiz

Lewis, C. S.
9788578607265
224 páginas

Compre agora e leia

Irônica, astuta, irreverente. Assim pode ser descrita esta obra-prima de C.S. Lewis, dedicada a seu amigo J.R.R. Tolkien. Um clássico da literatura cristã, este retrato satírico da vida humana, feito pelo ponto de vista do diabo, tem divertido milhões de leitores desde sua primeira publicação, na década de 1940; agora com novo projeto gráfico e tradução atual. *Cartas de um diabo a seu aprendiz* é a correspondência ao mesmo tempo cômica, séria e original entre um diabo e seu sobrinho aprendiz. Revelando uma personalidade mais espirituosa, Lewis apresenta nesta obra a mais envolvente

narrativa já escrita sobre tentações — e a superação delas.

Compre agora e leia